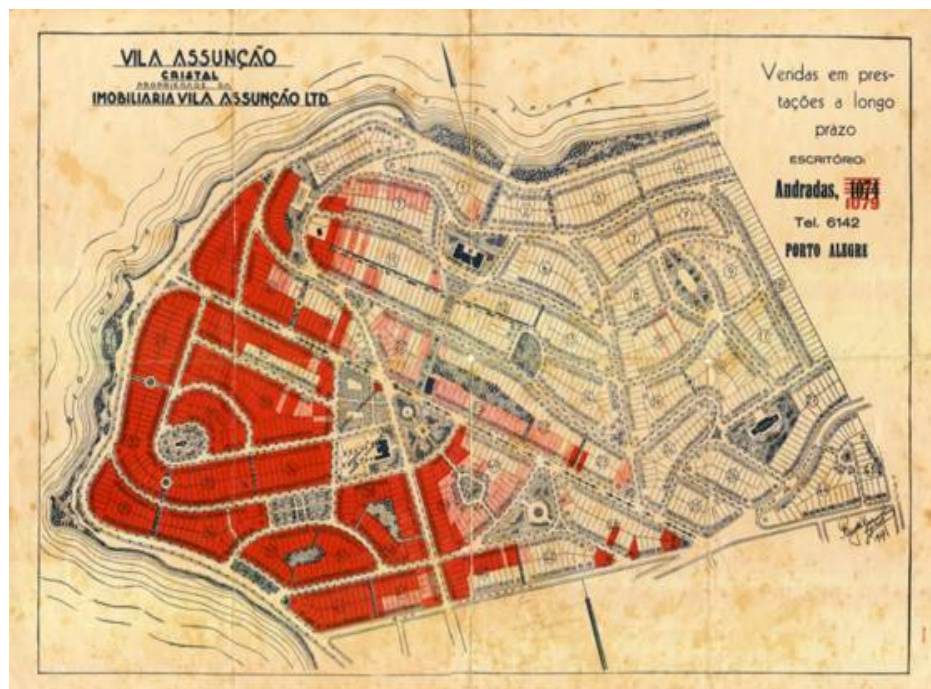


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E
REGIONAL – PROPUR

ROSELI PANTALEÃO GESSINGER

**O TEXTO E O CONTEXTO:
DO PROJETO À CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DA VILA ASSUNÇÃO**



PORTO ALEGRE

2017

Roseli Pantaleão Gessinger

O TEXTO E O CONTEXTO:

Do projeto à construção da paisagem da Vila Assunção

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Professora Doutora Daniela Marzola Fialho

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Gessinger, Roseli Pantaleão

O Texto e o Contexto: do projeto à construção da paisagem da Vila Assunção / Roseli Pantaleão
Gessinger. -- 2017.

466 f.

Orientadora: Daniela Marzola Fialho.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Paisagem. 2. Cidade-Jardim. 3. Bairro-Jardim.
4. História Urbana. 5. Vila Assunção, Porto Alegre (RS). I. Fialho, Daniela Marzola, orient. II. Título.

O TEXTO E O CONTEXTO:

Do projeto à construção da paisagem da Vila Assunção

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Antônio Bolcato Custódio
Examinador Externo da UniRitter

Dr. André Huyer
Examinador Externo do Ministério público/RS

Prof.^a Dr.^a Inês Martina Lersch
PROPUR/UFRGS

Prof. Dr. João Farias Rovati
PROPUR/UFRGS

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Daniela Marzola Fialho
PROPUR/UFRGS

“O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota seu mundo. É por isso que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. ”

Raquel Rolnik, 1995.

Dedico este trabalho aos meus pais, Guido e Sonia

AGRADECIMENTOS

Em especial à minha orientadora, Daniela Marzola Fialho, pelo voto de confiança e por acreditar na proposta de pesquisa desde a entrevista para seleção no PROPUR; pelo permanente incentivo e disponibilidade em compartilhar do seu tempo e do seu conhecimento durante o período dessa dissertação;

Ao professor João Farias Rovati, que no seminário de dissertação, na banca de qualificação e nas aulas ministradas no PROPUR, sempre apontou o caminho e ofereceu estímulo à minha pesquisa e por aceitar ao convite para examinador da Banca;

À professora Inês Martina Lersch, que me acolheu nas aulas da disciplina de Evolução Urbana para a realização do estágio de docência e participou da banca de qualificação, sempre com delicadeza e firmeza nas suas recomendações;

Ao professor, coordenador e amigo Luiz Antônio Bolcato Custódio, pelas oportunidades e pela confiança que sempre depositou no meu trabalho e por aceitar ao convite para examinador externo da Banca;

Ao colega André Huyer, pela generosidade em compartilhar o arquivo de informações da Vila Assunção e de aceitar ao convite para examinador externo da Banca;

Ao professor Gilberto Flores Cabral, que oportunizou, através das aulas ministradas na disciplina de Evolução Urbana durante o estágio de docência, o privilégio de testemunhar seu conhecimento;

À professora Heleniza Ávila Campos, pela atenção especial na condução deste projeto de pesquisa para aprovação junto à Comissão de Ética e Pesquisa;

Aos professores do PROPUR, pela integridade, qualidade e dedicação ao ensino;

Aos colegas do PROPUR, pela oportunidade da convivência acadêmica e pelas experiências compartilhadas;

À CAPES e ao PROPUR, pela concessão da Bolsa durante o período de realização deste mestrado;

Às funcionárias da Secretaria do PROPUR, pela atenção e informação permanente ao longo do curso; à Gérisson Mello, assistente administrativo da SMURB/PMPA e à Mara Regina Nunes, representante do Museu de Porto Alegre, pela atenção e auxílio na consulta dos arquivos;

Aos entrevistados para a pesquisa, que oportunizaram através do relato de momentos pessoais torná-los especiais para a pesquisa;

À Jussara Leiria Ligocki, pela boa vontade e interesse em ceder seu tempo, seu arquivo privado e suas memórias, tornando possível a elaboração da trajetória de vida e profissional de seu pai, o Engº Ruy de Viveiros Leiria;

À Ana Lúcia Meira, pelo estímulo dado para que eu participasse da seleção para o mestrado;
Ao arquiteto Nestor Nadruz, pela disponibilidade de repartir sua sabedoria, através da bibliografia apontada e do relato das experiências da sua trajetória de vida;
Aos amigos queridos, Vladimir Stello e Matilde Villegas, pelos livros, carinho e amizade;
À estimada Elisabeth Mentz, pela atenção e generosidade em dividir suas memórias e as vivências da família na zona sul;
À minha família: Guido e Sonia, Rose e Castro, Patrícia e Rafael, a Malú e ao meu filho querido, João Vitor, pelo apoio incondicional e pela compreensão das ausências necessárias para a conclusão da pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação aprofunda a pesquisa histórica sobre o bairro-jardim Vila Assunção, enquanto resultado de um projeto urbanístico e as transformações da paisagem urbana decorrentes do uso e da apropriação dos espaços projetados no bairro. Neste sentido, o **objeto de estudo** é o bairro-jardim Vila Assunção, localizado na zona sul de Porto Alegre, projetado em 1937, pelo Engº Ruy de Viveiros Leiria. Tomando como ponto de partida o projeto original, tem como **objetivo** compreender, através do projeto implantado no passado e da memória afetiva de seus moradores, as dinâmicas de apropriação e de ocupação do espaço, como processo histórico e determinante na formação da paisagem. Desta maneira, entende-se como **problema** central desta pesquisa compreender os motivos que levaram a escolha do modelo cidade-jardim, para a elaboração do projeto urbano da Vila Assunção e como se deu a sua ocupação.

Palavras-chave: paisagem; cidade-jardim; bairro-jardim; história urbana; Vila Assunção; Porto Alegre (RS).

ABSTRACT

This dissertation deepens the historical research about the neighborhood-garden Vila Assunção, as a result of urban design and the urban landscape changes arising from the use and appropriation of spaces designed in the neighborhood. In this sense, the object of study is the neighborhood-garden Vila Assunção, located on the South zone of Porto Alegre, designed in 1937 by Eng. Ruy de Viveiros Leiria. Taking as a starting point the original project, aims to understand, through the project deployed in the past and the affective memory of its residents, the dynamics of appropriation and occupation of the space, as historic and decisive process in the formation of the landscape. In this way, one understands as the central problem of this research to understand how and why the choice of a Garden City model, for the elaboration and of the urban design of the Vila Assunção and how its implementation occurred.

Keywords: landscape, Garden City, neighborhood-garden, urban history, Vila Assunção; Porto Alegre (RS).

LISTA DE FIGURAS

Nº	FIGURA	p.
Capa		
	INTRODUÇÃO	
Fig. 1	Planta original do loteamento Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, p.2, jan.1940.	30
Fig. 2	Campanário da Igreja N. Sra. da Assunção. Foto de Daniela Marzola Fialho, 2017.	41
	REFERENCIAL TEÓRICO	
Fig. 3	La Cité, 1346. Ambrogio Lorenzetti. Siena, Pinacoteca Nacional. De acordo com Le Goff, este quadro é a primeira representação conhecida de paisagem urbana, que se encontra na Pinacoteca de Siena. Fonte: Imagem reproduzida do livro Por Amor às Cidades, de Jacques Le Goff, p.122, 1998	47
Fig. 4	Vista aérea atual do Bairro Vila Assunção. Fonte: www.skyscrapercity.com (Ricardo Amaral)	48
	A CIDADE-JARDIM: Origens e Aplicações	
Fig. 5	Planta e perspectiva para Christianopolis, 1619. Fonte: STERN, 2013, p.204.	56
Fig. 6	Gravura de 1825 com a proposta da aldeia de New Harmony, em Indiana, EUA. Fonte: BENEVOLO, 2015, p.568	57
Fig. 7	Publicação mostrando a perspectiva para o Falanstério, de Charles Fourier. Fonte: STERN, 2013, p.206	58
Fig. 8	Famelistério em Guise, na França. Reprodução da gravura impressa com a vista geral do complexo, 1871. Fonte: HOWARD, 1996, p.23.	59
Fig. 9	Perspectiva da Cidade de Victoria, idealizada por James Silk Buckingham, 1849. Fonte: STERN, 2013, p. 207.	60
Fig. 10	Planta e croqui perspectivado para Happy Colony, Nova Zelândia de autoria de Robert Pemberton. Fonte: STERN, 2013, p.209.	61
Fig. 11	Projeto para Port Sunlight, 1888. Fonte: STERN, 2013, p.221.	64
Fig. 12	Planta de Bournville, 1897. Fonte: STERN, 2013, p.225.	64
Fig. 13	Bedford Park, Planta de 1877. Desenho da área realizado por Maurice Adams. Fonte: STERN, 2013, p.40	65

Fig. 14	Folha de rosto da publicação do livro <i>Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform</i>, de 1989. Fonte: STERN, 2013, p.210.	66
Fig. 15	The Master Key – A Chave-Mestra: desenho de Ebenezer Howard, 1898. Fonte: STERN, 2013, p. 210.	67
Fig. 16	Gravura de Gustave Doré, de 1872, registrando as condições de vida em um dos bairros operários de Londres, instalado sob os viadutos ferroviários. Fonte: BENÉVOLO, 2015, p.560.	69
Fig. 17	Diagrama nº 1 - Os três ímãs, do livro <i>To-morrow: a Peaceful Path to Real Reform</i>, 1898. Fonte: STERN, 2013, p.211.	70
Fig. 18	Diagrama nº2, Plano geral de toda a área municipal da Cidade-jardim e seu entorno rural, do livro <i>To-morrow: a Peaceful Path to Real Reform</i>, 1898. Fonte: STERN, 2013, p.211.	71
Fig. 19	Diagrama nº 7, livro <i>To-morrow: a Peaceful Path to Real Reform</i>, 1898. Fonte: STERN, 2013, p. 210.	72
Fig. 20	Diagrama nº 5, do livro <i>Tomorrow: a Peaceful Path to a Real Reform</i>, 1898. Fonte: HOWARD, 1996, p.190.	73
Fig. 21	Diagrama nº 3, livro <i>To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform</i>, 1898. Fonte: STERN, 2013, p. 210.	74
Fig. 22	Projeto para a “cidade rural” de Hygea, Long Island, 1827. Fonte: STERN, 2013, p.241.	75
Fig. 23	Projeto para o subúrbio-jardim de Riverside, autoria Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux. Chicago, 1869. Fonte: WOLFF, 2015, p.43.	75
Fig. 24	Repercussão da publicação de E. Howard pelo mundo. Traduções do Diagrama nº1- Os Três Ímãs, para o Francês, Russo, Japonês e Holandês. Fonte: STERN, 2013, p.210.	77
Fig. 25	Letchworth: Plano original publicado em 1904. Fonte: WOLFF, 2015, p.35.	79
Fig. 26	Plano de Letchworth: Parker& Unwin. Fonte: HOWARD, 1996, p.46.	79
Fig. 27	Vista aérea da cidade-jardim de Letchworth. Fonte: Google Maps, acesso em 06/2016.	79
Fig. 28	Letchworth: imagem de uma rua residencial. Fonte: WOLFF, 2015, p.36.	79
Fig. 29	Proposta para o subúrbio-jardim de Hampstead, autoria de Barry Parker e Raymond Unwin 1905. Fonte: STERN, 2013, p.353.	80
Fig. 30	Projeto para Welwyn Garden City, autoria de Louis de Soissons, 1920. Fonte: ANDRADE, 1998, p.81.	81
Fig. 31	Projeto para Radburn, autoria de Henry Wright e Clarence Stein, 1929. Fonte: CASTELLO, 2008, p.55.	82

Fig. 32	Plano inicial para o loteamento Jardim América intitulado Garden City, de autoria de Barry Parker e Raymond Unwin, 1915. Fonte: WOLFF, 2015, p.138.	84
Fig. 33	Projeto com a demarcação de algumas casas construídas no do bairro Jardim América com data de 1923, autoria de Barry Parker e Raymond Unwin, e planta de 1941, apresentando as modificações. Fonte: WOLFF, 2015, p.139.	84
Fig. 34	Projeto com a demarcação de algumas casas construídas no do bairro Jardim América com data de 1923, autoria de Barry Parker e Raymond Unwin, e planta de 1941, apresentando as modificações. Fonte: WOLFF, 2015, p.139.	84
Fig. 35	Vista aérea bairro Pacaembu, 1951. Fonte: https://tokdehistoria.com.br/2014/08/23/estadio-do-pacaembu-em-1951 .	85
Fig. 36	Planta com a atual delimitação dos bairros Pacaembu e Perdizes, ambos tombados através da Resolução SC-08, de 14/3/1991, pelo CONDEPHAT, SP. Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/5d7f8_42_TEO_Bairros_Pacaembu_e_Perdizes_mapa.jpg	85
Fig. 37	Projeto do bairro Alto da Lapa e Bela Aliança, de 1921, autoria de Barry Parker. Fonte: STERN, 2015, p. 637.	86
Fig. 38	Projeto do bairro Jardim Europa, de 1924, autoria do engenheiro-arquiteto Hpólito Gustavo Pujol Junior. Fonte: STERN, 2015, p. 638.	86
Fig.39	Projeto do bairro-Jardim Guanabara, RJ, 1925, projeto do Engº Jorge de Macedo Vieira.. Fonte: STERN, 2015, p.640.	87
Fig. 40	Projeto da cidade Águas de São Pedro, SP, 1940, projeto do Engº Jorge de Macedo Vieira. Fonte: STERN, 2015, p.642.	87
Fig. 41	Projeto da Vila Cristo Redentor- Passo d'Areia, 1930. Arq. Ernani Corrêa. Fonte: Arquivo nº 59 Unidade de Registro e Processamento (URPII) PMPA.	88
Fig. 42	Projeto e propaganda da Vila Floresta - Passo d'Areia, 1930. Arq. Ernani Corrêa. Fonte: Arquivo nº 13C. Unidade de Registro e Processamento. (URPII) PMPA.	88
Fig. 43	Projeto com propaganda incluindo croquis perspectivos da Vila Jardim. 1931/42. Engº Carlos de Baumont. Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, jan. 1940.	89
Fig. 44	Vila do IAPI. 1944. Eng. Edmundo Gardolinski e Eng. Marcos Kruter. Fonte: CUSTÓDIO, 2014a, p. 36.	89
	O AUTOR: ENGº RUY DE VIVEIROS LEIRIA	
Fig. 45	Quadro de formandos na Universidade Técnica do Rio Grande do Sul e no detalhe a identificação do Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: Acervo Escola de Engenharia da UFRGS.	92

Fig. 46	Engº Ruy de Viveiros Leiria (em primeiro plano), realizando trabalhos de levantamento topográfico do terreno e locação do campo de futebol do Esporte Clube Cruzeiro, no bairro Medianeira, em Porto Alegre, data de 1936. O período da construção foi de 1939 a 1941. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.	93
Fig. 47	Anúncio com a identificação do autor do projeto da Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia. Revista de engenharia do Rio Grande do Sul, nº 14, Porto Alegre, set. 1948, apud HUYER, 2010.	94
Fig. 48	Esporte Clube Cruzeiro. Fonte: Imagem retirada do site http://blogsobranoarruda.blogspot.com.br/2014/04/amistoso-esporte-clube-centrada.html - referente ao convite para o jogo de inauguração do <i>Estádium</i> da Montanha, do Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre. Acesso em 16/5/2017.	95
Fig. 49	Moradia da família do Engº Ruy de Viveiros Leiria, situada na Rua Chavantes. Foto de julho de 1972. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki	96
Fig. 50	Jussara Leiria, em frente ao terreno da casa em obras. Foto de 1945. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.	96
Fig. 51	Jussara e o irmão, Guaracy Leiria, em frente à lareira, no interior da casa. Foto de 1948. Fonte: Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.	96
Fig. 52	Edifício localizado à Praça Otávio Rocha, nºs 75 e 77, antiga sede do escritório de engenharia, no pavimento térreo, até o ano de 1987. Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.	97
Fig. 53	Placa de metal esmaltado, retirado da fachada do prédio em que era a sede do escritório, sito à Praça Otávio Rocha, nºs 75 e 77, Centro de Porto Alegre. Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.	97
Fig. 54	Carimbo do profissional Engº Ruy de Viveiros Leiria, localizado na planta do loteamento Jardim Santa Luzia, de 1963, onde consta o endereço do escritório sito à Praça Otávio Rocha nº 75, no centro de Porto Alegre. Fonte: SMURB/PMPA.	97
Fig. 55	Planta do loteamento da primeira parte da Vila Conceição, autoria do Engenheiro Baptista Linhares. Consta assinatura do Engº Ruy de Viveiros Leiria como responsável pela execução do levantamento cadastral da área de propriedade de Alfredo Renner, em abril de 1938. Fonte: SMURB/PMPA.	98
Fig. 56	Projeto de Extensão da Vila Conceição, parte da área conhecida como Sétimo Céu, de 05/12/1939, e detalhe da assinatura do Engenheiro Civil Ruy de Viveiros Leiria na planta. Fonte: SMURB/PMPA.	99
Fig. 57	Loteamento Chácara do Sr. Mario Escobar Azambuja. Projeto do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1948. Fonte: SMOV/PMPA e Google.	100
Fig. 58	Planta para Loteamento do Balneário Serraria. Projeto do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1950. Fonte: SMURB/PMPA.	101

Fig. 59	Planta do Loteamento/Arruamento da Rua Leão XIII, autoria do Engº Leiria e propriedade da Urbanizadora Vitória S.A.	102
Fig.60	Planta do Loteamento Jardim Santa Luzia. Projeto do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1963. Fonte: SMURB/PMPA.	103
Fig. 61	Projeto urbanístico e Croqui Perspectivo para o Bairro/Vila Mauá – Canoas, RS, autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1941. Fonte: VIEGAS, 2011, p.85 e 86.	104
Fig. 62	Ante-Projeto de Urbanização para Canoas e detalhe o Centro Cívico de Canoas, RS, 1944. Fonte: VIEGAS, 2011, p.105.	104
Fig. 63	Planta do Loteamento Jardim Itú e detalhe do selo com aprovação e assinatura do Engº Leiria. Fonte: SMURB/PMPA.	105
Fig. 64	Cerimônia de Entrega do certificado de Honra ao Mérito. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligoki.	105
Fig. 65	Fotografia do Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: Acervo particular de Jussara Ligocki.	106
	A VILA ASSUNÇÃO	
Fig. 66	Mapa de Porto Alegre, 1926. Em destaque, traçado feito pela autora em vermelho, com a localização do local do futuro loteamento da Vila Assunção. Fonte: IHGRGS. Cartografia visual histórica-urbana de Porto Alegre. 2005. 1 CD ROM.	109
Fig. 67	Planta do Loteamento da Vila Assunção, apresentado em 1937, com a demonstração dos espaços projetados pelo Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: Acervo particular Arq. Nestor Nadruz.	111
Fig. 68	Mapa da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, mostrando a divisão administrativa no ano de 1809, com sede do governo, vilas, freguesias, capelas e povoados nos quatro municípios. Fonte: FLORES, 1979, p.12.	112
Fig. 69	Croqui apresentando as três propriedades dos sesmeiros que ocupavam praticamente toda a área do atual município de Porto Alegre, na terceira década do século XVIII, tendo o Guaíba representado através de hachura. Fonte: MACEDO, 1968, p.46.	113
Fig. 70	Reprodução do Mapa Geográfico da Estância medida e demarcada chamada Morro de São Gonçalo, com a zona praieira de Porto Alegre, datado de 1833 e detalhe da área da Ponta dos Cachimbos. Cópia do Arquivo Público. Fonte: acervo particular de Sérgio da Costa Franco/Foto: André Huyer.	117
Fig. 70a	Reprodução do Mapa Geográfico da Estância medida e demarcada chamada Morro de São Gonçalo, com a zona praieira de Porto Alegre, datado de 1833 e detalhe da área da Ponta dos Cachimbos. Cópia do Arquivo Público. (Tentativa de reprodução expedita do mapa de 1833 e transcrição de sua legenda). Fonte: Pesquisadora.	118

Fig. 71	Esquema “genealógico” de transmissão das terras da área da Vila Assunção. Fonte: Pesquisadora.	119
Fig. 72	Reprodução de fotografia do casal Assumpção. J.F. de Assumpção Santos. Fonte: Uma Linhagem Sul-Riograndense: os Antunes Maciel, 1957, p. 218-A.	121
Fig. 73	Foto de 1911, com o casal Assumpção junto à olaria, rodeado por seus filhos e amigos. Fonte: PELLIN, R. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p.107.	122
Fig. 74	Cartão Postal indicando Praça na Tristeza, onde se evidencia o aspecto recorrente da paisagem do litoral junto ao Guaíba e da Vila Assunção à época: enseadas, solo pedregoso e sem indicativos de urbanização, em imagem provável do início dos anos 1900. Fonte: Acervo Antônio Paulo Ribeiro.	123
Fig. 75	Mapa do município de Porto Alegre de 1886, e em detalhe o Morro do Cristal, onde o traçado da ferrovia (em vermelho, traçado feito pela autora) aparece completo, do Riacho à Ponta do Dionísio. Fonte: IHGRGS. Cartografia visual histórica-urbana de Porto Alegre. 2005. 1 CD ROM.	124
Fig. 76	Trapiche localizado na Ponta do Dionísio, utilizado para o despejo dos cubos sanitários. Fotografia de 1900. Autor: Virgílio Calegari. Fonte: SPALDING, W. Pequena História de Pôrto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967.	124
Fig. 77	Propaganda da Vila Conceição, de 1933, com a Planta de Situação, onde consta a o traçado da ferrovia do Riacho retificado até a Pedra Redonda (em vermelho, linha tracejada do trecho retirado das terras de José Assumpção, denominada Morro do Cristal, e o prolongamento da linha até a Pedra Redonda, traçado feito pela pesquisadora). Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº3, Porto Alegre, abr. 1933.	126
Fig. 78	Praia da Pedra Redonda com banhistas e pessoas com traje de passeio. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943, p.23.	127
Fig. 79	Grupo de pessoas na Praia da Pedra Redonda, nos anos de 1900. Cópia fotográfica atual a partir de fotografia de negativo de vidro. Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Editora Pallotti, 2007.	128
Fig. 80	Cartão postal da paisagem da praia da Pedra Redonda, década de 1910, autoria de Hugo Freyler. Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Editora Pallotti, 2007, p.26.	128
Fig. 81	Vista da enseada e do bairro Tristeza, já com algumas edificações. Ao fundo, a ponta do Dionísio, área ainda não urbanizada, local que do futuro loteamento da Vila Assunção, 1910. Fonte: Visita em 05/05/2011. Arquivo Palotino. arquivo@pallottism.com.br.	129
Fig. 82	Plano Geral de Melhoramentos, Porto Alegre, 1914. Fonte: IHGRGS. Cartografia visual histórica-urbana de Porto Alegre. 2005. 1 CD ROM.	130

Fig. 83	Planta da Cidade de Porto Alegre de 1937 com a localização dos loteamentos balneários na zona sul (assinalados em vermelho pela pesquisadora): 1 Vila Conceição – 1930, 2 Balneário Ipanema – 1931, 3 Balneário Guahyba – 1932, 4 Balneário Espírito Santo – 1934, 5 Balneário Juca Batista - 1935, 6 Vila Assunção – 1937 e 7 Balneário Guarujá – 1938. Fonte: Cartografia Virtual de Porto Alegre, IHGRS.	132
Fig. 84	Propaganda veiculada do Balneário Guahyba. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim Boletim nº1, Porto Alegre, set.1932	133
Fig. 85	Plano Gladosh, Porto Alegre, 1943. Fonte: PORTO ALEGRE. Planejar para Viver melhor. Porto Alegre: Pref. Porto Alegre, 1980. p.4	134
Fig. 86	Praias de Porto Alegre. Desenho de Martha de Wagner-Schindrowitz. Fonte: FRANCO, 1972, p.576-A.	134
Fig. 87	Recibo de 31/3/1936: frente. Fonte: Acervo particular Carmen Conte Assumpção.	136
Fig. 88	Recibo de 06/7/1937: frente e verso. Fonte: Acervo particular Carmen Conte Assumpção.	136
Fig. 89	Planta da Cidade de Porto Alegre de 1935. Em destaque a área do Morro do Cristal na Ponta do Dionísio, ainda não urbanizada, do futuro loteamento da Vila Assunção. Fonte: GEDURB.	137
Fig. 90	Detalhe do croqui que se encontra no Ante-projeto de arruamento da Chácara Assumpção, de autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria, realizado em 1936. Fonte: SMURB/PMPA.	138
Fig. 91	Detalhe do croqui feito à mão livre no Memorial Descritivo anexado ao projeto, em 1937, para aprovação na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Fonte: Acervo PMPA/SMOV.	139
Fig. 92	Grupo de familiares da família Assumpção sob a figueira ainda hoje existente no cruzamento da Av. Guaíba e Rua Chavantes, ao lado da Praça Araguaia, data de 1940. Fonte: Acervo Leda Assumpção Dias.	140
Fig. 93	Figueira ainda hoje existente no cruzamento da Av. Guaíba e Rua Chavantes, ao lado da Praça Araguaia, data de 1940. Fonte: Acervo Leda Assumpção Dias.	140
Fig. 94	Vista do muro de arrimo e escadarias de acesso à praia na Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº 31, jan.1940, p.23.	141
Fig. 95	Planta do loteamento Vila Assunção. Em destaque as áreas de topografia distinta (traço em vermelho e amarelo), localização das pedreiras e a indicação das ruas Cariri e Coroados (traço em azul, realizados pela pesquisadora). Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	141
Fig. 96	Projeto original do Loteamento da Vila Assunção com a marcação dos espaços públicos (pintados em verde, pela pesquisadora): praças, passagens para pedestres e os “play-lots”. Em destaque, a numeração das 16 passagens para pedestres e a indicação em letras, de quatro acessos para o interior dos quarteirões, os “play-lots”, além de 10	143

	praças e da linha que demarca a pedreira. Fonte: Diagnóstico das Passagens para Pedestres da Vila Assunção, 2014.	
Fig. 97	Planilha de Distribuição das Áreas da Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.17.	144
Fig. 98	Projeto de Urbanização da Vila Assunção. Cortes e perfis transversais da Av. Guaíba (Av. Beira Rio) e da Av. Pereira Passos (Av. Central). Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, Porto Alegre, jan. 1940.p. 21.	145
Fig. 99	Avenida Guaíba, construção de uma galeria de esgotos pluviais e parte da rede de instalação elétrica na Av. Pereira Passos. Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, Porto Alegre, jan. 1940.p. 24.	145
Fig. 100	Avenida Guaíba, construção de uma galeria de esgotos pluviais e parte da rede de instalação elétrica na Av. Pereira Passos. Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, Porto Alegre, jan. 1940.p. 24.	145
Fig. 101	Croqui perspectivo com anteprojeto para o Centro Comercial – Proposta de zoneamento. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº 31, jan.1940.	146
Fig. 102	Planta da Cidade de Porto Alegre de 1937. Em destaque a área na Ponta do Dionísio, com a demarcação das ruas do loteamento da Vila Assunção. Fonte: GEDURB.	148
Fig. 103	Vista aérea de Porto Alegre, 1958. Em primeiro plano, a av. Icaraí, construção e aterro da área do Hipódromo do Cristal, com o loteamento da Vila Assunção ao fundo. Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Autores: Léo Guerreiro e Pedro Flores.	149
Fig. 104	Vista aérea de Porto Alegre, 1958. Em primeiro plano, a av. Icaraí, construção e aterro da área do Hipódromo do Cristal, com o loteamento da Vila Assunção ao fundo. Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Autores: Léo Guerreiro e Pedro Flores.	149
Fig. 105	Vista aérea do Bairro Vila Assunção. Data: 05/2008. Fonte: Acervo particular Luiz Augusto Roth.	150
Fig. 106	Planta original, de Situação e Localização, do loteamento Vila Assunção aprovada na Prefeitura de Porto Alegre em 07/4/1938 e detalhes. Fonte: PMPA, SMOV.	151
Fig. 107	Planilhas com a relação das despesas e serviços de urbanização nos anos de 1936 a 1940. Fonte: Relatório e Balanço 1940 – Diversos/Comparações/Estatísticas, p.10. Acervo: Carmen Conte Assumpção.	153
Fig. 108	Mapa da Vila Assunção com a indicação (em vermelho) das primeiras ruas pavimentadas de acordo com o Relatório de 1940, a parte da orla urbanizada (em amarelo) e o trecho citado a ser urbanizado (em azul). Marcações feitas pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	154

Fig. 109	Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre, 1939-1941. Em destaque, (em vermelho, traçado feito pela autora) primeira área que foi urbanizada na Vila Assunção. Fonte: SMOV/PMPA.	155
Fig. 110	Mapa do loteamento da Vila Assunção, com a demarcação, em vermelho, dos lotes vendidos, de 1937 até o início da década de 1940. Fonte: GEDURB.	156
Fig. 111	Planilha com a indicação do número de lotes e o valor médio de cada um e a previsão do valor total da venda. Fonte: Relatório e Balanço 1940 – Diversos/Comparações/Estatísticas, p.10. Acervo: Carmen Conte Assumpção.	157
Fig. 112	Lista dos primeiros 140 compradores dos lotes na Vila Assunção, até a data de 5/12/1940. Frente e verso. Fonte: Acervo Carmen Conte Assumpção.	158
Fig. 113	Anúncio publicitário da Vila Assunção, com referência a imagem da aristocracia. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943	159
Fig. 114	Restaurante Ao Colonial. Fonte: Imagem da reportagem do jornal Diário de Notícias, edição 0029, de 04/4/1940, p.8. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	160
Fig. 115	Mapa parcial do loteamento, com destaque para a Praça Araguaia, com a localização do Restaurante Ao Colonial, A Cabana e a primeira escola primária instalada na Vila Assunção. Consta no mapa, em destaque (marcação feita pela pesquisadora) o local da abertura da Rua Monumento Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	162
Fig. 116	Vista do reservatório da Praça Tomocaré, por volta da década de 1960, a partir da Rua Pereira Passos. Fonte: Acervo família Teixeira.	163
Fig. 117	Mapa do loteamento da Vila Assunção, com indicação da Praça Tomocaré, local da construção da <i>Hydráulica</i> e da Praça Araé, onde foi construída a Estação de Tratamento d'Água da Tristeza. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	163
Fig. 118	Vista do acesso à Estação de Tratamento d'água da Tristeza-DMAE, localizada na Praça Araé, Vila Assunção. Fonte: Roseli Gessinger, ano 2014.	164
Fig. 119	Travessia de balsa Porto Alegre-Guaíba. Autor: Miguel Castro. Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Editora Pallotti, 2007, p.36.	165
Fig. 120	Mapa do loteamento da Vila Assunção, com indicação da quadra 19 no projeto original e no detalhe, com a modificação, aprovada em 1941, para a implantação da Praça Tabira, antiga Praça das Barcas. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	165
Fig. 121	Vista a partir do Guaíba da Vila dos Pescadores e do antigo atracadouro das balsas, 2017. Foto: Martina Lersch.	166
Fig. 122	Vista aérea realizada em 2008, da Ponta do Dionísio, com o terminal das barcas (desativado) em primeiro plano e, em frente, a quadra 19, a Praça	166

	Tabira, a passagem para pedestres (em amarelo) e a Av. Pereira Passos, eixo central do bairro (em azul). Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Acervo particular de Luiz Augusto Roth.	
Fig. 123	Reportagem do Correio do Povo de 22/06/1941. Fonte: Acervo particular de Luiz Augusto Roth.	168
Fig. 124	Vista aérea de Porto Alegre, 1958. Em primeiro plano, a construção e aterro da área em frente ao Hipódromo do Cristal, com a Ponta do Dionísio adentrando o Guaíba ao fundo. Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Autores: Léo Guerreiro e Pedro Flores.	168
Fig. 125	A fotografia da reportagem mostra a área do entorno da Praça Araguaia, com destaque para o tratamento da orla, com talude, escadaria e passeio junto à praia. Fonte: SCHINDROWITZ, 1942.	169
Fig. 126	Mapa da Vila Assunção com a indicação das ruas pavimentadas em 1940 (em vermelho) e das ruas pavimentadas em 1941 (em azul). Círculo, em amarelo, indica a localização da construção da casa protótipo. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	170
Fig. 127	Projeto do loteamento da Vila Assunção e no detalhe, a Praça José Assunção, com a localização da igreja, das passagens para pedestres e quarteirões lindeiros com a delimitação dos lotes residenciais. Indicações feitas pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	171
Fig. 128	Cartão postal Capela Assumpção. Fonte: Acervo André Huyer.	172
Fig. 129	Planilhas com a relação das despesas e serviços de urbanização nos anos de 1936 a 1941. Fonte: Relatório e Balanço 1940 – Diversos/Comparações/Estatísticas, p.10. Acervo Carmen Conte Assumpção.	173
Fig. 130	Planilhas com a indicação da distribuição dos lucros e dos empréstimos realizados aos sócios no ano de 1945. Fonte: Relatório-Diversos/Comparações/Estatísticas, 1945. Acervo particular: Carmen Conte Assumpção.	174
Fig. 131	Planilhas com a relação das despesas de urbanização nos anos de 1938 a 1945 e da porcentagem de calçamento até 31/12/1945. Fonte: Diversos/Comparações/Estatísticas, 1945. Acervo: Carmen Conte Assumpção.	175
Fig. 132	Planilhas com a relação das vendas de dos lucros sobre os terrenos de 1942 a 1945. Fonte: Diversos/Comparações/Estatísticas, 1945. Acervo Carmen Conte Assumpção.	176
Fig. 133	Relação dos serviços de calçamento executados de janeiro a junho de 1948. Fonte: Diversos/Comparações/Estatísticas, 1948. Acervo Carmen Conte Assumpção.	177
Fig. 134	Mapa da Vila Assunção com a indicação (em vermelho) das ruas pavimentadas no primeiro semestre de 1948. Marcação feita pela	178

	pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	
Fig. 135	Relação do número de lotes disponíveis e sua localização nas quadras em 15/12/1949. Acervo: Carmen Conte Assumpção.	179
Fig. 136	Mapa do loteamento da Vila Assunção, com a demarcação dos lotes vendidos, até o final da década de 1940, com a identificação do local sugerido para a implantação do Centro Comercial (em verde), marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Acervo de Luiz Augusto Roth.	179
Fig. 137	Mapa da Vila Assunção com a indicação da localização das quadras 44 e 45 no loteamento (em vermelho) e da Av. Wenceslau Escobar, a “faixa de concreto”. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	180
Fig. 138	Projeto original das quadras nº 44 e 45, com a divisão dos lotes e a rua projetada perpassando os dois quarteirões, com a assinatura do responsável técnico, Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: SMURB/PMPA.	181
Fig. 139	Modificação e descaracterização do Projeto de Urbanização das quadras nº 44 e 45, expediente único nº 210326. Fonte: SMURB/PMPA.	181
Fig. 140	Modificação e descaracterização do Projeto de Urbanização das quadras nº 44 e 45, expediente único nº 210326. Fonte: SMURM/PMPA.	181
Fig. 141	Aerofotogramétrico de Porto Alegre, 1956. Detalhe dos limites da área do loteamento Vila Assunção (em vermelho), marcação feita pela pesquisadora. Fonte: SMURB/PMPA.	182
Fig. 142	Anúncio publicitário da Vila Assunção, com referência a imagem da aristocracia. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943.	187
Fig. 143	Anúncio publicitário da Vila Assunção, com referência a imagem da aristocracia. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943.	188
Fig. 144	Praia na Vila Assunção com banhistas em 1966. Fonte: wences.com.br/site/operação-limpeza-orla-do-Guaíba . Acesso em 14/11/2017.	190
Fig. 145	Anúncio para a venda de bangalô na Vila Assunção, 1954. Fonte: Diário de Notícias, 01/02/1954, Ed. 285, p.17. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	190
Fig. 146	Aerofotogramétrico de 1956 com a indicação dos pontos de partida para a travessia do Guaíba a partir da Vila Assunção. Numeração indicada sobre o mapa, feita pela pesquisadora. Fonte: SMOV.	192
Fig. 147	Barca do DAER, responsável pela ligação Porto Alegre-Guaíba, 1949. Fonte: Revista do Globo de 18/3/1950. Acervo particular do Arq. Nestor Nadruz. Fonte: HTTP://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/03/bairros-de-porto-alegre.html . Acesso em out/2016.	192
Fig. 148	Planta com o corte longitudinal proposto para a construção do Túnel e Croqui perspectivo dos acessos. Identifica-se, ao lado, o desenho do	193

	Pórtico do Cais do Porto. Fonte: Revista do Globo, 1950, p.38 e39. Acervo particular do Arq. Nestor Nadruz.	
Fig. 149	Travessia Getúlio Vargas – Ponte do Guaíba em construção, 1956. Léo Guerreiro e Pedro Flores. Fonte: Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Fotógrafo: Léo Guerreiro e Pedro Flores.	194
Fig. 150	Vista da Av. Pereira Passos, a partir da varanda da casa de João e Sérgio Teixeira, com algumas casas no entorno e a caixa d'água no alto da Rua Coroados ao fundo, 1969. Fonte: Acervo particular da família Teixeira.	195
Fig. 151	Mapa da Vila Assunção e detalhe do local da instalação do supermercado Zaffarinho (em vermelho). O restante da quadra acabou sendo comercializado como lotes residenciais. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	196
Fig. 152	Predio do Zaffarinho, situado na esquina das ruas Caeté e Goitacaz, onde percebe-se o movimento de automóveis e pessoas no entorno. Foto da década de 1980. Fonte: Acervo Arq. Angdré Huyer.	197
Fig. 153	Prédio do Zaffarinho visto da Praça Franklin Peres. Fonte: Petry, 1999, 19p.	197
Fig. 154	Vista frontal da Capela N. Srª da Assunção. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	198
Fig. 155	Detalhe da Planta da Vila Assunção com a indicação do trajeto descrito como o percurso realizado pela Dª Leda Asumpção Dias, entre sua casa e a Igreja. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	199
Fig. 156	Portão de acesso à área interna da quadra 38 e as construções utilizadas como sede do Clube de Mães. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	200
Fig. 156a	Detalhe do acesso e da área do Clube de Mães. Foto: Roseli Gessinger, 2014..	201
Fig. 157	Apresentação do Coral do Clube de Mães da Vila Assunção em evento realizado em 04/12/2107. Foto: Roseli Gessinger.	202
Fig. 158	Trajetos do Marcelo, conforme relato. Fonte: pesquisadora.	203
Fig. 159	Planta do loteamento da Vila Assunção com a indicação do local da primeira escola e o local o qual foi transferida, na Rua Caeté, conforme previsto no projeto original, no detalhe. Indicações feitas sobre o mapa pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	204
Fig. 160	Construção do primeiro Pavilhão e Inauguração da Escola Santos Dumont, 1965. Fonte: HTTP://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/03/bairros-de-porto-alegre.html . Acesso em out/2016.	207
Fig. 161	Vista da Vila dos Pescadores a partir da Rua Bororó, 1974. Acervo Família Teixeira.	209

Fig. 162	Vista da Vila dos Pescadores a partir do Guaíba com os edifícios construídos junto à pedreira ao fundo, 2017. Foto: Inês Martina Lersch.	210
Fig. 163	Planta do loteamento da Vila Assunção com a indicação da localização da Vila dos Pescadores, junto à Av. Guaíba (em vermelho). Indicação feita sobre o mapa pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	210
Fig. 164	Boate Mil e Uma Noites – Vila Assunção. Fonte: Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Fotógrafo: Léo Guerreiro e Pedro Flores.	211
Fig. 165	Detalhe da localização da implantação do PALÁCIO DE FESTAS 1001 NOITES. Fonte: Pesquisadora.	212
Fig. 166	Planta de Localização do Loteamento Vila Assunção proposto em 1937, com a indicação (em verde) das praças, play-lots, áreas escolares e passagens para pedestres. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.	213
Fig. 167	Planta de Situação e Localização do Loteamento Vila Assunção aprovado em 1952, com a indicação (em verde) e numeração das praças construídas. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: PMPA.	213
Fig. 168	Reportagem referente à Inauguração de Placa em homenagem aos fundadores da Vila Assunção. Fonte: Diário de Notícias, 04/01/193. Acervo: André Huyer.	215
Fig. 169	Praça Araguaia com o suporte de pedra construído para a instalação da placa comemorativa e hasteamento da bandeira. Ao fundo o Guaíba. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	216
Fig. 170	O Timbuka, foto de 2006. Fonte: http://zh.rbsdirect.com.br/imagesrc/23348035.jpg?w=640	217
Fig. 171	Vista da Praça Araguaia com a Av. Guaíba em primeiro plano. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	218
Fig. 172	Vista da Praça Araguaia a partir do Guaíba em 2017. Foto: Inês Martina Lersch.	218
Fig. 173	Vista da Rua Carajá com o Santuário de Shoenstatt à esquerda e a Praça Caraíbe, à direita. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	219
Fig. 174	Vista da Praça Franklin Peres a partir da Av. Pereira Passos. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	221
Fig. 175	Praça Dante Barone. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	222
Fig. 176	Vista da Passagem da Rua Cariri até a Av. Pereira Passos, com a Praça João Bergmann ao fundo, ano de 1972-1973. Foto: Acervo Jacqueline Custódio.	224
Fig. 177	Vista da Praça João Bergmann a partir da Rua Caeté. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	224
Fig. 178	Praça Solumá, vista a partir da Rua Cariri. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	225

Fig. 179	Levantamento Cadastral Praça Solumá, Junho/1982. Acervo SMURB/PMPA.	225
Fig. 180	Praça Tomocaré, reservatório e mirante existente sobre a edificação, vista a partir da Rua Coroados e do mirante. Foto: Roseli Gessinger, 2014	227
Fig. 181	Projeto original da Praça Tomocaré e entorno. Autoria Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: SMURB/PMPA.	227
Fig. 182	Fig. 145 - Praça Tomocaré vista a Partir da Rua Bororó, com a identificação de uma casa construída sobre a vai pública. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	227
Fig.183	Praça Tabira. Ao fundo se observa as construções junto à Av. Guaíba e o antigo Terminal das Barcas. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	228
Fig.184	Posto de Gasolina construído junto a Praça Tabira. Foto: Acervo André Huyer.	229
Fig. 185	Praça Araé a partir da Rua Maracá com a ETA. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	229
Fig. 186	Passagem de pedestres da Possidônio da Cunha até a Av. Guaíba em dois momentos: aberta e com acesso livre e murada, em 2014. Foto: Acervo Jacqueline Custódio.	231
Fig. 187	Passagem com escadarias de pedra da Rua Possidônio da Cunha para a Rua Goitacaz, em frente ao acesso para a Igreja da Assunção em dois momentos: aberta e integrada na paisagem e fechada com muro. Foto: Acervo Jacqueline Custódio.	231
Fig. 188	Passagem da Rua Goitacaz até a Rua Possidônio da Cunha fechada. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	232
Fig. 189	Passagem localizada na Rua Cariri possibilitando o acesso à Pedreira. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	233
Fig. 190	Passagem localizada na Rua Cariri, fechada com portão e guarita pelo proprietário dos terrenos lindeiros, impossibilitando o acesso público. Foto: Daniela Marzola Fialho, 2017.	233
Fig. 191	Passagem da rua Cariri à Av. Pereira Passos, com acesso a um dos vértices da Praça João Bergmann, aberta e em bom estado de conservação. Foto: Roseli Gessinger, 2014.	233
Fig. 192	Vista aérea da área do SAVA, localizado junto ao Guaíba, 2014. Indicação da Sede atual (em vermelho) e da área da sede na década de 1950 (em amarelo, tracejado). Marcações feitas pela pesquisadora. Foto: acervo José Augusto Roth.	235
Fig. 193	Imagens da família Teixeira na área do SAVA, 1960. Fonte: Acervo Família Teixeira.	236
Fig. 194	Pic-Nic no SAVA, 1965. Fonte: Acervo Família Teixeira.	236

	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Fig. 195	Planta do loteamento da Vila Assunção com a cronologia do calçamento das vias. Fonte: Pesquisadora.	239
Fig. 196	Planta do Loteamento da Vila Assunção: o projeto implantado, 1952. Fonte: SMOV/PMPA.	240
Fig. 197	Condomínio Moradas da Assunção, Rua Chavantes. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	243
Fig. 198	Calçada na Rua Caeté. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	243
Fig. 199	Condomínio Moradas da Assunção, Rua Chavantes. Foto: Roseli Gessinger, 2017.	243

LISTA DE SIGLAS

APROVA - Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo

CMVA – Clube de Mães da Vila Assunção

CREA-RS – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

DAER – Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem

DEAL – Departamento Estadual de Abastecimento de Leite

DMAE – Departamento Municipal de Águas e Esgotos

DMLU – Departamento Municipal de Limpeza Urbana

IAPC – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes

IAPI – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

PROA - Associação Pró-Esporte, Cultura e Meio-Ambiente

SAVA – Sociedade Amigos da Vila Assunção

SENGE – Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul

SINDIFISCO - Sindicato dos Servidores Públicos da Administração Tributária do Estado do Rio Grande do Sul

SMAM – Secretaria Municipal do Meio Ambiente

SMOV – Secretaria Municipal de Obras e Viação

SMURB – Secretaria Municipal de Urbanismo

SUMÁRIO

RESUMO

1.	INTRODUÇÃO	29
1.1.	Tema	29
1.2.	O problema e as questões de pesquisa	31
1.3.	Objetivos geral e específicos	32
1.4.	Hipótese	32
1.5.	Metodologia	33
1.6.	Delimitação da Pesquisa	36
1.7.	Fontes para a pesquisa	36
1.7.1.	Relação dos moradores entrevistados	37
1.8.	Dos Capítulos e pressupostos	39
1.8.1	Do Capítulo 1: Introdução	39
1.8.2.	Do Capítulo 2: Referencial Teórico	39
1.8.3.	Do Capítulo 3: Da Cidade-Jardim	39
1.8.4.	Do Capítulo 4: Da Trajetória do Autor	40
1.8.5.	Do Capítulo 5: Da História da Vila Assunção	40
1.8.6.	Do Capítulo 6: Considerações Finais	41
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	42
2.1.	Paisagem: uma reflexão sobre o(s) conceito(s)	42
2.1.1.	Paisagem Urbana	45
2.2.	Identidade e Memória	48
2.3.	Imaginário	51
3.	A CIDADE-JARDIM: Origens e Aplicações	54
3.1.	A Utopia de Ebenezer Howard	65
3.2.	Cidade-Jardim: repercussões e aplicações do modelo	78
3.3	Cidade-Jardim: repercussões e aplicações do modelo no Brasil	83
4	O AUTOR: ENGº RUY DE VIVEIROS LEIRIA	91

4.1.	Projetos além da Vila Assunção	98
5	A VILA ASSUNÇÃO	107
5.1.	Antecedentes da Região	111
5.2.	Desenvolvimento Urbano da Região	126
5.3.	Proposta de urbanização para a área da Vila Assunção	135
5.4.	A implantação do Loteamento <i>Villa Assumpção</i>	152
5.5.	Os caminhos da memória: Dinâmicas do cotidiano	184
5.5.1.	A Praia	186
5.5.2.	As Barcas	191
5.5.3.	O Comércio	194
5.5.4.	A Igreja da Assunção	198
5.5.5.	O Clube de Mães	199
5.5.6.	A Escola	202
5.5.7.	A Vila dos Pescadores	208
5.5.8.	O Palácio de Festas 1001 Noites	211
5.5.9.	As Praças	212
5.5.9.1.	Praça Araguaia	213
5.5.9.2.	Praça Caraíbe	219
5.5.9.3.	Praça José Assumpção	220
5.5.9.4.	Praça Franklin Peres	220
5.5.9.5.	Praça Dante Barone	222
5.5.9.6.	Praça João Bergmann	222
5.5.9.7.	Praça Solumá	224
5.5.9.8.	Praça Tomocaré	226
5.5.9.9.	Praça Tabira	228
5.5.9.10.	Praça Araé	229
5.5.9.11.	Praça Tupiniquim	230
5.5.10.	Passagens de Pedestres	230

5.5.11.	Sava Clube	234
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	237
	REFERÊNCIAS	244
	APÊNDICE	252
1	Apêndice 1 – Diagnóstico das Passagens para Pedestres da Vila Assunção (Parcial)	253
2	Apêndice 2 – Roteiro Entrevistas	310
3	Apêndice 3 –Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	312
4	Apêndice 4 – Entrevistas: Transcrição	314
	ANEXOS	407
1	Anexo 1 – Memorial Descritivo	408
1.1.	Ante-Projeto de arruamento da Chácara Assumpção-1936	408
1.2.	Memorial Descritivo do Ante-Projeto da Vila Assunção-1937	410
1.3.	Memorial Descritivo do Projeto de Urbanização da Vila Assunção-1940	419
2	Anexo 2 – Certidões	433
2.1.	Certidão Registro de imóveis 2ª Zona	433
2.2.	Certidão Registro de imóveis 2ª Zona	434
2.3.	Certidão Registro de Imóveis 1ª Zona	438
2.4.	Certidão Registro de Imóveis 1ª Zona	439
2.5.	Certidão CREA/RS	440
3	Anexo 3 – Relatório de Atividades Vila Assunção	455
3.1.	Relatório de Atividades Imobiliária Assumpção -1940	455
3.2.	Relatório de Atividades Imobiliária Assumpção - 1941	461
4	Anexo 4 – Declaração	465
5	Anexo 5 - Planta do Loteamento da Vila Assunção	466

1. INTRODUÇÃO

1.1. Tema

O **tema** desta pesquisa é o estudo da paisagem no espaço urbano, como um processo de representação da sociedade numa determinada época e de como ocorre sua percepção e apropriação nos dias de hoje, tomando como **objeto de estudo** o bairro-jardim Vila Assunção, localizado na zona sul de Porto Alegre. O projeto inserido no contexto urbano de Porto Alegre de 1937, portanto, há 80 anos, possui relação com as ideias propagadas do modelo Cidade-Jardim, criado por Ebenezer Howard, em 1898, na Inglaterra. Entretanto, o modelo teórico proposto por Howard, mais que uma proposta para o desenho urbano em um diagrama, tratava do resultado de uma abordagem crítica sobre as condições inadequadas da ocupação urbana, da inexistência de saneamento e da desigualdade social provocados nas cidades da era industrial. Neste sentido, a fim de reverter a situação crítica de concentração populacional urbana e da falta de qualidade destes espaços, a proposta acompanhava propósitos de uma reforma de âmbito social, estimulando um ambiente comunitário, inseridos em uma estrutura que potencializasse as vantagens da cidade e do campo, tendo como modelo paisagístico idealizado o romantismo. A cidade-jardim teorizada por Howard concretizou-se como forma urbana através do projeto para Letchworth, em 1904, de coautoria dos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker, e que é considerada a primeira cidade-jardim da história. Esse modelo urbanístico influenciou diversos empreendimentos imobiliários em áreas de expansão urbana das cidades.

Em Porto Alegre, ao longo do século XX, conduzidos pela modernização da cidade e em diferentes períodos históricos, sucessivos planos de urbanização foram propostos, baseados em ações e transformações, que podem ser observados através das representações urbanas que deixaram suas marcas na cidade. Entre elas, está a Vila Assunção, loteamento de uso residencial e voltado ao mercado imobiliário privado, lançado em 1937, que contou com projeto urbanístico, de autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria (Fig.1).

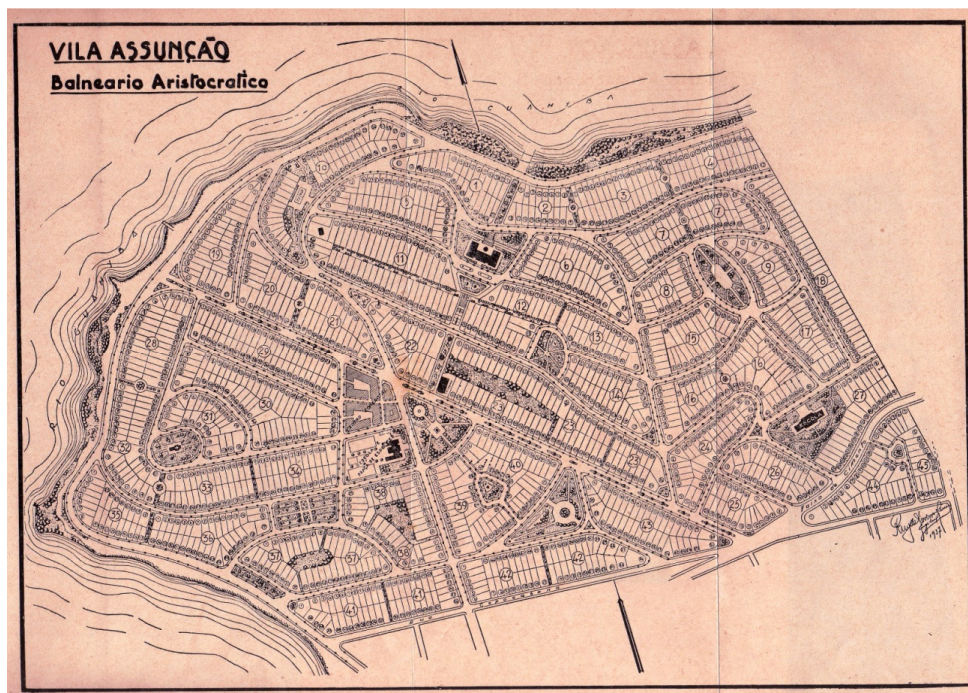


Fig. 1 – Planta original do loteamento Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, p.2, jan.1940.

Neste sentido, procura-se verificar as transformações ocorridas na paisagem deste espaço urbano através dos elementos materiais e imateriais, socialmente reconhecidos, que servem para sua percepção no presente, como sugere Pesavento (1995, p.41), “há um momento de sincronia entre o passado e o presente em que é possível ‘salvar o passado’ porque nele o presente se vê. ”. A Vila Assunção constitui-se em uma ambiência, onde a partir da rede de relações sociais são atribuídos sentido e vínculo de pertencimento ao lugar, consolidados através das experiências dos cidadãos, tal qual Pesavento (2007) nos induz a percorrer em *Marcas do passado, soleiras da memória*, introdução do livro *Olhe por onde você anda: Calçadas de Porto Alegre*, de Airton Cattani:

Dos pés à cabeça, o caminho se retrai. As calçadas destas minhas ruas – desaparecidas ou remanescentes – são recortes do espaço que se incorporaram à vivência e se impuseram à memória. Mas se elas persistem como um objeto que retém a minha atenção é porque este espaço é e foi mais do que um trecho geométrico da superfície: elas, as “minhas” calçadas, foram um território e um lugar. Foram um território na acepção de terem sido um espaço apropriado, ao qual foi conferida uma função. As calçadas eram “nossas”, das crianças de então, como um território de brincadeira. Eram um espaço que nos pertencia e que por isso se impõe à lembrança. Este espaço era dotado de um sentido, pois se incorporou às representações que faço da cidade neste tempo. Logo, o espaço das calçadas era um lugar, dotado de significados precisos e reconhecíveis! Enquanto lugar da cidade, elas permitem a identificação e a memória, ocupando um lugar no imaginário da cidade. (PESAVENTO in Cattani, 2007, p.20)

Neste relato, carregado de referências afetivas e sensoriais, podemos verificar a importância dos espaços públicos tornando-os lugares através da vivência e das práticas do cotidiano dos cidadãos. Estes espaços são carregados de um sentimento de pertencimento, relacionados às representações de um determinado tempo e que estão registradas na memória. Portanto, nos leva a considerar que a paisagem resultante nestes espaços não se resume a uma acumulação de elementos estanques e por vezes, sacralizados por sua monumentalidade ou excepcionalidade. A paisagem faz parte da construção simbólica do lugar e da identidade dos diferentes grupos da sociedade.

1.2. O problema e as questões de pesquisa

O **problema** da dissertação é:

- Por que e como ocorreu a escolha do modelo cidade-jardim, para a elaboração e implantação do projeto urbano da Vila Assunção, em 1937, em Porto Alegre e como se deu a sua ocupação?

A partir deste questionamento, foi realizada uma pesquisa da história e do planejamento urbano em Porto Alegre até a década de 1940, considerando os planos para as áreas de expansão da cidade. Nesse processo, apurou-se a pesquisa da origem do modelo Cidade-jardim e sua repercussão no Brasil, através da implantação de bairros com projeto urbano que apresentam características da Cidade-jardim. Verificada a aparente influência do modelo Cidade-jardim aplicado no projeto de urbanização da Vila Assunção buscou-se compreender, a partir do estudo cronológico da sua implantação e dos relatos acerca das práticas sociais de um grupo de moradores, a paisagem resultante do bairro-jardim Vila Assunção.

Do ponto de vista da paisagem, Milton Santos (2008, p.73) considera que “a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente, na medida em que a acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial. ” Neste sentido, a inserção de comunidades num ambiente projetado de forma intencional, como é o caso da Vila Assunção, e as interações daí decorrentes, são determinantes para conformar as imagens e os significados do lugar. Portanto, consideramos que a construção da paisagem converte-se em um legado aos tempos futuros, “é a objetivação concreta de uma sociedade e de seus termos de existência” (Santos, 2008, p.73-74).

A partir da identificação do problema de pesquisa, as seguintes **questões** orientaram seu desenvolvimento:

1- Qual o contexto histórico, social, político e cultural em Porto Alegre, no Brasil e no mundo que influenciaram a implantação do projeto do bairro-jardim Vila Assunção?

2- Quais os interesses que motivaram a construção do bairro Vila Assunção? Foram interesses exclusivamente imobiliários ou foi uma aspiração da sociedade à época?

3- Como se deu, ao longo do tempo, a construção da paisagem urbana e a apropriação do espaço da Vila Assunção?

1.3. Objetivos geral e específicos

O presente trabalho tem como **objetivo geral**, contextualizar a produção e construção do projeto de urbanização da Vila Assunção, do ponto de vista histórico e da paisagem urbana resultante do modelo implementado. Por isso, foram elaborados **objetivos específicos**, quais sejam:

1- Estudar, através do bairro-jardim Vila Assunção, a implantação do modelo urbanístico de Cidade-jardim em Porto Alegre, enquanto fração singular da cidade;

2- Examinar, através do projeto de urbanização da Vila Assunção, a trajetória profissional do autor do projeto, a história da implantação do loteamento do bairro;

3- Analisar e interpretar, através de uma perspectiva histórica e de informações obtidas através da pesquisa que incluiu entrevistas com moradores, os propósitos, as dinâmicas de ocupação e a transformação da paisagem da Vila Assunção.

1.4. Hipótese

A **hipótese** dessa dissertação é que não só houve um interesse imobiliário no momento histórico em que ocorreu o projeto da Vila Assunção como também se procurou satisfazer os interesses, desejos e anseios do imaginário da sociedade porto alegreense pelos novos modelos urbanísticos, no caso o modelo cidade-jardim.

1.5. Metodologia

Para a elaboração dessa dissertação, referente ao estudo do bairro-jardim Vila Assunção em Porto Alegre, recorreu-se a ferramentas teóricas ligadas à História Cultural, utilizando para isso, métodos como o do *paradigma indiciário* de Carlo Guinzburg, o método da montagem de Walter Benjamin e os contextos de John Brian Harley. A pesquisa utilizou-se de pesquisa bibliográfica e entrevistas (com pessoas que fizeram parte da história da Vila Assunção).

A partir da definição da Vila Assunção como **objeto empírico**, verificou-se a necessidade de estabelecer uma forma para sistematizar o desenvolvimento da pesquisa. Assim, partiu-se da necessidade de estudar o surgimento das ideias e do modelo cidade-jardim, elaborados por Ebenezer Howard e, posteriormente colocados em prática pelos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker na execução de Letchworth, na Inglaterra. Depois, considerou-se o estudo das aplicações e repercussões do modelo cidade-jardim no Brasil. A partir daí, deu-se o início à pesquisa da história e da trajetória do autor e da proposta de projeto da Vila Assunção.

A pesquisa buscou através da História Cultural um aporte para orientar esta etapa do trabalho, a fim de decifrar a realidade do passado por meio das suas representações. Neste sentido, o método de Carlo Ginzburg, o *paradigma indiciário* é bem definido por Pesavento (2004), ao dizer que nele:

O historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo. (...) É preciso não tomar o mundo – ou as suas representações, no caso – na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam desapercibidos. (PESAVENTO, 2004, p.63-64).

Ginzburg (1999) propõe um método de reconstrução da História que se baseia na observação atenta dos vestígios de cada época, sejam eles textuais, pictóricos, arqueológicos, entre outros, constituindo um paradigma epistemológico para as ciências humanas que busca extrair informações sobre momentos históricos do passado enfocando aspectos abordados a partir do cotidiano da vida das pessoas, das expressões artísticas e literárias. Dentro desta visão, ao propor o paradigma indiciário, refere-se ao modo de acessar a informação da realidade passada através do estudo de pistas: sinais inseridos em contextos históricos e sociais específicos.

De relevância para a pesquisa também é o aspecto do imaginário social para fazer uma leitura do passado, através das representações e da memória do bairro Vila Assunção, para que as imagens do tempo ocorrido permitam que no momento atual as pessoas vejam sua própria época. Segundo a concepção de Walter Benjamin,

aquilo que nós chamamos história se engendra na escrita da história, escrever a história não é reencontrar o passado, é criá-lo a partir de nosso próprio presente, ou mais, é interpretar os traços que o passado deixou, os transformar em sinais, é, no fim de contas, “ler o real como um texto”. (BENJAMIN, W., 1994, p.37).

Neste contexto, a partir das informações obtidas com o método indiciário, tornou-se necessário utilizar o método da montagem de Walter Benjamin, uma vez que, se baseia

na montagem cinematográfica, a partir das fotografias que, combinadas, produzem o movimento, Benjamin imagina para o historiador um caminho semelhante. É preciso recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças ou *puzzle* de peças, capazes de produzir sentidos. (PESAVENTO, 2004, p. 64).

Neste sentido, consideramos o projeto do loteamento da Vila Assunção (sua representação gráfica) um texto, na medida em que o uso de símbolos e signos observados no traçado do projeto, trouxeram significados e identidade ao lugar. Esta planta, ou este texto, também apresenta relação com a metodologia de Harley (2001, p. 37-38) que propõe três aspectos de contextos para a análise: (1) o contexto do cartógrafo, (2) o contexto de outros mapas e (3) o contexto da sociedade. Ao considerar esta abordagem como fonte e analogia para o trabalho de pesquisa, foram realizadas três etapas, sendo que elegeu-se, por considerar melhor, para compreensão historiográfica, em primeiro lugar, a pesquisa do contexto de outros mapas, ou seja, o contexto de outros projetos baseados no modelo cidade-jardim, que resultaram em bairros-jardins na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil; em segundo lugar, o contexto da autoria do projeto da Vila Assunção, com a trajetória profissional do Engº Ruy de Viveiros Leiria e, por último, o contexto da sociedade através das práticas sociais do espaço – produção, percepção e apropriação do bairro-jardim Vila Assunção.

Portanto, durante o desenvolvimento da dissertação, inicialmente foi realizada a pesquisa referente ao contexto de outros mapas, ou seja, o estudo de outros bairros-jardins projetados e implantados no continente europeu, americano e no Brasil, a fim de realizar um estudo das particularidades e das recorrências observadas na Vila Assunção em relação aos modelos inseridos em outras realidades. A partir daí a dissertação demandou uma pesquisa do contexto da história do processo de planejamento urbano em Porto Alegre, com destaque para o momento da implantação da Vila Assunção, em

1937, e sua relação com as aplicações das teorias de cidade-jardim propagadas por Ebenezer Howard.

Na segunda etapa realizou-se uma investigação da trajetória do autor do projeto, Eng^o Ruy de Viveiros Leiria, acerca da atuação, das influências e da repercussão sobre suas atividades profissionais, principalmente, a partir do projeto e execução do bairro-jardim Vila Assunção.

Na terceira etapa do trabalho, que trata do contexto da sociedade, levou-se em consideração J.B.Harley (2001, p. 44), quando diz que “cada mapa é ligado com a ordem social de um período e de um lugar particular”. Neste sentido, foi realizado o estudo do contexto histórico e social em que ocorreu o projeto urbano para a Vila Assunção, em 1937, em Porto Alegre. Desse modo, foram realizadas amostras com moradores que vivenciaram o espaço da Vila Assunção nos períodos de 1940 a 1965; de 1965 a 1990 e de 1990 a 2015. Os períodos foram definidos em vinte e cinco anos, por ser o tempo considerado conveniente para a avaliação da evolução do tamanho, estrutura e equipamentos da cidade, conseqüentemente, resultando em transformações na paisagem (RIBEIRO, D. 1992, p.137), uma vez que

a paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, *locus* de interação entre a materialidade e as representações simbólicas. (RIBEIRO, R. W., 2007, p.9)

Portanto, os impactos na paisagem urbana são provenientes dos processos de produção, uma vez que “a cidade é também, ela própria, uma forma simbólica que, em certos casos, foi criada ou transformada visando a criar valores, contidos nas próprias formas da cidade” (CORRÊA, 2002, citação extraída de conferência).

Com isso, espera-se melhor compreender a paisagem construída a partir do projeto da Vila Assunção, referenciado no modelo bairro-jardim, entendendo que,

o tempo e o espaço são, pois, dimensões para analisar o fenômeno urbano, referenciais que possuem um sentido e que estão ligados entre si: cada recorte do território, cada forma, cada matéria contém uma temporalidade que remete a atores, a práticas sociais e significações. Do mesmo modo, cada momento do passado deixa marcas objetivas no espaço. (PESAVENTO, 2012, p.23).

Sob este ponto de vista, volta-se ao traço que compôs o projeto da Vila Assunção para, também realizar um estudo acerca dos conceitos de paisagem, identidade e memória.

Para a realização das entrevistas, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, através da Plataforma Brasil, o qual recebeu aprovação em 10/11/2016, através do Parecer nº 1.814.839.

1.6. Delimitação da pesquisa

A delimitação cronológica estabelecida para a pesquisa inicia por volta de 1876, quando a região da Tristeza compreendia as áreas dos atuais bairros Vila Assunção, Vila Conceição e parte dos bairros Camaquã e Pedra Redonda. Na região, inicialmente, “as terras estavam nas mãos dos sesmeiros de Dionísio Rodrigues Mendes e, após o primeiro parcelamento de solo feito por um de seus descendentes no ano de 1876, passou a ser ocupada, em grande parte, por imigrantes europeus.” (WILKOSZYNSKY & SOUZA, 2008, p.185.) Neste sentido, estamos propondo investigar partir dos registros fundiários desta área da cidade, sua origem, a partir da sesmaria até a situação quando do loteamento, em 1937. Desta maneira, pretende-se compreender o contexto em que o projeto foi inserido, sua repercussão naquele momento da história, como se deu essa construção social e histórica da paisagem urbana da cidade e sua relação com outros exemplos de bairros-jardim implantados no mesmo período da narrativa de Porto Alegre.

1.7. Fontes para a pesquisa

Para a elaboração das etapas da pesquisa, foi realizada a busca de informações referenciadas a partir de fontes primárias, entre elas, jornais da época no período que se refere a pesquisa, mapas dos planos de desenvolvimento urbano de Porto Alegre, mapa da implantação da Vila Assunção, relatório da Sociedade de Engenharia que contém o Memorial Descritivo do projeto de Urbanização da Vila Assunção, Relatórios de Atividades da empresa responsável pelo empreendimento, entre outros.

Como fontes secundárias, livros da evolução urbana de Porto Alegre, dissertações e teses com abordagem do bairro e de outros exemplos de bairros-jardim em Porto Alegre.

Também foram realizadas entrevistas com moradores do bairro-jardim, a fim de examinar através dos relatos das experiências vividas e que se encontram na memória,

a sua relação com os espaços da Vila Assunção. Desta forma, quinze entrevistas foram obtidas e transcritas (Apêndice 4) no período de 17/01/2017 a 30/11/2017, com moradores, a seguir relacionados, e que se dispuseram a contribuir de forma espontânea para esta pesquisa. Tais depoimentos, permitiram dar forma, conteúdo e sentido às transformações ocorridas, por vezes, obtidos através dos relatos pitorescos, uma vez que tratam de referências e lembranças de experiências sociais que se efetivaram em modos de vida. Buscou-se, enfim, mapear a cartografia do bairro através da memória afetiva de seus moradores, buscando a legibilidade da paisagem urbana nos caminhos, rotas, passagens, praças, recantos, na vegetação, no Guaíba, na fauna e na flora, no tempo abrangido por esse estudo.

1.7.1. Relação dos moradores entrevistados

1- JOSÉ AUGUSTO ROTH - Eng^o Mecânico e SILVIA ROTH - Artista Plástica.

Período que residem na Vila Assunção: **1971 a 2017.**

Endereço da residência do casal entrevistado: Rua Cariri.

2- ISABEL EMÍLIA V. LOSS – Professora aposentada da UFRGS/Colégio Aplicação

Período que reside na Vila Assunção: **1972 a 2017.**

Endereço da residência da entrevistada: Rua Possidônio da Cunha.

3- KATHRIN ROSENFELD – Professora da UFRGS/Filosofia e Literatura Comparada. Presidente da Associação dos Moradores da Vila Assunção, APROVA.

Período que reside na Vila Assunção: **1986 a 2017.**

Endereço da residência da entrevistada: Rua Bororó.

4- JOÃO RIBEIRO TEIXEIRA - Eng^o Agrônomo, 61 anos e SÉRGIO RIBEIRO TEIXEIRA - Físico e professor da UFRGS, 67 anos – irmãos, filhos do Dr. Nilo e de D^a Cássia Teixeira

Período que residem na Vila Assunção: **1956-1978** (Sérgio) e **1956-2017** (João).

Endereço da residência dos irmãos entrevistados: Av. Pereira Passos.

5- JACQUELINE CUSTÓDIO - Advogada e Presidente do Centro Comunitário de Desenvolvimento da Tristeza, Pedra Redonda, Vilas Conceição e Assunção, CCD-Tristeza, 57 anos.

Período que residiu na Vila Assunção: **1969-2002.**

Endereços das residências da entrevistada: Rua Cariri e Rua Manauê.

6- NESTOR NADRUZ – Arquiteto e urbanista, 89 anos, natural de Porto Alegre.

Período que reside na Vila Assunção: **1975-2017**.

Endereço da residência do entrevistado: Rua Cariri.

7- CARMEN CONTE ASSUMPÇÃO – Arquiteta da SOP – Secretaria de Obras Públicas, Saneamento e Habitação do Rio Grande do Sul, 59 anos.

Períodos que residiu/reside na Vila Assunção: 1º período - de **1958 a 1984**; e 2º período - de **2005 a 2017**.

Endereço da residência do entrevistado: Rua Coroados.

8- PAULO ANDRÉ CUSTÓDIO - Professor de educação física da Escola Estadual Santos Dumont, localizada no bairro. Já foi diretor da instituição, 51 anos.

Períodos que residiu/reside: 1º período- de **1971 a 2001** e 2º período- de **2014 a 2017**.

Endereço da residência do entrevistado: Rua Cariri.

9- DÉA DE ABREU BUIANO, afilhada do Sr. Francisco Assumpção, 75 anos.

Períodos que residiu/reside na Vila Assunção: 1º período - de: **1952-1964** e 2º período- de **1975 a 2007**.

Endereço da residência: Av. Wenceslau Escobar.

10 – Marcelo Caminha - Advogado, 67 anos.

Período que residiu na Vila Assunção: de **1958 a 1967**.

Endereço da residência do entrevistado: Rua Goitacaz.

11 - BÓRIS OSTERGREN - paulistano, Técnico Mecânico e Pedagogo, morador da zona sul de Porto Alegre desde 1948, 80 anos.

Período que frequenta a Vila Assunção: desde 1948, frequentador da praia, depois dos clubes náuticos.

12 -Sra. LEDA ASSUMPÇÃO DIAS, 95 anos, neta da Sra Felisbina e José Assumpção e Sra. MARIA LÍLIA DIAS DE CASTRO, 70 anos, filha da Sra. Leda, professora aposentada.

Período que reside na Vila Assunção: de **1949 a 2017**.

Endereço da residência da entrevistada: Praça João Bergmann.

13- JUSSARA LEIRIA LIGOCKI – filha do Engº Ruy de Viveiros Leiria. Professora aposentada, fez magistério e cursou Ciências Sociais na PUC, 73 anos.

Período que residiu na Vila Assunção: de **1946 a 2006**.

Endereços das residências da entrevistada: Rua Chavantes e Rua Copacabana.

14- MICHELE TONIOLO DE OLIVEIRA – Arquiteta, 44 anos.

Período que reside na Vila Assunção: de **2005 a 2017**.

Endereço da residência da entrevistada: Rua Carajá, em frente à `Praça Caraíbe.

15- IÁRA DE TOLEDO KRAEMER - Professora primária aposentada, 86 anos. Assessora da direção do Clube de Mães.

Período que reside na Vila Assunção: 1º período - de **1961 a dezembro de 1970**. e 2º período - de **1973 a 2017**.

Endereços das residências da entrevistada: Rua Chavantes, Rua Caeté e Av. Pereira Passos

1.8. Dos Capítulos e pressupostos

A dissertação está organizada em seis capítulos, a seguir relacionados, com um breve comentário dos conteúdos que serão abordados em cada um deles.

1.8.1. Do Capítulo 1: Introdução

No primeiro capítulo está exposto o tema, o estudo da paisagem urbana do bairro-jardim Vila Assunção, os objetivos, as justificativas, a hipótese e a apresentação da metodologia desenvolvida para a elaboração da dissertação.

1.8.2. Do Capítulo 2: Referencial Teórico

Este capítulo tem por objetivo explicitar o arcabouço teórico em que se deu a pesquisa do bairro-jardim Vila Assunção, quais os conceitos e os autores que foram usados como referência para sua interpretação. Apresenta três itens que serviram de “andaimes” para o referencial teórico da pesquisa, quais sejam: a configuração da **paisagem urbana** que ocorreu a partir da escolha do projeto definido para o lugar, a relação entre **identidade e memória** para a construção da história do bairro e, por fim, os aspectos simbólicos formados através do **imaginário** e do modo de vida da sociedade.

1.8.3. Do Capítulo 3: Da Cidade-Jardim

Este capítulo tem por objetivo apresentar a concepção do conceito da Cidade-Jardim e suas aplicações e propagações no mundo, no Brasil e em Porto Alegre. Considerou-se de fundamental importância relacionar o momento histórico e de transformações políticas e sociais no Rio Grande do Sul e na sua capital, Porto Alegre, que refletiram nos planos de urbanização para a cidade. Ainda, foram verificados o (s) motivo (s) pelo

(s) qual (ais) o modelo cidade-jardim foi adaptado em Porto Alegre, quais os projetos que foram implantados concomitantemente ao projeto da Vila Assunção, e quais as características que se mantiveram das ideias e das propostas do projeto original, uma vez que,

nas décadas de 30/40, quando Porto Alegre se vê na contingência de promover seu crescimento físico espacial, surgem na cidade uma série de bairros jardins, como as Vila Balneária Nova Belém (1930), Balneário de Ipanema (1931), Vila Conceição (1940), Vila Chácara das Pedras (1931), Vila Assunção (1938), Vila Jardim (1931/42), Vila Floresta (1938), Avenida Bastian (1937) e a Vila do IAPI (1944). Com exceção da última, as demais são frutos da iniciativa privada, cujas propagandas de vendas costumam mostrar casas recuadas das divisas do lote e ruas arborizadas, como é o caso da Avenida Bastian, com terrenos de 20m de largura. (SOUZA, 1996, p.11).

1.8.4. Do Capítulo 4: Da Trajetória do Autor

Este capítulo buscou relatar a trajetória profissional do Engº Ruy de Viveiros Leiria e a proposta para o projeto de implantação da Vila Assunção em 1937.

1.8.5. Do Capítulo 5: Da História da Vila Assunção

Neste capítulo da pesquisa foi realizado o levantamento dos dados históricos para acessar os vestígios do passado e realizar um percurso no tempo e identificar os motivos que levaram a escolha do projeto para a Vila Assunção. Além da pesquisa nos Cartórios de Registro de Imóveis da 1ª e da 2ª Zona de Porto Alegre, no Museu de Porto Alegre, na Coordenação de Informação e Processamento/Unidade de Registro da SMURB, foram realizadas entrevistas a fim de levantar dados fotográficos e relatos dos antigos moradores do bairro, buscando construir a história do lugar através da relação e sobreposição de dados. Para esta etapa da pesquisa, o método de Walter Benjamin se alinhou ao propósito deste estudo, na medida em que considera a história como “objeto de uma construção” (BOLLE, 1994, p.56) e orienta a investigação da *história a contrapelo*, ou seja, com uma abordagem para obter dos vestígios do passado as respostas sobre os acontecimentos através da cultura do cotidiano, das narrativas do cidadão comum, como a possibilidade da leitura de uma época a partir de imagens, a *imagem dialética* de Benjamin, como se refere Bolle:

Partindo da superfície, da epiderme de sua época, ele atribui à fisionomia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos materiais aparentemente insignificantes a mesma importância que às ‘grandes ideias’ e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens dialéticas coincide, para ele, com a produção do conhecimento de história. (BOLLE, 1994, p.43).

A partir da compreensão do processo histórico de ocupação da Vila Assunção, pretendeu-se, também, verificar as considerações da hipótese da pesquisa, uma vez que, foi adotada como **hipótese** que não só houve um interesse imobiliário no momento histórico em que ocorreu o projeto como também se procurou satisfazer os interesses e anseios do imaginário da sociedade porto alegreense.

Este capítulo trata, ainda, da paisagem urbana resultante a partir da implantação do projeto, uma vez que a concretização das intenções arroladas no Memorial Descritivo e representados graficamente na planta do loteamento, foram determinantes para a consolidação da imagem/paisagem da Vila Assunção.

Também foram realizadas entrevistas com moradores para, através dos relatos das experiências vividas e construídas, tanto na dimensão material quanto na imaginária, obter informações acerca das dinâmicas de ocupação e transformação do espaço.

1.8.6. Do Capítulo 6: Considerações Finais

Neste capítulo encontram-se as considerações finais, relacionando os objetivos propostos na pesquisa sobre a Vila Assunção (fig. 2) com os resultados obtidos através das informações e reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho, que busca responder à pergunta que delimitou esta dissertação.



Fig. 2 – Vila Assunção: Detalhe do Campanário da Igreja N. Sra. da Assunção.
Foto de Daniela Marzola Fialho, 2017.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para o melhor entendimento das questões a serem abordadas na pesquisa serão usadas como referência para sua interpretação três itens que servem de sustentação para o referencial teórico da pesquisa, quais sejam: a configuração da paisagem urbana que ocorreu a partir da escolha do projeto definido para o lugar, a relação entre identidade e memória para a construção da história do bairro e, por fim, os aspectos simbólicos formados através do imaginário da sociedade.

2.1. Paisagem: uma reflexão sobre o (s) conceito (s)

A definição de *paisagem* como um conceito formal de uma vertente da geografia moderna emerge no final do século XIX e início do XX na Alemanha, dando início à geografia cultural. Neste contexto,

kulturlandschaft foi um termo criado por Otto Schlüter¹ (1872-1959) para designar a paisagem transformada pelo homem, traduzido em paisagem cultural, em oposição à *naturalandschaft*, a paisagem natural, da qual a ação do homem não estaria presente. (RIBEIRO, 2007, p.18).

A partir das análises morfológicas de Carl O. Sauer² (1889-1975), ocorreram mudanças no conceito de paisagem. Esta seria definida como “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais” (CORRÊA, ROSENDAHL, p.23, 2004), ou seja, o resultado da ação contínua de uma determinada cultura em um determinado meio. De acordo com Sauer,

a geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana (SAUER in CORRÊA, ROSENDAHL, 2004, p.29).

Segundo Ribeiro (2007, p.26), após 1970, a geografia, além do viés cultural passa a considerar o aspecto subjetivo da paisagem, com a criação de diferentes escolas. Entre elas, a chamada *geografia humanista*, que, ao contestar a geografia cultural, passa a avaliar o homem como um agente geográfico que utiliza e modifica o seu meio ambiente

¹ Otto Schlüter (1872-1959), geógrafo alemão que elaborou uma metodologia que se baseou no conceito de paisagem e sua morfologia em face das marcas que a ação humana deixa na superfície terrestre como a expressão geográfica da cultura: a paisagem cultural, que representou uma contribuição essencial ao pensamento Sauer e de seus discípulos na “Escola de Berkeley”.

² Carl Orwin Sauer (1889-1975), geógrafo americano que publicou, em 1925, uma das mais significativas proposições para a análise morfológica da paisagem, onde definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural.

de acordo com as necessidades de seu tempo. Nos anos 1980, a *nova geografia cultural*, cria a metáfora da “paisagem como texto” ao definir a paisagem como “uma interação complexa entre o objeto e o sujeito, numa relação de tempo e espaço, acrescidos de valor material e imaterial, valorizando os aspectos simbólicos da paisagem” (RIBEIRO, p. 26, 2007).

Ao longo da história, a palavra *paisagem* traz consigo muitas variações de sentido e definições. A paisagem tem sido vista como conceito capaz de fornecer unidade e identidade num contexto de afirmação em diversas áreas de pesquisa como sendo uma das formas de leitura do mundo.

Na mesma linha de estudo e pesquisa, acerca do conceito de geografia como sendo uma forma de leitura do mundo, o geógrafo Ruy Moreira (2007), dá o início de um esquema teórico-metodológico para suas definições. Ao considerar que a relação homem-meio é o eixo epistemológico da geografia, esta relação estrutura-se a partir da combinação entre paisagem, território e espaço, uma vez que são consideradas categorias da geografia e, portanto, base de construção de uma imagem e de uma leitura geográfica das sociedades. Para produzir uma forma de representação de mundo, a geografia tem que idealizá-lo como espaço, uma vez que a paisagem revela sua imagem. Por este motivo, o conhecimento em geografia inicia na descrição da paisagem através do visível nesta paisagem e a compreensão da estrutura invisível do espaço. O território, é o recorte do espaço desses objetos na paisagem, como define Moreira:

A paisagem é o ponto de partida metodológico, o plano da percepção sensível dos objetos e seu arranjo, que serão lidos e descritos com a ajuda dos princípios. Em seguida, vem o território, a partir da identificação dos recortes de domínios mapeados no arranjo da localização e distribuição e assim dos sujeitos da paisagem. O resultado final é o espaço, aparecendo na clarificação do conjunto como uma estrutura qualificada de relações, em cuja base está o caráter histórico da relação homem-meio, a sociedade geograficamente organizada (MOREIRA, 2007, p.118).

Da sua dimensão morfológica, qual seja, do conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, a paisagem geográfica foi acrescida à *dimensão histórica*, uma vez que passa a ser compreendida como um produto da ação humana ao longo do tempo; à *dimensão espacial*, na medida que ocorre numa determinada área da superfície terrestre e à *dimensão simbólica*, na medida em que expressa valores, crenças, mitos e utopias, ou seja, portadora de significados. (CORRÊA, ROSENDAHL, 2004, p.8). Neste sentido, a geografia passa a perceber e valorizar a dimensão cultural do urbano, na medida em que, resulta da ação ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem

natural, resultando a paisagem cultural ou geográfica. Em resumo, nas palavras de Sauer, “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1925 apud CORRÊA, ROSENDAHL, 2004, p.9).

Nesta pesquisa, que aborda o estudo da paisagem no contexto urbano, considera-se que através da relação natureza e sociedade, sob a ótica da análise da paisagem, será possível compreender, em parte, a estratégia de organização e de apropriação do espaço urbano produzido em um determinado período. Ao estudar a paisagem da Vila Assunção como o resultado dos processos produtivos e culturais de um grupo de pessoas em um determinado lugar e, da consequente transformação daquele espaço em um sistema material, considera-se a paisagem como a materialização da ação humana no espaço, uma vez que,

sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga. A paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura. Dentro dos amplos limites do meio físico da área há muitas escolhas possíveis para o homem. Este é o significado da adaptação, através da qual, auxiliado por aquelas sugestões que o homem aprendeu a partir da natureza, talvez por um processo imitativo, atingimos o sentimento de harmonia entre o habitat humano e a paisagem com a qual ele se mistura de forma tão adequada. Mas esses também são oriundos da mente humana, não são impostos pela natureza, daí serem expressões culturais (SAUER, 1925 apud CORRÊA, ROSENDAHL, 2004, p.59).

Segundo estas considerações, Sauer apresenta uma questão de fundamental importância ao considerarmos o estudo das paisagens: sua dinâmica. Portanto, os lugares não são objetos estáticos, se transformam em conjunto com as sociedades que vivenciam este espaço, “com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação” (SAUER, 1925 apud CORRÊA, ROSENDAHL, 2004, p.43). A cidade pode assim ser vista como um texto no qual se leem as sociedades através das transformações a que as formas naturais foram submetidas pelas mãos do homem, possibilitando interpretações da paisagem urbana.

2.1.1. Paisagem Urbana

A pesquisa aqui apresentada propõe-se a buscar a definição e o conceito de paisagem através da contribuição da área da Geografia, na medida em que sua abordagem agrega diferentes produções e apropriações do território, e entende que cada grupo social constrói seus significados simbólicos que refletem a forma como se percebem e de como compreendem o mundo, como descreve Jean-Marc Besse,

Um dos postulados teóricos e historiográficos mais disseminados atualmente referentes à noção de paisagem na modernidade faz dela essencialmente uma representação de ordem estética, cuja origem seria, antes de tudo, pictórica. De fato, três termos são encadeados (representação, estética e pintura) para afirmar que paisagem é, de maneira geral, uma construção cultural, que ela não é um objeto físico, que ela não deve ser confundida com o ambiente natural, nem com o território, nem com o país. A paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela ou realizada sobre o território (BESSE, 2006, p.61).

Ao abordarmos a paisagem urbana, será definido o que se entende sobre a paisagem sobre o território, no espaço urbano, como um processo de representação da sociedade numa determinada época e lugar, possibilitando leituras da sociedade que a produziu. Milton Santos conceitua a paisagem como

o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. (...) A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade (SANTOS, 2014, p.103-104).

Mesmo que o escritor estabeleça uma distinção entre paisagem e espaço, admite que “paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe” (Santos, 2014, p.104). Desta maneira, uma paisagem poderá ter diversos valores sobrepostos, sem que haja um predominante ou que se sobressaia, e que serão valorados no seu contexto, como resultado das aspirações da sociedade no momento atual, representados através de seus elementos.

Ainda, ao relacionar a paisagem a um palimpsesto, a transforma em um valioso instrumento para a pesquisa, na medida em que permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto e vinculada à leitura das representações produzidas pelo homem no espaço. Para isto, serão consideradas as abordagens da História Cultural, a fim de reconhecer, não só a marca dos elementos físicos, mas os significados a eles

atribuídos, e que são elementos constitutivos para a percepção da paisagem. Considerando, ainda, que

a paisagem constitui uma perspectiva nova para as questões relativas ao projeto urbano e ao pensamento sobre a cidade, em geral. Num contexto que não é mais o da cidade histórica, mas talvez aquele da "cidade difusa", da "cidade célebre", ou da "cidade exposta", a paisagem é doravante considerada por muitos como um recurso para o urbanismo, ou mais geralmente para as estratégias de ordenamento do espaço em diferentes escalas. A preocupação com a paisagem ocupa hoje um lugar decisivo nas preocupações sociais e políticas devido à qualidade dos locais de vida oferecidas à população, em relação às interrogações sobre a identidade dos lugares, sobre a governabilidade dos territórios, ou ainda sobre a proteção dos meios naturais (BESSE, 2009, p.11).

Como podemos verificar, a paisagem se constitui numa interface entre a esfera humana e a natureza, na medida em que expressa uma diversidade de enfoques a partir da ocupação humana do território. Sua abrangência, referida por Besse, estabelece uma concepção integrada da paisagem possibilitando, a partir do seu estudo, compreender a dinâmica da transformação e da apropriação dos espaços.

Na análise geográfica de Besse, “mesmo sendo a paisagem uma dimensão do visível, esta paisagem é o resultado, o efeito, ainda que direto e complexo, de uma produção” (Besse, 2006, p.65). Por isso, a percepção humana, a princípio, apreende um aspecto exterior da paisagem, uma impressão a partir de sua materialidade. Além disso, a pesquisa busca compreender o que podemos indicar como “interior” da paisagem, através das informações e pistas obtidas através dos relatos do cotidiano da vida dos moradores.

Ao também considerar que “a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente, na medida em que a acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial” (Santos, 2008, p.73). Milton Santos (2008) e Jean-Marc Besse (2009) apresentam similaridades nas suas abordagens. Neste sentido, acreditamos que a inserção de comunidades num ambiente projetado de forma intencional e as interações daí decorrentes, são determinantes para conformar as imagens e os significados do lugar. Isso levou ao questionamento do *por que* e *de que* a paisagem é produzida a partir da escolha do modelo cidade-jardim para a elaboração e implantação de projetos urbanos contemporâneos. No conceito de Besse,

a paisagem é o produto das interações, das combinações entre um conjunto de condições e de restrições naturais (geológicas, morfológicas, botânicas, etc) e um conjunto de realidades humanas, econômicas, sociais e culturais. São essas interações que, no tempo e no espaço, respondem pelas mudanças percebidas nas paisagens

visíveis. A paisagem é o efeito e a expressão evolutiva de um sistema de causas também evolutivas: uma modificação da cobertura vegetal ou uma mudança nos mecanismos da produção agrícola se traduzem nas aparências visíveis (BESSE, 2006, p.66).

Neste sentido, entende-se que qualquer intervenção humana na natureza provoca sua transformação. Essa transformação é cultural, uma vez que as paisagens exibem significados simbólicos enquanto produto da apropriação e da transformação da natureza pelo homem. Dessa forma, a paisagem existe a partir do resultado das relações de produção, reprodução e transformação da sociedade a partir de uma determinada demanda.

Para tanto, recorremos a Augustin Berque (1984), quando aponta que podemos compreender a paisagem por duas maneiras: como marca e como matriz. “*Marca*, pois expressa uma civilização, mas é também *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura”. (BERQUE, 1984 apud CORRÊA ROSENDAHL, 2004, p. 84-85).

Considera-se pertinente refletir esse papel simultâneo de *marca*, como um texto, “uma grafia que o homem imprime na superfície terrestre” (Corrêa, Rosendahl, 2004, p.10) e de *matriz*, como um contexto, na medida em que as marcas compõem matrizes, isto é, “condições para a existência e ação humana” (Corrêa, Rosendahl, 2004, p.10), a fim de conferir um suporte material para a elaboração desta pesquisa.

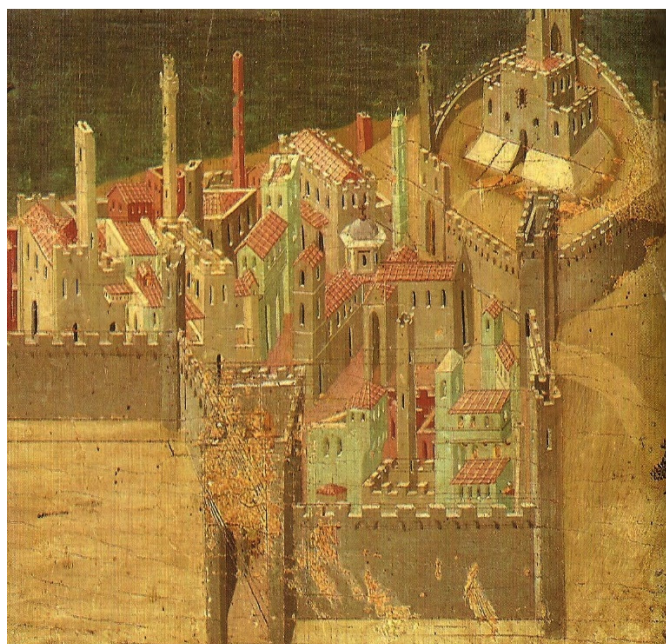


Fig. 3 - La Cité, 1346. Ambrogio Lorenzetti. Siena, Pinacoteca Nacional. De acordo com Le Goff, este quadro é a primeira representação conhecida de paisagem urbana, que se encontra na Pinacoteca de Siena. Fonte: Imagem reproduzida do livro Por Amor às Cidades, de Jacques Le Goff, p.122, 1998.

A imagem de Ambrogio Lorenzetti é a representação de uma cidade medieval, mas pode se equiparar às condições de implantação do bairro-jardim Vila Assunção: apresenta na elevação do terreno, no topo, a capela, localizada no centro de uma praça, e as edificações construídas em sua volta. As muralhas de *La Cité* (Fig. 3), de Lorenzetti, podem ser relacionadas como uma barreira física, tal qual o rio, a pedreira e a avenida Wenceslau Escobar, elementos da estrutura urbana que circundam e estabelecem os limites físicos do bairro-jardim (Fig.4).



Fig. 4 – Vista aérea atual do Bairro Vila Assunção. Fonte: www.skyscrapercity.com (Ricardo Amaral)

2.2. Identidade e Memória

A relação entre identidade e memória está presente ao longo da pesquisa histórica. Abordar os aspectos identitários de uma comunidade em uma determinada época implica trabalhar com a memória no presente:

O conceito de identidade deve articular-se ao de memória Há diversas definições de identidade, mas geralmente a formulamos como conjunto de características que tornam algo inconfundível; a memória refere-se ao papel evocativo dessas características. Os traços identificadores dos lugares funcionam como símbolos atuantes na construção da memória social através de sua associação a eventos expressivos da história coletiva (KOHLSDORF, 2005, p.2).

Como diz Maria Elaine Kohlsdorf, a identidade torna único, a memória é sempre lembrança. A identificação de determinado lugar depende da forma que ele se apresenta e se comunica com as pessoas. “Se isso ocorrer no cotidiano, teremos transmissão mais ampla e irrestrita de informações espaciais necessárias à construção da memória coletiva” (Kohlsdorf, 2005, p. 2). A partir dessa premissa, é a percepção cotidiana dos espaços pelos moradores do lugar que estabelece a articulação contínua entre memória e identidade. Assim, o lugar é transformado em um símbolo para a sociedade que nele vive, estabelecendo uma relação entre a história de cada sujeito e sua memória, que é revivida através de suas lembranças. Estas lembranças, por sua vez, remetem a ligação afetiva da história de cada pessoa ou grupo delas, com o lugar, como um traço de sua identidade, a “*memória física e social da cidade*” (BICCA, 2010, p.12).

Le Goff considera que, a memória representa “um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (1994, p.453). E, acrescenta que,

como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1994, p.423).

Sendo assim, a memória é referência, na medida em que estabelece o percurso para a construção da própria história e da identidade. Ainda em relação ao conceito de memória, Pesavento (2000) a define como “processo mental e imagético”, onde “a memória reapresenta, no tempo do presente, uma vivência e uma sensibilidade transcorridas num outro momento”. Portanto, a memória é processo e lembrança do ocorrido, revivida no tempo presente. A sociedade pode, a partir dos registros da memória, reconstruir seu passado e construir sua história a partir de referências simbólicas, portanto culturais, que estabelecem sua identidade. “O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios” (CHANGUEUX apud LE GOFF, 1994, p.424).

Por isso, ao questionar a complexidade do conceito de identidade como o centro essencial do “eu” de uma pessoa, Hall (2014) esclarece que, através da concepção sociológica clássica “a identidade é formada pela “interação” entre o “eu” e a sociedade” (HALL, 2014, p.11). Sob este aspecto, a identidade relaciona, amarra, “costura” o indivíduo ao contexto. E como diz Le Goff (1994, p.41), “o processo para compreensão histórica é mais o de um saber dedutivo que demonstrável... A significação em história é essencialmente contextual”. E, na medida em que o processo de identificação está

relacionado à maneira como nos projetamos naquilo em que nos representa, é estabelecida a identidade: “é definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2014, p.12).

Nos conceitos referentes à memória se insere a questão da identidade, uma vez que o indivíduo tende a internalizar os significados e os valores culturais do meio através da sua interação com a sociedade, conforme reflete Le Goff (1994, p.436): “A memória, distinguindo-se do hábito, representa uma difícil invenção, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual; como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo”.

Como indica Hall (2014, p.11), “ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. ” Neste sentido, entende-se que a pesquisa deve direcionar o olhar para a identidade entre o indivíduo e o lugar, a fim de verificar o modo que o morador se insere na estrutura urbana do bairro Vila Assunção, por entender que desta maneira, “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. (HALL, 2014, p.11).

No espaço urbano do objeto de estudo desta pesquisa, atualmente novos elementos marcam a paisagem, como vias asfaltadas, edifícios comerciais, residências construídas, lado a lado, em condomínio e prédios residenciais. Contudo, nas narrativas de alguns moradores existem elementos que continuam marcados na memória, entre eles, do tempo em que as balsas mantinham o percurso entre a capital e a parte sul do estado, transportando passageiros e mercadorias; do tempo em que a praia no rio era utilizada por banhistas de forma recreativa, do tempo em que os percursos a pé pelo bairro eram realizados de forma livre e segura. Por isso, consideramos a importância para o encaminhamento desta pesquisa o estudo da memória do bairro-jardim Vila Assunção, com o objetivo de buscar *nos vestígios* mencionados por Le Goff, e nas *vivências* referidas por Pesavento, a constatação das hipóteses relacionadas no trabalho. Desta maneira, entendemos pertinente a realização de entrevistas e o registro dos relatos dos moradores do bairro, além da coleta de imagens que estabeleçam relação com a paisagem urbana em diferentes épocas da evolução do bairro, a fim de recuperar, através das narrativas e dos registros, os elementos de:

exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas

palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas: é uma conversão do olhar histórico.(...) A memória é uma elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. (...) A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1994, p.472-476).

A cidade é um espaço urbano, resultado de uma obra coletiva construída através de um processo contínuo ao longo do tempo, que reúne e concentra os homens. Pode ser concebida como escrita, com traços, com desenhos, com imagens. Michel de Certeau (2014) se refere ao “texto” urbano que é escrito pelos praticantes e caminantes, na medida em que exploram um texto ao percorrerem as ruas da cidade: “os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares” (CERTEAU, 2014, p.163). A escrita, pressupõe sua leitura, que nem sempre é linear e de fácil percurso. Pode apresentar nas linhas da trama, trechos tortuosos, descontínuos ou interrompidos, tal qual se apresenta na Vila Assunção. A escrita da cidade apresenta uma trama entre o visível e o invisível. Entre o concreto e o subjetivo, construindo traços da memória sobre o espaço, conforme define Jacques Leenhardt (2015) no seguinte trecho:

A cidade é um texto de textos, a conjugação de vários textos imbricados uns nos outros, que devem ser lidos como um palimpsesto. Eles carregam a marca do tempo e reconstituem, hoje, aos nossos olhos, a dissociação cada vez maior entre a arquitetura dos prédios da cidade e a cidade mesma como tecido ou como gramática (LEENHARDT, 2015, p.17).

A análise dessas “marcas do tempo”, através dos registros da memória dos moradores, é aqui compreendida como o conjunto de representações da sociedade próprias de uma época, que, num dado momento, deu sentido ao modo de viver deste grupo social. Ao resgatar, através da memória individual as representações de uma época, são estabelecidas condições para o reconhecimento das expressões do imaginário coletivo.

2.3. Imaginário

O imaginário, para Sandra Pesavento,

faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.(...) Ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente (PESAVENTO, 1995, p.15).

Observa-se que na medida em que as sociedades criam para si um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, se estabelece um simbolismo com um significado para aquela comunidade e com tudo o que se relaciona com ela. Os imaginários sociais se estabelecem a partir de “símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas” (PESAVENTO, 1995, p.24), ou seja, de códigos através dos quais a sociedade constitui uma representação de si. Neste sentido, na medida em que as sociedades criam para si um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, se estabelece um simbolismo com um significado para aquela comunidade. O conceito trabalhado nesta pesquisa será o de imaginário social urbano, a fim de compreender os valores associados aos espaços da Vila Assunção, em especial aos espaços públicos.

Muitos autores trouxeram reflexões da questão urbana a partir da relação entre o homem e a cidade através das práticas sociais, com os modos coletivos de viver e de imaginar o social e que se estabelecem como referências para o habitante. O imaginário busca sentido para as coisas e para os fatos e a cidade é a projeção no espaço físico deste *imaginário social* (SOUZA, 2008, p.109). Na busca por subsídios no que se refere ao projeto urbano da Vila Assunção, objeto de estudo desta pesquisa, na perspectiva do Imaginário Social e da História Cultural, revisito Pesavento, quando considera que,

no limiar dos anos 90, a nova história cultural, resgata a cidade como representação ou conjunto de representações, fruto de um imaginário social urbano. Este tipo de enfoque coloca a cidade como uma das representações elaboradas por um sistema de ideias e imagens de representação coletiva a que podemos chamar de imaginário social. Ou seja, as representações da cidade se ligam às ideias e figurações imagéticas que as sociedades têm do seu espaço e da vida social que ele encerra. (PESAVENTO, 1994, p.1)

Neste contexto, podemos realizar a leitura da cidade a partir do resgate da representação coletiva, para, decifrá-la a partir do cruzamento dos dados objetivos (materiais) com os dados subjetivos (imateriais).

Em 1937, ano do lançamento do empreendimento imobiliário para o loteamento da Vila Assunção, o material de divulgação se reportava a imagens e ao discurso relacionado a partir da construção de um imaginário social, atribuindo um diferencial à uma parcela da população, a partir de um estilo de vida propostos para o lugar, através da projeção de uma utopia, “de uma sociedade radicalmente outra, de um mundo em tudo melhor que o mundo real” (AINSA, 1991 apud PESAVENTO, 1995, p.22).

Portanto, esta pesquisa se apoiará na diversidade de formas de representação da sociedade para compreender o projeto do espaço urbano da Vila Assunção em sua totalidade, na medida em que através do conjunto das percepções e vivências do

coletivo será possível desvendar, através do imaginário daquele grupo social, um outro viés da história do bairro. Para seu entendimento, faz-se necessário a interpretação dos relatos dos moradores, como prática para decifração a partir da visão de mundo de cada indivíduo para a “ordenação de sonhos e desejos coletivos” (PESAVENTO, 1995, p.22). Por isso, foram entrevistados antigos moradores e seus familiares (que vivenciaram o espaço quando crianças) e moradores de um tempo mais recente, a fim de compreender os processos pelos quais aconteceram as práticas sociais nos espaços públicos e privados, buscando, através desses relatos, pistas para a construção do “quebra-cabeças”, de Benjamin, citado por Pesavento (2004).

Ao passar do artesanato para a produção em série, o homem provocou radicais mudanças em sua vida e em seu meio ambiente. Nas grandes metrópoles, essas transformações se cristalizaram, e somos obrigados a vivê-las diariamente de forma contundente.

As cidades antigas se inseriram harmoniosamente nos sítios em que eram implantadas e havia um equilíbrio maior entre os homens e o meio urbano. Várias razões contribuíram para isso: a escolha cuidadosa do local onde a cidade seria construída, em função da topografia, do clima, dos acidentes naturais, etc.; as praças que eram locais de reunião, e as ruas, por onde se andava livremente, eram objeto de cuidadoso estudo. As casas se relacionavam, formando conjuntos intensos de convívio. O campo, a natureza, estavam próximos.

Roberto Burle Marx, conferência proferida em 1983.

3. O MOVIMENTO CIDADE-JARDIM: Origens e Aplicações

O movimento cidade-jardim consagrou-se na passagem do século XIX ao XX, a partir da formalização das propostas do teórico inglês Ebenezer Howard³, publicadas em 1898, na obra *To-morrow: a peaceful path to real reform* (Amanhã: um caminho pacífico para uma verdadeira reforma), reeditado em 1902 com o título de *Garden-Cities of To-morrow* (Cidades-jardins de amanhã), edição que difundiu a obra fora da Inglaterra.

O impacto do livro de Howard exerceu grande repercussão nas realizações urbanísticas, principalmente, das três primeiras décadas do século XX na história do urbanismo e da urbanização das cidades que foram produzidas na modernidade. Desde então, a denominação Cidade-jardim⁴ foi incorporada ao vocabulário do urbanismo em todo o mundo ocidental (HOWARD, 1902 apud OTTONI, 1996, p.37). A Cidade-jardim de Howard, demonstrada através de um modelo teórico e de diagramas, se propunha a ser uma instituição independente, situada próxima a uma metrópole, mas com sua própria indústria, administração, área comercial, e bairros residenciais, além de possuir uma área verde, circundante aos limites físicos da cidade, buscando uma aproximação entre o campo e a cidade, e a autossuficiência agrícola da comunidade.

Estudos têm se aprofundado para a compreensão das influências das teorias de Howard, uma vez que vários projetos de planejamento urbano concebidos em datas anteriores a 1898, desenvolvidos, principalmente, para as áreas denominadas subúrbios-jardins na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos apresentam características do modelo cidade-jardim. Robert Stern, na publicação intitulada *Paradise Planned: The Garden Suburb and the Modern City*, de 2013, sistematiza, através de uma pesquisa minuciosa realizada em parceria com David Fishmann e Jacob Tivole, a história do desenvolvimento do subúrbio-jardim⁵, como um fenômeno que teve origem na Inglaterra

³ Ebenezer Howard (1850-1928) começou a trabalhar aos 15 anos em escritório de corretagem de fundos públicos aprendendo estenografia e tornando-se um especialista. Aos 22 anos, viaja aos Estados Unidos, e torna-se estenógrafo em Chicago. Volta à Inglaterra em 1876 e torna-se repórter do parlamento inglês. Militante, desde 1879 no movimento socialista inglês, em 1898, publica o livro *Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform*, revisado e reeditado com o título *Garden Cities of Tomorrow*, em 1902, e passa a ser o criador do conceito de cidades-jardins (STERN, R., 2013, p.212.).

⁴ Cidade-Jardim – refere-se a núcleos urbanos que buscam viver independentes de outras cidades e que surgiram dentro de uma perspectiva de planejamento com finalidades sociais amplas e um espírito que buscava reunir cidade e campo numa harmonia que não havia na cidade industrial. A cidade-jardim propunha-se a criar um espaço em que seus habitantes vivessem autonomamente, rejeitando a sociedade e a cidade industrial que se encontrava congestionada e ameaçadora. (WOLFF, S., 2015, p. 31.)

⁵ Subúrbio-Jardim – caracterizam-se como extensões, conectadas com o tecido urbano, ou não, mas viabilizados pela sua relação de dependência com uma cidade preexistente. Implantavam-se nos arredores das cidades industriais e sua origem, sua sobrevivência e seu desenvolvimento dependiam da existência das cidades da era industrial. (WOLFF, S., 2015, p. 31.)

no final do século 18 e que foi rapidamente adotado/replicado nos Estados Unidos e no norte da Europa, e, gradualmente, proliferado ao redor do mundo. “Subúrbios-jardim, em suma, foram concebidos como partes ou dependências de grandes cidades enquanto as cidades-jardim foram destinadas a ser amplamente autossuficientes”, resume Robert Stern (2013, p.203).

Verifica-se, antes mesmo do século XIX, a busca constante de alternativas para as cidades, relacionadas à construção de uma estrutura física visando o desenvolvimento de uma sociedade ideal. Desta maneira, reformadores, industriais e especuladores começaram a prescrever alternativas para as cidades, cada vez mais superlotadas, e em condições precárias. Em sua pesquisa, Stern considera como o primeiro esquema na linha desta utopia urbana, os tópicos conceituais encontrados na publicação de 1619, *The Description of a Cristian Republic*, do teólogo germânico-luterano, Johann Valentin *Andreae* (1586-1654), que descreve, a partir da narração de um naufrago em uma ilha, as condições morais exigidas para que lhe fosse concedida a entrada nos limites da cidade utópica de *Christianopolis* (Fig. 5), concebida como “uma ilha, um pedaço do mundo em miniatura” (MUMFORD, 1922, p.83).

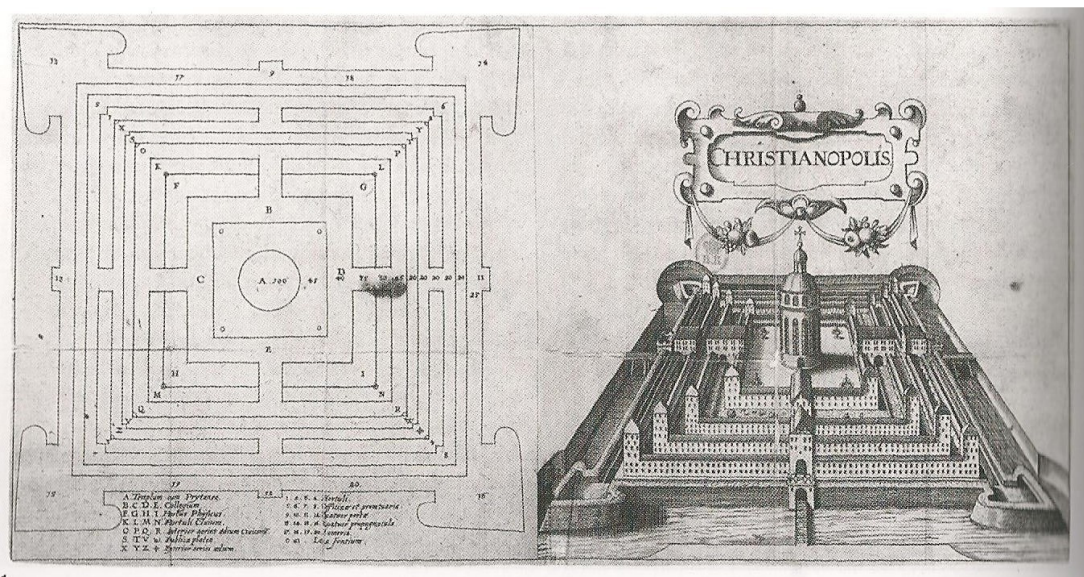


Figura 5 – Planta e perspectiva para Christianopolis, 1619. Fonte: STERN, 2013, p.204.

A intenção de *Andreae* estava concentrada na formação de uma civilização cristã pacífica, conduzida pelo espírito comunitário, com uma sociedade baseada em valores morais e íntegros, com acesso à educação e a justiça. Considerava, também, que não haveria a necessidade da propriedade privada, de moeda, artigos de luxo e prisões, e que o trabalho seria confiado a cada integrante, de acordo com a virtude de cada indivíduo e a necessidade da comunidade. A publicação inclui um plano que apresenta uma cidade quadrangular, aos moldes de uma fortificação, na qual quatro faixas

concêntricas de edifícios alternam com espaços abertos. No espaço central se localiza a igreja, com uma torre circular. Em volta, os edifícios destinados a atividades educativas, culturais e científicas. Os edifícios internos a este, seriam ocupados por apartamentos e o anel externo voltado para os negócios: indústria, comércio, armazéns e matadouros.

Stern aponta não haver encontrado indícios para confirmar a influência do plano de *Andreae* de Christianopolis, para o modelo de cidade-jardim de Howard. Entretanto, assinala que, em 1922, Lewis Mumford⁶ (1922, p.85), cita na publicação *The Story of Utopias*, que o zoneamento de *Andreae* “antecipou a prática do que foi elaborado até hoje, após um século de construção desordenada”.

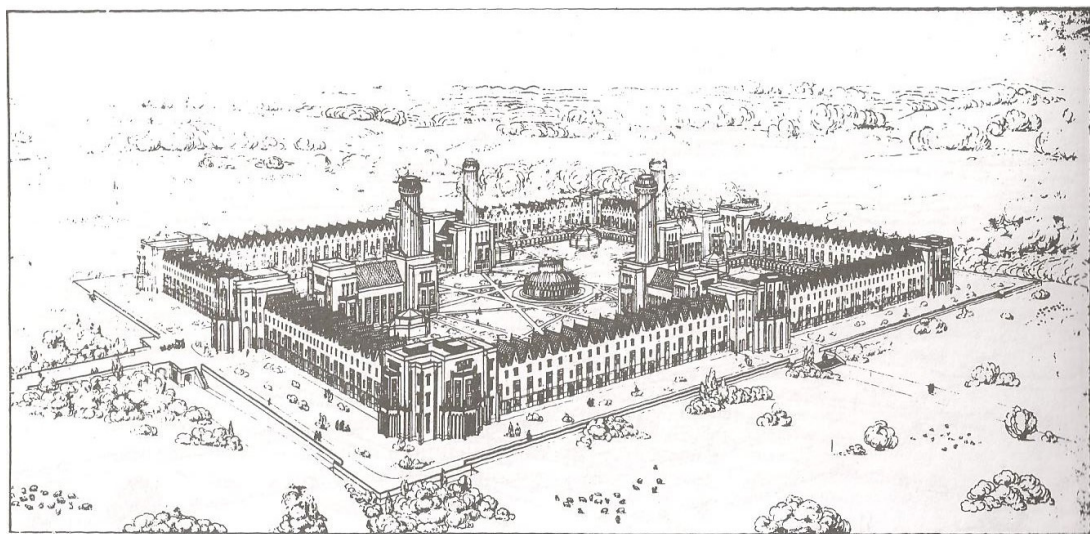
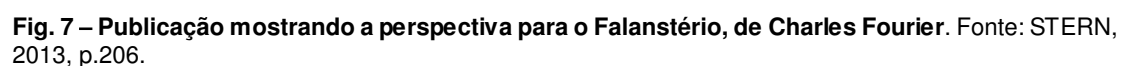


Fig. 6 – Gravura de 1825 com a proposta da aldeia de New Harmony, em Indiana, EUA. Fonte: BENEVOLO, 2015, p.568.

Modelos urbanísticos que solucionassem os problemas dos grupos sociais no ambiente da revolução industrial seguiram sendo propostos com novas tipologias urbanas. Robert Owen (1771-1858), rico industrial inglês, propõe, entre 1817 e 1820, a construção de uma nova comunidade para um grupo de 1.200 pessoas numa área de 500 hectares. O plano, inicialmente apresentado ao governo central inglês não obteve sucesso. Desta maneira, em 1835, Owen adquire uma área em New Harmony, no estado de Indiana, nos Estados Unidos, a fim de implementar a primeira aldeia-modelo, organizando a ocupação dos espaços de acordo com a função de cada um dos indivíduos daquela sociedade (Fig.6). Trata-se de uma comunidade autossuficiente, onde “o excedente

⁶ Lewis Mumford (1895-1990) nasceu em Nova York, escritor, crítico literário e professor. Seus primeiros textos publicados tanto em jornais quanto em livros, firmaram sua reputação como escritor interessado pelas questões urbanas. Participou, na década de 1920, nos Estados Unidos, de um grupo de planejadores regionais, entre eles Clarence Stein, Henry Wright e Catherine Bauer. Depois de 1942, lecionou ciências humanas e planejamento urbano e regional em várias universidades americanas.

Na França, Charles Fourier (1772-1837), escritor francês, contemporâneo de Robert Owen, deu expressão arquitetônica a uma utopia, publicada em 1829. O modelo proposto, apresentado numa descrição detalhada a partir de um novo modelo de viver e de morar com viés filosófico e político. Destinada para pessoas de diferentes posições sociais, denominada *Phalange* (Fig.7), deveriam ser de propriedade cooperativa, permitindo que os cidadãos compartilhassem dos lucros. Esta comunidade estaria concentrada em um único edifício, denominado *Falanstério*, destinado a abrigar 1.620 pessoas, número definido a partir da identificação de “810 tipos de natureza humana”, abrigando dois “exemplos” de cada “tipo”, além de setorizado de acordo com a faixa etária e atividade do morador. Deveria ser construído em uma área de 250 hectares, desconectado da cidade, apresentado com o aspecto de um palácio monumental, tendo como modelo o Palácio de Versailles. Ao seu redor, 400 hectares de terra seriam destinados ao cultivo e pastagens (HOWARD, 1996, p.22).



Fourier nunca encontrou um patrocinador que implementasse seu plano, mas suas ideias foram largamente aceitas, principalmente nos Estados Unidos, onde seguidores empenharam esforços para sua realização (STERN, 2013, p.206).

Em 1870, Jean Baptista André Godin (1817-1888), empresário e industrial francês, inventor de um modelo popular de fogão em ferro fundido, constrói para seus operários da fabricação de ferro na cidade de Guise, na França, um edifício inspirado no *Falanstério*. Com as mesmas intenções das demais propostas que priorizavam a organização coletiva, o *Familist rio*, também conhecido como o Palácio Social (STERN, 2013, p.207), difere da proposta de Fourier ao manter reunido o grupo familiar em acomodações particulares, similares aos apartamentos dos edifícios contemporâneos, e com os serviços de escolas, creches, lavanderias e banhos públicos em áreas comunitárias, construídas em blocos distintos (Fig.8).



Fig. 8 - Familist rio em Guise, na França. Reprodução da gravura impressa com a vista geral do complexo, 1871. Fonte: HOWARD, 1996, p.23.

Stern distingue, também, James Silk Buckingham (1786-1855), jornalista e membro do Parlamento inglês. Ao viver nos Estados Unidos de 1837 a 1841, sofreu influência com o estilo de vida que observou em Economy⁷, na Pensilvânia e publica, em 1849, o livro *National Evils and Practical Remedies with the Plan of a Model Town*, (Males Nacionais e Remédios Práticos com o Plano de uma Cidade Modelo) em que ele não apenas critica os males da sociedade, mas apresenta sua visão para uma cidade ideal, completa e autossuficiente. Denomina a cidade como *Victoria de Buckingham* (Fig.9), para homenagear a Rainha e também para comemorar “uma grande vitória moral sobre muitos dos males que agora afligem a sociedade” (STERN, 2013, p.207). Esta não teria

⁷ Economy, foi uma das aldeias fundadas em 1825, no estado norte-americano da Pensilvânia, seguindo os princípios de administração e hábitos de vida de harmonia e cooperação, propostos por Robert Owen, inicialmente para New Harmony.

mais do que 10.000 moradores, vivendo em uma comunidade de 620 acres, cercada por um cinturão agrícola de 10.000 hectares.

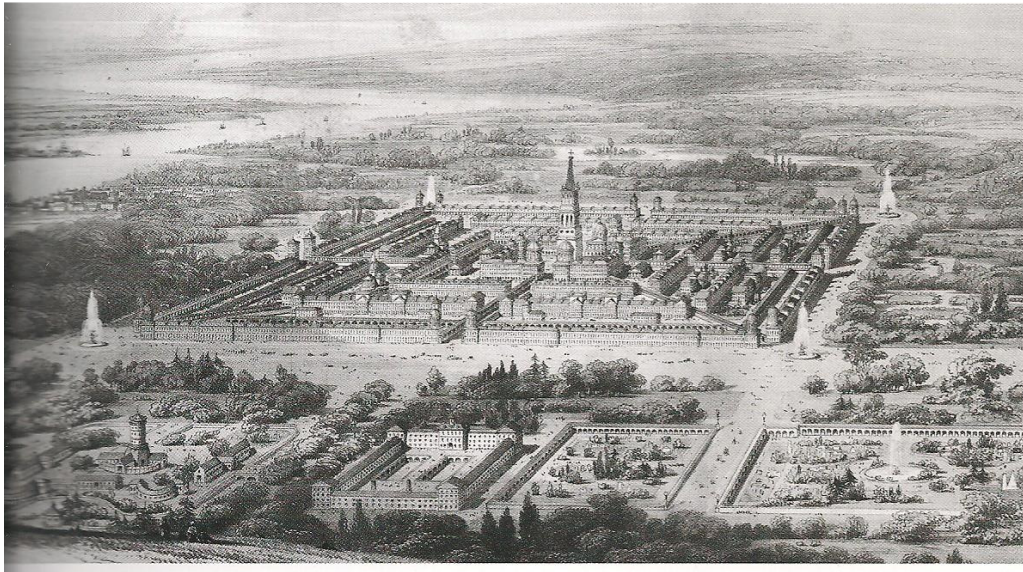


Fig. 9 – Perspectiva da Cidade de Victoria, idealizada por James Silk Buckingham, 1849. Fonte: STERN, 2013, p. 207.

Buckingham, um discípulo de Robert Owen, pretendia que seu projeto fosse o protótipo de muitas outras cidades. Ao prefaciá-lo, descreve sua trajetória, desde 1809, quando, ao servir como oficial na ilha de Trinidad publica diversos artigos de cunho abolicionista, defendendo uma sociedade livre nas colônias inglesas, indicando, entre outros aspectos, que o trabalho livre tornaria a sociedade muito mais justa e produtiva. Sugeriu a formação da Associação da Cidade-Modelo para desenvolver e manter a propriedade da terra, das casas, das fábricas e dos materiais da cidade proposta, *Victoria*. Na proposta, a área central de Victória teria edifícios públicos e acadêmicos em torno dos quais os quadrantes concêntricos da cidade alternariam entre residências, ruas, parques, jardins, edifícios públicos e arcadas cobertas de vidro, acomodando oficinas e lojas, numa referência às galerias/passagens parisienses e, ao que seria visto no Palácio de Cristal, construído para a Grande Exposição de Londres, em 1851, de Joseph Paxton.

Em *Victoria*, Buckingham define, ainda, que fora dos limites da cidade estaria localizado um parque público. Os moradores deveriam estar vinculados por um código social de princípios morais e de comportamento, que se não fosse acatado, levaria à expulsão daquele grupo social. Embora o projeto não tenha avançado, verifica-se que muitos princípios foram considerados nos projetos da Cidade-jardim de Howard.

Robert Pemberton (1788-1879), filantropo que residiu em Londres e Paris, conforme descrito por Robert Stern, publicou em 1854, *The Happy Colony*, com uma proposta

para a construção de uma cidade modelo, na Nova Zelândia - provavelmente a escolha pela facilidade com que a terra poderia ser adquirida. A proposta é acompanhada de dois desenhos, apresentando uma cidade circular, com uma milha de diâmetro, dividida em anéis, que se tornam maiores na medida em que se afastam do centro (Fig. 10). Justifica a escolha desta forma geométrica, argumentando que “todas as grandes formas da natureza seriam redondas: o sol, as estrelas, a lua, os planetas, o nosso mundo, a forma humana, os animais, as árvores e talvez tudo na criação animada” (STERN, 2013, p.208).

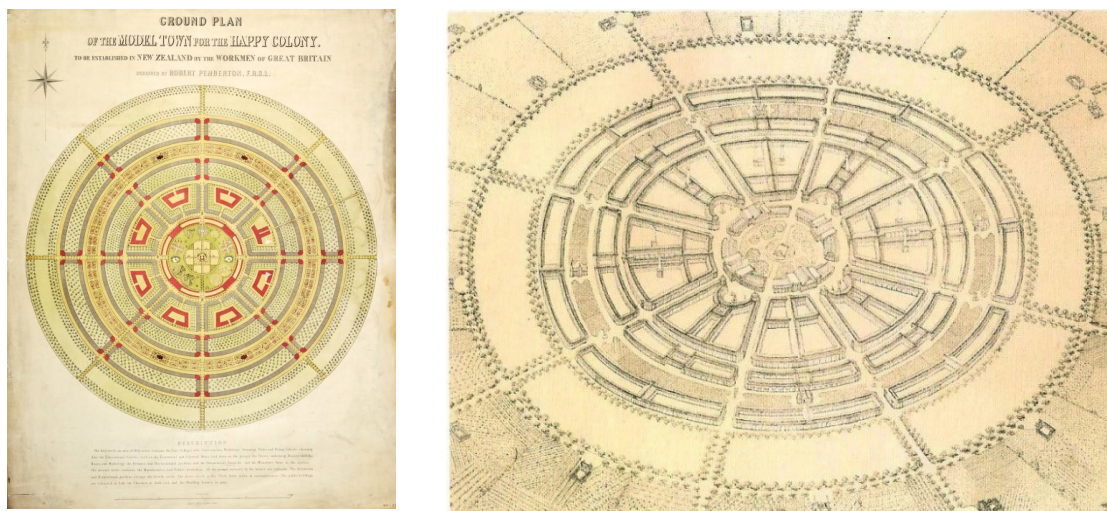


Fig. 10 – Planta e croqui perspectivo para Happy Colony, Nova Zelândia de autoria de Robert Pemberton. Fonte: STERN, 2013, p.209.

Reconheceu, ainda, a vantagem da forma circular para o planejamento do tráfego, uma vez que “os ângulos retos se opõem a harmonia do movimento, e em uma cidade deve haver movimento. Portanto, o melhor método para a livre circulação para os homens e para os animais, deve ser adotado” (STERN, 2013, p.208). As ruas seriam amplas, espaçosas e com árvores ornamentais plantadas. Por considerar a implantação em um novo continente, declarou abandonar o sistema das cidades dos países antigos em tudo o que diz respeito às cidades de formação ruim, relacionando e condicionando sua má formação à má formação das mentes que ali habitam, uma referência à estrutura urbana de ruas “torcidas” e em ângulos, imundas e desagradáveis. Robert Pemberton estabelece que no primeiro círculo, numa área de 50 hectares, estariam localizadas quatro faculdades com conservatórios, oficinas, banhos e escolas de equitação adjacentes a cada faculdade. No segundo círculo, os edifícios das fábricas. Jardins com hortas públicas ocupam o quarto círculo. Os anéis externos para casas e jardins e o círculo exterior contemplaria um parque com três milhas de circunferência. No croqui, verifica-se que as avenidas radiais, perpendiculares ao centro são arborizadas e

atravessavam as fazendas e os pomares da paisagem circundante. A forma circular antecipa um dos diagramas da Cidade-jardim proposta por Howard.

Ebenezer Howard admite, no décimo capítulo de seu livro, *Garden Cities of Tomorrow*, de 1898, que seu projeto para a Cidade-jardim é uma combinação e uma síntese de três outras concepções, entre eles o projeto não realizado, da cidade de *Victoria*, de Buckingham – os outros foram as propostas para um movimento migratório organizado da população, apresentados por Edward Gibbon Wakefield⁸ (1796-1862) e pelo professor Alfred Marshall (1842-1924); e o sistema de posse fundiária proposto inicialmente por Thomas Spence (1750-1814) e mais tarde revisado e defendido por Herbert Spencer (1820-1903), (STERN, 2013, p.207). O modelo teórico proposto por Howard, que passou a ser referência para inúmeros projetos, mais que um desenho urbano ou diagrama, era o resultado de uma abordagem crítica sobre as condições inadequadas de ocupação, saneamento e desigualdade provocados pela falta de planejamento urbano da cidade industrial. Desta maneira, a fim de reverter a tendência de concentração urbana e da falta de qualidade destes espaços, a proposta acompanhava propósitos de uma reforma de âmbito social, estimulando um ambiente comunitário, em uma estrutura que potencializasse as vantagens da cidade e as do campo.

No século XIX a Revolução Industrial provocou profundas marcas nas cidades europeias, particularmente em Londres, na Inglaterra, a então, maior cidade do mundo. No início dos anos 1800, a cidade contava com um milhão de habitantes, em 1851, com dois milhões e meio de habitantes, chegando a quatro milhões e meio de habitantes em 1901, cobrindo a totalidade da área de 30.000 hectares referente ao Condado de Londres (BENEVOLO, 2015, p.672). Além disso, considera-se que outros dois milhões de habitantes viviam fora dos limites da área urbana, somando seis milhões de habitantes no início de 1900. O crescente e progressivo aumento da população das cidades na época industrial causou inevitável avanço da poluição do ar e dos cursos d'água, tornando visível a precariedade e os problemas de salubridade e higiene, desencadeando deterioração ambiental do espaço urbano do núcleo existente e a formação da periferia, construída ao redor de seus limites. Nesse sentido, a partir dos

⁸ De Edward Gibbon Wakefield, político inglês, Ebenezer Howard absorve a ideia de formação de colônias compostas por membros de todas as classes, com população urbana e agrícola equilibradas, que, segundo Alfred Marshall seriam provenientes de movimento emigratório de Londres, formando uma comunidade autossuficiente. De Herbert Spencer, introduz a ideia de transformar a propriedade privada em propriedade comunitária, de maneira que todos os homens sendo proprietários estariam em igualdade para converterem-se em inquilinos da comunidade. E, de Thomas Spence acrescenta à proposta itens que definem as contribuições individuais que irão pagar a terra, os impostos do governo e as obras a serem realizadas com estes recursos (OTTONI, 1996, p. 43).

avanços tecnológicos advindos com a revolução industrial, se evidencia uma nova estrutura social e o surgimento de novas perspectivas de mundo.

A construção de um novo espaço físico a partir de concepções de cunho social e filosófico agregadas a propostas urbanísticas pretendiam promover profundas reformas na sociedade, buscando-se a partir do modelo implementado a construção de um ideal de vida comunitária (SOUZA, 2008, p.112). Entre elas se destaca o modelo Cidade-jardim, elaborado a partir de influências de propostas distintas, constituindo a época, um emergente campo cultural e profissional, para o trabalho de urbanistas e reformistas nas áreas de expansão das cidades, associadas à novas concepções de vida urbana. Na realização da aplicação destas teorias, novos espaços foram constituídos com um conjunto de significados que foram incorporados como nova realidade, transformando parcelas das cidades em “metáforas exemplares de um determinado modo de vida” (SANTOS, 1988, p.33).

Diferentemente da abordagem social do modelo proposto por Howard, o princípio do projeto para a Cidade-jardim foi largamente aplicado e reproduzido na construção dos subúrbios para a classe média americana, que reconheceu nos elementos do urbanismo representados através do modelo, a imagem simbólica do seu pretense estilo de vida: o “*the american way of life*” (SOUZA, 2008, p.114). Desta maneira, foram realizados projetos usando como elementos estruturais o traçado orgânico, não ortogonal, respeitando as curvas de nível e aspectos singulares da paisagem: casas unifamiliares localizadas no centro do terreno, em meio a jardins, sem muros ou cercas, estabelecendo uma proximidade e cumplicidade entre o espaço de uso público e privado, em ruas arborizadas, com circulação de automóveis e de pedestres, em parte interligadas e em parte segregadas, criando percursos distintos percebidos através da distinção de uso dos espaços.

Além das concepções e propostas aqui referidas, a Cidade-jardim de Howard também sofreu influências por outras realizações inglesas do século XIX, tais como a cidade fabril de *Port Sunlight*, de 1888 (Fig. 11) e, *Bournville*, de 1897 (Fig. 12), os bairros-jardim *Regent Park*, de 1810-23, projetado por John Nash, e *Bedford Park*, de 1875-81 (Fig. 13), projetado por Maurice B. Adams (ANDRADE, C.R.M., 1998, p.43).

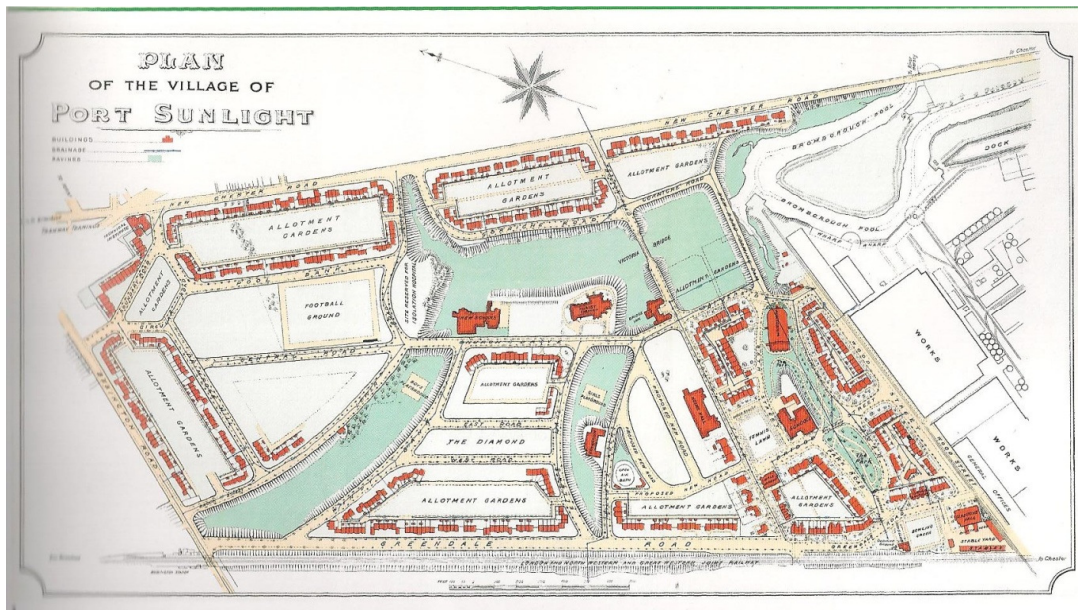


Fig. 11 – Projeto para Port Sunlight, 1888. Fonte: STERN, 2013, p.221.

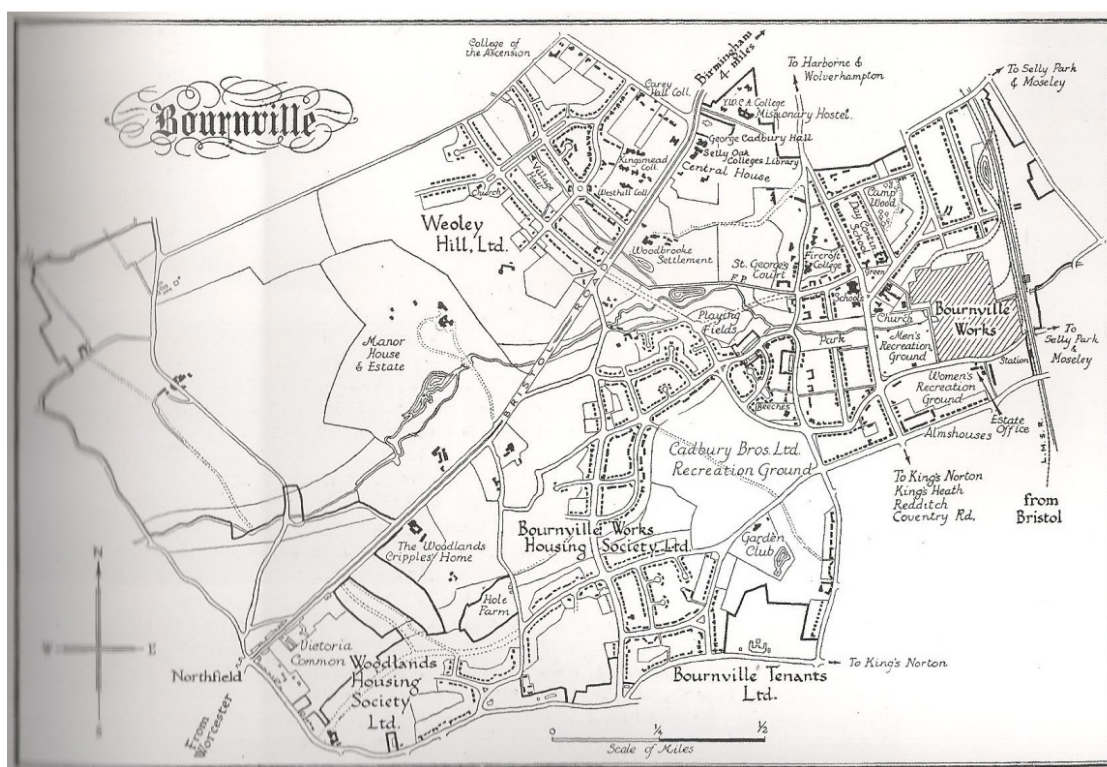


Fig.12 – Planta de Bournville, 1897. Fonte: STERN, 2013, p.225.

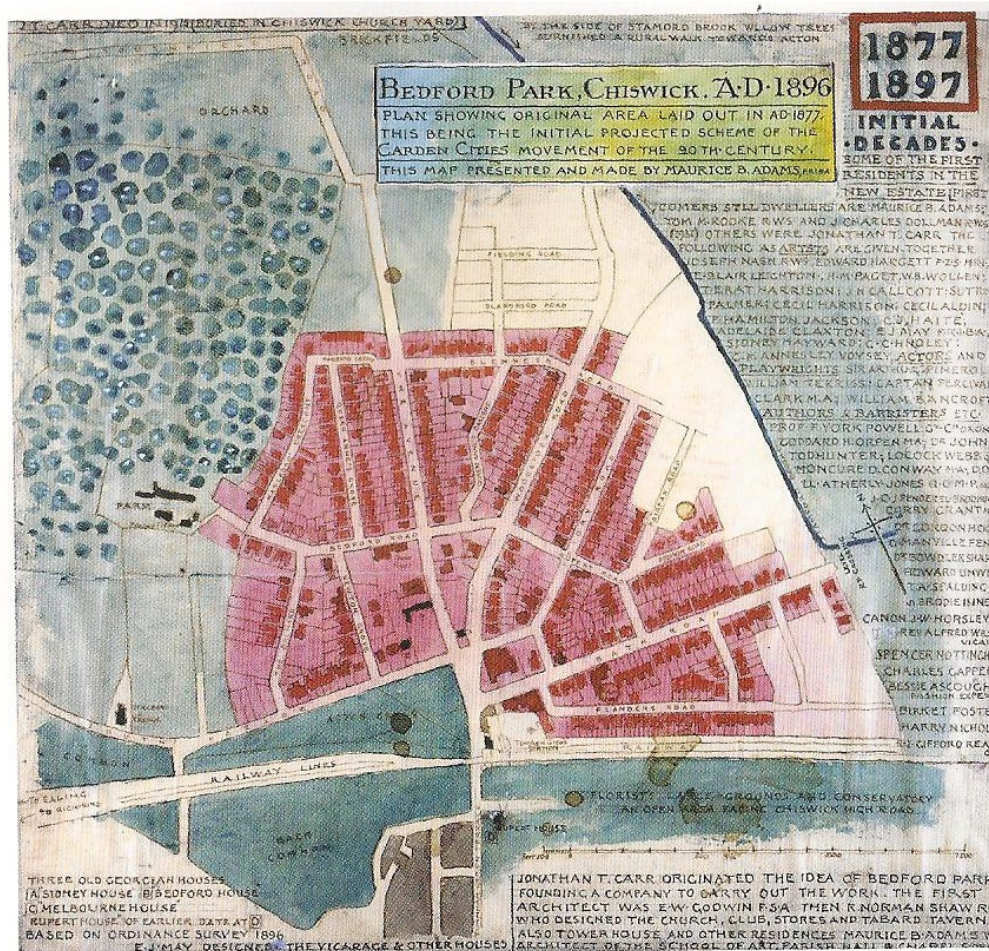


Fig. 13 – Bedford Park, Planta de 1877. Desenho da área realizado por Maurice Adams. Fonte: STERN, 2013, p.40.

“O avião deu asas aos homens e a cidade-jardim prometeu-lhes melhor moradia para quando descesse à terra.”

Lewis Mumford, 1944, no prefácio da reedição do texto de Howard pela Faber&Faber, apontando as cidades-jardins, assim como o avião, como uma das grandes invenções do século XX.

3.1. A utopia de Ebenezer Howard

No final do século XIX, a proposta de Cidade-jardim formulada por Ebenezer Howard (1850-1928) e sistematizada em seu livro através de esquemas teóricos e diagramas encontrou grande repercussão no urbanismo em vários países e continentes, repercutindo na configuração das paisagens urbanas contemporâneas.

A publicação de 1898, *Tomorrow: A Peaceful Path to a Real Reform* (Fig. 14), sintetizou elementos de várias propostas sugeridas e anteriores a publicação, fato que admite, no décimo capítulo, intitulado *Uma Singular Combinação de Propostas*, que seu projeto, além de ser uma combinação de outros esquemas utópicos prévios, seria merecedor de consideração da população por “conjugar aspectos importantes de outros projetos defendidos ao longo do tempo, combinando-os, como que para assegurar os melhores resultados de cada um deles...” (HOWARD, 1996, p.170). Muitas das ideias-chave descritas no livro de 1898 tratavam de temas contemporâneos e populares, de fácil compreensão e adequados à atmosfera de reforma social do século XIX.

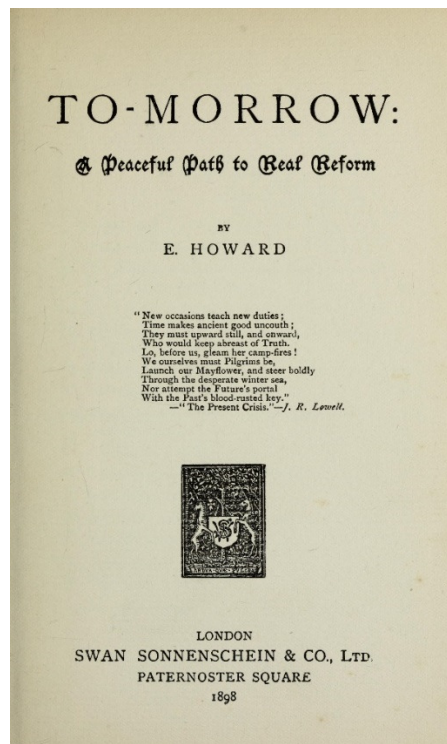


Fig. 14 – Folha de rosto da publicação do livro *Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform*, de 1898. Fonte: STERN, 2013, p.210.

Na essência, o conceito proposto a ser divulgado abordava, em detalhes, a construção de um modelo físico de cidade e de comunidade, ambos descritos de forma a atingir um padrão ideal. Assim como uma *Chave Mestra*, o modelo seria capaz de abrir todas as portas, de resolver todos os problemas existentes na cidade industrializada, conforme descreve Howard:

A chave do problema de como reconduzir as pessoas para o campo – nossos belos campos, com sua cobertura celestial, o ar que os ventila, o sol que os aquece, a chuva e o orvalho que os umedecem – a verdadeira encarnação do amor divino pelo homem – é na verdade uma Chave Mestra, porque á a chave do portal através do qual, mesmo que apenas entreaberto, parecerá derramar-se um feixe de luz sobre os males da intemperança, do trabalho excessivo, da ansiedade incessante, da pobreza opressora, isto é, sobre os verdadeiros limites da interferência governamental, lamentavelmente, e mesmo das relações do homem com o Poder Supremo. (HOWARD, 1996, p.170).

A partir desta idealização cercada de simbologias religiosas e da busca de elementos que se referem a um “paraíso” para a vida terrena, é demonstrada, graficamente, a solução através da ilustração elementar de uma chave. Na manivela, onde aplicamos a força da mão para girar o conjunto, podemos ler: “Reforma da Temperança, Reforma Fundiária, Reforma Municipal, Habitações Melhoradas. SAÚDE, RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO. Reforma de taxas Ferroviárias, Progresso da Agricultura, Reforma das Crianças, Uma incumbência para Mulheres, Pensões para Velhos.” No eixo, que une as duas extremidades da chave, as palavras Ciência e Religião, demonstrando a necessidade da conexão entre as duas expressões. E, por fim, na extremidade que apresenta a plaqueta recortada com o segredo para a abertura de todas as fechaduras, a inscrição da solução para os males das cidades através de “Uma nova cidade em uma nova terra” (Fig. 15).

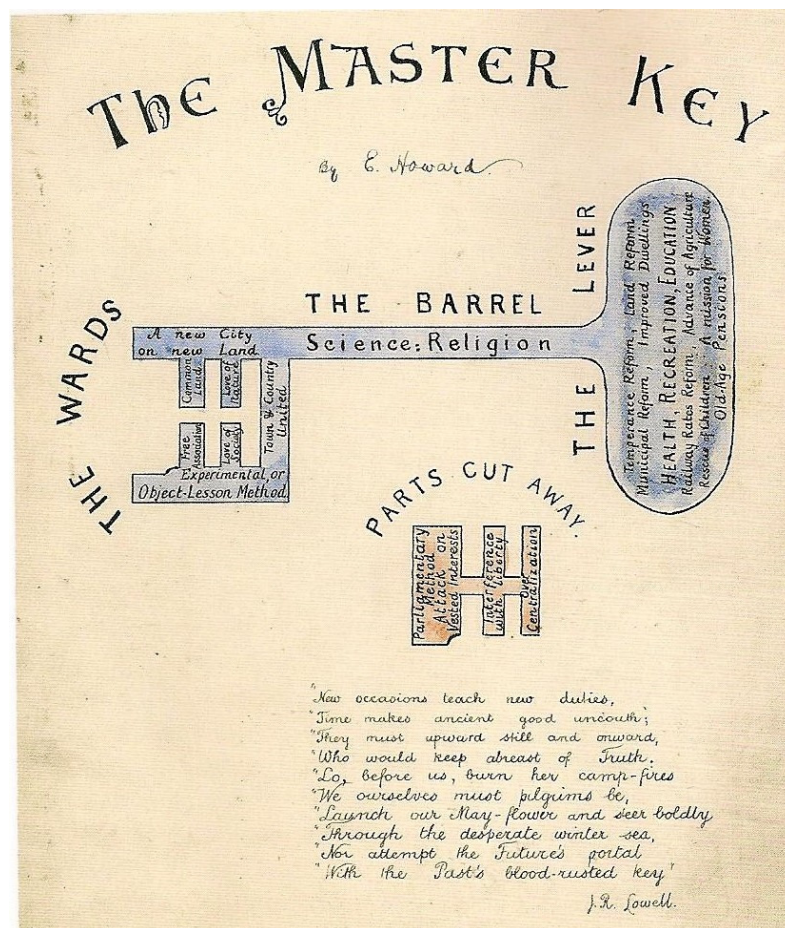


Fig. 15 – The Master Key – A Chave-Mestra: desenho de Ebenezer Howard, 1898. Fonte: STERN, R., 2013, p. 210.

No rodapé da ilustração de *The Master Key*, encontra-se o texto assinado por J.R. Lowell (The Present Crisis, Tradução: Ottoni, D. In: Howard E., 1996, p.103), transcrito a seguir:

*“Circunstâncias novas ensinam novos deveres,
“O tempo torna estranho o antigo bem;
“Devem ir avante e subir sempre os que procuram manter-se à altura da Verdade.
“Olhai, ante nós brilham seus lumes
“Também nós devemos ser pioneiros,
“lançar ao mar nosso Mayflower timoneando audazmente através das atormentadas
vagas hibernais
“Sem tentar abrir o portal do futuro
“Com a chave enferrujada pelo sangue”*

Howard elaborou, de forma pragmática, a ideia de Cidade-jardim a partir de uma combinação de propostas utópicas anteriormente elaboradas, mas profundamente pertinentes no ambiente social do final do século XIX. Surpreendentemente, o livro que teve um impacto importante no planejamento urbano não contemplava um plano urbano específico ou projeto arquitetônico. Howard não era um arquiteto ou um profissional da área de planejamento. Era um estenógrafo. Um homem com mais aptidão para discutir questões sociais do que propriamente relacionadas ao planejamento físico. Por isso, entende-se que os diagramas serviam muito mais para traduzir suas ideias a partir da identificação dos problemas sociais do que para representar uma forma para construí-las.

Seu livro *Tomorrow: A Peaceful Path to a Real Reform*, descreveu a Cidade-jardim em 176 páginas de textos, acrescidos com sete esquemas, onde ele notificava tratar de um “Diagram Only” (Somente um diagrama), deixando a outros profissionais a tradução de suas ideias em espaços físicos construídos, como afirma no quarto capítulo do seu livro:

...é humanamente impossível, que o projeto final seja obra de uma única mente. Será sem dúvida obra de muitas mentes, a dos engenheiros, dos arquitetos e dos inspetores, dos paisagistas e dos eletricitas. Mas é essencial, como dissemos, que haja unidade entre o desenho e os objetivos, que a cidade seja planejada como um todo, e que não a deixe crescer caoticamente como tem sido o caso de todas as cidades inglesas e mais ou menos o das cidades de todos os países (HOWARD, 1996, p. 135).

Ebenezer Howard, em síntese, propunha,

um plano para conter o crescimento de Londres e também repovoar a zona rural, onde as vilas estavam em decadência, construindo um novo tipo de cidade, a *Cidade-Jardim*, onde os pobres da cidade poderiam voltar a viver em contato com a natureza. (JACOBS, 2014, p.17).

Os conceitos e soluções estavam ligados à ideia de que a cidade industrial seria a causa de todos os males e que a solução, para melhorar as condições de vida das pessoas, estaria na experiência singular de viver em comunidades, desfrutando das virtudes da área rural somadas ao conforto de uma cidade moderna e planejada. Este modelo teórico proposto por Howard foi o resultado de uma reflexão de outras propostas utópicas somado a uma abordagem crítica sobre as condições inadequadas de ocupação, saneamento e desigualdades sociais provocadas pela falta de planejamento urbano e pelos efeitos advindos da instalação das indústrias nas cidades (Fig. 16). Principalmente, considerando a situação da Inglaterra à época, com a onda migratória do campo buscando trabalho nas cidades e ocasionando a estagnação e o retrocesso das aldeias e das atividades rurais, conforme declarado, à época, pelo líder sindical Ben Tillet, “A mão-de-obra está ávida por trabalho, e as terras estão famintas por mão-de-obra” (HOWARD, 1996, p.106).

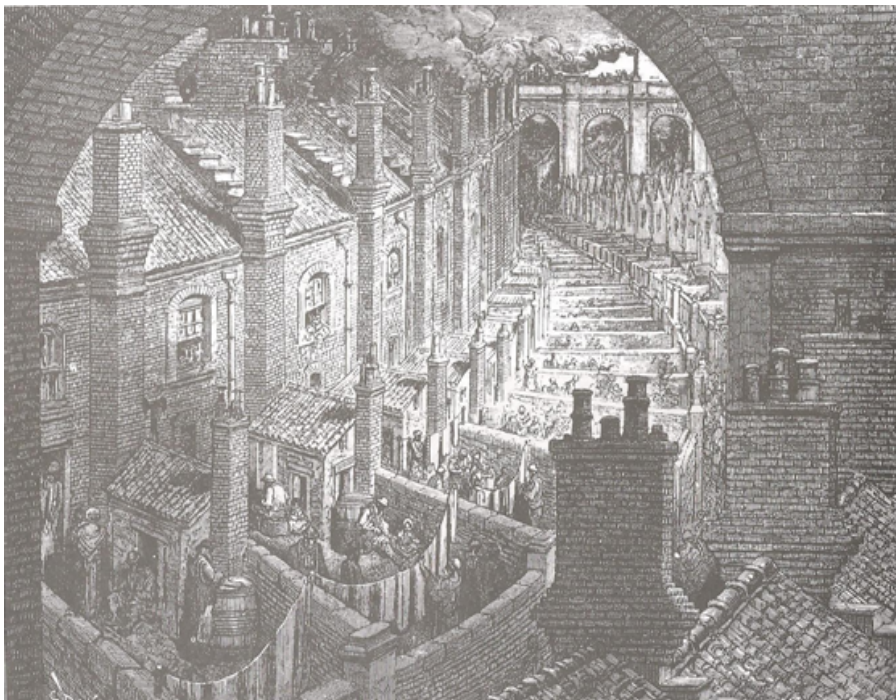


Fig. 16- Gravura de Gustave Doré, de 1872, registrando as condições de vida em um dos bairros operários de Londres, instalado sob os viadutos ferroviários. Fonte: BENÉVOLO, 2015, p.560.

A fim de reverter a tendência de concentração urbana e da falta de qualidade destes espaços, a proposta acompanhava propósitos de uma reforma de âmbito social, estimulando um ambiente comunitário, um agrupamento humano equilibrado, no qual as principais vantagens da cidade e do campo são confrontadas com suas correspondentes desvantagens, resultando numa terceira via: a Cidade-Campo, representado através do diagrama “Os Três Ímãs” - uma metáfora ao considerar a

descrição das qualidades de cada opção como um ímã e as pessoas, como alfinetes (Fig.17).

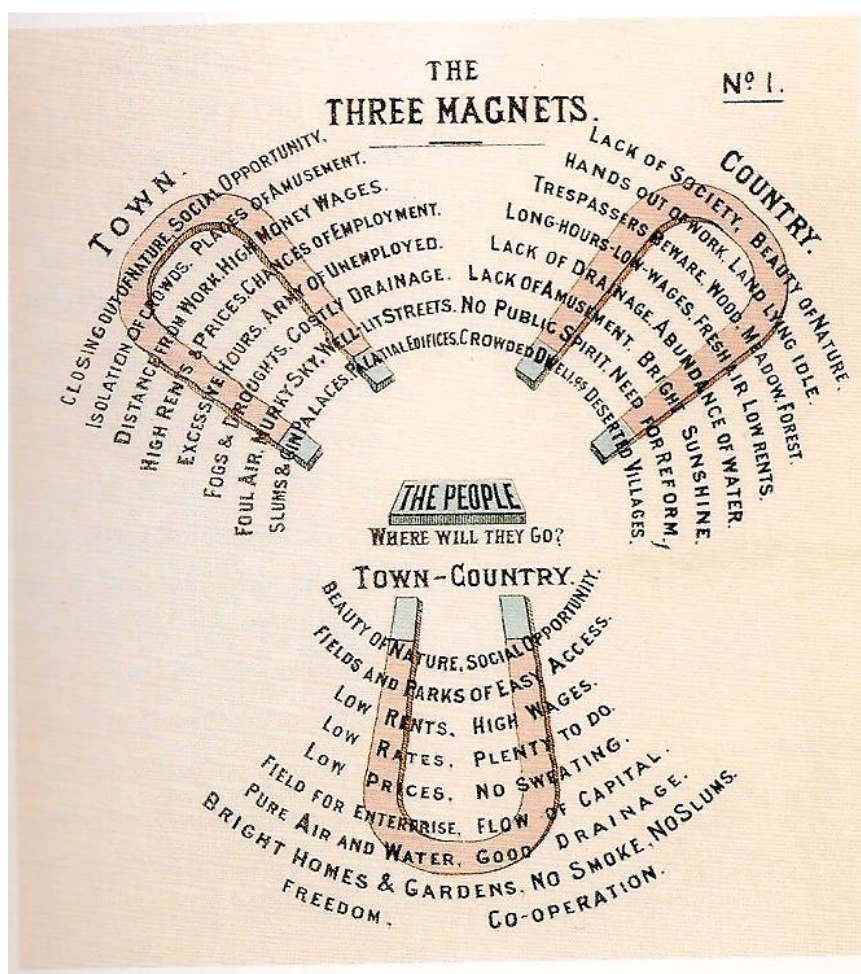


Fig.17 – Diagrama nº 1 - Os três ímãs, do livro To-morrow: a Peaceful Path to Real Reform, 1898.
Fonte: STERN, 2013, p.211.

Buscando uma solução para o fenômeno do rápido e desordenado crescimento das cidades, a Cidade-jardim de Howard apresenta como um de seus princípios a descentralização, associada a um limite para o crescimento das cidades, no que diz respeito às baixas densidades habitacionais e limites físico-territoriais.

Desta forma, representa através do Diagrama nº 2 (Fig. 18) os limites considerados para a instalação do modelo. A Cidade-jardim não deveria ultrapassar a população de 32.000 habitantes, assim como estaria limitada por uma área agrícola de 5.000 acres. Na medida em que as cidades atingissem este limite máximo de habitantes, uma nova cidade seria construída, atravessando o cinto de proteção. Este grupo de cidades complementares estaria conectada através da ferrovia, com o objetivo de formar cidades sociais, “cidades sem fumo e sem fumaça”, ocupando, no total, cerca de 66.000 acres com, no máximo, 250.000 habitantes. O mais importante era que todas as terras fossem de propriedade coletiva dos residentes da cidade-jardim, mantidos por uma

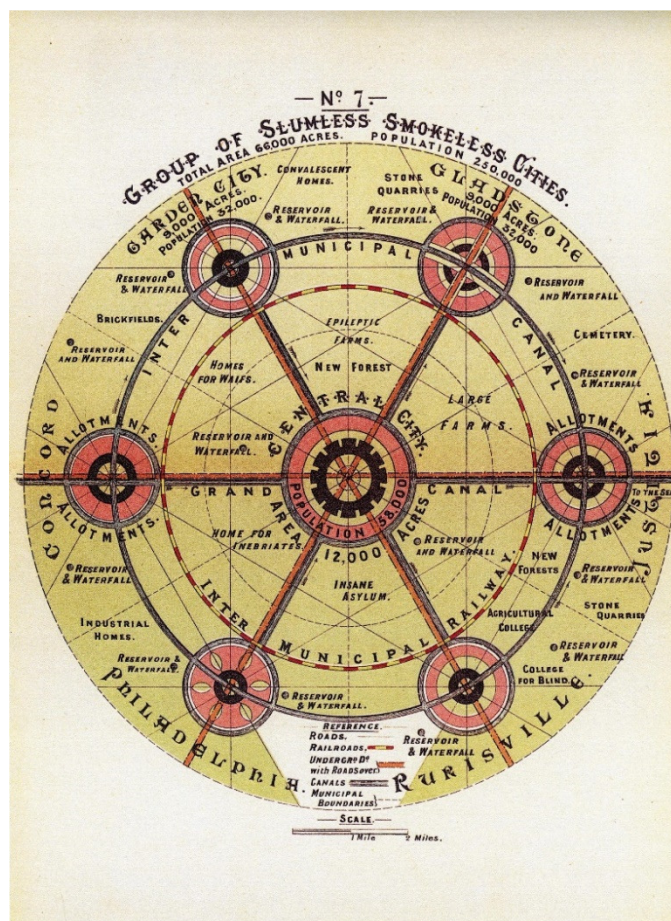


Fig. 19 – Diagrama nº 7, livro *To-morrow: a Peaceful Path to Real Reform*, 1898. Fonte: STERN, 2013, p. 210.

De acordo com Howard, o desenho referente ao Diagrama nº 7, seria a representação que a realidade viria a dar, com cada uma das cidades apresentando uma configuração distinta, em razão das suas peculiaridades geográficas que levariam a projetos diversos. A interligação entre as cidades, através de ferrovias, canais e estradas de rodagem possibilitaria a fácil comunicação e o uso comum de diversas atividades – culturais, comerciais e de lazer, levando em conta os aspectos individuais e coletivos de seus habitantes (HOWARD, 1996, p.44).

O Diagrama nº 5 (Fig.20) apresenta a ilustração do princípio correto do crescimento de uma cidade e indica as diferentes vias de conexão estabelecidas entre elas, idealizando ao relacionar o crescimento e desenvolvimento da estrutura urbana com a harmonia da evolução dos elementos da natureza:

Uma cidade, assim como uma flor, uma árvore ou um animal deve possuir a cada estágio de seu crescimento unidade, simetria, caráter completo e o efeito desse crescimento jamais deve ser o de destruir aquela unidade, mas dar-lhe um sentido maior; nem arruinar aquela simetria, mas reforçá-la ainda mais, embora a plenitude da estrutura original possa estar fundida naquela ainda maior do desenvolvimento posterior (HOWARD, 1996, p.135).

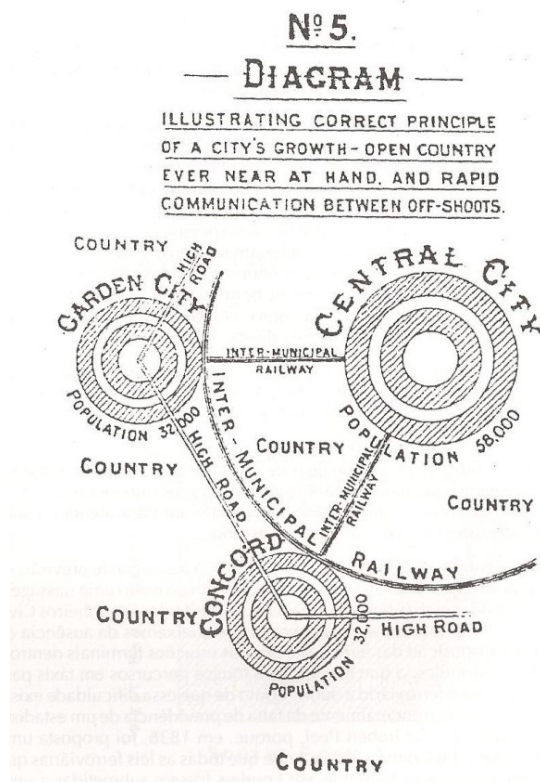


Fig. 20 – Diagrama nº 5, do livro Tomorrow: a Peaceful Path to a Real Reform, 1898. Fonte: HOWARD, 1996, p.190.

Por sua vez, o Diagrama nº 3 (Fig. 21) apresenta, em detalhes, uma seção ou distrito urbano, descrito por Howard, onde seis bulevares, cada um com 36 metros de largura, cruzam desde o centro até a circunferência, transversalmente a cidade, dividindo-a em seis partes ou distritos iguais.

O espaço circular no núcleo deste diagrama é definido como um jardim, cercado por um anel onde estão localizados os edifícios públicos – sede da municipalidade, o teatro, a biblioteca, o museu, a galeria de arte, o hospital e sala para conferências e concertos. Dos edifícios públicos até a avenida, a área é destinada a um parque de acesso público, de 56 ha, o Parque Central, rodeado por uma arcada coberta de vidro, o “Palácio de Cristal”, voltado para o Parque Central, para uso de passeio público e comercial. Saindo deste anel do Palácio de Cristal, em direção ao anel externo da cidade, encontra-se a Quinta Avenida. Como as demais ruas da cidade, Howard (1996, p.115) define que seria arborizada, de uso exclusivamente residencial, destinada a “casas excelentemente construídas”, observando limites construtivos, mas resguardando uma variada arquitetura, a fim de que seja a “expressão da preferência e do gosto individuais”.

Seguindo em direção aos arredores da cidade, encontramos a Grande Avenida, com 128m de largura, formando um cinturão verde de 4,8 Km de comprimento, configurada com anéis concêntricos para a implantação de residências, constituindo-se um parque

adicional à cidade, onde seriam instaladas, também, escolas públicas e igrejas. No anel externo da cidade estariam localizadas as fábricas, armazéns, laticínios, mercados, carvoarias, serrarias, etc., voltado para a via férrea circular, perpassando o anel externo da cidade e cujos ramais se conectam a linha principal.

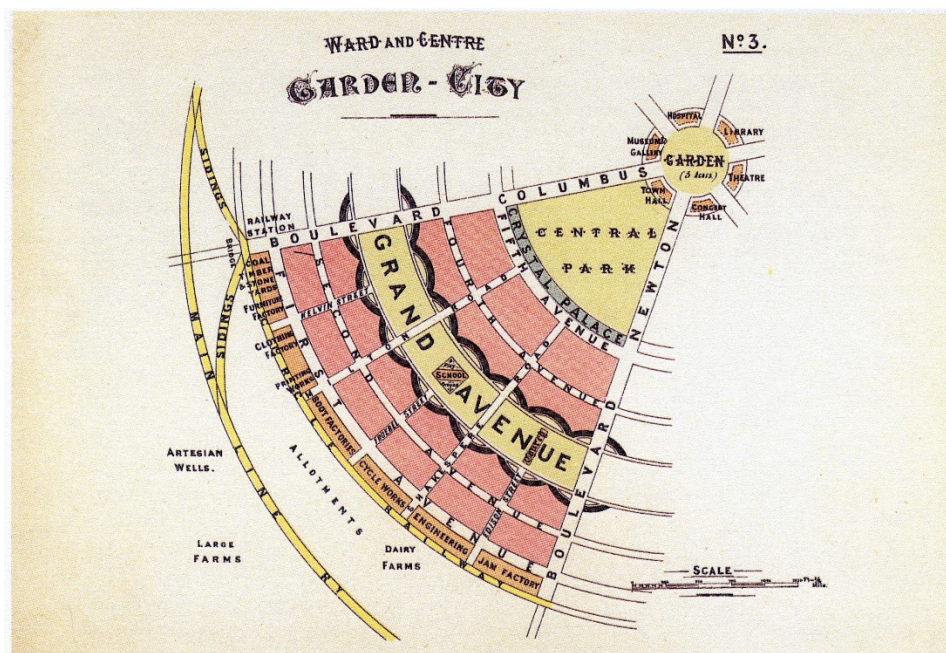


Fig. 21 - Diagrama nº 3, livro To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform, 1898. Fonte: STERN, 2013, p. 210.

Robert Stern (2013) narra que Howard era um entre nove filhos, nascido de comerciantes de classe média baixa de Londres, e que teria passado a infância em cidades pequenas. Alguns sugerem que viria daí seu amor pela natureza e apreço pela vida em comunidade. Aos quinze anos de idade, começou a buscar emprego em escritórios, trabalhando para comerciantes onde aprendeu o sistema de notação abreviada introduzido pelo inglês Isaac Pitman em 1837, em que os personagens representavam sons e não letras, uma habilidade que se tornaria sua ocupação vitalícia (STERN, 2013, p. 212). A partir do conselho de um tio, em 1871, Howard e dois amigos mudam-se para a América para tornarem-se agricultores. Estabeleceram-se em Nebraska, mas Howard decidiu que não iria trabalhar na terra e em 1872 mudou-se para Chicago, a fim de retomar o trabalho de estenógrafo. Durante quatro anos em Chicago, viveu momentos singulares na cidade, em razão da reconstrução urbana e das questões sociais envolvidas, consequência do grande incêndio de 1871. Neste período, trabalhou na empresa Remington onde buscou aperfeiçoar máquinas de escrever e empreendeu esforços para aperfeiçoar uma máquina taquigráfica. Stern considera que neste período, Howard pode ter tido contato com a cidade *Hygeia*, de A.T. Stewart, em Long Island (Fig. 22) e com o subúrbio-jardim de *Riverside* (1869), de autoria de Frederick Law Olmsted e do arquiteto Calvert Vaux.

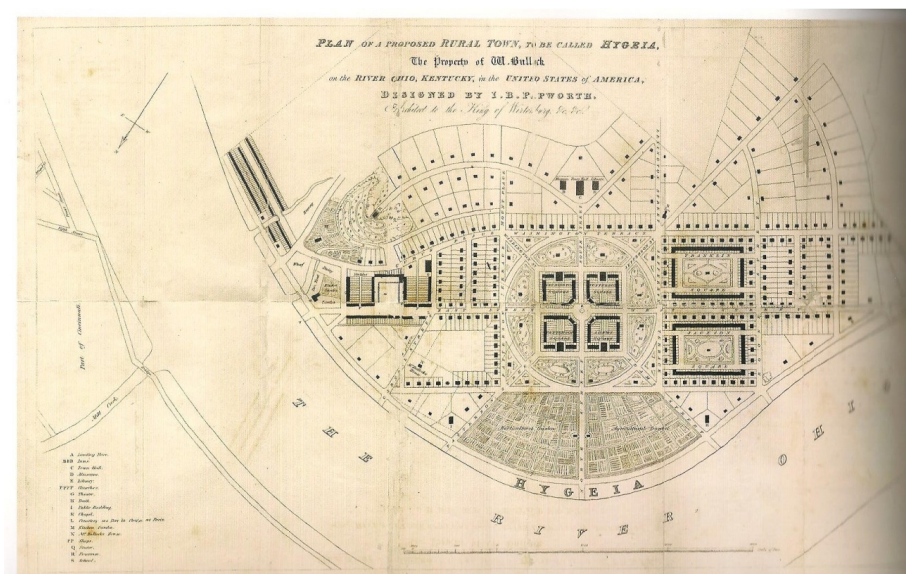


Fig. 22 – Projeto para a “cidade rural” de Hygea, Long Island, 1827. Fonte: STERN, 2013, p.241.

Riverside (Fig. 23) é considerado o primeiro subúrbio-jardim, concebido como um lugar onde “as vantagens urbanas e rurais são combinadas de forma agradável para prover a maré da migração da cidade para a periferia urbana” (Citação encontrada na Proposta Preliminar para a Vila Suburbana em Riverside, Olmsted, Vaux & CO, em STERN, 2013, p.122). No período em que Howard estava morando em Chicago, de 1872 a 1876, o desenvolvimento de *Riverside* estava muito presente na atenção do público, com a estação *Riverside* inaugurada em 1864, garantindo o transporte ferroviário regular e rápido até a cidade para os moradores (STERN, 2013, p.122).

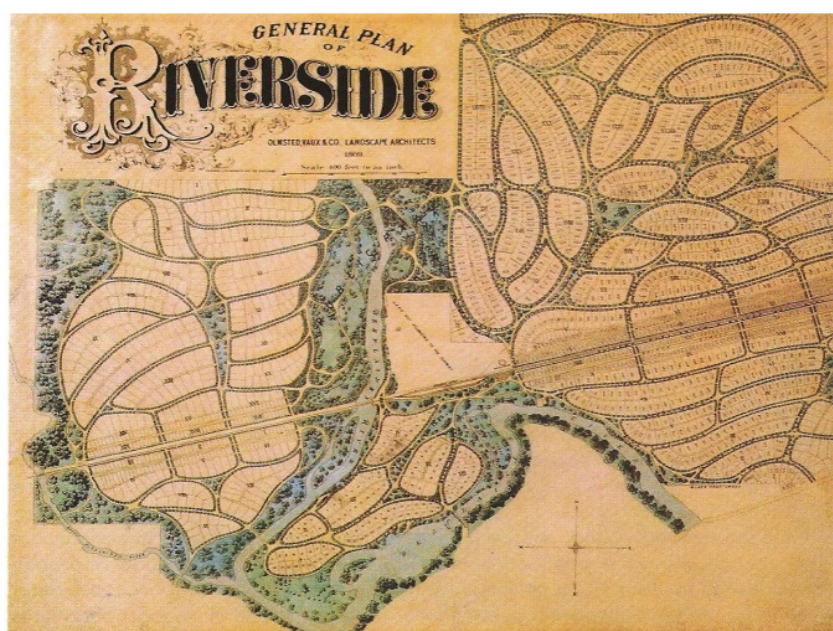


Fig. 23 – Projeto para o subúrbio-jardim de Riverside, autoria Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux. Chicago, 1869. Fonte: WOLFF, 2015, p.43.

De acordo com a pesquisa publicada por Robert Stern (2013, p.212), Howard, no final de sua estada em Chicago, teve acesso a um panfleto do médico britânico Benjamin Ward Richardson (1828-1896), intitulado *Hygea* ou a *Cidade da Saúde* (1875), no qual propunha cidades de baixa densidade populacional, padrões elevados de habitação e saneamento, abundante espaço para estacionamento e uma estação de trem/metrô - elementos que apareceriam na sua proposta para a Cidade-jardim.

Howard voltou à Inglaterra em 1876 e assumiu o cargo como repórter parlamentar, trabalho que o manteve em contato com questões da atualidade. Envolveu-se em sociedades e grupos de debate para propostas de reforma da sociedade e, através de extensas leituras, começou a escolher os elementos que o ajudariam a delinear suas ideias. Ele reconheceu ter sofrido influência de James Silk Buckingham, através das ideias para a cidade de Victoria. De Edward Gibbon Wakefield, através da proposta para estabelecer colônias na Austrália e na Nova Zelândia, onde todas as classes sociais seriam representadas. Do economista Alfred Marshall, aplicou as ideias de Wakefield na Inglaterra, convocando a migração planejada de pessoas da indústria superlotada de Londres para colônias urbanas independentes. Howard considerou, ainda, as ideias de Thomas Spence, utópico do século XVIII, de que a terra deveria ser nacionalizada, os moradores deveriam ser proprietários e as empresas deveriam pagar aluguel pelo uso da terra, a fim de fornecer renda ao município.

Em 1888, Howard foi estimulado à ação depois de ler o livro *Looking Backward*, do autor americano Edward Bellamy (1850-1898), que idealizava uma sociedade industrial cooperativa projetada para o ano 2000, desprovida de pobreza, crime, ganância, poluição e corrupção. O livro foi um Best-seller, lido por centenas de milhares de pessoas.

Em 1892, Howard havia elaborado os elementos essenciais da Garden City ou, como ele inicialmente chamou de Ruris-ville, cidade rural, circulando o esquema de suas ideias entre os colegas. Através de um presente financeiro de um amigo, em 1898, foi viabilizada a publicação de *Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform* e em 1902, Howard revisa e reedita o livro, desta vez com o título *Garden Cities of Tomorrow*, Cidades-Jardins de Amanhã.

Silvia Wolff (2015, p.32) destaca que a inspiração da expressão *Garden City*, com que Ebenezer Howard denominou a segunda versão de seu livro consagrando a teoria, atribuiu-se a um subúrbio de Nova York de 1869, o qual levava este nome. Entretanto, ressalta que o *Garden City* nova-iorquino, implantado em ruas de traçado de tabuleiro de xadrez, não se assemelha ao padrão e a imagem usualmente associada ao nome.

A repercussão do modelo urbanístico proposto a partir das ideias e valores de Howard chegou a diversos países, tal qual um modelo referencial, na construção de vários

exemplos ao redor do mundo (Fig.24), uma vez que, a qualquer tempo, trata de qualidade de vida urbana, como sintetiza o autor da proposta:

em resumo, o problema com que temos que lidar é este: como fazer de nosso experimento de Cidade-Jardim a pedra fundamental de uma forma superior e melhor de vida industrial em todo país (HOWARD, 1996, p.185).

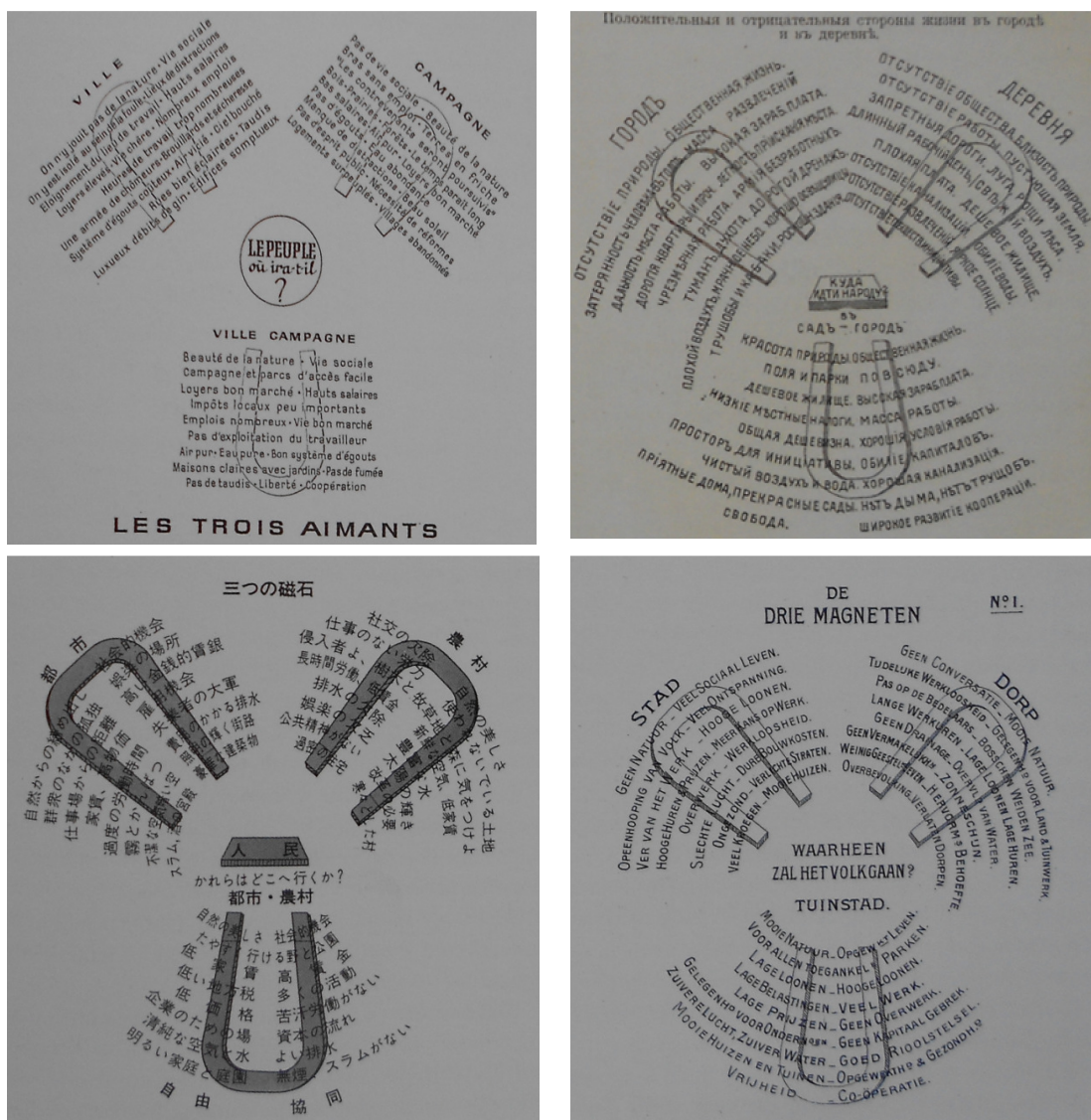


Fig. 24 – Repercussão da publicação de E. Howard pelo mundo. Traduções do Diagrama nº1- Os Três Ímãs, para o Francês, Russo, Japonês e Holandês. Fonte: STERN, 2013, p.210.

O processo de internacionalização do modelo de cidade-jardim adquiriu diferentes significados, em razão das condições históricas e culturais específicas encontradas para sua realização em distintos países. Para Andrade (1988, p.66), a “visão pragmática muito precisa” do modelo de Howard, provavelmente tenha sido um dos principais fatores responsáveis pelo êxito e propagação de suas ideias, produzindo “o primeiro

movimento internacional no âmbito da urbanística moderna, antecipando em quase três décadas o movimento dos modernistas”.

3.2. Cidade-Jardim: repercussões e aplicações do modelo

Em uma área localizada a 56 quilômetros de Londres, concretizou-se em forma urbana o modelo teórico de Ebenezer Howard, através da implantação de Letchworth, a primeira cidade-jardim criada e construída através de uma sociedade em 1902, pelo próprio Howard. Através de um concurso, a proposta vencedora foi realizada e executada pelos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker, a partir de 1903 (WOLFF, 2015, p.33).

No projeto de Letchworth (Fig. 25 e 26), as teorias de Howard foram parcialmente concretizadas. Verifica-se um conjunto de normas definidas e implantadas, entre elas, a baixa densidade populacional distribuída no desenho informal das ruas, de casas formando blocos isolados entre si e recuados dos alinhamentos fronteiros, privilegiando a escala humana, definida através da continuidade do espaço livre verde, do uso do interior dos quarteirões, ressaltando o propósito do convívio entre a comunidade no ambiente integrado à natureza (Fig. 27). Na área da cidade que foi primeiramente desenvolvida, houve o cuidado com as características naturais do terreno, com lotes dispostos em diferentes ângulos, privilegiando a paisagem do entorno e criando diversidade morfológica no espaço de uso residencial (Fig. 28). Para a implantação destas primeiras áreas residenciais, arquitetos britânicos participaram de concursos para a construção de moradias, realizados pela empresa constituída para desenvolver aquela que seria a primeira cidade-jardim da Inglaterra, a *First Garden City Ltd.* (CASTELLO, 2008, p.53). Questões como a autonomia, dimensão física controlada e o sistema de propriedade compartilhada não tiveram êxito nos termos propostos por Howard, entretanto,

Letchworth e sua paisagem urbana influenciaram os subúrbios do século XX nas formas de ocupação de áreas que levam em conta as características formais de integração de arquitetura e paisagem e também em aspectos ligados a tipologias arquitetônicas (WOLFF, 2015, p.34)

A difusão da proposta de Howard desencadeou, ao longo das décadas de 1910 e 1920, cidades e subúrbios-jardins em quase todos os continentes. O modelo foi consagrado

tanto para atender carências habitacionais decorrentes das demandas de uma classe trabalhadora como para atender ao aumento populacional da classe média instalada no meio urbano.

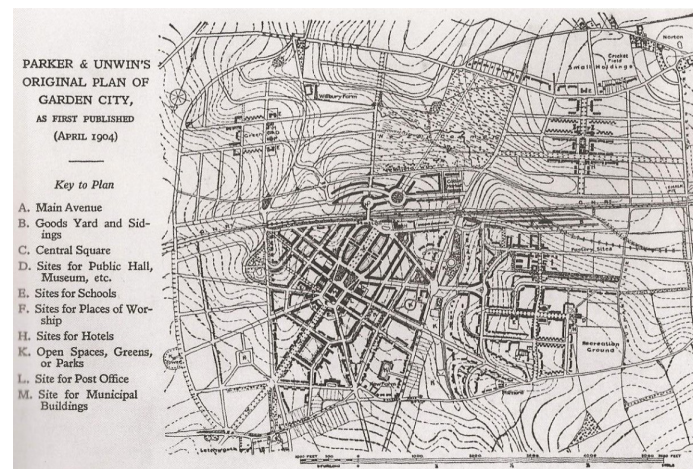


Fig. 25 – Letchworth: Plano original publicado em 1904. Fonte: WOLFF, 2015, p.35.



Fig. 26 – Plano de Letchworth: Parker & Unwin. Fonte: Howard, 1996, p.46.



Fig. 27 – Vista aérea da cidade-jardim de Letchworth. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Letchworth+Garden+City,+Reino+Unido/@51.9776117,-0.2327839,1943m/> acesso em 06/2016.



Fig. 28 – Letchworth: imagem de uma rua residencial. Fonte: WOLFF, 2015, p.36.

A importância de Letchworth está em sua materialização, construída e idealizada para atender e proporcionar, dentro de uma utopia social, uma reforma na vida cotidiana de seus moradores. Podemos considerar o modelo Cidade-jardim como a realização de uma teoria praticada para a produção do espaço urbano numa determinada época e para uma determinada sociedade, conforme argumenta Lefebvre,

se há uma produção de cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história: ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (LEFEBVRE, 2001, p.47).

A partir da experiência de Letchworth, inúmeras experiências urbanas surgiram a partir da concepção de Howard. Com o processo de expansão metropolitana e de ocupação das periferias, é implantado em 1907, a noroeste de Londres, o primeiro subúrbio-jardim, *Hampstead Garden* (Fig.29), com projeto de autoria de Barry Parker e Raymond Unwin, desenvolvido na sequência do projeto de Letchworth. Apresenta um sistema de circulação hierarquizado, com vias exclusivas para pedestres, presença de *cul-de-sac*⁹, estabelecendo um ambiente comunitário tranquilo e seguro, promovendo a interação social, com o predomínio das áreas verdes.

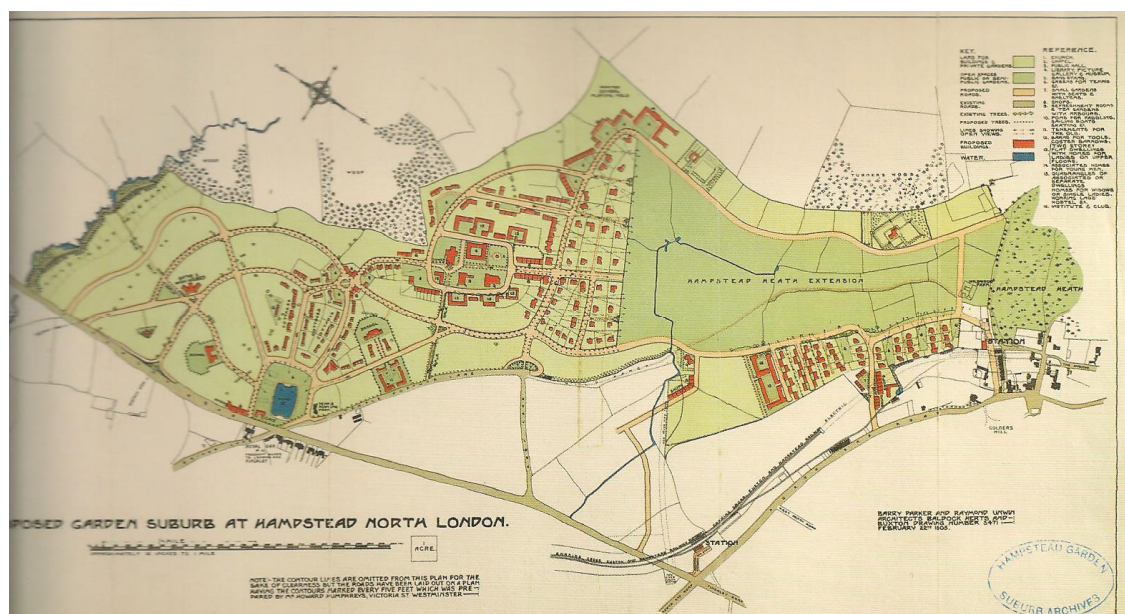


Fig. 29 - Proposta para o subúrbio-jardim de Hampstead, autoria de Barry Parker e Raymond Unwin 1905. Fonte: STERN, 2013, p.353.

⁹ Cul-de-Sac – rua sem saída, geralmente com terminação circular para o retorno.

Data de 1920 *Welwyn Garden City*, a segunda proposta de Howard para cidade-jardim, com projeto de Louis de Soissons (Fig.30). Situada mais próxima de Londres e com previsão de 50.000 habitantes distribuídos em uma área de 953 hectares, sendo 246 desses hectares para uso agrícola, apresentou maior êxito comercial que Letchworth. Mesmo que tenha se confirmado como utopia, no modelo apresentado por Howard, o fato de que o controle e a propriedade do solo seriam administrados pela comunidade, Letchworth e Welwyn resultaram nos dois exemplos mais completos na concepção cidade-jardim, uma vez que foram construídas integralmente como cidades dentro de um novo paradigma e estilo de vida.



Fig. 30 – Projeto para Welwyn Garden City, autoria de Louis de Soissons, 1920. Fonte: ANDRADE, 1998, p.81.

Podemos encontrar elementos do ideário de Howard em diversos empreendimentos na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Nesse quadro merece referência, desde o ponto de vista da técnica do planejamento, da fundamentação teórica e histórica, o projeto para a implantação de *Radburn* (Fig.31), no distrito de Fair Lawn, estado de New Jersey, em área situada a 20 Km de Manhattan, nos EUA. Trata-se de um subúrbio

projetado por Henry Wright e Clarence Stein em 1929, a proposta se distingue por reunir princípios recomendado para o modelo cidade-jardim acrescido de uma compreensão moderna dos problemas decorrentes do automóvel, estabelecendo uma separação distinta entre o pedestre e o veículo, introduzindo as ruas sem saída, os cul-de-sac. Além disso, agrega à proposta o conceito de Unidade de Vizinhança¹⁰, possibilitando alternativas para utilização de novos elementos estruturadores do espaço residencial, conforme endossa Iara Castello:

Com o uso sistemático desses elementos foi possível traçar um circuito totalmente independente para a circulação de pedestres dentro das zonas residenciais – as Unidades de Vizinhança – permitindo aos moradores o deslocamento para a escola, igreja e comércio sem cruzar vias utilizadas por automóveis. (CASTELLO, 2008, p.55)

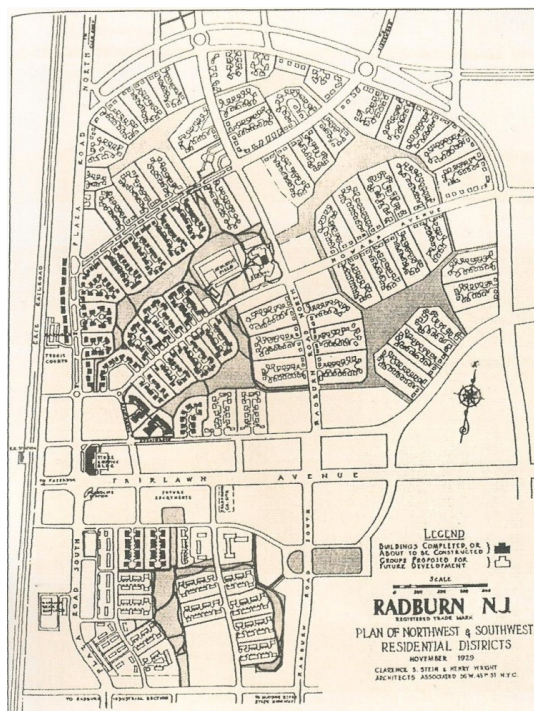


Fig. 31- Projeto para Radburn, autoria de Henry Wright e Clarence Stein, 1929. Fonte: CASTELLO, 2008, p.55.

O projeto para Radburn, divulgado como a “cidade moldada para a idade do veículo automotor” (CASTELLO, 2008, p.55), torna-se modelo para a construção de inúmeros subúrbios-jardins nos Estados Unidos.

¹⁰ Unidade de Vizinhança – conceito utilizado a partir de 1929, após a publicação da obra do cientista social americano Clarence Perry, a partir de seis princípios básicos – escola, espaços abertos, equipamentos comunitários, áreas comerciais, limites e vias locais; fundamentados no princípio sociológico de que a organização comunitária estabelecerá um espaço habitacional tranquilo, mas totalmente equipado com um grupo de atividades complementares, dispostas e organizadas segundo regras específicas de localização e distribuição, criando um ambiente residencial qualificado e estimulador de espírito gregário com participação comunitária. (CASTELLO, 2008, p.50-51)

Com origem no modelo de cidade-jardim de Howard e de outras concepções e propostas urbanísticas, a passagem do século XIX ao XX, correspondeu a um expressivo campo cultural e profissional para a difusão e agenciamento de reformas nas cidades, associadas a novos modos de vida. Nos Estados Unidos, a imagem do cotidiano da família de classe média norte-americana agregada à ambiência dos subúrbios-jardim, passou a servir como representação de um imaginário coletivo urbano, tornando-se referência em empreendimentos urbanísticos até os dias atuais.

3.2. Cidade-Jardim: repercussões e aplicações do modelo no Brasil

No Brasil, a experiência urbanística a partir do modelo de cidade-jardim, foi concretizada em 1917, na cidade de São Paulo, com a implantação do bairro Jardim América. Na virada do século XIX, São Paulo já apresentava um desenvolvimento urbano acelerado. Neste processo de crescimento populacional e urbano, a cidade estendeu-se em continuidade ao traçado existente e em regiões mais afastadas da trama urbana. A população, por sua vez, criava uma crescente demanda por habitações e contava com um grupo social em ascensão: a elite paulistana. Em meio a esta transformação observa-se que,

no final do século XIX, o processo de expansão da cidade atingiu todos os níveis: aumento do contingente populacional acrescido por imigrantes, transformação nos modos de vida, passando a sociedade de uma economia mais fechada para integrar o fluxo internacional de circulação de mercadorias. A venda do principal produto, o café, para os mercados externos tinha a contrapartida da compra dos mais diversos gêneros estrangeiros. Importavam-se materiais de construção, roupas, tecidos, livros, revistas, pianos, comida e bebida. Recebiam-se produtos e informações e alteravam-se padrões comportamentais. (WOLFF, 2015, p.62)

Contemporâneo a Letchworth e acompanhando a ressonância dos projetos executados para subúrbios-jardim nos Estados Unidos, o Jardim América, merece destaque por ser um projeto precursor inspirado no modelo cidade-jardim no país, onde o desenho urbano foi (re) produzido respondendo a demandas simbólicas diversas.

Barry Parker e Raymond Unwin foram os arquitetos responsáveis pelo projeto inicial do Jardim América, registrado na planta com o desenho intitulado *Garden City* (Fig.32). Entretanto, a versão do projeto efetivamente realizado foi de responsabilidade de Barry Parker que morou em São Paulo entre 1917 e 1919, estabelecendo contato direto nos

trabalhos de projeto e estudo do local, consolidando uma proposta que estabeleceu um novo padrão de morar na cidade.

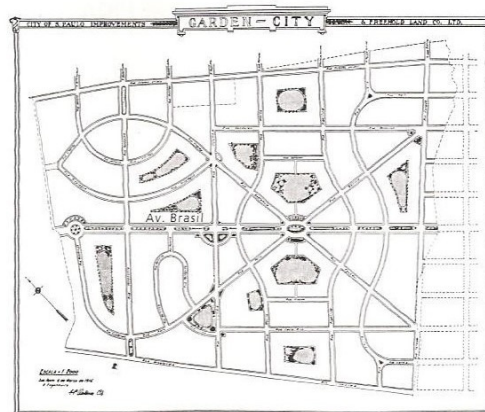


Fig. 32 - Plano inicial para o loteamento Jardim América intitulado Garden City, de autoria de Barry Parker e Raymond Unwin, 1915. Fonte: WOLFF, 2015, p.138.

Barry Parker, contratado pela empresa *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, propôs, a partir do eixo da Avenida Brasil, um traçado com ruas diagonais e ruas com curvaturas, formando quarteirões singulares, de dimensões variadas possibilitando percursos com atrativos visuais e diversificados para o pedestre. O projeto proposto e implantado (Fig. 33) conta com espaços abertos e edificações respeitando recuos nos terrenos com algumas quadras apresentando lotes voltados para a rua e para jardins internos, semiprivados, de forma a criar espaços de convivência entre os moradores. Entretanto, sucessivas alterações foram realizadas ao longo dos anos, sendo a de maior impacto ao confrontarmos a planta de 1941 (Fig.34) com o projeto de 1923, foi a erradicação dos jardins internos das quadras para e posterior venda destas áreas, em sua maioria para parcelamento e redefinição de lotes, menores que os inicialmente propostos.

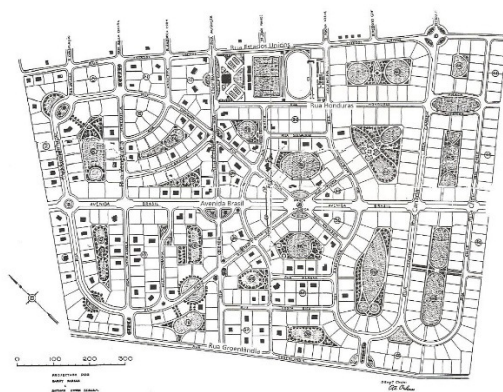


Fig. 33 e 34 – Projeto apresentado no álbum promocional do Jardim América, com a demarcação de algumas casas construídas no bairro, com data de 1923, autoria de Barry Parker, e Planta de 1941, apresentando as modificações, verificadas na ocupação das áreas propostas como jardins internos aos quarteirões. Fonte: WOLFF, 2015, p.139.

Nos dois anos em que permaneceu no Brasil, Barry Parker dedicou-se, principalmente, em desenhar e encontrar soluções para a concretização dos três primeiros loteamentos implantados pela City em São Paulo: o Jardim América, o Pacaembu e o Alto da Lapa. O arquiteto inglês, ao chegar no Brasil, prestou consultoria para a companhia City referente ao aproveitamento dos terrenos no vale do Pacaembu, pois o projeto de parcelamento primeiramente encaminhado não havia obtido aprovação da Câmara Municipal. Parker, então realiza relatórios que contemplam a importância da revisão da legislação vigente referente ao planejamento urbano, principalmente no que diz respeito ao do traçado xadrez proposto indiscriminadamente na cidade de São Paulo, impedindo o aproveitamento de áreas que se apresentavam com topografia irregular devido as declividades acentuadas do terreno. Parker (apud ANDRADE, 1998. p.228), pondera que “entre a tendência de uma via em ter seu curso lógico e natural e a suposta necessidade de que ela deveria se conformar a linhas arbitrariamente traçadas”, considerando, portanto, coerente para a implantação do projeto no Pacaembu a realização de um desenho orgânico, a fim de respeitar a configuração natural do terreno e confrontar a recorrência da implantação do traçado ortogonal.

Conforme Andrade (1998, p.229), Parker realizou uma série de relatórios onde reafirmou os princípios que defendia e que marcaram seus projetos, sugerindo alterações na legislação para viabilizar a implantação do loteamento do Pacaembu (Fig. 35 e 36), elaborando uma proposta que contemplava a preocupação com o resultado paisagístico do conjunto.

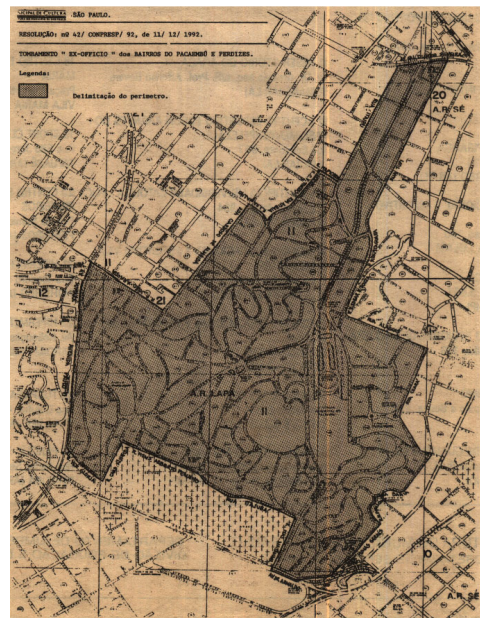


Fig. 35 e 36 – Vista aérea bairro Pacaembu, 1951, e Planta com a atual delimitação dos bairros Pacaembu e Perdizes, ambos tombados através da Resolução SC-08, de 14/3/1991, pelo CONDEPHAAT,SP. Fonte: Fig.35: <https://tokdehistoria.com.br/2014/08/23/estadio-do-pacaembu-em-1951>. Fig.36: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/5d7f8_42_TEO_Bairros_Pacaembu_e_Perdizes_mapa.jpg. Acesso em 14/12/2017.

A repercussão dos empreendimentos levou à consolidação da imagem da Companhia City como empresa loteadora de bairros residenciais destinados à classe média e classe média alta, mantendo as características dos subúrbios-jardim, o que terminou por influenciar outras companhias loteadoras na execução de bairros e cidades com características similares.

Em 1924, cerca de cinco anos após o início da comercialização dos terrenos no Jardim América, no mapa da cidade aparecem, já desenhados, os bairros da City, Jardim América, Alto da Lapa (Fig. 37) e Pacaembu, bem como aqueles cujo desenho foram influenciados pelo primeiro empreendimento da City, tais como Jardim Europa (Fig.38) e Cidade Jardim, que também apresentam arruamento orgânico. (WOLFF, 2015, p.90)



Fig. 37 – Projeto do bairro Alto da Lapa e Bela Aliança, de 1921, autoria de Barry Parker. Fonte: STERN, 2015, p. 637.



Fig. 38 – Projeto do bairro Jardim Europa, de 1924, autoria do engenheiro-arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Junior. Fonte: STERN, 2015, p. 638.

Muitos bairros, conjuntos residenciais e cidades foram criados em diversos estados brasileiros a partir das características do modelo de bairros-jardim. Entre eles, destacamos o projeto do Jardim Guanabara (Fig. 39), bairro localizado na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio de Janeiro, em 1925 e o plano urbanístico para a cidade balneária Águas de São Pedro (Fig. 40), no estado de São Paulo, no início de 1940, ambos projetos de autoria do Engº Jorge de Macedo Vieira¹¹.



Fig. 39 – Projeto do bairro-Jardim Guanabara, RJ, 1925, projeto do Engº Jorge de Macedo Vieira. Fonte: STERN, 2015, p.640.

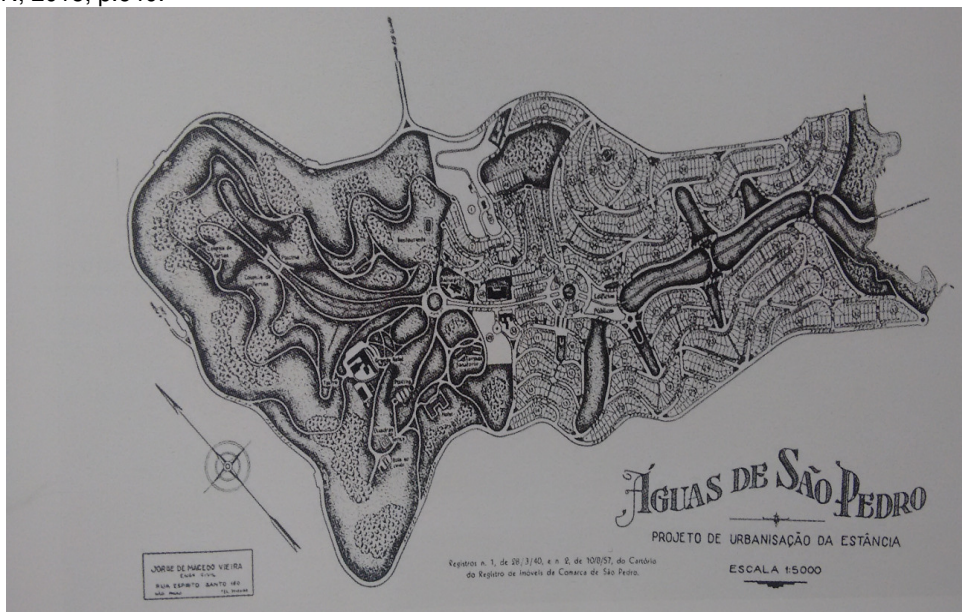


Fig. 40 - Projeto da cidade Águas de São Pedro, SP, 1940, projeto do Engº Jorge de Macedo Vieira. Fonte: STERN, 2015, p.642.

¹¹ Jorge de Macedo Vieira – Engenheiro civil formado pela Escola Politécnica de São Paulo, em 1917. Trabalhou junto à companhia *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company, Limited*, de junho de 1917 a janeiro de 1919, portanto, durante o período em que Barry Parker esteve em São Paulo atuando naquela companhia, fato do qual talvez possamos considera-lo um discípulo de Parker na concepção e difusão do modelo cidade-jardim. (ANDRADE, 1998, p.364-365)

Em Porto Alegre, na zona norte da cidade, na década de 1930, são projetados bairros com influência do modelo cidade-jardim, com o objetivo de moradia à população operária (MIRANDA, 2015). Entre eles, a Vila Cristo Redentor (Fig. 41), a Vila Floresta (Fig. 42) a Vila Jardim (Fig.43), que exibe no nome e na representação gráfica, evidente relação com os diagramas de Howard.

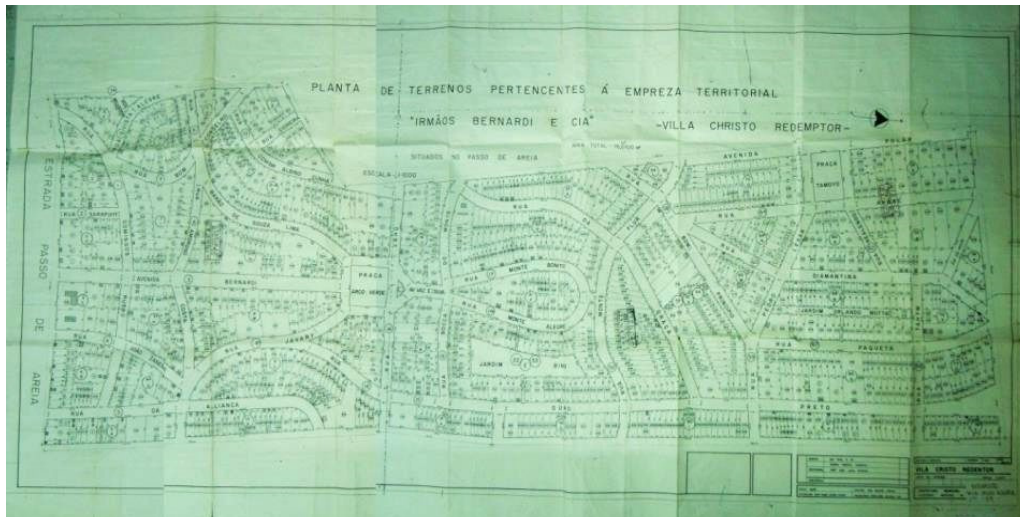


Fig. 41 – Projeto da Vila Cristo Redentor- Passo d'Areia, 1930. Arq. Ernani Corrêa. Fonte: Arquivo nº 59 Unidade de Registro e Processamento (URPII) PMPA.



Fig. 42 - Projeto e propaganda da Vila Floresta - Passo d'Areia, 1930. Arq. Ernani Corrêa. Fonte: Arquivo nº 13C. Unidade de Registro e Processamento. (URPII) PMPA.

Além dos exemplos aqui apresentados, merece destaque dois projetos realizados em Porto Alegre, localizados em zonas distintas, destinados a públicos e propósitos diversos na cidade. A Vila do IAPI ou Vila dos Industriários, localizada na zona Norte e exemplo de grande significado e representatividade da intervenção pública no processo de produção de habitação para os servidores do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, e a Vila Assunção, localizada na zona Sul, loteamento definido para uso residencial e voltado ao mercado imobiliário privado, objeto, a seguir, detalhado nesta pesquisa.

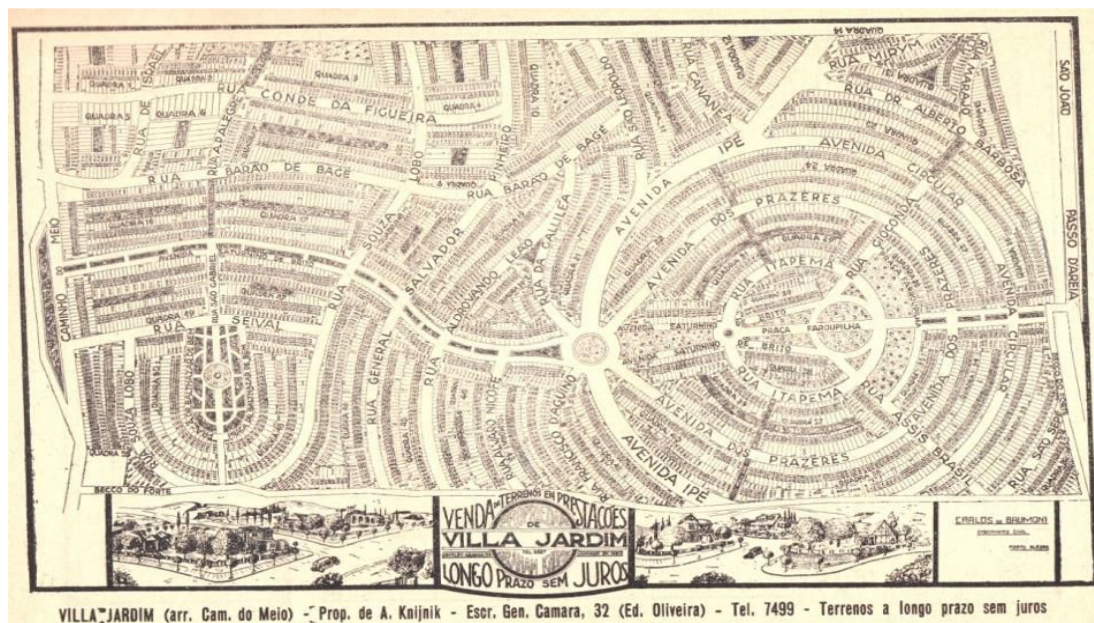


Fig. 43 – Projeto com propaganda incluindo croquis perspectivos da Vila Jardim. 1931/42. Engº Carlos de Baumont. Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, jan. 1940.

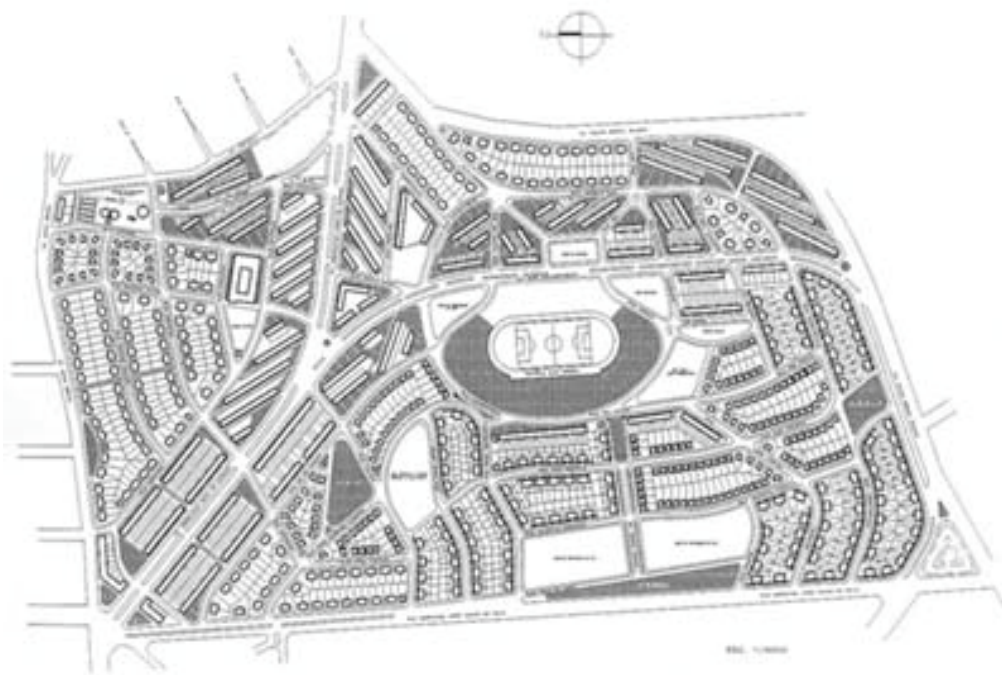


Fig. 44 - Vila do IAPI. 1944. Eng. Edmundo Gardolinski e Eng. Marcos Kruter. Fonte: CUSTÓDIO, 2014a, p. 36.

A Vila do IAPI (Fig. 44) foi construída entre os anos de 1942 e 1954, durante os governos dos presidentes Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra e destinava-se à classe de operários da indústria que demandavam moradia em Porto Alegre (CUSTÓDIO, 2014a, p.23). A área de 67 hectares definida para a construção do conjunto habitacional, está localizada no bairro Passo d'Areia,

resultou de um projeto desenvolvido entre os anos de 1942 e 1946, que visava prover moradia de qualidade para os operários industriais, no bojo da legislação social introduzida para as áreas urbanas pelo governo brasileiro, a partir da década de 1930. Assentada sobre uma área periférica, todavia bem conectada ao tecido urbano, e relativamente próxima à zona industrial da metrópole em formação, o projeto se inscreve entre outras iniciativas realizadas com fundos dos institutos de aposentadoria e pensão. (CASELLO, 2008, p.65).

O anteprojeto urbanístico e as diretrizes para o projeto foram elaborados pelo engenheiro e urbanista Octacílio Sabóia, através do escritório central do Instituto no Rio de Janeiro e, desenvolvidas, em Porto Alegre pelo Engº Marcos Kruter, autor do projeto urbanístico realizado. Em depoimento de 1994, o Engº Kruter declarou não ter tido conhecimento prévio do modelo de Cidade-Jardim, entretanto, ressaltou que “o projeto foi elaborado segundo um conjunto de normas e considerações de ordem técnica, urbanística, social e econômica” (KRUTER, 1994 apud CUSTÓDIO, 2014a, p.37). Mesmo não havendo comprovação de que o autor do projeto tenha sofrido influência do modelo cidade-jardim, o projeto, inegavelmente, encontra similaridades de elementos na concepção urbanística e na diversificação das tipologias arquitetônicas, estas, por sua vez, de responsabilidade do Engº Edmundo Gardolinski (CUSTÓDIO, 2014a, p.26).

- Eu também imaginei um modelo de cidade do qual extraio todas as outras – respondeu Marco. –É uma cidade feita só de exceções, impedimentos, contradições, incongruências, contra-sensos. Se uma cidade assim é o que há de mais improvável, diminuindo o número dos elementos anormais aumenta a probabilidade de que a cidade realmente exista. Portanto, basta subtrair as exceções ao meu modelo e em qualquer direção que eu vá sempre me encontrarei diante de uma cidade que, apesar de sempre por causa das exceções, existe. Mas não posso conduzir a minha operação além de um certo limite: obteria cidades veríssimas demais para serem verdadeiras.

Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 1990, p.67.

4.O AUTOR: ENGº RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Ruy de Viveiros Leiria, natural de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, nasceu em 1º de setembro de 1907, filho de Lídia de Viveiros Leiria, de nacionalidade portuguesa, e de Alcides Leiria, brasileiro, médico do exército. De acordo com o relato da filha Jussara Leiria Ligocki, a família do pai, quando ele tinha dois anos, transferiu-se de São Leopoldo para Porto Alegre. Foi alfabetizado pela mãe, em casa, e passou a frequentar a escola com 11 anos de idade. Casou-se com Maria Leiria, professora, e tiveram dois filhos: Guaracy e Jussara. Integra o quadro de formandos da turma de 1932, da Universidade Técnica do Rio Grande do Sul²⁰, portanto, graduado engenheiro civil aos 25 anos de idade (Fig. 45).



Fig. 45 – Quadro de formandos na Universidade Técnica do Rio Grande do Sul e no detalhe a identificação do Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: Acervo Escola de Engenharia da UFRGS. Foto: Inês Martina Lersch.

²⁰ Universidade Técnica do Rio Grande do Sul – Por meio do decreto federal nº 20.272, de agosto de 1931, a Escola de Engenharia de Porto Alegre passa a ser Universidade Técnica do Rio Grande do Sul. Em fevereiro de 1932, a Universidade Técnica passa à instituição oficial do Estado pelo decreto estadual 4.929. Por fim, em novembro de 1934, é criada, pelo Decreto Estadual 5.758, a Universidade de Porto Alegre. (MELLO, 2016, p.63).

Integrou a equipe de professores do Instituto Júlio de Castilhos a partir do ano de 1933 (Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre de 1933, p. 118), onde ministrou aulas de matemática por, aproximadamente, 14 anos. Deixou de lecionar, por volta de 1944, ano do nascimento de Jussara. A partir desta data, passou a exercer, exclusivamente, a atividade de engenheiro, fato confirmado por sua filha, Jussara, em entrevista realizada na sua residência em nove de maio de 2017.

Engenheiro de formação atuou em levantamentos topográficos (Fig. 46), obras de urbanismo e saneamento, com escritório sediado no centro de Porto Alegre. Seu primeiro escritório foi localizado no Edifício do Banco Nacional do Comércio, sito à Rua Siqueira Campos 2º andar, no centro de Porto Alegre, conforme descreve o anúncio do profissional, publicado na Revista de Engenharia do Rio Grande do Sul, de setembro de 1948 (Fig. 47), com ênfase nos serviços de urbanismo. No anúncio, também se encontram elencadas algumas obras por ele executadas, entre elas, o Estádio do Esporte Clube Cruzeiro, o pré-plano para a cidade de Canoas e o projeto da Vila Assunção, objeto desta pesquisa.



Fig. 46 - Engº Ruy de Viveiros Leiria (em primeiro plano), realizando trabalhos de levantamento topográfico do terreno e locação do campo de futebol do Esporte Clube Cruzeiro, no bairro Medianeira, em Porto Alegre, data de 1936. O período da construção foi de 1939 a 1941.
Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.



Fig. 47. – Anúncio com a identificação do autor do projeto da Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia. Revista de engenharia do Rio Grande do Sul, nº 14, Porto Alegre, set. 1948, apud HUYER, 2010.

Conforme relato de Jussara, consta que seu primeiro projeto foi o Estádio da Montanha, de 1936, também conhecido como Colina Melancólica, que era campo e estádio de futebol do Esporte Clube Cruzeiro, localizado no Bairro Medianeira, atual local do Cemitério Ecumênico João XXIII. “Ao ser indagado para que time torcia se dizia Cruzeirista”, relembra Jussara.

Inaugurado em 07 de março de 1941, o Estádio da Montanha (Fig.48), então o maior estádio da cidade de Porto Alegre, era também conhecido como “Colina Melancólica”, devido à localização nas proximidades dos cemitérios de Porto Alegre. Em 1970, foi realizado o último jogo no estádio, pois o mesmo foi vendido para a construção do cemitério ecumênico João XXIII. Parte da arquibancada ainda pode ser vista na área do cemitério. Cabe ressaltar que o Clube teve em duas gestões, em 1932 e 1946, como presidente, o Dr. Ernesto Di Primio Beck, que também foi diretor da Imobiliária Assumpção, responsável pelo loteamento da Vila Assunção.



Fig. 48 – Esporte Clube Cruzeiro. Fonte: Imagem retirada do site <http://blogsoberanoarruda.blogspot.com.br/2014/04/amistoso-esporte-clube-centrada.html> - referente ao convite para o jogo de inauguração do *Estádio da Montanha*, do Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre. Acesso em 16/5/2017.

Esteve permanentemente atualizado sobre trabalhos desenvolvidos na Europa e na América do Norte em projetos de urbanismo e saneamento, fato evidenciado nas publicações dos artigos técnicos de sua autoria, no Boletim da Sociedade de Engenharia e na Revista de Engenharia do Rio Grande do Sul, quando discorre sobre a proposta de projeto para a Vila Assunção em 1940, para a Vila Balneária na cidade de Guaíba em 1947 e, por fim, para o plano da Cidade de Canoas, em 1948. Além disso, a filha Jussara endossa a imagem intelectualizada e profissionalmente produtiva do pai ao relatar que,

meu pai era muito intelectual. Fez um ano de medicina e viu que não gostava. Era uma pessoa muito séria. Brincávamos com ele dizendo que não foi médico porque tinha medo de sangue. Não gostava de ir até o banho no Guaíba. Ficava em casa lendo e estudando línguas. Inglês, Francês, Alemão, Tupi-Guarani, e, no final estava estudando árabe. Ele trabalhava muito. Trabalhava por conta própria, nunca tirou férias. Eu nunca vi o pai de férias. Além de desenho urbano ele fazia cálculo estrutural e topografia. (Trecho da entrevista concedida por Jussara Leiria Ligocki, em 09/05/2017).

Em 1937 realiza o projeto da Vila Assunção e em 1946 transfere-se com a família, para uma casa construída sobre três terrenos, provavelmente de sua autoria e responsabilidade técnica, dentro do estilo californiano, na Rua Chavantes nº 119, na Vila Assunção (Fig.49), onde morou até o final da vida, como afirma Jussara:

em troca do (trabalho) projeto, meu pai recebeu terrenos na Vila Assunção. Seis destes terrenos, três localizados na Rua Chavantes e três na Rua Copacabana, todos lindeiros, ele escolheu para morar

(Fig.50). Nos três terrenos voltados para a Chavantes, ele construiu uma casa, estilo californiano, localizada no centro destes terrenos. Era muito confortável (Fig.51), “esparramada” no terreno. Havia bancos construídos de pedra em formato de ferradura. Questionei se ela sabia a autoria do projeto da casa e Jussara acredita que o projeto tenha sido autoria do pai. (Trecho da entrevista concedida por Jussara Leiria Ligocki, em 09/05/2017).



Fig. 49 – Moradia da família do Engº Ruy de Viveiros Leiria, situada na Rua Chavantes. Foto de julho de 1972. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.



Fig. 50 – Jussara Leiria, em frente ao terreno da casa em obras. Foto de 1945. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki

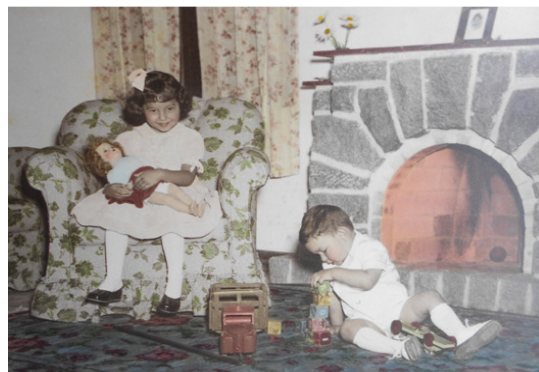


Fig. 51 – Jussara e o irmão, Guaracy Leiria, em frente à lareira, no interior da casa. Foto de 1948. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.

Todo mundo que vinha nos visitar, achava estranhíssimo morar na Assunção. Depois aquela casa enorme, naquele terreno, com jardim, árvores frutíferas, tinha galinheiro. O cercamento da casa era com cerca viva. Era muito bonito. Só depois é que foi feito o muro de pedras. Outra peculiaridade da casa é que haviam dois banheiros: um para os homens e outro para as mulheres. E tinha o banheiro de empregada nos fundos. Tinha um banheiro para uso da mãe e para mim e o outro para meu irmão e para meu pai. Para nós era normal. Ter dois banheiros na casa e banheiros com uso distinto. (Trecho da entrevista concedida por Jussara Leiria Ligocki, em 09/05/2017).

Após a consolidação do empreendimento da Vila Assunção, transferiu-se para um escritório com sede própria, localizado no pavimento térreo de um edifício de três andares sito à Praça Otávio Rocha, nºs 75 e 77 (Figs. 52, 53 e 54), o qual trabalhou até o encerramento das atividades, no ano de 1987, conforme afirma Jussara:

Para meu pai foi muito bom ter feito o projeto ali da Vila Assunção. Ele ficou conhecido. Depois disso, ele montou a firma própria, com maquinário e com escritório na Otávio Rocha nº 77 e 75. (Trecho da entrevista concedida por Jussara Leiria Ligoeki, em 09/05/2017).



Figs. 52 e 53 - Edifício localizado à Praça Otávio Rocha, nºs 75 e 77, antiga sede do escritório de engenharia, no pavimento térreo, até o ano de 1987 e Placa de metal esmaltado, retirado da fachada do prédio em que era a sede do escritório, sito à Praça Otávio Rocha, nºs 75 e 77, Centro de Porto Alegre. Acervo particular de Jussara Leiria Ligoeki. Fonte: Foto do autor, 2017.

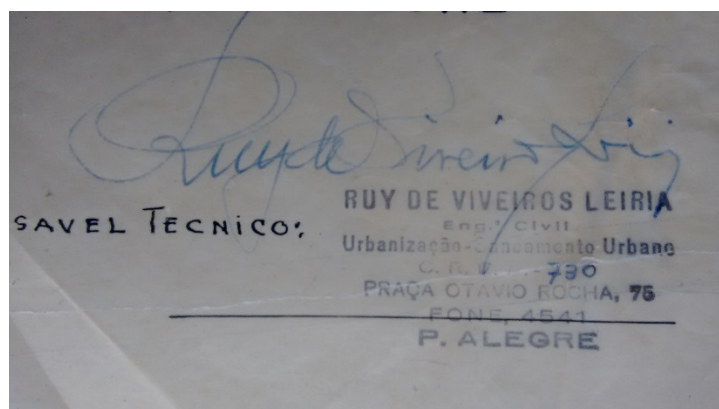


Fig. 54 - Carimbo do profissional Engº Ruy de Viveiros Leiria, localizado na planta do loteamento Jardim Santa Luzia, de 1963, onde consta o endereço do escritório sito à Praça Otávio Rocha nº 75, no centro de Porto Alegre. Fonte: SMURB/PMPA

Jussara confirma que seu pai participou de várias concorrências para execução de projetos e obras, uma vez que possuía maquinário e funcionários. A partir daí, passou a fazer avaliações para a Caixa Econômica Federal e prestava consultorias. Nos últimos anos de vida, estava trabalhando, novamente na cidade de Canoas, neste momento, numa empresa de construção civil,

ele teve escritório e construtora até 1987. Acredito que sempre fez projetos de urbanismo. Participava de muitas concorrências. Depois trabalhou para a Caixa, fazendo avaliações. Sempre trabalhou muito. Ele estava trabalhando em Canoas, numa empresa de construção civil, até sua morte. Ia de taxi até o Trensurb e de lá, até Canoas. (Trecho da entrevista concedida por Jussara Leiria Ligocki, em 09/5/2017)

O Engº Leiria faleceu em Porto Alegre, em 21 de agosto de 1997, aos 89 anos.

4.1. Projetos além da Vila Assunção

Consta na Certidão n.206/2017-SART/NART, de 20/06/2017, fornecida pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura-CREA, que é responsável por quarenta e seis registros de Anotações de Responsabilidade Técnica-ARTs, junto a este conselho, no período de 1935 a 1997. Consta no acervo da SMURB/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, pasta nº 34, na planta do loteamento da primeira parte da Vila Conceição, que é de autoria do Engenheiro Baptista Linhares, a assinatura do Engº Ruy de Viveiros Leiria, CREA nº 730, como responsável pela execução do levantamento cadastral da área de propriedade de Alfredo Renner, em abril de 1938 (Fig. 55).

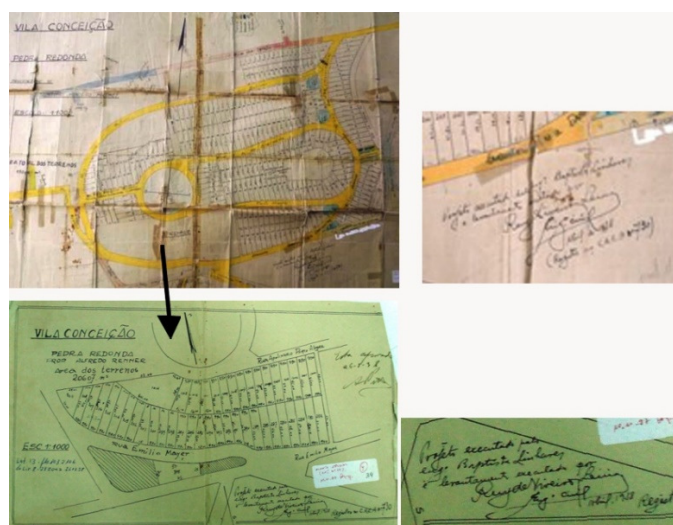


Fig. 55. - Planta do loteamento da primeira parte da Vila Conceição, autoria do Engenheiro Baptista Linhares. Consta assinatura do Engº Ruy de Viveiros Leiria como responsável pela execução do levantamento cadastral da área de propriedade de Alfredo Renner, em abril de 1938.
Fonte: SMURB/PMPA.

Em 1939 o Eng^o Leiria realiza o projeto da segunda gleba, ou “projeto de extensão” da Vila Conceição, no Morro do Osso, hoje denominado de Sétimo Céu. A proposta apresenta semelhanças com o traçado da Vila Assunção, onde recorre ao desenho de ruas curvilíneas, adequadas à topografia acidentada do terreno (Fig. 56).

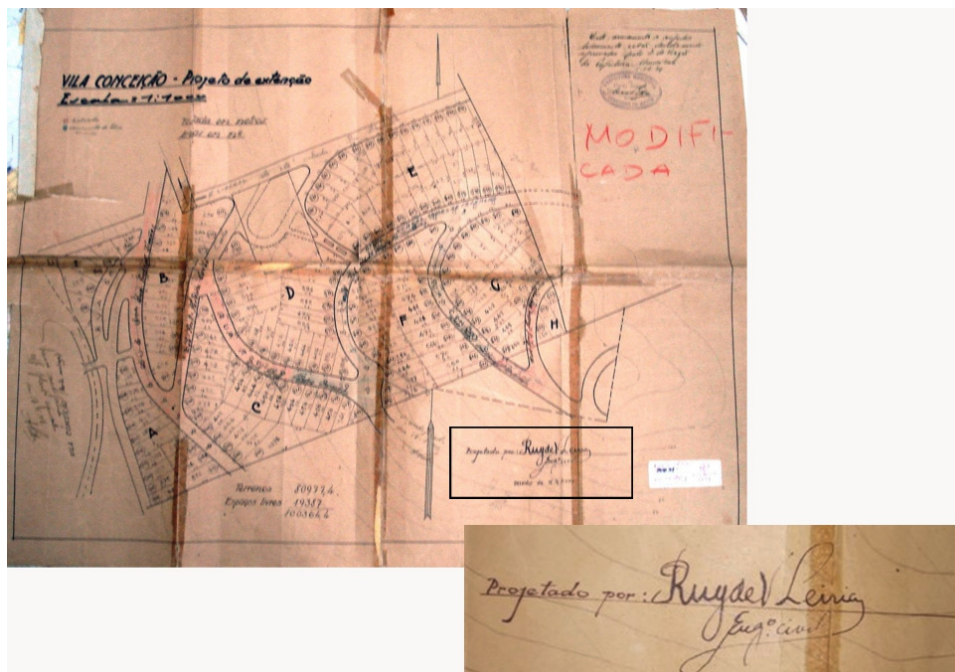


Fig. 56 – Projeto de Extensão da Vila Conceição, parte da área conhecida como Sétimo Céu, de 05/12/1939, e detalhe da assinatura do Engenheiro Civil Ruy de Viveiros Leiria na planta. Fonte: SMURB/PMPA.

Outro projeto elaborado pelo Eng^o Leiria que consta no acervo da SMURB/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, pasta nº 81, é referente ao Loteamento Chácara do Sr. Mario Escobar Azambuja, sito no bairro Tristeza, aprovado em 14/04/1948, processo nº.005897.48.3. Observamos na planta para a referida área características recorrentes nos projetos urbanos de sua autoria: as ruas apresentam conexão com as vias circundantes através de uma passagem para pedestres, descrita como “viela”, que liga a Rua Sargento Nicolau Dias de Farias (à época denominada Rua Caeté – denominação que permanece a partir da Rua Copacabana, portanto, dentro da área do loteamento da Vila Assunção), ao centro do loteamento. Os outros três acessos são realizados através das vias que delimitam o loteamento: Av Otto Niemeyer, Av. Wenceslau Escobar (antiga Av. 11 de Setembro) e Rua Dr. Barcellos. Estes possuem amplo canteiro central ajardinado, contando com uma grande rotatória, ou “*rond-point*”, no cruzamento das duas vias. Na composição do projeto, encontra-se numa das extremidades da via central do loteamento, a Rua Pedro de Oliveira Bitencourt, a Praça Souza Gomes, conhecida como a Praça da Tristeza (Fig. 57.).



Fig. 57. – Loteamento Chácara do Sr. Mario Escobar Azambuja. Projeto do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1948. Fonte: SMOV/PMPA e Google.

Em 26 de agosto de 1950, através do processo nº 29.592, o Engº Leiria encaminha requerimento ao Prefeito Municipal de Porto Alegre, a fim de solicitar aprovação para loteamento da área, de sua propriedade, no lugar denominado Serraria, com a denominação de Balneário Serraria (Fig.58). Consta em planta, a observação de loteamento não aprovado e não implantado, com data de 28/02/1952. Entretanto, serve como registro, o cuidado com o desenho das ruas do empreendimento, levando em consideração os desníveis do terreno, e a localização de um *cul-de-sac* para acesso aos lotes internos ao quarteirão, concepções características em seus projetos.



Fig. 58. – Planta para Loteamento do Balneário Serraria. Projeto do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1950. Fonte: SMURB/PMPA.

Em 25/07/1952, na primeira planta aprovada através do processo nº 44.030.51.7, consta a assinatura do Engº Leiria no projeto do Arruamento da Rua Leão XIII, executado pela Urbanizadora Vitória S.A., sua proprietária. Trata-se de um terreno localizado no bairro Cidade Baixa, no quarteirão que compreende as ruas Sarmento Leite, General Lima e Silva, Leão XIII e José do Patrocínio (Fig. 59). Entretanto, ocorreram duas modificações no projeto. A primeira, aprovada no processo nº 46.047/52 (eliminando o *cul de sac* e o *Play ground*), e a segunda, aprovada através do processo nº 23.413/53, sendo que em ambas não consta a assinatura do responsável técnico, fato relatado em ofício redigido ao “Sr. Assistente da D.U.” e protocolado junto ao processo nº 23.413/53, com data de 06/08/1985.

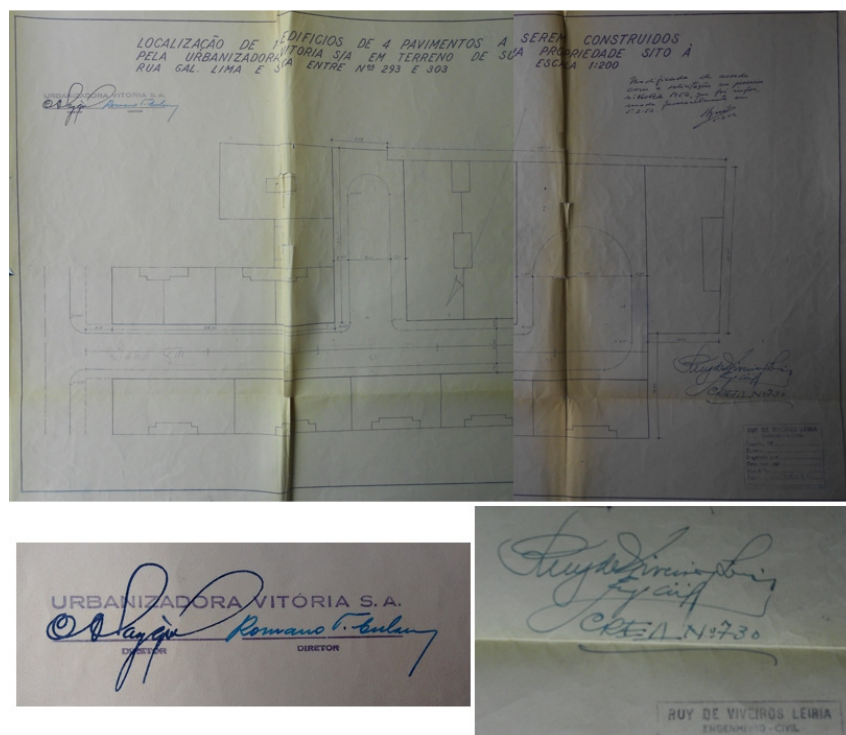


Fig. 59 – Planta do Loteamento/Arruamento da Rua Leão XIII, autoria do Engº Leiria e propriedade da Urbanizadora Vitória S.A. Fonte: SMURB/PMPA.

Em 1963, contratado pela empresa Territorial Cruzeiro S/A, o Engº Leiria projeta o loteamento Jardim Santa Luzia, protocolado através do processo nº 017810.0061. O empreendimento contou com a abertura de ruas e nivelamento dos terrenos, junto a então Estrada da Cavallhada, entre a Rua Liberal e os limites do terreno do Instituto Santa Luzia, o qual serviu de nome ao Loteamento. Na planta, apesar da configuração das quadras em traçado ortogonal, pode-se observar a preocupação com alguma intenção de qualificação do espaço a partir da vegetação sugerida nas calçadas, junto ao meio fio e da terminação as duas ruas sem saída, com desenho de *cul-de sac* (Fig.60). No entanto, a denominação de *Jardim* ao loteamento, em nada se assemelha com o modelo bairro-jardim outrora projetado pelo Engº Leiria.

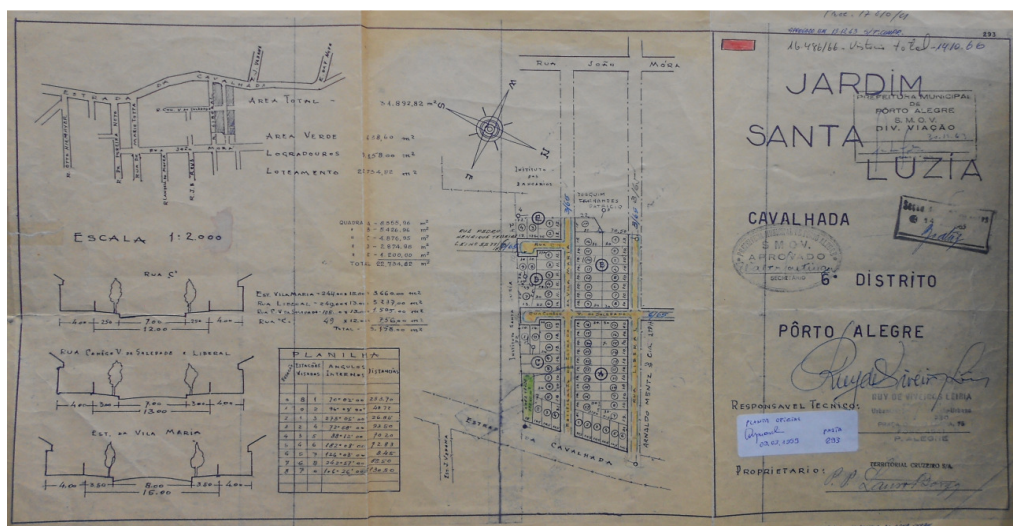


Fig. 60 – Planta do Loteamento Jardim Santa Luzia. Projeto do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1963.
Fonte: SMURB/MPMA.

Em Canoas, cidade vizinha a Porto Alegre, manteve vínculo profissional até o final da vida, conforme relato da filha Jussara. O Engº Leiria realizou, entre outros, o projeto urbanístico para o Bairro/Vila Mauá, datado de 1941 (Fig.160) e, posteriormente, em 1944, o Projeto de Reurbanização da Cidade de Canoas (Fig. 161), ambos publicados na Revista de Engenharia do Rio Grande do Sul, n. 14, em setembro de 1948, com o título “Pré-Plano para a Cidade de Canoas”, apresentando plantas e texto justificativo com princípios sanitários, alinhados ao pensamento em circulação à época:

A cidade é um organismo vivo (...). Se todos os elementos estáticos e dinâmicos estão perfeitamente entrelaçados e em plena harmonia, a cidade tem o seu funcionamento orgânico garantido (...). Havendo desarmonia entre esses elementos, sobreviverá o desequilíbrio orgânico: o indivíduo adoece. (LEIRIA apud Viegas, 2011, p.92)

E endossado por Viegas no projeto para Canoas,

Leiria complementa as concepções de reforma social e higienista explícitas no Decreto de promulgação da Vila Mauá quando assume no Pré-Plano Diretor o seu entendimento da cidade como um organismo, no caso, doente. (VIEGAS, 2011, p.98)

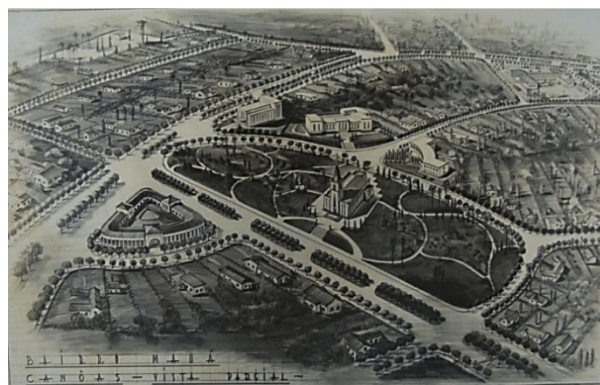
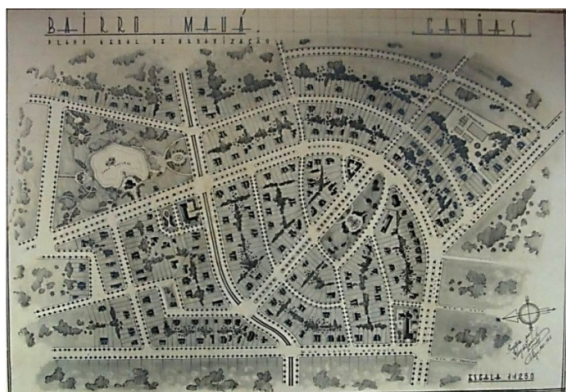


Fig. 61 – Projeto urbanístico e Croqui Perspectivo para o Bairro/Vila Mauá – Canoas, RS, autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria, 1941. Fonte: VIEGAS, 2011, p.85 e 86.

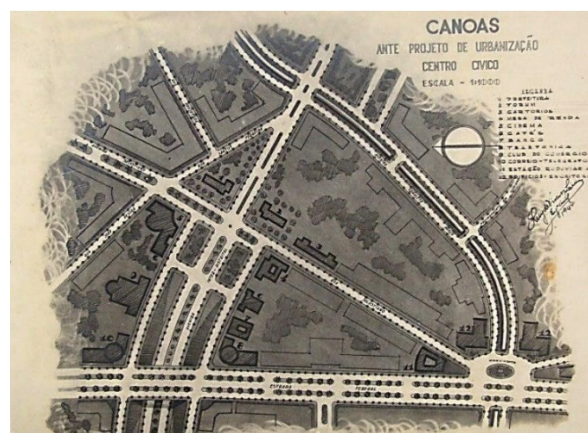


Fig. 62 – Ante-Projeto de Urbanização para Canoas e detalhe o Centro Cívico de Canoas, RS, 1944. Fonte: VIEGAS, 2011, p.105.

Também foi o responsável técnico pelo projeto do Loteamento Jardim Itú, na Rua Prof. Paula Soares, zona norte de em Porto Alegre (Fig.63). Consta no processo que o mesmo foi registrado em duas etapas. A planta foi aprovada, inicialmente, em 09/12/1952. Posteriormente, diversas modificações foram realizadas com as devidas aprovações. A última aprovação consta no processo nº 85.710/80, com data de aprovação de 11/02/1981, e, de acordo com as observações anotadas no processo, esta confere com o executado quanto ao sistema viário e áreas públicas.

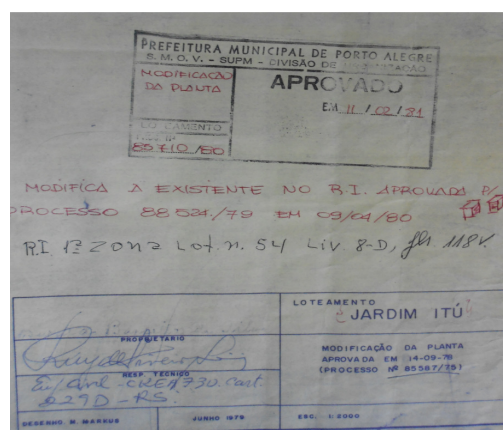


Fig. 63 – Planta do Loteamento Jardim Itú e detalhe do selo com aprovação e assinatura do Engº Leiria. Fonte: SMURB/PMPA.

Profissional com atuação no Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul, na gestão de 1967 como 2º Secretário, de 1969 como 2º Vice-Presidente, de 1972 e 1975 como 1º Vice-Presidente, sendo que, nas quatro participações do Engº Leiria, a instituição teve como Presidente o Sr. Armindo Beux (<http://www.senge.org.br/site/diretorias-anteriores.php>). Data de 08/10/1975 a fotografia do Engº Leiria, na cerimônia de entrega do certificado de Honra ao Mérito (Fig. 64), por 40 anos de atividade profissional.



Fig. 64. – Cerimônia de Entrega do certificado de Honra ao Mérito. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.

Profissional de formação erudita, o Eng^o Ruy de Viveiros Leiria (Fig. 163), tinha grande facilidade e interesse pelo estudo de línguas estrangeiras, o qual foi autodidata ao aprendê-las, além de habilidade musical, desenvolvida ao tocar violino na juventude e mais tarde, quando aposentado, conforme narra Jussara:

Ele tocou violino, aprendeu. Ele pagou os estudos da faculdade, tocando violino no cinema mudo e nas missas. Depois ele passou 50 anos sem tocar violino. Um dia a irmã dele deu o violino para ele. Ele devia estar com 80 anos. Já tinha fechado o escritório, ficava mais em casa. Passou a estudar oito horas por dia. Pegou o jeito de novo. Ele se apresentava no Clube de Mães da Vila Assunção. Eram três ou quatro que tocavam instrumentos: violoncelo, piano, contratou um professor. Meu pai tocava muito bem. Não tenho nenhum registro dele se apresentando. Ele não queria ser gravado. (Trecho da entrevista concedida por Jussara Leiria Ligocki, em 09/5/2017)



Fig. 65 - Fotografia do Eng^o Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: Acervo particular de Jussara Leiria Ligocki.

A partir do estudo da trajetória profissional do Eng^o Leiria, verifica-se nos projetos de sua autoria, que ele se mantinha atualizado com a literatura internacional nos temas de seu interesse e, possivelmente em diferentes línguas. Além disso, mostrou-se um profissional de grande senso prático, tendo em vista os numerosos registros de suas atividades técnicas, junto ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul, CREA-RS, e de suas concepções urbanísticas idealizadas e realizadas dentro do modelo cidade-jardim, com destaque nesta pesquisa para a proposta de urbanização da Vila Assunção, resultado de um projeto notável, pela sua solução técnica e preocupação com a qualidade da paisagem urbana.

Em Eudóxia, que se estende para cima e para baixo, com vielas tortuosas, escadas, becos, casebres, conserva-se um tapete no qual se pode contemplar a verdadeira forma da cidade. À primeira vista, nada é tão pouco parecido com Eudóxia quanto o desenho do tapete, ordenado em figuras simétricas que repetem os próprios motivos com linhas retas e circulares, entrelaçado por agulhadas de cores resplandecentes, cujo alternar de tramas pode ser acompanhado ao longo de toda urdidura. Mas ao se deter para observá-lo com atenção, percebe-se que cada ponto do tapete corresponde a um ponto da cidade e que todas as coisas contidas na cidade estão compreendidas no desenho, dispostas segundo as suas verdadeiras relações...

... mas o tapete prova que existe um ponto no qual a cidade mostra suas verdadeiras proporções, o esquema geométrico implícito nos mínimos detalhes....

....cada habitante de Eudóxia compara a ordem imóvel do tapete a uma imagem sua da cidade, uma angústia sua, e todos podem encontrar, escondidas entre os arabescos, uma resposta, a história de suas vidas, as vicissitudes do destino.

Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 1990, p.91.

5. A VILA ASSUNÇÃO

Situado em terreno periférico à cidade de Porto Alegre, o projeto de urbanização para o loteamento da Vila Assunção data de 1937 e foi “estudado para o terreno situado no bairro da Tristeza (chácara Assunção), no 6º Distrito de Porto Alegre, local próximo ao Cristal e outrora ocupado pelas instalações de uma grande pedreira, explorada pelo Estado. ” (Memorial Descritivo, Anexo 1.2, p.281). Definido para uso residencial e voltado ao mercado imobiliário privado, o loteamento recebeu a designação de “Balneário Aristocrático”, divulgado através das propagandas veiculadas à época da comercialização dos lotes. De acordo com o Memorial Descritivo, documento que estabelece as principais diretrizes para a urbanização da área elaborado pelo engenheiro responsável pelo projeto, Engº Ruy de Viveiros Leiria, a gleba que corresponde ao atual bairro Vila Assunção possui uma área de 120 hectares e,

está situada nas duas margens da faixa de concreto que liga Porto Alegre a Pedra Redonda. Distante cerca de 10 quilômetros da Capital, *estende-se* até o Rio Guaíba, onde se *expraia* num belíssimo litoral com 2.600m de desenvolvimento. Morfologicamente, divide-se a gleba em 2 regiões distintas, uma levemente ondulada, ocupando cerca de 40% da área, e outra, grandemente acidentada, nas proximidades do Guaíba...Uma parte do litoral é grandemente acidentada e rochosa; a outra é orlada por uma praia excelente e rasa. É um local de belíssimo aspecto, donde se domina, não só o casario branco da cidade e as formosas curvas que o Guaíba descreve nas cercanias da metrópole, como todo o panorama que esse magnífico estuário nos oferece. (Memorial Descritivo, Anexo 1.2, p.281, 282)

O Memorial descreve o terreno e discorre acerca do planejamento urbano da área balneária, conhecida como Chácara Assunção, localizada na Ponta do Dionísio, no Morro do Cristal, distante 10 km do centro da capital, entre os bairros Cristal e Tristeza, na zona sul de Porto Alegre (Fig.66), e se encontra nos arquivos da SMURB, junto aos demais documentos e plantas do processo de aprovação do loteamento.

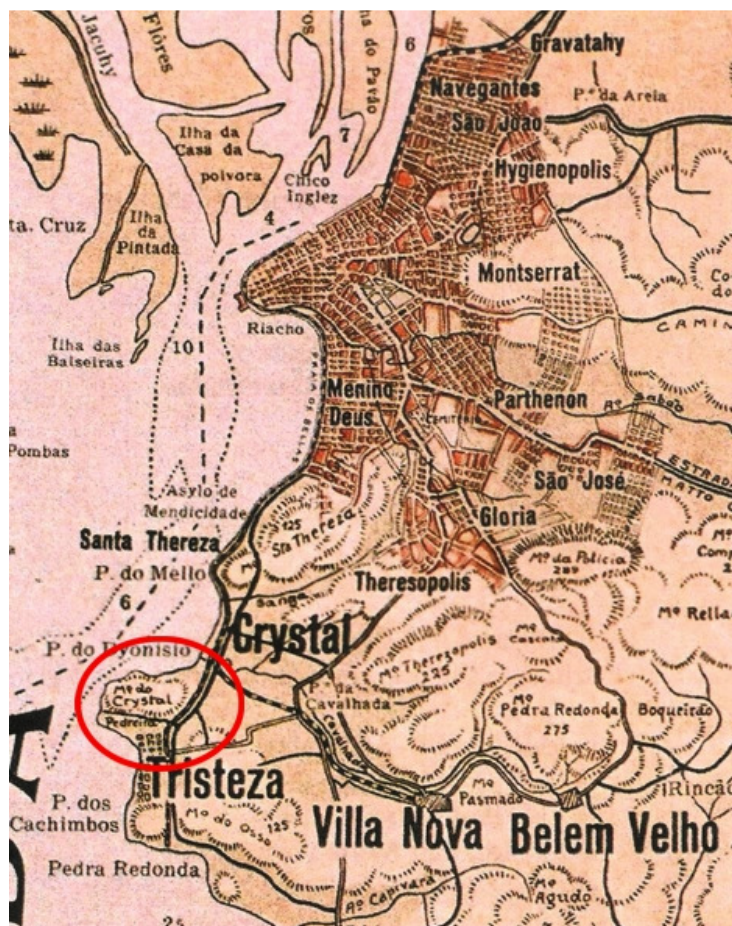


Fig. 66 - Mapa de Porto Alegre, 1926. Em destaque, traçado feito pela autora em vermelho, com a localização do local do futuro loteamento da Vila Assunção. Fonte: IHGRGS. Cartografia visual histórica-urbana de Porto Alegre. 2005. 1 CD ROM.

Consta no Registro de Imóveis da 2ª Zona, da Comarca de Porto Alegre, do livro 3-A, à folha 139, que na data de 13/04/1936, “foi adquirido pela Imobiliária Assumpção Ltda.¹¹, em virtude de execução de dívida hipotecária e arrematação em hasta pública, o lugar denominado “Ponta do Dionísio”, descrito como uma fazenda com 1.289.000m², herança de José Joaquim Assumpção, arrematada no valor de 61.000\$000 (sessenta e um milhões de réis). A carta de arrematação foi assinada pelo Juiz de Direito da 4ª Vara Cível do Distrito Federal, Dr. Frederico de Barros Barreto, em 27/02/1936. ” (Certidão de Registro de Imóveis 2ª Zona, Anexo 2.2)

Em 14/12/1938, o loteamento denominado “Villa Assumpção Cristal”, encontrava-se inscrito na Serventia Registral Imobiliária, sob o número 43, à folha 254 do livro “8”, como de propriedade da Imobiliária Villa Assumpção, observando as seguintes

¹¹ Imobiliária Assumpção Ltda.- Empresa urbanizadora administrada pela Companhia Predial e Agrícola Sociedade Anônima, com sede na Rua dos Andradas, em Porto Alegre, RS, dos irmãos Aníbal e Ernesto di Primio Beck, este último, quotista e gerente responsável pela comercialização e administração do loteamento da Vila Assunção.

confrontações: “a norte e a oeste com o Rio Guaíba; pelo sul com a Rua Copacabana; e pelo leste com terras do Hospital da Brigada Militar, pertencentes ao Governo do Estado, e num pequeno trecho com diversos moradores. ” (Anexo 2.1). Na transcrição da referida Certidão, encontramos a descrição das características do Loteamento:

O imóvel foi dividido em 45 quadras, com 1.495 lotes. Ficou reservada uma área não loteada, destinada ao Centro Comercial da futura Villa; ficaram também reservados para logradouros públicos as ruas e praças, e espaços livres constantes da planta feita pelo Engenheiro Civil Ruy de Viveiros Leiria, inscrito no CREA nº 730, o qual também confeccionou o Memorial Descritivo junto aos autos, que contém o completo projeto de urbanização. A planta foi aprovada pela Prefeitura, e foram apresentadas todas as certidões negativas exigidas por Lei, e demais documentos presentes no Decreto-lei nº 58, de 10/12/1937. Até a data em que foi apresentado o memorial não havia lotes vendidos, nem contratados. Tendo transcorrido o prazo de 30 dias da última publicação do edital, sem ter havido impugnação, foi o memorial aqui inscrito, em termos. Em 14/12/1938. Nada mais consta. (Anexo 2.1, Certidão do Registro de Imóveis da 2ª Zona, Comarca de Porto Alegre, 24/3/2017).

O Decreto-Lei nº 58, citado na Certidão, dispõe sobre o loteamento e a venda de terrenos para pagamento em prestações, assinado pelo então Presidente da República Getúlio Vargas, em 10/12/1937. No Art. 1º deste decreto, está elencada a documentação necessária à aprovação de loteamentos em terras rurais ou terrenos urbanos, entre eles, de um memorial descritivo contendo as características do imóvel, tais como, denominação, área, limites, situação, plano de loteamento com a assinatura do engenheiro que tenha efetuado a medição e o loteamento. Esta documentação, mencionada na Certidão, foi encaminhada para aprovação do Projeto de Urbanização da Vila Assunção, redigido em 1937, pelo Engº Ruy de Viveiros Leiria, através do Memorial Descritivo do Ante-Projeto de Urbanização da Chácara de Propriedade da Imobiliária Villa Assumpção Limitada (Anexo1.1) e da Planta do Loteamento (Anexo 5, Fig.67). Posteriormente, em janeiro de 1940, o referido Memorial, foi publicado no 31º Boletim da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul (Anexo1.2), em Porto Alegre.



Fig. 67 – Planta do Loteamento da Vila Assunção, apresentado em 1937, com a demonstração dos espaços projetados pelo Eng^o Ruy de Viveiros Leiria. Anexo 5. Fonte: Acervo particular Arq. Nestor Nadruz.

5.1. Antecedentes da Região

Porto Alegre, desde sua origem, por volta de 1752, quando do desembarque dos casais de açorianos, está relacionada à ocupação das margens do Guaíba. Mesmo sem a data precisa, a península é o local da chegada dos açorianos, personagens presentes no imaginário da origem da cidade, como considera Weimer,

a origem de Porto Alegre é um tema controvertido. Para uns teria sido criada em 1740, quando Jerônimo Dorneles de Menezes e Vasconcelos recebeu, em São Paulo, sua carta de sesmaria da área, na qual a cidade viria a ser implantada.... Uma segunda tese diz que o povoado começou com o desembarque dos casais açorianos, em 1752, nalgum lugar de localização controvertida, na península.... A terceira versão atribui ao capitão Alexandre José Montanha a autoria do projeto. Efetivamente, a sesmaria foi desapropriada em 1772. (WEIMER, 2004, p.102).

Antes de Porto Alegre constituir-se um dos quatro municípios que formavam o território da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, a saber, Rio Pardo, Rio Grande, Santo

Antônio e Porto Alegre, conforme demonstrado no mapa de 1809 (Fig.68), no século XVIII, teve início o período das sesmarias¹².

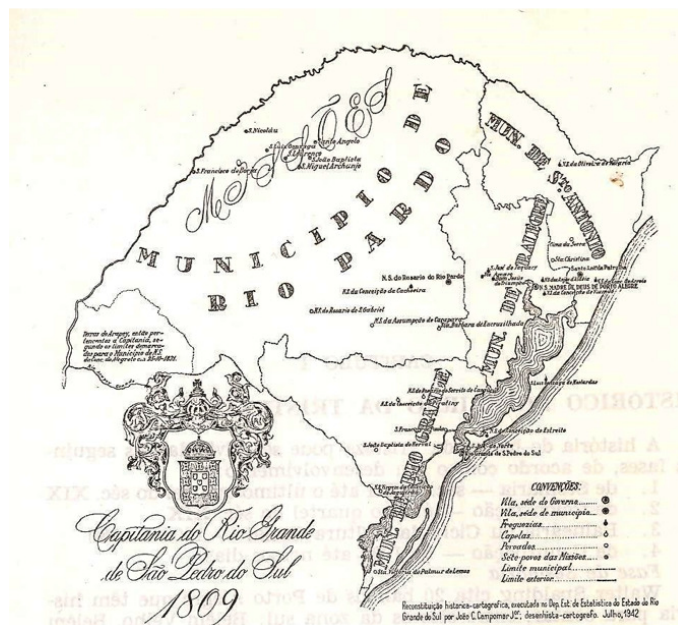


Fig. 68 – Mapa da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, mostrando a divisão administrativa no ano de 1809, com sede do governo, vilas, freguesias, capelas e povoados nos quatro municípios. Fonte: Flores, 1979, p.12.

A concessão de terras fez parte de uma estratégia expansionista da Coroa portuguesa a fim de garantir a posse e a segurança das fronteiras, uma vez que as sesmarias se situavam na linha de fronteira com terras de ocupação da Coroa espanhola. Uma sesmaria correspondia à área de 13.068 hectares (MACEDO, 1968, p.44). Consta que,

a doação da primeira sesmaria em território rio-grandense ocorreu em 25 de outubro de 1732, em Tramandaí, concedida ao tropeiro lagunense cap. Manoel Gonçalves Ribeiro. Seguiram-se outras em Osório, São José do Norte e em direção ao interior, doadas de preferência a militares e situadas em pontos estratégicos, como as margens do Jacuí, Taquari e do “Rio Grande” (Guaíba), onde se estendiam os chamados “Campos de Viamão”. Em 1734 já haviam sido concedidas 27 sesmarias. (FLORES, 1979, p.12).

O processo de ocupação da área que hoje constitui o município de Porto Alegre, teve início com áreas concedidas a três principais sesmeiros vindos de Laguna em 1732 – Jerônimo de Ornellas Menezes e Vasconcellos, Sebastião Francisco Chaves e Dionísio Rodrigues Mendes, com limites territoriais estabelecidos a partir de “arroyos de

¹² Sesmarias - Terras concedidas pelos reis de Portugal, a quem as estivesse ocupando e cultivando, estabelecidos com criação, casa e escravos, por um período superior a cinco anos, exclusivamente para cidadãos de origem lusa (FLORES, 1979, p.11).

acentuada significação geográfica” (MACEDO, 1968, p.44), para povoar o território então denominado de “Campos de Viamão” (FLORES, 1979, p.13). De norte a sul estendiam-se a partir do Rio Gravataí até o Arroio do Salso, tendo como limites comuns entre elas, os arroios Dilúvio e o da Cavallhada e, as três, observando como limite ocidental, o Guaíba (Fig.69).

As três sesmarias se desenvolveram de maneira diversa. Nas terras de Jerônimo de Ornellas, em 1752, sessenta famílias vindas do arquipélago de Açores foram instaladas provisoriamente, uma vez que se tratava de terras da Marinha dentro dos limites da sesmaria. Aguardavam a transferência para ocupar a área das missões, em virtude da permuta entre portugueses e espanhóis pela Colônia de Sacramento, no Uruguai, cumprindo o acordo firmado através do Tratado de Madrid (1750). Em 1762, Jerônimo de Ornellas vendeu a área dez anos depois, em 1772, a mando do governador José Marcelino de Figueiredo, que foi desapropriada e loteada pelo capitão engenheiro Alexandre José Montanha, dando origem a Porto Alegre, capital do Estado da Província de São Pedro. Após a fundação de Porto Alegre, a sesmaria de Sebastião Francisco Chaves, em parte, foi vendida por seus herdeiros. Parte vendida a Francisco Antônio da Silveira se destacou pela plantação de cereais e pela construção de uma azenha, similar a um moinho, junto ao arroio Dilúvio, dando origem ao bairro Azenha. A partir de meados do século XIX, surgiram outros bairros nas terras originalmente desta sesmaria, como Menino Deus, Partenon, Praia de Belas e Teresópolis (FLORES, 1979, p.14-15).

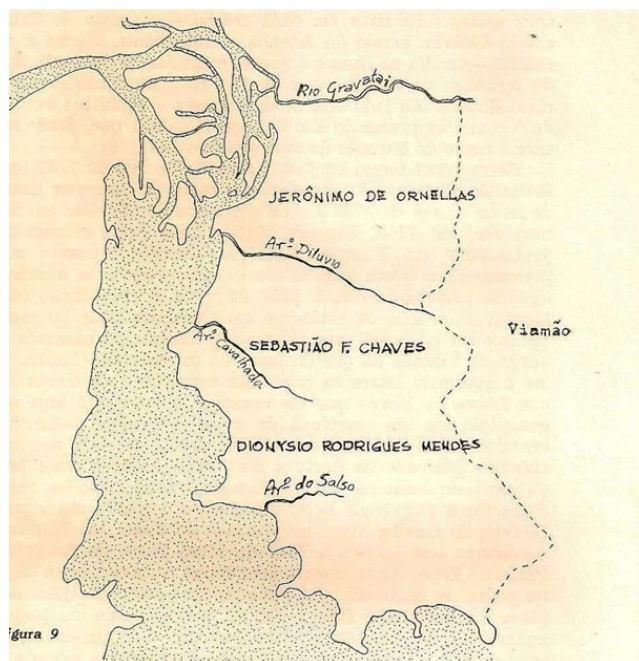


Fig. 69 – Croqui apresentando as três propriedades dos sesmeiros que ocupavam praticamente toda a área do atual município de Porto Alegre, na terceira década do século XVIII, tendo o Guaíba representado através de hachura. Fonte: MACEDO, 1968, p.46.

A sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, diz respeito à pesquisa aqui apresentada, uma vez que a denominação “Ponta do Dionísio” na área onde está localizado o loteamento da Vila Assunção, teve sua origem a partir do nome do sesmeiro. Limitada ao norte pelo arroio Cavalhada, ao sul pelo arroio do Salso, a oeste pelo Guaíba e a leste por Viamão, permaneceu por mais tempo em mãos dos seus herdeiros. Como as demais sesmarias, a fazenda de Dionísio destinava-se à criação de animais, a fim de efetivar e garantir a ocupação das terras. Consta no recenseamento das terras de Viamão de 1785 a informação de que Dionísio Rodrigues Mendes apresentava posse de campo com uma fazenda estabelecida há mais de cinquenta anos, em companhia de filhos e genros, vivendo de lavoura e criação de animais, a qual afirmava possuir “300 cabeças de gado, 6 bois, 12 cavalos, 100 éguas e 25 potros” (NEIS, 1972 apud FLORES, 1979, p.16), sugerindo que,

a julgar pelas declarações de Dionísio Rodrigues Mendes, no recenseamento de 1785, podemos imaginar as instalações de que sua estância era dotada: a casa senhorial, erguida com tijolos fabricados em olaria própria, paredes grossas com poucas aberturas, no estilo da arquitetura colonial açoriana; acomodações para os escravos, que todo sesmeiro possuía para o serviço de lavoura e pastagem de animais; ranchos, currais, olarias...(FLORES, 1979, p.17).

A criação de gado bovino no Rio Grande do Sul representou uma das fontes de economia do estado, alavancada pelas charqueadas¹³, surgidas a partir de 1780, na área que atualmente encontra-se o município de Pelotas, ao sul do Estado. A partir de 1794, as charqueadas passaram a se instalar nas proximidades de Porto Alegre, nas margens do rio Jacuí. Existem referências da ocorrência de duas charqueadas na área da Sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes: uma no Morro do Cristal e outra na Ponta do Dionísio, local que teria servido de porto para o escoamento da produção da fazenda (MACEDO, 1968, p.63). À época da formação de Porto Alegre, em 1772, parte da sesmaria de Dionísio foi permutada por uma área próxima ao arroio Cavalhada, para servir de abrigo aos cavalos do Serviço Real da Vila de Porto Alegre, definindo o nome da região até os dias de hoje, como Cavalhada (NEIS, 1972 apud FLORES, 1979, p.17). No restante das terras, na medida em que seus filhos atingiam a maioridade, estabeleciam-se em diferentes áreas do território da sesmaria.

Dionísio Mendes Rodrigues (1695 - 1791), nascido em Tomar - Portugal, foi casado com Beatriz Barbosa Rangel (ca. 1714 - 1794) de Guaratinguetá - São Paulo, com quem teve oito filhos. Com a morte de Dionísio, em 1791, a sesmaria foi dividida, tocando ao filho primogênito, Manoel Rodrigues Rangel, a sede da sesmaria, localizada sobre uma

¹³ Charqueada - Denominação da área da propriedade rural em que se produz o charque: carne salgada e enxugada ao sol, em mantas, preparada, principalmente para exportação.

elevação, onde hoje se encontra a área central do bairro Belém Velho. Este, não teve herdeiros, vendeu parte das terras em vida, permanecendo na sede da chácara em que vivia, até sua morte em 1816. A área ficou para usufruto da viúva, Francisca Maria de Jesus até 1824, ano de seu falecimento. Neste mesmo ano “estas terras foram arrematadas em hasta pública por um grupo de pessoas devotas de N. Sr^a de Belém, que as doaram a mesma Santa, construindo-lhe ainda no mesmo ano de 1824 uma singela capelinha” (FLORES, 1979, p.18). Em 1830, uma nova capela foi inaugurada no mesmo local e tornou-se a capela-mor da antiga igreja matriz, em razão do povoado estabelecido na sede que fora da sesmaria. A importância do local, à época, pode ser compreendida na medida em que foi a segunda Freguesia de Porto Alegre, precedida apenas pela paróquia N. S. Madre de Deus, atual catedral de Porto Alegre.

Coube a André Bernardes Rangel, outro filho de Dionísio, a área balneária da sesmaria, desde o arroio Cavallhada até o arroio do Salso, portanto as terras em que se encontra a Vila Assunção. Com sede da fazenda em Ipanema também localizada em área mais elevada, garantindo a visibilidade estratégica do litoral com provável finalidade de defesa e um aprazível panorama paisagístico (FLORES, 1979, p.18). Nascido em Viamão, RS, André Bernardes Rangel (1741 – 1826), foi casado com Ana Joaquina Sanhudo (1752 - 1823), natural de Rio Pardo com quem teve também oito filhos. Após a morte de André em 1826, foi decidida em 1833, na Justiça, a distribuição de suas terras, a partir de um levantamento das instalações existentes na vasta área definindo os limites das propriedades que competiam aos herdeiros de André (FLORES, 1979, p.18). Coube a sua filha Maurícia Joaquina da Silva (1792- 1842) a parte das terras que continha a região da Vila Assunção. Maurícia casou-se com José da Silva Guimarães ‘Tristeza’. Após a morte de Maurícia, em 1842, parte das terras passam para seu irmão Manuel José Sanhudo (1789-1854), segundo relato de Flores (1979, p.18-20). De acordo com esta mesma autora após as terras teriam sido legadas à Apolinário e Patrício, ambos filhos de Manuel José Sanhudo. No entanto, de acordo com informações genealógicas (<https://www.geni.com/people/Manoel-Jos%C3%A9-Sanhudo/6000000001337638630?through=6000000001337638623>), Manuel José Sanhudo que se casou com Alexandrina Maria Ribeiro de Faria (1806-1861) só teve duas filhas: Maria da Glória Sanhudo (1829-1867) e Josefina Sanhudo (1852 - ?). A primeira casou-se com Fidélis Ignácio de Medeiros (1814-1886) com quem teve 11 filhos e um deles se chamava Apolinário Inácio de Medeiros (1854 -1915) que talvez seja o Apolinário referido por Flores, entretanto, não era filho, mas sim neto de Manuel José Sanhudo. Um dos nomes dos onze filhos de Maria da Glória com Fidélis Ignácio de Medeiros está oculto, e talvez seja o de Patrício, acima citado.

Da passagem das terras via Dionísio Mendes Rodrigues as notícias param em Apolinário que teria recebido as terras em 1842. Depois temos datas precisas em 1891 quando as terras foram vendidas de Luiz Fraeb para José Joaquim de Assunção. Entre 1842 e 1891 não temos datas de negociações, mas se sabe que Fraeb comprou as terras de Jacintho Antonio Lopes. Não se sabe também se Apolinário vendeu as terras para Jacintho ou se entre Apolinário e Jacintho houveram outros proprietários.

Jacintho Antonio Lopes que consta do documento de venda de Luiz Fraeb para José Joaquim de Assunção, tendo sido o vendedor da área para Luiz Fraeb parece ser o Jacintho Antonio Lopes, vulgo *Jacinto do Beco*, que era importante dono de charqueada em Pelotas e nasceu em Rio Grande no ano de 1816. Algumas de suas histórias como charqueador aparecem em Vargas, 2011. Já o nome de Luiz Fraeb aparece como alguém que passa a trabalhar no comércio de carnes congeladas a partir de 1890, conforme Decreto nº 337 de 17 de abril de 1890 (<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-337-17-abril-1890-541790-publicacaooriginal-47959-pe.html>) Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Neste decreto se concede subvenção a uma empresa de vapores frigoríferos de Luiz Fraeb e a seus sócios com o uso e o gozo de aparelho frigorífero em função da organização de uma linha de vapores destinada ao transporte de carnes verdes entre os portos da República. A sede dessa companhia seria no Distrito Federal, à época, o Rio de Janeiro. Luiz Fraeb foi presidente da Câmara de Comércio de Rio Grande nos períodos 1879-1880 e 1884-1885. E conforme o *Almanak Laemmert* era representante consular da Alemanha em Rio Grande no ano de 1893, 1894. Já era representante consular e negociante em Rio Grande desde 1880 segundo o jornal Maruí de Rio Grande que, em 4 de abril de 1880 publica seu retrato.

O último proprietário das terras foi José Joaquim de Assunção (1849-1919), nascido em São Borja, que era casado com Felisbina Amélia de Resende Antunes Maciel (1864 - 1940) filha de família importante de charqueadores em Rio Grande. Pode ter sido por essa ligação que se efetuou a compra das terras de Luiz Fraeb, em 1891. Já Luiz Fraeb deve ter vendido as terras para se dedicar ao comércio das carnes verdes congeladas, uma vez que, como bem coloca Vargas,

a entrada dos Estados Unidos naquele mercado diminuiu as chances dos demais concorrentes. Os norte-americanos, que haviam instalado um complexo sistema de transportes de carnes refrigeradas por meio dos vagões de trens no interior do seu país, implantaram tal método nos navios, conquistando de vez o exigente paladar britânico. A carne

refrigerada era mais apetitosa que a carne congelada. Dos anos 1890 até a década de 1910, eles dominaram estes negócios relegando aos fabricantes platinos o papel de fornecedores das carnes de segunda linha, destinadas às classes mais pobres (2014, p.560).

Estes dados possibilitaram a elaboração do esquema genealógico da transmissão das terras (Fig.71), que nos remete há mais de duzentos anos de história com personagens envolvidos na sucessão e herança da área em que foi implantado o loteamento da Vila Assunção.

Na reprodução do mapa de 1833, realizado por João Antônio da Costa (Fig.70), encontram-se indicados no desenho edificações, arroios, elevações e marcos referenciais da área costeira do Guaíba no trecho que compreendia o litoral da sesmaria, abrangendo os atuais bairros da Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Camaquã, Cavahada e parte da Vila Nova.



Fig. 70 - Cópia do Arquivo Público do Mapa Geográfico da Estância medida e demarcada chamada Morro de São Gonçalo, com a zona praieira de Porto Alegre, datado de 1833 e detalhe da área da Ponta dos Cachimbos. Fonte: Acervo particular de Sérgio da Costa Franco. Foto: André Huyer.

Mappa Geographico da Estancia medida e de Marcada Chamada Morro de S Gonssalo que tem na sua Sercunferencia 140400 Braças, Estas someduziu pello calculo Matematico na Aria superficial de 5:3003/822 Braças Geométricas...

- 1 - Barra do Arroio Gabiroba donde Se Fez Piao
- 2 - Marco no fim do Arroio e segue o Banhado
- 3 - Marco na Barra da Sanga
- 4 - Marco donde principia o Sangao
- 5 - Marco em cima de huma Lomba
- 6 - Marco na Lomba de Nicolao
- 7 - Marco na Estrada do dito
- 8 - Marco no Canto da serca principio do Banhado
- 9 - Marco no mei do Banhado
- 10 - Arroio da Cavalhada
- 11 - Marco no Passo da Cavalhada
- 12 - Marco no fim do Banhado, no Arrº. diviza de Anº da S. Guimº
- 13 - Barra e Fim do Arrº q sai na marge do Rio xxxxxx
- 14 - Ponta do Dionísio
- 15 - Ponta dos Cachimbos
- 16 - Arroio das Capivaras
- 17 - Arroio no Porto de Joze Ignº Teixrª Junior
- 18 - Ponta da Serraria
- 19 - Caza de Morada do Falecido Borges
- 20 - Caza de Morada de Joze Bernardes Sanhudo
- 21 - Caza de Morada de Ricardo
- 22 - Caza Morada Sao e Brito
- 23 - Caza de Morada de Joze Ignº Teixrª Junior
- 24 - Olaria e Caza do Major Alexandre
- 25 - Caza de Morada do major Alexandre
- 26 - Caza de Morada do Tenº Manoel Joze Sanhudo
- 27 - Caza de Morada do falecido Andre Bernardes da Sª
- 28 - Caza de Morada do Bernardino Joze Sanhudo
- 29 - Caza de Morada do Falecido Tristeza
- 30 - Caza de Morada de Lourenco Inº Pinto de Miranda
- 31 - Caza de Morada e Olaria de Justino Anº Pinto
- 32 - Norte da Agulha
- 33 - Norte do Mundo ----- Porto Alegre de 8brº de 1833
- 34 - Caza da Dna Leocadia

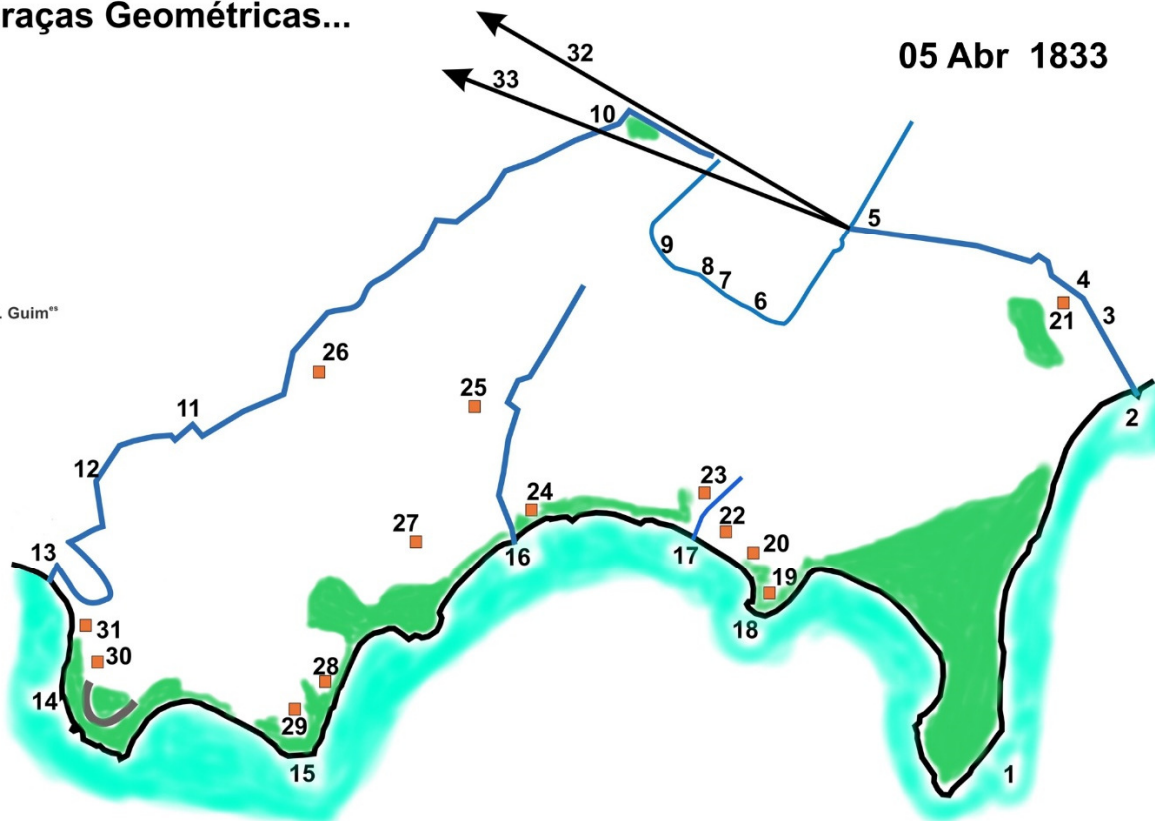


Fig. 70a - Reprodução do Mapa Geográfico da Estância medida e demarcada chamada Morro de São Gonçalo, com a zona praieira de Porto Alegre, datado de 1833 e detalhe da área da Ponta dos Cachimbos. Cópia do Arquivo Público. (Tentativa de reprodução expedita do mapa e transcrição de sua legenda). Fonte: Pesquisadora.

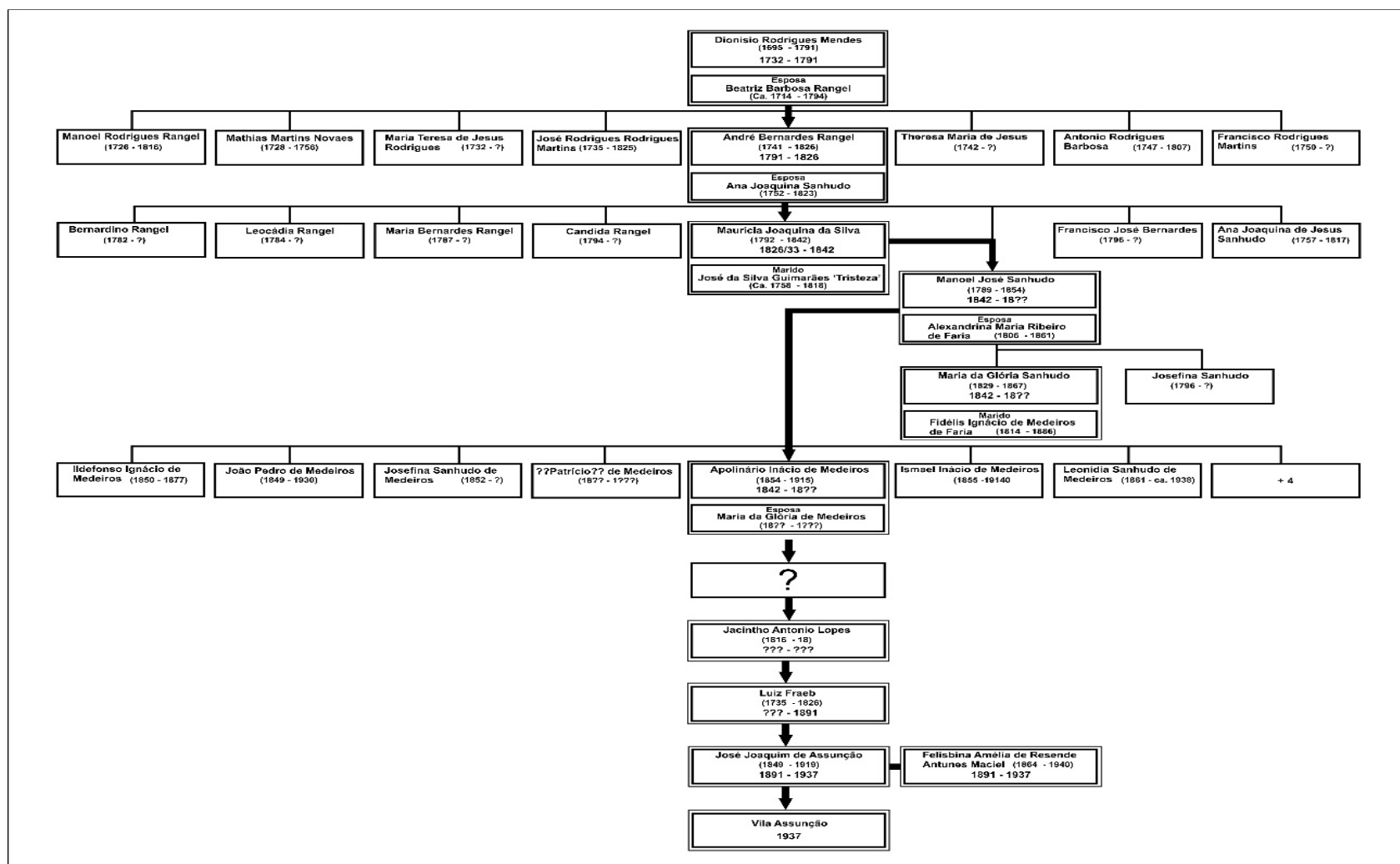


Fig. 71 - Esquema “genealógico” de transmissão das terras da área da Vila Assunção. Fonte: Pesquisadora

José da Silva Guimarães (Tristeza), genro de André Bernardes Rangel, estabeleceu-se da margem do Guaíba até a estrada da Cavalhada, no local que hoje se constitui os bairros Vila Conceição e Tristeza, dando nome ao local. Com seu falecimento em 1842, parte das terras foi designada ao cunhado, Manuel José Sanhudo e, posteriormente, legadas a seus filhos, Patrício e Apolinário, e a Lourenço Antônio Pinto, apelidado como Tatibitati. Esta parte obtida correspondia a uma parcela do atual bairro Tristeza e a área onde mais tarde foi realizado o loteamento da Vila Assunção. Em 1876, Guilherme Ferreira de Abreu, adquiriu e loteou parte destas terras da Tristeza, “o trecho que hoje corresponde entre as ruas Emilio Meyer e Pereira Neto, do lago do Guaíba até a estrada da Serraria.” (HUYER, 2010, p.35).

A região do bairro Tristeza compreendia, à época, as áreas dos atuais bairros Vila Assunção, Vila Conceição e parte dos bairros Camaquã e Pedra Redonda. Tratava-se de uma região aprazível e de grande beleza natural, com terras disponíveis para ocupação. A partir do parcelamento feito em 1876, as terras passaram a ser ocupadas, em sua maioria, por imigrantes europeus, que chegavam ao Estado para colonizar as regiões da serra gaúcha. Entretanto, alguns se estabeleciam nas Casas de Imigrantes. Entre elas, a Hospedaria do Imigrante no Cristal, construída em 1891 e transformada em 1899 no Quartel da Brigada Militar, no terreno que hoje pertence ao Jockey Clube, entre a Ponta do Mello e a Ponta do Dionísio (FLORES, 1979, p.40). Desta forma, alguns imigrantes acabaram se estabelecendo em chácaras, geralmente adquiridas e pagas através da comercialização dos produtos, fruto do trabalho e do plantio na lavoura - frutas, hortaliças, tambo de leite e produtos granjeiros, vendidos nos arredores de Porto Alegre, conferindo ao lugar, à época, uma característica rural, uma vez que “a região permaneceu meramente agrícola e com baixíssimas densidades de ocupação até a chegada do trem.” (WILKOSZYNSKI & SOUZA, 2008, p.185).

Conforme examinado na Certidão do Registro de Imóveis da 1ª Zona de Porto Alegre (Anexo 2.4), a área que corresponde ao loteamento da Vila Assunção, localizado na Ponta do Dionísio, foi adquirida em 1891 por José Joaquim de Assumpção do Sr. Luiz Fraeb, de nacionalidade alemã. A transcrição da escritura pública de Compra e Venda, lavrada em 20 de abril de 1891, que consta no livro 4-A, folha 323 sob nº 3.974, se verifica a descrição da área e das benfeitorias nela existentes:

Um milhão, duzentos e oitenta e nove mil metros quadrados, no lugar denominado Ponta do Dionísio, divisas de Belém com esta cidade e Rio *Guahyba*, contendo uma casa de moradia com dependências e mobílias próprias e uma *xarqueada* montada com pertences para o trabalho, cujo terreno e mais propriedades o transmitente houve por compra feita a Jacintho Antonio Lopes e sua mulher.- ADQUIRENTE: JOSÉ JOAQUIM DE ASSUMPÇÃO. Rio de Janeiro. –

TRANSMITENTE: Luiz Fraeb, Hamburgo, Alemanha. – VALOR: 3:000\$000.- em ouro brasileiro. (Anexo 4, Certidão do Registro de Imóveis da 1ª Zona, Comarca de Porto Alegre, 25/8/2017).

Entretanto, como mencionado acima, a área denominada Ponta do Dionísio tratava-se de uma fazenda de 120 ha, que havia sido adquirida em 1891, por José Joaquim de Assumpção, natural de São Borja e casado com Felisbina Amélia de Resende Antunes Maciel (Fig.72), filha de militar de família tradicional de Pelotas. O casal teve dez filhos: Maria Augusta, Judite, Francisco Aníbal, Sara, Ilca, Átila, Mário, Ernani, José e Heitor, os dois últimos faleceram ainda pequeninos (PELLIN, 1979, p.105-106).



Fig. 72 – Reprodução de fotografia do casal Assumpção. J.F. de Assumpção Santos. Fonte: Uma Linhagem Sul-Riograndense: os Antunes Maciel, 1957, p. 218-A.

De reconhecido espírito empreendedor, José Joaquim Assumpção, além da charqueada, criação e plantação, montou uma olaria movida a vapor, considerada uma das mais modernas da época em sua fazenda (Fig.73). Encontrou, nas terras compradas, o trapiche utilizado pela charqueada existente no local, onde saía um barco a vapor, que além do transporte eventual de pessoas, levava os produtos da chácara de Assumpção para serem comercializados na capital, conforme relembra sua neta,

Leda Assumpção Dias, filha do Sr. Mário Archimedes Antunes Assumpção, quando relata que:

havia um outro transporte para o centro da cidade: era o vapor. Meu avô construiu um trapiche, e quando alguém precisava ir para o centro eles colocavam uma bandeira branca. E o “vaporzinho” parava ali e esperava. Meu avô morava na Rua Goitacaz, bem perto do rio. A casa era maravilhosa. Foi demolida, foi um crime. Podia ser um museu. Tem umas construções que demoliram que foi uma pena. (Trecho da entrevista registrada em 31/3/2017).



Fig. 73 - Foto de 1911, com o casal Assumpção junto à olaria, rodeado por seus filhos e amigos.
Fonte: PELLIN, R. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p.107.

Além disso, José Joaquim Assumpção explorava as pedreiras existentes em suas terras, fornecendo pedras para a construção do cais do porto (PELLIN, 1979, p.105). Dona Leda recorda, que,

morou na infância no Guarujá, onde era um sítio de propriedade de seu pai. A Vila Assunção era o local de veraneio. Tinham o mesmo tipo de animais, mas aqui na área da Vila Assunção tinha muita pedra. As pedras daqui da Vila Assunção foram as que lajearam o Cais do Porto. O morro é pedra pura. Tem uma coluna da Catedral que também foi feita com pedras daqui da casa da Vovó. O trenzinho vinha para buscar as pedras. Era mato e o rio (Fig.74). Para irmos da faixa até a casa da Vovó nós levávamos uma meia hora de charrete, porque não tinha estrada. Depois é que fizeram os trilhos que passavam carros (Trecho da entrevista registrada em 31/3/2017).



Fig. 74 - Cartão Postal indicando Praça na Tristeza, onde se evidencia o aspecto recorrente da paisagem do litoral junto ao Guaíba e da Vila Assunção à época: enseadas, solo pedregoso e sem indicativos de urbanização, em imagem provável do início dos anos 1900. Fonte: Acervo Antônio Paulo Ribeiro.

Dona Leda narra, ainda, a posição política do avô, que foi federalista declarado e que

era um homem muito rico. Mas ele era da oposição a Júlio de Castilhos. Então ele vivia fugindo. Tanto que meu pai nasceu em Buenos Aires. Ele levava a família toda. Mas o importante é que o Vovô era muito bem relacionado. Tinha muitos amigos “de verdade”. Eles vinham para se hospedar aqui na Vila Assunção e faziam a “caça à raposa”, uma corrida de cavalos que existia antigamente. (Trecho da entrevista registrada em 31/3/2017).

Quando resolvida a situação política no Rio Grande do Sul, José Joaquim Assumpção retornou a Porto Alegre onde encontrou parte de um trecho da Ferrovia do Riacho sobre os limites de sua propriedade (Fig. 75), instalada de forma arbitrária pelo Governo do Estado, seu adversário político. Insatisfeito com a situação de suas terras e do litoral servindo para despejo do esgoto da cidade e para retirada de areia das praias do Guaíba, além da exploração da pedreira do morro Cristal (FLORES, 1979, p.38), não houve acordo entre José Joaquim Assumpção e a Intendência Municipal para venda ou indenização da área. Por esse motivo, o ponto de despejo deixou de ser realizado na Ponta do Dionísio (Fig.76), passando, a partir de 1899, para a Ponta do Mello, junto a “Lomba do Asseio”, local conhecido atualmente como Pontal do Estaleiro.

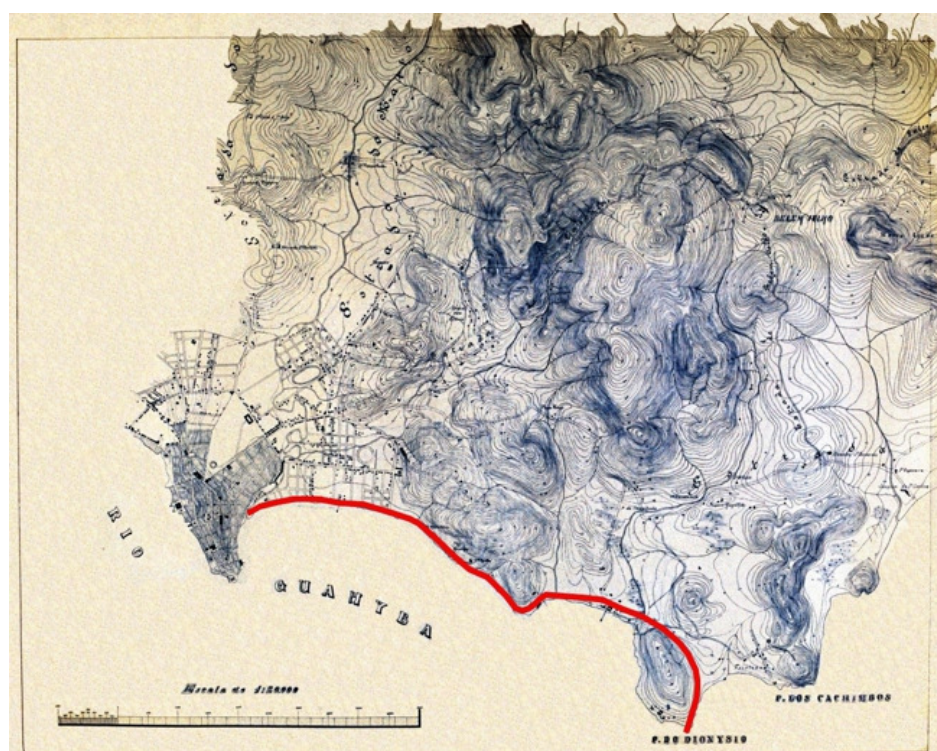
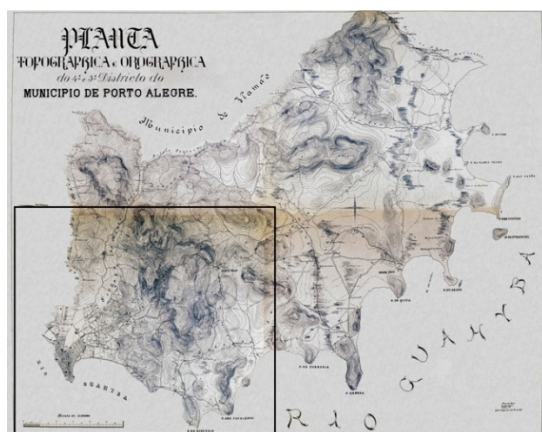


Figura 75 – Mapa do município de Porto Alegre de 1886, e em detalhe o Morro do Cristal, onde o traçado da ferrovia (em vermelho, traçado feito pela autora) aparece completo, do Riacho à Ponta do Dionísio. Fonte: IHGRGS. Cartografia visual histórica-urbana de Porto Alegre. 2005. 1 CD ROM.



Fig. 76 – Trapiche localizado na Ponta do Dionísio, utilizado para o despejo dos cubos sanitários. Fotografia de 1900. Autor: Virgílio Calegari. Fonte: SPALDING, W. Pequena História de Pôrto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967.

A Estrada de Ferro do Riacho foi criada para atender o serviço de asseio público, com o objetivo de transportar os dejetos cloacais para um ponto afastado do centro da cidade, uma vez que

o núcleo urbano central da cidade ainda predominava situado sobre a península, em casas praticamente sem jardins, onde o solo granítico não permitia a solução de fossas sépticas com sumidouros. Desse modo, como não havia sistema de esgotos cloacais tubulados, nem sistemas de fossas e sumidouros, a solução dada aos excrementos era seu recolhimento domiciliar sistemático (uma ou duas vezes por semana). Eles eram acondicionados em tubos hermeticamente fechados, os “cubos” ou “cabungos” e, a seguir, transportados até o local de destinação final: as águas do Guaíba, onde eram lançados dos trapiches, ou pontes de despejo. (HUYER, 2010, p.52).

À época, o ponto do descarte dos dejetos estava localizado na área central da cidade, na ponta da península, causando incômodo e constrangimento à população devido à precariedade do sistema insalubre, provocando odores e problemas de saúde pública. Por isso, em 1894, a solução encontrada e defendida pelo engenheiro José da Costa Gama, foi a de levar os dejetos para além do perímetro urbano, transportados através da ferrovia (HUYER, 2010, p.57), que iniciaria na ponte do Riacho, a “Ponte de Pedra” e seguiria margeando o rio Guaíba até o destino final, na Ponta do Dionísio, área do atual loteamento da Vila Assunção. Conforme conclusão de Hoyer (2010, p.57), “foi a necessidade de remover o esgoto cloacal da cidade que determinou o surgimento da Ferrovia do Riacho”.

Devido à alteração do traçado original da ferrovia, o trem passou a ter a última estação no arraial da Tristeza. Esta estação foi concluída em 1900, contando, a partir de então, além do transporte de cargas, com o transporte de passageiros. A ferrovia foi rebatizada como “Estrada de Ferro do Riacho à Tristeza”. Esta foi prolongada por mais 1.500 metros, até a Pedra Redonda, com a obra concluída em 1913 (Fig.77). Até então, a região contava com ligações até o centro da cidade via Teresópolis ou através do rio Guaíba. Com a ampliação do percurso da ferrovia, houve um acréscimo significativo de usuários na região:

No primeiro ano do prolongamento da ferrovia, cerca de 40.000 pessoas utilizaram o trenzinho, número este duplicado e multiplicado nos anos subsequentes, aumento que continuou constante até a década de 1930. Os veranistas passavam os fins de semana ou permaneciam o estio todo longe do calor e da falta de higiene da cidade. Esparramaram-se pela Tristeza e arredores, invadindo as praias de Pedra Redonda e Vila Conceição, e mais tarde Ipanema e Vila Assunção (FLORES, 1979, p. 58).

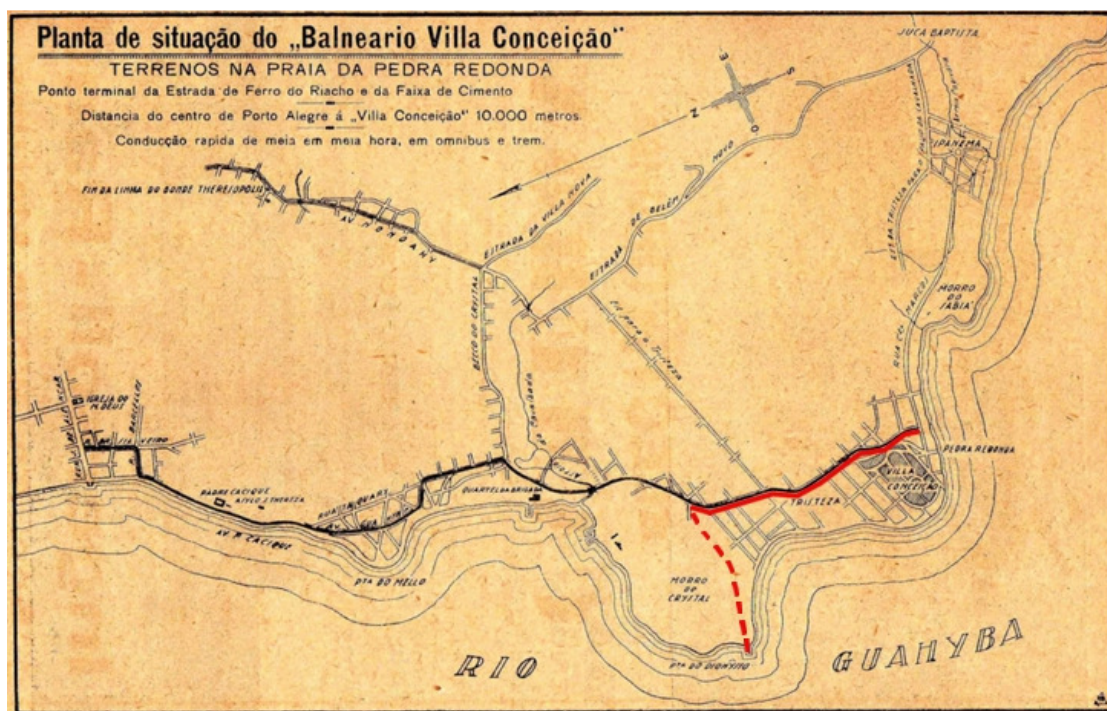


Fig. 77– Propaganda da Vila Conceição, de 1933, com a Planta de Situação, onde consta o traçado da ferrovia do Riacho retificado até a Pedra Redonda (em vermelho, linha tracejada do trecho retirado das terras de José Assumpção, denominada Morro do Cristal, e o prolongamento da linha até a Pedra Redonda, traçado feito pela pesquisadora). Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº3, Porto Alegre, abr. 1933.

Na propaganda do Balneário Villa Conceição, empreendimento de 1930, pode ser observada referência à proximidade do referido balneário ao terminal da Estrada de Ferro do Riacho e, também, da “Faixa de Cimento”, componentes de promoção do lugar, enfatizando a facilidade de acesso à praia.

5.2. Desenvolvimento Urbano da Região

A partir da implantação da Ferrovia do Riacho, foi desencadeado um processo de desenvolvimento e crescimento do bairro Tristeza e seus arredores, idealizado através da imagem de modernidade, conforto, lazer e qualidade de vida. O contorno do litoral e as elevações junto ao Guaíba, sempre se distinguiram pela beleza natural da região, a possibilidade do contato direto com o rio e suas praias, que à época, encontravam-se despoluídas e balneáveis, somados à disponibilidade de terrenos e a proximidade com o Centro (Fig.78), conforme relata Wilkoszynski & Souza:

Durante os meses de verão a Tristeza estava repleta de gente; moradores, veranistas ou simplesmente pessoas que chegavam de

trem para passar o dia ou o fim de semana nos hotéis. Uma vez que havia infra-estrutura suficiente, alguns veranistas passaram a prolongar suas estadas para além dos meses de verão. Outros acabaram por transferir definitivamente suas residências para a região. (WILKOSYNSKI & SOUZA, 2008, p.185).



Fig. 78 – Praia da Pedra Redonda com banhistas e pessoas com traje de passeio. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943, p.23.

Com o incremento da infraestrutura de acessibilidade da área resultante da Ferrovia do Riacho, uma diversidade de serviços e de comércio foi se estabelecendo com o objetivo de atender as exigências do perfil da elite porto alegreense que buscava opções para veraneio e moradia (Figs.79 e 80), representados através dos bairros-balneários que se formariam, em seguida nesta região, conforme conclui Cabral:

Outra conclusão importante que nos mostra a evolução urbana da cidade, neste período, é a de que a definição do tipo de ocupação residencial precede a implantação de infraestrutura urbana. Loteamentos residenciais com apazibilidade natural e junto aos setores proliferam, sendo que o preço do solo já se diferencia antes mesmo da urbanização. Isto denotaria processos simbólicos de valorização do solo. (CABRAL, 1982, p. 149).



Lago Guaíba – Bairro Pedra Redonda, próximo à Av. Cel. Maretti, anos 1900, cópia fotográfica atual a partir de negativo de vidro gelatina (prata, 1880, 13x18cm). Col. Bastian Carvalhal

Fig. 79 – Grupo de pessoas na Praia da Pedra Redonda, nos anos de 1900. Cópia fotográfica atual a partir de fotografia de negativo de vidro. Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Editora Pallotti, 2007.



Fig.80 - Cartão postal da paisagem da praia da Pedra Redonda, década de 1910, autoria de Hugo Freyler. Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Editora Pallotti, 2007, p.26.

O período coincide com a primeira Guerra Mundial (1914-1918), momento em que a importação de mercadorias se torna difícil, e se constata o incremento do setor industrial, em grande parte representada por imigrantes estabelecidos na cidade. A ascensão social de um grupo de imigrantes empreendedores somada à evolução dos meios de transporte provoca o crescimento e desenvolvimento da cidade, com a ocupação das áreas mais altas e periféricas, motivados pela busca de terrenos com topografia mais elevada e condições mais aprazíveis para viver (Fig. 81).



Fig. 81 - Vista da enseada e do bairro Tristeza, já com algumas edificações. Ao fundo, a ponta do Dionísio, área ainda não urbanizada, local que do futuro loteamento da Vila Assunção, 1910. Fonte: Visita em 05/05/2011. Arquivo Palotino. arquivo@pallottism.com.br.

Deve-se considerar que o processo de urbanização de Porto Alegre possui relação com outras cidades do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, além do Uruguai, país que tem fronteira e fortes vínculos históricos e culturais. O Brasil, na passagem do século XIX ao XX, no período de 1889 a 1930, conhecido como República Velha, é marcada por significativas mudanças econômicas, sociais e políticas, onde se destaca

a transformação das antigas províncias do Império em estados-membros de uma federação, os Estados Unidos do Brasil, mais independentes do governo central. Esses estados passam a desenvolver esforços para assegurar meios de controle político e de gestão de seus respectivos territórios tanto quanto para ampliar sua capacidade de influenciar as políticas e a gestão pública no âmbito do governo central. Esses esforços são múltiplos e concernem, entre outras, às iniciativas para reorganizar a administração pública e para ampliar a formação das elites locais. (NASCIMENTO et al, 2013, p.107)

Porto Alegre viveu um período de importantes transformações, alavancado pela fase de industrialização e pelas transformações socioeconômicas ocorridas no País. Ainda, a ideologia política positivista do governo local, com o Partido Republicano Rio-grandense no poder no período de 1889 a 1937, aliada às aspirações de uma burguesia emergente, trouxe à Porto Alegre obras de saneamento e de melhoramentos, transformando a estrutura da cidade colonial com intervenções que lhe trouxeram aspectos da modernidade (WILKOSZYNSKI & SOUZA, 2008, p.182). Neste contexto, em 1912 foi criada a Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da cidade pelo intendente José Montauray, através da contratação de profissionais qualificados e atualizados para a realização de uma série de estudos relacionados à “modernização dos serviços públicos, pela adequação do sistema viário e também pelo embelezamento (SOUZA, 2010, p.94). Conforme Souza (2010, p 94-95), além dos estudos, a Comissão foi

encarregada de realizar obras de infraestrutura, entre elas a ampliação e construção da rede de canalização para o abastecimento de água, prolongamento da rede de esgoto além da realização de um levantamento topográfico a fim de obter uma planta cadastral da cidade e, desta maneira estabelecer um código para o regulamento das construções, de importância para o saneamento da cidade. Somados a estes projetos, havia a premissa da construção de um parque e de projetos para o embelezamento da cidade. O projeto do parque ficou a cargo do engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel, auxiliar-técnico integrante da Comissão de Melhoramentos, na área do Parque da Redenção.

Entende-se que a equipe constituída de profissionais que atuaram junto à Comissão de Melhoramentos desempenhou

um papel fundamental no processo de planejamento da cidade. A ela cabia abordar e ponderar sobre todos os aspectos da cidade. A atuação de seus componentes foi ampla, mas articulada, de tal forma que se envolviam em projetos de saneamento e construção, elaboravam códigos de obras e posturas e até o plano geral para a cidade. (SOUZA, 2010, p.100)

Em 1914, João Moreira Maciel apresenta à Intendência Municipal de Porto Alegre, o Plano de Melhoramentos de Porto Alegre, acompanhado de uma planta (Fig. 82), com a definição das intenções para as alterações no centro da cidade, como subdivisão de quarteirões, alargamento de vias, abertura de avenidas, canalização do Riacho e projetos de praças e parques.

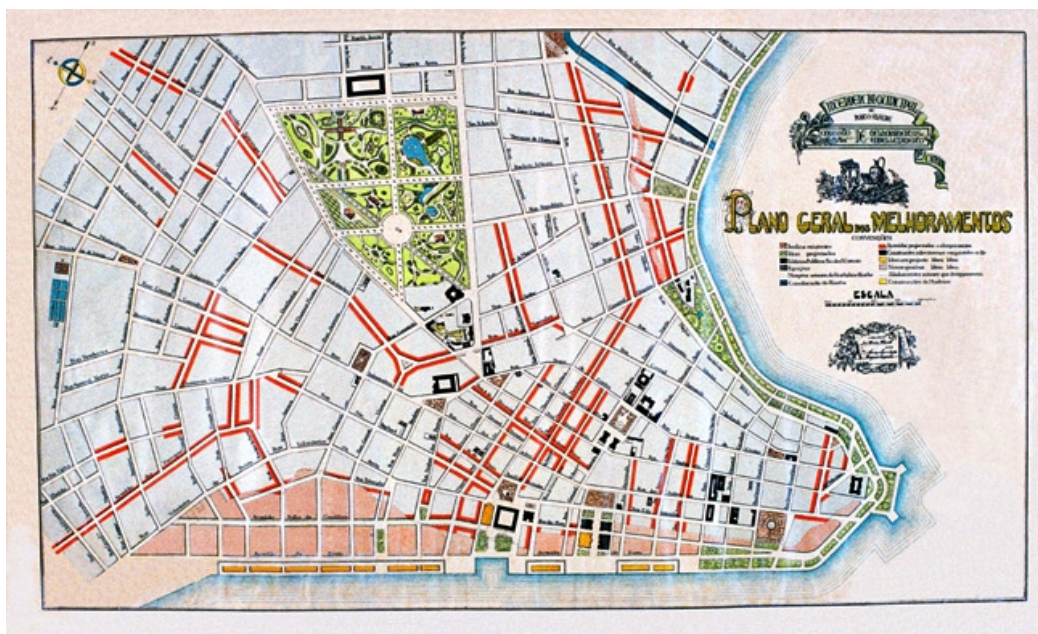


Fig. 82 – Plano Geral de Melhoramentos, Porto Alegre, 1914. Fonte: IHGRGS. Cartografia visual histórica-urbana de Porto Alegre. 2005. 1 CD ROM.

Assim, a cidade recebeu soluções viárias atendendo as necessidades de circulação e adensamento da área central urbana, e da ligação com alguns bairros que se desenvolviam além deste perímetro. Entre eles, pretendia conectar o bairro Tristeza ao Centro, através de uma avenida que contornaria a margem do Guaíba, onde a beira da península seria tratada como uma grande avenida. Destas proposições, algumas foram executadas nas administrações seguintes, do engenheiro Otávio Francisco da Rocha (1924-1928) e do Major Alberto Bins (1928-1937).

Na administração de José Montauray, (1908 a 1924), manteve-se o discurso higienista, identificado através do urbanismo sanitaria e dos planos de melhoramentos e embelezamentos em destaque no país com as inovações propostas através da engenharia sanitária brasileira visando a melhora das condições estruturais das cidades pregada desde o governo de Júlio de Castilhos (SOUZA, 2000, p.143-144). Na construção desse domínio científico e tecnológico, o Eng^o Saturnino de Brito¹⁴ desempenhou um papel central, “destacando-se pela profundidade de suas reflexões sobre urbanismo, sua capacidade de inovação em áreas como a hidrologia, a hidráulica e o saneamento” (NASCIMENTO, 2013, p.129). Saturnino de Brito é citado, também, em texto publicado na Revista da Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1925, pelo Eng^o Benno Hofmann, quando relata a importância do estabelecimento de regras para a abertura de ruas e para o projeto de novos bairros, considerando que as novas exigências da sociedade moderna estariam relacionadas a uma “ciência relativa à arte da construção de cidades” (Hofmann, 1925, p.1). Hofmann considera que a cidade deveria ser pensada como algo material e tangível, buscando, através de uma visão progressista, cumprir os requisitos de uma cidade moderna, facilitando a circulação dos veículos, cumprindo exigências sanitárias, de conforto e estética para a população. No que se refere à projeção de um novo bairro, assunto de interesse à esta pesquisa, salienta a importância fundamental das condições topográficas da área para a definição do traçado das ruas, dos quarteirões e das praças, além da instalação de infraestrutura – redes de abastecimento de água, destinação do esgoto e escoamento das águas pluviais (HOFMANN, 1925).

Neste contexto de organização do centro urbano e de expansão do traçado viário nos sentidos norte, leste e sul de Porto Alegre, surgem, na década de 1930, os primeiros loteamentos na zona sul com o apelo da localização junto ao Guaíba, tirando proveito

¹⁴ Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (1864-1929) – Engenheiro formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1887, trabalhou até 1892 como engenheiro ferroviário nos estados de Minas Gerais, Pernambuco e Ceará. Entre 1893 e 1929 passou a dedicar-se ao saneamento e ao urbanismo, tendo atuado em 53 cidades, em praticamente todos os estados brasileiros, entre elas, 13 cidades do Rio Grande do Sul. (NASCIMENTO, et al, 2013, p.104)

do ambiente aprazível e das belezas naturais como principal atração para a construção de um estilo de vida, principalmente voltado para a classe média e alta. Além disso, em 1932, durante a administração do prefeito Alberto Bins (1928-1937), foi concluída a construção da Av. Wenceslau Escobar, principal ligação rodoviária, via de circulação e acesso à zona sul, consolidando o automóvel e o ônibus como meios de transporte com maior rapidez, conforto e modernidade em relação ao trem, que, mesmo presente de maneira nostálgica na memória de alguns moradores, teve seus serviços desativados em 1936, por defasagem tecnológica e inviabilidade econômica.

Data de 1930 o loteamento Balneário Vila Conceição, de 1931 o loteamento do Balneário Ipanema, de 1932 o Balneário Guahyba, de 1934 o Balneário Espírito Santo, de 1935 o Balneário Juca Baptista e de 1938 o Balneário Guarujá (Fig. 83), todos com publicidade de imagens (Fig. 84) e de textos orientando como público alvo dos empreendimentos “a elite” e as famílias “aristocráticas” (HUYER, 2010).

O caso da Vila Assunção, não foi diferente. O empreendimento deu ênfase à localização junto ao Guaíba, à proximidade com o centro da cidade, pelo diferencial da classe social que ali se instalaria e do projeto urbanístico diferenciado.

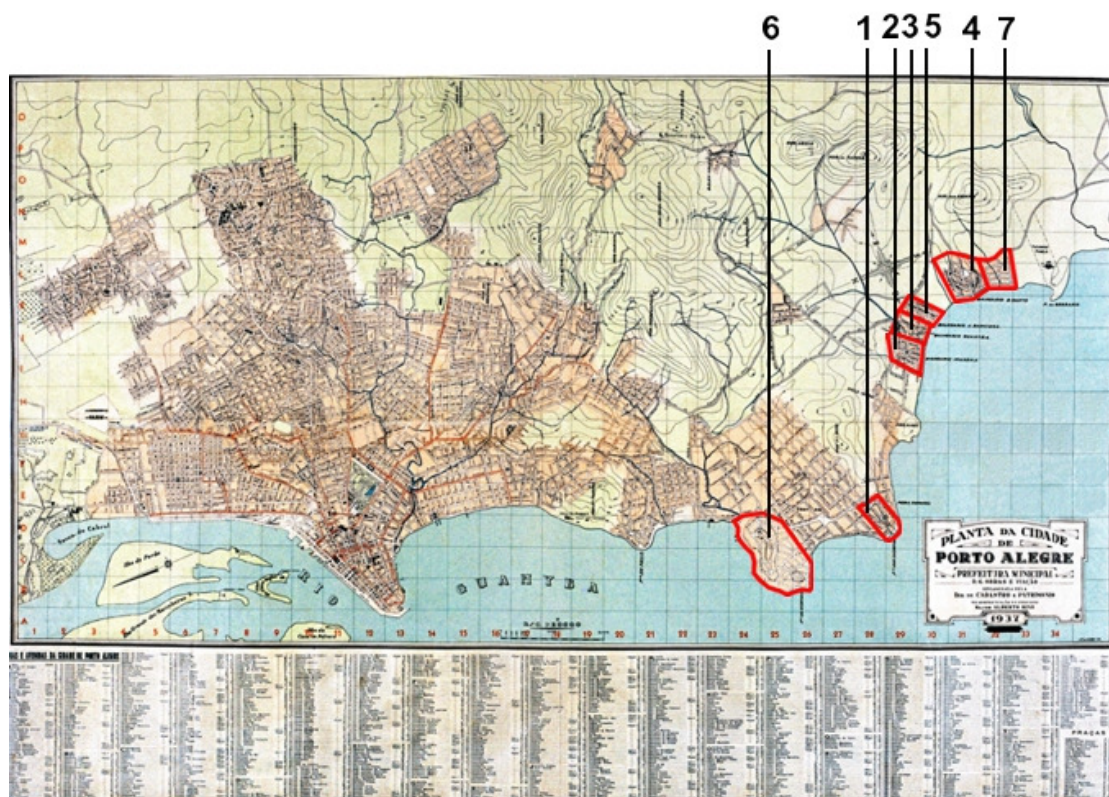


Fig. 83 - Planta da Cidade de Porto Alegre de 1937 com a localização dos loteamentos balneários na zona sul (assinalados em vermelho pela pesquisadora): 1 Vila Conceição – 1930, 2 Balneário Ipanema – 1931, 3 Balneário Guahyba – 1932, 4 Balneário Espírito Santo – 1934, 5 Balneário Juca Batista - 1935, 6 Vila Assunção – 1937 e 7 Balneário Guarujá – 1938.Fonte: Cartografia Virtual de Porto Alegre, IHGRS.



Fig. 84 – Propaganda veiculada do Balneário Guahyba. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim Boletim nº1, Porto Alegre, set.1932.

A expansão urbana, principalmente, a partir de 1935, determinou que o plano elaborado em 1914, fosse retomado em 1938. O então prefeito Loureiro da Silva, confrontado com a problemática urbanística, contratou um Plano Diretor Urbano para a capital com o arquiteto Arnaldo Gladosch, que havia participado da equipe de Alfred Agache¹⁵ na formulação do plano do Rio de Janeiro. Mesmo tendo como premissa a necessidade de um zoneamento de atividades urbanas, o Plano Gladosch, de 1943 (Fig.85), através de sucessivas intenções teóricas, ao final de quatro estudos, indicou uma série de intervenções na estrutura viária baseada na ampliação e na abertura de novas radiais, criando uma nova centralidade, na área de aterro, denominada Praia de Belas. O desenho, rigorosamente geométrico, apresentava um plano viário de planejamento urbano e de zoneamento para a cidade, mostrando a importância do estabelecimento de uma regulamentação que coordenasse o desenvolvimento urbano (PMPA, 1964). Dos planos, até então propostos para a cidade, foi o que mais se aproximou da zona sul, passando a configurar como uma área de expansão e de desenvolvimento.

¹⁵ Alfred Agache – Arquiteto do governo francês que, a convite do prefeito do Rio de Janeiro, vem ao Brasil em 1927, quando realiza uma série de conferências com o propósito de introduzir conceitos e definições para a remodelação e desenvolvimento das cidades através de um plano de urbanização.



Fig. 85 – Plano Gladosh, Porto Alegre, 1943. Fonte: PORTO ALEGRE. Planejar para Viver melhor. Porto Alegre: Pref. Porto Alegre, 1980. p.4

Paralelamente ao crescimento urbano, uma efervescência no ramo imobiliário foi deflagrada no início da década de 40, favorecendo a ocupação de novas áreas da cidade com a implantação de loteamentos para uso residencial (RIBEIRO, 1992, p.136), predominantemente para a classe média, que se sentia atraída pelo ambiente proporcionado pelas praias e pelo convívio junto ao Guaíba. A representação das diferentes maneiras de apropriação registradas em fotografias, pinturas e desenhos realizados nesta época (Fig.86), confirmam o uso efetivo destas áreas pela população.



Fig. 86 – Praias de Porto Alegre. Desenho de Martha de Wagner-Schindrowitz. Fonte: PORTO ALEGRE-Biografia duma cidade. Livro comemorativo do Bicentenário da fundação da cidade. Editora Tipografia do Centro S.A-Porto Alegre.

5.3. Proposta de Urbanização para a área da Vila Assunção

Em meados da década de 1930, dona Felisbina Antunes Maciel Assumpção, viúva de José Joaquim Assumpção, falecido em 12 de setembro de 1919, negocia as terras da família na Ponta do Dionísio permutando-as por terrenos urbanizados com empreendedores da Companhia Predial e Agrícola Sociedade Anônima, Srs. Aníbal e Ernesto di Primio Beck, conforme pode ser verificado no relato de D^a Leda Assumpção Dias, neta da dona Felisbina:

Aqui sempre foi o local de veraneio da família, o balneário da família. Quando a família se apertou, ficou mal de dinheiro, a família resolveu lotear. Depois que o Vovô morreu tudo ficou mais complicado. Então os filhos e a Vovó, D^a Felisbina, resolveram fazer um negócio de loteamento com os Di Primio Beck. (Trecho da entrevista registrada em 31/3/2017).

Conforme anteriormente citado nesta pesquisa, consta no Registro de Imóveis da 2^a Zona, da Comarca de Porto Alegre, que a área foi adquirida pela Imobiliária Assumpção Ltda., em virtude de execução de uma dívida hipotecária e que a mesma foi arrematada em hasta pública, no valor de 61.000\$000 (sessenta e um mil réis), em 13/04/1936.

O modo como foi feito o acerto do negócio entre as partes, a partir da arrematação, não foi localizado formalmente, no entanto, no relato de Carmen Assumpção, bisneta de dona Felisbina e de José Joaquim Assumpção, verifica-se que houve a contrapartida financeira da família, uma vez que,

o local era chácara de meus bisavós paternos e, após o falecimento de meu bisavô - José Joaquim Assumpção - as terras da antiga chácara foram negociadas pela minha bisavó Felisbina com um loteador para que fosse criado o loteamento. Embora as terras fossem da família Assumpção, nas negociações com o incorporador, ainda houve pagamento referente aos lotes que foram adquiridos por alguns familiares, entre estes, meu avô paterno - Francisco Antunes Assumpção. (Trecho da entrevista registrada em 22/02/2017).

Examinando a documentação disponível referente à negociação da chácara da família Assumpção, pode-se comprovar que houveram compensações e acordos financeiros à época do negócio. Entre eles, constam recibos de março de 1936 a junho de 1937, recebidos de dona Felisbina Antunes de Assumpção, proveniente do aluguel de casa na Vila Assunção, dos quais informam os valores pagos, mensalmente, à Imobiliária Assumpção Ltda (Fig.87 e 88), confirmando a informação narrada pelos familiares.

Decima urbana \$
 Lixo e policiamento \$
 Adicional de 20%o \$
 Agua e exgottos \$
 Somma \$
 Aluguel do predio \$
 Total \$

Nº 7 Rs. 1004000

Recebemos da Sr.^a D. Felisbina Antunes de Assumpção
 a quantia de Cem mil reis
 importancia do aluguel, agua e exgottos da casa sita á Villa Assumpção
 vencido em 3 de Março de 1936.

SELLADO COM
 \$ 100

PORTO ALEGRE, 2 de Março de 1936
 IMMOBILIARIA ASSUMPCAO LTDA
Dimas de Paula

AVISO - Comunico a V. S. que, de conformidade com a lotação da Prefeitura, será direito a litros de agua e o que exceder correrá por s/ c/. Para effeito de evitar duvidas futuras - peço a V. S. conservar a papeleta de „EXCESSO“, ou entregal-a ao proprietario.

Fig. 87 – Recibo de 31/3/1936: frente. Fonte: Acervo particular Carmen Conte Assumpção.

213

Aluguel 264400
 Agua
 Exgottos
 Rs. 264400

RECEBI do Sr. D. Felisbina Antunes de Assumpção
 a quantia de vinete e seis mil e quatrocentos reis
 proveniente do aluguel da casa sita á Villa Assumpção
 n.º correspondente do mez de Junho de 1937
 Porto Alegre, 6 de Junho de 1937
 IMMOBILIARIA ASSUMPCAO LTDA
Dimas de Paula

está sellado com \$ 100

AVISO - De accordo com o regulamento do serviço de exgottos da Intendencia Municipal, o inquilino deverá levar a entrada no predio, ao inspector do mesmo serviço, e trazer as caixas de gordura ou receptores bem como as patentes, em perfeito estado de aseo e conservação, e ainda, de accordo com os termos da fiança, zelará pela conservação deste mesmo serviço, do de agua e do proprio predio. Qualquer reclamação deve ser dirigida ao proprietario, á rua

Fig. 88 – Recibo de 06/7/1937: frente e verso. Fonte: Acervo particular Carmen Conte Assumpção.

A partir da aquisição, a Imobiliária Assumpção contratou o projeto do loteamento para a área que até então não havia sido urbanizada, como pode ser verificado na Planta da Cidade de Porto Alegre de 1935 (Fig.89), identificada como Morro do Cristal, local que viria a ser realizado o loteamento da Vila Assunção.

De acordo com o depoimento da filha do engenheiro responsável pelo projeto, Eng^o Ruy de Viveiros Leiria, Jussara Leiria Ligocki, seu pai teria se candidatado a realizar o projeto da Vila Assunção quando soube que a área seria loteada:

Meus avós maternos, que moravam no centro, também tinham uma casa de veraneio na Tristeza, casa simples, perto do rio. Minha mãe comentou que soube quando foi até a casa dos meus avós, que na fazenda das Assumpção iriam fazer um loteamento. Souberam que as filhas do Assumpção, iriam fazer o loteamento da área. Lembro de que elas eram conhecidas por serem muito independentes para a época, nadavam ali naquela parte onde são os Bombeiros, onde o rio é muito fundo.

Minha mãe e meu pai eram noivos naquela época. Ela comentou com meu pai, que já era engenheiro, e ele se apresentou para o Luis Alberto¹⁶, a fim de oferecer seu trabalho. Ficaram muito amigos. O pagamento, ele tirava em terrenos. (Trecho da entrevista registrada em 09/5/2017).



Fig. 89 – Planta da Cidade de Porto Alegre de 1935. Em destaque a área do Morro do Cristal na Ponta do Dionísio, ainda não urbanizada, do futuro loteamento da Vila Assunção. Fonte: GEDURB.

O responsável técnico pelo projeto da Vila Assunção, o Eng^o Ruy de Viveiros Leiria apresentou, em outubro de 1936, os dados do *Ante-projeto de arruamento da Chácara Assumpção* (Anexo 1.1, Fig. 90), realizados a partir de um levantamento planimétrico (Planimetro Amsler, conforme indicado no documento), que, além das informações topográficas, já apresenta com precisão elementos que permaneceram no projeto. O

¹⁶ Luiz Alberto Coronel – Gerente e responsável pelo empreendimento da Imobiliária Assumpção.

levantamento integra o conjunto de documentos do processo de Loteamento da Vila Assumpção na SMURB/PMPA.

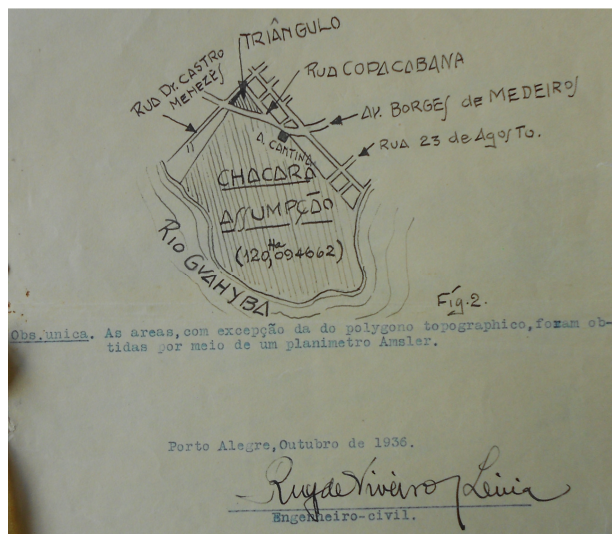


Fig. 90 – Detalhe do croqui que se encontra no Ante-projeto de arruamento da Chácara Assumpção, de autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria, realizado em 1936. Fonte: SMURB/PMPA. No ano seguinte, em 1937, o Engº Leiria anexa o “*Memorial Descritivo do Ante-Projeto de Urbanização da Chácara de Propriedade da Imobiliária Villa Assumpção Limitada*”, que se encontra no conjunto da documentação para aprovação do Loteamento da Vila Assumpção, na Secretaria Municipal de Urbanismo, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, identificado através do expediente único 002.210.326.00.5. Este Memorial Descritivo inicia com a descrição da situação e da morfologia do terreno, onde são apontadas as características físicas e da beleza do litoral do rio Guaíba como determinantes para a definição das intenções gerais do projeto. Na medida em que descreve os itens a serem contemplados na execução do loteamento, apresenta croquis e cortes esquemáticos das ruas, avenidas e “foot-walks”¹⁷ (fig. 91) e a justificativa técnica para a solução encontrada (Anexo 1.2).

Ao descrever o plano proposto, o Engº Leiria levou em consideração a preocupação com o resultado estético e paisagístico, representados através do conjunto de características singulares expressas na concepção do projeto, o que resultou numa proposta inovadora, em escala e em complexidade, para os padrões urbanísticos recorrentes, na cidade.

¹⁷ Foot-walks – Passagens para pedestres atravessarem os quarteirões de forma ágil, prática e segura.

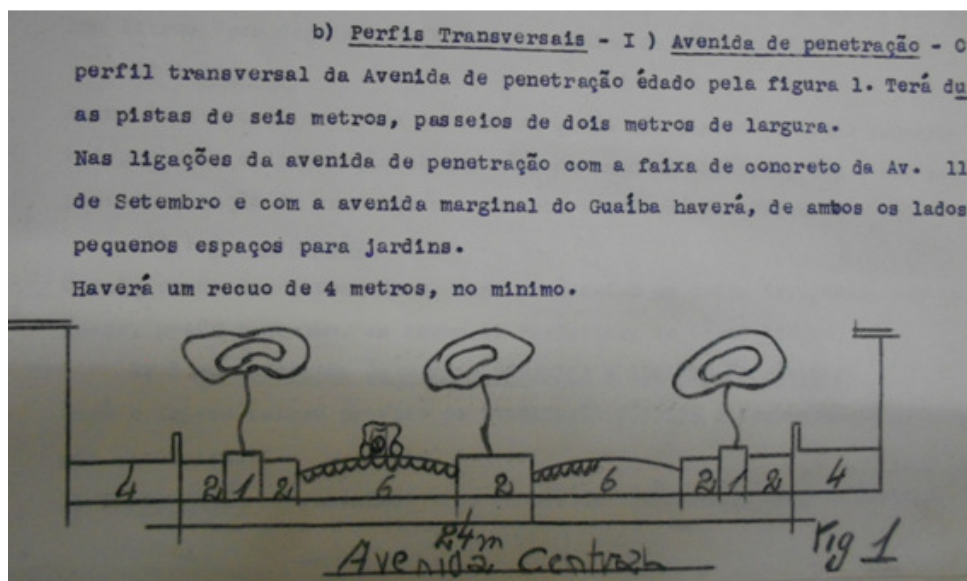


Fig. 91 – Detalhe do croqui feito à mão livre no Memorial Descritivo anexado ao projeto, em 1937, para aprovação na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Fonte: Acervo PMPA/SMOV.

Em janeiro de 1940, o Memorial Descritivo para o Projeto de Urbanização da Vila Assunção, foi publicado no Boletim da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, quando apresentou o acréscimo de dois itens em relação à redação de 1937: um referente a concentração das atividades de comércio num quarteirão, justificado como zoneamento de uso e descrito como *Centro Comercial*. O outro item, diz respeito a orientação para a escolha e plantio de espécies arbóreas no loteamento. A vegetação da Vila Assunção, conforme relato de antigos moradores e imagens àquela época, foi introduzida ao longo dos anos por iniciativa dos moradores, proporcionando uma cobertura vegetal com espécies variadas e heterogêneas, além do jacarandá e cinamomo, que estão recomendadas para a área:

A arborização deverá ser feita de tal modo que não venha dificultar a iluminação e a visibilidade nos cruzamentos e tampouco a vista das habitações. As distâncias entre os eixos das árvores devem girar em torno de 10 a 15 metros. Deve-se preferir árvores, cuja copa se desenvolva em sentido horizontal; recomendamos o jacarandá (*jacarandá mimosaefolia*) e o cinamomo chapéu-de-sol (*melia azedarach*). (MEMORIAL DESCRITIVO, 1940, Anexo 1.3, p.24).

Outro destaque na vegetação do bairro são as figueiras remanescentes, ainda existentes na Av. Guaíba, em praças e em alguns terrenos do bairro, constituindo-se referenciais no bairro. Destaque para o exemplar no centro da Av. Guaíba, junto à Rua Chavantes (Fig. 92 e 93).



Fig. 92 e 93– Grupo de familiares da família Assumpção sob a figueira ainda hoje existente no cruzamento da Av. Guaíba e Rua Chavantes, ao lado da Praça Araguaia, data de 1940. Fonte: Acervo Leda Assumpção Dias.

No ano da publicação deste Memorial Descritivo, três anos já haviam transcorrido do início dos serviços de urbanização da Vila Assunção, passando o documento a ter um caráter de relatório, na medida em que também são apontados os serviços que foram executados no ano de 1937 e aqueles que estão previstos, a cargo da administração da Imobiliária Villa Assumpção.

Na introdução, três itens são destacados e desenvolvidos ao longo do documento: 1 - urbanização e loteamento, 2 - abastecimento d'água potável e 3 - canalizações de esgoto pluvial. O texto acompanha fotos, perfis transversais das vias públicas, croquis e a planta do loteamento da Vila Assunção (Anexo 5).

O memorial inicia com a descrição física da área do terreno, a qual apresenta duas morfologias distintas: 40% da área praticamente plana, referida como “uma praia excelente e rasa”, de onde se avista o panorama e o perfil da cidade, e de “belíssimo aspecto” (Anexo 1.3, p.17). Desta maneira, foi privilegiada a praia e o espaço de uso coletivo, através do ajardinamento de alguns trechos ao longo da Avenida Guaíba, e da construção de muros de arrimo e escadarias de acesso à praia, projetados para urbanização da orla (Fig. 94). Pode-se indicar como diferencial no projeto a percepção da orla como área pública, uma vez que não havia a projeção de lotes sobre a faixa de terras da Marinha, com acesso particular ao Guaíba, recorrente nas proximidades, nos bairros Tristeza e Pedra Redonda.

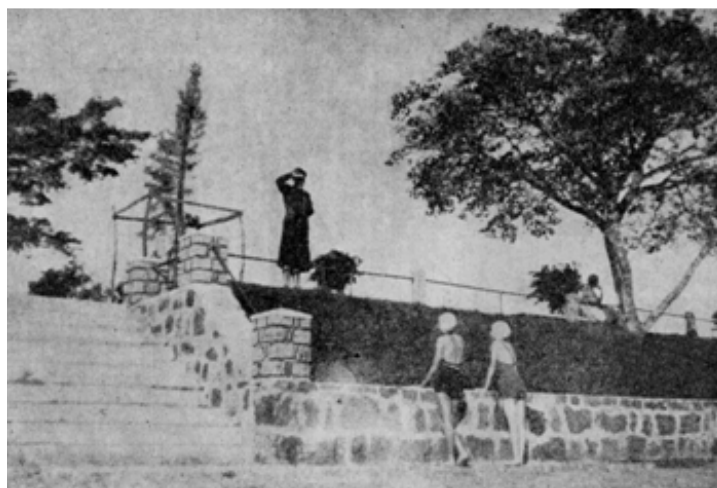


Fig. 94 – Vista do muro de arrimo e escadarias de acesso à praia na Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº 31, jan.1940, p.23.

O restante da área do loteamento apresenta topografia acidentada, dividida em duas áreas: uma nas proximidades do Guaíba, na praça onde foi construída a Igreja, e outra, na área interna, com a presença de um corte do morro do Cristal, situado entre as ruas Cariri e Coroados, proveniente da exploração de uma pedreira (Fig. 95).



Fig. 95 – Planta do loteamento Vila Assunção. Em destaque as áreas de topografia distinta (traço em vermelho e amarelo), localização das pedreiras e a indicação das ruas Cariri e Coroados (traço em azul, realizados pela pesquisadora). Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

A preocupação e o respeito às características topográficas do terreno são levados em consideração ao longo da descrição dos critérios adotados para o traçado das vias, no que diz respeito a hierarquia definida pelas diferentes larguras das caixas de rua e pelo limite máximo de 8% de inclinação, visando o escoamento pluvial, a salubridade das edificações e o tráfego. O Eng^o Leiria também descreve a preocupação em tirar proveito das condições topográficas sob o ponto de vista econômico, sem grandes movimentações de terra, e com apelo paisagístico:

Em face da configuração irregularíssima do terreno, procuramos tirar o maior partido possível das condições topográficas do mesmo, sendo nossa preocupação constante o escoamento pluvial, a salubridade das habitações e o tráfego. A par da morfologia topográfica, estudamos cuidadosamente a sua situação paisagística, bem como todos os acidentes dos quais pudemos tirar motivos ornamentais. Procuramos evitar os grandes cortes e aterros, condenáveis, quer do ponto de vista econômico, quer estético, instituindo perfis apropriados. (MEMORIAL DESCRITIVO, 1940, Anexo 1.2, p.17).

Cabe salientar que, de acordo com relato da filha do Eng^o Leiria, Jussara Leiria Ligocki, seu pai realizou diversos trabalhos de topografia, entre eles, o campo de futebol do Esporte Clube Cruzeiro, em 1936. Este teria sido o primeiro projeto do engenheiro Leiria, quando foi o responsável pelos trabalhos topográficos e pelo projeto do estádio.

Na Vila Assunção, em respeito às características do relevo do terreno, a implantação do loteamento gerou quarteirões com formas irregulares (orgânicas), apresentando grandes extensões e com desníveis topográficos acentuados entre algumas ruas. Foram inseridas passagens entre os quarteirões, para uso de pedestres, a fim de vencer esses desníveis e atingir o interior das quadras de maneira rápida e eficiente. Estas passagens estabeleceriam a conexão entre si e a conexão entre os espaços de convivência públicos (ruas, jardins, praças, belvederes, áreas escolares e “play-lots”¹⁸), além de acessar as vias estruturadoras do bairro, onde hoje ocorre a circulação de transporte público, quais sejam, a Av. Guaíba (no texto denominada *Avenida Marginal*) e a Av. Pereira Passos (no texto denominada *Avenida de penetração*). No traçado original do bairro, o conjunto das passagens para pedestres, designados pelo autor de “foot-walks”, era parte do sistema de articulação do espaço urbano, respeitando uma hierarquia e facilitando a mobilidade dos usuários entre os espaços abertos (fig.96).

¹⁸ *Play-lots* – Denominação dada pelo Eng^o Leiria no Memorial Descritivo às áreas internas aos quarteirões, localizadas no fundo dos lotes, de uso comum aos moradores, equivalentes a play-grounds.

LINHA DA PEDREIRA DEFINIDA COMO LIMITE DOS LOTES



Fig. 96 – Projeto original do Loteamento da Vila Assunção com a marcação dos espaços públicos (pintados em verde, pela pesquisadora): praças, passagens para pedestres e os “play-lots”. Em destaque, a numeração das 16 passagens para pedestres e a indicação em letras, de quatro acessos para o interior dos quarteirões, os “play-lots”, além de 10 praças e da linha que demarca a pedreira. Fonte: Diagnóstico das Passagens para Pedestres da Vila Assunção, 2014. Apêndice 1.

Conforme se verifica na descrição do Eng^o Leiria:

Na parte menos acidentada e onde a configuração do terreno nos permitiu, projetamos uma série de quadras alongadas providas de “foot-walks” e algumas de “play-lots”. Estes recantos no interior das quadras, que são destinados a formar nos fundos dos lotes um ambiente sossegado e umbroso para descanso, comunicam com as vias públicas por passagens ajardinadas. Os “foot-walks” serão arborizados e ajardinados e têm a função de encurtar o caminho dos pedestres nas quadras alongadas. (MEMORIAL DESCRITIVO, 1940, Anexo 1.2, p.18-19).

Na concepção do projeto, os espaços abertos são elementos estruturadores e de articulação no tecido urbano, uma vez que estabelecem um sistema de hierarquia, acessibilidade e democratização dos lugares públicos, que pôde ser constatado durante entrevista com um morador que viveu nos anos de 1958 a 1967, na Rua Goitacaz:

Imagino que as passagens, com as escadarias em direção ao rio, foram feitas para que todas as pessoas tivessem acesso ao rio. A Rua Goitacaz, por exemplo, não tem acesso ao rio. Ela vai da Pereira Passos à Rua Caeté, paralela à Av. Guaíba e à Rua Possidônio da Cunha. Por isso, se não houvesse as escadarias (passagens), não teríamos o acesso ao rio. Teria que fazer uma volta muito longa. (Trecho da entrevista com Marcelo Caminha, registrada em 19/3/2017).

Ainda, no texto, são mencionadas as orientações dos “mestres de urbanismo” (Leiria, 1940, p.17), para a definição e distribuição das áreas de domínio público e particular, da Vila Assunção, e especificadas em uma planilha (Fig. 97):

Estas cotas estão de acordo com os mestres de urbanismo, que julgam ser necessário se verificarem as percentagens de 25 a 45% da área total, para o domínio público e 55 a 75% para o domínio particular. (MEMORIAL DESCRITIVO, 1940, Anexo 1.3, p.17).

<i>Especificação</i>	<i>Área</i>	<i>Percentagem</i>
Ruas	22,20 Ha.	18,5%
Jardins, praças, play-lots, footwolks e áreas escolares	15,692	13,07% — 31,57%
Área loteada	82,2026	69,43%
Totais	120,0946 Ha.	100%

Fig. 97 – Planilha de Distribuição das Áreas da Vila Assunção. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.17.

O projeto estabeleceu padrões para as habitações, justificados, no texto, pela ausência de um plano da Prefeitura para aquela área. Neste sentido, foram definidas diretrizes, entre elas, área mínima dos lotes entre 360 a 480m², taxas de ocupação, recuos e usos:

São obrigatórios os afastamentos lateral e frontal. Tendo este afastamento origem numa questão tanto higiênica como estética, será conveniente adotar as seguintes normas:

- recuar, obrigatoriamente, a construção de 4 metros do alinhamento da rua;
- dar à construção um afastamento lateral de 1,5m, no mínimo e, quando possível, projetá-la no meio do lote;
- ocupar, no máximo, 35% da área do lote com a construção e 5% com a garage;
- conservar a arquitetura nitidamente residencial. (MEMORIAL DESCRITIVO, 1940, Anexo 1.3, p.22).

O relatório informa todos os serviços e normas definidas para a área, aos moldes de um Código de Edificações, através do desenho de perfis transversais das ruas, avenidas e passagens para pedestres (Fig.98).

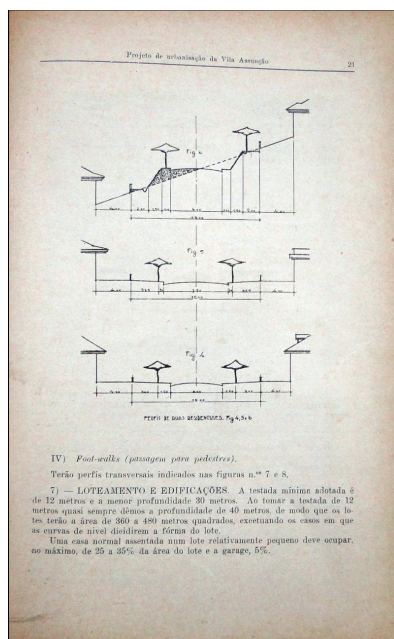


Fig. 98– Projeto de Urbanização da Vila Assunção. Cortes e perfis transversais da Av. Guaíba (Av. Beira Rio) e da Av. Pereira Passos (Av. Central). Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, Porto Alegre, jan. 1940.p. 21.

O documento apresenta imagens da infraestrutura, até o momento, executada ou em andamento, entre elas as obras da rede pluvial (Fig. 99), de iluminação (Fig.100) e de pavimentação. Refere-se ao compromisso do empreendimento na construção de uma estação de tratamento de água para o abastecimento de água potável e estabelece como parte integrante do projeto a implantação de duas escolas construídas junto a praças, com a justificativa de atender a comunidade, levando em consideração critérios compositivos da Unidade de Vizinhança, ao revelar que “A acessibilidade de tais escolas gira em torno de 700 metros, o que é o máximo percurso que deve fazer uma criança para chegar à escola.” (MEMORIAL DESCRITIVO, 1940, Anexo 1.3, p.24).

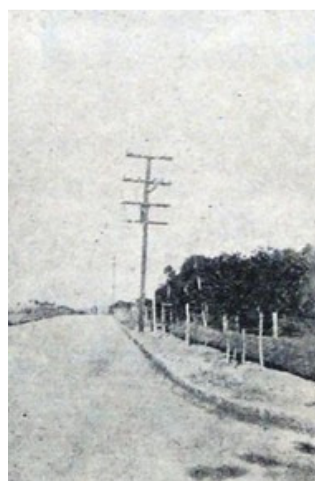


Fig. 99 e 100 - Avenida Guaíba, construção de uma galeria de esgotos pluviais e parte da rede de instalação elétrica na Av. Pereira Passos. Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, nº 31, Porto Alegre, jan. 1940.p. 24.

O documento conta, ainda, com Planta do Loteamento e croqui perspectivo da área destinada ao Centro Comercial (Fig.101), considerando fundamental a concentração do comércio em um único lugar. O autor considera que, mesmo havendo em Porto Alegre a existência de um zoneamento natural do uso e ocupação das atividades de comércio, da indústria e do uso residencial, há a necessidade de que a municipalidade determine onde localizar estas atividades.

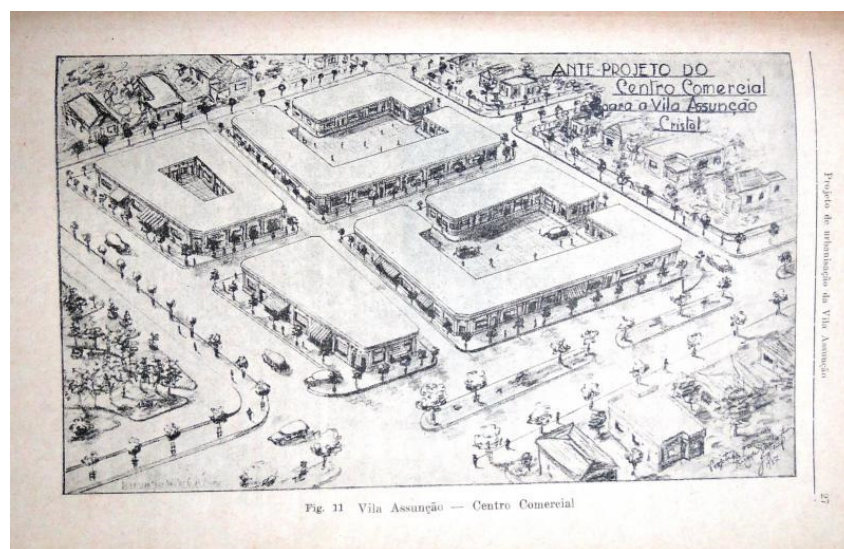


Fig. 101 – Croqui perspectivo com anteprojeto para o Centro Comercial – Proposta de zoneamento. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº 31, jan.1940.

Ao final do memorial, é feita referência da importância de um plano urbanístico para a cidade. O Engº Leiria endossa a importância da realização de um “zoneamento científico, condicionado à existência de um plano para a cidade, a fim de evitar o desconforto e o atentado aos preceitos do urbanismo, com a promiscuidade das casas de negócio com as habitações” (Leiria, 1940, p.28). Ao longo do texto, quando informa o acolhimento de alguma norma da Prefeitura de Porto Alegre, são referentes às normas para abastecimento de água, execução de canalizações para esgoto pluvial, evidenciando a relativa autonomia do autor na proposta urbanística.

Na conclusão do estudo de urbanização, são realizados agradecimentos à diretoria de administração e ao gerente da Imobiliária Vila Assunção, Sr. Luiz Alberto Coronel, por ter contratado e apoiado o projeto, bem como ao engenheiro da Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal, Engº Clóvis Pestana, pela competência técnica. Por fim, através da relação dos melhoramentos realizados na praia e dos ajardinamentos dos logradouros, o Engº Leiria (1940, p.28) compara e confere o resultado paisagístico da Vila Assunção “à inspiração nas mais belas praias uruguaias, tais como: POCITOS, MALVIN, CARRASCO, etc”.

O projeto urbanístico e as diretrizes estabelecidas para a concretização da proposta da Vila Assunção estão alinhadas aos conceitos que circulavam entre uma parcela da sociedade, notadamente no que diz respeito à importância da topografia para a definição do plano de urbanização, na preocupação no traçado das vias para o tráfego de automóveis e pedestres (*circulação*), no escoamento pluvial e drenagem do solo (*digestão*) e na implantação de um sistema recreativo de jardins, praças, praças de desporto, passagens para pedestres e áreas de uso comum no interior dos quarteirões (*respiração*). O intercâmbio de informações técnicas e a concretização de exemplos pôde ser verificado, principalmente, a partir da região sudeste do país, com a introdução e divulgação dos empreendimentos residenciais dos bairros-jardim, na cidade de São Paulo e, na cidade do Rio de Janeiro que, durante conferências realizadas a convite do então Prefeito da cidade, Sr. Antônio Prado Junior, introduz conceitos e definições para a elaboração de planos de urbanização para as cidades. No texto destas conferências, o primeiro conceito introduzido é o de *Urbanismo*, afirmando que, “muito além de ser uma ciência e uma arte, é, sobretudo uma filosofia social” (Agache, 1930, p.4).

Mesmo que as conferências tenham sido, com enfoque para a cidade do Rio de Janeiro, o texto, publicado em Paris e traduzido em 1930 para a língua portuguesa, encontra-se na *Monografia Completa do Problema de Urbanização da Capital do Brasil: Cidade do Rio de Janeiro. Extensão. Remodelação. Embelezamento*, que apresenta uma série de conceitos e maneiras de estabelecer uma relação da estética urbana com a estética humana, utilizando, inclusive, uma analogia com o organismo humano, que se evidencia ao conceituar urbanismo como:

conjunto de regras aplicadas ao melhoramento da edificação, do arruamento, da circulação e do descongestionamento das artérias públicas. É a remodelação, a extensão e o embelezamento de uma cidade levados a efeito mediante um estudo metódico da geografia humana e da topografia urbana sem se esquecer das soluções financeiras. (AGACHE, 1930, p.4)

Agache determina, ainda, que um plano de urbanização deva ser um desenho e um instrumento utilizado para organizar a cidade, instituindo o que deve compreender e como deve ser elaborado. Na terceira e última conferência, Agache discorre acerca do conceito de Cidade-Jardim e da importância do zoneamento das funções em uma cidade, fazendo menção de ser atribuição de a municipalidade determinar, de modo científico, sua localização. O projeto da Vila Assunção revela indícios da concepção teórica preconizada por Agache, representada através do traçado urbano e das diretrizes estabelecidas no Memorial Descritivo (Anexo 1.3), podendo indicar a possibilidade do conhecimento das referidas teorias e sua utilização enquanto instrumento técnico para urbanização do espaço, pelo responsável pelo projeto, o Eng^o

Ruy de Viveiros Leiria. Na Planta da Cidade de Porto Alegre, de 1937 (Fig. 102), é possível identificar o traçado das ruas projetadas para o loteamento da Vila Assunção. O projeto, datado em 1937, apresenta traçado viário que remete ao modelo utópico da cidade-jardim, conferindo características singulares e determinantes na percepção do espaço e na consolidação da paisagem da Vila Assunção desde o momento de sua implantação até os dias atuais (Fig. 103 a 105).



Fig. 102 – Planta da Cidade de Porto Alegre de 1937. Em destaque a área na Ponta do Dionísio, com a demarcação das ruas do loteamento da Vila Assunção. Fonte: GEDURB.

Nas imagens de 1958 (Figs. 103 e 104), percebe-se a ocupação rarefeita na área da Vila Assunção, com o entorno imediato em transformação, desencadeado a partir da abertura de vias de acesso e do aterro da área do Hipódromo do Cristal e do Clube dos Veleiros. Outra característica na Vila Assunção é a incidência de vegetação em algumas áreas, e não de forma generalizada.



Fig. 103 e 104 - Vista aérea de Porto Alegre, 1958. Em primeiro plano, a av. Icarai, construção e aterro da área do Hipódromo do Cristal, com o loteamento da Vila Assunção ao fundo. Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Autores: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

Na próxima imagem, realizada em 2008 (Fig. 105), portanto, cinquenta anos depois, pode-se verificar a distribuição mais homogênea da vegetação, contrastando com o vermelho dos telhados cerâmicos em maior número e volume. Também se tem a

percepção dos eixos principais, marcados pelas vias estruturadoras do bairro e dos espaços destinados às praças e a escola construída, ambos com o predomínio de áreas livres e incidência de vegetação.



Figura 105 – Vista aérea do Bairro Vila Assunção. Data: 05/2008. Fonte: Acervo particular Luiz Augusto Roth.

Na pesquisa da documentação existente na Secretaria Municipal de Urbanismo, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, junto ao expediente único nº 002.210.326.00.5., encontra-se, também, a Planta de Localização e Situação da Vila Assunção na escala de 1:2.000, aprovada em 07 de abril de 1938 (Fig.106).



Fig. 106 - Planta original, de Situação e Localização, do loteamento Vila Assunção aprovada na Prefeitura de Porto Alegre em 07/4/1938. Fonte: SMURB, PMPA.



Fig 106.a - Detalhe assinatura do Engº responsável, Ruy de Viveiros Leiria;



Fig. 106.b - Detalhe carimbo e assinatura do gerente da Imobiliária Villa Assumpção Ernesto di Primio Beck;

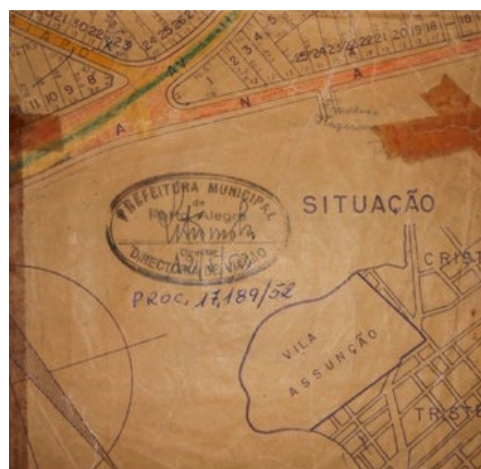


Fig.106.c: Detalhe Planta de Situação e carimbo da Diretoria de Viação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, de 12/5/1952.

5.4. A implantação do Loteamento *Villa Assumpção*

Documentos onde constam informações importantes para esta etapa da pesquisa estão nos relatórios das atividades, nos balancetes e nos assuntos diversos realizados anualmente pela IMMOBILIÁRIA VILLA ASSUMPÇÃO Ltda., obtidos de 1936 a 1954.

No relatório do ano de 1940, é possível verificar a relação das prioridades no que diz respeito aos serviços técnicos, as vendas, aos gastos com propagandas e aos empreendimentos bancados pela imobiliária, entre eles os restaurantes “Ao Colonial” e “A Cabana”. Além disso, aparecem no balanço financeiro, os serviços realizados e os propostos para o próximo ano além da relação do pessoal envolvido nos trabalhos diversos. Para os serviços do escritório havia um gerente, um engenheiro, um chefe de escritório, um guarda livros, dois auxiliares e quatro vendedores. Na execução dos serviços na Villa, neste mesmo ano, havia duas turmas para calçamento, uma turma para serviços gerais e três homens para o policiamento da área.

No que se refere à urbanização, o maior investimento financeiro entre os anos de 1936 a 1940, foi realizado no ano de 1939 (Fig.107), com a abertura e calçamento das vias principais e urbanização de parte da orla. Nos anos anteriores foram, prioritariamente, realizados serviços de movimentação de terra para a realização das avenidas Guaíba, denominada Avenida Beira Rio, que contorna o loteamento junto ao rio e a Avenida Pereira Passos, denominada Avenida Central, via de acesso principal ao bairro a partir da Av. Wenceslau Escobar. Portanto, as primeiras vias executadas no loteamento.

Conforme informações do referido relatório, no ano de 1939 foi concluído o calçamento da Av. Pereira Passos e da Rua Carajá, dando prosseguimento, no ano de 1940, ao calçamento das Ruas Dr. Possidônio da Cunha e Goitacaz, totalizando 33% dos serviços de calçamento realizados. Paralelamente aos serviços de pavimentação das vias públicas, a rede de esgotos pluviais estava sendo instalada e executada pela turma de serviços gerais da empresa loteadora.

X

DESPESAS DE URBANISACÃO

1936	2:000\$000
1937	6:000\$000
1938	230:000\$000
1939	406:000\$000
1940	271:000\$000
<u>TOTAL..... Rs: 915:000\$000</u>	

PORCENTAGEM DE CALÇAMENTO E ARUAMENTO FEITOS ATÉ
31 DE DEZEMBRO DE 1940 - NA VILLA ASSUMPÇÃO

CALÇAMENTO FEITO (em area)	33%
RUAS ABERTAS (em area)	43 %
RUAS ABERTAS (em comp)	40 %

VIII

P R E V I S Ã O D A U R B A N I S A Ç Ã O

% até hoje:	30 %
Dinheiro empatado:	915:000\$000
Previsão para 100 %:	3.050:000\$000

Fig. 107 – Planilhas com a relação das despesas e serviços de urbanização nos anos de 1936 a 1940. Fonte: Relatório e Balanço 1940 – Diversos/Comparações/Estatísticas, p.10. Acervo: Carmen Conte Assumpção.

O relatório indica a conclusão das obras de embelezamento da praia, entre a Rua Copacabana e a Ponta do Dionísio, restando a execução do trecho entre a Ponta do Dionísio e a Av. Pereira Passos (Fig. 108). Este, possivelmente seja o indicativo do por que desta parte da orla ter sido, ao longo do tempo, apropriada por associações e clubes, não correspondendo ao uso que o projeto original lhe conferiu: área com tratamento paisagístico para uso e acesso público, democratizando o espaço da orla do Guaíba.



Fig. 108 – Mapa da Vila Assunção com a indicação (em vermelho) das primeiras ruas pavimentadas de acordo com o Relatório de 1940, a parte da orla urbanizada (em amarelo) e o trecho citado a ser urbanizado (em azul). Marcações feitas pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

No Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre, realizado no ano de 1939 (Fig.109), podemos verificar as primeiras ruas demarcadas no loteamento, localizadas na área de topografia menos acidentada, nas proximidades da face sul banhada pelo Guaíba, confirmando as informações obtidas através do relatório da empresa loteadora.

MAPA TOPOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE

Executado pelo Serviço de Aerofotogrametria, de acordo com o contrato lavrado em 5 de Julho de 1939.

sendo Prefeito o Sr. Dr. JOSÉ LOUREIRO DA SILVA
e Diretor Geral de Obras e Viação o Eng. PAULO DE ARAÚJO BOZANO
1939-1941

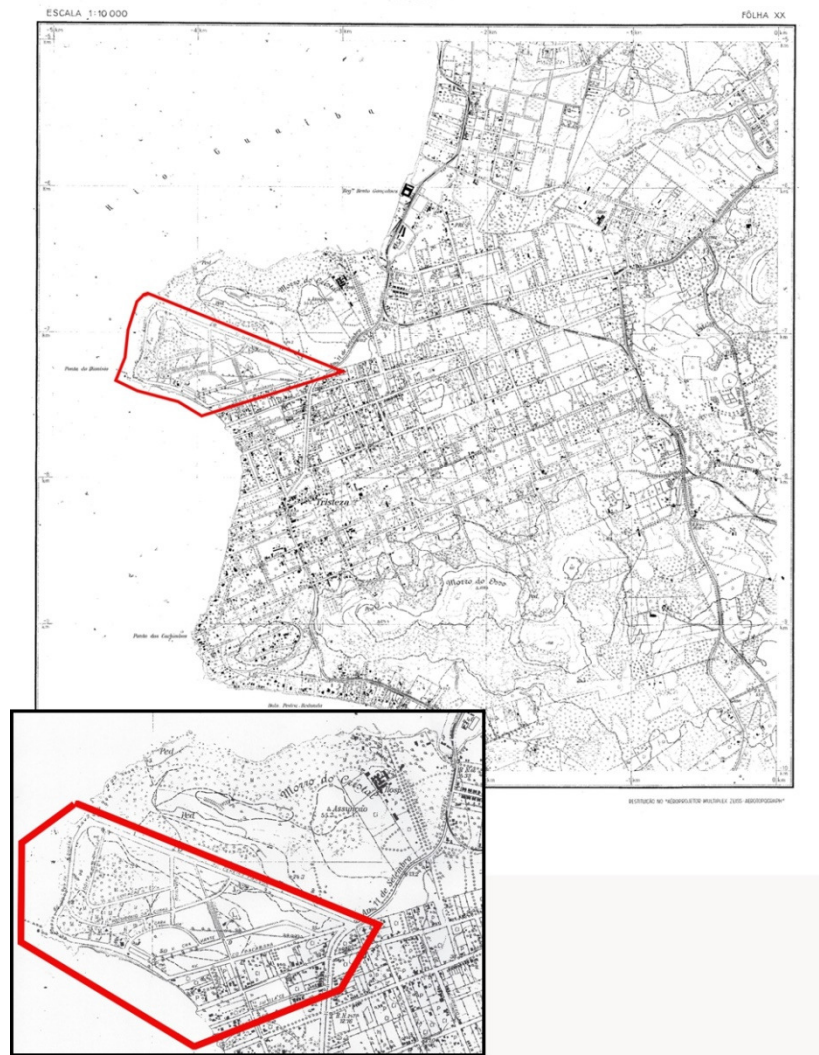


Fig. 109 – Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre, 1939-1941. Em destaque, (em vermelho, traçado feito pela autora) primeira área que foi urbanizada na Vila Assunção. Fonte: SMOV/PMPA.

Na medida em que os investimentos em urbanização e infraestrutura foram, inicialmente, realizados nesta área do loteamento, consequentemente os lotes comercializados pela Imobiliária também estavam localizados nestas proximidades. Os mais procurados foram, prioritariamente, os lotes denominados “terrenos de praia” (Anexo 5-B, Relatório Atividades de 1941), como pode ser verificado com o registro da pintura no mapa utilizado para as vendas na Imobiliária, entre os anos de 1937 e início da década de 1940 (Fig.110).



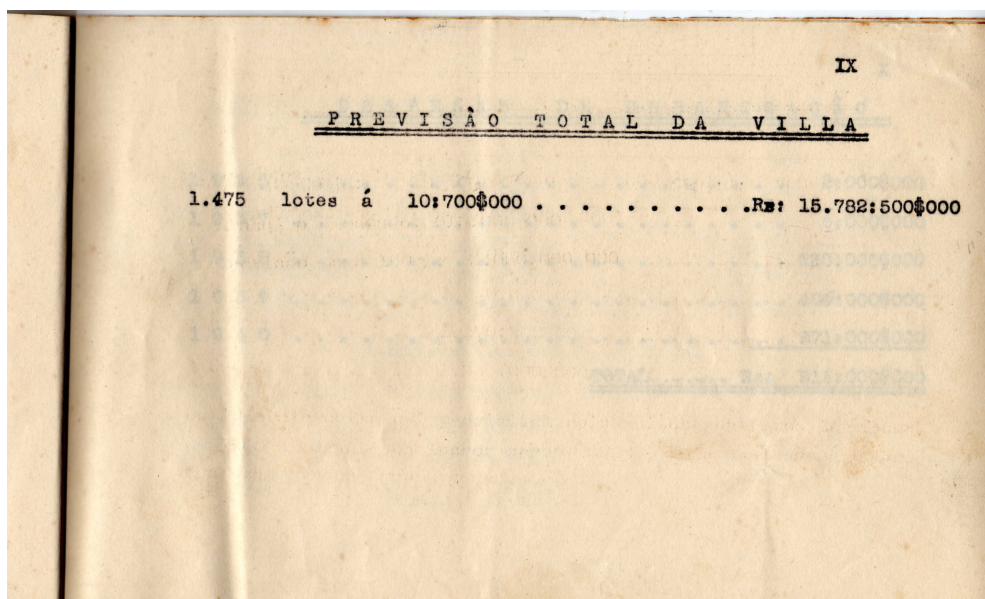
Fig. 110 – Mapa do loteamento da Vila Assunção, com a demarcação, em vermelho, dos lotes vendidos, de 1937 até o início da década de 1940. Fonte: GEDURB.

Originalmente, o loteamento contava com 1.495 lotes, distribuídos em 45 quadras nos 1.289.000 m² do empreendimento, com áreas reservadas e não loteadas, destinadas a praças, passagens para pedestres, “play-lots” (áreas livres de edificações, internas aos quarteirões), um quarteirão reservado para a construção do Centro Comercial e duas escolas, previstas para implantação em dois quarteirões distintos.

Consta em uma das planilhas do Balanço de 1940 (Fig.111) a indicação de 1.475 de lotes à venda, vinte a menos que o apontado na previsão original, tendo como preço médio o terreno, em moeda da época, de dez mil e setecentos reis (Rs: 10:700\$000). Até o final do ano de 1940, 246 lotes haviam sido vendidos, relativos a 15% do total dos lotes disponibilizados no loteamento.

O Relatório descreve a intenção da construção de um Cassino, buscando interessados em investir no negócio no Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires. Houve, também, negociações com o Yatch Club para a construção de uma sede na Villa Assumpção, inclusive com a localização indicada: quadra 19, em frente ao futuro Porto das Barcas. O Porto, conforme relatório estava sendo construído pela Prefeitura, localizado na Av. Guaíba no encontro com a Av. Pereira Passos, via principal na estrutura de acesso às

distintas áreas topográficas do loteamento da Vila Assunção, e que viria a ser, também, a principal via de acesso ao terminal das barcas.



The image shows a document page with a title and a line of text. The title is "PREVISÃO TOTAL DA VILLA" and the text is "1.475 lotes á 10:700\$000Rs: 15.782:500\$000".

PREVISÃO TOTAL DA VILLA	
1.475 lotes á	10:700\$000Rs: 15.782:500\$000

Fig. 111 – Planilha com a indicação do número de lotes e o valor médio de cada um e a previsão do valor total da venda. Fonte: Relatório e Balanço 1940 – Diversos/Comparações/Estatísticas, p.10. Acervo: Carmen Conte Assumpção.

Encontramos na relação da venda dos lotes, a lista com a identificação de cento e quarenta compradores, com a data de 05/12/1940 (Fig. 112), onde pode se distinguir famílias tradicionais relacionadas à vida dos porto alegrenses. Entre elas, Mentz, Petersen, Tonding, Paglioli, Foergens, Leonardo Truda, Schapke, Bertaso, Thompson Flores, Schlesinger, Lemmertz, Sperb, Lucchesi, Maestri, Geisel, Xavier, Leivas, Sanmartin, Fortes, Zaduchliver, entre outros. Além dos empreendedores Di Primio Beck, do responsável pelo projeto, engenheiro Ruy de Viveiros Leiria e do administrador do loteamento, Sr. Luiz Alberto Coronel. Faz parte do relatório que a companhia loteadora construiu, através de financiamento, três imóveis. Estes foram entregues ao Sr. Niro Olinto Lucchesi e ao Sr. Luiz Alberto Coronel, ambos responsáveis pela venda de terrenos do empreendimento e, para o Sr. Eduardo Henriques, que consta ter sido o primeiro morador do loteamento ao se estabelecer no bairro em 04/6/1939.

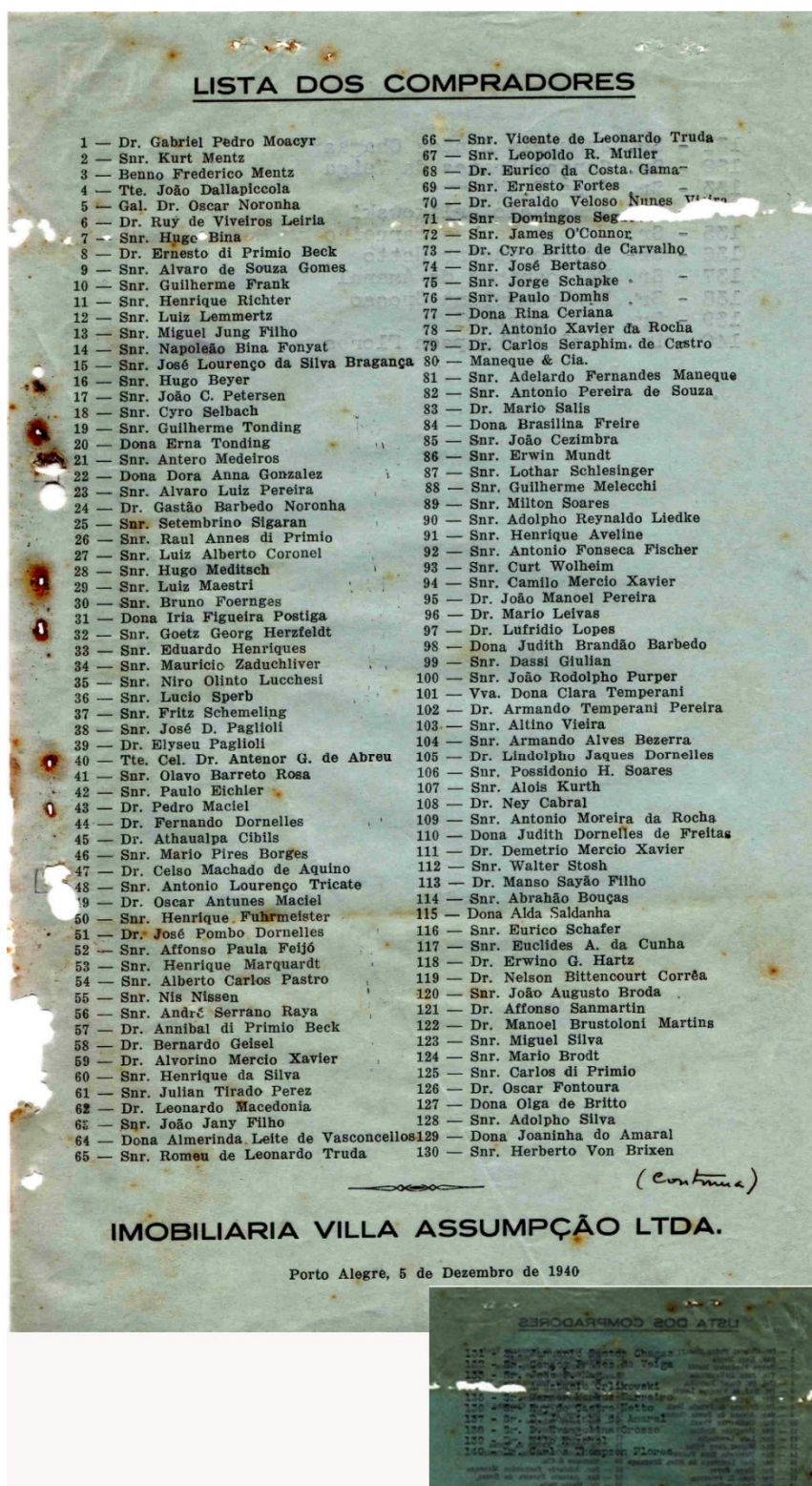


Fig. 112 – Lista dos primeiros 140 compradores dos lotes na Vila Assunção, até a data de 5/12/1940. Frente e verso. Fonte: Acervo Carmen Conte Assumpção.

Consta, ainda, no Relatório de 1940 (Anexo 3.1), a relevância do investimento em propaganda para a negociação do empreendimento, inclusive com a produção de um filme pela *Empresa Leopoldis Films*, para exibição no Cinema Guarani, localizado no centro da cidade, e de uma placa de propaganda que “é passada nos programas de

cinema Véra Cruz”. Salienta, também, a eficiência da propaganda através da divulgação dos eventos sociais nos jornais de circulação da cidade, promovendo “a ida numerosíssima do povo que todos os dias e principalmente aos sábados e domingos acorrem à Villa Assumpção” (Anexo 3.1). Entre os eventos citados, encontra-se impresso no jornal Diário de Notícias, do mês de abril de 1940, edição 029, p.8, a reportagem sobre o almoço oferecido no dia 4 de abril daquele ano, para o Sr. Nereu Ramos, interventor de Santa Catharina, no restaurante *Ao Colonial*, na Vila Assunção. A notícia, tal qual um anúncio, descreve o local, de forma a exaltar as qualidades e singularidades do empreendimento, conforme transcrito a seguir:

O interventor Nereu Ramos, teve o ensejo de conhecer, ontem, um dos lugares mais aprazíveis de Porto Alegre – a “Villa Assumpção”....O ágape teve lugar no restaurante *Ao Colonial* na “Villa Assumpção”,.... escolhendo aquele local, que é o mais aprazível e pitoresco recanto da cidade, sendo hoje um dos pontos de veraneio de maior afluência da sociedade porto-alegrense, de recreio semanal ou de distração, com banhos à porta, praça de esportes, jardins, solares, terraços, etc...

Na continuação da reportagem, que relata a visita da autoridade catarinense à cidade, é dada a divulgação à Vila Assunção como um *Balneário Magestoso* quando comparada a outros balneários de prestígio nacional:

A Cia. Imobiliária Villa Assumpção pretende oferecer à cidade, dentro de pouco tempo, um magestoso balneário, nos moldes dos que apresentam os Estados de Minas Gerais e São Paulo.

O espaço citado, localizado junto à Praça Araguaia, é uma referência à parte da orla urbanizada e em condições de balneabilidade, resultado das obras realizadas para o embelezamento da praia através da construção de taludes, de um passeio público e de uma faixa de areia junto às águas do Guaíba, largamente divulgado (fig. 113).

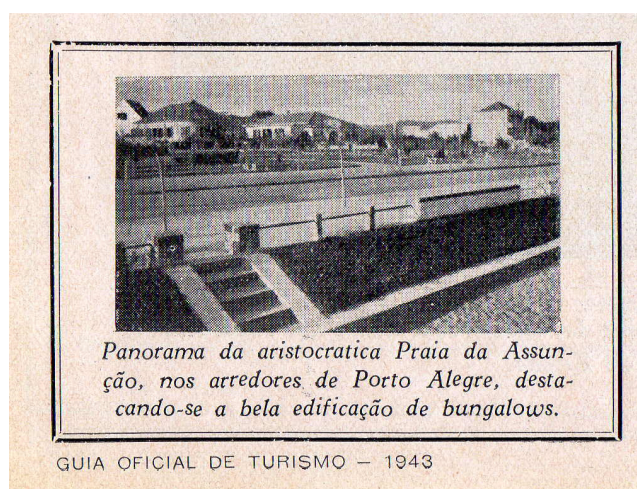


Fig. 113 - Anúncio publicitário da Vila Assunção, com referência a imagem da aristocracia. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943.

As propagandas informando o investimento realizado e exaltando o conjunto dos espaços construídos, mesmo que não estivessem na sua totalidade concluídos, pode se constatar que eram recorrentes em anúncios e periódicos em circulação na cidade:

O capital investido, - diz o proprietário da Cia. Imobiliária “Villa Assumpção” Ltda. - ascende já a 3.000:000\$000, com as obras executadas, sendo que terão que empregar o dobro para a conclusão do Balneário Villa Assumpção. A média de pessoas que frequenta o local é de 50 por semana, exclusive os banquetes e almoços que diariamente são oferecidos no restaurante Colonial.



Fig. 114 – Restaurante Ao Colonial. Fonte: Imagem da reportagem do jornal Diário de Notícias, edição 0029, de 04/4/1940, p.8. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O restaurante *Ao Colonial* (Fig. 114), referido na reportagem mencionada, e o bar *A Cabana*, foram referências no bairro e estão presentes na memória de diversos entrevistados durante esta pesquisa, uma vez que foram ambientes frequentados quotidianamente por visitantes e moradores do bairro. Ambos estabelecimentos estavam localizados junto à Av. Guaíba: *Ao Colonial* na esquina da Praça Araguaia e *A Cabana* na Ponta do Dionísio, junto à praia. Foram investimentos da Imobiliária Assumpção, com a concessão da Prefeitura pelo prazo de dez anos. A Imobiliária recebia os aluguéis dos sub-cessionários, incluindo os valores na receita da prestação de contas aos sócios do empreendimento.

A Praça Araguaia, localizada na Av. Guaíba, entre as ruas Chavantes e Carajá, se constituiu um espaço de uso social, de estar e mirante na Vila Assunção. A área aborda o núcleo central do início da urbanização do bairro e foi o local escolhido para a construção das primeiras edificações do bairro. Nos arredores desta Praça esteve localizado o restaurante *Ao Colonial* (Av. Guaíba esquina Rua Carajá), o qual servia de “sala de visitas” do empreendimento, constantemente em evidência nos eventos realizados para as visitas ilustres. Também foi o local das instalações da primeira escola

primária do bairro (Rua Carajá esquina Rua Monumento¹⁷), confirmado, através de relato de moradores que, à época, frequentaram as salas de aula da escola, instalada numa edificação, ainda hoje existente e transformada em residência no local (Fig.115).

No encerramento da já referida reportagem, a redação volta a citar as vantagens das obras do loteamento realizadas e das obras em andamento, tanto no aspecto de valorização financeira dos lotes quanto da salubridade e do saneamento da área:

Os proprietários da Cia. Imobiliária Villa Assumpção Ltda., falando à reportagem do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, que se achava representada no almoço oferecido ao interventor Nereu Ramos, teve oportunidade de constatar as obras de loteamento dos terrenos da Villa Assumpção, bem como verificar de perto, tudo que a Cia. projeta executar, sem aludir à valorização rápida dos terrenos que se acham à venda. Aos presentes, a Cia. Imobiliária Villa Assumpção Ltda., teve o ensejo de mostrar as residências construídas, todas de tipos modernos, estilo “bungalow”, dando ao local um aspecto de luxo e bom gosto. Zona absolutamente saneada, limpa, a Villa Assumpção está fadada a ser em breve a “Poços de Caldas” riograndense, tão depressa estejam concluídas as obras em andamento, que a tornará, por certo, um dos mais belos balneários do Estado e do país. (Trechos da reportagem do jornal Diário de Notícias, edição 0029, de 04/4/1940, p.8)

Em seguinte reportagem do mesmo periódico, de 14 de setembro de 1940, que trata da aprovação da construção da rede de água para o bairro Petrópolis, na administração do Prefeito Loureiro da Silva, encontramos referência à Vila Assunção, mais uma vez de maneira a engrandecer os balneários localizados na zona sul:

Porto Alegre expande-se admiravelmente para todos os lados, numa demonstração vigorosa da energia e capacidade de trabalho de seu povo. Em espaço de tempo relativamente curto, a capital do estado vê surgir novos bairros residenciais na extremidade norte da cidade seguindo o curso do Guaíba. Lindas vivendas, magníficas praias balneárias Vila Assunção, Ipanema, a nova Tristeza, Espírito Santo, Vila Conceição e outras que já se tornaram os recantos preferidos pelos porto-alegrenses, na estação calmosa. (Diário de Notícias, ano 1940, edição 187, p.1)

¹⁷ A Rua Monumento foi aberta sobre o traçado original do projeto, na quadra 36, entre os lotes 11-12, voltados para a rua Possidônio da Cunha e os lotes 21-22, voltados para a rua Carajá.

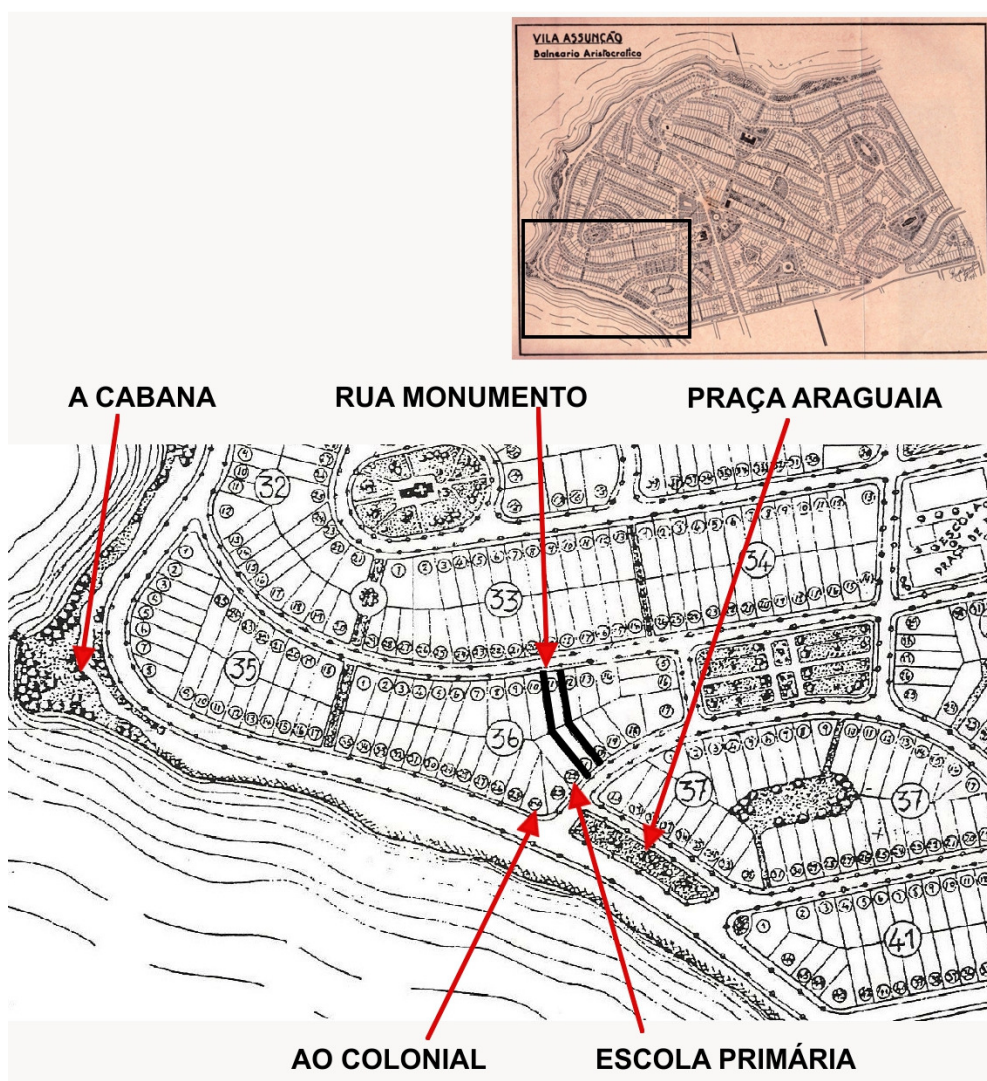


Fig. 115 – Mapa parcial do loteamento, com destaque para a Praça Araguaia, com a localização do Restaurante Ao Colonial, A Cabana e a primeira escola primária instalada na Vila Assunção. Consta no mapa, em destaque (marcação feita pela pesquisadora) o local da abertura da Rua Monumento Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

Outro investimento que almejou distinguir o loteamento foi a instalação de uma “Hydraulica”, para o abastecimento de água potável para o bairro, prevista na praça central do Morro do Cristal, com a previsão da construção de dois reservatórios: “um para atender a demanda da zona alta e outro para a zona baixa” (Anexo 3.2). Sua execução está mencionada na primeira página do relatório dos serviços técnicos da Villa Assunção de 1940, que qualifica e presta contas da obra em curso:

A água fornecida aos moradores da Villa Assunção é de 1ª qualidade. O recebimento definitivo das obras depende do término de alguns detalhes, faltando pagar um saldo de treze contos de réis (Rs:13:000\$000) ao engenheiro construtor das obras. (Relatório de atividades de 1940, p. 1, Anexo 5-A).

Na reportagem do Correio do Povo de 22/06/1941, é confirmada a informação do referido relatório, quando cita que a Hidráulica da Vila Assunção possui “um dos mais

modernos sistemas de abastecimento e tratamento de águas que existem”, e que os mesmos foram iniciados em 22/07/1940.

A Vila Assunção possui na Praça Tomocaré, situada no topo da Rua Coroados, no ponto mais alto do loteamento, um reservatório d'água, identificado por sua forma de cálice (Fig. 116) e na Praça Araé, situada no outro extremo da Rua Coroados, a Estação de Tratamento d'água da Tristeza (Fig. 117), infraestrutura responsável pela autonomia no abastecimento e tratamento d'água do bairro até os dias de hoje (Fig.118).



Fig. 116 – Vista do reservatório da Praça Tomocaré, por volta da década de 1960, a partir da Rua Pereira Passos. Fonte: Acervo família Teixeira.

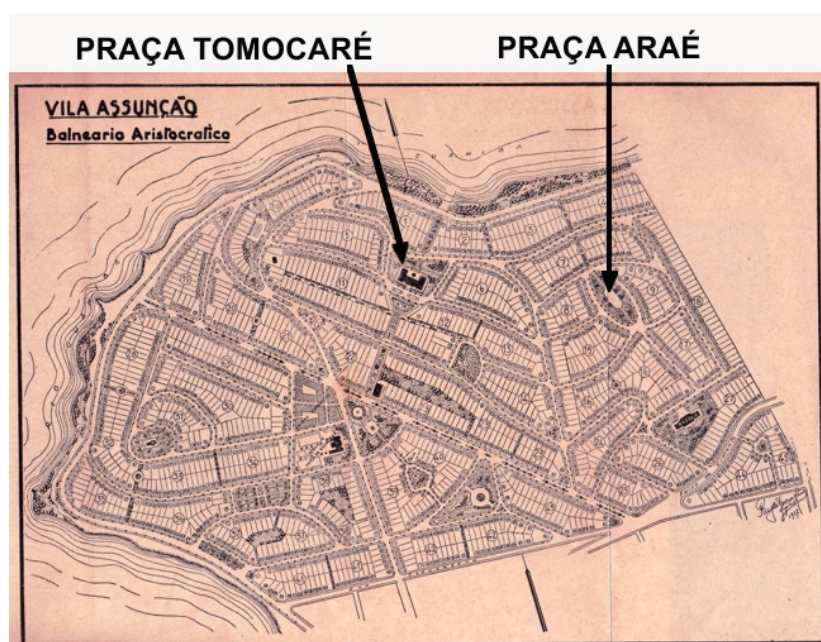


Fig. 117 – Mapa do loteamento da Vila Assunção, com indicação da Praça Tomocaré, local da construção da *Hydráulica* e da Praça Araé, onde foi construída a Estação de Tratamento d'Água da Tristeza. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.



Fig. 118 – Vista do acesso à Estação de Tratamento d'água da Tristeza-DMAE, localizada na Praça Araé, Vila Assunção. Foto: Roseli Gessinger, ano 2014.

Na relação dos serviços técnicos em execução na Villa Assunção, do Relatório de 1940, também é mencionada a construção de um Porto pela Prefeitura Municipal, que viria a servir de embarcadouro para as barcas utilizadas na travessia do Guaíba:

A Prefeitura está construindo mais ou menos a quatro meses atrás o Porto de atracação das barcas que irão a Guaíba saindo da Villa Assunção e vice-versa. Ditas obras incluirão: um caes mixto de pedra e cimento para atracação das barcas, o trecho da Avenida Guaíba compreendido entre a Avenida Pereira Passos e o caes, atualmente em execução: uma praça de tipo moderno sobre alguns terrenos da quadra nº19: um restaurante bar e bomba de gasolina sobre a dita praça (Anexo3.1, Relatório de Atividades 1940, p.2).

O Porto das Barcas iniciou, em 1940, os serviços para a travessia do Guaíba, de Porto Alegre à cidade de Guaíba, numa época em que não havia ligação rodoviária para o deslocamento de pessoal e de cargas entre os dois municípios. Nesta época, já havia serviços de barcas em municípios banhados pelo Guaíba, Lagoa dos Patos e Delta do Jacuí. O tempo médio para travessia chegava há uma hora e trinta minutos para transpor uma distância de aproximadamente cinco quilômetros. O trânsito e o movimento provocado pelo embarque e desembarque de pessoas e de mercadorias no terminal das barcas e ao longo da Av. Pereira Passos, estabeleceu uma dinâmica singular ao bairro, originalmente de caráter residencial (Fig. 119).

Em razão da demanda regular de veículos ao terminal das barcas, parte da quadra 19 foi desmembrada para a abertura de uma via de acesso desembocando em frente ao terminal, modificação aprovada através do processo 2029/41, de 04/04/1941, apontado no expediente único 21036.5, referente ao Loteamento da Vila Assunção, da SMOV/PMPA, resultando na configuração de mais uma praça dentro dos limites do loteamento: a Praça Tabira (Fig. 120), antiga Praça das Barcas. Outra medida realizada

em função da reestruturação do quarteirão foi a inserção de uma passagem para pedestres a fim de dar acesso da Rua Burum ao centro da praça pelo interior da quadra. Lamentavelmente, esta passagem se encontra fechada e foi anexada aos terrenos lindeiros, ocorrência que inviabiliza a conexão e a intenção do circuito *peatonal* indicado no projeto da Vila Assunção, característica singular do modelo cidade-jardim (Apêndice1, Diagnóstico das Passagens para Pedestres da Vila Assunção, 2014).



Miguel Castro. Antiga travessia em balsa entre os municípios de Porto Alegre e Guaíba, anos 1950, cópia digital a partir de negativo flexível
 Formato: gelatina/prata, p&b. Coleção do Fotógrafo

Fig. 119 - Travessia de balsa Porto Alegre-Guaíba. Autor: Miguel Castro. Fonte: Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Editora Pallotti, 2007, p.36.

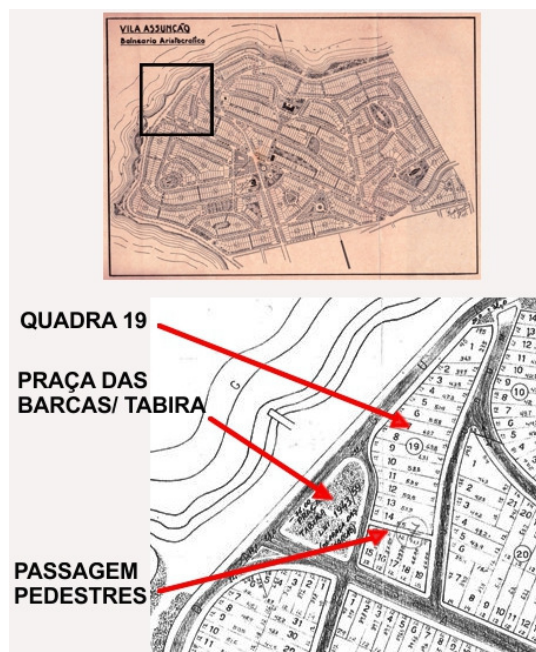


Fig. 120 – Mapa do loteamento da Vila Assunção, com indicação da quadra 19 no projeto original e no detalhe, com a modificação, aprovada em 1941, para a implantação da Praça Tabira, antiga Praça das Barcas. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

Muitas edificações foram se estabelecendo informalmente neste período, na área conhecida como *Vila dos Pescadores*, com moradores vinculados às atividades de pesca e de prestação de serviços às barcas (Fig. 121).



Fig.121 – Vista a partir do Guaíba da Vila dos Pescadores e do antigo atracadouro das balsas, 2017. Foto: Martina Lersch.

Na imagem aérea realizada em 2008, tem-se a dimensão da intervenção realizada nesta área e da ocupação da orla com edificações, áreas recreativas de clubes privados, impedindo o livre acesso e, muitas vezes a visibilidade do rio neste percurso do bairro (Fig. 122).



Fig.122 – Vista aérea realizada em 2008, da Ponta do Dionísio, com o terminal das barcas (desativado) em primeiro plano e, em frente, a quadra 19, a Praça Tabira, a passagem para pedestres (em amarelo) e a Av. Pereira Passos, eixo central do bairro (em azul). Marcações feitas pela pesquisadora. Fonte: Acervo particular de Luiz Augusto Roth.

No Relatório das Atividades do ano seguinte, de 1941 (Anexo 3.2), encontramos a notificação de que em novembro daquele ano se iniciaram os serviços de transporte com as barcas e que o mesmo acarretou a implementação de uma linha regular de ônibus. Entretanto, o incremento no tráfego do transporte urbano do centro à Vila Assunção e vice-versa, argumenta o Sr. Luiz Alberto Coronel, gerente do empreendimento, poderia acarretar vantagens e desvantagens para a imagem do loteamento, na medida em que

com fins de propaganda temos explorado este fato que favorece à compra de terrenos para as pessoas que não possuem condução própria. O inconveniente desta medida está na enorme aglomeração de pessoas, que se verifica aos domingos, devendo se tomar, nestes dias, precauções extraordinárias, para o nível moral da nossa empresa, continue sempre bem alto aos olhos do público (Anexo 5-B)

Verifica-se a preocupação com a imagem do empreendimento vinculada a uma pretensa “moral” atribuída à empresa loteadora com este tipo de declaração. Na reportagem do Correio do Povo, na publicação de 22 de junho de 1941, é reafirmada a imagem do discurso em relação à qualificação do espaço urbano construído na Vila Assunção (Fig. 123), ao elencar as realizações futuras e em curso, com a alusão a designação *bairro-jardim*, como pode ser conferido em alguns trechos da matéria:

Dentro do ritmo de desenvolvimento que atravessa nossa metrópole, deve-se indubitavelmente à Vila Assunção, o aristocrático Balneário residencial, administrado pela Imobiliária Villa Assumpção Ltda., uma imensa parte. Obedecendo a grandioso plano de urbanização, o que era há pouco tempo uma nesga de terra bravia avançando o Guaíba adentro, ergue-se lá hoje uma cidade miniatura com um balneário capaz de rivalizar futuramente com os mais famosos da América do Sul, opinião esta de turistas que a tem visitado.

Aproveita para qualificar, mais uma vez, o projeto técnico ao lembrar que nenhum dos terrenos “da beira da esplanada” foram atingidos pela enchente de 1941, e continua engrandecendo o empreendimento tanto quanto os empreendedores:

A Villa Assumpção, um dos mais grandiosos empreendimentos de nossa capital, ver-se-á, em breve, no mesmo pé de igualdade das mais requintadas praias sul-americanas. Iniciados somente há dois anos passados deve-se esta verdadeira cidade-descanso à iniciativa fecunda dos Srs. Drs. Ernesto e Annibal di Primio Beck, esforçados homens de negócios para a total consecução de seu fim, qual seja dotar a cidade deste verdadeiro **bairro-jardim**.

Na mesma reportagem é mencionada como iniciativa de grande importância para a valorização dos terrenos da Vila Assunção, o prolongamento da Avenida Beira Rio, prevista no Plano Diretor de Urbanização de Porto Alegre e a intenção da transferência do Hipódromo dos Moinhos de Vento para o Cristal, em área “encostada” ao bairro que, na fotografia aérea de 1958 (Fig. 124), já era uma realidade.



Fig.123 – Reportagem do Correio do Povo de 22/06/1941. Fonte: Acervo particular de Luiz Augusto Roth.



Fig. 124 - Vista aérea de Porto Alegre, 1958. Em primeiro plano, a construção e aterro da área em frente ao Hipódromo do Cristal, com a Ponta do Dionísio adentrando o Guaíba ao fundo. Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre José Joaquim Felizardo/Autores: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

Um ano depois, em 1942, na publicação do livro “Rio Grande do Sul Imagem da Terra Gaúcha”, prossegue a divulgação da imagem da área urbanizada junto à praia. A propaganda divulga a Vila Assunção como um “bairro residencial moderno”, ponto de referência da sociedade porto-alegrense, afirmando que o projeto foi realizado dentro dos preceitos do urbanismo, “atestando o progresso urbano da metrópole” (Fig. 125). Na matéria ainda são ressaltadas as comodidades, além das já existentes de água potável, transporte rápido, luz elétrica, telefone e calçamento, que advirão com a implantação da avenida margeando o Guaíba, decorrente do Plano Diretor da cidade de Porto Alegre, ligando a área central à Vila Assunção, onde “pode constatar no mapa das ruas de Porto Alegre, do mesmo ano de 1942, a zona sul e todos os seus loteamentos balneários já estavam então totalmente inseridos na malha viária da cidade.” (HUYER, 2010, p.145).

TURISMO

IMOBILIÁRIA VILA ASSUNÇÃO LTDA.

UM MODERNO BAIRRO RESIDENCIAL ATESTANDO O PROGRESSO URBANO DA METRÓPOLE

O progresso urbano não consiste em invadir cegamente os terrenos com edificações, mas construir concientemente e não permitir que as vivendas dos seres humanos se amontoem. Foi dessa necessidade que surgiu o urbanismo e dentro de seus preceitos foi criada e se desenvolve a Vila Assunção.

Esse aristocrático balneário é o mais próximo da capital, pois dista apenas do centro cerca de dez quilômetros, podendo um automóvel, a uma velocidade média de 60 quilômetros horários, cobrir essa distância em dez minutos. Por essa razão é considerada a Vila Assunção não como um simples balneário, cuja distância do centro de atividade cotidiana só permite moradia a privilegiados da fortuna, mas sim, um “bairro residencial moderno”, parte integrante da Metrópole, com todas as vantagens e sem as desvantagens dos grandes centros populosos.

Queremos significar que as comodidades que a cidade oferece, tais como o serviço de água potável, transporte rápido, luz elétrica, telefone, calçamento, etc., já são conquistas efetivas da Vila Assunção.

Como se não fossem ainda suficientes essas comodidades atuais, um futuro não remoto faz-nos vislumbrar um maior número delas, decorrentes do Plano Diretor da cidade de Porto Alegre. Prevê o citado plano a construção de uma monumental avenida marginando o Guaíba, ligando o centro urbano com a Vila Assunção e, uma vez realizada tão imponente obra, ficará a Vila Assunção cerca de 800 metros distante do local da sua instalação.

Vila Assunção — o balneário aristocrático — como muito bem foi cognominado, continua sendo o ponto de preferência da principal sociedade porto-alegrense. Surgida há bem pouco tempo, pois data de fins de 1938, graças aos esforços dos conhecidos homens de negócios — drs. Aníbal e Ernesto di Primio Beck — aliados à boa vontade da sucessão Assunção, antigos proprietários do local, a nossa capital pôde con-



Vista parcial do aristocrático bairro residencial “Vila Assunção”.

tar com tão agradável e confortável ponto de reunião.

Largas avenidas, ruas calçadas, ótima praia, bares e restaurantes, foram passos iniciais dos organizadores do balneário aristocrático.

A dez quilômetros do centro da capital, entre os bairros Cristal e Tristeza, a Vila Assunção, em futuro próximo, será um bairro residencial aristocrático.

Moldada nos lindos e modernos balneários uruguaios, a Vila Assunção obedece aos contornos do rio Guaíba, com uma vistosa amurada a servir de apoio entre os largos passeios e a praia propriamente dita.

Fig. 125 – A fotografia da reportagem mostra a área do entorno da Praça Araguaia, com destaque para o tratamento da orla, com talude, escadaria e passeio junto à praia. Fonte: SCHINDDROWITZ, 1942.

No Relatório de 1941, é constatada a venda de apenas 61 lotes naquele ano, atingindo o número de 307 lotes vendidos, ou seja, 21% do total. A justificativa tocou a dois fatos de grande impacto na economia local: a grande enchente ocorrida em Porto Alegre, que teria paralisado as vendas de abril a junho de 1941, e os reflexos da II Guerra. Mesmo apresentando um lucro modesto, o balanço foi, pela primeira vez desde o início do empreendimento, favorável.

Na tentativa de melhorar as perspectivas dos negócios, a sociedade construiu uma casa para venda e para divulgação através de um modelo/protótipo, tal qual um showroom construído atualmente pelas construtoras. Para tanto, foi escolhido um terreno na Av. Guaíba, esquina com a Rua Dr. Possidônio da Cunha, a fim de demonstrar a viabilidade das construções, seguindo as normas e exigências da Prefeitura para a área, principalmente no que diz respeito aos recuos. Além disso, seguiram-se os serviços de urbanização com o calçamento das Ruas Potiguar, Guaianá e José Assunção, que cede o nome à praça configurada no topo do morro, local da futura construção da igreja Nossa Senhora da Assunção (Fig. 126).

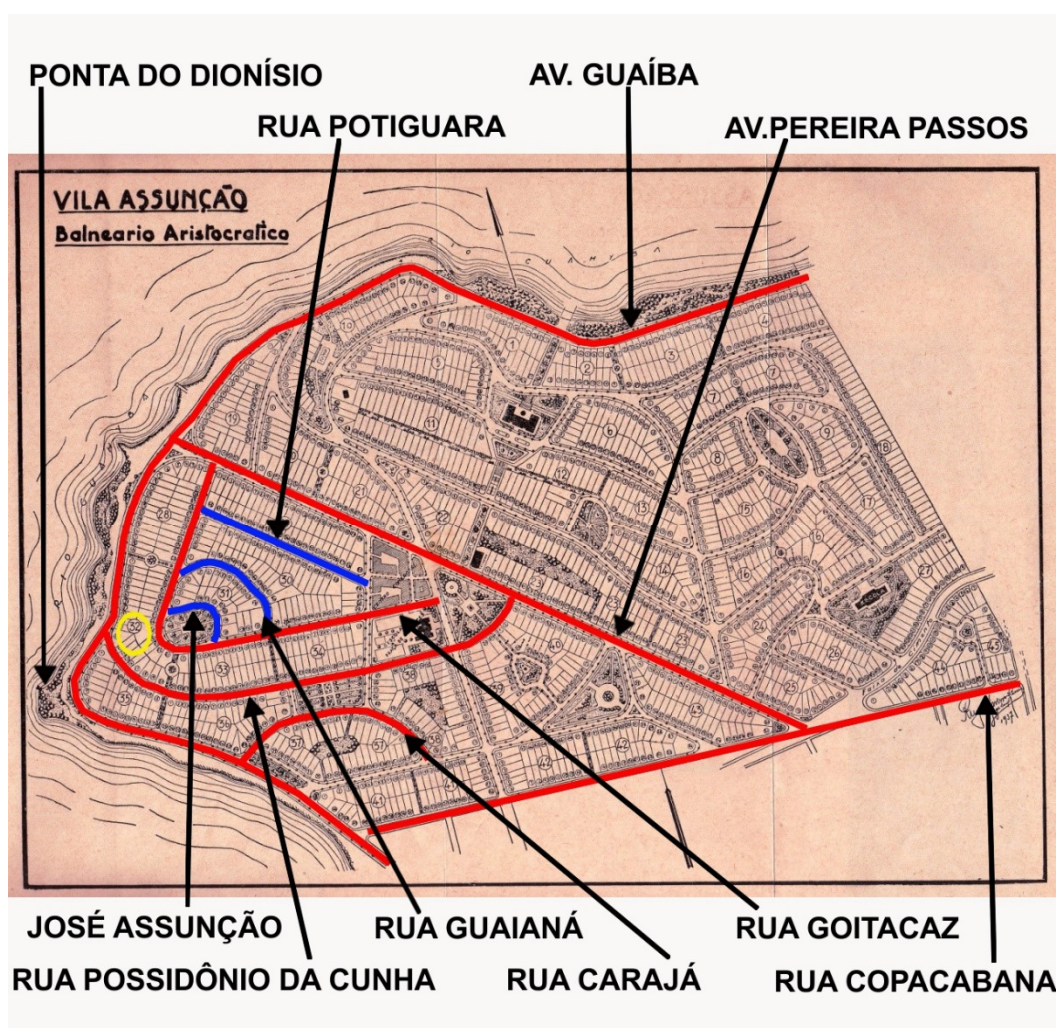


Fig. 126 – Mapa da Vila Assunção com a indicação das ruas pavimentadas em 1940 (em vermelho) e das ruas pavimentadas em 1941 (em azul). Círculo, em amarelo, indica a localização da construção da casa protótipo. Marcações feitas pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

Uma comissão constituída por três moradores, Dr. Elyseu Paglioli, Dr. Alvorino Mércio Xavier e o Sr. José P. Magnus, foi encarregada para a definição do projeto e construção da igreja, no centro da Praça José Assunção. O local é a parte mais elevada desta área do loteamento, possibilitando como pano de fundo, um mirante com vista para o Guaíba,

com a previsão de acessos para pedestres através das passagens *peatonais* e de automóveis, em torno dos quarteirões residenciais (Fig.127). O lançamento da pedra fundamental da Capela data de 13 de agosto de 1944.

Cabe salientar o envolvimento da comunidade para a concretização da proposta definida não só em planta, mas buscando através das práticas sociais, a confirmação de um estilo de vida à época. Encontramos esta afirmação na publicação da coluna Vida Católica, do Jornal do Dia, de sábado, 28/02/1948, p.4:

Terão início hoje, na aristocrática Vila Assunção, os festejos populares pró-construção de sua Igreja Matriz, estando armadas diversas tendas para a quermesse, carroussel, copa, etc. – Contando com a valiosa colaboração de senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade, o organizador da festa, Sr. Ernesto Fortes, promete interessantes surpresas e esplêndidos divertimentos a todos os que comparecerem em Vila Assunção no dia de hoje. Para facilitar o transporte dos visitantes, já está assegurado um perfeito serviço de ônibus até a meia-noite. Amanhã, domingo, continuarão as festividades. (Sábado, 28/02/1948, Jornal do Dia, notícia na coluna Vida Católica, p.4)

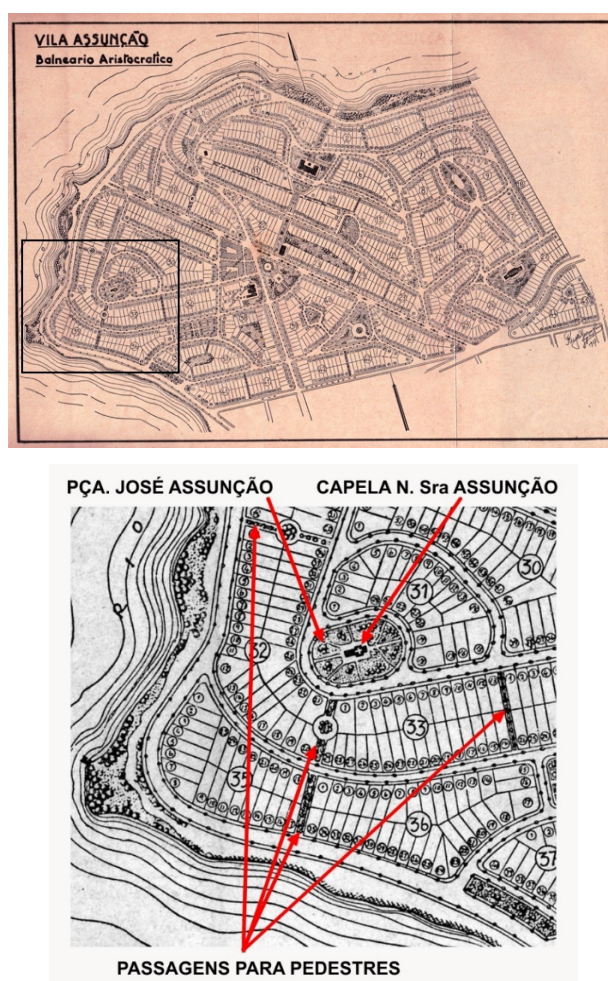


Fig. 127 – Projeto do loteamento da Vila Assunção e no detalhe, a Praça José Assunção, com a localização da igreja, das passagens para pedestres e quarteirões lindeiros com a delimitação dos lotes residenciais. Indicações feitas pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

Consta na edição nº 0654, de 27/4/1949, do Jornal do Dia, a notícia do desabamento de parte da igreja em construção na Vila Assunção, em razão de um “impiedoso vendaval” ocorrido. Mais uma vez, a comissão encarregada das obras, lançou um apelo aos moradores e proprietários para cooperarem no sentido de angariar fundos para a continuação da obra. Desta forma, a Capela N. Sr^a Assumpção (Fig. 128), pôde ser inaugurada em 11/12/1949, passando a constar em 28/1/1950, no quadro publicado com os horários das missas realizadas na cidade de Porto Alegre (Jornal do Dia. Porto Alegre, 28 de janeiro de 1917. Edição 0906, p.5.)



Fig. 128 - Cartão postal Capela Assumpção. Fonte: Acervo particular André Huyer.

A Capela, até os dias de hoje, é um dos cartões postais da Vila Assunção. Edificada em estilo Californiano¹⁸, possui uma escala e tipologia construtiva integrada ao ambiente do bairro. A escolha do partido arquitetônico exibe elementos que designam um templo, de forma simples, sem perder o caráter da espiritualidade dentro de uma atmosfera acolhedora.

Até a data de 31/12/1941, consta na planilha de serviços de urbanização, o percentual de 37% de área de ruas pavimentadas (Fig. 129), concentradas junto à primeira parte urbanizada do loteamento. Paralelamente à realização e instalação dos serviços de saneamento e dos equipamentos urbanos previstos no empreendimento, moradores foram se alocando no bairro. O relatório de 1941 indica a partir daquela data a

¹⁸ Estilo Californiano surgiu nos EUA, no início do século XX, nos estados de colonização espanhola. Buscava independência das influências europeias através de formas simples de antigos povos indígenas (pueblos), combinadas com uma arquitetura pitoresca espanhola do tempo das missões jesuíticas. (HUYER in CUSTÓDIO, 2014b, p.169).

colaboração do Sr. Juan Alberto Tarragó na “assistência técnica para novas construções”, no que diz respeito a elaboração de “plantas para nossos contratantes”. Tratava-se da prestação de serviços autônomos na execução de projetos, não vinculados diretamente nas despesas da sociedade.

VIII

PERCENTAGEM DE CALÇAMENTO E ARUAMENTO FEITOS ATÉ

31 de DEZEMBRO de 1941 - NA VILLA ASSUMPÇÃO

CALÇAMENTO FEITO (em area)	37%
RUAS ABERTAS (em area)	46%

I

URBANISAÇÃO

1938	229:872\$000
1939	405:701\$700
1940	271:747\$100
1941	274:998\$400
	<u>1.182:319\$200</u>

VII

DESPESAS GERAES - PROPAGANDA e ORDENADOS

	<u>D. G.</u>	<u>P.</u>	<u>O.</u>
1936	11:658\$200	\$	\$
1937	32:697\$400	\$	\$
1938	35:900\$000	6:050\$800	10:201\$400
1939	71:930\$100	8:117\$900	41:649\$700
1940	37:053\$000	12:947\$500	45:200\$000
1941	36:816\$800	17:126\$200	55:850\$000

TOTAES ATÉ HOJE

DESPESAS GERAES:	226:055\$800
PROPAGANDA :	44:242\$200
ORDENADOS :	152:901\$100
TOTAL GERAL :	<u>423:199\$100</u>

Fig. 129 – Planilhas com a relação das despesas e serviços de urbanização nos anos de 1936 a 1941. Fonte: Relatório e Balanço 1940 – Diversos/Comparações/Estatísticas, p.10. Acervo Carmen Conte Assumpção.

Com a ocorrência do falecimento da Sra Felisbina, no final do ano de 1940, foi realizada uma Declaração em 1º/07/1941 (Anexo 4), com o nome dos herdeiros da falecida Felisbina Antunes de Assumpção, quais sejam, os filhos e suas respectivas esposas e/ou maridos, como “legítimos possuidores da quota de DEZ CONTOS DE RÉIS (R\$.10:000\$000) da sociedade IMMOBILIARIA VILLA ASSUMPÇÃO Ltda., e que será partilhada em inventário pelos signatários desta.” Assumiam, ainda, a dívida de cinquenta contos de réis (R\$50:000\$000) que a falecida, dona Felisbina, era devedora

à sociedade por antecipação de lucros. A declaração foi assinada por um dos filhos, Sr. Francisco Aníbal Assumpção. Os demais herdeiros citados na referida Declaração são: Maria Augusta Assunção Itaquí, Mario Archimedes Antunes de Assumpção e sua mulher, Eli Araújo Viana, Eduardo Hasslocher e sua mulher, Ilca Assumpção, Manoel B.A. Itaquí e sua mulher, Judite Assumpção, Francisco de Paula Santos e sua mulher, Sara Assumpção, Átila Antunes de Assumpção e sua mulher, Amanda de Ângeli.

<u>IMMOBILIARIA VILLA ASSUMPCÃO LTDA.</u>	
<u>SÓCIOS C/LUCROS</u>	
Lucros distribuídos aos sócios no Balanço de 1945 :	
-Cia. Fredial e Agrícola c/Lucros	26.499,27
-Dr. Ernesto di Primo Beck c/Lucros	79.497,74
-Dr. Aníbal di Primo Beck c/Lucros	79.497,74
-Herança D ^a Mathilde Py da Cunha c/Lucros	79.497,74
-Herança D ^a Felisbina A. Assumpção c/Lucros	37.856,07
-Herança Francisco Paula Santos c/Lucros	37.856,07
-D ^a Maria A. Assumpção Itaquí c/Lucros	37.856,07
-Mario A. Assumpção c/Lucros	37.856,07
-Átila A. Assumpção c/Lucros	37.856,07
-Francisco A. Assumpção c/Lucros	37.856,07
-Eduardo Hasslocher c/Lucros	37.856,07
	<u>529.984,98</u>
<u>IMMOBILIARIA VILLA ASSUMPCÃO LTDA.</u>	
<u>Detalhe da conta "DEVEDORES C/EMPRESTIMO"</u>	
<u>em 31 de Dezembro de 1945</u>	
Mario A. Assumpção c/Empréstimo	58.318,70
Mario A. Assumpção c/Especial	21.811,00
Átila A. Assumpção c/Empréstimo	86.689,10
D ^a Maria A. Assumpção c/Retiradas	83.405,96
D ^a Maria A. Assumpção c/Empréstimo	106.898,03
Sucessão D ^a Felisbina A. Assumpção	271.490,66
Francisco A. Assumpção c/Retiradas	11.903,79
Francisco A. Assumpção c/Empréstimo	29.490,80
Sara Assumpção Santos c/Retiradas	97.166,96
José Francisco de A. Santos c/Empréstimo	14.497,50
Sara Assumpção Santos c/Empréstimo	3.079,40
José Borges Fortes c/Empréstimo	14.776,70
Soc. Amigos da Villa Assumpção	17.166,09
	<u>816.678,69</u>

Fig. 130 - Planilhas com a indicação da distribuição dos lucros e dos empréstimos realizados aos sócios no ano de 1945. Fonte: Relatório- Diversos/Comparações/Estatísticas, 1945. Acervo particular: Carmen Conte Assumpção.

A filha de D^a Leda Assumpção Dias, bisneta da dona Felisbina, Maria Lília, lembra que

... até então, aqui era campo. A área era restrita à família. Não era de livre acesso. A Tristeza já tinha um início de urbanização. Era separado. Mas era muito, muito diferente. Hoje é tudo a mesma coisa.

“Quem era da Tristeza não era da Assunção”. Era uma coisa muito dividida. Quando lotearam, também. A Vila Assunção até hoje tem um Plano Diretor diferente da Tristeza. Aqui não se constrói apartamentos, edifícios. Agora surgiram alguns. Grandes prédios não se constroem. É absolutamente residencial. Havia uma diferença até no Plano Diretor. Aí, foi feito um loteamento e os herdeiros ganharam alguns terrenos. Maria Lília diz que seu avô, Mário Archimedes Antunes Assumpção, ganhou terrenos para os filhos. Ganhou um terreno para cada filho. Este terreno da minha mãe foi terreno que ela ganhou do pai. Este ao lado, era da minha tia. Minha mãe negociou e ficaram com os dois terrenos. (Trecho da entrevista registrada em 31/3/2017).

Desta forma, os herdeiros constam como sócios do empreendimento, na relação de distribuição dos lucros e de dívidas, provenientes de empréstimos por eles realizados (Fig.130).

Passados oito anos de investimentos no loteamento, o ano de 1945, passa a figurar como o de maior investimento em urbanização, com 70% do calçamento executado e 83% das ruas abertas até 31/12/1945 (Fig. 131), além de ter a maior venda de lotes. Isso levou a uma melhora nos lucros, uma vez que as vendas atingiram, em dois anos, 1944 e 1945, cifras maiores que o dobro do comercializado até dezembro de 1943. O lucro líquido sobre a venda dos terrenos somente no ano de 1945 foi de R\$ 706.651,98 e até o final de 1945, 1.101,5 lotes haviam sido vendidos, perfazendo 78% do total dos lotes (Fig.132).

<u>U R B A N I Z A Ç Ã O</u>	
I 938	229.872,00
I 939	405.701,70
I 940	271.747,10
I 941	274.998,40
I 942	174.689,74
I 943	248.261,50
I 944	515.756,90
I 945	<u>880.666,45</u>
	3.001.693,76

<u>PORCENTAGEM DE CALÇAMENTO E ARRUAMENTO FEITOS ATÉ</u>	
<u>ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1945</u>	
CALÇAMENTO FEITO (em area)	70% - 30%
RUAS ABERTAS (idem)	83% - 17%

Fig. 131 – Planilhas com a relação das despesas de urbanização nos anos de 1938 a 1945 e da porcentagem de calçamento até 31/12/1945. Fonte: Diversos/Comparações/Estatísticas, 1945. Acervo: Carmen Conte Assumpção.

<u>V E N D A S</u>		
Até 31 de dezembro de 1943.....	5.731.124,50	
No ano de 1944.....	5.984.180,00	
No ano de 1945.....	<u>7.644.200,00</u>	
		<u>19.359.504,50</u>

<u>LUCROS SOBRE TERRENOS</u>		
Já apurados	10.036.569,26	
A apurar	<u>7.999.052,90</u>	18.035.622,16

<u>LUCROS LÍQUIDOS</u>		
1942	5.607,14	
1943	191.144,72	
1944	240.753,90	
1945	<u>806.651,98</u>	1.144.157,74
TOTAL DA VILLA JÁ VENDIDOS		19.359.504,50

VENCIMENTO ATUAL DE PRESTAÇÕES MENSAIS	205.221,50
NÚMERO DE LOTES VENDIDOS (78%)	1 101,5
NÚMERO DE LOTES A VENDER (22%)	370,5

Fig. 132 – Planilhas com a relação das vendas de dos lucros sobre os terrenos de 1942 a 1945.
 Fonte: Diversos/Comparações/Estatísticas, 1945. Acervo Carmen Conte Assumpção.

Com a quase totalidade dos lotes comercializados, em 1948 é notificada, na prestação de serviços redigida anualmente aos sócios, a execução do calçamento das Ruas Pareci, Pinaré, Manaué, Coroados, Caiapó e Guaraum (Fig. 133), instituindo a urbanização da outra parcela da Vila Assunção (Fig.134).

No documento pode ser verificado o indicativo de uma inflação nos anos de 1945 a 1948, refletindo no preço despendido com os materiais necessários para a pavimentação das ruas. Houve um aumento de mais de 100%, no período de três anos, no material necessário para o calçamento, cordão curvo e cordão reto. Cabe salientar que o calçamento das ruas do bairro é em granito, material abundante, disponível e sem impedimento legal, à época, para extração das pedreiras na cidade.

Serviços de calçamento executados na Vila Assumpção no período de Janeiro de 1948 a Junho de 1948 nas seguintes ruas

<u>Rua Pareci</u>	1.839,75 m ²	inclusive cordão e cancha	43.351,25
<u>Rua Pinaré</u>	750,00 m ²	Idem Idem	32.970,00
<u>Rua Manaué</u>	996,75 m ²	idem idem	36.845,00
<u>Rua Coroados</u>	735,00 m ²	idem idem	29.125,60
<u>Rua Caiapó</u>	1.018,04 m ²	idem idem	46.840,30
<u>Rua Guaraum</u>	2717,39 m ²	idem idem	100.144,55
<u>Rua Manaué</u>	132,90 m ²	idem idem	54.185,32
<u>Rua Pareci</u>	693,75 m ²	idem idem	35.455,00
<u>Rua Coroados</u>	1.921,80 m ²	idem idem	100.295,20
			479.212,22

DIFERENÇAS DE PREÇOS

De Setembro 1945 a Março de 1947		
Calçamento	14,00 o m ²	
Cordão recto	15,00 o m. l.	
Cordão curvo	15,00 o m. l.	
Calha	5,00 o m ²	
De Março 1947 a Abril de 1948		
Calçamento	30,00 o m ²	
Cordão recto	28,60 o m. l.	
Cordão curvo	30,60 o m. l.	
De Março 1948 a Setembro 1948		
Calçamento	34,00 o m ²	
Cordão recto	40,00 o m. l.	
Cordão curvo	44,00 o m. l.	

Fig. 133 – Relação dos serviços de calçamento executados de janeiro a junho de 1948. Fonte: Diversos/Comparações/Estatísticas, 1948. Acervo Carmen Conte Assumpção.

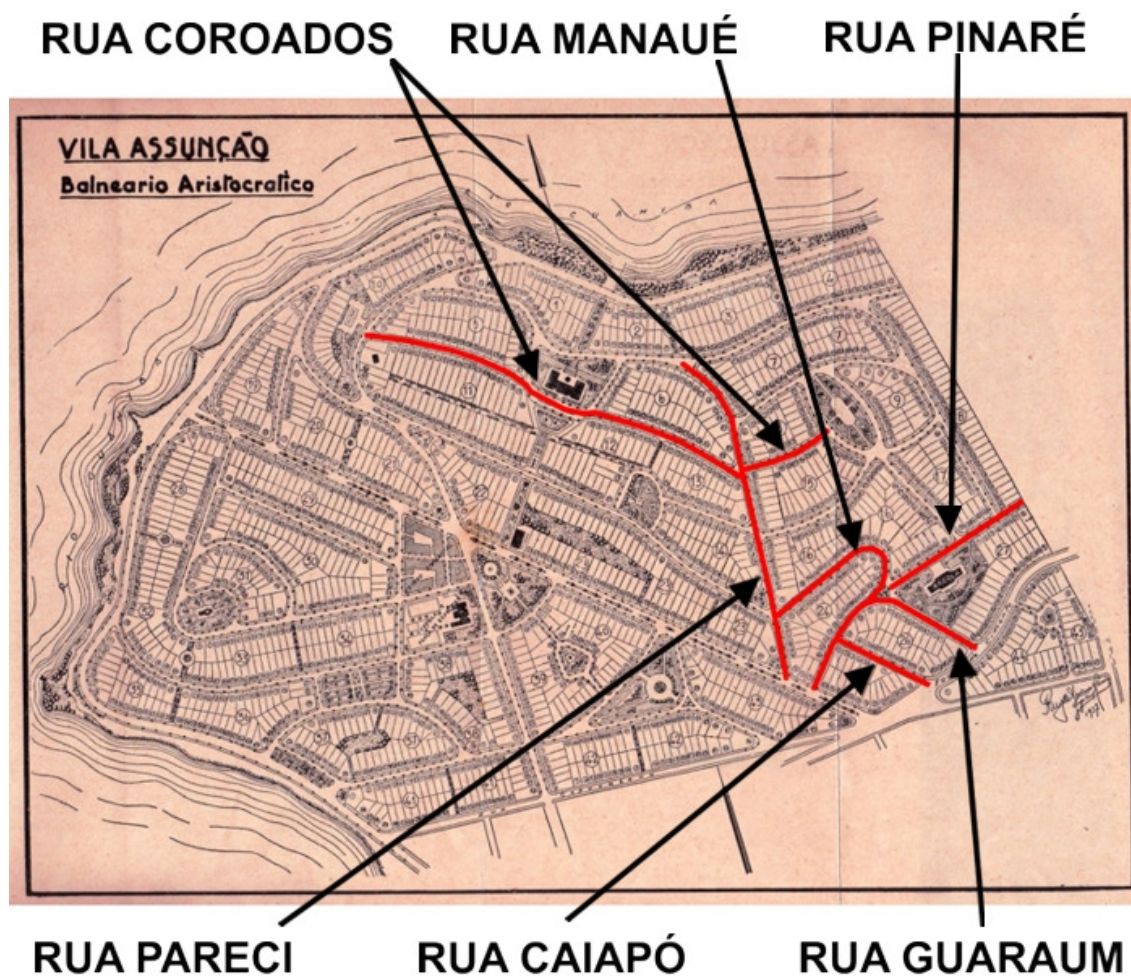


Fig. 134 – Mapa da Vila Assunção com a indicação (em vermelho) das ruas pavimentadas no primeiro semestre de 1948. Marcações feitas pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

No relatório de dezembro de 15/12/1949, constam 90 lotes disponíveis para a venda, relacionados individualmente e com a localização nas quadras. Nesta relação (Fig. 135), pode ser confirmada a venda dos lotes do quarteirão inicialmente proposto para a instalação do Centro Comercial, uma vez que aparece como disponível, um lote com 820m². O mapa que identifica as vendas efetivadas até o final da década de 1940 confirma o desmembramento da quadra e a venda dos lotes naquela área (Fig.136).

IMOBILIÁRIA VILA ASSUMÇÃO LTDA.

LOTES DISPONÍVEIS EM 15 DEZ 1949

4	Lot. ns. 20, 21, 22 e 32 (Sobra), da QUADRA N. 4		
2	" ns. 1/2 do 38, 39, 1/2 do 40	"	5
2	" ns. 6 e 12	"	6
2	" ns. 27A e 28A	"	7
1	" n. 4A (Sobra)	"	8
9	" ns. 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35.	"	10
1	" n. 1	"	12
1	" ns. 51	"	16
3	" ns. 6, 7 e 8	"	14 (Res. D. Judith)
29	" ns. 2, 3, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 54.	"	16
1	" n. 10	"	18
1	" n. 21 (Sobra)	"	20
2,5	" ns. 14, 1/2 do 51, 52.	"	23
1	" ns. 1/2 do 27 e 1/2 do 28.	"	24
1	" n. 21	"	26
2	" ns. 5 e 6	"	27
1	" n. 23A (Sobra)	"	29
0,5	" n. 1/2 do 40 (junto ao 41).	"	42
14	" ns. 8, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25 e 26.	"	44
11	" ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 15, 16, 17, 18.	"	45
1	" c/820 m2 - s/p. . . . Centro Comercial		

90 LOTES

Fig. 135 – Relação do número de lotes disponíveis e sua localização nas quadras em 15/12/1949. Acervo: Carmen Conte Assumpção.



Fig. 136 – Mapa do loteamento da Vila Assunção, com a demarcação dos lotes vendidos, até o final da década de 1940, com a identificação do local sugerido para a implantação do Centro Comercial (em verde), marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Acervo de Luiz Augusto Roth.

Consta no Expediente Único 002.210326.00.5, da SMURB/PMPA, a alteração realizada em 20/06/1974, referente ao loteamento das quadras nº 44 e 45, pelo processo 210.326.5, pasta 06-A. Estes quarteirões estão localizados na extremidade Leste da área do loteamento, formando um triângulo delimitado pelas ruas Copacabana, Castro de Menezes e Avenida Wenceslau Escobar, antiga Avenida 11 de Setembro, referida no Memorial Descritivo (Anexo 1.2, 1940, p.17) como “faixa de concreto” (Fig. 137).

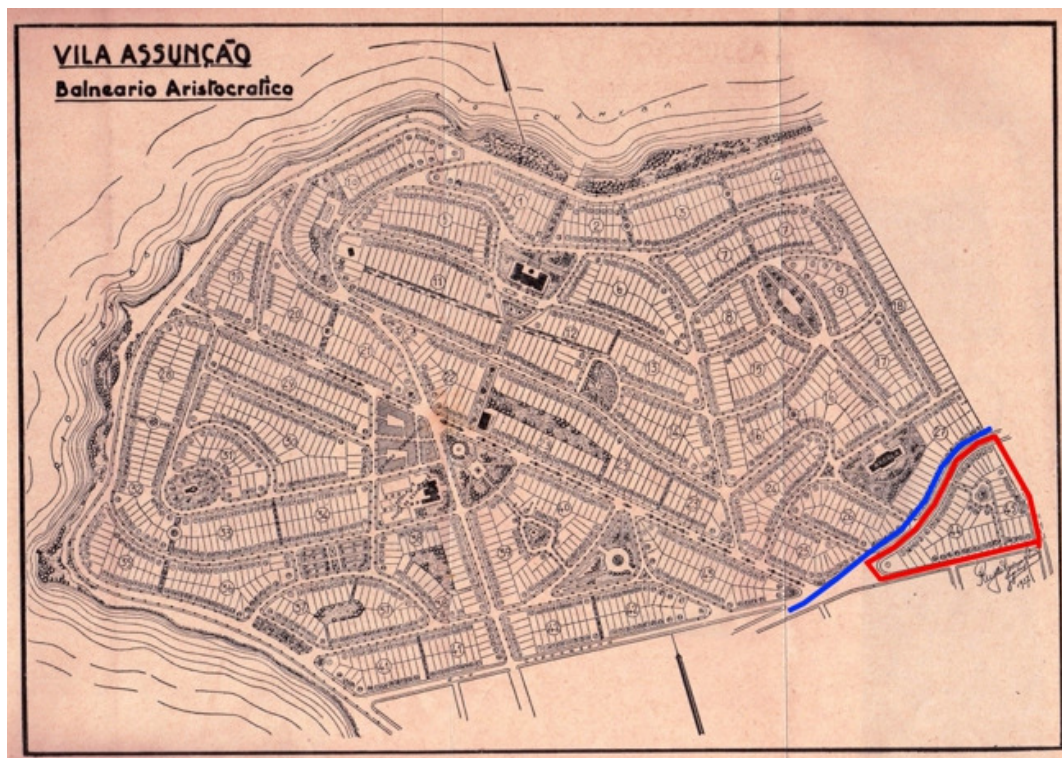


Fig. 137 - Mapa da Vila Assunção com a indicação da localização das quadras 44 e 45 no loteamento (em vermelho) e da Av. Wenceslau Escobar, a “faixa de concreto”. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

A referida avenida provocou uma ruptura da trama do tecido urbano com esta parcela do loteamento, ocasionando a separação física dos quarteirões em relação ao bairro, que apresentavam desenho alinhado às características da proposta do bairro-jardim (Fig. 138). Entretanto, com a compra da totalidade dos lotes da quadra 45 e parte dos lotes da quadra 44 pela empresa de supermercados Dosul, uma nova configuração dos quarteirões se estabeleceu, através do loteamento da área, aprovada a alteração através do expediente único nº 210326, na SMURM/PMPA (Fig. 139), descaracterizando o projeto original e rompendo, definitivamente, com a proposta de desenho urbano do bairro (Fig. 140).

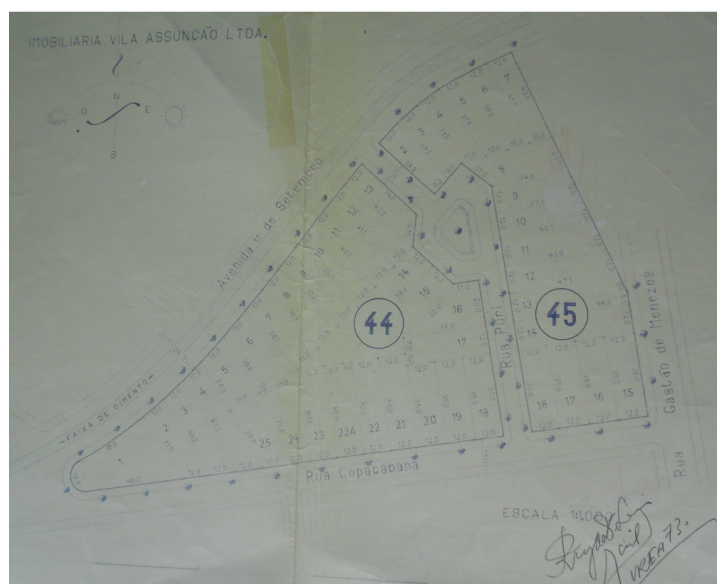


Fig. 138 – Projeto original das quadras nº 44 e 45, com a divisão dos lotes e a rua projetada perpassando os dois quarteirões, com a assinatura do responsável técnico, Engº Ruy de Viveiros Leiria. Fonte: SMURB/PMPA.



Fig. 139 e 140 – Modificação e descaracterização do Projeto de Urbanização das quadras nº 44 e 45, expediente único nº 210326. Fonte: SMURB/PMPA.

No mapa aerofotogramétrico datado de 1956, percebe-se a ocupação, ainda rarefeita, em relação ao loteamento e à implantação do traçado disposto no projeto de urbanização do ano de 1937 (Fig.141).



Figura 141 – Aerofotogramétrico de Porto Alegre, 1956. Detalhe dos limites da área do loteamento Vila Assunção (em vermelho), marcação feita pela pesquisadora. Fonte: SMURB/PMPA.

Nesse contexto, a partir da década de 1940, na medida em que as obras de infraestrutura urbana foram realizadas e concluídas, verifica-se ao longo dos anos e em períodos distintos da história do bairro, a consolidação do espaço físico construído pela comunidade da Vila Assunção.

Atraídos pela singularidade do lugar e pelos encantos da região, moradores, com interesses e demandas comuns, se organizaram e estabeleceram a partir das vivências do cotidiano, um núcleo urbano agregador, embora diverso.

Dessa forma, esses fatores foram considerados determinantes na formação dos vínculos sociais e afetivos entre os moradores, na construção da identidade e no estabelecimento de valores para a comunidade e, sobretudo no desenvolvimento de narrativas: sobre o traço do projeto, forjaram a sua história.

5.5. Os caminhos da memória: Dinâmicas do cotidiano

No desenvolvimento da pesquisa da Vila Assunção foi possível confirmar através da leitura de jornais, livros, dissertações, documentos e depoimentos dos moradores, a existência de um espaço urbano privilegiado que vai além do contorno natural e construído. O bairro se afirma na história de Porto Alegre, enquanto experiência vivida e construída, tanto na dimensão material quanto na imaginária, registrada através da memória daqueles que o construíram, tecendo uma textura singular no contexto da cidade.

Discorrer acerca da Vila Assunção desde o início de sua implantação é discorrer do fazer-se do bairro e do fazer-se da própria vida das pessoas que ali se estabeleceram para viver. Digo viver por entender diferente de morar. Ao descortinar, através das memórias individuais as lembranças dos moradores, percebe-se o sentido e o significado de um conjunto de elementos, subjetivos e/ou concretos, que compõe a história de vida no bairro, “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época.” (THOMPSON, 2002, p.44).

Por isso, na tentativa de compreender os fatos e a construção do espaço urbano e social da Vila Assunção, foram realizadas entrevistas com moradores, com o propósito de desenhar uma trajetória cronológica e espacial da construção e da apropriação dos primeiros espaços de moradia, de lazer, de circulação, de crença, de trabalho e de infraestrutura do lugar. As seguintes questões balizaram as entrevistas: Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção? Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção? Tem conhecimento da história do Bairro? Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro? Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção? Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro? Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres? Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso? Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento) Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba? Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba? Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção? Na sua percepção, o que mudou

e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé? Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção? Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores? Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro? Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Desta maneira, as respostas a estes questionamentos possibilitaram à pesquisadora uma aproximação do cotidiano dessas pessoas. A memória desse grupo social –atores e testemunhas de acontecimentos do passado, perpassa por uma série de experiências, expectativas e sentimentos evocados nas representações de uma época originadas a partir das dinâmicas de ocupação e de transformação do espaço.

Por isso, revisito o capítulo 2, item 2.2, deste trabalho ao referenciar que, a análise dessas “marcas do tempo”, através dos registros da memória dos moradores, é aqui compreendida como o conjunto de representações da sociedade próprias de uma época, que, num dado momento, deu sentido ao modo de viver deste grupo social. Ao resgatar, através da memória individual as representações de uma época, são estabelecidas condições para o reconhecimento das expressões do imaginário coletivo.

A Vila Assunção, mesmo antes do loteamento, quando ainda era de propriedade da família Assumpção, caracterizava-se como um lugar de veraneio. Dona Leda Assumpção frequentava o local, nos períodos de veraneio e nos finais de semana, enquanto morava no Guarujá e afirma que “aqui sempre foi o local de veraneio da família, o balneário da família.” A filha, Maria Lília, confirma o relato da mãe ao comentar que “a área era restrita à família. Não era de livre acesso. A Tristeza já tinha um início de urbanização. Era separado. Mas era muito, muito diferente. *Quem era da Tristeza não era da Assunção.* Hoje é tudo a mesma coisa.”

Na entrevista concedida por Nestor Nadruz, arquiteto e urbanista, natural de Porto Alegre, nascido em 1928, é morador da Vila Assunção desde 1975, e trabalhou “na Turma do Planejamento”, da Divisão de Urbanismo, coordenada pelo urbanista Edvaldo

Pereira Paiva¹⁹, ao ser questionado sobre a história do bairro, o arquiteto Nadruz relembra:

A Vila Assunção, eu sabia que existia porque minha esposa, Lígia, quando era mais moça chegou a vir usar como balneário. Eu frequentava o Balneário de Ipanema. Tinha um ônibus que subia, naquele tempo, a lomba, descia e ia para Ipanema.

O conhecimento e experiência de trabalho na área de urbanismo está presente ao longo do relato do arquiteto quando discorre, acerca do loteamento da Vila Assunção:

A partir do momento que houve a construção desse loteamento nos moldes de uma cidade-jardim, as coisas mudaram. Teve muita gente que veio até aqui e comprou terrenos. Foi muito divulgada a questão do loteamento com os equipamentos: escola, área comercial. Tudo isso estava previsto. O que não era comum na época. Só nas cidades-jardim inglesas é que se tinha conhecimento deste tipo de concepção. Era uma qualidade muito boa. O mestre de obras que trabalhou aqui era muito bom, o “Selmir”. Cheguei a conhecê-lo. Ele morava na rua aqui de cima. Era ligado a um dos proprietários, morador daqui. Ele que fez tudo, junto com o Leiria. O Eng^o Leiria dava as dicas para ele e ele executava. O que foi feito aqui, de acordo com o traçado, em geral foi cumprido. Houveram algumas alterações que mostro em planta. Mas em geral, seguiu a tônica da ideia de cidade-jardim. (Trecho da entrevista concedida em 15/02/2017)

5.5.1. A PRAIA

A partir do loteamento, o público frequentador da Vila Assunção, se caracterizou por utilizar o espaço para veraneio, nos finais de semana ou no período de férias, como um *balneário* (Fig. 142). Jussara Leiria Ligocki, moradora do bairro desde 1946, filha do engenheiro responsável pelo projeto do loteamento, mudou-se com a família quando tinha dois anos de idade, e relata que a presença do rio e da praia fazia parte da sua rotina:

Nós fomos acostumados, desde pequenos à ir para a praia aqui no rio. Aqui era o nosso local de veraneio. Tínhamos um apartamento em Capão da Canoa, mas preferíamos veraneiar aqui na Assunção. Nós íamos muito à praia. Nós tomávamos muito banhos no rio. Apesar de ter pedregulhos. Ali na Assunção não tinha muito a cara de praia. Ipanema tinha mais cara de praia. No Clube dos Jangadeiros, nós tomávamos banho no rio. Havia um trapiche, que hoje uma parte dele é utilizada para acesso à ilha. Antes da ilha e das piscinas, o banho no clube era no rio, no final do trapiche. Até que o rio ficou poluído, lá por 1967. As pessoas deixaram de ir. Continuávamos frequentando, mas não podíamos mais entrar no rio. As pessoas ficavam doentes. Mas o

¹⁹ Edvaldo Pereira Paiva – (1911-1981) Formado em engenharia civil em 1935, tornou-se especialista em urbanismo pela Universidade de Montevideo. Trabalhou na Prefeitura de Porto Alegre de 1930 a 1960, chefou e ajudou a elaborar planos diretores e estudos para diversas cidades do país. Foi, também, professor universitário.

movimento maior era em Ipanema. Havia mais casas de veraneio lá. (Trecho da entrevista concedida em 09/05/2017)



Fig.142 - Anúncio publicitário da Vila Assunção, com referência a imagem da aristocracia. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943.

O Sr. Bóris Ostergren, paulistano que em 1948 passou a morar na zona sul de Porto Alegre, relata que tinha o hábito de frequentar o balneário da Vila Assunção, à época:

nos primeiros tempos aqui, nós vínhamos na praia da Vila Assunção. Era uma praia que muita gente da cidade vinha. Era balneário, tinha uma faixa de areia, que era maior que hoje, do pedaço que vai do atual Sindifisco, onde houve o restaurante A Cabana, em frente ao antigo Mil e uma Noites, até a casa de bombas do DMAE. Onde hoje está construída a sede do SAVA, eram pedras entremeadas com areia. Não sei por razões geográficas ou geológicas, ou porque aumentaram e fizeram calçada grande. Onde era o Timbuka era o “centro” da praia. Nós frequentávamos a praia ali e meu pai procurava casa na Vila Assunção. Depois passamos a frequentar Ipanema e a procurar casa em Ipanema. (Trecho da entrevista concedida em 30/3/2017)

O local para banhos de praia e ponto de encontro na Vila Assunção localizava-se em frente à Praça Araguaia (Fig.143), núcleo de formação do bairro, o qual recebeu as instalações do Bar *Timbuka*, referência para uma geração, como lembra Jacqueline Custódio:

Tenho lembranças de praia sim. Meu pai gostava de reunir amigos e a família em casa nos finais de semana. Lembro bem, depois de um almoço destes, de termos ido tomar banho de praia, em frente à Praça Araguaia. Todos foram. Essa é a minha lembrança de banho no rio. Outra lembrança da orla é o Timbuka. Não era frequentadora, mas era um referencial. Muita gente se reunia ali. O convívio com o rio era muito

mais visual. Enxergávamos o Rio da minha casa, na Cariri. Havia muito menos casas e estas eram de menor dimensão. Poucas casas eram de 2 pavimentos. A maioria eram casas térreas. (Trecho da entrevista concedida em 28/01/2017)

A inviabilidade do uso do espaço da praia foi lembrada em razão da poluição no Guaíba, como relata Déa de Abreu Buiano, afilhada do Sr. Francisco Assumpção e moradora da Vila Assunção, quando, por volta de 1954-55,

com 12-13 anos, eu me lembro de ir com meu cachorro tomar banho de rio aqui na Assunção. Ele, o cachorro, me puxava pela mão para eu não ir tão fundo. Começamos a não ir mais em função da poluição. O cheiro da Borregard, alguns dias, era horrível, uma coisa medonha. E o rio foi ficando muito poluído e ficou difícil. Começaram a nos proibir de tomar banho. (Trecho da entrevista concedida em 14/3/2017).



Fig. 143- Anúncio publicitário da Vila Assunção, com referência a imagem da aristocracia. Fonte: Guia Oficial de Turismo, V.F.R.G.S., Livraria do Globo, 1943.

Na década de 1940, a imagem de praia como espaço de lazer e de estilo de vida também foi difundida para além dos limites da zona sul de Porto Alegre. Com a conclusão da estrada rodoviária ligando Porto Alegre ao litoral Norte do estado, empreendimentos foram realizados para a construção de novos balneários, com “praias de mar”. Além disso, a poluição das águas do Guaíba afetou o uso do lugar enquanto balneário. Assim, a partir da década de 1950, o caráter de balneário para um público de usuários eventuais, conferido na origem à Vila Assunção, passou a se consolidar como de local para moradia de muitas famílias. D^a Leda Assumpção Dias firma que quando ela e seu marido, Fernando Camargo Dias, construíram uma casa, em estilo californiano num lote que ganharam de herança da família, em frente à Praça João Bergman, passaram a morar no bairro a partir de 1949. A filha, Maria Lília relata que quando veio

morar na Vila Assunção ela tinha apenas dois anos, e que foram um dos primeiros moradores do bairro²⁰,

a partir do loteamento, das ruas calçadas, as pessoas começaram a comprar e a fazer casas. Havia poucas casas, uma que outra. As ruas estavam prontas, calçadas, urbanizadas. O pai foi um dos pioneiros. Construiu a casa, levaram uns dois anos para concluir. “Eu tinha dois anos quando eles vieram morar aqui. ” Isso foi em 1949. Tínhamos poucos vizinhos. (Trecho da entrevista concedida em 31/3/2017)

Nesta mesma época, o Sr. Bóris Ostergren confirma que a parte mais desenvolvida e movimentada do bairro estava localizada na parte plana do loteamento, nas áreas mais próximas ao Guaíba:

Naquela época tenho a lembrança de haverem muitas casas nesta parte baixa, na beira do rio e na parte de cima do rio, em cima do morro, uma casa ou outra. Aqui próximo do Clube Veleiros, nada. Ruas prontas, e nada de casas. (Trecho da entrevista concedida em 30/3/2017)

Outras imagens a respeito da praia da Vila Assunção demonstram que o balneário marcou época (Fig.144), como afirma Dona Leda Assumpção Dias:

a praia foi muito usada. Era uma praia perto do centro, vinha gente para pescar. Esse fluxo de pessoas nunca foi um incômodo. (Trecho da entrevista concedida em 31/3/2017)

E sua filha, Maria Lília, completa a informação enquanto moradora do bairro:

o rio fazia parte da nossa rotina, de forma visual e para tomar banho, ficar um pouco e voltar para casa. Não fazíamos piquenique. (Trecho da entrevista concedida em 31/3/2017)

A presença do Guaíba e da praia e, das alterações da qualidade do ambiente do balneário, fez parte da vida dos moradores das décadas de 1950 e 1960, como Sérgio e João Teixeira comentam:

Nós aprendemos a nadar aqui no rio. A gente passava o dia na água. Pois o rio mudou bastante. Tinha uma praia em frente ao Clube dos Jangadeiros. Tinha um esgoto que saía em frente do Restaurante Ao Colonial, mas mesmo assim tomávamos banho. Atrás do restaurante tinha uma cancha de pelota Basca. Todo mundo se conhecia. (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017)

²⁰ Consta no relatório de 1940 da Imobiliária Villa Assumpção, que o primeiro morador da Vila Assunção foi o Sr. Eduardo Henriques e que se estabeleceu em 04/06/1939, portanto dez anos antes da família da Sra. Leda Assumpção Dias.



Fig. 144 – Praia na Vila Assunção com banhistas em 1966. Fonte: wences.com.br/site/operação-limpeza-orla-do-Guaíba. Acesso em 14/11/2017.

Em anúncios de jornais da época são oferecidos terrenos e bangalôs para venda e para aluguel: *Bangalô novo, de material, com uma garagem, para venda, por Cr\$ 200 mil cruzeiros, na Vila Assunção.* E de venda de terrenos com “ótimo panorama” e de casas. (Diário de Notícias, 01/02/1954, Edição 285, p.17, Fig. 145), indicando que o empreendimento mantinha uma demanda de compra, venda e locação de imóveis.

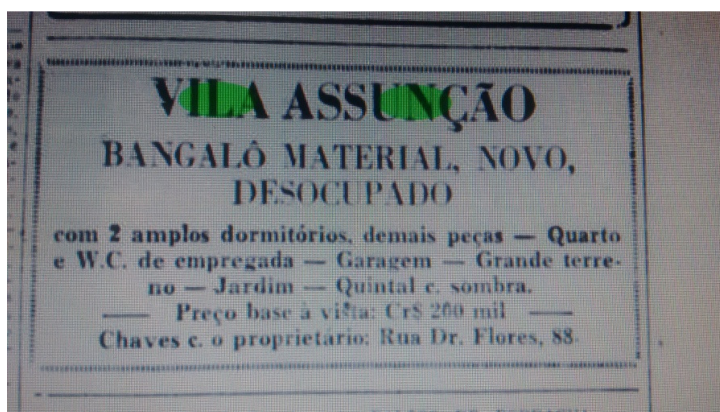


Fig. 145. - Anúncio para a venda de bangalô na Vila Assunção, 1954. Fonte: Diário de Notícias, 01/02/1954, Ed. 285, p.17. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

João e Sérgio Teixeira, irmãos e moradores a partir do ano de 1956, em uma casa na Av. Pereira Passos, também recordam das poucas casas à época:

Lembro que em frente a nossa casa (Av. Pereira Passos, 145) havia um valão, que depois foi urbanizado. Não tinha esgoto. A travessia do rio era feita através da balsa. Formava-se uma fila. Lembro quando gurizinho, com 6 ou 7 anos, de sentar na varanda em frente da casa

com minha mãe para vermos o movimento de carros, caminhões, gado, cavalos. Todo movimento para o sul do estado passava por aqui. Quando nos mudamos, já havia calçamento na rua e devia haver no máximo umas 12 casas aqui na rua. (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017)

5.5.2. AS BARCAS

O serviço de Barcas da Vila Assunção para Guaíba iniciou em novembro de 1941 (Relatório da Vila Assunção, Anexo 3.2), e, a partir daí várias pessoas compartilham uma memória da dinâmica que as barcas promoviam no eixo central do bairro, contribuindo com o trânsito de veículos, de pessoas, e do estabelecimento de comércio ao longo a Av. Pereira Passos e, principalmente, na área de embarque e desembarque, em frente à Praça Tabira, antiga Praça das Barcas. O impacto do movimento causado pelo terminal das barcas no bairro pode ser observado no relato repleto de lembranças e referências de Dona Leda Assumpção Dias:

Na época das balsas, o bairro tinha uma dinâmica diferente quando havia a travessia para Guaíba. A balsa saía as seis ou sete da manhã, não sei ao certo. A Pereira Passos ficava toda mobilizada. Um carro atrás do outro. Uma fila. Caminhão, muito caminhão. Muita gente que vinha trabalhar e voltava no final do dia, que vinha estudar aqui, esse movimento regular de transporte de passageiros e de transporte de mercadorias era muito intenso. Enchia toda a Pereira Passos. Quando víamos aquele “carreiro” de carros que saíam da Balsa e os que entravam, a gente já sabia que era hora da balsa. Não era de hora em hora. Era de manhã, ao meio dia e no final da tarde. Não interferia na nossa rotina de vida na Vila Assunção. Ficavam parados na Pereira Passos, saíam do carro, conversavam. (Trecho da entrevista com Maria Lília e Leda Assumpção Dias em 31/3/2017).

O Sr. Bóris Osttergren, indica os outros locais de onde ocorria a travessia do Guaíba (Fig.146), antes da construção do Porto da Vila Assunção, mas ambos próximos ao terminal, e do público usuário dos serviços, inclusive de estudantes para a escola da Vila Assunção:

Na Vila Assunção, a travessia de balsa, ocorreu primeiro daqui no final do Clube (1), mais ou menos, no campo de futebol, no final do terreno do Veleiros, foi o primeiro lugar da travessia para a cidade de Guaíba. O segundo lugar (2), onde tem um molhezinho de pedras, construído artificial, depois das quadras de tênis, onde estão os escoteiros do Sava. Da água se vê bem o lugar. O terceiro lugar (3), aqui onde foi por muitos anos. Veio para este lugar quando conseguiram umas barcas de sobra de guerra, que abre uma rampa. Mudaram para este lugar e construíram uma rampa para a barca encostar, com pedras da pedreira. O píer, trapiche de cimento ainda está ali. Do rio se vê bem. Os outros dois pontos sempre foram usados por conveniência momentânea. Mas a travessia sempre foi da cidade de Guaíba para a Vila Assunção.

Nós tínhamos os colegas de Guaíba, que vinham estudar aqui no Grupo Escolar. Eles vinham com a balsa e caminhavam até a praça da Tristeza. (Trecho da entrevista com Bóris Ostergren em 30/3/2017).



Fig. 146. – Aerofotogramétrico de 1956 com a indicação dos pontos de partida para a travessia do Guaíba a partir da Vila Assunção. Numeração indicada sobre o mapa, feita pela pesquisadora.
Fonte: SMOV.

No relatório para o Projeto de uma Vila Balneária na cidade de Guaíba, de autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria, este cita “o serviço de barcas de transporte de passageiros e carga” (Fig. 147) entre a cidade de Guaíba e a Vila Assunção, como uma das ligações do futuro bairro de Guaíba que ele estava propagando, com Porto Alegre:

A ligação do novo bairro com Porto Alegre será garantida por um sistema de barcas rápidas projetadas pelo DAER. Atualmente já se acha ligado à Vila Assunção pela barca “13 de Maio”, que faz viagens de hora em hora entre estes dois pontos. (LEIRIA, 1947, p.5).



Fig. 147 – Barca do DAER, responsável pela ligação Porto Alegre-Guaíba, 1949. Fonte: Revista do Globo de 18/3/1950. Acervo particular do Arq. Nestor Nadruz. e .Fonte: [HTTP://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/03/bairros-de-porto-alegre.html](http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/03/bairros-de-porto-alegre.html). Acesso em out/2016.

O descontentamento com o serviço das barcas levou a novos estudos para a travessia do Guaíba. No final da década de 1940 haviam duas barcas, ambas adquiridas pelo DAER, para a realização dos serviços que, chegaram a transportar 94.000 veículos no ano de 1949, atingindo uma média aproximada de 300 veículos por dia. Por isso, estavam em curso estudos para a realização da travessia de forma mais eficiente e com localização mais próxima a área central de Porto Alegre. Entre eles, a construção de um túnel, que sairia da ponta da cadeia em Porto Alegre, à Ilha da Pintada. Na reportagem da Revista Globo, de 1950, é realizada uma detalhada exposição do projeto e de sua importância para o estado do Rio Grande do Sul (Fig.148). Na referida reportagem, havia a indicação de três razões “deveras” importante para a escolha da construção de um túnel e não de uma ponte:

Primeiro: razões de trânsito. Uma ponte jogaria o trânsito nas imediações da praça da matriz devido à altura obrigada pela necessidade de dar vazão ao tráfego fluvial. Aí escoaria todo o tráfego da ponte. Seria criado então um tremendo problema para o já complicado tráfego de Porto Alegre. Tudo isso, além do mais, seria antiestético – o que poderemos tomar como a segunda razão. – A terceira é de ordem estratégica. Para tanto foram ouvidos quem de direito. Não haveria um melhor abrigo contra bombardeio aéreo do que o túnel, ao passo que não existe melhor alvo que uma ponte, cuja destruição, além de cortar o trânsito sobre a mesma bloquearia a própria navegação, para ambos os lados. (Revista do Globo, 1950, p.78).

Na reportagem é interessante perceber a preocupação com a estética, na medida em que a ponte seria construída na área central da cidade. Lamentavelmente, exemplos recentemente construídos na cidade, não levaram em consideração esta premissa, já considerada em 1950.

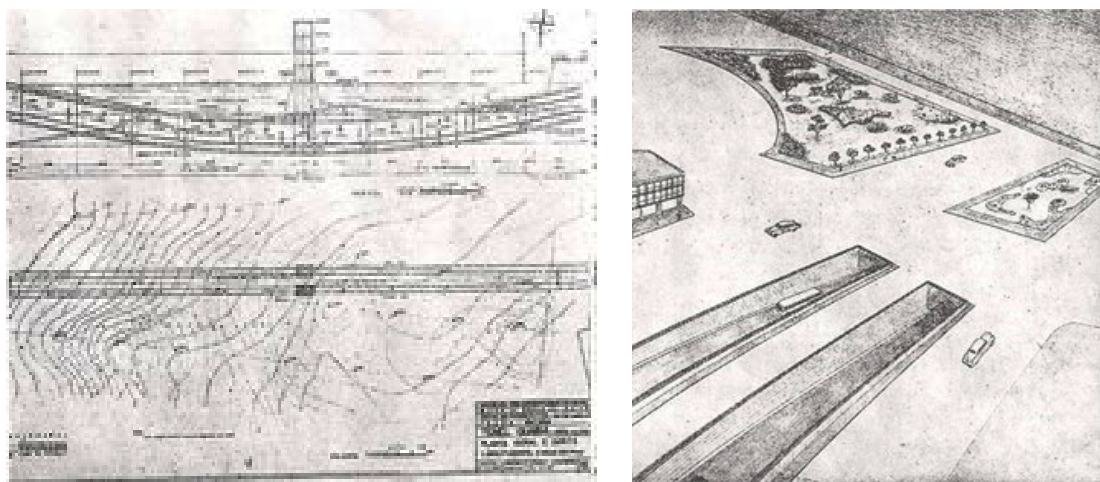


Fig. 148. – Planta com o corte longitudinal proposto para a construção do Túnel e Croqui perspectivo dos acessos. Identifica-se, ao lado, o desenho do Pórtico do Cais do Porto. Fonte: Revista do Globo, 1950, p.38 e39. Acervo particular do Arq. Nestor Nadruz.

Além do orçamento estimado em 250 milhões de cruzeiros, a grandiosidade da obra é percebida ao longo da matéria da revista, quando o Engenheiro responsável pelo projeto, Luiz Tôrres, relaciona e justifica sua importância com os túneis construídos nos Estados Unidos, e de quanto a construção do túnel entre Porto Alegre e Guaíba faria dos dois centros, até então estranhos, um único complexo urbano. Consta, ainda, referência à aproximação que a ligação rodoviária traria às capitais Buenos Aires e Montevideú, países vizinhos e de fortes laços culturais e econômicos com o sul do país. Entretanto, a proposta não se efetivou. O serviço de barcas foi realizado até o ano de 1958, ano da inauguração da Ponte levadiça do Guaíba, construída no bairro Navegantes, denominada Travessia Eng^o Régis Bittencourt (Fig.149).

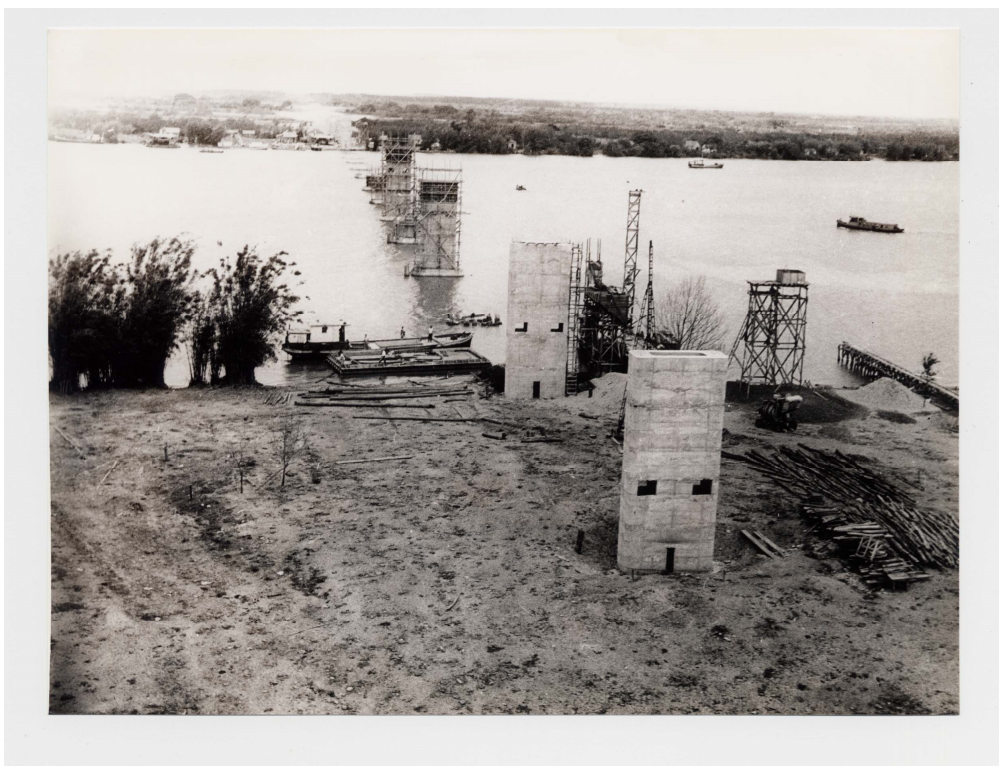


Fig.149 - Travessia Getúlio Vargas – Ponte do Guaíba em construção, 1956. Léo Guerreiro e Pedro Flores. Fonte: Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Fotógrafo: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

5.5.3. O COMÉRCIO

Com apoio nas narrativas, é possível irmos descobrindo quem foram os primeiros moradores e como era a dinâmica da vida no bairro (Fig. 150). Em seus depoimentos combinam a história do bairro com suas histórias de vida, como relata Sérgio Teixeira, ao mencionar o comércio estabelecido no local:

Seu Romeu tinha a padaria da esquina. Vendia cachorro quente. Tinha muito movimento. Tinha o açougue do seu Afonso e um armazém de secos e molhados. Tinha um rapaz que com a carroça pegava a lista de compras e trazia todas as compras, de prego, farinha, até lenha. Tinha padeiro que entregava pão. Houve uma época que tinha racionamento de todo tipo. Outra coisa legal era o caminhão pipa que vendia leite de casa em casa. A gente chamava de “vaquinha”. Um tempo depois era o caminhão da DEAL, em garrafinhas transparentes. (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017)



Fig. 150 – Vista da Av. Pereira Passos, a partir da varanda da casa de João e Sérgio Teixeira, com algumas casas no entorno e a caixa d'água no alto da Rua Coroados ao fundo, 1969. Fonte: Acervo particular da família Teixeira.

Dona Leda Assumpção Dias, identifica que o comércio principal era o que abastecia os moradores de porta em porta, uma vez que,

Na Pereira Passos nunca teve comércio. Havia um armazém, o Tiradentes, do Alexandre, onde hoje é a Ferragem. E uma padaria na esquina da balsa, da Dona Marina do seu Romeu, que era irmão do Alexandre. Foi uma família de comerciantes. Dona Leda lembra que no início, o Tiradentes vendia muita coisa de qualidade, inclusive tecidos. Mas depois o lugar era muito longe e ficava difícil o abastecimento. Além do mais, na Tristeza já havia um comércio com estes produtos. Depois ficou desorganizado, informal. Era para utilidade, não era para concorrer com nenhuma loja, era suprimento. Não era para abastecer, era para suprir as necessidades que surgiam. Éramos abastecidos na porta de casa pelo verdureiro, que vinha de carroça, pelo padeiro e pelo leiteiro. No início vinham de tonel e passavam o leite para os baldes. Isso até os meus dez anos, aproximadamente 1957. (Trecho da entrevista concedida em 31/03/2017)

A quadra originalmente destinada à instalação de um Centro Comercial foi loteada e residências ocuparam parte do quarteirão. Entretanto, nesta quadra, na esquina da Rua Caeté com a Rua Goitacaz, ao lado da quadra da escola e em frente à Praça Franklin Perez, foi construído um pequeno supermercado da conhecida rede de supermercados

da cidade, referido como *Zaffarinho* da Vila Assunção (Fig. 151 a 153). Mais que um local para abastecimento de alimentos, tornou-se um ponto de encontro e de convivência entre os moradores. Isso pode ser confirmado no relato de vários entrevistados, entre eles, Isabel Loss, que se emocionou ao lembrar os encontros com os conhecidos que ocorriam nas idas ao mercadinho. Além disso, mantinha na memória o dia e ano do início dos serviços:

O Zaffarinho abriu em 21 de abril de 1973. Eu saía para comprar pão e leite e demorava meia hora. Encontrava meia dúzia de pessoas. Era uma “sala de visitas”. (Trecho da entrevista concedida em 18/01/2017)

Para a então estudante da Escola Santos Dumont, Jacqueline Custódio,

O Zaffarinho era uma alegria. Era um ponto de encontro. Fazíamos o recreio e o lanche durante o período da escola ali. Era o centro de encontro da Vila. (Trecho da entrevista concedida em 28/01/2017)

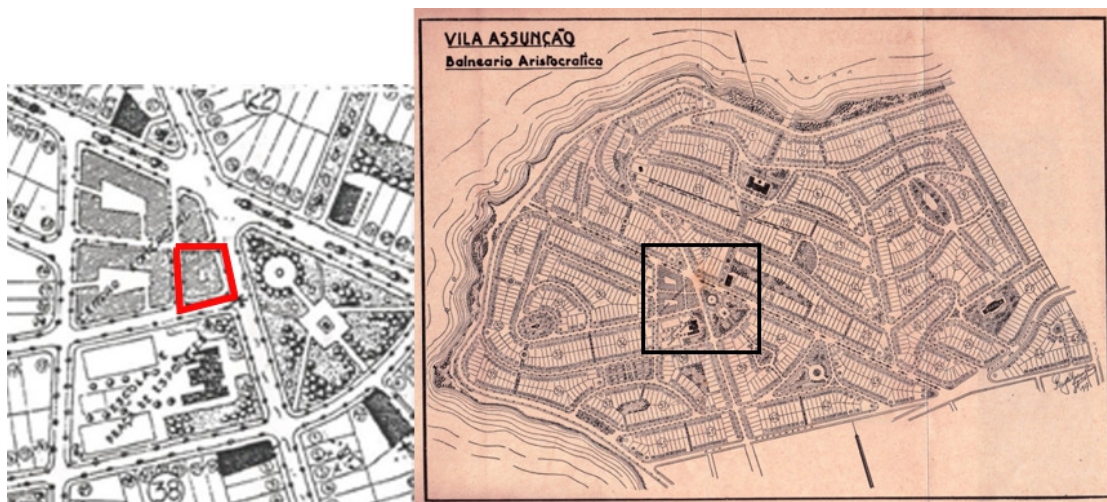


Fig. 151 - Mapa da Vila Assunção e detalhe do local da instalação do supermercado Zaffarinho (em vermelho). O restante da quadra acabou sendo comercializado como lotes residenciais. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

Kathrin Rosenfeld, presidente da Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção, APROVA, e moradora do bairro desde 1986, entende que a presença do mercado junto à Praça qualificava o entorno na medida em que estimulava o trânsito de pessoas no local:

O Zaffarinho era um “animador” do espaço. Mesmo não sendo um espaço público. Certamente tornava este bairro mais agradável, mais seguro, mais transitável. As pessoas se encontravam porque tinham um propósito. A gente gosta mais de sair quando tem um lugar para onde chegar. Seja um café, seja um centro comercial ou supermercado. Era um ponto de encontro casual. O Zaffari cuidava da praça, inclusive com lixeiras, deixando a praça melhor. Hoje tem lixo na praça, nos canteiros. (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017)

Apesar de ser, indiscutivelmente, uma referência no bairro, o *Zaffarinho* terminou por encerrar as atividades da unidade da Vila Assunção no início dos anos 2000, criando um ressentimento muito grande na comunidade não só pela falta dos produtos que podiam ser encontrados no mercado localizado há poucas quadras ou metros de casa, e que de alguma forma firmava o componente comercial no bairro-jardim, mas principalmente pela ruptura do encontro casual, do convívio social, como aponta Nestor Nadruz, arquiteto e morador da Vila Assunção desde 1975:

Com o fechamento do Zaffarinho, perdeu a essência da área comercial. Era o encontro das pessoas. Conheci o Claudio e o Marcelo Zaffari que trabalharam aqui. Falei para ele lamentado sobre o fechamento do Zaffarinho, e ele respondeu que foi uma decisão coletiva do grupo. (Trecho da entrevista concedida em 15/02/2017)



Fig. 152 – Predio do Zaffarinho, situado na esquina das ruas Caeté e Goitacaz, onde percebe-se o movimento de automóveis e pessoas no entorno. Foto da década de 1980. Fonte: Acervo André Huyer.



Fig. 153- Prédio do Zaffarinho visto da Praça Franklin Peres. Fonte: Petry, 1999, 19p.

5.5.4. A IGREJA DA ASSUNÇÃO

Localizada na Praça José Assumpção, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Fig. 154) foi construída a partir da iniciativa de moradores do bairro e teve sua edificação concluída em 11/12/1949. Mencionada por alguns moradores como *Igrejinha* ou *Capela*, faz parte da memória e presente na lembrança da comunidade como ponto de referência no bairro, independentemente do credo ou religião. Mais tarde, um salão paroquial foi construído atrás da igreja e, devido ao desnível, a laje de cobertura acabou servindo como mirante para o Guaíba.



Fig. 154. – Vista frontal da Capela N. Srª da Assunção.. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

Na entrevista com Jacqueline Custódio, a *Igrejinha* ou *Capelinha*, é citada como sendo a imagem mais presente na sua lembrança e que identifica o bairro Vila Assunção, uma vez que o lugar remete a momentos importantes da sua vida, de seus familiares e amigos:

Meus pais casaram ali, eu casei ali, meu irmão casou ali, as crianças foram batizadas. Aquilo lá era um lugar muito legal. Minha melhor amiga morava ao lado, na Goitacaz. Lembro-me de ir muitas vezes até lá ver o pôr do sol quando o acesso à laje que existe sobre o salão paroquial ainda era aberto. Acho a arquitetura da igreja é uma coisa, acho a igreja mais bonita de Porto Alegre. A Capelinha é um referencial das pessoas daqui. Sempre é citada com referência para localização das pessoas. (Trecho da entrevista concedida por Jacqueline Custódio, em 28/01/2017.)

Na entrevista com a Sra. Leda Assumpção Dias, frequentadora da Igreja, menciona o percurso realizado através das ruas do bairro e recorda do personagem responsável pela manutenção da igreja, o Sr. Fortes, também morador da Vila Assunção:

Íamos a pé, sempre pelas ruas, pelo interior do bairro. Dobrávamos na Caeté, entrávamos na Goitacaz e íamos até a igreja (Fig. 155). Nunca íamos pelo rio. O caminho natural era pelo interior do bairro. A igreja era do bairro. Foi fundada por uma pessoa, o Sr. Fortes. O grande herói da igreja foi o Sr. Fortes. Ele tinha a chave da igreja. Ele era o guardião da igreja. Cuidava do jardim, do coral, buscava o Padre porque aqui não era uma paróquia. Ele morava na Chavantes, e tinha carro. Todos os dias, ele ia para o centro numa determinada hora. Quem quisesse podia ir de carona com ele. Ele ia até um determinado ponto no centro da cidade. Na metade do caminho ele passava uma canequinha. As pessoas davam a sua contribuição. Estes recursos mantiveram a igreja por muitos anos.

Depois, quando criaram a Igreja protestante, o Sr. Schlages, que era protestante, fez a mesma coisa. Mas quem criou a “história da canequinha” foi o Sr. Fortes. (Relato registrado em 31/3/2017).

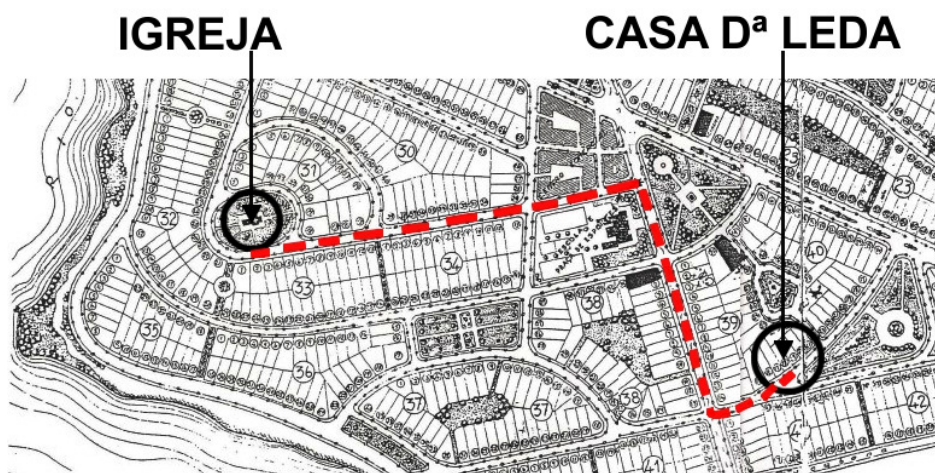


Fig. 155. - Detalhe da Planta da Vila Assunção com a indicação do trajeto descrito como o percurso realizado pela Dª Leda Asumpção Dias, entre sua casa e a Igreja. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

Sérgio Teixeira, por sua vez, lembra do espírito de confraternização que havia entre os moradores na noite de Natal, quando se dirigiam à Missa do Galo, realizada na Igreja:

Na noite de Natal, havia a tradicional Missa do Galo. João lembra que “só podíamos jantar depois da Missa do Galo na Capela da Assunção. Íamos a pé, pelas passagens, pelas ruas. Todos confraternizavam se cumprimentavam depois da missa. Havia um espírito comunitário, parecia uma “cidade do interior”. (Relatos de João e Sérgio Teixeira, 26/01/2017)

5.5.5. O CLUBE DE MÃES

O Clube de Mães da Vila Assunção, CMVA, foi fundado em 10/06/1968, por um grupo de 14 moradoras, com o propósito de ser um clube de promoção humana, como relata a Sra. Iára de Toledo Kraemer, sócia-fundadora e atuante no grupo até hoje:

O Clube de Mães se originou a partir de um convite de uma amiga, Marlene Garcés, do Conselho Geral de Mães. Lions, ao contrário do

Clube de Mães, trabalha para a comunidade e o propósito do Clube de Mães, era a promoção humana. A nossa associada se realizava fazendo promoção humana.

D^a Iára esclarece que “a associada é o que temos de mais importante”, e então,

quando tu tens uma diretoria tu vais trabalhar para a associada. O nosso Clube foi um clube com características diferentes porque os Clubes de Mães eram clubes que faziam trabalho social e de orientação nas periferias. Nós queríamos nos juntar mais e fazer alguma coisa a mais. Por muito tempo o Clube de Mães participou ativamente ao atendimento à merenda escolar para a creche do Colégio Santos Dumont. Também se entende promoção humana como a questão de “abraçar assuntos como o do lixo limpo”, e de superação. Clube de Mães é promoção pessoal. Atualmente o apoio é dado à Creche comunitária da Vila dos Pescadores, localizada ao lado do antigo porto das barcas. (Trecho da entrevista concedida por Iára de Toledo Kraemer em 30/11/2017)

De 1968 a 1980, utilizou as dependências da Sociedade Amigos da Vila Assunção, o SAVA Clube, para desenvolver as atividades. A partir de 1980 a sede está na área interna da quadra 38, com acesso pela Rua Caeté nº 150 (Fig. 156), através de comodato firmado com a Prefeitura de Porto Alegre. É uma entidade sem fins lucrativos, de utilidade pública. Entre as fundadoras encontra-se D^a Leda Assumpção Dias, que na entrevista relatou ter sido presidente do clube e os motivos da fundação:

Fui presidente do Clube de Mães. Participei da inauguração do Clube. Partiu de um grupo de mães da Vila Assunção. Os filhos saíam para estudar e os maridos para trabalhar, e as mães ficavam no bairro. O grupo faz até hoje aulas de trabalhos manuais. Conta que começou no SAVA e depois a área interna do quarteirão 38 foi doado para a construção da sede. Isso deve ter sido por volta de 1965-1970. Dona Leda não lembra ao certo a data. (Trecho da Entrevista com Leda Assumpção Dias, em 09/5/2017)



Fig. 156. – Portão de acesso à área interna da quadra 38 e as construções utilizadas como sede do Clube de Mães. Fotos: Roseli Gessinger, 2014.



Fig. 156.a – Detalhe do acesso e da área do Clube de Mães.

Com o passar dos anos, foi criado o departamento masculino, a fim de proporcionar aos companheiros das sócias, a possibilidade de desenvolver atividades nos diversos departamentos do Clube, quais sejam: editorial, assistencial, social, comunitário, cultural, patrimonial e de atividades de música. Realizam jantares semanais através da Confraria de São Convívio, abertos à comunidade com contribuições voluntárias, e apresentações do coral (Fig. 157), recitais e saraus, além do Grupo Perfeito, de estudos de literatura e filosofia. Enfim, o Clube de Mães da Vila Assunção, permanece presente e atuante na comunidade, buscando recentemente, a presença do público mais jovem, principalmente no desenvolvimento das atividades musicais.

Carmen Conte Assumpção define o Clube de Mães como espaço de convívio entre os moradores e do quanto foi positiva a criação do departamento masculino para seu pai, José Joaquim Assumpção Neto:

Quando me mudei para Porto Alegre, e começamos a nos organizar, antes de ter a APROVA (Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção), na época queríamos propor melhoras para o bairro. A Cléa era a presidente do Clube de Mães. Primeiramente, tentamos através do departamento masculino do Clube de Mães, meus pais também foram do Clube. Meu pai era de 1921, no final da vida aproveitou muito as atividades do Clube. O pessoal curte muito as atividades do Clube de Mães. Montamos um conselho gestor para tratar dos assuntos da Vila Assunção dentro do Clube de Mães, mas houve conflito de interesses. (Trecho da entrevista de 22/02/2017)

Isabel Emília Loss professora aposentada, moradora do bairro a partir de 1972, define que o Clube de Mães foi

um ponto importante de encontro. Eu e minha vizinha frequentávamos o Clube e a maioria eram professoras do Colégio. O primeiro colégio foi o Grupo Escolar Cândido Rondon, que era referência de ensino na região, depois foi construído o Colégio Estadual Santos Dumont. (Trecho da Entrevista realizada em 18/01/2017)



Fig. 157 – Apresentação do Coral do Clube de Mães da Vila Assunção em evento realizado em 04/12/2107. Foto: Roseli Gessinger.

5.5.6. A ESCOLA

A Escola Estadual Santos Dumont, está localizada na quadra originalmente destinada para este fim, no projeto do loteamento da Vila Assunção. Seu portão de acesso principal está voltado para uma das faces da Praça Franklin Peres, servindo de extensão para as atividades esportivas da escola. Esta função, já havia sido definida na redação das intenções do projeto de urbanização no Memorial Descritivo do Engº Leiria. Entretanto, a trajetória para a criação e transferência definitiva para este local, foi antecedida por uma escola primária localizada em uma casa, em frente à Praça Araguaia. Selecionamos a fala de dois alunos, moradores da década de 1950, que presenciaram o primeiro espaço utilizado como escola do bairro e da professora Isabel Loss, que vivenciou os dois espaços posteriores no terreno atual, do Grupo Escolar à Escola Estadual.

Marcelo Caminha, à época, morador da Rua Goitacaz, cita a praça Araguaia como espaço cívico da escola, bem como a utilização da passagem para pedestres utilizada no percurso para a escola, confirmando o uso dos espaços públicos pela comunidade:

Eu ia a pé para o colégio, aos 8 anos. Utilizava as passagens para chegar à escola. A passagem que eu usava para ir ao colégio era essa, da Rua Goitacaz até a Rua Possidônio da Cunha, chegando na lateral da Praça Caraíbe (Fig. 158). Quando eu estudei aqui, fiz o primário. Do 2º até a 5º ano do primário. Marcelo mostra onde era a primeira escola que estudou. Era numa casa térrea de estilo colonial, na Rua Monumento esquina com a Rua Carajá, Quarteirão 36, Lote 21 e 22.

Hoje a casa sofreu ampliação e é residencial. Rua Carajá nº 46. Acho que estudei aqui até a 4ª série. Depois, fomos para uma “Brizoleta” construída no lugar onde hoje está o prédio do Colégio Santos Dumont. Quando concluí a 5ª série, tive que ir para o Colégio Padre Réus, na época era na frente da Praça da Tristeza, onde atualmente está o Colégio 3 de outubro. (Trecho da Entrevista realizada em 19/03/2017)



Fig. 158 – Trajeto do Marcelo, conforme relato. Fonte: pesquisadora.

A localização da primeira escola (Fig. 159) foi lembrada pelo também morador Sérgio Teixeira, contemporâneo de Marcelo na escola primária:

Sérgio lembra que estudou numa escola que havia na Praça Araguaia, esquina com a Rua Carajá, em frente a um centro cultural e academia de ginástica que tem atualmente. A escola funcionava numa casa estilo colonial e depois saiu dali. Sérgio estudou até a 2ª série e depois foi para o Colégio Presidente Roosevelt, no Menino Deus, junto com o outro irmão, o Heitor. (Trecho da Entrevista realizada em 26/01/2017)

E completa afirmando que

era comum o pessoal do bairro estudar na escola do Bairro. De escolas, havia o Colégio 3 de outubro, na Tristeza e o Santos Dumont. Meus irmãos, o João e o Beto, estudaram no Colégio Santos Dumont durante 14 anos. Começou no Cândido Rondon, uma escola de madeira, aquelas Brizoletas, que havia ali no mesmo local onde hoje está o Colégio Santos Dumont. (Trecho da Entrevista realizada em 26/01/2017)

Neste contexto, a professora Isabel Loss, que começou a trabalhar na escola em 1973, já localizada na Rua Caeté, relata o quanto a escola servia de referência de ensino na região e chamariz para moradia de professoras no bairro:

O primeiro colégio foi o Grupo Escolar Cândido Rondon, que era referência de ensino na região, depois foi construído o Colégio Estadual Santos Dumont. Com o tempo, as escolas foram unificadas ficando somente o Colégio Estadual Santos Dumont. O Colégio foi um fator importante para a vinda de alguns moradores para cá, principalmente professoras que moravam e trabalhavam aqui. O

GEMPA, grupo da Esther Grossi, vinha dar curso para os professores e para as famílias. Havia falta de professores já naquela época. (Trecho da Entrevista realizada em 18/01/2017)

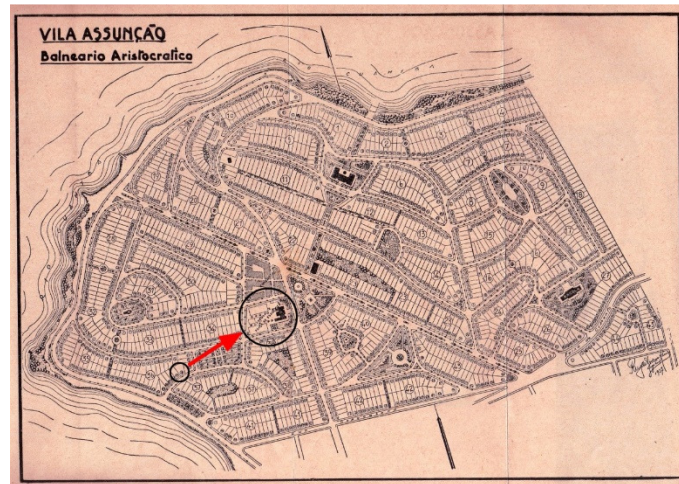


Fig. 159. – Planta do loteamento da Vila Assunção com a indicação do local da primeira escola e o local o qual foi transferida, na Rua Caeté, conforme previsto no projeto original, no detalhe. Indicações feitas sobre o mapa pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.



Fig. 159a - Detalhe da quadra da localização da escola. Fonte: Pesquisadora.

A área destinada para a construção da escola no projeto do loteamento é significativa, se considerarmos que uma quadra inteira foi destinada com esta finalidade. Inicialmente, a porcentagem para jardins, praças, *play-lots*, *footwolks* e áreas escolares estava prevista em 13,07% da área total do loteamento (Anexo 1.3, p.17). Das duas escolas previstas, a Escola Estadual Santos Dumont é que foi concretizada. A importância conferida a este espaço está diretamente relacionada à importância atribuída a educação, à época do projeto de urbanização. A partir do relato de Paulo André Custódio, morador da Vila Assunção desde 1971, que foi aluno, foi diretor e atualmente é professor de Educação Física na Escola Estadual Santos Dumont, podemos verificar as transformações ocorridas no ambiente escolar, no que diz respeito

a integridade e qualidade das condições do espaço físico e das práticas sociais. Na entrevista, faz um relato a partir de sua experiência em três momentos distintos da vida, apresentando em comum o mesmo espaço: a escola.

Paulo André lembra que quando aluno,

estudei na escola pública da Vila Assunção, o Santos Dumont, desde o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Nunca saí do Santos Dumont.

Quando eu era pequeno, íamos de carro, por incrível que pareça. Minha mãe, que era professora na escola, saía e fazia outras coisas e íamos de carro quando pequenos. Comecei a fazer o percurso a pé na época do ensino médio e agora, adulto, pois dou aula na escola.

A escola era frequentada por pessoas do bairro. Todos nós nos conhecíamos.

A escola foi criada/fundada no início da década de sessenta. Um pouco antes do golpe militar. Não me recordo se foi 1962 ou 1963 (Fig.160). Foi fundada por uma necessidade das pessoas, foi erguida pela comunidade que batalhou na Prefeitura o terreno e depois o Estado tomou posse para a construção da escola, por se tratar de uma demanda da comunidade. Como era uma zona ainda muito afastada do centro, com transporte deficitário, queríamos criar uma escola dentro da comunidade para evitar ter que sair, porque era uma distância longa. Hoje em função da facilidade dos transportes, não parece, mas na época era uma distância longa daqui até o centro da cidade.

Até o início da década de oitenta, no máximo até o meio da década de oitenta era frequentada por pessoas da Assunção. Todos meus colegas são daqui, do entorno. Conheci minha mulher na escola. Alguns da Vila dos Pescadores, outros da (Rua) Sargento Nicolau outros da (Rua) Pereira Passos, os que vinham de mais longe era da Vila Conceição. Era uma escola movimentada. Este ano (2017) que encerrou o ensino noturno. Diminuiu muito o número de alunos e, consequentemente, de professores.

Quando concluiu os estudos em 1982, Paulo André analisa que

a escola já apresentava uma situação de declínio de valorização da escola, de espaço público e os professores também passaram a ser desvalorizados. A escola sofreu um efeito dominó. Não foi culpa de uma gestão A, B ou C de escola. Foi um problema de gestão pública. Começou a ser desvalorizada a educação e a falta de manutenção na escola, os equipamentos vão ficando velhos e não são repostos. A escola é um quarteirão inteiro. Temos dito que está diminuindo, gradativamente, o número de alunos e o grande medo da comunidade escolar é que, com a política do governo Sartori, *“vamos relocar o Santos Dumont numa outra escola mais próxima, num terreno menor, e vamos vender esse terreno”*. Podes imaginar a valorização deste terreno. Hoje tudo está virado em condomínios. É um temor que a comunidade escolar tem.

Atualmente, uma turma por ano é da comunidade. Eles são moradores da Vila dos Pescadores, próximo aos Bombeiros. O restante dos

moradores, mais elitizados, ninguém mais estuda em escola pública. Todos colocam os filhos em escola particular. A própria Vila (dos pescadores), estancou o crescimento. Percebo que diminuiu o número de crianças ali. Existe certo controle da natalidade e a Vila não tem mais para onde crescer em função do rio. Vejo que as famílias hoje são menores, do que era há vinte anos. A tendência é a diminuição na escola também.

Na minha época, meus professores moravam aqui. Ainda hoje encontro com eles na rua, os chamo de tio, tia, mesmo estando com 51 anos. Hoje não pode mais ser chamado assim. É profe. Me criei com eles, com os filhos deles que também eram meus colegas, então era toda uma vivência.

Como professor e, durante um período como Diretor da Escola, Paulo André relata a mudança do caráter comunitário da época em que foi estudante para a situação atual, onde a escola passou a ser uma “escola de passagem”, resultado das transformações ocorridas na sociedade, afirma o professor:

Hoje em dia, o Santos Dumont é o que chamamos, de “escola de passagem”. A escola da comunidade, que faz parte da comunidade, que abraça a escola, que usa a escola como referência, independentemente da classe social, alta, média ou baixa, ela é inserida na comunidade, a comunidade gosta. Usa a escola como referência. E a nossa escola não é mais uma escola da comunidade. Quando estudei aqui, ela era da comunidade. Hoje, é por isso que denominamos “escola de passagem”: os alunos passam por ela. Os alunos vêm de outros bairros, frequentam as aulas, permanecem aqui 3 ou 4 horas e voltam para suas casas. Eles não valorizam o espaço. Não se apropriam da escola. No meu tempo, nós ficávamos na escola, fazíamos as festas, era uma outra identidade de escola. Qual a comunidade que cerca o Santos Dumont hoje? Da Vila Assunção, elitizada, que coloca seus filhos na rede particular, no João Paulo, no Leonardo da Vinci, no Marista. Eles não têm mais interesse na escola pública. Eles nem gostam mais da escola ali. A escola que foi feita pela comunidade e para a comunidade, agora tenho a sensação que é um estorvo para a comunidade. Traz “a violência para dentro” do bairro. Acham que os guris que vêm do Lami e da Ponta Grossa, estão aqui para fazer baderna. E realmente, na escola a gente percebe, que as melhores turmas em termos de desempenho, de comprometimento, de cuidado para não pichar, de não quebrar as coisas, são aquelas turmas que estão conosco desde o primeiro ano do ensino fundamental, formadas por crianças que vem da Vila dos Pescadores. Neste caso, percebe-se que realmente o vínculo é importante. Eles se sentem apropriados daquele espaço e eles cuidam da escola porque para eles, assim como foi para mim, a formação deles, as relações sociais, serão feitas ali. Vai ser a vida inteira ali. Os outros alunos, que não moram no bairro, não são da mesma forma. Eles vêm, assistem às aulas e depois voltam para casa, batem bola, jogam vídeo game, no seu bairro. Eles não vivem aqui.

Nós, saíamos da aula e íamos para a praça em frente jogar bola. Largávamos a mochila no banco e ficávamos jogando bola.

A falta de identificação e dos alunos com o lugar, a que Paulo André se refere neste depoimento, nos permite uma reflexão do quanto a trajetória da escola Santos Dumont

e, portanto, da educação pública no país está replicada na situação dos demais espaços públicos da Vila Assunção. A não adesão dos moradores à Escola do bairro, faz com que o público venha de outros locais, como o professor conclui no relato:

temos muitos alunos da Ponta Grossa. E do Lami. A Escola Santos Dumont tem hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio. Das escolas situadas por aqui, o Três de Outubro, é só Ensino Fundamental, o Landell e o Osório é só Fundamental. Se quiseres Ensino Médio, somos nós do Santos Dumont e o Padre Réus, na (Av.) Otto Niemeyer.

Como a região está muito bem servida de vagas para o Ensino Fundamental, o temor da comunidade escolar é de que o governo irá sucatear a escola, transferir os alunos para outra e vender o terreno. Não vejo a menor possibilidade de a comunidade brigar pela manutenção da escola pública aqui no centro da Vila Assunção. (Trecho da Entrevista realizada em 06/03/2017)



Fig. 160 – Construção do primeiro Pavilhão e Inauguração da Escola Santos Dumont, 1965. Fonte: [HTTP://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/03/bairros-de-porto-alegre.html](http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/03/bairros-de-porto-alegre.html). Acesso em out/2016.

A irmã de Paulo André, Jacqueline Custódio, quando aprovada na seleção do Colégio de Aplicação para a realização do 2º Grau, atual ensino médio, cursou por um período, mas preferiu voltar para o Santos Dumont, principalmente pela falta do convívio com os amigos da escola do bairro, ocorrência inédita no Colégio Aplicação:

Estudei na escola Cândido Rondon e depois no Colégio Santos Dumont. Minha mãe era professora no Colégio Santos Dumont, meu irmão há dois anos foi diretor da escola.

Era muito legal porque o Colégio Santos Dumont era uma mistura de pessoas: moradores da Vila Assunção, da vila dos pescadores, a comunidade usava a escola. Concluí os estudos ali. No entanto, no final da 8ª série do 1º grau, abriu seleção para o Colégio de Aplicação e fui uma das 10 alunas aprovadas. Fiz o 1º ano e metade do 2º ano do 2º grau lá, mas, senti muita falta dos meus amigos e do ambiente escolar que eu vivia. Pedi para sair dela, pois queria voltar para junto dos meus amigos. A então diretora do Aplicação, Graciema Pacheco, disse que isso nunca havia ocorrido no Aplicação. Mas Jacqueline voltou e concluiu o 2º grau no Colégio Santos Dumont. Brincavam que o estudante do Santos Dumont que passasse em Medicina na UFRGS

ganharia um automóvel Fusca. Passei em Medicina, mas não ganhei o carro!!! (Trecho da Entrevista realizada em 28/01/2017)

A convivência harmônica no ambiente escolar também está na lembrança de Bóris Ostergren que, mesmo morando no Jardim Izabel, relata que

Tinha muitos amigos que moravam na Vila Assunção. Eu conhecia todos. Naquela época, os da minha idade, em grande parte estudavam nas escolas aqui. Minha mulher e meus filhos estudaram na escola Santos Dummont. Andavam pôr tudo a pé. Tinham muitos filhos das empregadas das casas que estudavam na escola. Meus filhos estudaram nesta escola pública do bairro até o final dos estudos. Sempre tiveram muitos amigos da vila dos pescadores. Era uma convivência super harmônica de gente do bairro e gente da vila. Gente trabalhadora. (Trecho da Entrevista realizada em 30/03/2017)

A professora Isabel Loss considera que o declínio da Escola tenha de dado por volta de 1980, época em que transferiu sua filha, Monica do Santos Dumont para o Colégio João XXIII, mesmo morando em frente ao portão de acesso lateral, à Rua Possidônio da Cunha:

Minha filha, Mônica, estudava na escola. Era só atravessar a rua. Era uma maravilha. Às vezes, voltava furiosa porque o cachorro a acompanhava até a sala e aula. Foi alfabetizada ali e ficou até o final da 2ª série, depois foi para o Colégio João XXIII. Em 1978 e 1979 ela frequentou a escola e em 1980 migrou para o João XXIII. Foi o momento da transição e da mudança curricular. Virou um horror. E a situação piorou muito, com sucessivas trocas de professores ou até de estagiários que ficavam “por conta”, sem qualquer monitoramento, levando os pais com mais esclarecimentos e recursos a buscarem outras escolas para os filhos. (Trecho da Entrevista realizada em 18/01/2017)

5.5.7. A VILA DOS PESCADORES

A Vila dos Pescadores ou Vila Guaíba, localizada nas margens do Guaíba, desde o antigo terminal das Barcas até o limite da área do Clube dos Veleiros, em frente ao a pedreira do Morro do Cristal, junto à Av. Guaíba, avenida de acessos e que margeia a Vila Assunção (Fig. 4). Conforme relato da D^a Leda Assumpção Dias, nascida em 1922, na época da sua infância, quando frequentava a casa dos avós na Rua Goitacaz, lembra que já havia pescadores junto ao Guaíba:

na casa do vovô, tinha uma descida, onde íamos para o “banheiro da vovó”. Tomávamos banho no Guaíba. Tinha sabonete, tudo para o banho. Não tinha ninguém. Os vizinhos eram pescadores. A vovó Felisbina, só comia peixes pescados aqui pelos pescadores, que eram muito caprichosos.

Nessa volta, essa entrada da Vila assunção é muito feia. Pela Vila dos Pescadores. Os pescadores viviam naquelas *maloquinhas*. Fizeram

um requerimento pedindo a posse. A vila toda é irregular. Primeiro construíram casas de madeira, depois de alvenaria e agora tem prédios de dois e três pavimentos. É tudo irregular. É um terreno de praia. . (Trecho da Entrevista realizada em 31/03/2017)

Na década de 1940, na medida em que a Vila Assunção tornava-se cada vez mais um polo de circulação de pessoas gerado pela travessia das balsas entre Porto Alegre e a cidade de Guaíba, a Vila dos Pescadores (Fig. 161) se consolidava com o comércio de pescados e com bares para atender ao público enquanto aguardava o embarque nas barcas. Bóris Ostergren cita que havia vários bares próximos, entre as balsas e os bombeiros e que,

a vila dos pescadores é muito antiga. Muitos funcionários do Clube Veleiros moram ali. Na época da balsa, haviam muitas banquinhas de vender coisas, chegava um povo na balsa. Tinha a padaria do seu Romeu, pai da Bernadete. Também lembro que havia uma casa comercial onde está a figueira, em frente à Padaria, esquina com a Goitacaz. Mais ou menos por ali. Chegava esse povo todo da balsa e saíam caminhando até a Wenceslau, onde havia a condução.

Em relação aos moradores da Vila dos Pescadores, Marcelo Caminha também se recorda da convivência com alguns que ali residiam:

na vila dos pescadores, moravam pessoas pobres, mas descentes. Não eram marginais. Muitos trabalhavam nas barcas e eram funcionários do DAER. Os filhos eram meus colegas no grupo escolar, que originalmente era Cândido Rondon. Depois que mudaram para Santos Dumont. Mas aí eu não estava mais na escola. (Trecho da Entrevista realizada em 19/03/2017)

E, Sérgio Teixeira lembra o movimento dos pescadores nas ruas do bairro, quando

vinham pegar minhocas nos terrenos. Em época de bagre, “as” bagres, tinham as ovas. Deixavam secar na areia e viravam iscas. (Trecho da Entrevista realizada em 26/01/2017)



Fig. 161. - Vista da Vila dos Pescadores a partir da Rua Bororó, 1974. Acervo Família Teixeira.

Na Vila dos Pescadores é observado o declínio do comércio em geral, mas principalmente de pescados, fortemente associado ao término dos serviços das barcas, em 1958. Entretanto, a consolidação e crescimento das edificações no local, pode ser observada até hoje (Fig. 162 e 163).



Fig. 162. - Vista da Vila dos Pescadores a partir do Guaíba, com os edifícios construídos junto à pedreira ao fundo, 2017. Foto: Inês Martina Lersch.

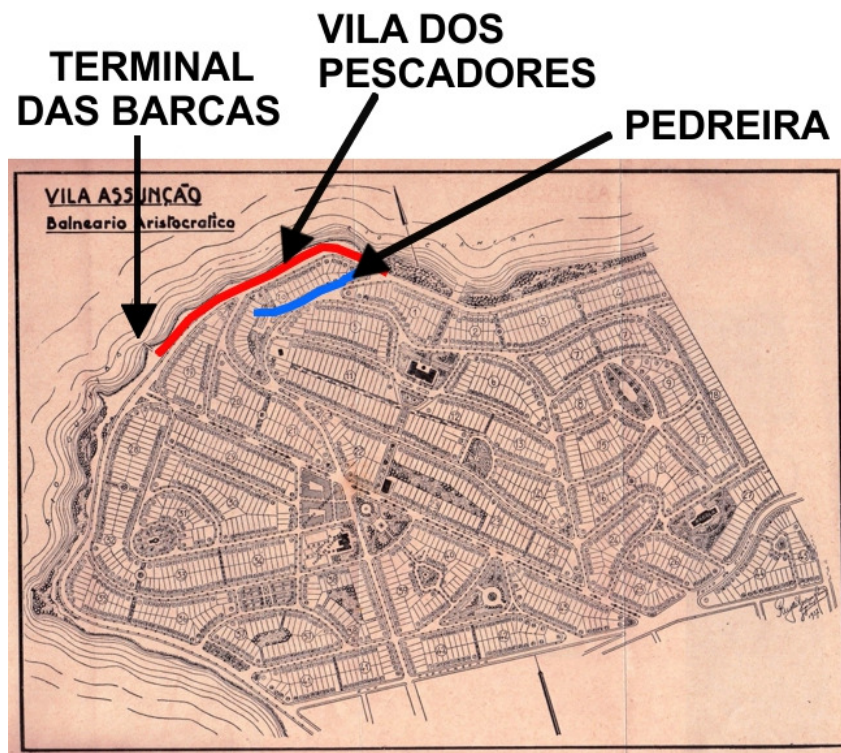


Fig. 163 – Planta do loteamento da Vila Assunção com a indicação da localização da Vila dos Pescadores, junto à Av. Guaíba (em vermelho). Indicação feita sobre o mapa pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

5.5.8. O PALÁCIO DE FESTAS 1001 NOITES

A casa noturna *Palácio de Festas Mil e Uma Noites* (Fig.164 e 165), foi construída em terreno em frente ao Guaíba, com imponentes colunas em fachada curva e teve como primeiro proprietário o Sr. Fozzi Habab. Consta que foi inaugurada em outubro de 1948, com uma festa realizada em benefício da Cruz Vermelha, conforme noticiado em 08/10/1948, no periódico *Jornal do Dia*, Ano II, edição nº 515. O local, popularmente designado Clube ou Boite Mil e Uma Noites, se tratava de um clube noturno onde se realizaram muitos eventos, shows, bailes de carnaval e festas de réveillon com grande repercussão na vida social de Porto Alegre. Faz parte da história da boemia porto alegreense, que permanece no imaginário dos moradores como espaço de grandes festas e ambiente da sociedade.



Fig. 164. – Boate Mil e Uma Noites – Vila Assunção. Fonte: Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Fotógrafo: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

A casa noturna foi palco para apresentações de artistas na cidade, e um marco referencial da Vila Assunção, como pode ser observado no *Jornal do dia*, de 1949:

Depois de ter atuado no Palácio de Festas 1001 Noites o famoso violinista Georges Boulanger, a orquestra de Xavier Cugat e ultimamente Peter Kreuder, a empresa contratou o célebre astro do cinema argentino e mexicano Hugo Del Carril, continuando assim de apresentar ao nosso público grandes artistas de grande fama e de todos os gêneros. (*Jornal do Dia*, Edição 0742, de 14/7/1949, Nota Social, p.5)

Em 1955, na coluna social no jornal *Diário de Notícias*, Edição 0050, de 05/5/1955, p.8, pode ser observada a mudança no público quando cita as festas de estudante na casa

noturna *Boite 1001 Noites*, que animam o bairro de Vila Assunção, tanto quanto as do Clube Leopoldina Juvenil e do Clube do Comércio.



Fig. 165 – Detalhe da localização da implantação do PALÁCIO DE FESTAS 1001 NOITES.

Na década de 1990 foi desativado e demolido, dando lugar a um condomínio residencial com casas geminadas.

5.5.9. AS PRAÇAS

O bairro-jardim Vila Assunção é uma referência na imagem urbana da cidade de Porto Alegre, principalmente no que diz respeito aos elementos do seu patrimônio natural e paisagístico. O sítio físico, determinado pelo relevo e pela presença do Guaíba, foi urbanizado com um conjunto de ruas, quarteirões, lotes, edificações, passagens para pedestres e praças. Do ponto de vista da paisagem, este conjunto de elementos singulares, naturais e construídos, reunidos nesta parcela do espaço da cidade, constitui-se a *ambiência* e conferem identidade ao bairro.

O projeto da Vila Assunção contemplou, em 1937, um conjunto de 10 praças, distribuídas e articuladas entre si, com as ruas, passagens para pedestres e através dos equipamentos urbanos instalados sobre sua área ou no entorno (Fig. 166). No projeto aprovado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre em 1952, consta o acréscimo da Praça Tabira, na reconfiguração da quadra 19 e da Pça. Tupiniquim, projetada em parte do quarteirão 16. Houve, ainda a supressão da área verde da quadra 27^a, originalmente destinada como praça para abrigar uma escola, tendo sua área loteada (Fig. 167).



Fig. 166. - Planta de Localização do Loteamento Vila Assunção proposto em 1937, com a indicação (em verde) das praças, play-lots, áreas escolares e passagens para pedestres. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: Sociedade de Engenharia, Boletim nº31, jan.1940, p.2.

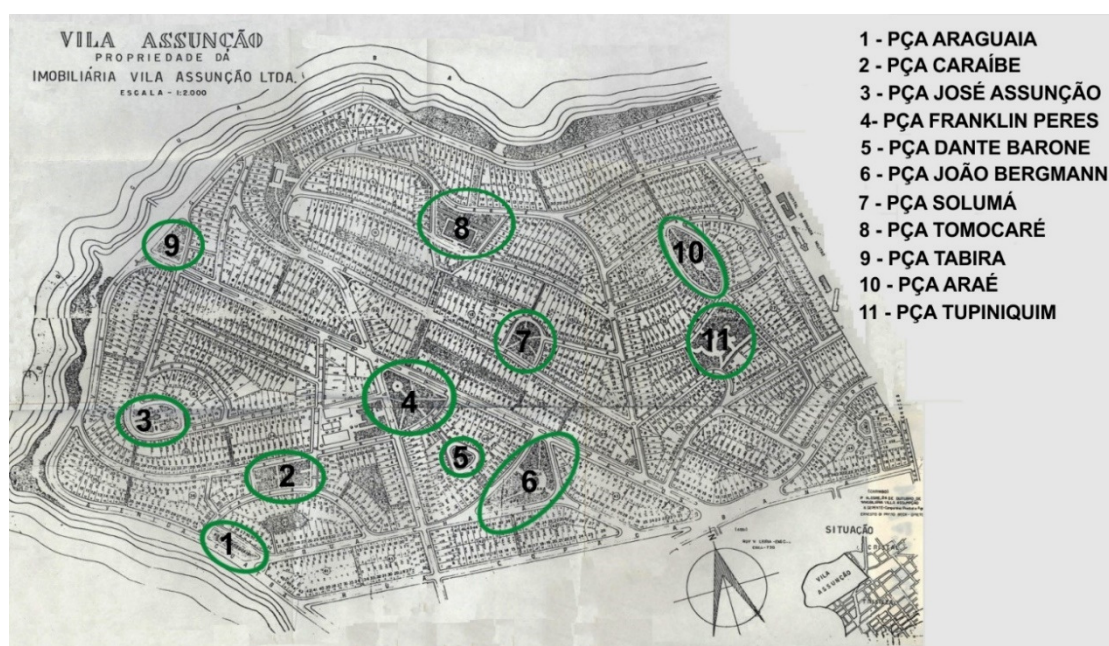


Fig. 167 - Planta de Situação e Localização do Loteamento Vila Assunção aprovado em 1952, com a indicação (em verde) e numeração das praças construídas. Marcação feita pela pesquisadora. Fonte: PMPA.

5.5.9.1. PRAÇA ARAGUAIA

Espaço público consolidado desde os primórdios do loteamento da Vila Assunção, a Praça Araguaia está localizada em frente à Av. Guaíba, entre as Ruas Carajá e

Chavantes, na parcela em que houve o início da urbanização do bairro, sendo referência em vários momentos da vida dos moradores. O local estava circundado pelos primeiros equipamentos urbanos realizados pela empresa loteadora, entre eles, o restaurante A Cabana, a primeira sede do SAVA, a primeira escola primária, o trecho da praia que se tornou referência do local como balneário, com o mirante para o Guaíba que, anos mais tarde tornou-se referência com a instalação do bar *Timbuka*.

Jussara Leiria Ligocki, moradora desde 1946, se orgulha ao lembrar que na praça havia uma placa com o nome do pai, Eng^o Ruy de Viveiros Leiria:

Na praça Araguaia, havia uma placa com o nome de todos os que fizeram parte da construção da Vila Assunção. Eu era muito orgulhosa daquilo. Roubaram. Tinha o nome de todos. Naquele local onde tem um pedestal de pedra. Era muito bonito ali em frente ao rio, com umas escadarias, locais para sentar, com telhadinho. Onde depois se instalou o bar do Timbuka, que só deu problema. Ali era o lugar que eu descia para tomar banho. Na Vila Assunção não houve o cuidado que se percebe em Ipanema. (Trecho da Entrevista com Jussara Leiria Ligoki, em 09/5/2017)

Consta na reportagem do Diário de Notícias de 04 de janeiro de 1943 (Fig. 168), a inauguração da referida placa, em uma solenidade promovida pela Sociedade Amigos da Vila Assunção, que contou com a presença dos fundadores da Vila Assunção: Drs. Aníbal e Ernesto di Primio Beck, Srs. Luiz Alberto Coronel, Francisco de Paula Santos, Niro Olinto Luchesi e o Eng^o. Ruy de Viveiros Leiria:

Às 11 horas, com a presença dos homenageados e suas famílias, numerosos veranistas e residentes, começou a solenidade com o hasteamento da Bandeira Nacional, ato realizado pela senhora Sara da Cunha Beck, esposa do Sr. Ernesto di Primio Beck. Em seguida, verificou-se o descobrimento da placa, o que foi feito sob palmas gerais, pela senhora Sara Santos de Assunção, esposa do Sr. Francisco de Paula Soares. (Diário de Notícias, 04/01/1943)

O então presidente da SAVA, Dr. Álvaro Corrêa Leite, ao proferir o discurso no evento, tece excedidos elogios aos homenageados, entre eles ao Eng^o Leiria e das transformações decorrentes do projeto urbanístico, ao proferir que,

Ruy de Viveiros Leiria é o mágico da Vila Assunção, na espessura e no prolongamento de uma linha, a magia de seu talento tudo transforma, dando à natureza um maior realce, e aos olhos maravilhados um panorama diferente. Alia-se ao talento a sua competência: não há cálculo errado, não há hesitações nas suas mãos de mestre.



Figura 168. – Reportagem referente à Inauguração de Placa em homenagem aos fundadores da Vila Assunção. Fonte: Diário de Notícias, 04/01/1933. Acervo: André Huyer.

Ao longo do discurso são descritas características peculiares a cada um dos então homenageados e sua importância para a efetivação do empreendimento. Em um dos parágrafos da reportagem, atribui ao Sr. Francisco de Paula Santos, a idealização da Vila Assunção:

Foi ele o idealizador da Vila Assunção, que antes de ser o que é, criou-se na sua imaginação divinizada pela fantasia de um sonho. Como lhe sorriu pela primeira vez essa ideia, não sei; mas adivinho.

Segue de forma poética quando descreve as belas imagens proporcionadas pela natureza do lugar:

Foi certamente numa encantadora tarde de verão, quando o sol se deita no horizonte, pintando as águas, com reflexos dourados e imprimindo no céu essa policromia de tonalidades que tornam os ocasos da Vila Assunção os mais belos que tenho presenciado em minha vida, foi certamente numa dessas tardes, em que pairam sorrisos de anjos no espaço e uma benção divina nos acaricia que Francisco Santos teve, teve a visão de povoar estas paragens.

E inclui no discurso as intervenções urbanas realizadas, entre elas, as passagens para pedestres, a orla junto ao Guaíba e as casas construídas, dando lugar à vegetação selvagem que rodeava o ambiente:

Rochas *alcantiadas* desapareciam substituídas por suaves escadarias; aqui e acolá, rasgando montes e reconquistando matos, ziguezagueavam ruas de cidade, vivendas encantadoras e jardins “à beira rio plantados”.

Em um dos últimos parágrafos da reportagem, realiza uma síntese dos predicados atribuídos a cada um dos presentes e das dificuldades surgidas desde o momento da idealização da sociedade para a construção da Vila Assunção:

Houve pausas, houve hesitações, houve também grandes voos de coragem. Longas conferências, cálculos acumulados, horas de incerteza e horas de esperança. Limaram-se arestas, alisaram-se asperesas, e... finalmente a dedicação de Niro Luchesi, a competência de Viveiros Leiria, a orientação inteligente de Luiz Alberto Coronel, o *gesto supremo* cometido de Ernesto e Aníbal di Primio Beck, vieram converter a visão, o sonho fantástico de Francisco Santos na mais admirável realidade. (Diário de Notícias, 04/01/1943)

No período que estudou na escola primária localizada em frente à Praça Araguaia, Marcelo Caminha, ao chegar na Praça Araguaia, no percurso realizado a pé, e parar em frente ao suporte de pedra, ainda existente (Fig. 169), com um mastro, mas sem a placa, recordou do momento cívico que ali era realizado:

Lembro que nos 7 de setembro a gente vinha na Praça Araguaia hastear a bandeira e cantar o hino. Tinha um mastro no centro da praça. Lembro que a praça era um espaço mais bem cuidado. (Trecho da Entrevista realizada em 19/03/2017)



Fig.169 – Praça Araguaia com o suporte de pedra construído para a instalação da placa comemorativa e hasteamento da bandeira. Ao fundo o Guaíba, 2017. Foto: Roseli Gessinger.

Outro referencial da Praça Araguaia foi o bar do Timbuka (Fig. 170), que se instalou junto à calçada, na orla existente e tornou-se chamariz para muitas pessoas de fora e do bairro. Marcelo foi colega do *Timbuka* na escola, e lembra que

o Timbuka era meu colega de colégio. Eram 3 ou 4 irmãos. O Timbuka era o menor. Eram meus vizinhos. Eles moravam na Guainá. Era o Sérgio, o Luiz, o Timbuka e tinha um mais velho e a Marlene. O prédio do Timbuka já existia. O Sérgio arrendou e colocou o nome de Timbuka. Foi um sucesso.



Fig. 170 - O Timbuka, foto de 2006. Fonte: <http://zh.rbsdirect.com.br/imagesrc/23348035.jpg?w=640>

A lembrança do *Timbuka* enquanto ponto de encontro, é bastante evocada e relacionada à praia, como relata Silvia Roth, moradora da Rua Cariri desde 1971:

Quando viemos morar na Vila Assunção, já não havia mais a praia como espaço balneário. Somente o uso da calçada para caminhadas. Lembro-me do Bar do Timbuka como ponto de encontro, onde inclusive, um de seus quatro filhos conheceu a mulher. (Trecho da entrevista concedida em 17/01/2017)

Sérgio e João Teixeira, moradores desde 1956, citam a liberdade que desfrutavam e deste espaço do bairro, como um dos pontos de encontro entre os amigos:

Nós circulávamos por tudo com a maior liberdade. Do outro lado da rua, se localizava o Restaurante Copacabana, onde hoje é a casa de Mercedes Rodrigues (Av. Guaíba esquina Rua Carajá), projeto do arq. Debiagi. De frente para a Av. Guaíba. Era ponto de encontro de amigos. Alí ou no SAVA Clube. Onde estava o Timbuka, o Seu Passoca vendia balas. Vinha muita gente de fora. Frequentador assíduo da praia era o jogador do Grêmio, Aírton, chamado “Queixada”.

As crianças eram criadas soltas e livres. (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017)

Atualmente, a Praça Araguaia e a área do entorno (Fig. 171 e 172) se mantém bastante frequentada, principalmente aos finais de semana e feriados. Muitas pessoas se reúnem para assistir ao pôr do sol, tomar chimarrão ou simplesmente caminhar pela calçada junto ao Guaíba. O bar do *Timbuka* foi removido em abril de 2010, por decisão judicial, em razão de estar instalado de forma irregular na orla do Guaíba. Desta forma, um mirante foi construído no local, voltando a proposta de uso público do local.



Fig. 171 – Vista da Praça Araguaia com a Av. Guaíba em primeiro plano em 2017. Foto: Roseli Gessinger.



Fig. 172 – Vista da Praça Araguaia a partir do Guaíba em 2017. Foto: Inês Martina Lersch.

5.5.9.2. PRAÇA CARAÍBE

A Praça Caraíbe está localizada há poucos metros da Praça Araguaia, em meio a quarteirões residenciais, e tem como destaque a presença do Santuário de Shoenstatt, construído em 1980 e que está situado na Rua Carajá, em frente à praça (Fig 173).

A arquiteta Michele Toniolo de Oliveira, moradora desde 2005 na residência lindeira ao Santuário, relata que mesmo antes de ser moradora, frequentava o bairro na infância e depois, com os dois filhos, ainda, pequenos. Por isso, tem lembranças de que havia

casas bonitas, novas e modernas. Também das praças e das brincadeiras na rua. Do Santuário, do Zaffari pequeno e da lojinha que vende, até hoje, objetos importados.

Na praça em frente a nossa casa, a Praça Caraíbe, as pessoas se reuniam nos finais de semana para jogar vôlei. Há mais ou menos dois anos não vejo o grupo.

A Praça tem sido utilizada com atividades para as crianças que estão fazendo a catequese no Santuário de Schoenstatt e, como ponto de encontro de pessoas acompanhadas com cães. (Trecho da entrevista concedida em 04/06/2017)



Fig. 173. - Vista da Rua Carajá com o Santuário de Shoenstatt à esquerda e a Praça Caraíbe, à direita. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

No relato de Isabel Loss, encontramos a referência da existência de equipamentos para as crianças na praça, fato que a diferenciava da Praça Franklin Peres na época:

Quando os filhos eram crianças, ia muito na praça Caraíbe, na esquina. A Franklin Perez não tinha brinquedos. Só campo, a escola utilizava para educação física. O play ground que se encontra num dos cantos da praça é mais recente. (Trecho da entrevista concedida em 18/01/2017)

5.5.9.3. PRAÇA JOSÉ ASSUMPÇÃO

Localizada no topo do morro da Ponta do Dionísio, é referência no bairro em razão da implantação da Igreja de Nossa Senhora Assunção que ali foi construída por iniciativa da comunidade. Além da Igreja, tem como destaque a vista privilegiada do Guaíba, que pode ser observada no mirante sobre a laje de cobertura do salão paroquial, lembrado por Jacqueline Custódio quando se referiu à Igrejinha, neste capítulo.

5.5.9.4. PRAÇA FRANKLIN PERES

Espaço público localizado na área central do bairro, local eleito pelo autor do projeto, Eng^o Leiria, para a implantação do centro comercial e espaço para as atividades esportivas da escola, que está situada em frente a uma das três vias que delimitam o espaço físico da Praça Franklin Peres: Rua Caeté, Rua Possidônio da Cunha e Avenida Pereira Passos. Caracteriza-se pelo amplo campo de futebol e, por alguns moradores ainda é lembrada como a praça do “saudosos” mercado Zaffarinho, como pode ser verificado no relato de Déa Buiano:

Achei uma “judiaria” o fechamento do Zaffarinho. Dizem que ele fechou de tanto ser assaltado. Aquilo ali vivia lotado. Todo mundo amava, comprava o pão quentinho, super bom. A praça tinha movimento. (Trecho da entrevista concedida em 14/03/2017).

E, de Carmen Assumpção:

A Praça Franklin Peres, em alguns horários é deserta. Em outros horários, até tem crianças brincando. Penso que se houvesse algum comércio, um café, poderia dar mais vida à praça. Acho que ainda não descobriram. A perda do Zaffarinho foi mortal. (Trecho da entrevista concedida em 22/02/2017).

Kathrin Rosenfield, moradora do bairro desde 1986, é a presidente da Associação dos Proprietários Moradores da Vila Assunção, a APROVA. É austríaca e ao procurar um local para morar em Porto Alegre, lhe foi mostrada a Vila Assunção. Relembra que ao

chegar no bairro pensou: “é neste lugar que eu quero morar”. Ao se referir aos espaços públicos, relata, a partir de sua experiência de vida fora do Brasil que

os espaços públicos daquela época eram ainda bem cuidados. Não era uma maravilha, mas eram mais descentes. De forma que, com frequência, levava as crianças para jogar futebol na praça Franklin Peres. Cita o quanto era bom haver o comércio do Zaffarinho no local e do quanto ficou ressentida com o fechamento das atividades. A presença do Zaffarinho tornava a praça Franklin Peres mais sociável. Encontrava pessoas com filhos. Não necessariamente vizinhos. Kathrin cita como característica da sociabilidade brasileira da classe média, essa exclusividade, dos vizinhos não se frequentarem. Comentou que mesmo morando há 30 anos na mesma casa, nunca foi convidada para ir à casa dos vizinhos. “É uma questão cultural essa ausência do uso dos espaços públicos no Brasil. Não ocorre somente na Vila Assunção, e nem é pelo fato das pessoas morarem em áreas particulares de grande dimensão. Faz parte da cultura.” (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017).

Além do mais, critica a ausência da gestão pública em relação ao zoneamento de uso dos espaços pois,

achou um erro que a municipalidade não tenha tomado medidas para garantir o funcionamento de um estabelecimento comercial a cada 5 km, por exemplo. A utilização dos espaços era mais intensa do que hoje. Havia mais movimento. (Trecho da entrevista concedida em 26/01/2017).

A Praça Franklin Peres (Fig. 174) vem sofrendo degradação do espaço físico em razão da diminuição do número de alunos da escola, que garantiam atividades esportivas na praça, indiscutivelmente pelo fechamento do Zaffarinho e, de uma forma geral, pela questão da insegurança relacionada às ocorrências de furto nos espaços públicos, itens citados pelos entrevistados.



Fig. 174 – Vista da Praça Franklin Peres a partir da Av. Pereira Passos. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

5.5.9.5. PRAÇA DANTE BARONE

A Praça Dante Barone é um espaço público com características singulares na composição do tecido urbano da Vila Assunção. Encontra-se situada no eixo da Rua Paraguá, formando uma área ajardinada e central entre duas quadras. Compõe um eixo de circulação entre as duas praças de maior dimensão e uso no cotidiano da Vila Assunção (Fig.175).



Fig. 175 – Praça Dante Barone. Foto: Roseli Gessinger, 2017.

5.5.9.6. PRAÇA JOÃO BERGMAN

A Praça João Bergman (Fig. 176 e 177) é um dos espaços públicos com uso efetivo pela comunidade, principalmente pelo espaço destinados às crianças, com brinquedos e campo de futebol, bastante utilizados pelas crianças do bairro e da escola infantil situada em frente. Paulo André Custódio, morador da Rua Cariri, em uma casa situada em frente a passagem de pedestres que desemboca na Praça João Bergman, relata que

usávamos muito as praças para jogar futebol e brincar. A comunidade ainda usa bastante. Principalmente nos finais de semana, famílias com crianças pequenas usam muito as praças. E jovens utilizam para tomar chimarrão. Pessoas da comunidade. A Praça João Bergmann tem um uso bem intenso de crianças. Existe uma escola infantil numa das casas da praça e, frequentemente na saída, as crianças brincam um pouco ali e, acabam voltando ali nos finais de semana com os pais. (Trecho da entrevista concedida em 06/03/2017).

E define como a imagem mais presente em sua lembrança e que identifica a Vila Assunção,

As praças e o verde. As árvores. Muito mais do que o Guaíba. As praças como espaço de convivência com meus amigos. As ruas, eu adorava circular nas ruas. Caminhar nas ruas. Eu conhecia todas as ruas, as pessoas, eu subia para a Coroados, descia para a Pereira

Passos ou para a Chavantes. Ou era meu colega de aula, ou era amigo do futebol, ou era amigo da minha irmã e eu acabava conhecendo. (Trecho da entrevista concedida em 06/03/2017).

Para a moradora Kathrin Rosenfield a Praça João Bergmann é eleita como a de sua preferência, lembrada pelas Tipuanas plantadas no interior da área da Praça formando um túnel verde, percebido pela ambiência originada a partir do encontro das copas. Este singular conjunto de árvores da espécie *Tipuana tipu* implantadas na Praça João Bergmann faz parte de uma das seis espécies de árvores predominantes e que caracterizam a arborização urbana nos bairros mais antigos da cidade, entre eles: o ligustro, o jacarandá, o cinamomo, a perna-de-moça, o plátano e a espécie utilizada na Vila Assunção, a tipuana. A informação encontra-se no Atlas Ambiental de Porto Alegre, a partir dos dados baseados no inventário de arborização urbana desenvolvido de 1993 a 1998, que identificam as principais espécies utilizadas nas concepções paisagísticas em momentos distintos de urbanização dos espaços verdes da cidade, portanto, “por caracterizarem a tônica paisagística da época, estes túneis possuem importância histórico-cultural.” (MENEGAT, 1998, p.133).

A Praça também fazia parte da rotina da então aluna do Colégio Santos Dumont, Jacqueline Custódio, moradora da Rua Cariri:

Eu utilizava três passagens entre a Pereira Passos e a Cariri com frequência. Aquela que passávamos no centro do quarteirão, entre os quintais das casas. Eu gostava de ir por ali. Saía da escola, atravessava a praça (João Bergman) entrava no caminho e já saía na Cariri. Em frente à minha casa, a “passagem da minha mãe”, passagem de pedestres, acho que entre 1972-1973, quando voltamos das férias de verão, encontramos a passagem fechada. Os proprietários das casas lindeiras situadas na Pereira Passos, haviam fechado e se apropriado da passagem. Tínhamos acesso até o meio do quarteirão, através da Cariri. Mas dali, não conseguíamos percorrer até a Pereira Passos. Lembro-me da indignação da minha Mãe. Foram na Prefeitura, não sei ao certo o que houve, mas sei que dois meses depois, abriram o acesso. O prof. Nadruz costuma dizer que por isso tenho essa inquietação, está no DNA!!! (Trecho da entrevista concedida em 28/01/2017).

Consta na imagem cedida pela moradora Jacqueline Custódio que, ao retratar o fechamento irregular pelos proprietários dos imóveis lindeiros à passagem de pedestres localizada em frente à casa de seus Pais, terminou em retratar as Tipuanas plantadas lado a lado, na Praça João Bergmann.



Fig.176 - Vista da Passagem da Rua Cariri até a Av. Pereira Passos, com a Praça João Bergmann ao fundo, ano de 1972-1973. Foto: Acervo Jacqueline Custódio.



Fig. 177. – Vista da Praça João Bergmann a partir da Rua Caeté. Foto: Roseli Gessinger, 2017.

5.5.9.7. PRAÇA SOLUMÁ

Localizada na Rua Cariri e também com acesso pela Rua Chiriguano, é um espaço público em aclave e de difícil acesso (Fig. 178). Moradores da Rua Cariri desde 1971, Silvia e José Augusto Roth, sempre estiveram envolvidos em movimentos buscando melhorias para os espaços públicos do bairro. José Augusto, atualmente, é vice-presidente da Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção. No entanto,

percebem o quanto as praças não estão sendo aproveitadas, inclusive dá o exemplo de que nenhum dos nove netos aproveitam as praças:

É difícil. O medo é o fator que desestimula o uso. O abandono das praças. Sempre tentaram, junto à prefeitura e aos moradores uma ação efetiva de adoção da Praça Solumá, mas não obtiveram aprovação dos órgãos públicos. (Trecho da Entrevista realizada em 17/01/2017)



Fig. 178. – Praça Solumá, vista a partir da Rua Cariri. Foto: Roseli Gessinger, 2014..

Na SMURB/PMPA encontra-se o Levantamento Cadastral da Praça Solumá, executado por Claudio Frota e Everton Luiz de Moraes, em junho de 1982, por solicitação do Vereador Valdir Fraga, a pedido da Escola de 1º grau incompleto Pequeno Príncipe, à época, localizada na Rua Cariri (Fig. 179).

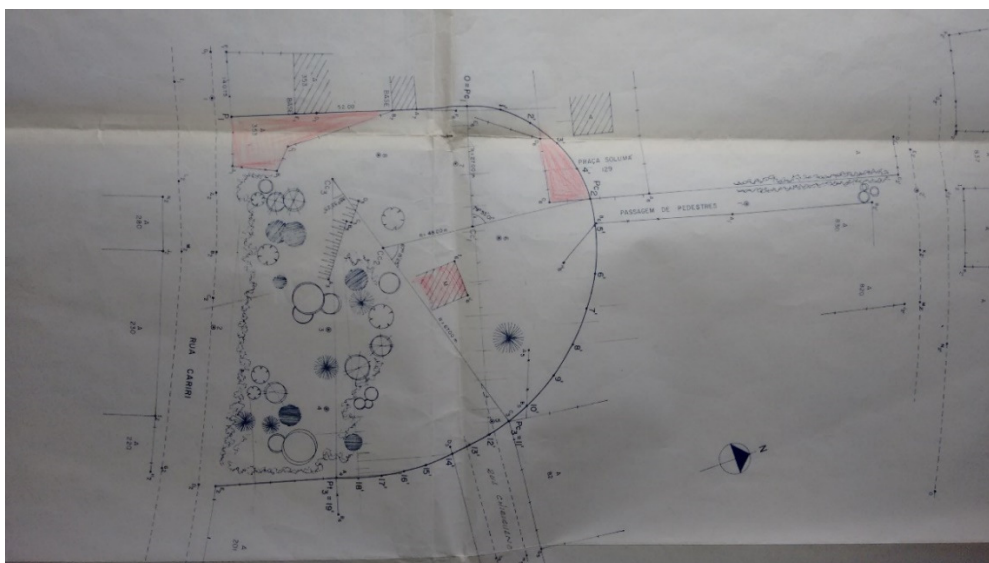


Fig. 179 – Levantamento Cadastral Praça Solumá, Junho/1982. Acervo SMURB/PMPA.

5.5.9.8. PRAÇA TOMOCARÉ

Localizada no topo da Rua Coroados, a Praça Tomocaré, é também conhecida pelo reservatório d'água e pela vista do pôr do sol no Guaíba, desfrutado sobre a laje da construção existente no local, hoje sede da Guarda Municipal (Fig. 180).



Fig. 180. – Praça Tomocaré, reservatório e mirante existente sobre a edificação, vista a partir da Rua Coroados e do mirante. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

Na planta do projeto aprovado em 1952, a praça era aberta, da Rua Bororó até a Rua Coroados, e com duas ruas estabelecendo os limites laterais do espaço da praça (Fig.181). Estas duas ruas não possuem acesso público por terem sido ocupadas com edificações irregulares que, conforme relato da moradora Kathrin Rosenfield, aumentaram nos últimos anos:

A percepção do espaço público, desde o início, foi do problema que “o espaço público não cuidado e não assumido pela prefeitura gera problema para os moradores”. Problema de custo para os moradores. Em relação às passagens, ela gostaria que fossem espaços públicos e de uso comum, no entanto, na época da construção havia algumas invasões na Praça Tomocaré e, por isso, sua casa foi cercada. Na Praça Tomocaré, à época, tinham 2 casas à direita e 3 à esquerda. Hoje tem 16, no mínimo. Todas irregulares (Fig. 182). Com o passar dos anos, a Praça Tomocaré ficou entulhada de gente. O zelador do DMAE acabou de forma irregular se apropriando e “loteando” o espaço da praça. No lugar de uma casa, construíram um muro, tudo irregular. (Trecho da Entrevista realizada em 26/01/2017)

A praça é dividida pela Rua Coroados, sendo que na parte localizada no outro lado da rua, encontra-se o reservatório d'água com a Sede da Associação dos Funcionários do DMAE e DMLU. A área é cercada e não está aberta ao público.

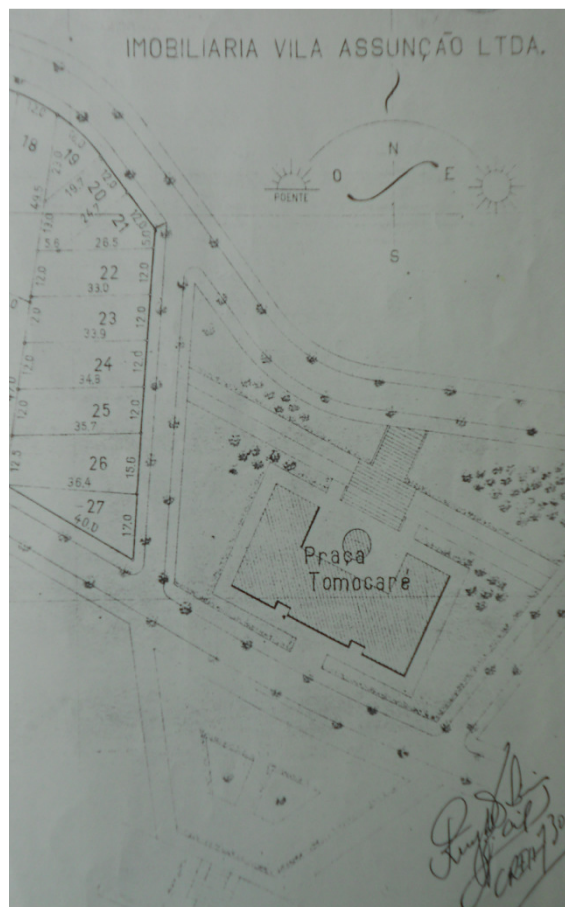


Fig. 181 – Projeto original da Praça Tomocaré e entorno. Autoria Engº Ruy de Viveiros Leiria.
 Fonte: SMURB/PMPA.



Fig. 182 - Praça Tomocaré vista a Partir da Rua Bororó, com a identificação de uma casa construída sobre a vai pública. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

5.5.9.9. PRAÇA TABIRA

Antiga Praça das Barcas, a Praça Tabira (Fig. 183) é resultado de um desmembramento da quadra 19, em razão da instalação do Porto das Barcas, em 1940, na área em frente, junto ao rio. Interessante verificar que na alteração do projeto de 1937, em 1940, quando feito o “rearranjo” de um dos lotes no quarteirão, foi prevista uma passagem de pedestres, a fim de ligar a Rua Burum à Praça Tabira. À época da travessia das barcas, o movimento era intenso na praça e o Guaíba se fazia presente no cotidiano dos moradores, conforme conferido ao chegarmos na Praça Tabira, durante o percurso realizado para registro do depoimento de Marcelo Caminha:

Sempre tive uma relação com o rio. Desde que vim morar aqui, eu conseguia enxergar o rio da minha casa. Víamos os barcos. Eu criei uma relação que perdura até hoje. Com a água, principalmente. A gente brincava no rio. O rio era um espaço de todos. Marcelo sinaliza a construção da padaria, que perdurou por mais tempo. E a localização das barcas, situada abaixo dos Bombeiros, onde está o muro azul com a placa “Terminal Hidroviário e Arquivo Geral”. Aqui era o DAER. Aqui, em volta da Praça Tabira, ficava lotado de veículos. Cita que havia vários bares próximos, entre as balsas e os bombeiros. (Trecho da entrevista realizada durante percurso na Vila Assunção em 19/03/2017



Fig. 183 - Praça Tabira. Ao fundo se observa as construções junto à Av. Guaíba e o antigo Terminal das Barcas. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

Ao lado da Praça, junto à Av. Pereira Passos e a Av. Guaíba, foi construído um Posto de Gasolina (Fig.184) dentro dos padrões de escala e estilo arquitetônico sugerido no bairro, que se manteve até a década de 1990, atendendo aos moradores, como se recorda Isabel Loss:

O Posto de Gasolina, originalmente, tinha o estilo das casas californianas, que foi destruído, era em frente à padaria. (Trecho da entrevista realizada em 18/01/2017)



Fig.184 – Posto de Gasolina construído junto a Praça Tabira. Foto: Acervo André Huyer.

5.5.9.10. PRAÇA ARAÉ

A Praça Araé está localizada no topo do morro outrora denominado Morro do Cristal, e se caracteriza pelas instalações da Estação de Tratamento d'água da Tristeza (Fig.185).



Fig. 185 - Praça Araé a partir da Rua Maracá com a ETA. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

5.5.9.11. PRAÇA TUPINIQUIM

Praça localizada ao lado da Praça Araé, situada no cruzamento das ruas Chiriguano e Omaguá, está representada na planta do loteamento, aprovada em 1952, provavelmente como área de compensação à área prevista para a instalação do equipamento escolar proposto no projeto original de 1937. Por estar inserida no contexto de urbanização mais recente, seu uso é citado por moradores das áreas mais próximas a Praça, como Jacqueline Custódio, que no período de 1996 a 2002, voltou a morar na Vila Assunção, mas desta vez, na Rua Manauê, em frente à Praça Tupiniquim:

Depois de casada e com filhos, voltamos a morar lá, na Rua Manauê. Meus filhos já não usavam mais a escola. Acredito que minha geração tenha sido a última que foi usuária da escola. As minhas crianças ainda brincavam na rua. E eles tem saudades disso, até hoje. Minha filha é de 1994. Ela com 4 anos foi sozinha até a casa da avó, na Rua Cariri. A Praça Tupiniquim, era meio “banhadão”, mas na parte alta tinha brinquedos que eram utilizados pelas crianças. Moramos ali até 2002. Ainda havia festas na rua. (Trecho da entrevista realizada em 28/01/2017)

4.5.5.10. PASSAGENS DE PEDESTRES

De caráter recorrente no projeto, o conjunto de passagens para pedestres fazem parte da estrutura do espaço urbano da Vila Assunção, como forma de melhorar a acessibilidade e a mobilidade dos usuários. No projeto original, de 1937, podem ser observadas 16 passagens inseridas entre os quarteirões, para uso de pedestres, a fim de vencer os desníveis e atingir o interior das quadras com maior rapidez e agilidade. Apresentam conexões entre si, entre os espaços de convivência públicos e, principalmente, ligações às vias estruturadoras do bairro, onde ocorre a circulação de transporte público. Portanto, são espaços para circulação de uso público. Entretanto, muitas encontram-se fechadas, anexadas por terrenos lindeiros ou abandonadas, impossibilitando o acesso e a realização dos percursos idealizados na proposta do loteamento, informação confirmada por Jussara Leiria Ligocki, filha do Eng^o Leiria:

No início, nós atravessávamos os quarteirões pelos terrenos, quando não havia muitas casas. As passagens, quando pensamos em começar a usar, começaram a ficar abandonadas. “Nunca foram bem cuidadas”. Isso era uma coisa que meu pai falava, que não havia um cuidado com estas passagens. Eu acho que não entenderam sua importância. Só quem é do meio mesmo é que entende. No projeto que o pai fez, essas passagens eram para facilitar o acesso à rua “de cima”. Ele comentava o quanto não gostava que muitas foram anexadas. Quando eram abertas, não tinham cuidado. Depois foram sendo anexadas aos terrenos lindeiros. (Transcrição da entrevista com Jussara Leiria Ligocki em 09/05/2017)

Para uma parte dos moradores da Vila Assunção, as passagens apresentam-se como espaços inseguros e negligenciados pelo poder público. Por isso, consideram que não tem motivo para manterem-se abertas, criando mais um espaço de vulnerabilidade no bairro. Para outra parte dos entrevistados, são espaços que remetem a lembranças e que foram muito utilizados quando abertas, como relata a filha da Sra. Isabel Loss, Mônica, quando diz que utilizava todas as passagens

No final dos 80 (1987) até início dos anos 1990 (1995), todas eram abertas. Sempre malcuidadas, mato alto, escadarias. Mesmo assim, eu corria muito na Vila Assunção, usando as passagens durante o percurso. Usava muito a da Goitacaz até o SAVA. Mas no final dos anos 90, início do 2000, foi fechada e não tinha como passar. Tinha uma escadaria. Eram “as jóias da coroa” (Fig. 186 a 188) foram vendidas, as passagens que iam do rio até a igreja”. (Trecho da entrevista com Isabel Loss, em 18/01/2017)



Fig. 186 – Passagem de pedestres da Possidônio da Cunha até a Av. Guaíba em dois momentos: imagem de cima aberta e com acesso livre e imagem de baixo murada, em 2014. Foto: Acervo Jacqueline Custódio.



Fig.187 – Passagem com escadarias de pedra da Rua Possidônio da Cunha para a Rua Goitacaz, em frente ao acesso para a Igreja da Assunção em dois momentos: imagem de cima aberta e integrada na paisagem e embaixo fechada com muro. Foto: Acervo Jacqueline Custódio.



Fig. 188 – Passagem da Rua Goitacaz até a Rua Possidônio da Cunha fechada. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

Mônica continua o depoimento ao ser questionada a respeito da expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro:

Eu amaria se as passagens fossem devolvidas e reconstituídas à comunidade. Era um espaço público que foi vendido pela Prefeitura. Em termos de perspectiva realista, que ao menos não aconteça mais. E, precisa haver mais segurança. O poder público precisa assumir o que lhe compete. Precisam ser limpas, iluminadas. ” (Trecho da entrevista com Isabel Loss, em 18/01/2017)

Kathrin Rosenfeld, também se refere as passagens que possibilitavam o acesso e visuais para o Guaíba, afirmando as condições de uso e que usava com frequência enquanto estavam abertas

Sim, usávamos muito. Aquelas que foram fechadas da igreja até o rio eu usava muito de cima para baixo. Não eram bem cuidadas, mas eram muito transitáveis. Tinham escadas com tijolos, granito, com placas grés. Eram agradáveis para circular, principalmente para quem gosta de natureza, eram um pouco esburacadas, mas era legal, era simpático. (Trecho da entrevista com Katrin Rosenfeld em 26/01/2017)

E no relato da moradora Michele Toniolo de Oliveira que, ao lembrar que, na infância dos filhos, ao percorrerem a passagem próxima a sua residência,

Chamávamos de “passagem secreta”, e até hoje chamamos assim. Ficávamos imaginando ao fazer o percurso, de como elas seriam na época que eram cuidadas. “Dá um charme especial nas caminhadas passar por elas”. (Trecho da entrevista com Michele Toniolo de Oliveira em 25/05/2017).

Através das entrevistas percebe-se nas experiências dos moradores, a dimensão material e imaginária, nas dinâmicas de ocupação e transformação do espaço, reforçando a importância da preservação do conjunto de elementos que constituem o

projeto urbanístico da Vila Assunção, a fim de que não siga ocorrendo exemplos de descaracterização através do impedimento ao acesso dos espaços públicos (Fig.189 e 190), permitindo o livre acesso e a manutenção da circulação de pedestres no interior dos quarteirões.(Fig.191).



Fig. 189 – Passagem localizada na Rua Cariri possibilitando o acesso à Pedreira.
Foto: Roseli Gessinger, 2014.



Fig. 190 – Passagem localizada na Rua Cariri, fechada com portão e guarita pelo proprietário dos terrenos lindeiros, impossibilitando o acesso público. Foto: Daniela Marzola Fialho, 2017.

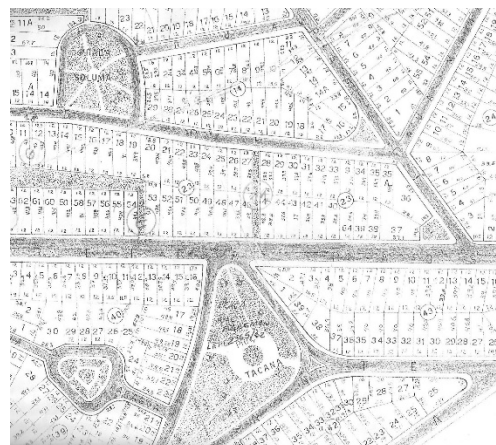


Fig 191 - Passagem da rua Cariri à Av. Pereira Passos, com acesso a um dos vértices da Praça João Bergmann, aberta e em bom estado de conservação. Foto: Roseli Gessinger, 2014.

5.5.9.11. SAVA CLUBE

A Sociedade Amigos da Vila Assunção, a SAVA, foi fundada no dia 31 de dezembro de 1940, nas dependências do bar A Cabana, conforme consta no relatório de 1940 da Vila Assunção. A sociedade foi fundada por iniciativa particular, ou seja, dos moradores, com a finalidade de “impulsionar o desenvolvimento geral da Villa Assumpção, notadamente as partes Religiosa, Social e Sportivas”. (Anexo 3.2, p.4)

Nos primeiros anos após a fundação, a SAVA esteve atrás do restaurante Ao Colonial, conforme relato do sr. Bóris Ostergren, frequentador da Vila Assunção desde 1948:

O Sava primeiramente foi numa ruazinha, no canto de cá, na esquina da Carajá com a rua Monumento. Ali era a Sava. Os moradores do bairro e gente do Jangadeiros que eram motonautas, saíram do Jangadeiros e conseguiram a concessão desta área onde hoje está a sede do Sava. Ali chamavam “a motonáutica”. Ficaram com este carimbo! Foram *expulsos* do Jangadeiros “porque esses motonautas não queremos aqui.”. (Trecho da entrevista realizada em 30/03/2017)

Moradores da década de 1950 relatam as vivências no SAVA nas instalações localizadas na beira do Guaíba, onde hoje se encontram as quadras de tênis da sede atual, praticamente na altura que a Rua Possidônio da Cunha desemboca na Av. Guaíba (Fig. 192). Ali, havia uma construção de madeira e um trapiche, elementos que permaneceram na memória de alguns entrevistados (Fig.193 e 194), entre eles, os irmãos Sérgio e João Teixeira:

O SAVA Clube era uma construção de madeira, onde hoje são as quadras de tênis. Mais ou menos em frente à Rua Possidônio da Cunha. Tinha uma varanda que circundava a construção e tinha um trapiche em “T”. Dalí saltávamos e nadávamos. A prainha era maior. Hoje diminuiu muito. Tinha areia. Sérgio acredita que em função dos sucessivos aterros o rio subiu de nível. E havia uma vista linda. A construção da nova sede foi feita justamente em cima do que era mais bonito no local. E a construção é horrível. (Trecho da entrevista realizada em 26/01/2017)

A SAVA representou para uma geração, um espaço comunitário e agregador das famílias do bairro, inclusive com atividades culturais, como lembra Marcelo Caminha, contemporâneo de Sérgio Teixeira:

O SAVA do meu tempo, que não tinha nada a ver com o SAVA atual. Que era aquele barracão de madeira. O pessoal da Vila Assunção, que eram sócios, eles cuidavam muito daquilo ali. Todos os domingos à noite tinha seção de filmes. Eu vi todos aqueles filmes preto e branco da década de 50. Os pais e a gurizada iam. A SAVA era o ponto. Na época não existia o Veleiros. O Jangadeiros já existia, sem a ilha. O público que frequentava era da Tristeza. O Jangadeiros era um clube mais voltado para o iatismo. (Trecho da entrevista realizada em 19/03/2017)



Fig. 192. – Vista aérea da área do SAVA, localizado junto ao Guaíba, 2014. Indicação da Sede atual (em vermelho) e da área da sede na década de 1950 (em amarelo, tracejado). Marcações feitas pela pesquisadora. Foto: acervo José Augusto Roth.

E Sérgio também relembra das seções com a projeção dos filmes no SAVA:

Domingos à noite, tinha cinema na SAVA Clube. Toda Vila Assunção se encontrava no domingo à noite para assistir ao filme. Alugávamos. Tinha um senhor que tinha um projetor bom e passava o filme. (Trecho da entrevista realizada em 26/01/2017)

A orla sempre foi com aspecto natural. Onde foi construída a atual sede do SAVA Clube, haviam pedras e o lugar era muito bonito. A construção foi feita em cima das pedras. Uma pena. (Trecho da entrevista realizada em 26/01/2017)

A estreita relação com o rio é significativa na memória desta geração, que pode ser percebido no relato de Marcelo Caminha, que atribuiu ao SAVA a imagem mais presente na sua lembrança e que identifica o bairro. A casa que Marcelo morava com a família fica em frente a uma das passagens para pedestres que liga a Rua Goitacaz à Av. Guaíba, em frente à prainha do SAVA, e relata:

Eu aprendi a nadar aqui no Guaíba. Minha casa ficava na Rua Goitacaz (Lote 1, quarteirão 30), esquina com a Rua Guaianá, quase em frente a escadaria que dá em frente ao SAVA. Ficávamos no rio. O SAVA tinha um trapiche. Como enxergávamos a nossa casa lá do SAVA, minha mãe colocava uma toalha na janela para nos sinalizar que o almoço estava pronto e que devíamos voltar para casa. Se não voltássemos, perdíamos o almoço e ganhávamos uma bronca. (Trecho da entrevista realizada em 19/03/2017)

Para João Teixeira, irmão de Sérgio, a imagem mais presente na sua lembrança está diretamente relacionada às experiências que viveu no SAVA, quando identifica o bairro através do espírito de

liberdade e autonomia e a imagem do rio. “Até hoje eu tenho necessidade de estar perto do rio. Saí da zona sul e tive que voltar porque sentia muita falta do rio.” (Trecho da entrevista realizada em 26/01/2017)



Fig. 193 – Imagens da família Teixeira na área do SAVA, 1960. Fonte: Acervo Família Teixeira.



Fig. 194 – Pic-Nic no SAVA, 1965. Fonte: Acervo Família Teixeira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi pautado no desafio de quem buscou na trajetória dos percursos da Vila Assunção, aprender a olhar o espaço que ali se encontra, examinando suas peculiaridades, por meio da escuta e da leitura de sua escrita, buscando responder a indagação, de “por que e como ocorreu a escolha do modelo cidade-jardim, para a elaboração e implantação do projeto urbano da Vila Assunção, em 1937, em Porto Alegre e como se deu a sua ocupação?” Tal questionamento suscitou uma série de desdobramentos durante a pesquisa, com o objetivo de contextualizar a produção e a construção do projeto de urbanização da Vila Assunção, do ponto de vista histórico e da paisagem urbana resultante a partir do modelo e do projeto efetivamente implementado. Neste sentido, a pesquisa reporta-se, às principais referências teóricas e de práticas de desenho urbano do modelo cidade-jardim, na medida em que a ideia se difundiu como uma possibilidade de organização da sociedade, construída através de uma proposta urbanística e social de Ebenezer Howard, em 1898. Durante a execução desta pesquisa, apurou-se a importância do projeto urbanístico, observada a sua recorrência em outros países, confirmada através de bibliografia especializada. A partir dos dados obtidos durante a pesquisa, considera-se que o projeto proposto para urbanização da Vila Assunção possui respaldo historiográfico e documental, uma vez que o mesmo encontra-se citado em jornais, revistas especializadas e publicações referentes a estudos urbanos.

A partir da compreensão do processo histórico de ocupação da Vila Assunção comprovou-se a hipótese pensada da pesquisa de que não só houve um interesse imobiliário no momento histórico em que ocorreu o projeto para o “Balneário Aristocrático”, como também se procurou satisfazer os interesses e anseios do imaginário de uma parcela da sociedade porto alegreense à época. Também se verificou que a paisagem urbana resultante a partir da implantação do projeto se deu através da concretização das intenções arroladas no Memorial Descritivo e representados graficamente na planta do loteamento, e que estes foram determinantes para a consolidação da imagem-paisagem da Vila Assunção.

Outro fator que responde à questão da pesquisa, diz respeito ao contexto histórico, social e político de ocupação da área da Vila Assunção, conhecida como *Ponta do Dionísio*. Para tanto, a pesquisa buscou na origem fundiária da área onde hoje está localizada a Vila Assunção, desde a concessão da sesmaria à Dionísio Mendes

Rodrigues em 1732, até a implantação do loteamento, para a elaboração de um “esquema genealógico” de transcrição das terras.

Em 1936, as terras foram arrematadas em hasta pública, passando a propriedade para a Imobiliária Assumpção Ltda. Desde o início de sua urbanização, em 1937, o bairro foi apontado como alternativa de investimento e de qualidade de vida. Estabelecido em uma época de incremento da infraestrutura de acessibilidade da zona sul de Porto Alegre, a escolha do modelo urbanístico para a construção do bairro-jardim pela empresa loteadora esteve relacionada a valorização da imagem de modernidade e ao estilo de vida propagado junto as áreas de balneário, em contato com o rio e suas praias, alcançado através do plano de urbanização do Engº Ruy de Viveiros Leiria.

O projeto da Vila Assunção, que neste ano de 2017 completa 80 anos, foi concebido com um conjunto de soluções que possibilitam a conexão entre os espaços públicos e privados, permitindo ao usuário circular pelas ruas, calçadas, passagens e praças, acessar os lotes e edificações através de percursos diversos, carregados de referências estabelecidas a partir das vivências que estão na memória individual e que, também, traduzem o imaginário coletivo do lugar, como se percebe nos relatos de moradores de um tempo vivido na Vila Assunção. Através do registro de quinze entrevistas com relatos das experiências vividas e construídas por moradores foi possível obter informações acerca das dinâmicas de ocupação e transformação do espaço. Percebe-se que as intenções formuladas na proposta original, referente a articulação dos espaços públicos, a escala volumétrica e o padrão de uso das edificações, conferiu ao lugar características singulares, que, ainda nos dias de hoje, evocam lembranças e o desejo de permanência em relação ao patrimônio material e imaterial presente nas falas aqui ouvidas.

Desta maneira, compreende-se que a Vila Assunção é um espaço urbano socialmente consolidado, na medida em que os sujeitos o transformam a partir do uso, das apropriações e das vivências, onde o espaço construído constituiu-se como lugar através das práticas sociais realizadas pelo grupo social que buscou o local para viver, aferido através das entrevistas realizadas.

Do projeto concebido, em 1937, foi possível construir a cronologia da pavimentação das vias do bairro (Fig. 195), através dos relatórios da Imobiliária Assumpção disponibilizados pela família Assumpção, e que foram determinantes para a identificação das etapas da evolução urbana do bairro.

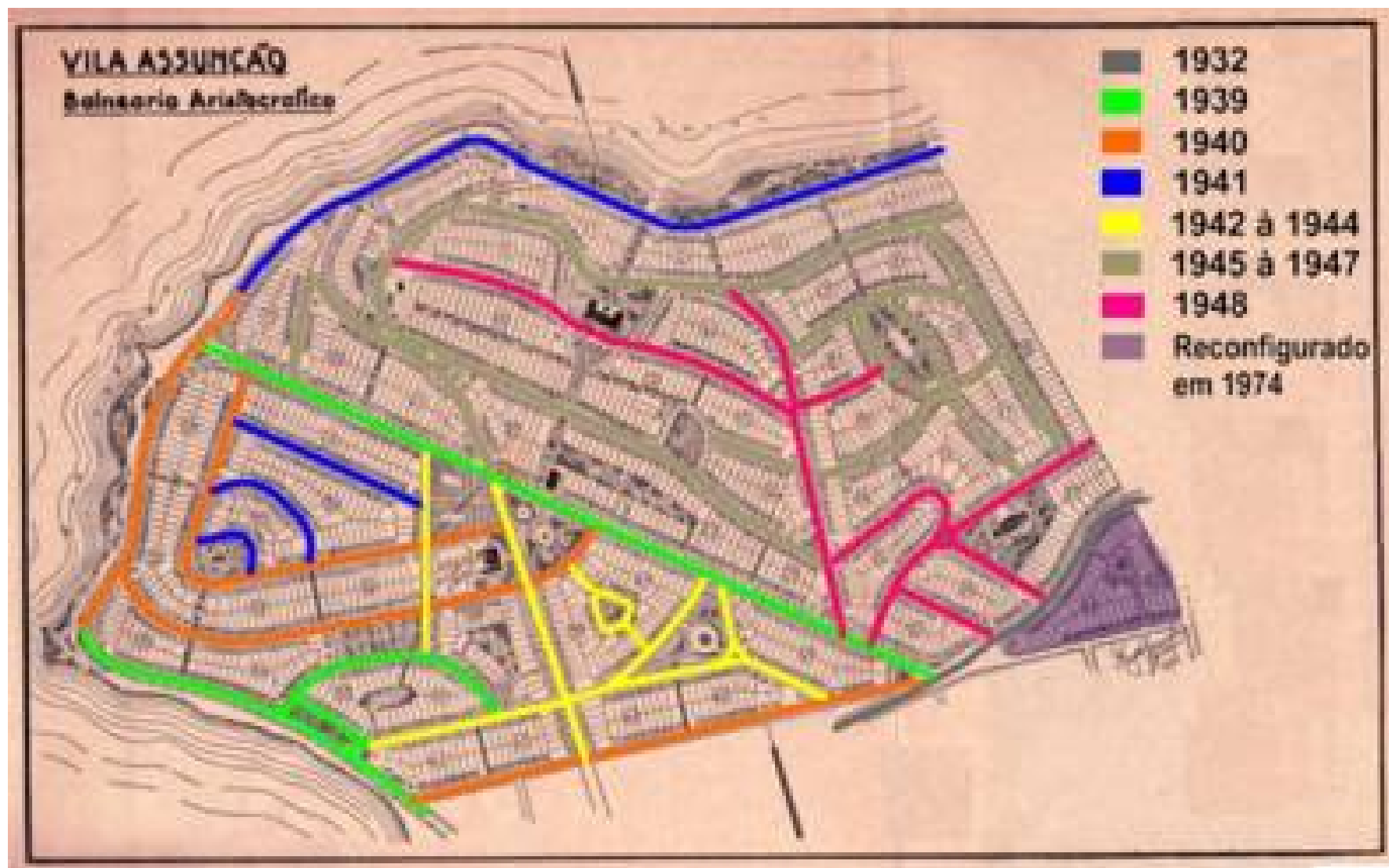


Fig. – 195 – Planta do loteamento da Vila Assunção com a cronologia do calçamento das vias. Fonte: Pesquisadora.

A construção da paisagem urbana da Vila Assunção está diretamente relacionada a ocupação do loteamento, que se deu na medida em que a infraestrutura, os equipamentos urbanos e as primeiras famílias se estabeleceram e formaram o núcleo inicial nas proximidades da Praça Araguaia, em frente ao Guaíba e ao longo do eixo central do bairro, a Av. Pereira Passos, seguindo para a parte mais elevada, nas imediações da Igreja N. Sra. Assumpção.

Mesmo que o projeto idealizado em 1937 tenha sofrido alterações em relação ao projeto realizado e aprovado em 1952 (Fig. 196), a estrutura urbana se manteve, assegurando o conjunto urbanístico e paisagístico. Entretanto, com o passar dos anos, os espaços públicos concebidos, em especial as ruas, praças e passagens para pedestres vêm sofrendo descaracterização provocadas por alterações no uso, obstrução de acesso, apropriações indevidas e falta de manutenção. Verifica-se que a condição da morfologia urbana dos espaços públicos concebidos não se mostrou um instrumento suficiente, para garantir, ao longo do tempo, o uso efetivo como forma de circulação, de apropriação e de vivência dos espaços públicos na Vila Assunção. Também nos depoimentos o desconforto com o presente é visível, quando comparam a Vila Assunção de hoje com a deste passado recente, mais tranquila, segura e agregadora.



Fig. 196 – Planta do Loteamento da Vila Assunção: o projeto implantado, 1952. Fonte: SMOV/PMPA.

Atualmente a área da Vila Assunção se insere como Área de Interesse Cultural no Plano Diretor da Cidade de Porto Alegre, fato que qualifica e distingue o lugar. Entretanto, esta distinção não tem garantido a preservação das características do conjunto urbano, nem tampouco da integridade da qualidade paisagística. As interferências na paisagem urbana decorrentes de sucessivos projetos para habitações multifamiliares, seja na

forma de condomínios de casas geminadas, seja na forma de edifícios verticalizados, são elementos que vêm descaracterizando o projeto e sua ambiência (Fig. 197). O bairro também conta com exemplares arquitetônicos representativos do contexto histórico e cultural que remetem ao desenvolvimento urbano da Vila Assunção, mas que não apresentam uma forma efetiva de proteção e de preservação. Os espaços públicos, praças, ruas, calçadas, passagens para pedestres e a orla do Guaíba, vêm sofrendo com a degradação pelo descaso do poder público e falta de mobilização da comunidade. As iniciativas dos moradores através da APROVA e do Clube de Mães não tem se mostrado suficientes para a gestão dos diferentes níveis de demanda e aspirações da comunidade, principalmente no que diz respeito ao diálogo com o poder público. As transformações ocorridas na paisagem da Vila Assunção, podem vir a descaracterizar por completo um projeto que coloca Porto Alegre como portadora de um modelo urbanístico de qualidade excepcional, comparável a outros exemplos do mesmo período histórico, já que a Vila Assunção é um dos resultados da aplicação da concepção de bairro-jardim em Porto Alegre.

Considerando esses fatos, nesta dissertação constatamos que a construção do espaço urbano da Vila Assunção ocorreu como resultado de um processo histórico que ultrapassa a iniciativa do empreendimento imobiliário através da identificação das características tipológicas e das condições socioeconômicas de seus moradores. A singularidade do bairro também se encontra na trajetória de apropriação dos espaços observada através das dinâmicas de uso daquela comunidade.

Um outro aspecto da pesquisa ficou a cargo da investigação sobre a produção técnica e trajetória profissional do Engº Ruy de Viveiros Leiria, responsável pelo projeto de urbanização para o loteamento da Vila Assunção. Constatou-se através de entrevista com a filha do profissional, dos textos publicados nas revistas da Escola de Engenharia, das informações técnicas referidas no memorial descritivo da Vila Assunção e no acervo da SMURB/SMOV, os demais projetos urbanísticos implantados e/ou projetados, a intensa e diversificada atividade profissional e de cunho pessoal do Engº Leiria que, neste ano de 2017, completa 20 anos de falecimento.

Por fim, a Vila Assunção, com sua paisagem e modelo urbanístico, vive hoje um cenário de descaracterização dos elementos constitutivos referendados no modelo de bairro-jardim. As transformações urbanas ocorridas obedecem a lógicas diferentes (em relação ao projeto de loteamento), de produção e gestão do espaço, como pode ser verificado ao longo da pesquisa. A paisagem na cidade contemporânea é o reflexo da expressão cultural, histórica, social e política, consequentemente dinâmica e em constante

transformação. Por isso, a importância de promover ações voltadas aos interesses da coletividade para o estabelecimento de políticas de proteção das paisagens urbanas de interesse cultural para que através de uma gestão eficiente possa resultar retorno econômico, manutenção da qualidade espacial e consequente pluralidade nas representações dos espaços na cidade.

Neste sentido, entende-se a relevância do espaço urbano da Vila Assunção enquanto modelo idealizado a partir da concepção das teorias para a cidade-jardim e a importância de que o bairro seja preservado dentro da estrutura urbana da cidade, considerando, acima de tudo, conhecê-lo além de suas características tipológicas. Fica aqui a sugestão, como possibilidade para uma narrativa futura, de pesquisa acerca das transformações e da imagem resultante na paisagem urbana da Vila Assunção, decorrentes da legislação vigente com o objetivo de estabelecer políticas efetivas para a gestão de espaços como a Vila Assunção, que há muito encontram-se negligenciados e que vão além da classificação de interesse cultural: são parte da nossa existência enquanto indivíduo e como sociedade.

Para concluir, cito depoimentos de três moradores que escolheram a Vila Assunção para viver e participar de forma atuante na comunidade, dois deles há mais de cinquenta anos e que, ao meu entender, expressam aquilo que podemos chamar de *espírito do lugar* (Figs. 198 e 199):

*“Estava de turista em Porto Alegre, de férias, e pensei **“Que bairro encantado e maravilhoso é este!”**, antes de vir definitivamente para morar no Brasil. Alguém me trouxe para mostrar a Vila Assunção e até hoje tenho a sensação de dobrar a curva, e perceber a simpatia das ruas fazendo suas curvas no morro, as árvores maravilhosas esticando seus galhos em cima das calçadas, que davam sombra nas calçadas, a bicharada por toda a parte, os colibris, os sabiás, os bem-te-vis, essa coisa que tem a ver com minhas raízes.”*, Kathrin Rosenfield, presidente da APROVA, moradora desse 1986.

*“Para mim o que identifica o bairro é a **cordialidade**. Eu acho que **aqui é uma grande família**. As pessoas se preocupam umas com as outras. É uma coisa que o mundo precisa. Eu tenho 86 anos e acho que ainda consigo ter essa sensação aqui na Vila. Essa coisa de querer o melhor. Essa cordialidade, tem a ver com essa coisa de querer o melhor também. **Todo mundo que mora aqui, ama o bairro**. Nós ali no Clube de Mães somos, aproximadamente, 80 pessoas e todos adoram morar aqui e gostariam que as coisas estivessem em melhor estado”,* Sra. Iára de Toledo Kraemer, sócia-fundadora do Clube de Mães, moradora desde 1961.

“A grande contribuição de viver aqui foi essa **solidariedade** entre os jovens que conviveram no bairro”, arquiteto Nestor Nadruz, morador desde 1975.



Fig. 197 - Condomínio Moradas da Assunção, Rua Chavantes. Foto: Roseli Gessinger, 2017.



Fig. 198 - Calçada na Rua Caeté. Foto: Roseli Gessinger, 2017.



Fig.199 - Morada situada na esquina da Rua Copacabana com Rua Caeté. Foto: Roseli Gessinger, 2017.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Barry Parker – Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. 1998. 486f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (USP), São Paulo, 1998.
- AGACHE, Donat-Alfred (1930) **Cidade do Rio de Janeiro. Extensão. Remodelação. Embelezamento**. Paris: Foyer Brésilien, 1930. [Introdução; pp. 5-42).
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 2015.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo : Perspectiva, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. **Le Goût du monde**. Exercices de Paysage. Arles: Actes Sud/ENSP, 2009.
- BICCA, Briane. Introdução in : POSSAMAI, Zita Rosane (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin/ Willi Bolle**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- BOSSÉ, Mathias Le. “As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 157-179.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As cidades da Cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 6 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

CABRAL, Gilberto Flores. **Distribuição Espacial dos Usos Residenciais do Solo** – O caso de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado PROPUR). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRGS. Porto Alegre, 1982.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLO, Iára Regina. **Bairros, loteamentos e condomínios: elementos para o projeto de novos territórios habitacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1.Artes de fazer**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014.

CONROUX, Pierre. **Le Paysage, um patrimoine commun**. IN: LINGEIA, Dossiers sur l'Art (lês Paysages et La Ville). Paris, nº 19, 20, octobre 1996/juin 1997. P. 146-148.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Nuno Silva. **Mapas de um “Portugal Imperial”**: Cultura e Propaganda Coloniais entre Guerras. ITC: Porto, 2011.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato (org). **Vila do IAPI: orientações e preservação**. Porto Alegre: Letras&Vida, SCPA: CMC, 2014a.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio; KLEIN, Liane (org). **Viva o Centro a pé**. Porto Alegre: Letras&Vida, SCPA: CMC, 2014b.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: ELAPE, 1979.

FRANCO, Álvaro; COUTO E SILVA, Morency de; SCHINDROWITZ, Leo. (Orgs.). **Porto Alegre: Biografia duma cidade**. Coleção: Brasília Aeterna-série Monografias. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1972.

GINZBURG, Carlo. **Raízes de um paradigma indiciário**. In **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

Guia Oficial de Turismo Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARLEY, John Brian. **Texts and Contexts in the Interpretation of Early Maps**. In: HARLEY, J.B. *The New Nature of Maps. Essays in the History of Cartography*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. 7. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&PagFis=36921>> Acesso em 04 set. 2017.

HOFMANN, Benno (1925). **Notas sobre o arruamento de cidades** (1). In: EGATEA (1/X), janeiro-fevereiro 1925, pp. 1-7; **Notas sobre o arruamento de cidades** (2). In: EGATEA (2/X), março-abril 1925, pp. 78-83.

HOWARD, E. **Cidades-Jardins de amanhã**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da zona sul de Porto Alegre**. 2010. 241 f. Dissertação mestrado no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

KOHLSDORF, M.E. 2005. Patrimônio cultural e preservação da identidade dos lugares. **Arquitetura Revista**. V.1 n.2. Acesso em: 01 set 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp. 1994.

LEENHARDT, Jaques et al (Org.). In: **História cultural da cidade: homenagem à Sandra Pesavento**. Porto Alegre: Marcavisual/PROPUR, 2015.

LEFEVBRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEVBRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LEIRIA, Ruy Viveiros. **Projeto de urbanização da Vila Assunção**. In: Boletim da Sociedade de Engenharia. Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul. 1940, n. 31. Porto Alegre: Sociedade de Engenharia, 1940.

LEIRIA, Ruy de Viveiros. **Projeto de uma Vila Balneária na cidade de Guaíba**. In: Revista de Engenharia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 9/10, ano 3, p.4-13, jun. e set. 1947.

LEIRIA, Ruy de Viveiros. **Pré-Plano para a cidade de Canoas**. In: Revista de Engenharia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 14, ano IV, p.53-73, set. 1948. Acervo Biblioteca do IPH, UFRGS.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2012.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Pôrto Alegre: origem e crescimento**. Porto Alegre: Edição Sulina. 1968.

MARX, Roberto Burle. **Arte&Paisagem: conferências escolhidas**. O paisagismo na estrutura urbana, p. 181, 1983. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

MELLO, Bruno César Euphrásio de. **O urbanismo dos arquitetos: Genealogia de uma experiência de ensino**. 2016. 389 f. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acesso às imagens do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa/organizado por Denise Stumvoll e Naida Menezes. Porto Alegre: Pallotti, 2007.

MENEGAT, Rualdo. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. 3. Ed. Ver. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

MIRANDA, Adriana Eckert. **Morar em “Locaes Futurosos” ou em “Balneários Aristocráticos”: os loteamentos tipo bairro-jardim em Porto Alegre**. Anais XVI Enanpur. Belo Horizonte: 2015. p.1-23.

MOREIRA, Rui. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

MUMFORD, Lewis. **The Story of Utopias**. Boni and Liveright Publishers. New York, 1922. [http://www.hubertlerch.com/pdf/Mumford The Story of Utopias.pdf](http://www.hubertlerch.com/pdf/Mumford%20The%20Story%20of%20Utopias.pdf). Consulta em 25/06/2017.

NASCIMENTO, Nilo de O.;BERTRAND-KRAJEWSKI, Jean-Luc; BRITTO, Ana Lúcia (2013). **Águas urbanas e urbanismo na passagem do século XIX ao XX: o trabalho de Saturnino de Brito**. In: Revista da UFMG, v.20, n.1, jan.-jun. 2013, pp.102-133.

PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e imaginário urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. (mimeo-texto para discussão).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social**. Cultura Vozes, São Paulo, n.5. 1995. p. 34-44.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário**. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, SÃO PAULO, v. 15, n.29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Textos. In: CATTANI, Airton. **Olhe por onde você anda: calçadas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Textos. In: **Intervenções urbanas na América Latina: viver no centro das cidades**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: 2012. p.23-37.

PETRY, Karina de Oliveira. **Vila Assunção analisada segundo categorias Lynchianas**. UFRGS, 1999, 19p.

PMPA-PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (1964). **Plano Diretor de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1964, p.13-48.

PORTO ALEGRE-Biografia duma cidade. Livro comemorativo do Bicentenário da fundação da cidade. Editora Tipografia do Centro S.A-Porto Alegre.

POSSAMAI, Zita Rosane (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

RIBEIRO, Demetrio. O Planejamento Urbano no Rio Grande do Sul: um depoimento sobre as vicissitudes da ideia do Plano Diretor, de 1945 até hoje. In: WEIMER, Günter (org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992, pp. 135-143.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANT'ANNA, Márcia. **Da Cidade Monumento à Cidade Documento: a trajetória da norma de preservação das áreas urbanas no Brasil, 1937-1990**. 1995. 332f. Dissertação (Mestrado Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1995.

SEEMAN, Jörn. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da Paisagem Cultural? **Periódico Espaço e Cultura**. Instituto de Geografia.UERJ.

Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7854/5682>. Acesso em 03/05/2017.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. **A cidade como um jogo de cartas**. São Paulo: Projeto, 1988.

SANTOS, José Francisco de Assumpção. **Uma Linhagem Sul-Riograndense: os Antunes Maciel. Pequeno ensaio de genealogia-histórica**. Rio de Janeiro, 1957.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHL, Z. (Org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.12-73.

SCHMID, C. **A teoria da produção do espaço em Henry Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. São Paulo: GeoUSP, nº 32, p.89-109, 2012.

SCHINDROWITZ, Leo. **Rio Grande do Sul Imagem da terra gaúcha**. 1942.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SOUZA, Célia Ferraz de. **O urbanismo europeu e sua influência no Brasil - o caso da Cidade-Jardim: O discurso e a Imagem**. In: Brazilian Studies Association – Third Conference, King's College, set. 1996.

SOUZA, Célia Ferraz de. **A Cidade-Jardim: entre o discurso e a imagem – uma reflexão sobre o urbanismo de Porto Alegre**. In: Revista Anos 90, Porto Alegre, n.14, dezembro de 2000.

SOUZA, Célia Ferraz de. O urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz de e PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens Urbanas**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Pôrto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967.

STERN, Robert A.M. **Paradise planned: the garden suburb and the modern city**. Published in the United States: Monacelli Press, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p.44.

UBATUBA DE FARIA, Luiz Arthur; PAIVA, Edvaldo Pereira (1938). **Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre**. Porto Alegre: mimeo., 1938 [Introdução; I – A evolução da cidade de Porto Alegre; II – As linhas gerais do plano diretor; III – O plano de avenidas; pp.1-86]

VARGAS, Jonas Moreira. Os charqueadores de Pelotas, suas estratégias familiares e a transmissão de patrimônio (1830-1890). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189449_ARQUIVO_TextoJonasVargas\(Anpuh-2011\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189449_ARQUIVO_TextoJonasVargas(Anpuh-2011).pdf) Acesso em: 16 out.2017.

VARGAS, Jonas Moreira. Abastecendo plantations: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). In: História (São Paulo) v.33, n.2, p. 540-566, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v33n2/0101-9074-his-33-02-00540.pdf> Acesso em: 16 out.2017.

VERDUM, Roberto (org.) [et al.]. **Paisagens: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o (s) passado (s) e o (s) futuro (s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)**. Porto Alegre, 2011, 184f. Dissertação mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WEIMER, Günter (org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992, pp.135-143.

WILKOSYNSKI, A.C. e SOUZA, C. F. Tristeza: a imagem que formou sua imagem. In: SOUZA, Célia Ferraz de, PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Imagens Urbanas**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

WOLFF, Sílvia Ferreira dos Santos. **Jardim América: O Primeiro Bairro-jardim de São Paulo e Sua Arquitetura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Diagnóstico das Passagens para Pedestres da Vila Assunção
(Parcial)

Secretaria Municipal da Cultura
Coordenação da Memória Cultural

PASSAGENS DE PEDESTRES DA VILA ASSUNÇÃO

PORTO ALEGRE - RS

2014

Roseli Gessinger
Arquiteta e Urbanista
CAU A76258-0

PASSAGENS DE PEDESTRES

VILA ASSUNÇÃO

Porto Alegre/RS

DIAGNÓSTICO



INTRODUÇÃO

Em cumprimento ao Compromisso de Ajustamento de Conduta/Inquérito Civil 00833.00113/2009, encaminho o Diagnóstico referente às Passagens de Pedestres da Vila Assunção.

As informações descritivas e fotográficas, registradas neste trabalho, foram elaboradas no período de maio a novembro de 2014.

O bairro Vila Assunção, localizado na Zona sul de Porto Alegre, entre os bairros Tristeza, Cristal e Camaquã, foi projetado em 1937, numa área com topografia irregular, configurada com uma parte plana e outra acidentada, contemplando parte das margens do Guaíba, caracterizado, na época do empreendimento, como um *Balneário*.

O projeto para urbanização desta área, de autoria do Engº Ruy de Viveiros Leiria, foi elaborado de acordo com os conceitos de Cidade Jardim, qual seja, parcela residencial da cidade, que estrutura-se com baixas densidades populacionais integradas aos elementos naturais típicos da paisagem local.

Estes elementos, aliados à qualidade do projeto urbanístico, são aspectos que qualificam o espaço urbano e que determinam valores de referência na identidade e na estrutura do bairro.

A Vila Assunção é uma referência na imagem urbana da cidade, principalmente no que diz respeito aos elementos do seu patrimônio natural e paisagístico: o sítio físico, constituído através do relevo e do Rio Guaíba; o tecido urbano, formado pelo conjunto de ruas, quarteirões, lotes, edificações, praças e parques, somados a flora e a fauna.

Na implantação do loteamento, as curvas de nível da área foram respeitadas, gerando quarteirões com formas irregulares (orgânicas), com grandes extensões e com desníveis topográficos acentuados entre suas ruas. Desta maneira, foram inseridas passagens entre os quarteirões, para uso de pedestres, a fim de vencerem esses desníveis e atingirem o interior das quadras de maneira rápida e eficiente. Estas passagens, quando abertas, são utilizadas para circulação, mesmo de forma precária. Apresentam conexões entre si, entre os espaços de convivência públicos e, principalmente, ligações às vias estruturadoras do bairro, onde ocorre a circulação de transporte público (ônibus).

No traçado original do bairro, o conjunto das passagens para pedestres era parte da estrutura do espaço urbano, como forma de melhorar a acessibilidade e mobilidade dos usuários.



Mapa do projeto de implantação da Vila Assunção com a indicação dos quarteirões, vias, lotes, praças e das passagens para pedestres (numeração definida para este estudo)

PASSAGEM 1

(numeração definida para este estudo)

Rua Copacabana – Rua Chavantes – Praça João Bergman

**Mapa com a implantação da Vila Assunção e a indicação da
Passagem 1**



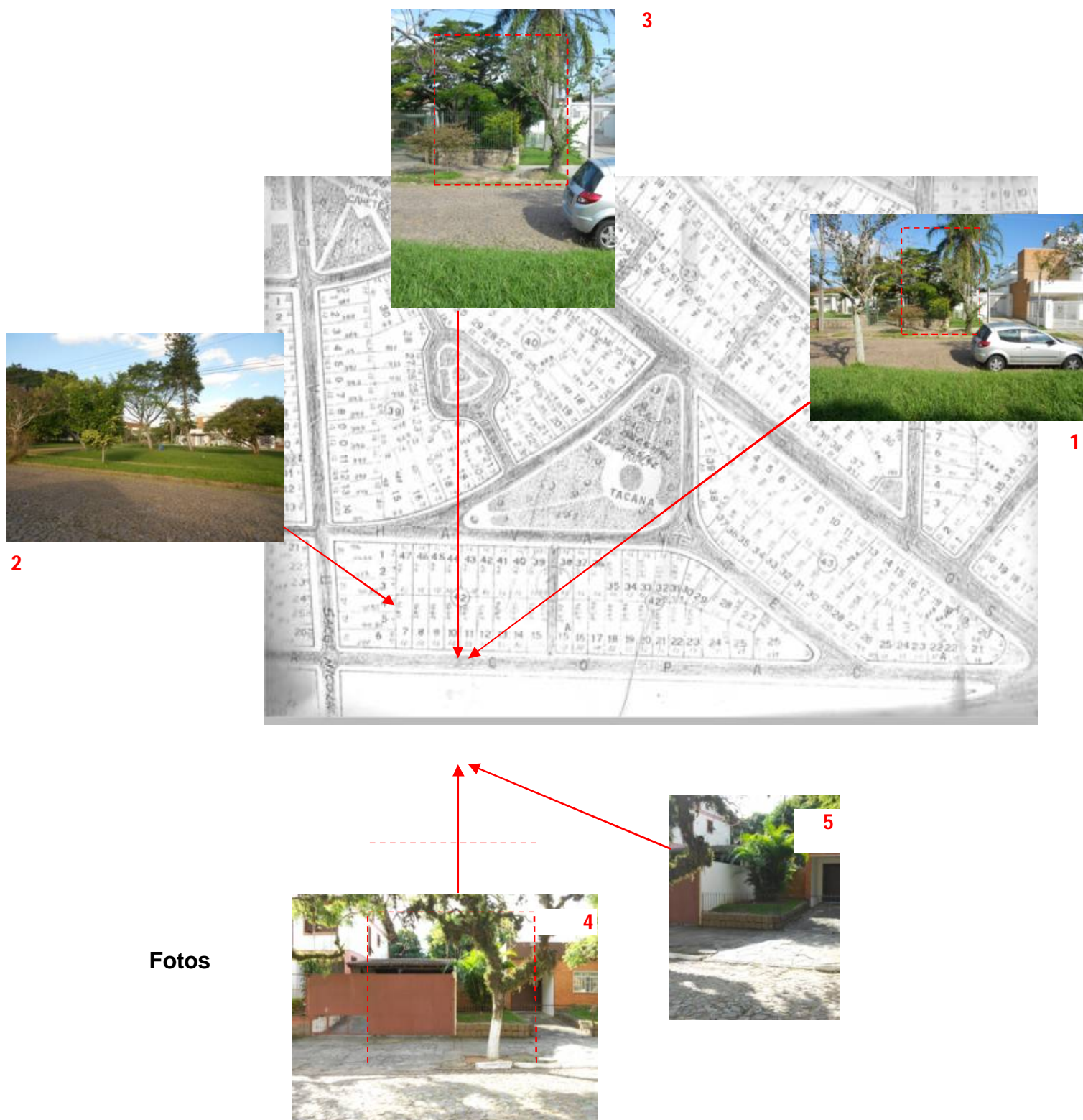
Passagem 1

Mapa parcial da Vila Assunção com a localização da Passagem 1

(numeração definida para este estudo)

Av. Copacabana entre os nºs 450 e 460

Rua Chavantes entre os nºs 475 e 497



Passagem 1 – Rua Chavantes



Imagem 1 – Área originalmente proposta para a Passagem 1, localizada na Rua Chavantes com os prédios lindeiros nº 497 e nº 475



Imagem 2 – Vista do local de acesso à Passagem 1, a partir da Praça João Bergman



Imagem 3 – Vista da Rua Chavantes com a delimitação da área (em vermelho) originalmente proposta para a Passagem 1, e a ocupação dos lindeiros nº 475 e nº 497

Passagem 1 – Rua Copacabana



Imagem 4 – Área originalmente proposta para a Passagem 1, localizada na Rua Copacabana entre os imóveis nº 450 e nº 460



Imagem 5 – Passagem 1 – Vista da Rua Copacabana nº 460, com o recuo de jardim e parte murada dos imóveis que anexaram a passagem aos lotes

DIRETRIZES	PASSAGEM	
	Rua Copacabana	Rua Chavantes
É utilizada por pessoas como atalho para os moradores das redondezas?	Não. Encontra-se fechada com muro de alvenaria e portão de ferro.	Não. Encontra-se fechada com muro de pedras e grade.
Está ocupada. Descreva o tipo de ocupação.	Sim. Está cercada no alinhamento da Av. Copacabana, apresentando vegetação sobre o recuo de jardim da edificação lindeira nº 460 e construção de telhado para abrigo de automóveis na edificação lindeira nº 450.	Sim. Uma parte está anexada ao jardim lateral da edificação lindeira nº 497 e ao jardim do condomínio lindeiro nº 487.
Possuí iluminação?	Não foi possível verificar. Acesso restrito.	Sim. Luminárias do tipo balizadoras instaladas sobre o jardim lateral do condomínio lindeiro nº 487.
Existem aberturas ou acessos aos lindeiros?	Não.	A passagem foi dividida entre os dois lotes lindeiros, sendo de uso restrito aos moradores do condomínio e da residência.
Está calçada?	A passagem foi dividida entre os dois lotes lindeiros, possuindo área ajardinada no recuo de jardim da edificação nº 460 e piso de cimento no acesso e no abrigo para automóveis da edificação nº 450.	Não. Apresenta área ajardinada com grama.
Possuí redes aéreas ou subterrâneas sobre a passagem?	Consultar CEEE, Dep e DMAE	Possui o relógio de leitura d'água e a rede elétrica subterrânea da iluminação do jardim do condomínio lindeiro nº 487.
Estado de conservação. Descreva o estado de conservação.	Regular. As áreas possuem acesso e visual restrito por estarem anexadas aos lotes lindeiros e, com uso limitado aos mesmos.	Bom. São áreas ajardinadas anexadas aos lotes lindeiros, mas de uso exclusivo aos mesmos.
Apresenta valor ambiental por estar conectada com as demais passagens e praças do bairro?	Sim, se for possível o acesso.	Sim, se for possível o acesso.
Possuí valor para a mobilidade urbana dos moradores da região?	Sim, se for viabilizado o acesso.	Sim, se for viabilizado o acesso.

Possuí intersecção com o sistema viário do entorno?	Sim, se for viabilizado o acesso e se considerarmos a proposta do projeto original	Sim, se for viabilizado o acesso e se considerarmos a proposta do projeto original.
É importante para acesso a espaços públicos do bairro, como praças, quadras esportivas ou parques?	Sim, originalmente o projeto viabilizava e facilitava o acesso de pedestres da Rua Copacabana ao interior do quarteirão e ao centro da Praça João Bergman.	Sim, originalmente o projeto viabilizava e facilitava o acesso de pedestres da Rua Copacabana ao interior do quarteirão e ao centro da Praça João Bergman.
A passagem representa risco à segurança pública dos moradores da região?	Não. Atualmente encontra-se fechada e com acesso limitado aos moradores dos lotes lindeiros .	Não. Atualmente encontra-se fechada e com acesso limitado aos moradores dos lotes lindeiros .
A passagem apresenta visual de interesse paisagístico em especial permitindo a visualização da orla do Guaíba?	Não, se considerarmos a relação direta com a orla do Guaíba. Sim, se considerarmos o percurso que poderia ser feito a partir da Rua Copacabana em direção a Rua Chavantes, ao encontrarmos a Praça João Bergman como ponto focal e de distribuição às demais vias e espaços do bairro.	Não se considerarmos a relação direta com a orla do Guaíba. Sim, se considerarmos o percurso que poderia ser feito a partir da Rua Chavantes em direção a Rua Copacabana, via que dá acesso à orla do Guaíba e as demais vias e espaços públicos da Vila Assunção e do bairro Tristeza.
Descreva as medidas necessárias à restauração do valor ambiental da passagem de pedestres.	<ul style="list-style-type: none"> - Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos terrenos lindeiros; - Remoção do muro, grades e portão existentes no alinhamento dos lotes da Av. Copacabana nº 450 e nº 460 e da Rua Chavantes nº 475 e nº 497; - Remoção da construção que se encontra edificada sobre a projeção original da passagem para pedestres nos terrenos da Av. Copacabana nº 450 e nº 460; - Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem; - Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção; - Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação e segurança dos pedestres, incluindo iluminação; - Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos pavimentados. 	

PASSAGENS 3 e 4

(numeração definida para este estudo)

**Av. Guaíba – Rua Dr. Possidônio da Cunha – Rua Goitacaz –
Praça José Assunção (Capela da Assunção)**

**Mapa com a implantação da Vila Assunção e a indicação das
Passagens 3 e 4**



Passagem 3

Passagem 4

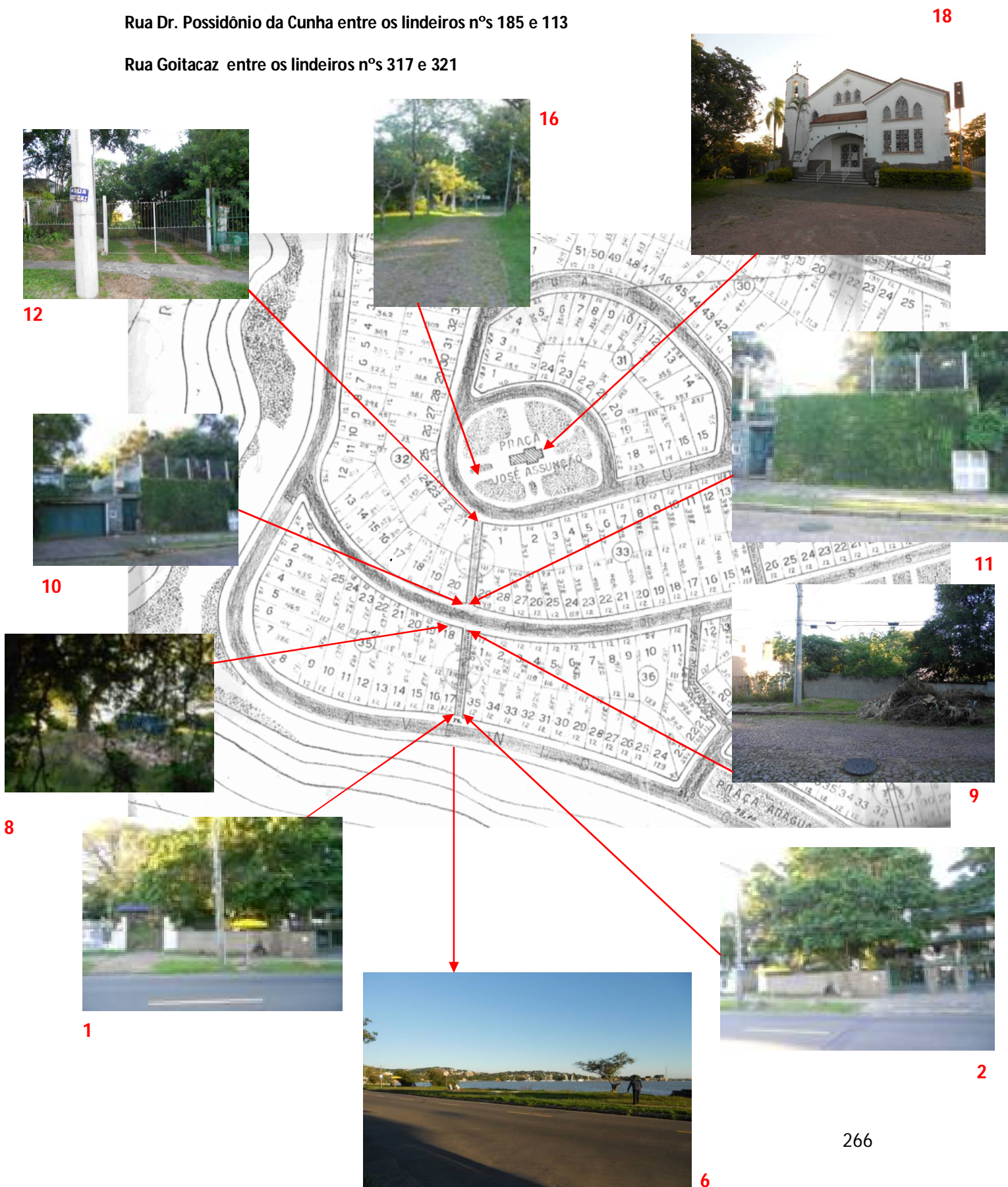
Mapa parcial da Vila Assunção com a localização das Passagens 3 e 4

(numeração definida para este estudo)

Av. Guaíba entre os lindeiros nºs 4602 e 4622

Rua Dr. Possidônio da Cunha entre os lindeiros nºs 185 e 113

Rua Goitacaz entre os lindeiros nºs 317 e 321



Fotos

Passagem 3 – Av. Guaíba



Imagem 1 - Passagem 3 – Vista da Av. Guaíba

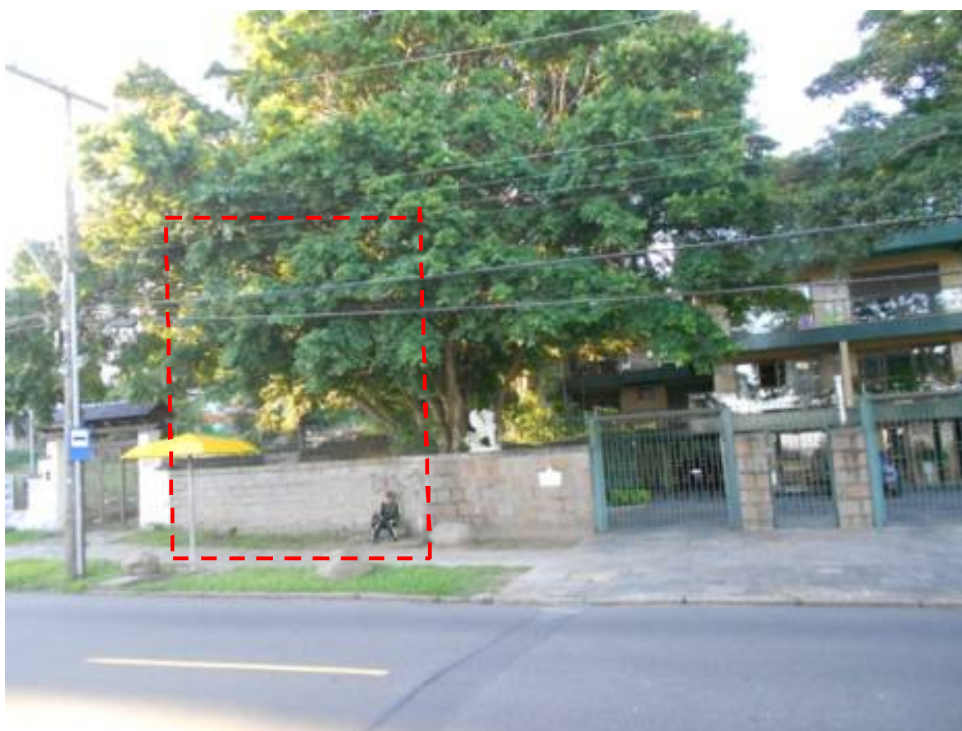


Imagem 2 – Vista do prédio lindeiro a Passagem 3, nº 4622, com alinhamento na Av. Guaíba



Imagem 3 – Vista do terreno lindeiro a Passagem 3, nº4602, com alinhamento na Av. Guaíba



Imagem 4 – Vista do interior da Passagem 3 a partir da Av. Guaíba. Construção existente junto ao muro do terreno lindeiro, sobre a Passagem 3. Observam-se os degraus das escadas remanescentes do projeto original e galhos da figueira projetados sobre a passagem.



Imagem 5 – Detalhe dos degraus das escadas remanescentes do projeto original. Ao fundo, o muro que divide a Passagem 3 com o lote lindeiro na testada dos fundos, voltado para a Rua Dr. Possidônio da Cunha nº 185.



Imagem 6 e 7- Visual da Av. Guaíba em frente a Passagem 3, com usuários na calçada, o Guaíba e a Vila Conceição, ao fundo



Imagem 7

Passagem 3 – Rua Dr. Possidônio da Cunha

Situação atual (2014)



Imagem 8 – Vista a partir da Rua Dr. Possidônio da Cunha, da área interna do terreno lindeiro à Passagem 3, com frente voltada para a Av. Guaíba nº 4602

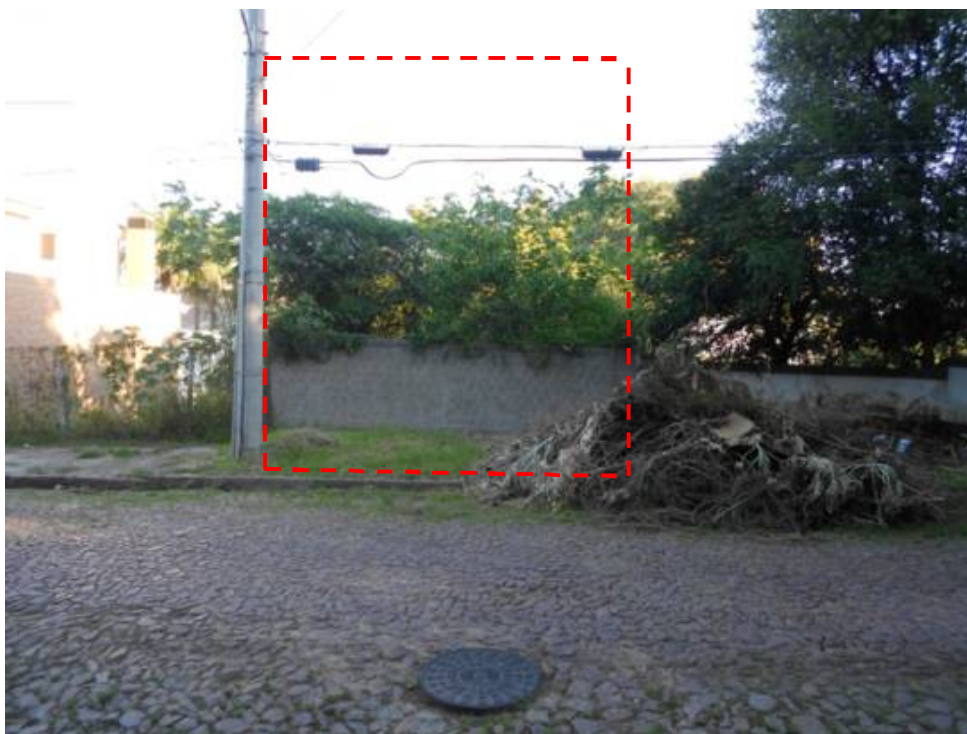


Imagem 9 – Passagem 3 - vista do acesso murado na Rua Dr. Possidônio da Cunha, entre os terrenos lindeiros nº 185 e o terreno que compreende a área desde a Av. Guaíba nº 4622 até a Rua Dr. Possidônio da Cunha

Passagem 3 – Rua Dr. Possidônio da Cunha

Situação anterior (2009). Imagens fornecidas por Jacqueline Custódio



Vista da Passagem 3 a partir da Rua Possidônio da Cunha, em direção à Av. Guaíba



Vista das escadarias de acesso à Rua Possidônio da Cunha a partir da Av. Guaíba e, mais ao fundo, do tapume junto ao passeio da Rua Dr. Possidônio da Cunha entre os lindeiros nº 138 e nº 182

Passagem 4 – Rua Dr. Possidônio da Cunha

Situação atual (2014)



Imagem 10 – Passagem 4 – Vista da Rua Dr. Possidônio da Cunha com o muro de arrimo edificado na área originalmente destinada ao acesso à escadaria, aparentemente anexado ao lote lindeiro nº 182



Imagem 11 – Passagem 4 – Vista da casa nº 138, lindeira ao muro edificado na área originalmente destinada a Passagem 4 e onde havia a escadaria de acesso à Praça José Assunção

Passagem 4 – Rua Dr. Possidônio da Cunha

Situação anterior (2009). Imagens fornecidas por Jacqueline Custódio



Vista da escadaria de acesso à Passagem 4, a partir da Rua Possidônio da Cunha em direção a Rua Goitacaz e a Praça José Assunção (Capela da Assunção)



Vista do tapume instalado junto ao passeio da Rua Possidônio da Cunha para realização das obras de remoção das escadarias da Passagem 4, que viabilizavam o acesso à Rua Goitacaz e à Praça José Assunção (Capela da Assunção)

Passagem 4 – Rua Goitacaz



Imagem 12 – Passagem 4 – Vista da Rua Goitacaz – fechado acesso público com grade e portão cadeado

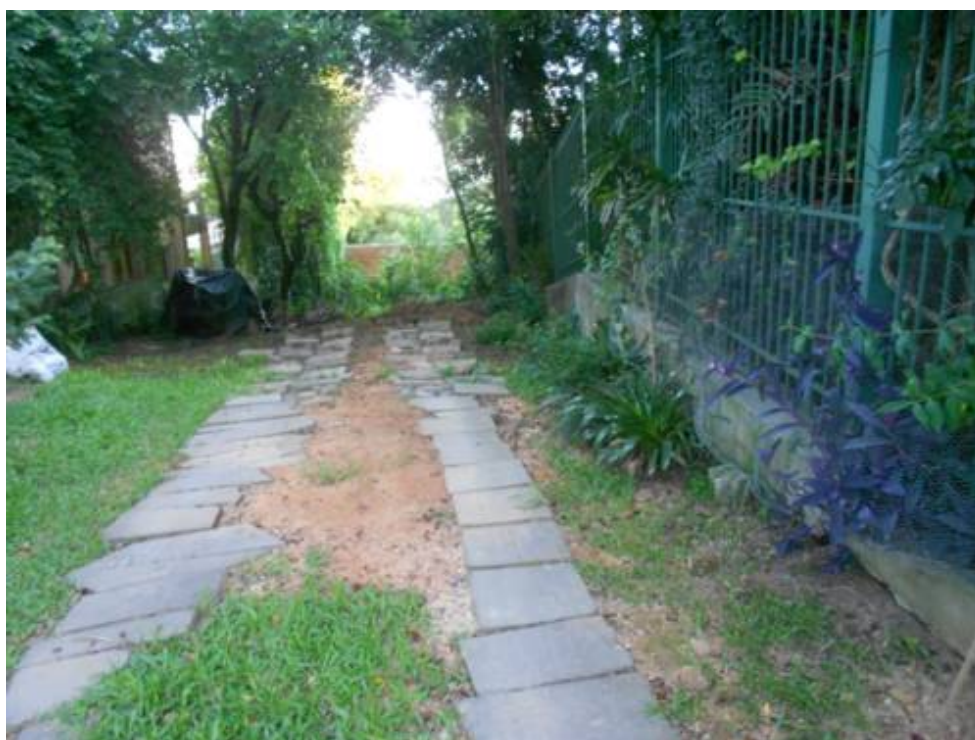


Imagem 13 e 14 – Passagem 4: caminho pavimentado com pedras irregulares para acesso de automóveis, grades das casas lindeiras e muro de alvenaria de tijolos ao fundo, delimitando parte da Passagem 4 com o limite de fundos do lote voltado para a Rua Possidônio da Cunha nº 182



Imagem 14

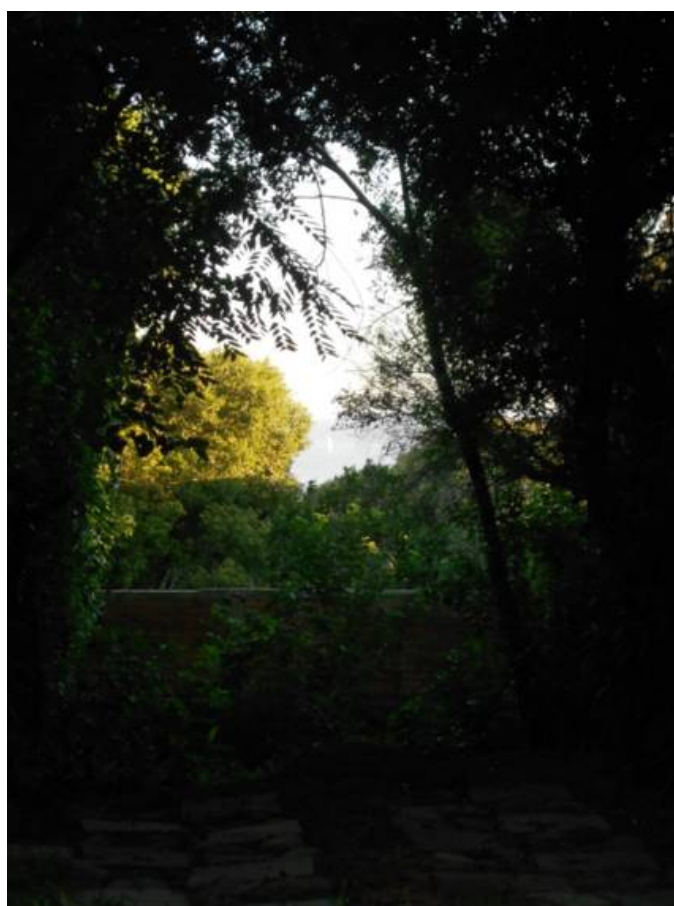


Imagem 15 – Visual do interior da Passagem 4, com vista do Guaíba ao fundo



Imagem 16 – Via de acesso à Praça José Assunção (Capela da Assunção), para a conexão com a Rua Goitacaz e com a Passagem 4 (atualmente fechada com portão cadeado)



Imagem 17 – Vista da Praça José Assunção e lateral da Capela da Assunção a partir do acesso da Rua Goitacaz



Imagem 18 – Praça José Assunção – Capela da Assunção

DIRETRIZES	PASSAGEM 3		PASSAGEM 4	
	Av. Guaíba	Rua Dr. Possidônio da Cunha	Rua Dr. Possidônio da Cunha	Rua Goitacaz
É utilizada por pessoas como atalho para os moradores das redondezas?	Não. Encontra-se fechada com muro de pedras e grade.	Não. Encontra-se fechada com muro de alvenaria.	Não. Encontra-se fechada com muro de arrimo e foi anexada ao lote lindeiro nº 182.	Não. Encontra-se fechada com portão de ferro.
Está ocupada. Descreva o tipo de ocupação.	Está murada no alinhamento da Av. Guaíba e parcialmente aberta para o prédio lindeiro nº 4622.	Está murada no alinhamento da Rua Possidônio da Cunha, apresentando somente, vegetação em seu interior.	Sim. Está anexada ao prédio lindeiro nº 182. Entretanto, não foi possível verificar o tipo de ocupação da área.	O acesso é restrito. Está fechada com portão e cadeado. Possui caminho pavimentado com pedras irregulares
Possui iluminação?	Não.	Não.	Não foi possível verificar. Está numa cota elevada a mais de 3m do nível do passeio.	Não.
Existem aberturas ou acessos aos lindeiros?	Sim. Está integrada ao terreno lindeiro nº4622, nos 7m de sua largura e 30m de profundidade.	Não. Está murada.	Não foi possível verificar. Encontra-se anexada ao prédio lindeiro de nº182, e numa cota elevada do nível do passeio	Não.
Está calçada?	Apresenta areia e pedras no piso e escadas remanescentes da implantação original. Internamente possui um muro de pedras circundando as raízes e o tronco da Figueira existente.	Não.	Não foi possível verificar. Está numa cota elevada a mais de 3m do passeio.	Possui caminho pavimentado, possivelmente, para automóveis com pedras irregulares.

Possui redes aéreas ou subterrâneas sobre a passagem?	Possui uma construção que serve como depósito ou casa de máquinas/gás do prédio lindeiro nº 4622.	Apresenta poste no passeio com a projeção de um cabo sobre o lote. Consultar CEEE, DEP e DMAE.	Consultar CEEE, DEP e DMAE.	Consultar CEEE, DEP e DMAE.
Estado de conservação. Descreva o estado de conservação.	Regular. Apresenta vegetação de grande porte imune ao corte: Figueira	A área está murada e, aparentemente, encontra-se abandonada.	Não foi possível verificar por estar numa cota elevada do nível do passeio.	Regular.
Apresenta valor ambiental por estar conectada com as demais passagens e praças do bairro?	Sim, muito, se for possível o resgate do acesso.	Sim, muito, se for possível o resgate do acesso.	Sim, muito, se for possível o resgate do acesso.	Sim, muito, se for possível o resgate do acesso.
Possui valor para a mobilidade urbana dos moradores da região?	Sim, se for reaberto o acesso.	Sim, se for reaberto o acesso.	Sim, se voltar a haver conexão com a passagem 3.	Sim, se voltar a haver conexão com a passagem 3.
Possui intersecção com o sistema viário do entorno?	Sim, principalmente se considerarmos a intenção do projeto original e a situação atual.	Sim, principalmente se considerarmos a intenção do projeto original e a situação atual.	Sim, principalmente se considerarmos a intenção do projeto original e a situação atual.	Sim, principalmente se considerarmos a intenção do projeto original e a situação atual.
É importante para acesso a espaços públicos do bairro, como praças, quadras esportivas ou parques?	Sim, originalmente, o projeto viabilizava e facilitava o acesso de pedestres ao interior do quarteirão e, posteriormente, até a Praça da Capela Assunção.	Sim, originalmente, o projeto viabilizava e facilitava o acesso de pedestres ao interior do quarteirão e, posteriormente, até a Praça da Capela Assunção.	Sim, originalmente o projeto previa o acesso de pedestres e sua conexão entre quarteirões até a Praça da Capela Assunção e ao mirante para o Guaíba.	Sim, originalmente o projeto previa o acesso de pedestres e sua conexão entre quarteirões até a Praça da Capela Assunção e ao mirante para o Guaíba.
A passagem representa risco à segurança pública dos moradores da região?	Não.	Não.	Não.	Não.
A passagem apresenta visual de interesse paisagístico em especial permitindo a visualização da orla do Guaíba?	Sim, muito.	Sim, muito.	Sim, muito.	Sim, muito.

<p>Descreva as medidas necessárias à restauração do valor ambiental da passagem de pedestres.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos lindeiros; - Remoção do muro e grade existentes no alinhamento do lote da Av. Guaíba nº 4622; - Remoção da construção que se encontra junto ao muro do terreno lindeiro nº4602, com projeção sobre a área originalmente projetada para a passagem; - Implantação de pavimentação adequada à circulação de pedestres contemplando a manutenção dos degraus das escadas originais existentes no local; - Demolição do muro de alvenaria de tijolos construído junto ao alinhamento do lote na Rua Dr. Possidônio da Cunha, lindeiro ao nº 185, que impede a circulação na área originalmente projetada para a passagem; - Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem 3, tornando possível o percurso desde a Av. Guaíba até a Rua Dr. Possidônio da Cunha; - Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção; - Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação; - Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demolição do muro de arrimo construído na Rua Dr. Possidônio da Cunha junto ao nº 182, que impede a livre circulação nesta área que já foi dotada de uma escadaria, projetada para a passagem de pedestres, inserida de forma harmônica no contexto do lugar; - Remoção das grades e do portão de ferro existente no local de acesso a passagem original na Rua Goitacaz entre os imóveis nº 317 e nº 321; - Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem 4, tornando possível o percurso desde a Rua Dr. Possidônio da Cunha até a Praça José Assunção; - Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção; - Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação; - Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.
---	--	--

PASSAGEM 6

(numeração definida para este estudo)

Av. Guaíba – Rua Goitacaz

**Mapa com a implantação da Vila Assunção e a indicação da
Passagem 6**

Passagem 6

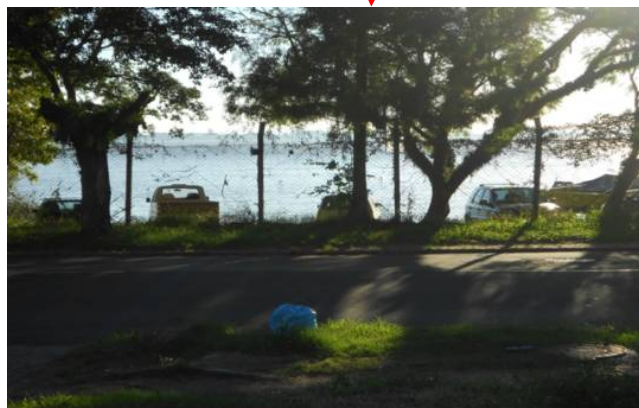


Mapa Parcial da Vila Assunção com a localização da Passagem 6

(numeração definida para este estudo)

Av. Guaíba entre os lindeiros nºs 4186 e 4226

Rua Goitacaz entre os lindeiros nºs 179 e 191



Fotos

Passagem 6 – Av. Guaíba

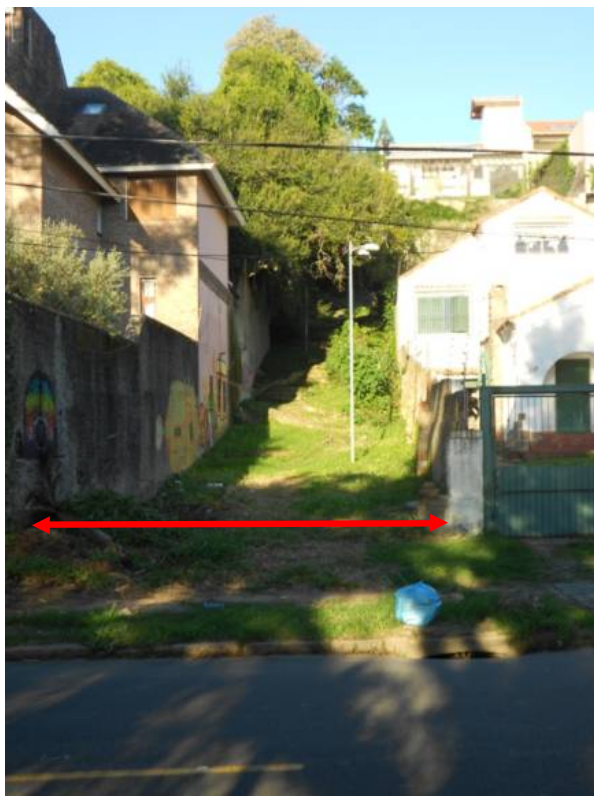


Imagem 1 – Passagem 6 – Vista do acesso aberto ao público através da Av. Guaíba



Imagem 2 – Passagem 6 – Vista do acesso na Av. Guaíba e dos imóveis lindeiros



Imagem 3 – Passagem 6 – Acesso a partir da Av. Guaíba e vista do muro da edificação lindeira nº 4186



Imagem 4 – Passagem 6 – Acesso a partir da Av. Guaíba com os muros das edificações lindeiras nº 4186 e nº 4226

Passagem 6 – Rua Goitacaz



Imagem 5 – Passagem 6 - Vista do acesso aberto ao público através da Rua Goitacaz



Imagem 6 – Passagem 6 – Acesso através da Rua Goitacaz com pequeno muro frontal e lateral da edificação lindeira nº191



Imagem 7 – Passagem 6 – Vista do interior da área da passagem a partir do acesso da Rua Goitacaz, com os muros e aberturas da edificação lindeira nº 179, voltadas para o interior da passagem

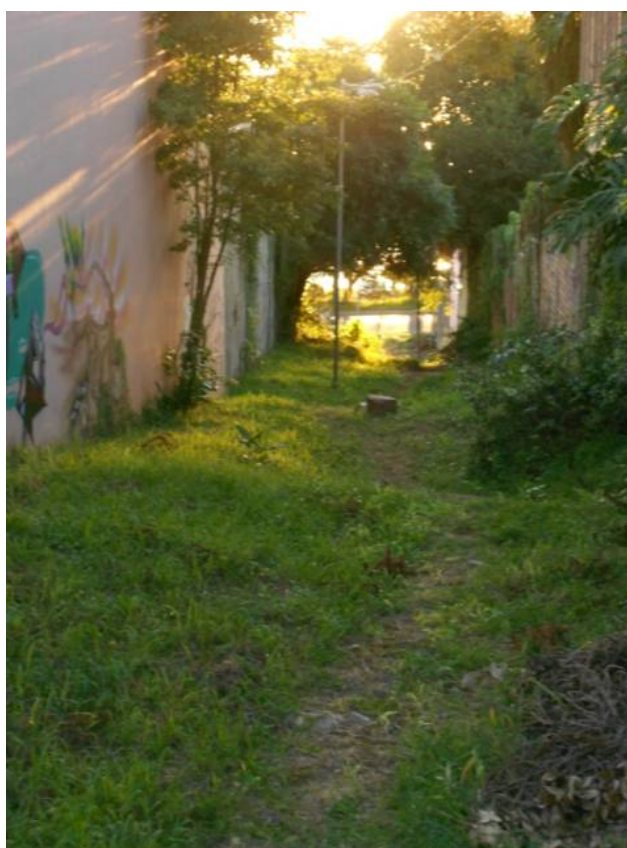


Imagem 8 – Vista interna da Passagem 6 e da marcação do caminho natural percorrido por pedestres, partindo da Rua Goitacaz em direção à Av. Guaíba



Imagem 9 – Vista do Guaíba, de parte da área do Sava Clube, e da Av. Guaíba a partir da frente do acesso à Passagem 6

DIRETRIZES	PASSAGEM 6	
	Av. Guaíba	Rua Goitacaz
É utilizada por pessoas como atalho para os moradores das redondezas?	Não foi possível registrar algum usuário no local. Apesar de possuir acesso livre e de estar “aberta”, a circulação é precária. Encontra-se abandonada.	Aparentemente está mais integrada ao ambiente e à rua. Está roçada mas o percurso até a conexão com a Av. Guaíba não apresenta pavimentação contínua e não oferece segurança.
Está ocupada. Descreva o tipo de ocupação.	Não. É aberta e possui livre acesso.	Não. É aberta e possui livre acesso.
Possui iluminação?	Sim. Possui postes de iluminação ao longo da passagem.	Sim. Possui postes de iluminação ao longo da passagem.
Existem aberturas ou acessos aos lindeiros?	Não.	Apresenta aberturas de janelas para iluminação/ventilação das edificações lindeiras nº179 e nº191, mas sem acesso a passagem.
Está calçada?	Apresenta algumas escadarias remanescentes da pavimentação original. Demais trajeto está sem calçamento.	Apresenta algumas escadarias remanescentes da pavimentação original. Demais trajeto está sem calçamento.
Possui redes aéreas ou subterrâneas sobre a passagem?	Consultar CEEE, Dep e DMAE.	Consultar CEEE, Dep e DMAE.
Estado de conservação. Descreva o estado de conservação.	Aparentemente encontra-se abandonada. Entretanto, foram executados trabalhos de grafiteiros no muro do lote lindeiro nº 4186, voltado para a passagem .	Aparentemente encontra-se abandonada. Entretanto, foram executados trabalhos de grafiteiros no muro do lote lindeiro nº 191, voltado para a passagem .
Apresenta valor ambiental por estar conectada com as demais passagens e praças do bairro?	Sim. Possui ligação direta com a Av. Guaíba e com Clube Náutico (Sava Clube).	Sim. Viabiliza uma ligação direta com a Av. Guaíba a partir da Rua Goitacaz.

Possuí valor para a mobilidade urbana dos moradores da região?	Sim, muito. A parada de ônibus encontra-se na Av. Guaíba, em frente ao acesso da passagem.	Sim. Facilita a mobilidade dos pedestres para as ruas e demais acessos do entorno.
Possuí intersecção com o sistema viário do entorno?	Sim, conecta-se diretamente ao meio do quarteirão, à Rua Goitacaz e as ruas Guaianá e Potiguara.	Sim, permite o acesso direto à Av. Guaíba a partir do centro do quarteirão, viabilizando a circulação das ruas do entorno imediato.
É importante para acesso a espaços públicos do bairro, como praças, quadras esportivas ou parques?	Sim, permite o acesso direto dos pedestres do entorno da Praça José Assunção com os parques náuticos localizados na Av. Guaíba.	Sim, permite o acesso direto dos pedestres a partir do interior do quarteirão até a Av. Guaíba, tendo como pano de fundo o Guaíba e o Sava Clube.
A passagem representa risco à segurança pública dos moradores da região?	Não, desde que seja restabelecido o uso e a circulação segura das pessoas.	Não, desde que seja restabelecido o uso e a circulação segura das pessoas.
A passagem apresenta visual de interesse paisagístico em especial permitindo a visualização da orla do Guaíba?	Sim, muito. O Guaíba representa a grande perspectiva de visuais nesta passagem.	Sim, muito. O Guaíba representa a grande perspectiva de visuais nesta passagem.
Descreva as medidas necessárias à restauração do valor ambiental da passagem de pedestres.	<ul style="list-style-type: none"> - Passagem totalmente aberta e com vestígios dos degraus da escadaria original. Foi roçada recentemente e os muros lindeiros foram grafitados nas laterais das casas; - A passagem deve ser recuperada a fim de possibilitar e facilitar o uso dos moradores e usuários. As pessoas tem dificuldade em realizar o percurso através da passagem devido a falta de pavimentação e ao material orgânico resultante da poda das árvores que é depositado sistematicamente no local; - Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres levando em consideração os caminhos informais existentes e incluindo iluminação; - Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos. 	

PASSAGEM 11

(numeração definida para este estudo)

Av. Pereira Passos – Rua Cariri

**Mapa com a implantação da Vila Assunção e a indicação da
Passagem 11**



Passagem 11

Mapa parcial da Vila Assunção com a localização da Passagem 11

(numeração definida para este trabalho)

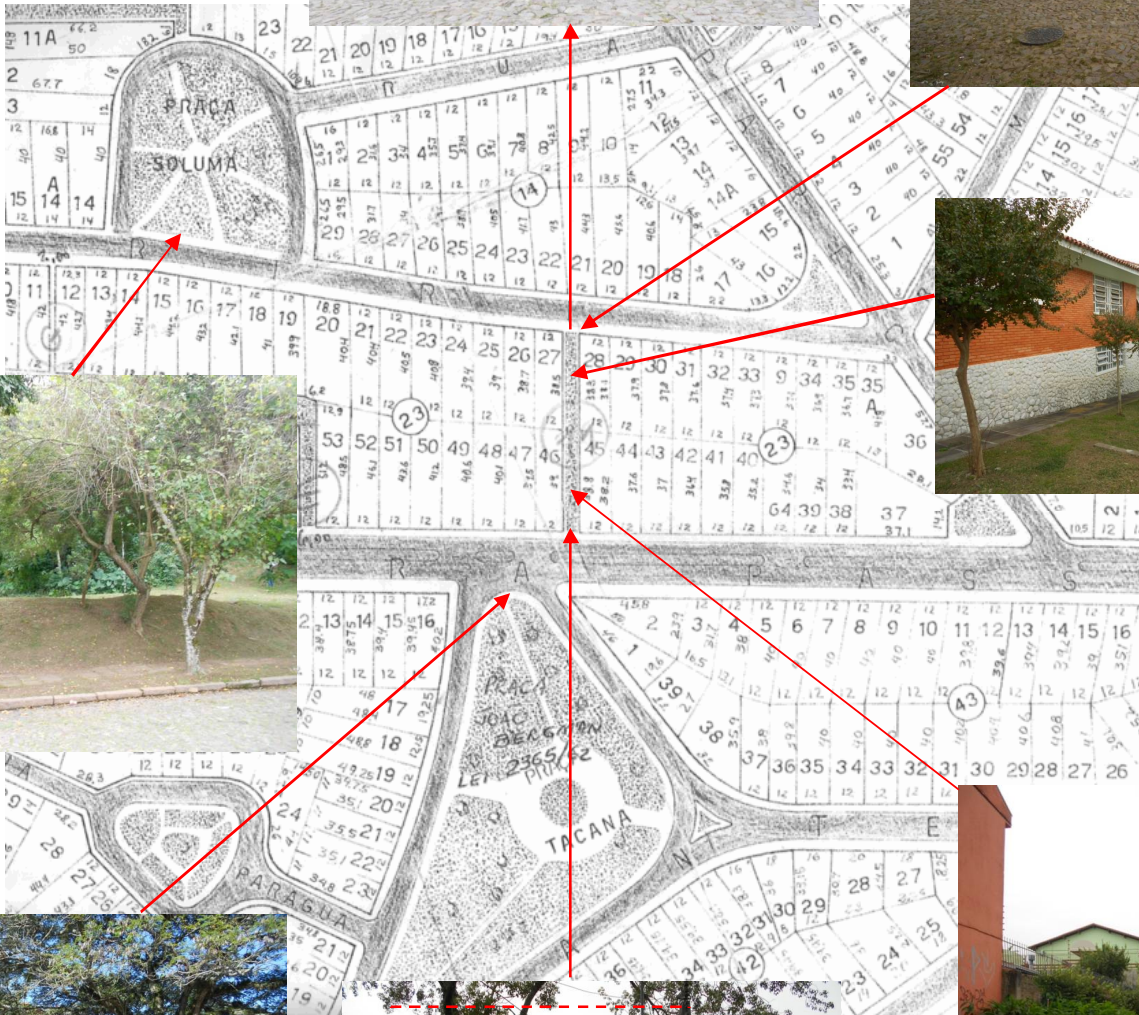
Av. Pereira Passos entre os lindeiros nºs 860 e 878

Rua Cariri entre os lindeiros nºs 120 e 142

8



6



9



7



4



1



2

Fotos

Passagem 11 – Av. Pereira Passos



Imagem 1 – Passagem 11 – acesso aberto ao público na Av. Pereira Passos



Imagem 2 – Vista do caminho pavimentado no interior da Passagem 11 a partir da Av. Pereira Passos, em direção a Rua Cariri



Imagem 3 – Vista da Praça João Bergman, localizada em frente à Passagem 11, a partir da Av. Pereira Passos, via estruturadora do bairro



Imagem 4 – Vista da Praça João Bergman e da parada de ônibus, localizada praticamente no alinhamento do acesso à Passagem 11

Passagem 11 - Rua Cariri



Imagem 6 – Vista da Rua Cariri e do acesso à Passagem 11, com os imóveis lindeiros nº120 e nº 142 e a guarita instalada no passeio, com segurança privado



Imagem 7 – Vista do interior da Passagem 11, a partir da Rua Cariri em direção à Av. Pereira Passos, com os caminhos pavimentados, e aberturas (janelas), dos imóveis lindeiros



Imagem 8 – Edificação com características arquitetônicas singulares e de forte identidade com o conjunto de imóveis ainda presentes no bairro, localizada na Rua Cariri, em frente ao acesso da Passagem 11



Imagem 9 – Vista da Praça Solumá e parte da área voltada para a Rua Cariri

DIRETRIZES	PASSAGEM 11	
	Av. Pereira Passos	Rua Cariri
É utilizada por pessoas como atalho para os moradores das redondezas?	Sim.	Sim.
Está ocupada. Descreva o tipo de ocupação.	Não. É aberta e possui livre acesso e circulação.	Não. É aberta e possui livre acesso e circulação.
Possui iluminação?	Sim.	Sim.
Existem aberturas ou acessos aos lindeiros?	Não.	Sim. Algumas janelas das edificações lindeiras nº 120 e nº 142.
Está calçada?	Sim. Possui caminho com pedra grês e rampa para vencer o desnível entre a Av. Pereira Passos e a Rua Cariri.	Sim. Possui caminho com pedra grês e rampa para vencer o desnível entre a rua Cariri e a Av. Pereira Passos.
Possui redes aéreas ou subterrâneas sobre a passagem?	Consultar CEEE, Dep e DMAE.	Consultar CEEE, Dep e DMAE. Apresenta “boca de lobo” junto ao meio fio.
Estado de conservação. Descreva o estado de conservação.	Bom. A passagem é limpa e apresenta alguns arbustos na lateral que podem diminuir a visibilidade do percurso. Possui degraus junto ao acesso que precisam manutenção.	Ótimo. A passagem é limpa, segura e mantém a vegetação do canteiro gramado central podada e a grama roçada.
Apresenta valor ambiental por estar conectada com as demais passagens e praças do bairro?	Sim. Seu acesso está localizado na Av. Pereira Passos e próxima a um dos vértices da Praça João Bergman.	Sim. Faz a conexão com o centro do bairro e a área da Praça Solumá.
Possui valor para a mobilidade urbana dos moradores da região?	Sim, é utilizada pelos moradores e pela comunidade.	Sim, é utilizada pelos moradores e pela comunidade.
Possui intersecção com o sistema viário do entorno?	Sim. Seu acesso é a partir da Av. Pereira Passos, via com tráfego e parada de transporte coletivo que atende ao bairro.	Sim. Faz a conexão com a Av. Pereira Passos, via com tráfego e parada de transporte coletivo que atende ao bairro.

É importante para acesso a espaços públicos do bairro, como praças, quadras esportivas ou parques?	Sim, viabiliza o acesso à Praça João Bergman, espaço de lazer, recreação, encontro e circulação da comunidade.	Sim. Viabiliza o acesso à Av. Pereira Passos e à Praça João Bergman, espaço de lazer, recreação, encontro e circulação da comunidade.
A passagem representa risco à segurança pública dos moradores da região?	Não. A passagem é bastante utilizada e apresenta boas condições de segurança ao usuário.	Não. A passagem é bastante utilizada e apresenta boas condições de segurança ao usuário: possui iluminação, guarita com segurança particular da rua instalada na entrada do acesso, ao lado de um telefone público.
A passagem apresenta visual de interesse paisagístico, em especial, permitindo a visualização da orla do Guaíba?	Não, se considerarmos a relação com a orla do Guaíba. Sim, se considerarmos o percurso a partir da Av. Pereira Passos em direção a Rua Cariri, que desemboca em frente a uma edificação, em ótimo estado de conservação, com características da arquitetura residencial incentivada no início da implantação do bairro, e o percurso até a Praça Solumá e distribuição às demais vias e espaços do bairro.	Não, se considerarmos a relação com a orla do Guaíba. Sim, se considerarmos o percurso a partir da Rua Cariri até a Av. Pereira Passos em direção a Praça João Bergman, e a distribuição às demais vias e espaços do bairro.
Descreva as medidas necessárias à restauração do valor ambiental da passagem de pedestres.	<ul style="list-style-type: none"> - A passagem, da maneira como se encontra, cumpre seu propósito de circulação de pedestres. Entretanto, considerando um projeto conjunto de revitalização e qualificação das demais passagens, poderia haver melhoria na pavimentação dos caminhos, escadas e rampas e a previsão para instalação de equipamentos de segurança, tais como: corrimãos, pisos táteis e declividades no piso compatíveis para cadeirantes e demais usuários com dificuldade de mobilidade; - Instalação de iluminação e implantação de vegetação adequada e de fácil manutenção. 	

MEDIDAS NECESSÁRIAS À RESTAURAÇÃO DO VALOR AMBIENTAL E PAISAGÍSTICO DAS PASSAGENS PARA PEDESTRES

Passagem 1 - Rua Copacabana – Rua Chavantes

Situação atual: Fechada e anexada aos terrenos lindeiros.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos terrenos lindeiros;
- Remoção do muro, grades e portão existentes no alinhamento dos lotes da Av. Copacabana nº 450 e nº 460 e da Rua Chavantes nº 475 e nº 497;
- Remoção da construção que se encontra edificada sobre a projeção original da passagem para pedestres nos terrenos da Av. Copacabana nº 450 e nº 460;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos pavimentados.

Passagem 2 - Rua Copacabana – Rua Chavantes

Situação atual: Fechada e anexada aos terrenos lindeiros.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos terrenos lindeiros;
- Remoção dos muros e das grades existentes no alinhamento dos lotes da Av. Copacabana nº 130 e da Rua Chavantes nº 159;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;

- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagens 3 e 4 – Av Guaíba – Rua Dr. Possidônio da Cunha – Rua Goitacaz

Situação atual: Fechadas e, em parte, anexadas aos terrenos lindeiros.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos lindeiros;
- Remoção do muro e grade existentes no alinhamento do lote da Av. Guaíba nº 4622;
- Remoção da construção que se encontra junto ao muro do terreno lindeiro nº4602, com projeção sobre a área originalmente projetada para a passagem;
- Implantação de pavimentação adequada à circulação de pedestres contemplando a manutenção dos degraus das escadas originais existentes no local.
- Demolição do muro de alvenaria de tijolos construído junto ao alinhamento do lote na Rua Dr. Possidônio da Cunha, lindeiro ao nº 185, que impede a circulação na área originalmente projetada para a passagem;
- Demolição do muro de arrimo construído na Rua Dr. Possidônio da Cunha junto ao nº 182, que impede a livre circulação nesta área que já foi dotada de uma escadaria, projetada para a passagem de pedestres, inserida de forma harmônica no contexto do lugar;
- Remoção das grades e do portão de ferro existente no local de acesso a passagem original na Rua Goitacaz entre os imóveis nº 317 e nº 321;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original das passagens 3 e 4, tornando possível o percurso desde a Av. Guaíba até a Praça José Assunção;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagem 5 – Rua Dr. Possidônio da Cunha – Rua Goitacaz

Situação atual: Cercada e com acesso restrito.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, do uso da área da passagem aos lindeiros;
- Remoção das grades e dos portões existentes no alinhamento dos lotes da Rua Dr. Possidônio da Cunha entre o nº 352 e nº 362, e da Rua Goitacaz entre o nº 385 e nº 541;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagem 6 – Av. Guaíba – Rua Goitacaz

Situação atual: Aberta e com livre acesso.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Passagem totalmente aberta e com vestígios dos degraus da escadaria original. Foi roçada recentemente e os muros lindeiros foram grafitados nas laterais das casas;
- A passagem deve ser recuperada a fim de possibilitar e facilitar o uso dos moradores e usuários. As pessoas tem dificuldade em realizar o percurso através da passagem devido a falta de pavimentação e ao material orgânico resultante da poda das árvores que é depositado sistematicamente no local;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres levando em consideração os caminhos informais existentes e incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagem 7 – Praça Tabira – Rua Burum

Situação atual: Fechada e anexada aos terrenos lindeiros.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos terrenos lindeiros;
- Remoção dos muros e das grades existentes no alinhamento dos lotes da Praça Tabira nº 60 e da Rua Burum nº 30;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem de pedestres;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagem 8 – Av. Pereira Passos – Rua Caeté

Situação atual: Fechada e anexada ao terreno da Av. Pereira Passos nº 266, e cercada com muro na Rua Caeté entre os imóveis nº 700 e nº 830.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem ao terreno da Av. Pereira Passos nº 266;
- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, do uso e fechamento da área da passagem aos imóveis lindeiros da Rua Caeté nº 700 e nº 830;
- Remoção dos muros e das grades existentes no alinhamento dos lotes da Av. Pereira Passos nº 266 e da Rua Cariri entre os imóveis nº 700 e nº 830;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagem 9 – Av. Pereira Passos – Rua Cariri

Situação atual: Aberta e com livre acesso. Apresenta um conjunto de moradias, aparentemente irregulares, instaladas sobre parte da área da passagem, com acesso através da Av. Pereira Passos nº 520, reduzindo a dimensão original destinada ao acesso e percurso desta passagem, que tinha destaque no projeto por ser um eixo de ligação entre as avenidas Guaíba e Pereira Passos.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente às construções instaladas em grande parte da área destinada originalmente a passagem de pedestres, com acesso através da Av. Pereira Passos nº 520;
- Remoção de quaisquer construções que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos;
- Elaboração de projeto paisagístico que contemple elementos que transmitam informação e resgatem os valores e qualidades do projeto urbanístico da Vila Assunção.

Passagem 10 – Rua Cariri – Rua Coroados

Situação atual: Parcialmente aberta, de uso exclusivo dos moradores do terreno lindeiro na Rua Cariri nº 511. Não apresenta condições para a realização do percurso até a Rua Coroados por haver uma barreira natural no local: rocha de grande dimensão conhecida como pedreira.

Fechada na Rua Coroados nº 1000, apresentando grande área gramada com duas casas e um grande reservatório d'água semi-enterrado.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- A passagem necessita de um projeto que viabilize a realização de um percurso de caráter público, com pavimentação adequada e condições de acessibilidade considerando a particularidade da topografia e geologia do local através da implantação de elevadores, escadas e/ou rampas para vencerem os desníveis de forma segura com patamares para a visualização das perspectivas da paisagem ao longo do caminho;
- Definição de um uso para a área localizada na Rua Coroados nº 1000, a fim de qualificar o espaço através da elaboração de um projeto compatível e adequado ao local atendendo a demanda da comunidade.
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;

- Implantação de vegetação adequada e de fácil manutenção.

Passagem 11 – Av. Pereira Passos – Rua Cariri

Situação atual: Aberta e com livre acesso. Bom estado de conservação e uso frequente.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- A passagem, da maneira como se encontra, cumpre seu propósito de circulação de pedestres. Entretanto, considerando um projeto conjunto de revitalização e qualificação das demais passagens, poderia haver melhoria na pavimentação dos caminhos, escadas e rampas e a previsão para instalação de equipamentos de segurança, tais como: corrimãos, pisos táteis e declividades no piso compatíveis para cadeirantes e demais usuários com dificuldade de mobilidade;
- Instalação de iluminação e implantação de vegetação adequada e de fácil manutenção.

Passagem 12 – Praça Solumá – Rua Coroados

Situação atual: Fechada e anexada ao terreno lindeiro da Rua Coroados nº 830 e de difícil localização do acesso através da Praça Solumá.

A área em que está localizado o acesso originalmente projetado da Passagem 12 possui acesso mais restrito a partir da Rua Chiriguano. A rua é pavimentada até o encontro com a área destinada à Praça Solumá. O restante da via de acesso não é pavimentada, apresentando guarita de segurança particular na residência de nº 33, supostamente lindeira à Passagem 12, e entulho de obra no lote vizinho, tornando-se difícil a verificação da localização e da situação da área desta passagem.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem ao terreno lindeiro da Rua Coroados nº 830;
- Remoção das grades existentes no alinhamento do lote da Rua Coroados nº 830;
- Remoção de quaisquer construções, muros ou portões, que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem de pedestres;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres, incluindo iluminação;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.

Passagem 13 – Av. Guaíba – Rua Bororó - Praça Tomocaré

Situação atual: Fechada e anexada aos terrenos lindeiros na Av. Guaíba nº 3040 e na Rua Bororó nº 583.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem ao imóvel lindeiro da Av. Guaíba nº 3040 e do imóvel lindeiro da Rua Bororó nº 583;
- Remoção de quaisquer construções, muros ou portões, que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem de pedestres;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres para vencerem os desníveis da topografia, contemplando patamares com áreas para a visualização das perspectivas do Guaíba;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.
- Instalação de iluminação adequada ao projeto.

Passagem 14 – Av. Guaíba – Rua Bororó

Situação atual: Fechada e anexada aos terrenos lindeiros na Av. Guaíba nº 2954 e nº 2970 e anexada ao terreno lindeiro da Rua Bororó nº 455.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, da área da passagem aos imóveis lindeiros da Av. Guaíba nº 2954 e nº 2970 e do imóvel lindeiro da Rua Bororó nº 455;
- Remoção de quaisquer construções, muros ou portões, que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem de pedestres;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres para vencerem os desníveis da topografia, contemplando patamares com áreas para a visualização das perspectivas do Guaíba;

- Previsão para instalação de equipamentos de segurança, tais como: corrimãos, pisos táteis e declividades no piso compatíveis para cadeirantes e demais usuários com dificuldade de mobilidade;
- Implantação de vegetação compatível e de fácil manutenção nas áreas remanescentes aos caminhos.
- Instalação de iluminação adequada ao projeto.

Passagens 15 e 16 - Av. Guaíba- Rua Bororó – Rua Maracá – Praça Araé

Situação atual: Aberta e com livre acesso mas com apropriação parcial dos imóveis lindeiros localizados na Av. Guaíba nº 2220 e na Rua Maracá nº 300.

Medidas necessárias à restauração do valor ambiental e paisagístico:

- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, de uso de parte da área da passagem ao imóvel lindeiro, localizado na Av. Guaíba nº 2220, para revisão e ajuste do cercamento, a fim de retornar à largura original proposta para o acesso e para a circulação de pedestres na Passagem 15.
- Verificação da documentação referente à concessão, ou não, de uso de parte da área da passagem ao imóvel lindeiro, localizado na Rua Maracá nº 300, para revisão e ajuste do cercamento, a fim de retornar à largura original proposta para o acesso e para a circulação de pedestres na Passagem 16.
- Remoção de quaisquer construções, muros ou cercas que impeçam a livre circulação de pedestres sobre a projeção original da passagem de pedestres;
- Delimitação da área para circulação pública considerando a proposta original de implantação das passagens para pedestres da Vila Assunção;
- Execução de projeto para a pavimentação, instalação de equipamentos adequados à circulação, conforto e segurança dos pedestres para vencerem os desníveis da topografia, contemplando patamares com áreas para a visualização das perspectivas do Guaíba;
- Previsão para instalação de equipamentos de segurança, tais como: corrimãos, pisos táteis e declividades no piso compatíveis para cadeirantes e demais usuários com dificuldade de mobilidade;
- Substituição da rede elétrica aérea por via subterrânea, para fins de segurança e de valorização da paisagem;
- Projeto de iluminação adequada ao longo do percurso desde a Av. Guaíba até a Praça Araé.

Acessos F, G, e H – Localizados na Av. Pereira Passos e na Rua Cariri para acesso e circulação através da área interna do quarteirão 23

Esses acessos, que seriam interligados através de áreas localizadas no interior do quarteirão, foram inviabilizados na medida em que os proprietários dos lotes se apropriaram de parcelas dessas áreas, localizadas no fundo desses lotes.

Acesso E – Área cercada e ajardinada localizada em frente à parada de ônibus na Av. Pereira Passos. Aparentemente recebe manutenção de um dos imóveis lindeiros. Poderia contemplar algum uso para o público usuário do transporte público.

Acesso F – Área pavimentada que serve de acesso exclusivo às edificações localizadas naquela via de nº 686 e nº 692. A circulação é livre, mas restrita, uma vez que existe um muro no final desta via.

Acesso G – Área exígua, localizada na Rua Cariri entre os imóveis nº 350 e nº 360, com o acesso inviabilizado com a instalação de uma guarita no vão desse acesso.

Considerando que a área central do quarteirão está anexada aos lotes, a circulação pública de pedestres tornou-se inviável e os acessos, subutilizados ou apropriados pelos moradores dos imóveis lindeiros. Seriam necessárias medidas jurídicas que viabilizassem a devolução destas parcelas de terreno ao uso e circulação públicos.

Área interna do quarteirão 37 – Acesso “B” pela Rua Carajá nº 233 - Santuário de Shoenstatt

O quarteirão 37 não apresenta mais acesso ao seu interior. Provavelmente, os terrenos com a testada de fundos voltados para o centro do quarteirão incorporaram parcelas desta área, originalmente destinada ao uso comum.

Na Rua Carajá, em frente à Praça Caraíbe, na área originalmente destinada para o acesso ao interior do lote, denominado acesso “B” para este estudo, encontra-se construída a Capela de Shoenstatt, anexada ao lote lindeiro nº233.

Área interna do quarteirão 38 – Acesso “D” pela Rua Caeté nº 150 - Clube de Mães da Vila Assunção

Área localizada no centro do quarteirão 38, existente na proposta do projeto de implantação da Vila Assunção, atualmente é utilizado pelo Clube de Mães da Vila Assunção, com atividades sociais e de lazer, de uso frequente e consolidado, destinadas ao público de terceira idade do bairro.

CONCLUSÃO

As passagens para pedestres da Vila Assunção são significativas por seu conjunto, adequação e articulação com o entorno e, incontestavelmente, por sua mobilidade urbana. São, portanto, acessos “facilitadores” para a realização dos percursos entre os espaços projetados do loteamento e para sua conexão com a estrutura urbana do bairro: ruas, avenidas, lotes, praças, igrejas, escolas, mirantes e a orla do Guaíba.

Do ponto de vista da paisagem, este conjunto de elementos singulares, naturais e construídos, reunidos nesta parcela do espaço da cidade, constitui-se na *ambiência* e conferem identidade ao bairro Vila Assunção.

Enquanto desenho urbano, o bairro Vila Assunção apresenta um conjunto de sistemas físico-espaciais e de atividades, que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas. A realização dos percursos através do conjunto das passagens para pedestres, possibilita um sistema de circulação eficiente e adequado para vencer as distâncias entre as vias que possuem transporte público e as áreas desprovidas deste serviço.

Entretanto, durante o levantamento das informações para a elaboração desse diagnóstico, foi registrado que várias passagens encontram-se fechadas. O impedimento ao acesso ou o constrangimento de seu uso pelo público, limita, restringe e transforma o espaço, desconfigurando a proposta original do projeto urbanístico.

As passagens para pedestres, projetadas para serem espaços públicos seguros e ativos, tornaram-se, muitas vezes, áreas desprovidas de cuidados e de manutenção, tornando-se inseguras para circulação e alvo de apropriações irregulares. Sua relevância está na articulação entre os níveis organizativos básicos do espaço urbano: o coletivo, o comunitário e o individual.

Nas situações onde foi constatada a anexação das passagens aos lotes lindeiros e mantidas como áreas/faixas ajardinadas e não edificadas, essas passagens são identificadas como jardins privativos, extensão dos jardins das residências, diferentemente da intenção do projeto original, que buscou através de proposta o desenho urbano, áreas para o convívio social e circulação dos moradores.

No caso das que já foram alienadas e/ou privatizadas, anexadas aos lotes lindeiros ou que tiveram fechados seus acessos a partir de decisões e interesses particulares, torna-se necessária a revisão dos processos, individualmente, a fim de encontrar uma solução para o resgate do conjunto das passagens para pedestres, patrimônio cultural e urbanístico de Porto Alegre.

Para o restabelecimento do uso público do conjunto das Passagens para Pedestres da Vila Assunção, faz-se necessária a elaboração de projeto paisagístico e a elaboração de um plano de gestão e manutenção destas áreas, levando em consideração os interesses da comunidade.

As propostas de projeto paisagístico deverão atender as características específicas de cada passagem (topografia, relação com os terrenos lindeiros, pontos de interesse,

usuário, etc.) a fim de tornarem-se percursos atrativos, facilitadores e seguros através da pavimentação de calçadas, caminhos, rampas, patamares, escadas, iluminação e ajardinamento adequado, permitindo permeabilidade do solo e facilidade de manutenção.

A partir do levantamento de dados e da elaboração do diagnóstico da situação atual das passagens para pedestres da Vila Assunção, conclui-se que devemos resgatar a qualidade dos espaços públicos concebidos através deste projeto arrojado e singular do bairro Vila Assunção para inibir e corrigir a recorrência do atual modelo de planejamento urbano que tem se mostrado segregador, ineficiente e gerador de violência nas nossas cidades.

Porto Alegre, 19 de dezembro de 2014.

Roseli P.Gessinger

Arquiteta e Urbanista

CAU A76258-0

Apêndice 2 – Roteiro Entrevistas



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº:

NOME:

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Rua da moradia do entrevistado:

Contato:

- 1- Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?
- 2- Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?
- 3- Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?
- 4- Tem conhecimento da história do Bairro?
- 5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto, Engº Ruy de Viveiros Leiria, e sobre sua família? Foram moradores do bairro?
- 6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?
- 7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?
- 8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?
- 9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?
- 10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)
- 11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Comentários/Observações:

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, _____ de 201_____.

Prezado (a) participante:

Sou mestranda do Programa de Planejamento Urbano e Regional – PROPUR, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e realizo no âmbito deste curso uma pesquisa com a supervisão da professora Dr^a Daniela Marzola Fialho, cujo objetivo é compreender a importância do projeto do bairro-jardim Vila Assunção como um sistema de espaços articulados, construídos e constituídos com a finalidade de promover à comunidade, sua vivência e apropriação através das práticas sociais em seu cotidiano. Neste sentido, sua participação envolve uma entrevista que será gravada, a fim de identificar e compreender os motivos que levaram a descaracterização dos espaços públicos do bairro-jardim.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou decidir por sua desistência, terá absoluta liberdade de fazê-lo, a qualquer momento. Desta maneira, os riscos serão mínimos para os entrevistados, uma vez que sua participação neste estudo, como foi afirmada, é voluntária e, quando da publicação dos resultados, a partir das questões elencadas no roteiro para as entrevistas, sua identidade será mantida em sigilo, se assim for de sua conveniência. Nesse caso, serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). Com o preenchimento do Consentimento livre e esclarecido haverá a anuência em divulgar ou publicitar as informações do sujeito entrevistado e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após a explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodos que esta possa acarretar, formulada neste termo de consentimento.

Mesmo não havendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do problema estudado e para a produção de conhecimento científico, uma vez que os relatos trarão benefícios diretos no estudo da relação entre identidade e memória na construção da história do bairro e, também, dos aspectos simbólicos formados através do imaginário e do modo de vida daquele grupo social.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, a mestranda Roseli P. Gessinger, através do e-mail roselipgessinger@gmail.com, ou através do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, através do telefone (51) 3308-3738.

Atenciosamente,

Roseli P. Gessinger
Mestranda PROPUR/UFRGS
Matrícula 39192

Daniela Marzola Fialho
Orientadora PROPUR/UFRGS
Matrícula 10122

Aceito participar deste estudo e, _____ autorizo minha identificação e a utilização dos dados coletados na entrevista em publicações como artigos, livros, revistas, anais, textos em jornais e qualquer material produzido para congressos.

Declaro, ainda, ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Participante

Local e data

Apêndice 4 – Entrevistas: Transcrição

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

1- JOSÉ AUGUSTO ROTH - Eng^o Mecânico e SILVIA ROTH - Artista Plástica

Período: **1971-2017**

Local da residência: Rua Cariri

2- ISABEL EMÍLIA V. LOSS – Professora aposentada UFRGS/Colégio Aplicação

Período: **1972-2017**

Local da residência: Rua Possidônio da Cunha

3- KATHRIN ROSENFELD – Professora UFRGS/Filosofia e Literatura Comparada. Presidente da Associação dos Moradores da Vila Assunção, APROVA

Período: **1986 – 2017**

Local da residência: Rua Bororó

4- JOÃO RIBEIRO TEIXEIRA - Eng^o Agrônomo e SÉRGIO RIBEIRO TEIXEIRA - Físico e professor da UFRGS – irmãos, filhos do Dr. Nilo e de D^a Cássia Teixeira

Período: **1956-1978** (Sérgio) e **1956-2017** (João)

Local da residência: Av. Pereira Passos

5- JACQUELINE CUSTÓDIO - Advogada e Presidente do Centro Comunitário de Desenvolvimento da Tristeza, Pedra Redonda, Vilas Conceição e Assunção, CCD-Tristeza.

Período: **1969-2002**

Local (ais) da residência: Rua Cariri e Rua Manauê

6- NESTOR NADRUZ – Arquiteto e urbanista, 89 anos, natural de Porto Alegre.

Período: **1975-2017**

Local da residência: Rua Cariri

7- CARMEN CONTE ASSUMPÇÃO – Arquiteta da SOP – Secretaria de Obras Públicas, Saneamento e Habitação do Rio Grande do Sul.

Período: - 1º período - em **1958 - 1984**; e 2º período - em **2005 - 2017**.

Local da residência: Rua Coroados

8- PAULO ANDRÉ CUSTÓDIO - Professor de educação física da Escola Estadual Santos Dumont, já foi diretor da instituição, 51 anos.

Período: 1º período: **1971 a 2001** e 2º período: **2014 até 2017**.

Local da residência: Rua Cariri

9- DÉA DE ABREU BUIANO, afilhada do Sr. Francisco Assumpção, 75 anos

Período: 1º período: **1952-1964** e 2º período: **1975-2007**

Endereço da residência: Av. Wenceslau Escobar

10 – Marcelo Caminha - Advogado, 67 anos

Período: **1958 a 1967**

Local da residência: Rua Goitacaz

11 - BÓRIS OSTERGREN - paulistano, Técnico Mecânico e Pedagogo, morador da zona sul de Porto Alegre a partir de 1948

Período: em **1948** conheceu a Vila Assunção, frequentador da praia, depois dos clubes náuticos.

12 -Sra. LEDA ASSUMPÇÃO DIAS, 95 anos, neta da Sra Felisbina e José Assumpção e Sra. MARIA LÍLIA DIAS DE CASTRO, 70 anos, filha da Sra. Leda, professora aposentada.

Período: **1949 a 2017**

Local da residência: Praça João Bergmann

13- JUSSARA LEIRIA LIGOCKI – filha do Engº Ruy de Viveiros Leiria. Professora aposentada, fez magistério e cursou Ciências Sociais na PUC.

Período: **1946 até 2006**

Local da residência: Rua Chavantes e Rua Copacabana

14- MICHELE TONIOLO DE OLIVEIRA - Arquiteta.

Período: **2005 a 2017**

Local da residência da entrevistada: Rua Carajá, em frente à `Praça Caraíbe.

15- IÁRA DE TOLEDO KRAEMER - Professora primária aposentada, 86 anos. Assessora da direção do Clube de Mães.

Período: 1º período:**1961 a dezembro de 1970**. 2º período: início de **1973 a 2017**.

Local (ais) da residência da entrevistada: Rua Chavantes, Caeté e na Av. Pereira Passos



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 01

NOME: JOSÉ AUGUSTO ROTH, Engº Mecânico e SILVIA ROTH, Artista Plástica

Local da entrevista: realizada na residência do casal

Data da entrevista: 17/01/2017, às 15h

Rua da moradia do entrevistado: Rua Cariri

Transcrição da Entrevista

1- Período: **1971-2017**

2 - Em que ano você (s) se mudou (ram) para a Vila Assunção? 1969

Nos mudamos em 1969, com a casa ainda em obras, e nos instalamos na casa dos pais da Silvia, que moravam na casa ao lado da residência atual de nº 425.

3-Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

A Vila Assunção sempre foi, para nós, um símbolo de estilo de vida diferente. Tranquilo. José Augusto é natural de Santa Maria. E a Silvia se criou no bairro Moinhos de Vento. Mas os tios, por parte de mãe moravam na Tristeza, motivo pelo qual ela frequentava o bairro com assiduidade durante toda a infância e adolescência. A propriedade era do Tio Chico Ponte, avô de Carmem Assumpção, tio de Silvia.

Quando casaram, moraram em um apartamento na Rua Castro Alves, e de lá, vieram para a Vila Assunção.

4-Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Silvia tem a lembrança de que as Praças eram mais cuidadas. As crianças, ela tem 4 filhos, brincavam nas praças mesmo tendo terreno grande em casa.

Hoje em dia é impraticável pelo problema de insegurança. Atualmente, um grupo de 20 moradores mantém segurança particular na rua Cariri. Guarita, câmeras. Mantém contato com estes moradores, um olha a casa do outro quando viajam. Silvia relata que eu marido, o Sr. José é o "Xerife" da rua!!!

5- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro?

Dois dos quatro filhos do casal utilizaram a escola por um ano. Na volta, após 2 anos que moraram em São Paulo. No entanto, acharam o ensino muito defasado em relação à escola Morumbi, onde foram alfabetizados em São Paulo. Lembra a Morumbi como uma escola maravilhosa. E, do ensino defasado que encontrou aqui na escola da Vila Assunção. Após cursarem por um ano a Escola Santos Dumont, foram transferidos para o Colégio João XXIII (ensino particular).

Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Levávamos as crianças de carro até a escola.

6- Você (s) ou alguém de sua família utilizava (m) ou utiliza (m) as passagens para pedestres? Sim, ainda hoje o Sr. José Augusto, quando vai ao centro, utiliza a passagem da Rua Cariri até a Av. Pereira Passos.

7- Havia atividades nas praças? Atualmente como você (s) percebe (m) seu uso?

8- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado?

9- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Quando vieram, já não havia mais a praia como espaço de balneário. Somente o uso da calçada para caminhadas. E lembraram-se do Bar Timbuka, como ponto de encontro, inclusive foi o local onde um dos filhos conheceu a mulher. São velejadores do Clube Veleiros. Praticam regatas com frequência.

10- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Sim, a família sempre aproveitou o rio e da vista que desfrutaram a partir da varanda frontal da residência. O rio e a vista sempre foram o “chamariz” do bairro. No entanto, a vegetação plantada de forma aleatória pelos moradores, retirou a vista, queixa-se Silvia. A vista panorâmica total não existe mais. Em parte, sim. A queixa é devido a um Plátano na calçada em frente à casa do vizinho. “Nem o sol entra mais naquela casa”, comenta Silvia.

11- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

Para Silvia, sempre foi **um lugar de sonho**. Desde a época que o pai comprou o terreno lindeiro. Morar “aqui” era uma maravilha. “Montanha atrás e o rio na frente. Sempre achei o máximo.”

Enquanto que, o Sr. José Augusto, quando veio de Santa Maria cursar a Faculdade de Engenharia, conheceu a Vila Assunção e a vela através de amigos que moravam aqui. Desde então, sempre teve um sonho: “morar na Vila Assunção e ter um barco”.

12- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Por diversos anos caminhávamos muito na Vila Assunção. Quando o pai da Silvia envelheceu, iam de carro até a Praça do Zaffarinho (Praça Franklin Perez) e dali faziam o percurso até a orla.

“Hoje em dia eu tenho medo de caminhar na Vila Assunção”, relata Silvia Roth. Ocorrem muitos assaltos. Lembra que andavam de bicicleta. O Calçamento é o mesmo do loteamento original. A cada serviço de manutenção, o DMAE ou o DEP deixam esburacada a pavimentação. Por isso, deixo a bicicleta no Clube dos Veleiros e de lá, acesso a ciclovia em frente ao Barra Shopping. Uma característica dos carros da Vila Assunção é que são todos barulhentos! Hoje em dia a Associação dos Moradores discute o calçamento da Av. Pereira Passos, se deve ou não ser asfaltada. Silvia comenta que “a pedra é irregular. O calçamento é terrível. Meu sonho é a substituição por piso intertravado. ”

13- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola) e na realização dos percursos da Vila Assunção?

Problema de segurança e a qualidade dos calçamentos.

As passagens são um perigo. A passagem que foi fechada pelo atual proprietário, lindeiro à casa dos Roth, na Rua Cariri, foi aberta na época da construção da casa, pelo pai da Silvia, e não pela prefeitura. Servia como acesso particular às residências lindeiras. Não havia portão, somente pavimentação no local da passagem. O atual proprietário, comprou os terrenos lindeiros à passagem e colocou um portão impedindo o acesso público. No entanto, Silvia e José alegam que o acesso nunca foi utilizado pelo público pois levava ao paredão da pedreira, sem possibilidade de acesso à Rua Coroados.

14- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Sim, na rua deles, a Cariri. Por iniciativa deles e pelo tempo que moram ali, mantêm contato e se relacionam com os vizinhos.

15- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Sim, José Augusto é vice-presidente da Associação dos Moradores da Vila Assunção. A família é sócia do Clube dos Veleiros.

16- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Os (9) netos não aproveitam as praças.

É difícil. O medo é o fator que desestimula o uso. O abandono das praças. Sempre tentaram, junto à prefeitura e aos moradores uma ação efetiva de adoção da Praça Solumá, mas não obtiveram aprovação dos órgãos públicos.

Comentários registrados:

Morro pelado a pedreira cheia de cabritos montês. A passagem foi aberta pelo pai da Silvia, pois a prefeitura não fez. Além do mais, havia a pedreira, que impedia o acesso à Rua Coroados.

Cita Bairro Jardim Izabel como exemplar. Praça Solumá foi iluminada somente após a mudança da moradora Paula, filha de Dilma Rousseff para o prédio ao lado.

Hoje a vila é muito arborizada. Tudo que tem de vegetação foi plantado pelos moradores. Aleatoriamente. As árvores cresceram e, muitas vezes, plantada de forma aleatória, em terreno, como no caso deles, “pura rocha”, onde as árvores caíam com facilidade. Terreno de difícil manutenção. Hoje Silvia mantém um jardim junto à pedreira, com árvores e plantas nativas. Entretanto duas nogueiras plantadas há muito tempo se mantêm produtivas e exuberantes no terreno.

Comentam a dificuldade da relação com a prefeitura, através da SMAM. Esta não forneceu autorização para o plantio de árvores que não fossem nativas, no caso, a extremosa que queriam plantar na calçada.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 02

NOME: ISABEL EMÍLIA V. LOSS – professora aposentada UFRGS/Colégio Aplicação

Local da entrevista: realizada na residência da entrevistada

Data da entrevista: 18/01/2017, às 15h

Rua da moradia do entrevistado: Rua Possidônio da Cunha

Transcrição da Entrevista

1-Período: **1972-2017**

2 - Em que ano você (s) se mudou (ram) para a Vila Assunção? Agosto de 1972.

Nos mudamos em 1972. Compramos um terreno com uma casa modesta. Na verdade, dois terrenos. Quando o corretor nos mostrou a casa, achamos acanhada, mas nos encantou a condição de comprar dois terrenos para fazermos um acréscimo na construção e ainda assim termos área livre.

3-Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Por sempre ter sido moradora do centro da cidade, havia a vontade de ter um espaço aberto, de ter grama, de ter tranquilidade. Não lembro de haver propaganda do bairro. Queria criar os filhos, morar em um espaço aberto, ter cachorro. Uma amiga, vizinha da Rua Vasco Alves, veio morar na Vila Assunção e cada vez que eu vinha visitá-la eu me encantava com o lugar. O acesso era feito sempre de carro. Ônibus, eventualmente.

4-Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

O Zaffarinho abriu em 21 de abril de 1973. D^a Isabel se emocionou ao lembrar-se dos encontros com os conhecidos que ocorriam nas idas ao mercadinho. Saía para comprar pão e leite e demorava meia hora. Encontrava meia dúzia de pessoas. Era uma “sala de visitas”.

Não era frequentadora da Igreja. Tem uma lenda que Seu Fortes, morador, tinha um carro à gasogênio. Morava no quarteirão, aqui atrás, e tinha a servidão de passagem no seu terreno. Atualmente está fechada e tem uma piscina construída. Cita o livro do Pellin, que o Seu Fortes dava carona e cobrava na época da Guerra.

O Clube de Mães era um ponto importante de encontro. A vizinha e a D^a Isabel frequentaram o Clube e a maioria eram professoras do Colégio. O primeiro colégio foi o Grupo Escolar Cândido Rondon, que era referência de ensino na região, depois foi construído o Colégio Estadual Santos Dumont. Com o tempo, as escolas foram unificadas ficando somente o Colégio Estadual Santos Dumont. O Colégio foi um fator importante para a vinda de alguns moradores para cá, principalmente professoras que moravam e trabalhavam aqui. O GEMPA, grupo da Esther Grossi, vinha dar curso para os professores e para as famílias. Havia falta de professores já naquela época.

Isabel lembrou que a amiga, Diná era professora nesta escola e os dois filhos estudavam na escola.

5- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro?

Sim, a filha, Mônica, estudava na escola. Era só atravessar a rua. Era uma maravilha. Às vezes, voltava furiosa porque o cachorro a acompanhava até a sala e aula. Foi alfabetizada ali e ficou até o final da 2^a série, depois foi para o Colégio João XXIII. Em 1978 e 1979 ela frequentou a escola e em 1980 migrou para o João XXIII. Foi o momento da transição e da mudança curricular. Virou um horror. E a situação piorou muito, com sucessivas trocas de professores ou até de estagiários que ficavam “por conta”, sem qualquer monitoramento, levando os pais com mais esclarecimentos e recursos a buscarem outras escolas para os filhos.

Como era realizado o percurso?

Aqui era só atravessar a rua a pé. O portão da escola é em frente a casa.

De carro? Para as demais atividades, fora da Vila Assunção (escolinha de artes, o “Pato”,...). Sempre eram feitos deslocamentos de carro. A pé? De bicicleta?

Quem frequentava a escola do bairro?

No início, quando mudamos, a escola era muito frequentada. Atualmente a escola está muito degradada. Em 1973 Isabel começou a trabalhar na escola. Havia três turnos. Havia aulas no turno da noite até as 23h35m, com escola lotada de alunos. Vinham alunos moradores de toda essa parte sul da cidade. Agora, ao ir para a ginástica a pé na Pereira Passos, vejo uma meia dúzia de gatos pingados no turno noturno. As 21h a escola já está fechada. Por falta de professores e de alunos.

6- Você (s) ou alguém de sua família utilizava (m) ou utiliza (m) as passagens para pedestres?

Se referiu às passagens como “Servidões”. Afirmou que “além da intenção de servir da parte de esgoto e águas, tinham uma função social, de reunião dos moradores.”

Salienta a importância das passagens de pedestres em função do tamanho dos bairros. A filha, Mônica, relata que andava muito a pé para ir à casa de amigas. Muito pelas calçadas. Cita moradores que utilizam as passagens. Na adolescência, na década de 1990, frequentava uma turma que jogava capoeira na laje da Capela da Assunção. Lembra que por esse motivo, foi fechado o acesso pelo Padre: Muita gente, pôr do sol, virou um “fumdromo”.

Mônica diz que utilizava todas as passagens. No final dos 80 (1987) até início dos anos 1990 (1995), todas eram abertas. Sempre mal cuidadas, mato alto, escadarias. “As jóias da coroa” foram vendidas, as passagens que iam do rio até a igreja. Final dos anos 90, início dos 2000, Mônica, a filha de Isabel, relata que corria muito na Vila Assunção, usando as passagens, e a da Goitacaz até o SAVA. A da Goitacaz foi fechada e não tinha como passar. Tinha uma escadaria.

7- Havia atividades nas praças? Atualmente como você (s) percebe (m) seu uso?

Quando os filhos eram crianças, ia muito na praça Caraíbe, na esquina da nossa casa. A praça Franklin Perez não tinha brinquedos. Só campo, a escola utilizava para educação física. O play-ground que se encontra num dos cantos da praça é mais recente.

8- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado?

9- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Isabel tem a lembrança, de quando era bem criança, de banhos e do balneário em Ipanema. Isso, por volta do final de 1950, início de 1960. A mãe veraneava na zona sul, alugava casa na Rua Armando Barbedo, bairro Tristeza. Jamais tomou banho de rio na Vila Assunção. “Não é da minha época”.

10- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

A partir de 1980, tornaram-se sócios do Jangadeiros e passaram a ter contato com atividades de vela no rio. “Aqui na casa todos somos velejadores”. Windsurf e vela. Nunca gostou do SAVA, nunca representou o que ela gostaria como um clube e relações sociais. “O SAVA é um horror. Não querendo ser elitista”. O Jangadeiros é uma dissidência do Clube Veleiros do Sul. Nossa relação com o rio foi a partir do Clube dos Jangadeiros.

11- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

O rio e a Igreja (Capela da Assunção). Hoje o rio é mais acessível. Mônica, lembrou o Bar Timbuka e da movimentação aos finais de semana. E as festas de São João que eram famosas.

12- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Confirmam que caminham. A filha, Mônica, atualmente mora na Tristeza. Por uma questão de tempo, vem de carro até a casa da mãe, D^a Isabel. Estando na Vila, ainda sai com para caminhar com os cachorros mas evita correr à noite. Usa eventualmente alguma praça. Isabel sai para caminhar à noite. Sabe que tem que ter mais cuidado.

13- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola) e na realização dos percursos da Vila Assunção?

Em frente à vila dos pescadores, na Av. Guaíba a área pública é utilizada como estacionamento.

14- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

O Clube de Mães foi uma porta aberta para conhecer os vizinhos. Hoje não frequenta mais. Atualmente faz parte da Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção, a APROVA.

A filha, Mônica, relata que ainda tem amigas que moram aqui. Mesmo sabendo do perímetro que está inserido o bairro da Vila Assunção, consideram Assunção até a praça da Tristeza. Tinha padeiro que deixava o pão na grade do portão. A Isabel foi alertada pela amiga que mora na Rua Mal. Randon, que tudo a partir daqui seria mais caro!

Reclamam dos novos condomínios, do volume construído que interfere no aspecto da Vila.

15- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Sim, atualmente da Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção, a APROVA.

16- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Eu amaria se as passagens fossem devolvidas e reconstituídas à comunidade. Era um espaço público que foi vendido pela Prefeitura. Em termos de perspectiva realista, que ao menos não aconteça mais. E, precisa haver mais segurança. O poder público precisa assumir o que lhe compete. Precisam ser limpas, iluminadas.

Nas praças, os familiares, filhos e netos vêm aproveitar o espaço. Tem pessoas que vêm de longe.

A escola está muito degradada. Em 1973 D^a Isabel começou a trabalhar na escola. Havia aulas noturnas até as 23h35m, com escola lotada de alunos. Agora, ao ir para a ginástica a pé na Av. Pereira Passos, vejo uma meia dúzia de gatos pingados no turno noturno. As 21h a escola já está fechada. Por falta de professores e de alunos.

Comentários:

Os 3 prédios construídos junto à pedreira, em frente à vila dos pescadores, na Av. Guaíba, sofreram críticas dos moradores, quando do início da sua construção, os quais reuniram um abaixo assinado, em 1977, com muitos moradores da Vila Assunção e a obra ficou quase 5 anos embargada. Acabou limitada a altura da pedreira. Problema sério de estacionamento. Foi um movimento muito legal, saiu reportagem na revista Veja, “batíamos de casa em casa para recolher assinaturas”.

Professora do Colégio Aplicação com séries iniciais e sociologia no ensino médio. O marido, engenheiro mecânico, sempre trabalhou com planejamento na parte de energia, energias alternativas. Sempre tiveram noção da qualidade do espaço da Vila Assunção. Vieram com muita vontade de morar aqui. “Meu sonho era vir para cá”.

D^a Isabel se emocionou ao lembrar Magda Renner, que morreu em novembro/dezembro de 2016. De ela ter vindo à convite do Clube de Mães, que funcionava no SAVA Clube, fazer uma palestra alertando sobre os horrores da poluição. Falou do quanto as fábricas de papel na Alemanha, o rio (Danúbio) era limpo antes e depois de passar pela fábrica. Lembra da “Borregard, o cheiro de ovo podre que ninguém aguentava.” Daí o Clube de Mães se mobilizou para realizar uma coleta seletiva de lixo. Foi uma das primeiras em Porto Alegre, realizadas com carroceiros, que passavam e recolhiam o lixo reciclável. Anos de 1970 o Clube de Mães funcionava no SAVA. Em 1980 foi para o atual local, no interior do quarteirão em que está minha casa.

Ana Clotilde Cachapuz Silva, moradora da Av. Pereira Passos bem na boca da Possidônio. Pegar o contato.

A Cássia, sogra da Nani e a Marina, dona da padaria da esquina, em frente à Praça Tabira, das balsas.

O Posto de Gasolina, originalmente, tinha o estilo das casas californianas, que foi destruído, era em frente à padaria. Isabel lembrou, ao falar da padaria, que fez um curso de culinária com Darci Vargas e era colega da Marina, dona da padaria. Elas já moravam aqui e contavam as maravilhas de morar aqui.

A origem da Padaria do seu Romeu, do Armazém Tiradentes, de secos e molhados, era cunhado do dono da padaria onde hoje é a ferragem na Pereira Passos, a esposa era do Clube de Mães. O Armazém vendia de tudo, azeite em copo, ..., as encomendas eram feitas por telefone e a entrega de bicicleta, com cesto na frente, vendas à caderno. A edificação segue igual, o uso que mudou, sendo agora, uma ferragem.

Relata, ainda, que na Wenceslau Escobar, esquina com a Rua Mário Totta, onde hoje tem um centro comercial, era a antiga estação de trem da Tristeza. “Livro do Pellin deve ter a foto.”



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 03

NOME: KATHRIN ROSENFELD – professora UFRGS/Filosofia e Literatura Comparada/Atual Presidente da Associação dos Moradores da Vila Assunção, APROVA

Local da entrevista: realizada na residência da entrevistada

Data da entrevista: 26/01/2017, às 14h

Rua da moradia do entrevistado: Rua Bororó

Transcrição da Entrevista

1-Período: **1986-2017**

2 - Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

Nos mudamos em 1986. Compramos um terreno com uma vista maravilhosa e construímos a casa. Queríamos uma casa pronta, mas era o período da hiperinflação e ninguém queria vender.

3-Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Porque a experiência em outros bairros foi o que veio se afirmando, uma falta de “espírito urbanístico viável. Já era visível que as pessoas não tinham sensibilidade para um urbanismo de qualidade no Brasil.” Kathrin informa que veio da Áustria. É austríaca. Em Porto Alegre, primeiro morou na Rua Lajeado e não gostou. Moravam distante três casas da Carlos Gomes, mas reclamou que havia muito barulho. “Bairro tão bonito e privilegiado, mas que não investe em qualidade” (citou asfalto anti-ruído que existe na Europa e nos EUA).

Foi então que veio a conhecer a Zona Sul, através de um corretor de imóveis. A Vila Assunção e a Vila Conceição. Pensou: “é nesse lugar que eu quero morar”. Conheceu o terreno e é onde mora até hoje. Era um terreno baldio, com uma vista maravilhosa. Construiu a casa e em 1987 já estava morando aqui.

4-Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Os espaços públicos daquela época eram ainda bem cuidados. Não era uma maravilha, mas eram mais descentes. De forma que com frequência levavam as crianças para jogar

futebol na praça Franklin Perez. Cita o quanto era bom haver o comércio do Zaffarinho no local e do quanto ficou ressentida com o fechamento das atividades. Achou um erro que a municipalidade não tenha tomado medidas para garantir o funcionamento de um estabelecimento comercial a cada 5 km, por exemplo. A utilização dos espaços era mais intensa do que hoje. Havia mais movimento.

Quanto ao projeto cidade-jardim, ficou sabendo pouco a pouco. Quando comprou o terreno, soube que havia uma passagem junto ao lote. Havia uma “barraquinha” construída e que era, eventualmente, frequentada por usuários de fumo. O vizinho, naquela ocasião, sugeriu a ela que fechasse a área pois, caso contrário, ele fecharia e anexaria ao seu terreno. Metade da passagem ele já havia anexado ao seu lote.

Relata que nesta área, plantou árvores. Era uma área que com as chuvas, viravam riachos, caminhos para as águas das chuvas cavarem grandes sulcos. O proprietário anterior, havia construído um muro de arrimo o qual ela consolidou.

A percepção do espaço público, desde o início, foi do problema que “o espaço público não cuidado e não assumido pela prefeitura gera para os moradores”. Problema de custo para os moradores. Em relação às passagens, ela gostaria que fossem espaços públicos e de uso comum, no entanto, na época da construção havia algumas invasões na Praça Tomocaré e, por isso, sua casa foi cercada. O objetivo inicial era de manter o terreno aberto. Mas, a fim de evitar invasões, foi cercado e, incluída a passagem. Kathrin relata que plantou árvores frutíferas mantendo a área verde. Ela gostaria que fosse uma escadaria que levasse até o rio.

Na Praça Tomocaré, à época, tinham 2 casas à direita e 3 à esquerda. Hoje tem 16, no mínimo. Todas irregulares.

Tomou conhecimento do projeto do bairro jardim e da importância do acesso irrestrito aos espaços públicos, quando assumiu o PT na prefeitura de Porto Alegre. O ex-marido, Denis Rosenfield, era próximo do então prefeito Tarso Genro e solicitou uma solução na questão das passagens. “Ou é uma escadaria, que todos possam usar e que sejam espaços cuidados, o que não pode é ficar essa indefinição. Ou que fossem colocadas à venda para os lindeiros.” Mesmo havendo anuência do Prefeito em resolver a questão, havia ambiguidade na resolução: os moradores que se instalaram/invadiram a Praça Tomocaré e a passagem central não poderiam sair. No entanto, moradores que haviam se apropriado destes espaços, teriam que pagar/comprar para poderem usar ou abrir para voltarem a serem espaços de uso público. Desde então, Kathrin percebeu o quanto o projeto/plano era inviável, seria um desgaste com a comunidade que não tem espírito público, além de ser um projeto ilusão do PT de que todos espaços seriam abertos e coletivos. De ser transparente.

“Pensei que na medida em que os lindeiros fecham os terrenos e mantém a vegetação, cuidam da área, tudo bem. É o que consideramos na Europa como o pulmão verde da cidade. Na verdade, esse é o sentido das áreas verdes. A gente precisa de filtro e dreno nas cidades. Este espaço tem um sentido de ser público. Um espaço que tem sentido de ser público: para as águas servidas, para o pulmão verde, para acesso ao rio, para encurtar caminho”, reflete Kathrin.

“A apropriação destas passagens acarretou problemas inclusive para, quando da construção da fossa séptica, o vizinho não permitiu que fizéssemos a tubulação até a Av. Guaíba, através de uma área pública, mas que estava apropriada. O vizinho em questão, recentemente construiu uma cozinha e um muro sobre a passagem, um terreno público, criando uma parede, que impede a circulação do ar, o visual...é muito triste”.

Com o passar dos anos, a Praça Tomocaré ficou entulhada de gente. O zelador do DMAE acabou de forma irregular se apropriando e “loteando” o espaço da praça. No lugar de uma casa, construíram um muro, tudo irregular. A sede do DMAE já foi alugada para festas “rave” do Timbuka. Kathrin é atuante e vigilante na questão de ruídos no bairro. A praça era aberta, da Rua Bororó até a Rua Coroados.

A Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção foi fundada em 2010-2011, a partir da retirada da associação dos funcionários do DMAE, por sugestão do promotor. Foi regularizada em 2012. A primeira presidente foi a Sra. Cléa Sandri, moradora da Praça Araguaia. Para sua surpresa, na praça Tomocaré, foi instalada a Guarda Municipal, que cercou o espaço alegando segurança, uma vez que ali existem armas. No entanto, deu a chave dos portões para os invasores poderem acessar o espaço. “É uma construção de pseudo argumentos, como se o morador pacato oferecesse algum perigo” afirma Kathrin.

5- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro?

Não, nem um filho de classe média usa escola pública. Meus filhos estudaram no Leonardo da Vinci. Não conheço filhos da classe média que estudem em escola pública. Não “pegou” o tempo da Escola Santo Dumont com ensino de qualidade.

Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Quem estuda na escola hoje são moradores da Vila dos pescadores/marinheiros, das ocupações clandestinas e moradores do outro lado da Wenceslau Escobar.

6- Você (s) ou alguém de sua família utilizava (m) ou utiliza (m) as passagens para pedestres?

Sim, muito. Aquelas que foram fechadas da igreja até o rio eu usava muito de cima para baixo. Não eram bem cuidadas, mas eram muito transitáveis. Tinham escadas com tijolos, granito, com placas grés. Eram agradáveis para circular, principalmente para quem gosta de natureza, eram um pouco esburacadas, mas era legal, era simpático.

7- Havia atividades nas praças? Atualmente como você (s) percebe (m) seu uso?

As praças eram muito utilizadas para futebol com os filhos, com os cachorros. A presença do Zaffarinho tornava a praça mais sociável. Encontrava pessoas com filhos. Não necessariamente vizinhos. Kathrin cita como característica da sociabilidade brasileira da classe média, essa exclusividade, dos vizinhos não se frequentarem. Comentou que mesmo morando há 30 anos na mesma casa, nunca foi convidada para ir à casa dos vizinhos. “É uma questão cultural essa ausência do uso dos espaços públicos no Brasil. Não ocorre somente na Vila Assunção, e nem é pelo fato das pessoas morarem em áreas particulares de grande dimensão. Faz parte da cultura.”

8- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado?

O Zaffarinho era um “animador” do espaço. Mesmo não sendo um espaço público. Certamente tornava este bairro mais agradável, mais seguro, mais transitável. As pessoas se encontravam porque tinham um propósito. A gente gosta mais de sair quando tem um lugar para onde chegar. Seja um café, seja um centro comercial ou supermercado. Era um ponto de encontro casual.

O Zaffari cuidava da praça, inclusive com lixeiras, deixando a praça melhor. Hoje tem lixo na praça, nos canteiros. A limpeza e poda das árvores municipal é feita 2 ou 3 vezes por ano. A vegetação está diminuindo. Kathrin consegue perceber ao caminhar, hoje percebe que tem mais sol, menos percursos sombreados.

9- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Entre o SAVA Clube e a Av. Copacabana, as pessoas aproveitam muito o calçadão. É razoável a pavimentação em grés. O calçadão é descente. Não recomendaria o uso da praia na areia pela sujeira, ratos e esgoto.

A retirada do Timbuka ajudou a melhorar o calçadão. A Proa, Associação Pró-Esporte, Cultura e Meio-Ambiente, está com a sede sendo desmontada. O espaço está muito degradado. Foi uma ocupação por um empreendimento fraudulento. Tinha como objetivo socializar os esportes náuticos para a população em geral e acabou sendo local para festas privadas com objetivo de lucro.

10- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

A minha relação com o Guaíba é muito forte. Das janelas da residência, tem-se o panorama da cidade e do clube dos Veleiros do Sul aos seus pés. Kathrin diz de maneira divertida que os cães aproveitam muito o rio. “Meus filhos tentaram atividades náuticas no Clube dos Veleiros, mas não foram adiante. Quem realmente aproveita muito é a cadela labrador que a acompanha nas caminhadas pela Vila Assunção”.

11- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

O momento determinante para mim é a segunda vez que eu cheguei, quando estava procurando casa aqui na Vila Assunção, um pouco antes de chegar em frente do terreno onde moro hoje na Rua Bororó, me fez lembrar que havia conhecido este lugar em 1982, quando estava em férias no Brasil, em Porto Alegre. Estava de turista em Porto Alegre, de férias, e pensei “**Que bairro encantado e maravilhoso é este**”, antes de vir definitivamente para morar no Brasil. Alguém me trouxe para mostrar a Vila Assunção e até hoje tenho a sensação de dobrar a curva, e perceber a simpatia das ruas fazendo suas curvas no morro, as árvores maravilhosas esticando seus galhos em cima das calçadas, que davam sombra nas calçadas, a bicharada por toda a parte, os colibris, os sabiás, os bem-te-vis, essa coisa que tem a ver com minhas raízes. Minha mãe tinha uma casa nas montanhas e tínhamos essa ligação com a natureza. Essa foi a imagem determinante para eu voltar para cá, para lutar pelo bairro-jardim, pela calma.

12- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Tenho por hábito, mudar os percursos, de carro ou a pé. Utilizo vários roteiros para o acesso. Pela Rua Castro de Menezes, pela Quató, pela Burum ou pela Pareci. Caminho muito pelo bairro. Pela manhã, à tarde, à noite. Acho que existe uma histeria coletiva. Não tem violência aqui. Claro, eventualmente. Aqui nunca fui assaltada. Eu sei que as coisas acontecem. Meus filhos já foram assaltados no ônibus, no carro.

Tem preferência pela Praça João Bergmann pelas *Tipuanas* ali plantadas. Havia um grupo que saía com os cachorros. As pessoas não curtem compartilhar. É um hábito totalmente diferente do que conheceu nos EUA ou da Europa.

13- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola) e na realização dos percursos da Vila Assunção?

1º: Os membros da Associação dos Moradores como a nossa não conseguem articular em conjunto um padrão de espaços com dignidade (cita os abrigos de ônibus que foram colocados nas perimetrais da Carlos Gomes, com programação visual, ter um bom abrigo, que te proteja do sol ou da chuva);

2º: Existe lixo em todas as praças. Quando vêm os garis da limpeza, a gente chega a achar melhor que não venham. Parece que só estão transferindo a sujeira de lugar.

Nos EUA e na Europa 50 pessoas se reuniram e cuidariam de uma praça. Se isso não for feito, e esperarmos o poder público fazer, as coisas ficarão do jeito que estão. Se a população não cria um padrão do que quer e como quer, como a prefeitura irá fazer? “A prefeitura é apenas a representação daquilo que é a população”.

14- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Tenho boas relações com os vizinhos, existe o contato porque vou de casa em casa por ser ativista. Nem sempre sou bem tratada por ser ativista do bairro, fazendo abaixo-assinados. Uma pessoa que se empenha pelo bairro é mal vista. Vista como empregado. Tenho demandas.

15- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Sim. É a presidente da Associação dos Moradores da Vila Assunção. Priorizou o sistema de vigilância particular (STM). São 200 moradores. Não tem relação com o Clube de Mães. Este, tem uma atividade meramente recreativa.

16- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Vejo muito inviabilizado, pela inexperiência administrativa prática e institucional.



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 04

NOME: JOÃO e SÉRGIO RIBEIRO TEIXEIRA – irmãos, filhos do Dr. Nilo e D^a Cássia Teixeira

Local da entrevista: realizada na residência da D^a Cássia, casa que construíram e cresceram.

Data da entrevista: 26/01/2017, às 20h

Rua da moradia do entrevistado: Av. Pereira Passos

Transcrição da Entrevista

1-Período: **1956-1978** (Sérgio) e **1956-2017** (João)

2 - Em que ano você (s) se mudou (ram) para a Vila Assunção?

Nos mudamos em novembro de 1956. João nasceu aqui em dezembro de 1956.

3-Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Morávamos de aluguel no bairro Partenon. Meus pais estavam procurando local para comprar um terreno e construir uma casa. Lembro-me de terem comentado que havia dois lugares: Viamópolis ou Vila Assunção. Optaram pela Vila Assunção. O pai deles, Dr. Nilo Teixeira, era advogado e militante do partido comunista. Frequentava muito a noite de Porto Alegre. Era amigo do Sérgio Costa Franco, foram colegas de pensionato quando estudantes de Direito. Dr. Nilo era natural de Rio Grande e Sérgio, de Jaguarão. Já haviam amigos que vieram morar “para cá”. Amigos como o Gedel, moravam na Vila Conceição, o que certamente influenciou na escolha do local. A mãe, dona Cássia era dona de casa.

“Sempre tivemos a noção de que morávamos em um local diferente”. Quando saíamos daqui, íamos “para a cidade”. Passava um ônibus pela manhã e um à tarde. João lembra da mãe pedindo que quando o ônibus passasse, ele atacasse e fosse chamá-la. O ônibus vinha pela Icaraí, pela Lomba do Asseio (Subida do Iberê), e costeando o Rio.

A via chama-se Lomba do Asseio porque, na época, em Porto Alegre haviam os cabungos. E jogavam ali os dejetos. Minha Mãe chegou a conhecer o trezinho da Tristeza. Vinha veranejar aqui na Pedra Redonda.

4-Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Lembro que em frente a nossa casa (Av. Pereira Passos, 145) havia um valão, que depois foi urbanizado. Não tinha esgoto. A travessia do rio era feita através da balsa. Formava-se uma fila. Lembro quando gurizinho, com 6 ou 7 anos, de sentar na varanda em frente da casa com minha mãe para vermos o movimento de carros, caminhões, gado, cavalos. Todo movimento para o sul do estado passava por aqui. Quando nos mudamos, já havia calçamento na rua e lembro que algumas passagens possuíam escadarias de granito.

Seu Romeu tinha a padaria da esquina. Vendia cachorro quente. Tinha muito movimento. Tinha o açougue do seu Afonso e um armazém de secos e molhados. Tinha um rapaz que com a carroça pegava a lista de compras e trazia todas as compras, de prego, farinha, até lenha. Tinha padeiro que entregava pão. Houve uma época que tinha racionamento de todo tipo. Outra coisa legal era o caminhão pipa que vendia leite de casa em casa. A gente chamava de “vaquinha”. Um tempo depois era o caminhão da DEAL, em garrafinhas transparentes.

Quando nos mudamos, devia haver, no máximo, umas 12 casas aqui na rua (Pereira Passos).

Nós circulávamos por tudo com a maior liberdade. Muitas coisas tinham que ser abastecidas “na cidade”. Do outro lado da rua, se localizava o Restaurante Copacabana, onde hoje é a casa de Mercedes Rodrigues (Av. Guaíba esquina Rua Carajá), projeto do arq. Debiagi. De frente para a Av. Guaíba. Era ponto de encontro de amigos. Ali ou no SAVA Clube.

“As crianças eram criadas soltas e livres”.

Aqui era tudo mato. Nas férias eu me embrenhava no mato e só voltava à noite. No caminho até a pedreira, era mato fechado. SÉRGIO RELATA QUE BRINCAVAM MUITO NA PEDREIRA. Nem todas as passagens estavam demarcadas. Havia uma pedra enorme na Rua Coroados. Íamos até lá para ver o rio.

5- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro?

Era comum o pessoal do bairro estudar na escola do Bairro. Escola, havia o Colégio 3 de outubro, na Tristeza e o Santos Dumont. João e o outro irmão, o Beto, estudaram no Colégio Santos Dumont durante 14 anos. Começou no Cândido Rondon, uma escola de madeira, aquelas Brizoletas, que havia ali no mesmo local onde hoje está o Colégio Santos Dumont.

Sérgio lembra que estudou numa escola que havia na Praça Araguaia, esquina com a rua Carajá, em frente a um centro cultural e academia de ginástica que tem atualmente. A escola funcionava numa casa estilo colonial e depois saiu dali. Sérgio estudou até a 2ª série e depois foi para o Colégio Presidente Roosevelt, na Rua Botafogo, no Menino Deus, junto com o outro irmão, o Heitor.

Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta?

Dois dos quatro irmãos, Sérgio e o Heitor, se deslocavam de ônibus para a escola no bairro Menino Deus. Sérgio terminou o colégio em 1974. Na época, poucas pessoas tinham carro. Lembra que o pai, Dr. Nilo Teixeira, comprou o primeiro carro com 42 anos de idade. Acha graça que as pessoas eram facilmente identificadas pelo automóvel. “Conhece fulano? Aquele que tem um Sinka..., um DKV...”

Em 1960, com o Presidente Juscelino começou a industrialização e o acesso a automóvel ficou mais fácil.

Quem frequentava a escola do bairro? Moradores da Vila Assunção e arredores.

6- Você (s) ou alguém de sua família utilizava (m) ou utiliza (m) as passagens para pedestres?

Sim, muito. A gente caminhava muito a pé pelo bairro e circulava por todos estes espaços. A passagem que ia do rio até a igrejinha era muito utilizada. Na Rua Cariri, duas casas foram construídas de cada lado da passagem, os proprietários fecharam, utilizando o acesso como uso comum para as duas casas, impedindo o acesso até a pedreira.

7- Havia atividades nas praças? Atualmente como você (s) percebe (m) seu uso?

8- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado?

As casas estão cercadas, e não eram. Nós caminhávamos por tudo, meus filhos já foram criados mais confinados, diz o João.

9- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Nós aprendemos a nadar aqui no rio. A gente passava o dia na água. Pois o rio mudou bastante. Tinha uma praia em frente ao Clube dos Jangadeiros. Tinha um esgoto que saía em frente ao Restaurante Ao Colonial, mas mesmo assim tomávamos banho. Atrás do restaurante tinha uma cancha de pelota Basca. Todo mundo se conhecia.

Domingos à noite, tinha cinema na SAVA Clube. Toda Vila Assunção se encontrava no domingo à noite para assistir ao filme. Alugávamos. Tinha um senhor que tinha um projetor bom e passava o filme.

O SAVA Clube era uma construção de madeira, onde hoje são as quadras de tênis. Mais ou menos em frente à Rua Possidônio da Cunha. Tinha uma varanda que circundava a construção e tinha um trapiche em “T”. Dalí saltávamos e nadávamos. A prainha era maior. Hoje diminuiu muito. Tinha areia. Sérgio acredita que em função dos sucessivos aterros o rio subiu de nível. E havia uma vista linda. A construção da nova sede foi feita justamente em cima do que era mais bonito no local. E a construção é horrível.

Possuem fotos do acervo de família que aparece o SAVA Clube, na década de 1960.

Nos finais de semana, recebiam os familiares que moravam no centro da cidade. E primos que moravam em São Paulo, vinham para veraneiar nas férias.

Onde estava o Timbuka, o Seu Passoca vendia balas.

Vinha muita gente de fora. Frequentador assíduo da praia era o jogador do Grêmio, Aírton, chamado “Queixada”.

A orla sempre foi com aspecto natural. Onde foi construída a atual sede do SAVA Clube, haviam pedras e o lugar era muito bonito. A construção foi feita em cima das pedras. Uma pena.

Havia a casa noturna, o *Mil e uma Noites*, e *A Cabana*, que era um restaurante com umas figueiras, com mesas de ferro, muito à vontade. Onde hoje está a sede de um Sindicato. A gente sentava na rua, na sombra daquelas figueiras.

O poder público deixou degradar e as áreas acabam sendo concessões com a desculpa de que irão cuidar do local. Acabam cercando e o lugar não pode mais ser de uso comum. O Yatch Club, o Veleiros, o Jockey Club, todos foram construídos desta forma. Não havia nada disso quando viemos morar aqui.

A partir de 1970 o pessoal de maior poder aquisitivo veio morar aqui. O lugar ficou elitizado. Médicos, advogados, juízes, se instalaram no topo do morro. Pegaram a melhor vista.

10- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

O rio fazia parte da vida da gente. Quando criança, nadávamos, tudo era perto do rio. A gente vivia dentro da água. Fazíamos de tudo. Pesca de lambari, balsas no SAVA, tipo tonéis. Saíamos da escola e íamos direto para o clube. Velejávamos até a Ponta Grossa.

Os pescadores vinham pegar minhocas nos terrenos. Em época de bagre, “as” bagres, tinham as ovas. Deixavam secar na areia e viravam iscas. No SAVA, a parte mais elitizada era a parte da motonáutica. O pessoal endinheirado curtia, tinham as lanchas, corriam de lancha. As competições eram aqui na frente.

11- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

Para Sérgio, era um **lugar de liberdade total**.

Para João **liberdade e autonomia, e a imagem do rio**. “Até hoje eu tenho necessidade de estar perto do rio. Saí da zona sul e tive que voltar porque sentia muita falta do rio. ”

12- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Quando fui cursar agronomia, em 1977, outro mundo se abriu. Universidade, movimento estudantil, fomos perdendo o contato com o cotidiano do bairro.

Muitos amigos voltaram a morar aqui depois que saíram. Todos têm o mesmo olhar carinhoso com o bairro, com o espaço.

As ruas de cima do morro, junto à pedreira, existiam, mas não haviam casas. Andávamos por tudo. Os terrenos não eram cercados. Não sabíamos se estávamos em espaço público ou não. Ao lado da casa tinha um terreno vazio aí fizeram um campo de futebol.

Quando se mudaram, três filhos já eram nascidos e o João nasceu aqui. Constatam que os meninos de uma maneira geral, eram criados na rua, diferentemente das meninas.

João relata que criou os filhos sempre “por aqui”. Moramos na Wenceslau Escobar, nos prédios em frente à padaria, e percebo que eles foram criados um pouco mais confinados. Brincavam por aqui direto, na casa da avó. A preocupação com a segurança. Com os filhos, tínhamos certo controle. A relação com os vizinhos era outra. Mesmo assim, desenvolveram uma paixão pelo bairro. Na nossa casa, no início, o que havia era um murinho de pedra. Depois foi instalada uma grade baixinha e foi plantada a coroa de cristo, para impedir que as pessoas pulassem.

Na noite de Natal, havia a tradicional Missa do Galo. João lembra que só podíamos jantar depois da Missa do Galo na Capela da Assunção. Íamos a pé, pelas passagens, pelas ruas. Todos confraternizavam se cumprimentavam depois da missa. Havia um espírito comunitário, parecia uma “cidade do interior”.

13- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola) e na realização dos percursos da Vila Assunção?

Sérgio, atualmente, mora no Jardim Izabel, bairro próximo, no caminho para Ipanema. João mora em uma casa na frente à casa da Mãe e percebe as mudanças com desagrado.

14- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

15- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Dona Cássia, a mãe era atuante e foi presidente do Clube de Mães. Atualmente está com Alzheimer e reclusa em casa.

16- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Me parece que existe uma “frouxidão” do poder público em relação aos projetos novos que estão acontecendo na Vila Assunção. Se indignam com o novo padrão de moradias no bairro. São caixotes de concreto. Não tenho vontade de morar assim aqui neste bairro.

Me conformo com os novos condomínios construídos pelo fato de assegurarem o uso residencial no bairro. Pior acho que são os estabelecimentos comerciais na Pereira Passos, o restaurante, a estética, a casa geriátrica, o curso de inglês, o centro comercial.... E assim vem vindo. A descaracterização do espaço. Não tem mais o morador. Aqui é um bairro que as pessoas ainda andam a pé. Tem um circuito bem usado, esta parte por ser plana e ter a proximidade da beira do rio é muito utilizada, inclusive para atividade física. O problema dos condomínios residenciais é que as

pessoas vêm para cá em busca de uma coisa, mas que este tipo de ocupação está destruindo. Estão matando a galinha dos ovos de ouro. Onde tinha uma casa estão construindo 8 casinhas e a área verde que está morrendo, virando área pavimentada para circulação dos automóveis. Entendo que isso se deve pelo fato de estarmos numa fase da troca geracional, muitos herdeiros, questões financeiras. Muita gente de fora tem vindo para ocupar as praças. O número de moradores aumentou muito nos últimos anos na Zona Sul, e pessoas morando em apartamentos, vêm buscar essa área verde do bairro. Que bom que temos essa área verde. Muitos também vêm buscar a orla, o calçadão para ver o pôr do sol, tomar um chimarrão.

Com estas transformações, temos percebido que uma nova turma, uma nova geração se apropriando dos espaços públicos. Necessidade de ocupar as áreas públicas, áreas verdes, sem vínculo com clubes. Sérgio relata sua experiência de viver na França, onde os espaços não são privatizados. Nada é privatizado. O acesso é livre. Na nossa sociedade aqui, no Brasil, tudo tem sido privatizado. O Jangadeiros, o Sindifisco (Sindicato dos Servidores Públicos da Administração Tributária do Estado do Rio Grande do Sul) o Veleiros.

A orla, o cais, ajardinada, bonita, o problema sempre é o mesmo: o poder público se exime, deixa degradar, aí vem a iniciativa privada como solução. Além da briga do poder público e da politicagem. Não é por aí. Veja o que aconteceu com a área do Estaleiro Só.



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 05

NOME: JACQUELINE CUSTÓDIO, 57 anos.

Local da entrevista: realizada na residência da entrevistada, sito à Rua Simão Bolívar nº 276-Vila Conceição

Data da entrevista: 28/01/2017, às 14h30m

Foi moradora das Ruas Cariri e Manauê, ambas na Vila Assunção

Transcrição da Entrevista

1-Período: **1969-2002**

2 - Em que ano você (s) se mudou (ram) para a Vila Assunção?

No final de 1969, quando a minha avó faleceu, fomos morar com meu avô, na casa construída por ele, localizada na Rua Cariri nº 125. Em frente à uma passagem de pedestres, ainda hoje aberta, calçada e de livre acesso.

3-Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Na verdade, meu avô teve um problema de saúde, ainda quando minha avó era viva, e por isso, minha avó e ele foram morar em um apartamento, próximo ao apartamento que morávamos. Anos mais tarde, 9 anos depois, quando minha avó faleceu, resolvemos voltar a morar na casa, que ficou alugada durante esses 9 anos. Fui para lá com 9-10 anos. Portanto, isso foi em 1969 e morei lá até 2002. Saí do bairro há 15 anos. A casa ainda existe e hoje é meu irmão, com sua família quem mora lá. Por isso, ainda sou frequentadora do bairro.

Meu avô morreu naquela casa. Viveu muitos anos ali conosco. Eu já tinha 25 anos.

4-Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Fui para lá com 9 anos e posso te dizer que foram passei a melhor parte da minha vida lá na Vila Assunção. Corríamos enlouquecidamente soltos por lá. Andava de bicicleta, andava de cima para baixo, íamos à casa de amigos, tinha aula na praça, estudei na

escola Cândido Rondon e depois no Colégio Santos Dumont, minha mãe era professora no Colégio Santos Dumont, meu irmão há dois anos é diretor da escola.

Para mim, os espaços públicos, as passagens, as praças, as ruas, eram usadas. As pessoas caminhavam, percebia que havia a movimentação das pessoas que trabalhavam aqui, como domésticas e jardineiros. O ônibus Bairro Assunção era o nosso ônibus. Com 14 anos íamos para o centro e achávamos que tínhamos uma grande autonomia. Era muito legal. A noção de espaço público era muito ligada a própria Vila Assunção, que parecia uma cidade do interior.

5- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro?

Sim, estudei na escola Cândido Rondon e depois no Colégio Santos Dumont. Minha mãe era professora no Colégio Santos Dumont, meu irmão há dois anos é diretor da escola.

Era muito legal porque o Colégio Santos Dumont era uma mistura de pessoas: moradores da Vila Assunção, da vila dos pescadores, a comunidade usava a escola. Concluí os estudos ali. No entanto, no final da 8ª série do 1º grau, abriu seleção para o Colégio de Aplicação e fui uma das 10 alunas aprovadas. Fiz o 1º ano e metade do 2º ano do 2º grau lá, mas, senti muita falta dos meus amigos e do ambiente escolar que eu vivia. Pedi para sair dela, pois queria voltar para junto dos meus amigos. A então diretora do Aplicação, Graciema Pacheco, disse que isso nunca havia ocorrido no Aplicação. Mas Jacqueline voltou e concluiu o 2º grau no Colégio Santos Dumont. Brincavam que o estudante do Santos Dumont que passasse em Medicina na UFRGS ganharia um automóvel Fusca. Passei em Medicina, mas não ganhei o carro!!!

Como era realizado o percurso? A pé...utilizava as passagens, inclusive aquela que íamos pelo interior do quarteirão. Era a minha preferida.

De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

6- Você (s) ou alguém de sua família utilizava (m) ou utiliza (m) as passagens para pedestres?

Eu utilizava três passagens entre a Pereira Passos e a Cariri com frequência. Aquela que passávamos no centro do quarteirão, entre os quintais das casas. Eu gostava de ir por ali. Saía da escola, atravessava a praça entrava no caminho e já saía na Cariri. Em frente à minha casa, a “passagem da minha mãe”, passagem de pedestres, acho que entre 1972-1973, quando voltamos das férias de verão, encontramos a passagem fechada. Os proprietários das casas lindeiras situadas na Pereira Passos, haviam fechado e se apropriado da passagem. Tínhamos acesso até o meio do quarteirão, através da Cariri. Mas dali, não conseguíamos percorrer até a Pereira Passos. Lembro-me da indignação da minha Mãe. Foram na prefeitura, não sei ao certo o que houve, mas sei que dois meses depois, abriram o acesso. O prof. Nadruz costuma dizer que por isso tenho essa inquietação, está no DNA!!!

Num determinado momento, meu pai foi sócio do clube dos Veleiros e lembro que íamos a pé. Tinha uma amiga que morava na Rua Coroados e íamos juntas para o clube, a pé, até a Bororó e de lá atravessávamos uma passagem de pedestres que nos levava até a Av. Guaíba.

A vegetação era abundante. As pessoas plantavam frutíferas nos terrenos. A maioria das casas tinham verdadeiros pomares. Na pedreira, subíamos para ver o pôr do sol, onde hoje tem os prédios. Tínhamos noção de que as passagens eram espaços para circularmos. A que eu tinha dúvida era aquela da Bororó até a Av. Guaíba, pois uma parte era aberta e outra tinha um matinho. Ali achava que era um atalho que fazíamos.

7- Havia atividades nas praças? Atualmente como você (s) percebe (m) seu uso?

Sim, a escola utilizava para educação física. Nós usávamos muito quando crianças.

A Praça Franklin Perez, que tem uma escola infantil, sempre tem gente. Acredito que na saída da escola, o movimento de levar e buscar as crianças, é impossível passar por ali com crianças e não quererem dar uma paradinha nos brinquedos. Meus filhos gostavam muito de sair daquela escola e brincar um pouco na praça antes de voltarem para casa.

8- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado?

Não tínhamos a menor ideia da complexidade/proposta/intenção do projeto. Meus pais são naturais de Cruz Alta.

9- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Tenho lembranças de praia sim. Meu pai gostava de reunir amigos e a família em casa nos finais de semana. Lembro bem, depois de um almoço destes, de termos ido tomar banho de praia, em frente à Praça Araguaia. Todos foram. Essa é a minha lembrança de banho no rio. Outra lembrança da orla é o Timbuka. Não era frequentadora, mas era um referencial. Muita gente se reunia ali. O convívio com o rio era muito mais visual. Enxergávamos o Rio da minha casa, na Cariri. Havia muito menos casas e estas eram de menor dimensão. Poucas casas eram de 2 pavimentos. A maioria eram casas térreas.

10- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Eu não sou adepta a atividades físicas. Meu pai foi sócio do Clube dos Veleiros, e o Veleiros foi um diferencial na vida dos adolescentes da época. Mas na verdade o que proporcionou algum contato com barcos foi o convívio com as pessoas do bairro, que acabavam convidando para saídas de barco, no Clube dos Jangadeiros, o rio fazia parte mesmo nunca ter tido barco. Sempre conviveu muito com esse pessoal. Mas o contato com o rio era muito mais visual.

11- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

Para mim é **a Igrejinha**. Meus pais casaram ali, eu casei ali, meu irmão casou ali, as crianças foram batizadas. Aquilo lá era um lugar muito legal. Minha melhor amiga morava ao lado, na Goitacaz. Lembro-me de ir muitas vezes até lá ver o pôr do sol quando o acesso à laje que existe sobre o salão paroquial ainda era aberto. Acho a arquitetura da igreja é uma coisa, acho a igreja mais bonita de Porto Alegre. A Capelinha

é um referencial das pessoas daqui. Sempre é citada com referência para localização das pessoas.

12- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Mesmo não morando mais lá, meu irmão ainda mora. Por isso, ainda frequento o bairro. Mas tenho muito pesar em ver a degradação do ambiente. Mudou tanto a Vila Assunção que me dá muita dor de passar por lá hoje. Eu evito. A vegetação diminuiu muito. O frescor, a cidade do interior, o terreno com uma casa solta no terreno. Casas maravilhosas foram substituídas para no lugar colocarem 5 casas. Jacqueline se envolve pessoalmente com as questões de patrimônio, desde 2009 luta pelo resgate das passagens de pedestres, e sente a derrota. As coisas vão acontecendo como se fosse um trator, independentemente das irregularidades. Tenho hoje, aqui da janela da minha casa na Vila Conceição, uma vista da Vila Assunção. Ali percebo o quanto a paisagem verde está sendo degradada. Sinto como feridas. E o edifício na Av. Guaíba, que hoje ocupa o terreno e a passagem lindeira, me dá uma dor, não consigo passar ali em frente. Hoje eu evito passar pela Av. Guaíba. Peço para ir pela Wenceslau Escobar.

Mudou o público da Vila Assunção. Em algum momento, o bairro acabou sendo considerado nobre em Porto Alegre. Originalmente morávamos longe, quem morava aqui tinha esse espírito de cidade do interior. As coisas aqui não aconteciam, tínhamos que buscar as festas “na cidade”. A primeira coisa que fiz aos 18 anos, foi tirar a carteira de motorista.

Eu só me dei conta que começaram a fechar as passagens em 2009, quando eu já não estava mais morando na Vila Assunção. Depois de casada e com filhos, voltamos a morar lá, na Rua Manauê. Meus filhos já não usavam mais a escola. Acredito que minha geração tenha sido a última que foi usuária da escola. As minhas crianças ainda brincavam na rua. E eles tem saudades disso, até hoje. Minha filha é de 1994. Ela com 4 anos foi sozinha até a casa da avó, na Rua Cariri. A Praça Tupiniquim, era meio “banhadão”, mas na parte alta tinha brinquedos que eram utilizados pelas crianças. Moramos ali até 2002. Ainda havia festas na rua. O Zaffarinho era uma alegria. Era um ponto de encontro. Fazíamos o recreio e o lanche durante o período da escola ali. Era o centro de encontro da Vila.

A padaria, em frente ao posto de gasolina, íamos de bicicleta buscar o pão de meio quilo. Depois, foi o Zaffari. E a ferragem. Sei que ali tinha um armazém.

13- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola) e na realização dos percursos da Vila Assunção?

Fechamento das passagens não só dificulta o acesso das pessoas que trabalham nas casas como dificulta quem anda e quer andar. Recentemente fizemos uma intervenção na passagem que vai da Goitacaz até a Av. Guaíba. A falta de cuidado e o descaso faz parte da estratégia para fechar. A lotação foi suprimida. Não sei quantas pessoas do bairro usariam, eu com certeza se morasse ali usaria. Tem um ônibus circular que vem

da Vila Cruzeiro, que passa na Pereira Passos e que desagrada muito os moradores. Alegam que aumentou muito o número de assaltos.

14- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Sim, as pessoas se conheciam. Ainda hoje frequento a casa do Nadruz, conversamos. Conhecia todo mundo. Não tinha quem tu não conhecesses. Sabíamos quem era estranho.

15- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Sim, é a presidente do Centro Comunitário de Desenvolvimento da Tristeza, Pedra Redonda, Vilas Conceição e Assunção, o CCD. Participa da Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção. Fez parte do Conselho Estadual de Cultura. É a responsável legal pelo parque da Tristeza, que foi recentemente revitalizado. Jacqueline é militante. Ela acredita no coletivo. A essência da Vila Assunção está sendo perdida. O morador novo busca e encontra esse novo modelo de morar: espaços cercados, casas em cubo grudadas, as pessoas não circulam, o espaço público acaba ficando vazio. O espaço público acaba sendo usado pelo bem e pelo mal.

Aqui onde moro, na Vila Conceição, percebo que a vida é diferente. Os vizinhos não se relacionam. As casas e os terrenos são maiores. Acho que isso distanciou as pessoas. Cada um faz seu clube particular e vai se perdendo o contato cotidiano. As crianças se ressentiram muito quando viemos para cá. Queriam voltar para a Vila Assunção. A casa era menor, mas o convívio na rua era intenso.

16- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Ainda tenho. Eu sei que não devia, mas ainda tenho... acho que Cidade para as pessoas ainda vai entrar na cabeça de alguém que vai poder fazer alguma coisa. Acho que é uma combinação: ao mesmo tempo em que o poder público não dá as condições de manter as coisas mais ou menos numa forma "amigável" com as pessoas com isso, modificam seu jeito de se relacionar com os espaços. Tem muita gente que tem muita dificuldade em pensar no coletivo. Esperam que o poder público faça tudo. Deixam a poda das árvores no canteiro central e não se dispõe a colocar no carro e levar para o lugar de descarte.

Sou uma pessoa que trabalha com utopia. Tentar mostrar às pessoas que aquilo que elas buscaram ao mesmo tempo está sendo destruída agora. Não vai ser o que elas terão. A harmonia (paisagística) se perde. Acho que tem que continuar batendo na tecla das passagens. "Acho que se eu parar de sonhar, eu não sei se eu consigo sobreviver. Acho que é por aí essa minha esperança".



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 06

NOME: NESTOR NADRUZ – arquiteto e urbanista, nascido em 15/9/1928, natural de Porto Alegre.

Local da entrevista: realizada na residência do entrevistado

Data da entrevista: 15/02/2017, às 15h

Rua da moradia do entrevistado: Rua Cariri

Transcrição da Entrevista

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

1975 - 2017

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

Comprou o terreno em 1966, logo em seguida, comprei o terreno ao lado. Iniciou a obra para a construção da casa em 1972. A casa ficou pronta em 1975.

3- Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Era casado, com 3 filhos e morávamos na Av. Ganzo, no Menino Deus. Comprei o apartamento do Lincoln Ganzo de Castro, professor da Faculdade de Engenharia.

Em primeiro lugar, aquela ideia de que a cidade iria crescer para a zona sul, no espírito e mentalidade da época, um crescimento lento, não essa barbaridade que está hoje. O tamanho do apartamento, era de 2 quartos, com os 3 filhos mais empregada, decidimos que precisávamos de um lugar maior. Morar no Menino Deus foi uma experiência maravilhosa. Tínhamos um Austin, e eu ia para a Prefeitura de carro. Trabalhava em dois turnos na Prefeitura. Eu vinha para casa almoçar.

Quando vim para a Vila Assunção, era muito calmo. O arquiteto Moacyr Moojen Marques me alertou que tínhamos que vir para cá, pois havia feito um cálculo: ele levaria 15 minutos até a SMOV (na Borges de Medeiros), vindo de Ipanema. E eu, levaria 10m saindo da Vila Assunção. Eu já tinha alguns colegas que tinham vindo para cá e que estavam assegurando o desenvolvimento. A casa aqui preencheu o que eu precisava de espaço.

No meu caso havia um terreno à venda. E minha esposa, a Lígia queria vir morar aqui. Tinha outros colegas e amigos vindo morar para cá. Cheguei à conclusão que aqui era uma oportunidade para ficar. Até o amigo Arq. Moacyr Moojen, me alertou que “aquela região ali vai crescer”, porque estavam sendo feitas as avenidas.

Cheguei a comprar um terreno em Ipanema, num “cul de sac”. Eu comprei um e o Moojen comprou outro. Quando eu comprei esse da Rua Cariri, eu vendi aquele para o Moojen.

O terreno à venda tinha 13 de frete por 29,70m de fundos. E era de um proprietário que tinha o terreno ao lado também. Por isso, tenho dois terrenos aqui. Ele queria vender, pois o filho não queria vir morar aqui. Comecei a construir a casa em 1972.

Em 1966, eu lembro que tinha a casa do amigo Cícero Araújo, procurador da justiça eleitoral. Conheci de onde morávamos na Rua Duque de Caxias. Ele morava na Rua Cipriano Ferreira. Foi um dos primeiros a construir a casa aqui. Foi o encontro de uma pessoa amiga e que me falou das condições do bairro. Na época, a Rua Cariri tinha uma pavimentação em pedras bem assentadas, tanto os paralelepípedos quando as pedras irregulares que sobravam, trabalhadas por profissionais que cortavam para fazer a junção. Eram profissionais espetaculares. Acabou isso. O assentamento da terra era muito bem compactado. Caminhávamos por aqui e havia o pequeno ruído que não incomodava, não tinha “os altos e baixos” que tem hoje. A Vila Assunção está destruída. Não essa vergonha que agora está aí.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

A Vila Assunção, eu sabia que existia porque a Ligia chegou, quando era mais moça, chegou a vir usar como balneário. Eu frequentava o Balneário de Ipanema. Tinha um ônibus que subia, naquele tempo, a lomba, descia e ia para Ipanema. Aqui na Vila eu não vinha.

A partir do momento que houve a construção desse loteamento nos moldes de uma cidade-jardim, as coisas mudaram. Teve muita gente que veio até aqui e comprou terrenos. Foi muito divulgado a questão do loteamento com os equipamentos: escola, área comercial. Tudo isso estava previsto. O que não era comum na época. Só nas cidades-jardim inglesas é que se tinha conhecimento deste tipo de concepção. Quando olhávamos, “eu vivi tudo isso aí”, e não era a mesma coisa, ela foi se degradando. Foi feita as praças, mas foram entregues e assim ficaram. Naquele tempo, não havia a obrigação de fazer a praça. Quem fazia era o serviço público, não era o investidor. O investidor entrava com as ruas, o calçamento e a marcação dos terrenos. O esgoto foi deficiente. O escoamento das águas de chuva foi um problema aqui na Vila Assunção. A rede de esgoto é deficiente. Enquanto forem casas, a rede suporta. Mas se construírem edifícios, como está acontecendo. A construção civil tomou conta das cidades no mundo todo. Hoje os empresários da construção civil, os especuladores, eles transformam a cidade ao seu gosto, às suas necessidades comerciais. Não há essa coisa de sentimento. Não interessa a eles se é conservação ou não é conservação. Um caso típico e recente foi o que aconteceu com as casas da Luciana de Abreu. Elas tinham, e o que valia delas nem era tanto o projeto, “mas era o lugar, a vivência, tanta gente, almas circularam por ali e conviveram juntos e não fica aquilo lá”. “Esquecemos do passado e queremos o presente para o futuro.” É assim que pensa o empresário, o

cara que é doente por dinheiro, doente pelo lucro. Dentro do regime, do sistema que vivemos este é o processo. O que acontece com as pessoas. Em outros lugares do mundo, na Holanda, na Finlândia, na Nova Zelândia, na Itália, Portugal, Espanha, França, Alemanha, todos estes países, mantiveram a estrutura.

Colegas meus, ao visitarem Praga, me disseram que eu precisava ver o que é Praga. Lamento até hoje não ter conhecido a cidade.

Aqui na Vila Assunção era uma qualidade muito boa. O mestre de obras que trabalhou aqui era muito bom, o “Selmir”, cheguei a conhecê-lo. Ele morava na rua aqui de cima. Era ligado à um dos proprietários, morador daqui. Ele que fez tudo, junto com o Leiria. O Engº Leiria dava as dicas para ele e ele executava. O que foi feito aqui de acordo com o traçado em geral foi cumprido. Houveram algumas alterações que e mostro em planta. Mas em geral, seguiu a tônica da ideia da cidade-jardim. Porque nós estávamos na época, nos anos 1940 e anterior a 1940, a dupla de arquitetos e urbanistas que fizeram as cidades inglesas que projetaram o Jardim América em São Paulo (referindo-se à Barry Parker e Raymond Unwin). Os Estados Unidos difundiram esta história. Tem vários lugares nos EUA que tem o formato da cidade-jardim. Mas os melhores exemplos foram feitos na Inglaterra. Letchworth, Welwyn e Hampstead.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

O Engº Leiria era uma pessoa muito simples, muito agradável. Ia muito na Divisão de Urbanismo por volta de 1956-1957. Ele praticamente já tinha entregue a Vila Assunção. Minha esposa, Ligia, vinha muito aqui na Vila Assunção.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Meus três filhos estudaram aqui na Escola Santos Dumont. O Mauro, o mais velho, hoje com 57 anos, veio para cá com 15 anos. Era tranquilo. Iam a pé para a escola. Ou desciam pela rua ou pela passagem que tem ali mais para frente, complicada porque as passagens não tinham acabamento. Foram entregues sem tratamento. Mas os guris andavam por tudo. Naquele tempo ainda havia remanescentes de bons professores. Mesmo com o estrago que os militares fizeram no ensino. Estudaram até o final do ensino médio. A escola vem se degradando.

O outro filho, Marcos, hoje com 54 anos, depois foi fazer arquitetura na Ritter dos Reis. Os professores Canarim, Udo Mohr, Charles Renné Hugo, logo identificaram pelo sobrenome Nadruz. Tínhamos sido colegas na Faculdade de Arquitetura. O Udo é meu vizinho, na rua aqui em cima. Transplantou um pé de Umbu aqui do meu terreno para o terreno dele.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

Com o fechamento do Zaffarinho, perdeu a essência da área comercial. Era o encontro das pessoas. Conheci o Claudio e o Marcelo Zaffari que trabalharam aqui. Eles eram um pouco mais moços que eu. Certa vez, atendi o Claudio no Conselho do Plano Diretor, eu fiquei desconfortável porque eu era contra o projeto que ele estava apresentando.

Falei para ele lamentado sobre o fechamento do Zaffarinho, e ele respondeu que foi uma decisão coletiva do grupo.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

A grande contribuição aqui da Vila Assunção, é a solidariedade dos jovens que aqui cresceram. Tenho 3 filhos, o Mauro, mais velho hoje está com 57 anos. Veio com 15 anos para cá. Fez o aniversário dele aqui.

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Comentários/Observações:

A Rua Cariri tem muita importância. Ao lado do meu terreno, está localizada a Praça Solumá, onde o trenzinho da Tristeza vinha da ponte dos açorianos. Ele fazia o retorno aqui nesta praça. Tinha a aparelhagem para ele fazer o retorno. E voltava o mesmo trem. Era um trem só. O ponto ficava na Rua Pantaleão Teles, do lado do rio. A praça ficou preservada porque era um local público. O trem era público. Lembro de ter vindo de trem até esta praça. Eu deveria ter à época 8 ou 10 anos e vinha com minha mãe e minha irmã. Minha mãe vinha com as tias e com as amigas para tomar banho de rio na pedra redonda.

Aqui era um balneário também. Aqui criaram o loteamento parecido com os loteamentos bairro-jardins, cidade-jardim e a Vila Assunção tem muitas características em função

dos equipamentos. Tomar banho aqui era muito efetivo. Mas haviam poucos moradores. Muita gente comprou os terrenos, mas não construiu. Vendeu depois.

Nadruz, ao lembrar do livro que ganhou sobre a cidade de Barcelona, do Plano de Cerdá, comenta sobre a qualidade das fotografias existentes no livro e que “O grande lance da fotografia não é a fotografia comercial, de moda, a fotografia é aquela que traz à lembrança, que traz a imagem, uma lembrança, dos tipos de pessoas, que fala por si só.”

O Léo Ferreira da Silva, fotógrafo, era de Jaguarão.

Eu aprendi com a leitura de certas literaturas que eu fiz, a partir de um Livro que eu li “Enterrem meu coração na curva do rio”, transcrito por um jornalista, dos Estados Unidos, de um índio americano sobre a situação que os americanos daquele tempo estavam fazendo a expansão do seu país, das civilizações que vieram da Europa, e começaram a liquidar os índios. Existia um deles, Seattle, que recebeu uma carta do presidente dos EUA, por volta de 1850. Naquele tempo, os índios e os aborígenes tinham o máximo cuidado com as coisas do planeta, da terra, até do céu. Tudo, animais, insetos, tinham um grande cuidado, porque eles não se consideravam donos de nada, eram simplesmente participantes da vida em comum na Terra. A primeira quebra deste processo foi com a Assíria, depois o Egito, depois a Babilônia, Grécia, Roma. Outra fase da civilização. Mas os povos anteriores, povos antigos nomadismo, eram muito coparticipantes e integradas no planeta Terra. Tudo era observado.

Voltando a carta ao índio, oferecendo um valor em dólares para pagar o índio pela compra das terras, para fazer a passagem do trem. O índio ficou transtornado com a proposta pois não se considerava dono da terra, “Como vou vender isso aqui? Eu vivo aqui como todos os demais, os animais, não somos donos de nada, nós fazemos parte de um contexto”. E não existe cobrança. É uma rede de sobrevivência. No inverno, com a chegada dos búfalos, matamos o que precisamos para a pele e para comida. Foi tirado do local a bala, fugiram, para o poder se instalar no local. Hoje a cidade tem o nome de Seattle.

Com a frase do índio “tudo tem uma relação”, com essa frase eu desenvolvi a ideia e consciência do mundo holístico. Não havia me ocorrido ainda. Uma coisa que acontece num ponto do planeta, tem reflexo aqui, para estabelecer o equilíbrio. Cheguei à conclusão que o homem que vive no campo vive melhor que os que vivem na cidade. No interior percebo uma solidariedade coletiva.

A cidade ela tem um limite de crescimento, a partir de um determinado tamanho passa a ser metrópole. Sendo metrópole é destruição. O homem passa a não pensar mais na sua origem dentro das condições naturais, que é o que ele deveria cuidar. A primeira lição na escola deveria ser conhecer o planeta que está vivendo. Porto Alegre terminou quando terminaram os Bondes. Eles estabeleciam os limites da cidade. Glória, Partenon, Teresópolis, Menino Deus (o final da linha era na igreja, aliás, destruíram a igreja), “muito eu ia até o terminal para conhecer os centros destes lugares. Em cada final da linha do bonde havia um centro do lugar”. Não se tinha necessidade do automóvel.

O bonde da Duque de Caxias, era circular, antes de chegar no palácio, o bonde parava na Rua Cipriano Ferreira por uns 15 minutos. Ali, tinha um bar que as pessoas, o motorneiro e o cobrador, tomavam um café, antes de seguir e dar mais uma volta. Havia muitos armazéns em todas as esquinas. Tu não tinhas que pegar um carro e trazer um monte de porcarias para trazer para casa. Desenvolveu uma capacidade de lixo que ultrapassa a capacidade de se guardar. Naquele tempo era uma caixinha pequena, as pessoas depois colocavam na calçada e o caminhão do lixo levava sem maiores problemas. Lembro que minha avó, D^a Catarina, saía às 7 horas da nossa casa que era na Rua Duque esquina Bento Martins, para ir ao Mercado Público, de bonde. Certa vez, o motorneiro se deu conta que era o dia da minha avó ir ao mercado e ela ainda não havia aparecido. Foi até a nossa casa chamá-la, a fim de não perder o bonde! Ela estava atrasada e ele esperou. Hoje isso é impensável! E na época era uma cidade com 200 mil habitantes.

Naquela época vivia-se melhor. As pessoas tinham emprego. Não havia imposto de renda. Os aluguéis eram acessíveis. Não havia violência urbana que há hoje. Quando ia ao cinema, o Cinema Imperial, exibia os filmes de Clube de Cinema. Eu frequentava o Clube de Cinema, P.R. Gastal, era o diretor, ele era uma autoridade em cinema. Veio de Pelotas para trabalhar no Correio do Povo. Quando comprou uma máquina Keigstone 16mm, para passar os filmes, eu fui o operador da máquina. Levava para o Instituto de Belas Artes e lá havia uma sala de projeção que passávamos lá. Naquele tempo o cinema era John Ford, os filmes imbatíveis de Faroste de 1950-1951. Lembro do filme que causou impacto, *Dançando na Chuva*, *Sapatinhos Vermelhos* e *Matar ou Morrer*. Comecei em fotografia em 1948. Neste ano que eu comecei, me dediquei e aprendi. Me entusiasmei. Dediquei-me e aprendi porque meu Tio tirava fotos com aquelas câmeras que eram uma caixinha. Quando ele comprou uma máquina pequena que era uma “Agfa”, ele me proibia de que eu mexesse na máquina. Eu era menino.

Na Arquitetura eu entrei em 1953. Eu era dos mais velhos da turma. Eu perdi uns 5 anos em função de problemas da família. Minha educação não foi fácil. Os colégios que me formaram foram O Colégio Farroupilha, fiquei um ano, que era na Alberto Bins. Em 1946 já tinha idade para fazer o Artigo 91, que dizia naquele tempo, que era uma aceleração educacional para os que precisavam tirar o ginásio. Fiz os cursinhos para fazer o Artigo 91. Eu estava muito entusiasmado com o curso, quando conheci o Ivânio Fontoura, brilhante arquiteto que morreu cedo. Ele estava se preparando para entrar na Faculdade. É o autor do prédio do Centro Administrativo. Veio de São Luiz para se preparar para entrar na universidade. A preparação e as provas eram feitas no Júlio de Castilhos. Ele me impulsionou para fazer o curso de Arquitetura. Nós passamos. E tivemos ótimos professores no Julinho. Professores com preparo, com alta capacidade de lecionar, de ensinar, o Steinbruch foi o professor de Física, um homem brilhante, alegre, colorido, uma figura desprendida. Tinha tempo para tudo. O Motinha, o Abilt, o Rippol, que era arquiteto.

O Rippol foi meu professor, já na faculdade. Era para fazer o trabalho da disciplina das Pequenas Composições. Quem deu foi o Demétrio. Me caiu fazer um restaurante. Eu fiz um projeto circular, com uma entrada. “Mas tu copiaste do Architecture D’aujourd’hui”? Duvidou que eu havia feito sem ter sido cópia. Disse que eu tinha feito, “poxa”. Me deu 10. Quando o Luiz Fernando Corona viu o projeto, disse que estava muito bom o projeto,

mas que estava faltando uma coisa, que eu deveria criar uma curva invertida, meramente formal, mas ficou bárbaro o projeto!

Tive professores inesquecíveis e de alta linhagem e que moldaram minha formação. Devo minha formação aos professores do Julinho, depois aos brilhantes professores da Faculdade de Arquitetura e, depois por ter sido funcionário na Prefeitura, quando fui trabalhar na equipe do Paiva. Foi um grande aprendizado. Havia Leis esparsas. Por exemplo, o loteamento da Vila Assunção veio de uma lei existente, mesmo deficiente. A primeira lei de loteamento. Não me recordo o número dela. Melhorou a lei dos Loteamentos em 1954, em 1959, teve a Lei nº 1233, essa era a lei efetiva, Lei de Loteamento, que continha todas as obrigações que a pessoa tinha que cumprir: as praças, as áreas verdes, as escolas, parece que 10% era destinado para áreas verdes, e isso era obedecido. Aqui na Vila Assunção foi deixado áreas verdes, ao que me parece, naquele tempo já se usava 10%. Muitos “pedaços de terra” foram deixados para completar a cota e não locais acabados com destinação: interior de quarteirão, havia uma vasta área verde, onde o Adroaldo Streck, tomou conta. A casa dele é na Pereira Passos, linda a uma passagem. Meus filhos conheciam bem os filhos dele. A grande contribuição de viver aqui foi essa solidariedade dos jovens que conviveram.

Quando foi feita a Vila Assunção, foi deixada áreas verdes, acredito que a taxa mínima era de 10%. Então pedaços de terra para completar a cota e não locais acabados com intenção de uso. Foram deixadas áreas verdes a fim de atingir o mínimo definido para áreas verdes em condomínio.

Nestor Nadruz relata que foi aluno do Demétrio Ribeiro, do Luiz Fernando Corona, foi funcionário do Paiva.

Thompson Flores terminou com os bondes. A população teve que buscar o automóvel. O Brizola tentou o ônibus elétrico, os “Troller”, mas não deu certo. Não seguia num trilho, no seu espaço, causava muita desordem urbana, andava em alta velocidade.

Porto Alegre era uma cidade singela, cidade simples. Porque o bonde tinha limitado seu crescimento natural. Crescia mas crescia devagar. Lembro que quando o Brizola assumiu, Paiva modificou e fez o novo traçado da cidade. Levou em consideração o Plano de Melhoramentos do Gladosh. O Paiva, em função dessa política, desenvolveu o projeto e levou à Câmara de Vereadores para ser aprovado. O Paiva sofreu com a dúvida da aprovação da Lei 2046. Acabou sendo aprovada, graças ao Dr. Malinski, vereador, médico, tinha muita admiração pelo Paiva, ambos eram da esquerda, fervorosos.

Antes era assim: havia uma mesa, com um lençol em cima do mapa com o Plano, no salão onde nós trabalhávamos, e havia um funcionário, o Emílio, pessoa muito disposta e admirada pelo Paiva pela dedicação ao trabalho. Atendia as pessoas, que consultavam o que poderiam fazer com seu lote, considerando as desapropriações para a abertura das avenidas e perimetrais do plano do Paiva. Pessoa simples, mas com o conhecimento total do Plano. Nadruz aponta a fotografia que fez com “a turma do Planejamento”, da Divisão de Urbanismo, no 5º andar do prédio da Prefeitura nova.

A foto, do final da década de 1960, foi tirada pelo Nadruz, com o Paiva, o Emílio, o Cláudio Ferraro, o Sidrac, o desenhista, um dentista, o do cafezinho, tudo era uma

família, cada um na sua função, ninguém era melhor que o outro. O Mojem não está na foto, mas fazia parte da equipe. O Paiva mandou fazer um “casaco”, tipo jaleco, marrom. Tinha um balcão de atendimento. As pessoas iam lá com frequência. Éramos uma turma unida. Atendíamos todo mundo. Não havia a maldade, as pessoas vinham ver as mudanças na cidade. O Roberto Py também trabalhou conosco, foi trabalhar junto com o Beto Paulocili, marido da Maria Almeida.

Roberto Py, Roberto Levy, amigos que perdi. Sinto muita falta dos amigos. Eu sou uma pessoa que gosta de conservar coisas. Minha memória ainda está boa. O Roberto Py e a família, os irmãos, moraram aqui, na rua da figueira, na esquina da Pereira Passos, a Rua Goitacaz. Quando me mudei, ele já não estava mais morando aqui.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 07

NOME: CARMEN CONTE ASSUMPÇÃO, 59 anos, nasceu em 1958.

Local da entrevista: Shopping Paseo – Bairro Tristeza

Data da entrevista: 22.02.2017

Carmen Assumpção preferiu redigir as repostas, previamente ao encontro. Por isso, além das respostas às questões, neste roteiro haverá a transcrição dos comentários realizados pessoalmente em 22/02/17, na área aberta do Shopping Paseo, bairro Tristeza.

Rua da moradia do entrevistado: Rua Coroados

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

- 1º período - do nascimento, em julho/1958 até junho de 1984;

- 2º período - de julho/2005 até os dias de hoje

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

- 1º período - em 1958 - 1984;

- 2º período - em 2005 - 2017.

3- Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Meus pais - José Joaquim Assumpção Neto e Celia Conte Assumpção - quando casaram, vieram a residir aqui na Vila Assunção e eu, desde que nasci, aqui residi.

Após concluir curso de Arquitetura e Urbanismo, fui morar e trabalhar em Florianópolis/SC, onde residi por 21 anos; ao retornar para Porto Alegre, como eu adoro a zona sul e, especialmente o bairro, a decisão de voltar a morar no bairro foi óbvia, uma consequência natural.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

Sim, algumas informações.

O local era chácara de meus bisavôs paternos e, após o falecimento de meu bisavô - José Joaquim Assumpção - as terras da antiga chácara foram negociadas pela minha bisavó, Felisbina com um loteador para que fosse criado o loteamento.

Embora as terras fossem da família Assumpção, nas negociações com o incorporador, ainda houve pagamento referente aos lotes que foram adquiridos por alguns familiares, entre estes, meu avô paterno - Francisco Antunes Assumpção.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Não tenho informações sobre o projetista. Vou verificar com um primo de minha mãe que é morador da Tristeza desde sempre, se ele tem alguma orientação que possa levar a localizar os familiares do projetista.

O que sei é que reside na Tristeza, junto à divisa com Vila Assunção um dos descendentes do loteador.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

O contato com a natureza como um todo sempre predominou, desde a vegetação, como uma marca forte, a identidade do bairro, os jardins das residências com muitas plantas e a integração entre pessoas e cães ou outros animais de estimação.

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Não me enquadro em nenhuma das situações mencionadas.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

Eventualmente, durante as caminhadas pelo bairro.

Como arquiteta, entendo que, até por características típicas em que os quarteirões são longos, isto é, as ruas em alguns trechos estão bem afastadas, **é imprescindível** a preservação das passagens ainda existentes e a necessidade de manutenção pela prefeitura, com o apoio da comunidade.

Também considero fundamental o resgate, pelo poder público, das passagens de pedestres que foram **ocupadas clandestinamente**, de forma que possam permitir uma melhor mobilidade de pedestres e ciclistas pelo bairro.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente, como você percebe o seu uso?

Sim.

Mesmo que em algumas praças e em determinados horários seja possível perceber um bom número de pessoas, algumas com crianças brincando, outras passeando com cães ou fazendo algum exercício físico, ainda assim, considero um número pequeno e acredito que tanto as praças, como as áreas verdes, poderiam ter aproveitamento melhor, principalmente, se recebessem equipamentos para uso comunitário e estivessem adequadamente conservadas, incluindo o manejo da vegetação e jardins.

Há muitos casos de moradores usufruindo destas áreas e em algumas partes específicas do bairro, também se percebe a presença de público de outras regiões da cidade, seja para apreciar a vista do Guaíba ou contemplar o pôr-do-sol. Provavelmente, se estas áreas também fossem equipadas e/ou revitalizadas, ajardinamento mais elaborado ou, pelo menos, com manutenção permanente e cotidiana, assim estes espaços seriam aproveitados muito mais pela comunidade.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento).

Desde as minhas lembranças de infância, 1960-1970, o que vem a minha mente de imediato, é que a forma de usufruir dos espaços públicos sofreu alterações decorrentes das mudanças no estilo de vida das pessoas, como naturalmente era de se esperar e observar, mas tenho a impressão que os espaços procurados hoje, são os mesmos que interessavam anteriormente.

Acho difícil responder esta questão em um parágrafo. Entendo que neste item, caberá esclarecer mais durante a entrevista, conversando pessoalmente.

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Muitas vezes tomei banho no Guaíba quando criança, numa prainha na Pedra Redonda, pelo que lembro, era perto de onde hoje é a Sociedade de Engenharia. Não tenho certeza, mas parece que também na prainha da Vila Conceição.

Em outras ocasiões, aí já adulta, frequentemente, eu fazia passeios de veleiro com parentes e amigos.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Minha relação pessoal é muito forte, embora essencialmente visual; também conheço muitas pessoas - parentes e amigos - que velejam e navegam pelo Guaíba. No meu entendimento a imagem do Guaíba além de marcante, está sempre presente. Principalmente para os moradores da zona sul, com certeza, esta região tem uma relação muito mais próxima com o Guaíba do que outros bairros da cidade.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

O contato com a natureza sempre predominou, desde a vegetação, os jardins das residências com muitas plantas, pássaros, animais de estimação - cães propiciando alegria e vida, crianças brincando e correndo pelos pátios e ruas; até então, calmas e tranquilas.

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Eventualmente, durante caminhadas pelo bairro; que considero que são muito poucas e gostaria que fossem mais frequentes; embora, por uma série de razões, não é possível

fazê-las com uma maior frequência como eu gostaria. Acho muito bom sair para caminhar com a minha cachorra pelas ruas e recantos do bairro.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

Muitas vias, ruas e passagens, estão mal preservadas e sujas.

Restrições em função da segurança, embora desde dezembro de 2015, com a APROVA – ver questão 17 - tomando a iniciativa, através da organização, formação e liderança de grupo de moradores, foi implantado o monitoramento do bairro, através de ronda de vigilantes com carros e/ou motos e também monitoramento eletrônico, incluindo câmaras e central de monitoramento. Embora a participação ainda seja pequena, se considerarmos o tamanho do bairro, já foi possível perceber uma melhora neste problema que envolve a violência nas diversas regiões da cidade e a falta de segurança das pessoas nas suas vivências e atividades pela cidade.

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Sim, conheço muitos vizinhos que residem no entorno de minha residência; relacionamento cortês com a maioria e uma relação mais próxima apenas alguns vizinhos.

Atualmente, ao mesmo tempo em que identifico que os vizinhos são discretos e tranquilos, percebo que há uma parceria comedida, um “suave” companheirismo, ...

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Sim, atualmente, sou sócia fundadora da APROVA – Associação de Proprietários e Moradores da Vila Assunção.

Anteriormente, fui sócia do Clube de Mães da Vila Assunção.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Que seja preservada a característica de “Cidade Jardim”, com a valorização do patrimônio natural.

Comentários/Observações:

Em relação à resposta da questão 4, vou tentar localizar os documentos que resgatei há tempos atrás e foram cedidos, a fim de digitalizá-los; após, encaminharei cópia do arquivo eletrônico.

A concepção do loteamento com muitas praças, áreas verdes, além das passagens e demais áreas públicas projetadas no centro de alguns quarteirões, no meu entender, foi inovadora e arrojada para época e contexto, o que reforça a importância da preservação, valorização deste patrimônio e zelo que devemos, pois, toda esta região merece.

Percebo que os moradores da zona sul, especialmente os da Vila Assunção, de uma maneira geral, são muito “bairristas”, admiram e gostam muito do bairro e de suas características peculiares.

Destaco como marca da Vila Assunção a designação de “Bairro Cidade Jardim”, abaixo representada:

O contato com a natureza sempre predominou, desde a vegetação, os jardins das residências com muitas plantas, crianças e cães, propiciando alegria e vida nos pátios das residências, nas ruas e demais áreas públicas do bairro.

Transcrição dos comentários realizados na entrevista:

Quando criança, estudei no Colégio Anchieta, não estudei aqui no bairro. Íamos por Teresópolis, Aparício Borges, dependendo das pessoas que estivessem no grupo.

Em relação aos espaços públicos, faço uma avaliação do bairro de maneira diferente. É um bairro residencial, diferente do Três Figueiras, de Ipanema, do Jardim Isabel. O que diferencia é essa coisa do “bairrismo”. Acho que quem mora na zona sul e gosta, e que mora em especial, na Vila Assunção, tem um vínculo a mais, é muito bairrista. Vejo que os vizinhos são discretos. Talvez porque os terrenos sejam grandes, a gente consegue morar e ter uma certa privacidade. Os lotes não são pequenos e muitos moradores compraram mais de um lote para construir sua casa. Lembro que houve um tempo, quando eu ainda morava em Florianópolis, que haviam muitos imóveis à venda. Muitos imóveis abandonados. Eu entendo, é caro de manter, é difícil de manter. Além do mais ocupa o tempo. Lembro que me chamava a atenção, acho que meu pai ainda estava vivo, ele faleceu em 2000, da quantidade de imóveis à venda no bairro. Talvez porque as casas estivessem muito velhas, exigindo reformas, o que não vale a pena assumir. Mais a dificuldade de se conseguir empregados. Hoje em dia já houve renovação, percebo que novas famílias têm se mudado para cá. Hoje não percebo tantos imóveis à venda como naquele período.

Em relação ao padrão construtivo e a volumetria das edificações, acho que mudou o padrão construtivo. Acho ruins esses condomínios muito “empilhadinhos”, tipo “pombalzinho”, sem essa conexão que seria o lado bom de ter uma casa: o pátio, o jardim, a privacidade. Hoje em dia é caro manter uma casa com esses terrenos grandes.

Eu não gosto de apartamento. Gosto de casa. Mas eu acho que, como arquiteta, é viável que se faça um condomínio com privacidade, com qualidade, com uma forma orgânica. Pode ser uma casa unifamiliar e ser um “trambolho” volumetricamente. Esse tipo de intervenção não tem como impedir. A não ser que o bairro fosse tombado, o que não é. O fato do bairro ser área de interesse cultural, não garante que as novas edificações tenham um projeto de qualidade, nem dão subsídios para impedir determinado tipo de intervenção.

Carmem, tua ainda achas o bairro verde? Acho que o bairro ainda é verde.

Nos terrenos ou nas áreas públicas? Nos terrenos. Por exemplo, tem uma casa, na Rua Pareci, entre a Cariri e a Chiriguano, que o terreno é totalmente pavimentado. Hoje tem legislação que impede, inclusive pela questão da permeabilidade do solo.

Tu chegas a perceber uma diferença em relação à paisagem com as novas casas e condomínios construídos? Vou pensar para te responder.

Voltando à questão 10, referente a tua percepção em relação aos espaços públicos hoje e no passado...

Acho que teve diferença de uso dos espaços públicos até pela circunstância da vida da gente. Na minha época, as crianças brincavam no pátio, na rua. Tínhamos essa possibilidade. Hoje em dia tem o problema de segurança, embora tenha o monitoramento realizado por empresa privada, as crianças estão muito eletrônicas. Isso traz uma repercussão. As crianças não querem nem frequentar o pátio, uma piscina em casa. Acho que houve uma mudança no estilo de vida, os interesses são outros.

A mudança de uso das praças é um somatório de fatores. Tem o lado das praças estarem mal ajardinadas, malconservadas. Tem a falta de uso que é pelo medo, pela insegurança. Conheço pessoas que usam as praças tarde da noite, com os cachorros, sem medo. Eu não sairia sozinha, nem com monitoramento para caminhar à noite, que é quando teria tempo.

A Praça Franklin Perez, em alguns horários é deserta. Em outros horários, até tem crianças brincando. Penso que se houvesse algum comércio, um café, poderia dar mais vida à praça. Acho que ainda não descobriram. A perda do Zaffarinho foi mortal.

A APROVA, a Associação dos Proprietários e Moradores da Vila Assunção. Nós queríamos impedir que as demandas das pessoas que invadiram áreas de uso público, como a vila dos pescadores e apropriação das praças (Tomocaré) e de passagens, os objetivos dele é a regularização destas áreas invadidas. E não são os nossos objetivos. São interesses diferentes. Talvez seja elitista, mas nós compramos os terrenos de forma legal, pagamos os impostos e temos interesses diferentes. Se não for proprietário, tem que ter autorização do proprietário, no caso de um locatário. Foi a forma que encontramos para restringir o poder decisório. E a gente vincula também geograficamente ao entorno do bairro, loteamento. Por estarem em área irregular, não aparecem.

Quando me mudei para Porto Alegre, e começamos a nos organizar, antes de ter a APROVA, na época queríamos propor melhoras para o bairro. A Cléa era a presidente do Clube de Mães. Primeiramente, tentamos através do departamento masculino do Clube de Mães, meus pais também foram do Clube. Meu pai era de 1921, no final da vida aproveitou muito as atividades do Clube. O pessoal curte muito as atividades do Clube de Mães. Montamos um conselho gestor para tratar dos assuntos da Vila Assunção dentro do Clube de Mães, mas houve conflito de interesses.

Sugiro que entreviste a minha tia Leda Assumpção e a Dea. Elas têm muito a contar. E acho que vale a pena fazeres contato com o Clube de Mães. A partir de março, eles voltam as atividades. Todas as quartas feiras eles promovem um jantar, coisa simples, alguém vai ali e cozinha, algo entre R\$ 12 e R\$ 15,00 e bebidas à parte.

Eu acho que a história da Vila Assunção, quem pode contribuir muito, é a Dea e a prima do meu pai, a Leda Assumpção Dias, que mora na Praça João Bergaman. Quando meus pais casaram, se mudaram para a Vila Assunção. Meu pai queria morar no centro da cidade, na Independência. Minha mãe é que morava na Tristeza, desde os oito anos de idade. Minha mãe é da família Conte.

Onde hoje estão construindo o empreendimento da Maijoama, na Wenceslau, esq com a Rua Armando Barbedo, era a chácara dos nossos bisavôs maternos.

A mãe da Silvia Conte Roth era **quase** irmã da minha mãe. Por que o quase? Porque a avó materna da Silvia, era irmã da minha avó. E o avô materno dela era irmão do meu avô. Eram duas irmãs casadas com dois irmãos. De família italiana, que sempre conviveu muito. A Silvia morava no Moinhos de Vento mas vinham visitar os meus avós, os pais da minha mãe. Meus avós de parte de mãe. Os Conte. A Tristeza mudou de característica na hora que virou mais comercial. Minha mãe contava que o pessoal vinha de trenzinho.

A casa dos meus avós era atrás do Posto de Saúde da Tristeza. No bequinho que tem atrás do posto de saúde, que dá na lateral do Colégio Três de Outubro, onde hoje tem uma antena de celular. Ali era a casa originária do meu avô e da minha avó. Minha mãe se mudou quando tinha 8 anos para morar ali. Hoje não tem mais nada da casa.

Com relação à questão 11, não lembro de ter tomado banho de rio na Vila Assunção.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 08

NOME: PAULO ANDRÉ CUSTÓDIO, 51 anos, professor de educação física da Escola Estadual Santos Dumont, já foi diretor da instituição.

Local da entrevista: Confeitaria Itália – Praça da Tristeza

Data da entrevista: 06.03.2017, 17h30m

Rua da Moradia do entrevistado: Rua Cariri

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

1º período - 1971 a 2001 - Minha família se mudou para a Vila Assunção em 1971. Eu tinha 5 anos. Fiquei até 2001 morando na casa dos meus pais. Daí comprei um apartamento no bairro Cristal e fiquei morando lá até o falecimento dos meus pais. Meu pai morreu em 2000. Minha mãe morreu em 2014. Ela ficou morando sozinha todo este tempo na casa da Rua Cariri e nós frequentávamos bastante a casa.

2º período – 2014 a 2017: fui morar na casa com minha mulher e meus dois filhos.

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

1º período: 1971 a 2001, morando na casa com meus pais da Rua Cariri, 125.

2º período: 2014 até hoje, morando com minha família.

3- Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

No final de 1969, quando a minha avó faleceu, meus pais decidiram morar com meu avô, na casa construída por ele, localizada na Rua Cariri nº 125. Eu tinha 5 anos e a escolha foi dos meus pais. Saí com trinta e poucos anos, com uma dor no coração de sair dali, e fui morar num apartamento, no bairro Cristal, porque queria ser independente. Casei.

Como tive uma infância muito tranquila na Vila Assunção, quando minha mãe faleceu, meus dois filhos eram pequenos e não tinha sentido continuarmos vivendo num apartamento tendo a casa com pátio bom, com natureza por perto, para as crianças crescerem. Isso me fez pensar em voltar. Poderia ter vendido a casa e ido para outro lugar, mas o vínculo que a Assunção e a casa tinham comigo era mais forte.

Eu queria que meus filhos tivessem a vivência do bairro e da casa que me criei.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

Muito pouco. O que eu sei é o que eu ouvi falar, meu avô, meu pai, a própria Jacque (irmã do Paulo, também entrevistada para esta pesquisa). Das linhas de trens que passavam por aqui, dos barcos que faziam uma travessia, e agora voltaram a usar através do catamarã, para a travessia à Guaíba. Agora estão usando o Guaíba para meio de transporte. Naquela época já tinha. Inclusive tinham muitas casas com ancoradouros justamente por isso, por não ter muito acesso, de ônibus, de carro, tinha bonde na época. Aqui era muito isolado do mundo. Naquela época, imagino que a Assunção era o que hoje é o Lami, era mato. Muita natureza, muito mato. Até o Menino Deus, era a parte mais cidade. Depois já era considerado zona rural. Isso na época dos meus avós.

Eu me sentia num lugar diferente. Na nossa rua, na nossa varanda, podíamos sentar, tomar chimarrão e ver o Guaíba. Nós sentávamos na areazinha em frente à casa, conversávamos tomando chimarrão com meu avô, olhando todo o bairro de cima. Hoje em dia não enxergo nada. Não tinham casas. Era mato.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Quando eu era pequeno, o bairro já era considerado “nobre”, década de 70, tinham um glamour. As pessoas “de posse e visão” moravam aqui. Neste sentido, percebíamos a Vila Assunção diferente do que é hoje.

Acho que essa diferença era em função de que as pessoas com mais posses queriam se afastar da zona urbana da cidade, e começaram a construir casas grandes com espaço para suas famílias e encontraram na Assunção um lugar com mais espaço, natureza, tranquilidade e segurança. Naquela época não tinha violência então não tinha problema morar isolado. Hoje em dia não. Hoje em função da violência, as pessoas não procuram mais um lugar aberto e horizontal. As pessoas estão com a mentalidade “vertical”. Querem ir para um prédio. As pessoas com terrenos grandes, ocupam a maior parte do terreno, construindo casas com equipamentos e compartimentos (home theater, sala de computador) fazendo com que cada vez mais as pessoas vivam dentro de casa. Não deixam pátio para as crianças brincarem. A Assunção da minha infância, era rua. A gente gostava de rua. As crianças gostavam de brincar na rua. Até porque não tinha computador, não tinha esse apelo aos programas de televisão. Os pais procuravam casas para que os filhos corressem, pulassem, enfim, brincassem.

Eu conheci a Assunção por isso. Não havia limitações. A limitação de horário era imposta pelo meu Pai, para fazer as lições da escola, horário de jantar, tomar banho.

Não tinha essa coisa de voltar para casa porque o horário era perigoso. Depois das tarefas feitas, eu e meus amigos andávamos e ficávamos na rua até as 8-9 da noite.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Tínhamos a vivência de casa, de pátio. Da rua, de brincar na rua. Na época, aquelas brincadeiras bem infantis, de meia-meia-lua 1,2,3, de virar, de esconder na calçada, na rua e das praças. Eu que era guri, usava as praças para jogar futebol.

Lembro das praças bem cuidadas. Tinham muitas praças. Continuam as mesmas, mas agora estão largadas. Onde a Jacque morava, na Rua Manaué, tinha uma praça maravilhosa. Hoje é mato puro. Tomou conta. Bem na curva. Ali era um espaço que eu usava muito. As praças sempre existiram e era outro diferencial da Assunção. Tu andavas quatro ruas e encontravas uma praça. Do colégio, tinha na frente do colégio, atrás do colégio, a que atravessa a do colégio para a Praça João Bergmann, tem a própria João Bergmann. Para a gurizada naquela época, andar na rua sem violência, era uma maravilha.

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Estudei na escola pública da Vila Assunção, o Santos Dumont, desde o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Nunca saí do Santos Dumont.

Quando eu era pequeno, íamos de carro, por incrível que pareça. Minha mãe, que era professora na escola, saía e fazia outras coisas e íamos de carro quando pequenos. Comecei a fazer o percurso a pé na época do ensino médio e agora, adulto, pois dou aula na escola.

A escola era frequentada por pessoas do bairro. Todos nós nos conhecíamos.

A escola foi criada/fundada no início da década de sessenta. Um pouco antes do golpe militar. Não me recordo se foi 1962 ou 1963 Foi fundada por uma necessidade das pessoas, foi erguida pela comunidade que batalhou na prefeitura o terreno e depois o Estado tomou posse para a construção da escola. Por se tratar de uma demanda da comunidade. Como era uma zona ainda muito afastada do centro, com transporte deficitário, queríamos criar uma escola dentro da comunidade para evitar ter que sair, porque era uma distância longa. Hoje em função da facilidade dos transportes, não parece, mas na época era uma distância longa daqui até o centro da cidade.

Até o início da década de oitenta, no máximo até o meio da década de oitenta era frequentada por pessoas da Assunção. Todos meus colegas são daqui, do entorno. Conheci minha mulher na escola. Alguns da Vila dos pescadores, outros da Sargento Nicolau outros da Pereira Passos, os que vinham de mais longe era da Vila Conceição. Era uma escola movimentada. Este ano que encerrou o ensino noturno. Diminuiu muito o número de alunos e, conseqüentemente, de professores.

Quando saí em 1982 como aluno, a escola já apresentava uma situação de declínio de valorização da escola, de espaço público e os professores também passaram a ser desvalorizados. A escola sofreu um efeito do mi nó. Não foi uma culpa de uma gestão A,B ou C de escola. Foi um problema de gestão pública. Começou a ser desvalorizada

a educação e a falta de manutenção na escola, os equipamentos vão ficando velhos e não são repostos. A escola é um quarteirão inteiro. Temos dito que está diminuindo, gradativamente, o número de alunos e o grande medo da comunidade escolar é que, com a política do governo Sartori, “vamos relocar o Santos Dumont numa outra escola mais próxima, num terreno menor, e vamos vender esse terreno”. Podes imaginar a valorização deste terreno. Hoje tudo está virado em condomínios. É um temor que a comunidade escolar tem.

Atualmente, uma turma por ano é da comunidade, eles são moradores da Vila dos Pescadores, próximo aos Bombeiros. O restante dos moradores, mais elitizados, ninguém mais estuda em escola pública. Todos colocam os filhos em escola particular. A própria Vila (dos pescadores), estancou o crescimento. Percebo que diminuiu o número de crianças ali. Existe um certo controle da natalidade e a Vila não tem mais para onde crescer em função do rio. Vejo que as famílias hoje são menores, do que eram há vinte anos atrás. A tendência é a diminuição na escola também.

Na minha época, meus professores moravam aqui. Ainda hoje encontro com eles na rua, chamo eles de tio, tia, mesmo estando com 51 anos. Hoje não pode mais ser chamado assim. É *profe*. Me criei com eles, com os filhos deles que também eram meus colegas, então era toda uma vivência.

Hoje em dia, o Santos Dumont é o que chamamos, de “escola de passagem”. A escola da comunidade, que faz parte da comunidade, que abraça a escola, que usa a escola como referência, independentemente da classe social, alta, média ou baixa, ela é inserida na comunidade, a comunidade gosta. Usa a escola como referência. E a nossa escola não é mais uma escola da comunidade. Quando estudei aqui, ela era da comunidade. Hoje, é por isso que denominamos “escola de passagem”: os alunos passam por ela. Os alunos vêm de outros bairros, frequentam as aulas, permanecem aqui 3 ou 4 horas e voltam para suas casas. Eles não valorizam o espaço. Não se apropriam da escola. No meu tempo, nós ficávamos na escola, fazíamos as festas, era uma outra identidade de escola. Qual a comunidade que cerca o Santos Dumont hoje? Da Vila Assunção, elitizada, que coloca seus filhos na rede particular, no João Paulo, no Leonardo da Vinci, no Marista. Eles não têm mais interesse na escola. Eles nem gostam mais da escola ali. A escola que foi feita pela comunidade e para a comunidade, agora tenho a sensação que é um estorvo para a comunidade. Traz “a violência para dentro” do bairro. Achem que os guris que vêm do Lami e da Ponta Grossa, estão aqui para fazer baderna. E realmente, na escola a gente percebe, que as melhores turmas em termos de desempenho, de comprometimento, de cuidado para não pichar, de não quebrar as coisas, são aquelas turmas que estão conosco desde o primeiro ano do ensino fundamental, formadas por crianças que vem da Vila dos pescadores. Neste caso, percebe-se que realmente o vínculo é importante. Eles se sentem apropriados daquele espaço e eles cuidam da escola porque para eles, assim como foi para mim, a formação deles, as relações sociais, serão feitas ali. Vai ser a vida inteira ali. Os outros alunos, que não moram no bairro, não são da mesma forma. Eles vêm, assistem às aulas e depois voltam para casa, batem bola, jogam vídeo game, no seu bairro. Eles não vivem aqui.

Nós, saíamos da aula e íamos para a praça em frente jogar bola. Largávamos a mochila no banco e ficávamos jogando bola.

Temos muitos alunos da Ponta Grossa. E do Lami. A escola Santos Dumont tem hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio. Das escolas situadas por aqui, o Três de Outubro, é só Ensino Fundamental, o Landell e o Osório é só Fundamental. Se quiseres Ensino Médio, somos nós do Santos Dumont e o Padre Réus, na Otto.

Como a região está muito bem servida de vagas para o Ensino Fundamental, o temor da comunidade escolar é de que o governo irá sucatear a escola, transferir os alunos para outra e vender o terreno. Não vejo a menor possibilidade de a comunidade brigar pela manutenção da escola pública aqui no centro da Vila Assunção.

Meus filhos não estão na escola pública. Minha mulher também é professora e, além das aulas na escola pública, ela dá aulas numa escola particular. Em função disto, lá, as crianças tem um desconto de 90%, o que nos levou a fazer a escolha pelo ensino particular.

Se eu fosse colocar na escola pública, eu olharia bem, faria uma seleção. Pelo meu conhecimento nesses anos na direção e vice direção da escola, tem escolas públicas melhores que outras. Teria que ver o local e conhecer o funcionamento. Na hora de pensar em colocar um filho na rede pública, por mais que eu faça parte da escola pública, por mais que eu goste e tenha sido formado, a engrenagem se modificou tanto, desvalorizou tanto a educação, que está difícil colocar um filho na escola pública. É triste. A escola pública, virou um depósito dos filhos. Os pais deixam os filhos lá porque precisam trabalhar. Não participam.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

Quando saíamos de casa para jogar futebol na Praça João Bergmann, lembro de descer pela passagem em frente à nossa casa. Todas as passagens eram usadas, não havia problema de assaltos. Elas tinham degraus de granito. A manutenção era feita pela prefeitura.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente, como você percebe o seu uso?

Usávamos muito as praças para jogar futebol e brincar. A comunidade ainda usa bastante. Principalmente nos finais de semana, famílias com crianças pequenas usam muito as praças. E jovens utilizam para tomar chimarrão. Pessoas da comunidade. A Praça João Bergmann tem um uso bem intenso de crianças. Existe uma escola infantil numa das casas da praça e, frequentemente na saída, as crianças brincam um pouco ali e, acabam voltando ali nos finais de semana com os pais.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento).

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Como praia, nenhuma. Minha relação com a orla foi mais de caminhar em frente, mais visual. Não era frequentador do Bar Timbuka, porque eu era pequeno. E minha mãe pedia que não frequentássemos o local. Era um local mal falado. Mas era um ponto fundamental e muito legal da Assunção. Foi um marco da Assunção. O “Nego Sérgio” era quem cuidava do local, ele já morreu. Era um ponto de referência das pessoas. Agora, mesmo com o mirante, aquela laje que avança e que foi construída no local, as

peessoas aqui da Vila Assunção não frequentam mais o local. Não acredito que seja a construção que faça as pessoas irem. São as atividades ali desenvolvidas. Eu não gosto de ir até lá. Me dá uma sensação de vazio. “O lugar perdeu a alma”.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Meu Tio foi um dos fundadores do Veleiros, meu Pai foi sócio fundador do SAVA Clube, mas eu particularmente, nunca pratiquei atividades náuticas. Não éramos uma família de posses. Quando meu avô construiu a casa em 1954, 1955, a Vila Assunção não era um bairro elitizado. Meu avô veio “desbravar” a região. Era mato. Eu lembro sempre de tudo muito verde, muito mato. O lugar era muito simples.

Nunca nos envolvemos em esportes náuticos porque era uma atividade cara. Tínhamos muitos amigos que velejavam.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

As praças e o verde. As árvores. Muito mais do que o Guaíba. As praças como espaço de convivência com meus amigos. As ruas, eu adorava circular nas ruas. Caminhar nas ruas. Eu conhecia todas as ruas, as pessoas, eu subia para a Coroados, descia para a Pereira Passos ou para a Chavantes. Ou era meu colega de aula, ou era amigo do futebol, ou era amigo da minha irmã e eu acabava conhecendo.

Hoje não existe mais isso. Meus colegas saíram daqui. Não moram mais aqui. Saíram da casa dos pais e não voltaram. Eu voltei porque meus pais morreram e a casa ficou vazia. Mas eu saí também. Isso foi coisa da minha geração. As casas eram dos pais, a gente tinha que sair!

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

A insegurança. Para os outros. Eu não me sinto inseguro, mas me preocupo com meus filhos. Eles não saem de casa. Não descem a passagem a pé sozinhos. Só saem se eu for levá-los. Jogamos futebol na praça do (escola) Santos Dumont, na goleira. Eles não vão sozinhos. Não existe turma de rua. Todos ficam fechados em sua casa. Depois que colocaram grades nas casas, sumiu a turma de rua. Essa é a grande diferença da minha época para o que eu vejo agora.

Eu não vejo essa violência toda. Acontece. Todos os dias no colégio, os caras de moto assaltavam. Acho que são coisas de violência urbana normal. Tem furtos. As pessoas da comunidade têm medo. E isso atrapalha nossa convivência social. Não tem como. E as facilidades que as crianças tem de ficar com computador, com internet, com Netflix, com Videogame...por que a criança vai sair de casa? Nem os pais fazem questão que saiam. Se disser para meus filhos irem na praça, eles não saberão onde é, se eu não indicar. Na minha época eu adorava caminhar nas ruas, conhecer, a gente construía cabaninhas com compensados para fazer nossos clubinhos, nosso Clube do Bolinha, para ler gibi.

O modo de vida das pessoas mudou em decorrência da insegurança.

Minha esposa me critica o tempo todo, mas eu insisto em ir a pé para a escola. Meus colegas da escola me chamam de louco. Eu caminho por tudo.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

Há um descaso com o espaço público, isso é fato notório. Porque independente da insegurança, o espaço público é o espaço onde as pessoas que não tem tanta condição é onde elas têm oportunidade de poder usufruir, poder jogar um futebol, tocar um violão, tomar um chimarrão, enfim, fazer um piquenique, é democrático, é de todos. Então, tem que tentar enquanto governo, enquanto gestor, proporcionar o que for necessário para o uso. Está com violência? Então vamos colocar uma Guarda Municipal, tem que aumentar o policiamento. Tem que aumentar a altura da copa das árvores, a poda, a fim de que a iluminação pública seja eficiente.

Não sei onde que se perdeu o fio da meada. Mas que as praças e os espaços públicos estão largados, estão largados. E como a comunidade está com medo, ela não vai. Talvez se as praças estivessem bem cuidadas, tu arriscarias. Eu, por exemplo, gostaria de ir com meus filhos passar a tarde toda no Marinha, na Redenção...acho que se houvesse maior cuidado a comunidade voltaria. A comunidade se organizaria inclusive para proteger, acabaria expurgando os elementos que vem causar danos.

16-Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Só com os da velha guarda. Os da época que eu era criança e hoje são grandes. As pessoas não se comunicam mais depois que se gradearam. Tinha muito o entrosamento, o olhar para o outro, hoje não tem mais.

17-Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Não. Atualmente não.

Paulo André já foi Vice-diretor e Diretor da Escola Estadual Santos Dumont. Atualmente ministra aulas de Educação Física.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Nenhuma. Honestamente neste governo não. Não tenho nenhuma expectativa de que os espaços públicos possam se tornar melhor para as pessoas. É muito negativo, muito pessimista, mas não vejo perspectiva de mudança, não vejo movimento contrário para mudar tanto na esfera municipal, estadual, federal. Está tudo muito individual, virtual, as pessoas criticam no Facebook, nas redes sociais, mas não participam mais de coisas simples, de um evento, não querem sair da zona de conforto.

Eu mesmo, falei com minha esposa. A casa está muito velha, que precisamos sair. Mas quero esperar pelo menos mais quatro anos para pensar em sair da Vila Assunção. Quero esperar o meu filho mais novo chegar aos 16 anos. É uma idade que querem fazer as coisas por eles, já passaram a infância num local que eu achava legal. Ainda

na minha casa com todos os problemas de ser uma casa velha, eu ainda ouço os passarinhos todos os dias. Os sabiás tomam banho dentro do pote d'água dos cachorros. Sujam toda água! Eu assisto aquilo e acho maravilhoso! Uns bairas de uns bichos" tomando banho dentro de potes d'água! Lagartixas pelas paredes, eu acho isso muito legal. Então é isso que eu quero segurar por quatro anos. Ali tenho pouquíssimo barulho. Acho relativamente seguro. Colocamos grade na frente do terreno há dois anos atrás em função de uma pessoa que bateu na porta querendo vender uma coisa e minha mulher ao dizer que não estava interessada, foi surpreendida com a insistência e proximidade dele. Até então, mantínhamos os portões de ferro originais, ornados. Ainda estão guardados na garagem. Tenho pena de me desfazer.

Comentários/Observações:



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 09

NOME: DÉA DE ABREU BUIANO, 75 anos, é de 1942.

Local da entrevista: Shopping Paseo – Bairro Tristeza

Data da entrevista: 14/03/2017 às 16h

Rua da Moradia do entrevistado: Av. Wenceslau Escobar (residência na Vila Assunção, Quarteirão 25, Lote 9 ou 10)

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

1952-1964 e 1975-2007

Meus pais e os quatro filhos mudaram para a Vila Assunção, em 1952. Eu tinha 10 anos. Morei ali até me casar, em 1964. Fomos morar no Jardim Isabel. Morei lá até me separar, em 1975, quando voltei a morar com minha mãe e minhas duas filhas. Criei minhas filhas na Vila Assunção. Criei minhas duas filhas, a Suzana e a Cristina, soltas, que nem eu fui criada.

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

1º período: 1952 - 1964, quando criança, morando na casa com meus pais e irmãos.

2º período: 1975 - 2007

3- Quais o (s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Tudo começa pelo Seu Chico, Seu Francisco Assumpção, que era meu padrinho. Ele era amigo e apaixonado pela minha avó. Minha avó era viúva, ficou viúva com 40 anos e não casou novamente porque a minha tia que era solteira não deixou. Ele ia uma vez por semana na minha casa, e passava a tarde conosco. Eu era pequeninha. Levava balas para mim e para minha irmã. Ele era um amor de pessoa. Eu adorava ele. Ele morava na Assunção, aqui para cima. Não sei ao certo onde. Na época morávamos na Rua Dr. Barcellos nº 371, para o lado de baixo. A casa já foi demolida. Era uma casa

estilo suíço. Um terreno grande com mato em volta. Lá sim, tinha mato. Mas era de aluguel e meu pai queria construir uma casa. Seu Chico ofereceu que as duas irmãs dele, tinham terrenos para vender. O nome delas era a Flor e a Aracy. O pai comprou de uma delas. Na hora da construção, houve uma confusão e começaram a construir no terreno da outra irmã. Não daquela que tinha vendido. Aí trocaram e ficou tudo certo. O terreno ao lado do triangular. Ali construiu a casa. Quarteirão 25, terreno nº 9 ou 10. Ele tinha a frente para a Av. Wenceslau Escobar e nos fundos, uma entrada, com um portão, pela Rua Caiapó.

Quando morávamos na Dr. Barcellos, havia um grupo de italianos vindos de Veneza que moravam aqui. Meu pai era italiano, veio sozinho para o Brasil, passou pelo Rio de Janeiro, por São Paulo e chegou em Porto Alegre. Aqui conheceu um tio meu que trabalhava na CEEE e meu pai começou a trabalhar lá e trabalhou a vida inteira lá. Conheceu minha mãe, casou com 30 anos. Ele tinha 13 anos a mais do que ela, se apaixonaram, casaram, tiveram quatro filhos. Minha irmã mais velha teria agora 81 anos. Então isso faz no mínimo 82 anos. Aproximadamente em 1935.

Haviam pouquíssimas casas aqui na Vila Assunção. Na Caiapó, tinha a casa ao lado do nosso terreno que era do Tamandaré, em frente uma casa que era da irmã dele. Era tudo muito isolado. As ruas existiam, mas nem todas estavam pavimentadas ou calçadas. A coisa era mais ou menos. Mas o lugar já era super bom. Nós tomávamos banho no rio. Só que nós éramos obrigados a tomar a vacina contra o tifo. Minha mãe nos obrigava a tomar, senão não podíamos colocar o pé dentro do rio.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

Em época de criança, era uma delícia. A gente morava como se fosse numa fazenda. Tanto que tínhamos o hábito de dizer que quando íamos para o centro, “íamos para a cidade”. E quando estávamos no centro, e perguntavam onde morávamos, a gente dizia “lá fora”. Íamos ao centro de carro. Não lembro de usar ônibus ou outro transporte. Usávamos o transporte escolar também. O lugar era bem isolado. Íamos pelo Cristal, lomba do asseio e Praia de Belas.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Não tenho conhecimento. Provavelmente meus pais conheceram.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Quando eu era criança, era tudo de acesso público. Não tinham casas, os terrenos eram livres. As cercas das casas que haviam, eram baixas. Nossa casa foi uma das primeiras a ser construída no quarteirão. A nossa, ficava na parte alta do terreno.

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Não. A escola era até muito boa. Eu estudei no Três de Outubro, aqui na Tristeza. Depois no Bom Conselho e depois fui para o Sevigné, no centro.

Mas como meus sobrinhos estudavam no Colégio Anchieta, minhas filhas também quiseram estudar lá. Utilizavam o transporte escolar para o deslocamento. A maioria dos amigos, na época, estudavam no Colégio Anchieta ou no Rosário.

Um dos meus genros frequentou a escola do bairro, a Santos Dumont, por um ou dois anos. Às vezes, alguns estudavam durante as séries do primário na escola pública e depois procuravam outra escola “na cidade”. As minhas filhas estudaram desde as primeiras séries no Anchieta. Fizeram toda a escola lá. O Anchieta era um colégio mais liberal, mesmo sendo colégio de padres.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

Não lembro especificamente das passagens de pedestres. Quando eu era guria, tinha muito terreno livre. A gente atravessava em qualquer lugar. Depois foram vendendo.

Quem vinha de outros lugares da cidade, achava muito longe. Achavam que “era pra fora”. Que a gente morava pra fora mesmo. Tinha gente que não vinha morar aqui por restrição à distância do centro da cidade.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente, como você percebe o seu uso?

Numa certa época, nós tínhamos uma turma aqui na Vila Assunção, uma na Pracinha Almirante Câmara, que é na Tristeza, e outra nos Jangadeiros. Então andávamos a pé de um lado para outro. Ninguém tinha carro.

Nos reuníamos, ficávamos brincando, rindo, conversando, batendo papo. As festas eram em casa de família, tipo reunião dançante. A gente fazia à tarde, eu era muito guriuzinha.

As praças não ofereciam muita coisa. Eram bancos e de repente começaram a colocar argolas e balanços. As árvores foram todas plantadas.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento).

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Quando morávamos na Dr. Barcelos, íamos em turma, todas as tardes, durante as férias, na praia que ficava no final da rua. Depois, com 12-13 anos, eu me lembro de ir com meu cachorro tomar banho de rio aqui na Assunção. Ele, o cachorro, me puxava pela mão para eu não ir tão fundo. Começamos a não ir mais em função da poluição. O cheiro da Borregard, alguns dias, era horrível, uma coisa medonha. E o rio foi ficando muito poluído e ficou difícil. Começaram a nos proibir de tomar banho.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Às vezes, eu saio de barco com meu genro, meu cunhado. As pessoas que frequentam os clubes de vela, o Veleiros, o Jangadeiros, o Yatch Clube Guíaba. Bem cedo eu comecei a frequentar o Jangadeiros. Acho que foi o primeiro clube aqui. A gente tomava banho lá. Não tinha piscina. Não havia a ilha que tem hoje. Nos atirávamos do trapiche no rio. Onde hoje é a ponte que leva à ilha, era o trapiche. Ali a água era mais limpa. Às

vezes dava pé. O Jangadeiros era uma delícia, a gente ia e voltava a pé. Não tinham muitas casas por ali. Menos casas que na Assunção.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

A alegria. Me diverti muito na Vila Assunção. Fazíamos muitas reuniões dançantes nas casas das famílias. Tínhamos uma turma grande. Fizemos um clube de vôlei, atrás da casa da mãe. Na frente do portão de fundos, que dava para a Rua Caiapó, construíram uma casa e lá tinham quatro filhos também. E atrás da casa deles era só campo. Ali colocamos uma rede de vôlei e fizemos um clube, o “Youngers Club”. Havia muitos terrenos baldios, sem árvores. Eram assim naturalmente.

No portão dos fundos da casa da mãe, meu pai tinha uma camionete “internacional” que ele abria. Sentávamos ali e ficávamos até altas horas vendo o céu, esperando disco voador!!

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Antes eu saía para caminhar agora tenho medo. As coisas mudaram. Quando eu morava aqui eu saía às sete horas da manhã para caminhar e encontrava um monte de gente conhecida. Fazia toda a volta, até a beira do rio. Eu adoro sair para caminhar e passar pela beira do rio. Chegou um ponto que eu me dei conta que estava sozinha caminhando. Aí parei. Fiquei com medo. As pessoas estão com medo.

Comecei a fazer hidroginástica no Clube Tristeense (localizado na Rua Armando Barbedo, Bairro Tristeza) e vou caminhando, mas sempre pela Wenceslau Escobar. Nas ruas do bairro não caminho mais.

O diferente e bom de morar aqui era que quando já estava complicado em outros lugares da cidade, aqui ainda era maravilhoso. As minhas filhas, já eram mais velhas, com 18 anos, a gente tinha medo delas do outro lado da cidade, e aqui ainda era tranquilo.

Achei uma “judiaria” o fechamento do Zaffarinho. Dizem que ele fechou de tanto ser assaltado. Aquilo ali vivia lotado. Todo mundo amava, comprava o pão quentinho, super bom. A praça tinha movimento.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

A insegurança. Eu acho que a situação está generalizada. Não é porque tem mato nas praças ou na beira do rio que existe a insegurança. A falta de segurança é o maior problema. Não sou só eu que acho. A coisa foi crescendo e agora não tem jeito.

É uma “judiaria” isso que está acontecendo. A liberdade que eu tive, as minhas filhas já não tiveram e meus netos não vão nem saber o que foi isso.

Minha filha mais moça, a Tina, comentou comigo que sente muito o fato de que a filha dela nunca vai ter a liberdade que eu tive. Ser livre, sair de bicicleta numa boa, ir na

casa de amigos, isso não existe mais. Não tem como permitir que as crianças andem sozinhas: assaltam.

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Eu tenho uma amiga daquele tempo, até hoje. Ela morava na Caiapó, numa casa estilo suíço ao lado dos fundos da nossa casa. Vivíamos em cima daquele telhado. Eram quatro filhos, eu tinha 8 ou 9 anos.

Atualmente a gente não convive mais com os vizinhos. E algumas pessoas acabam saindo das casas, ficam sozinhas e indo para outros lugares, mais próximos dos filhos.

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Não, nunca. Não tinha paciência

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Eu tenho esperança, que as pessoas “se liguem”, que parem de roubar, que façam alguma coisa em relação a isso. Eu acho que está mudando o perfil dos moradores em função dos condomínios. Acho que está pior, porque aquela “largueza” que tinha, não tem mais. No lugar de uma casa, tem 4-5 e vai ficando todo mundo amontoados.

As mulheres que ficavam em casa, costuravam, bordavam e cozinhavam, se reuniam, tomavam chá. Hoje em dia as mulheres trabalham e não tem tempo de conviver com os vizinhos.

Comentários/Observações:

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 10

NOME: Marcelo Caminha

Local da entrevista: realizamos um percurso a pé, pelas ruas da Vila Assunção

Data da entrevista: 19/3/2017, domingo, 9h30m

Rua da moradia do entrevistado: Rua Goitacaz-Vila Assunção (Quarteirão 30, Lote 1)



Percurso realizado: início Rua Caeté, Pereira Passos, Av. Guaíba, antigo Terminal das Barcas, Rua Goitacaz, Praça José Assumpção, Rua Goitacaz, Rua Guaicurú, Rua Possidônio da Cunha, Rua Monumento, Praça Araguaia, Av. Guaíba, Rua Copacabana encerrando o circuito no cruzamento com a Rua Caeté.

1-Período: 1958 a 1967

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção? 1958

3- Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Meus pais resolveram comprar um terreno e construir a casa. Não sei o motivo.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

Quando eu vim para cá ainda existiam as barcas. Não existia a ponte, então a travessia no Guaíba era realizada pelas barcas. O bairro era bem diferente porque havia fila de automóveis e caminhões ao longo da Av. Pereira Passos, desde as barcas, no rio, até a Wenceslau Escobar. O bairro tinha diversos armazéns, linhas de ônibus. Quando fizeram a ponte, isso acabou. Ficou um armazém ou dois. O comércio se ressentiu e os ônibus já não passavam com tanta frequência. A ponte foi inaugurada no final de 1958.

As barcas eram do DAER.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto, Engº Ruy de Viveiros Leiria, e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Não lembro, mas o nome não me é estranho.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Na época, havia muito espaço. Eu vim do bairro Petrópolis. Alguns vizinhos tinham vacas, cavalos. Tinham muitos terrenos baldios. Não eram pessoas humildes. Eram pessoas que tinham empregados que iam tirar o leite das vacas. Na época, a maioria dos moradores era de profissionais liberais bem-sucedidos: professores universitários, advogados, médicos.

Lembro que os espaços nunca ficaram da maneira como está hoje. Sempre havia a manutenção pela prefeitura. As casas não tinham cercas ou muros. Só cercavam quando havia cachorros.

Quando vim para cá, lembro que a igrejinha já existia. Deve ser da década de 40. Hoje tem missa (a caminhada foi em uma manhã de domingo).

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Eu ia a pé para o colégio, aos 8 anos. Utilizava as passagens para chegar à escola. A passagem que eu usava para ir ao colégio era essa, da Rua Goitacaz até a Rua Possidônio da Cunha, chegando na lateral da Praça Caraíbe.

Quando eu estudei aqui, fiz o primário. Do 2º até a 5ª ano do primário. Marcelo mostra onde era a primeira escola que estudou. Era numa casa térrea de estilo colonial, na Rua Monumento esquina com a Rua Carajá, Quarteirão 36, Lote 21 e 22. Hoje a casa sofreu ampliação e é residencial. Rua Carajá nº 46. Acho que estudei aqui até a 4ª série. Depois, fomos para uma “Brizoleta” construída no lugar onde hoje está o prédio do Colégio Santos Dumont. Quando concluí a 5ª série, tive que ir para o Colégio Padre Réus, na época era na frente da Praça da Tristeza, onde atualmente está o Colégio Três de Outubro.

Lembro que no 7 de setembro a gente vinha na Praça Araguaia hastear a bandeira e cantar o hino. Tinha um mastro no centro da praça. Lembro que a praça era um espaço mais bem cuidado.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

Sim, as escadarias das passagens eram usadas por todos. Usávamos as passagens sempre. Dava acesso ao SAVA, ao rio, à escola. Havia conservação pela prefeitura. Eram capinadas. Sempre havia pessoas da prefeitura capinando. Não via esse mato como tem hoje.

Imagino que as passagens, com as escadarias em direção ao rio, foram feitas para que todas as pessoas tivessem acesso ao rio. A Rua Goitacaz, por exemplo, não tem acesso ao rio. Ela vai da Pereira Passos à Rua Caeté, paralela à Av. Guaíba e à Rua Possidônio da Cunha. Por isso, se não houvesse as escadarias (passagens), não teríamos o acesso ao rio. Teria que fazer uma volta muito longa.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Eu aprendi a nadar aqui no guaíba. Minha casa ficava na Rua Goitacaz (Lote 1, quarteirão 30), esquina com a Rua Guaianá, quase em frente a escadaria que dá em frente ao SAVA. Ficávamos no rio. O SAVA tinha um trapiche. Como enxergávamos a nossa casa lá do SAVA, minha mãe colocava uma toalha na janela para nos sinalizar que o almoço estava pronto e que devíamos voltar para casa. Se não voltássemos, perdíamos o almoço e ganhávamos uma bronca. A Av. Guaíba era de pedra irregular.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Sempre tive uma relação com o rio. Desde que vim morar aqui, eu conseguia enxergar o rio da minha casa. Víamos os barcos. Eu criei uma relação que perdura até hoje. Com a água, principalmente. A gente brincava no rio. O rio era um espaço de todos. Marcelo sinaliza a construção da padaria, que perdurou por mais tempo. E a localização das barcas, situada abaixo dos Bombeiros, onde está o muro azul com a placa "Terminal Hidroviário e Arquivo Geral". Aqui era o DAER. Aqui, em volta da Praça Tabira, ficava lotado de veículos. Cita que havia vários bares próximos, entre as balsas e os bombeiros.

Na Vila dos Pescadores, moravam pessoas pobres, mas descentes. Não eram marginais. Muitos trabalhavam nas barcas e eram funcionários do DAER. Os filhos eram meus colegas no grupo escolar, que originalmente era Cândido Rondon. Depois que mudaram para Santos Dumont. Mas aí eu não estava mais na escola.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

O SAVA do meu tempo, que não tinha nada a ver com o SAVA atual. Que era aquele barracão de madeira. O pessoal da Vila Assunção, que eram sócios, eles cuidavam muito daquilo ali. Todos os domingos à noite tinha seção de filmes. Eu vi todos aqueles filmes preto e branco da década de 50. Os pais e a gurizada iam. A SAVA era o ponto. Na época não existia o Veleiros. O Jangadeiros já existia, sem a ilha. O público que frequentava era da Tristeza. O Jangadeiros era um clube mais voltado para o iatismo.

O trapiche da SAVA era de madeira. O público da SAVA era da Vila Assunção. A SAVA tinha os galpões de lancha. Tinha muita lancha de corrida. Teve muito acidente, morte.

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

A Assunção é meu trajeto, passo por aqui todos os dias de carro. Pela Wenceslau é aquele tumulto. A Tristeza mudou barbaridade. Percebo que atualmente na Vila Assunção tem muito mais casas. Nesse percurso que fizemos, não vi nenhum terreno baldio. Quando velejo, percebo os edifícios na paisagem.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

Acho que nunca tinha visto os espaços públicos tão abandonados e malconservados.

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Na época, eu conhecia porque eu circulava por tudo, andava pelo bairro inteiro. Eu ia a pé para o colégio.

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Atualmente sou sócio do Veleiros do Sul.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Comentários/Observações:

Marcelo identificou algumas edificações de moradores conhecidos e as passagens que haviam ao longo do percurso da Rua Goitacaz.

Era domingo, e havia movimento para a missa na igreja.

Onde hoje estão as casas mais modernas, na minha época eram terrenos vazios.

O Timbuka era meu colega de colégio. Eram 3 ou 4 irmãos. O Timbuka era o menor. Eram meus vizinhos. Eles moravam na Guaianá. Era o Sérgio, o Luiz, o Timbuka e tinha um mais velho e a Marlene. O prédio do Timbuka já existia. O Sérgio arrendou e colocou o nome de Timbuka. Foi um sucesso.

Em frente ao Mil e Uma Noites, prédio que era uma meia lua, onde hoje é o Sindifisco, sempre teve um lugar que era arrendado para restaurante, churrascaria, depois foi uma boate.

Voltei a morar na Zona Sul em 1983. Surgiu uma oportunidade e comprei o terreno em 1979, na Vila Conceição, onde moro até hoje.

Na época que morei na Vila Assunção, não tinha o Zaffarinho. Quando voltei e fui morar na Conceição, lembro do Real, onde hoje tem o empreendimento da Maiojama na Wenceslau Escobar.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 11

NOME: Bóris Ostergren paulistano, veio para Porto Alegre em 1948, Técnico Mecânico e Pedagogo, 80 anos.

Local da entrevista: Clube dos Veleiros

Data da entrevista: 30/03/2017, às 16h

Rua da moradia do entrevistado: Travessa Pedra Redonda, Bairro Jardim Isabel

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

1948 conheceu a Vila Assunção por frequentar a praia.

“Eu circulo aqui pela Vila Assunção há mais de 65 anos.”

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

Paulistano, veio para a Vila Assunção em 1948. Tenho um irmão, um ano e meio mais velho. Nós nos assustávamos muito com a mudança para Porto Alegre. Em umas férias de julho, fomos para Ilhabela/SP e meu irmão e eu nos encantamos com um menino caçara que andava com uma canoinha de pé remando. Bem ali naquelas quadras centrais da parte antiga. Nos encantamos com aquilo.

3- Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

A empresa que meu pai trabalhava, em São Paulo, vendia joia e relógio e ele vinha, esporadicamente, visitar clientes aqui. Também ia para o interior do estado. Até que a empresa que ele representava resolveu abrir uma filial aqui em Porto Alegre. Que nunca foi aberta. Era uma empresa muito conhecida, chamada Levy-Franck, de suíços. Meu pai se mudou para cá para fazer a filial aqui. Enquanto ele estava se estabelecendo aqui, os sócios se desentenderam, e um dos sócios voltou para a Suíça. Com isso, foi oferecido para meu pai duas opções: ou a indenização normal que tinha naquela época ou ficar com o estoque que havia. Ele fez as contas e achou que ficar com o estoque era muito melhor. Assim, inicialmente ele se estabeleceu para vender o estoque com a clientela que ele tinha, e fazer capital. Desta maneira ele acabou recebendo ofertas de outras representações, começou ele mesmo a importar algumas marcas de relógios, Rolex...Relógio era uma coisa caríssima na época. Só meninos de uma família rica que

fizesse 18 anos é que ganhava um relógio. Depois vieram esses relógios japoneses, como ele dizia, a quarts que barateou tudo. Então ele acabou ficando por aqui.

Aí meu pai disse que “Quando nós formos morar em Porto Alegre, eu vou arranjar uma casa na beira do rio, porque lá tem praia.” E eu não conseguia entender o que era isso: uma casa na beira do rio e praia? O rio que eu conhecia, perto da nossa casa era o Rio Pinheiros. Não conseguia entender isso. E então nos primeiros tempos aqui, nós vínhamos na praia da Vila Assunção. Era uma praia que muita gente da cidade vinha. Era balneário, tinha uma faixa de areia, que era maior que hoje, do pedaço que vai do atual Sindifisco, onde houve o restaurante A Cabana, em frente ao antigo Mil e uma Noites, até a casa de bombas do DMAE. Onde hoje está construída a sede do SAVA, eram pedras entremeadas com areia. Não sei por razões geográficas ou geológicas, ou porque aumentaram e fizeram calçada grande. Onde era o Timbuka era o “centro” da praia. Nós frequentávamos a praia ali e meu pai procurava casa na Vila Assunção. Depois passamos a frequentar Ipanema e a procurar casa em Ipanema.

Naquela época tenho a lembrança de haver bastante casas nesta parte baixa, na beira do rio e na parte de cima do rio, em cima do morro, uma casa ou outra. Aqui próximo do Clube Veleiros, nada. Ruas prontas, e nada de casas.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

O rio.

Para mim é o Rio. Antes, quando eu era garoto, antes de vir para cá, a minha expectativa era o rio.

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Comentários/Observações:

O mesmo ocorreu na Vila Conceição, na parte do Sétimo Céu. Ruas prontas, e nada de casas. Sr Bóris me pergunta “Tu tens idéia por que chama Sétimo Céu?” “O lugar isolado que os namorados vinham namorar nos carros. Visual bonito, não tinha casa alguma e havia uma visão boa se alguém se aproximava. Quando eu era garoto, muitas histórias da garotada que ia até lá para olhar os namoros nos carros. Fazer um flagra.

Quando eu era guri, nós tivemos o primeiro barco na Pedra Redonda, onde hoje é a Casa do Sirotsky, depois da curva, um pouco antes da AABB, na Cel. Marcos. Nós tínhamos amigos que moravam em casas que iam até o Guaíba.

Inicialmente alugamos uma casa em Ipanema. Era um balneário, super frequentado, muita gente, e houve época que não tinha lugar para colocar o guarda-sol. A Pedra Redonda muito mais restrita, em parte em função do acesso.

A Tristeza foi um bairro estabelecido há muito mais tempo. Existiam não só casas, como hotéis. Existiam casas de veraneio, clubes, com o passar do tempo, as pessoas que tinham chácaras até a beira do rio foram isolando e acabaram com a praia. Para as pessoas não virem, para “a minha praia ser particular”. E foi muito fácil: como não vinha ninguém no inverno, aproveitavam e faziam os muros até dentro d’água e fechavam o acesso. Esses dias eu vi anúncios antigos de casas “Chácara com praia particular”.

Aqui era longe de tudo. Perguntavam-nos: vocês moram o ano todo aqui??

Primeiro meu pais alugaram uma casa em Ipanema, na segunda rua depois do restaurante Bologna. Dois ou três anos depois ele comprou uma área onde hoje é o Jardim Izabel, e que moro até hoje. A travessa Pedra Redonda é a primeira rua. Ela era uma estradinha que subia, fazia uma curva e juntava na Rua Conselheiro Xavier da Costa. É a primeira paralela da avenida principal de Ipanema para o lado de cima. Ela faz uma curva. E uma continuação para cima, a pedreira. A pedreira do Jardim Izabel. Ninguém iria fazer um loteamento sem que houvesse a matéria prima para a construção das ruas. Meu pai comprou o primeiro pedaço que essa gente que iria fazer o Jardim Izabel naquela área vendeu. Inicialmente meu pais compraram na esquina “da faixa”, na Travessa Pedra Redonda esquina com a Cel. Marcos, onde hoje está a Daltro Belini.

Depois vendo que ali passava caminhão, passava ônibus, fazia barulho, ele trocou por um terreno um pouco mais para cima.

Primeiro eu estudei em um Grupo Escolar em Ipanema. Naquela rua passando a rótula, que tem uma padaria na esquina. Depois meu pais acharam melhor que fôssemos para o grupo escolas da Tristeza, o Três de Outubro, porque ele me levava e buscava de automóvel. Porque até então eu ia a pé até Ipanema. Íamos juntando a garotada pelo caminho e íamos caminhando até a escola. Eu tinha vergonha dos guarda-pós, então eu saía do portão e tirava o sapato e o guarda-pó e deixava escondido na cerca de casa. Todo mundo ia descalço para a escola e minha mãe me obrigava a ir de sapatos. Eu ficava envergonhado.

Primeiro não tínhamos vizinhos. Depois apareceu o Governador, Egídio Michaelsen, que construiu sua casa na faixa, bem em frente à entrada do Morro Sabiá, uma casa antiga, quase não se enxerga a casa. Passando o Daltro Belini, em frente ao condomínio *Las Rocas*.

O pessoal que estava fazendo o loteamento Jardim Izabel precisava recursos. Por isso, primeiro venderam esse pedaço para o Governador. Depois, venderam outro pedaço para o Arlindo Pasqualini, que também era político. Assim, dois políticos se instalaram aqui. A rua que é tombada, não vai até a faixa (Rua João Mendes Ouriques).

Na Pedra Redonda moravam os mais ricos. Todos tinham praia própria, garagem com barcos.

Minha relação com o rio começou da seguinte forma: primeiro íamos à praia, como praia. Depois, com os amigos, que frequentavam a praia e tinham barco próprio. Depois, entre quatro amigos, compramos um barco que estava “estacionado” em uma garagem. Pagamos com corte de grama. Deixávamos o barco amarrado numa poita, dentro do rio.

Na Vila Assunção, a travessia de balsa, ocorreu primeiro daqui no final do Clube, mais ou menos, no campo de futebol, no final do terreno do Veleiros, foi o primeiro lugar da travessia para a cidade de Guaíba.

O segundo lugar, onde tem um molhezinho de pedras, construído artificial, depois das quadras de tênis, onde estão os escoteiros do SAVA. Da água se vê bem o lugar.

O terceiro lugar, aqui onde foi por muitos anos. Veio para este lugar quando conseguiram umas barcas de sobra de guerra, que abre uma rampa. Mudaram para este lugar e construíram uma rampa para a barca encostar, com pedras da pedreira. O píer, trapiche de cimento ainda está ali. Do rio se vê bem. Os outros dois pontos sempre foram usados por conveniência momentânea. Mas a travessia sempre foi da cidade de Guaíba para a Vila Assunção.

O escritor Alcí Cheuiche, me procurou para saber porque a travessia era por aqui e porque não na área central. O lógico seria fazer a travessia lá na ponta da Cadeia, onde a cidade começou. Mas a conclusão que nós chegamos é que sempre foi aqui porque aqui sempre poderia chegar, de maneira segura.

Lembro que com a travessia da balsa havia ônibus. Quando fiquei mais grandinho eu ia em festas “na cidade”. A maneira de vir para cá era pegar a barquinha: uma camionete que vinha para a primeira barca às 4 da manhã. Na praça Parobé, no centro da cidade, em frente ao mercado, ele vinha para levar passageiros para a primeira viagem da barca e pegar passageiros. Chamava barquinha porque ele ficava lá no centro com um letreiro “Barcas” e a camionete dele era pequena, chamávamos de *barquinha*. Levava umas 7-8 pessoas. A barquinha vinha do centro para a Assunção às 4 da manhã, para a primeira balsa.

Depois, mais tarde aí tinha os ônibus de linha: Assunção-Tristeza, que fazia a Tristeza, mas ele vinha pela Caeté/Sargento Nicolau e voltava pela Pereira Passos. O ponto final era na Ponte da Vila Conceição. Ele vinha, descia a Wenceslau até a Tristeza.

Mas era com a “barquinha” que eu voltava das festas. Muitas vezes eu gostaria de voltar mais tarde. Quando isso acontecia, descíamos na ponte da Conceição e íamos caminhando até em casa, no Jardim Izabel.

Nós tínhamos os colegas de Guaíba, que vinham estudar aqui no Grupo Escolar. Eles vinham com a balsa e caminhavam até a praça da Tristeza.

Aproximadamente em 1970, o Clube Veleiros já estava aqui, neste morro não tinha ninguém. Não morava ninguém. Caminhar até a condução, as empregadas domésticas não queriam.

Na Pedra Redonda tinham ruas para a praia, e aos poucos foram fechando. A que ainda está aberta é ao lado do clube da Caixa Econômica. As outras todas foram fechadas. As pessoas que vinham de ônibus para a praia, era programa de final de semana. Aos poucos, não conseguiam mais acessar a praia.

Tinha muitos amigos que moravam na Vila Assunção. Eu conhecia todos. Naquela época, os da minha idade, grande parte estudava nas escolas aqui. Minha mulher e meus filhos estudaram na escola Santos Dummont. Andavam por tudo a pé. Tinham muitos filhos das empregadas das casas que estudavam na escola. Meus filhos estudaram nesta escola pública do bairro até o final dos estudos. Sempre tiveram muitos amigos da Vila dos Pescadores. Era uma convivência super harmônica de gente do bairro e gente da vila. Gente trabalhadora.

A Vila dos Pescadores é muito antiga. Muitos funcionários do Clube Veleiros moram ali. Na época da balsa, haviam muitas banquinhas de vender coisas, chegava um povo na balsa. Tinha a padaria do seu Romeu, pai da Bernadete. Também lembro que havia uma casa comercial onde está a figueira, em frente à Padaria, esquina com a Goitacaz. Mais ou menos por ali. Chegava esse povo todo da balsa e saíam caminhando até a Wenceslau, onde havia a condução.

Aqui em cima do Veleiros, as ruas estavam prontas, e os terrenos a preço de banana. O Leopoldo Geyer, fundador do Clube Veleiros e do Jangadeiros. Ele comprou 50 terrenos aqui pois dizia que iriam valorizar. “Quando o clube crescer e fizerem a comunicação aqui por baixo, irá valorizar.”

Eu circulo aqui pela Vila Assunção há mais de 65 anos. Eu caminho a pé de manhã em Ipanema. Lá é uma festa. Tem muita gente, é plano, é na beira do rio, é muito bonito.

Eu vinha no Clube dos Veleiros sempre no final da tarde. Estou sempre metido nas regatas. Muitas vezes eu encontrava meus filhos aqui no Clube. Eles vinham da escola para cá e voltávamos juntos para casa. Depois, comprei um barco maior e minha mulher vinha para cá à tarde, fazia lanche para as crianças no barco e me esperavam para voltarmos juntos no final da tarde. Ela dizia que era ótimo de ler no barco!

Fui sócio no Jangadeiros durante 40 anos. O Clube lá era muito mais fechado e preconceituoso. O Clube foi fundado por gente que frequentava o bairro nos finais de semana. Não eram moradores e com o tempo, foram ficando moradores. E a Tristeza tinha uma grande divisão entre a faixa para o rio e a faixa para cima. São lugares diferentes. O “lado de cima” era cheio de chalés de madeira. O pessoal do clube aceitava quem morava da faixa para o rio.

Quando eu estava estudando no ginásio, na Tristeza, as ruas de cima tinham calçamento só na primeira quadra, depois eram de terra. E eram chalés de madeira. Para o cara entrar de sócio, para ser aceito no Jangadeiros, tinha que ser “um certo tipo de gente”. Esses que prestavam serviços para “os de baixo”, os que “moravam para cima”, não podiam. “Na maior”, sem explicação.

Eu frequentava os dois clubes mas mudei definitivamente para o Veleiros em função de um rapaz que começou a correr regatas comigo e não aceitaram ele como sócio.

Havia duas famílias importantes na Tristeza, os Garcia e os Pellin. Duas grandes empresas de calçamento da cidade, de pedreiras. Quando tu vês alguma casa de pedras na Assunção e na Tristeza foi algum deles que construiu. Eles tinham empresa de calçamento de ruas trabalhando para a prefeitura da cidade. Os Garcia tinham o parque industrial da empresa onde hoje é a Honda (Wenceslau Escobar). Tinham uma quadra inteira. Os dois Garcia não conseguiram entrar no Jangadeiros. Um deles, o Jorge Lopes, a mãe era Garcia, morava na rua atrás do Zaffari. Chegou a ser diretor da Riocell. Quando era garoto, o clube dos Jangadeiros não deixou que ele fosse sócio. Era família daqui do bairro, da Tristeza. Veja que absurdo.

Hoje um dos velejadores mais importantes daqui, que se chama Jorge Neme, o “Dodão”, a família dele era dona do armazém grande que tinha na Wenceslau esquina com a Landell de Moura onde hoje está o edifício com estacionamento enviesado na esquina. Esse armazém fornecia tudo que é coisa, óleo para aquecimento, carvão, lenha, secos e molhados, era o mercado grande da região. Os irmãos e primos dele não puderam entrar de sócios nos Jangadeiros. E eram amigos, mas não puderam entrar porque eram família de fornecedores e comerciantes. Explicação, não davam. Simplesmente não puderam entrar de sócios. “Superinteressante isso.” Depois a mãe casou com um cara que era aceito. Coisas típicas da época. Depois começou um grande número de famílias da Vila Conceição nos Jangadeiros. Porque eram de famílias “de outro nível”.

O Veleiros aqui é de 1960. Muitos que tinham casa na Tristeza ou na Pedra Redonda, eram do Veleiros.

O SAVA primeiramente foi numa ruazinha, no canto de cá, na esquina da Carajá com a rua Monumento. Ali era o SAVA. Os moradores do bairro e gente do Jangadeiros que eram motonautas, saíram do Jangadeiros e conseguiram a concessão desta área onde

hoje está a sede do SAVA. Ali chamavam “a motonáutica”. Ficaram com este carimbo! Foram *expulsos* do Jangadeiros “porque esses motonautas não queremos aqui. ”

Aqui na Pedra Redonda tinham os mais ricos de todos, as famílias mais ricas daqui. Os Bromberg, os mais ricos que existiam no Rio Grande, Mayer, que moravam na Vila Clotilde, os Dreyer, não os das bebidas, mas grandes proprietários de terras e imóveis na cidade. Esses três ganharam uma área do Governo, Império ainda, de Osório até Torres e começaram a trazer famílias e imigração de famílias da Europa. “Alemoda”. Esse negócio não foi longe. Ainda existem coisas fundadas por eles, Colônia São Pedro, essas coisas.

Maria Helena Luci Schmitz é uma moradora antiga daqui. Mora na Vila Clotilde. A sogra dela teve escola de dança, bailarina, a Lia Bastian Meyer. Morou em Viena. Tinha escola de dança. O avô do Candinho era o Mayer. Esse Mayer era riquíssimo, não tinha vizinho, e ele convidava meu pai. O sótão da casa dele era um Cassino. Getúlio Vargas, Lei do Inquilinato. O homem que vivia de aluguéis na cidade e no Rio de Janeiro, o dinheiro dos aluguéis não pagava os impostos. E aí ele despediu os funcionários, pedia carona para o meu pai porque já não tinha mais motorista.

Minha mulher, Maria da Graça da Rocha, quando menina, morava na Vila Assunção, quase em frente à padaria do Romeu. Peter Liedstein morava na casa da esquina e ao lado, era a casa da minha esposa. A casa dela era a segunda a partir da esquina. Ciro Chapke morou no castelinho, em frente ao SAVA. A casa em estilo vitoriano. Ele era empresário, dono das impressoras e livraria Chapke.

O campo de futebol, dessa associação (Associação dos funcionários da SMOV), está em cima de onde era rio. O rio acompanhava a parte mais elevada. O rio vinha até onde hoje está o posto de gasolina (BR). Um bico onde sobe a Tamandaré e a Icaraí. Ali naquele bico era o final do rio. Ali tinha uma ponte do trem. Sobre o Riacho Cavallhada, antes de ser corrigido no Shopping. Na esquina tinha um Armazém da Ponte. Ali bifurcava o ramo do trem para a Vila Nova e Serraria. Bem ali. Inicialmente só vinha para cá. O trem vinha com pessoas e voltava com pedras.

Expliquei para o André Huyer, como era o caminho do trem. Quem sobe a Cel. Massot, tem um lugar que tem um canto, que tem um sinal e de duas pistas ela passa a ser uma pista só. Aquilo ali é em função do trem. Se tu virares à direita, e logo depois à esquerda, tem uma rua enviesada ali no meio que era o caminho do trem (atual Rua Afonso Arinos), vai dar na esquina da Otto.

O Trem cortava o terreno deles. Quem fez o corte na rocha para passar o trem na Vila Conceição, foi a empresa do Pellin. Uma pista da Wenceslau tem níveis diferentes. Os trilhos ficavam na pista de baixo. Lembro dos trilhos na rua.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 12

NOME: Sra. LEDA ASSUMPÇÃO DIAS, 95 anos, neta da Sra Felisbina e José Assumpção e MARIA LÍLIA DIAS DE CASTRO, 70 anos, filha da Sra. Leda, professora aposentada.

Local da entrevista: Residência Sra. Leda

Data da entrevista: 31/03/2017, às 15h

Rua da moradia do entrevistado: Praça João Bergman – Vila Assunção

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

1949-2017

Dona Leda nasceu em 1922, no Guarujá, local que morou até casar, em 1942. Foram morar em Caxias do Sul por um ano. Voltaram para Porto Alegre e morou no bairro Menino Deus até 1949, quando se mudou para a Vila Assunção, local que mora até hoje.

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção? 1949

Dona Leda é de 1922.

Maria Lília é de 1946.

3- Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

Dª Leda tem 95 anos. Nasceu no Guarujá. Mas sua avó, a mãe do seu Pai era, Dª Felisbina Antunes Assumpção. “Era a dona aqui da Assunção”. A vovó aos domingos reunia a família, porque aqui sempre foi afastado, era um recreio, um “veraneio”. Meus tios que moravam no centro, vinham para cá nos domingos para passar com a família, aquela reunião simpática da família.

O pai de Dª Leda, Sr. Mário Archimedes Antunes Assumpção, comprou o Guarujá. Ele tinha um sítio lá. Ele tinha vacas, cavalos, porcos, ovelhas, tudo que tinha numa fazenda. Inclusive ele tirava leite das vacas e vendia no mercado público. Ele sempre

teve paixão por vida de fora, de campo, de plantação. Ele vivia nesse ambiente. Eu nasci no Guarujá. Meu irmão o Telmo e a Marina, também. O único que não nasceu no Guarujá foi o irmão mais velho. Me criei no Guarujá e na Vila Assunção. Isso aqui tudo era como se fosse nosso. A Vila Assunção começa na Copacabana, vai toda a volta do Guaíba, até quase um Quartel que tinha no Cristal. Tiraram uma parte do quartel para fazer o Hospital da Brigada. Aquela parte que tem hoje o supermercado Nacional, aquilo tudo pertencia à Vovó. Era muito grande.

Dona Leda frequentava o local onde hoje é denominado Vila Assunção, nos períodos de veraneio e nos finais de semana, enquanto morava no Guarujá. Aqui sempre foi o local de veraneio da família, o balneário da família. Quando a família se apertou, ficou mal de dinheiro, a família resolveu lotear. Depois que o vovô morreu, tudo ficou mais complicado. Então os filhos e a Vovó, D^a Felisbina, resolveram fazer um negócio de loteamento com os Di Primo Beck.

Maria Lília comenta que até então, era campo. A área era restrita à família. Não era de livre acesso. A Tristeza já tinha um início de urbanização. Era separado. Mas era muito, muito diferente. Hoje é tudo a mesma coisa. “Quem era da Tristeza não era da Assunção”. Era uma coisa muito dividida. Quando lotearam, também. A Vila Assunção até hoje tem um Plano Diretor diferente da Tristeza. Aqui não se constrói apartamentos, edifícios. Agora surgiram alguns. Grandes prédios não se constroem. É absolutamente residencial. Havia uma diferença até no Plano Diretor. Aí foi feito um loteamento e os herdeiros ganharam alguns terrenos. Maria Lília diz que seu avô, Mário Archimedes Antunes Assunção, ganhou terrenos para os filhos. Ganhou um terreno para cada filho. Este terreno da minha mãe foi terreno que ela ganhou do pai. Este ao lado, era da minha tia. Minha mãe negociou e ficou com os dois terrenos. As pessoas usavam a Vila Assunção para fim de semana. Muita gente começou a construir aqui, morava no centro e vinha para cá passar os finais de semana. Meu pai, Fernando Camargo Dias, resolveu que viria para cá para morar. As casas construídas eram muito boas. Casas de alvenaria. Por exemplo, a família Schermann, que vinha só para finais de semana, tinha telefone. Nós não tivemos telefone por muitos anos. As casas eram assim como tu vês hoje. Claro, algumas foram reformadas. Não era veraneio precário. Eram casas de muito conforto. Mas tinham essa mentalidade de final de semana, como Ipanema também tinha. A praia era absolutamente usável. Balneário. Nós tomávamos banho.

Dona Leda lembra que havia um outro transporte para o centro da cidade, era o vapor. Seu avô construiu um trapiche, e quando alguém precisava ir para o centro eles colocavam uma bandeira branca. E o “vaporzinho” parava ali e esperava. Meu avô morava na Rua Goitacaz, bem perto do rio. A casa era maravilhosa. Foi demolida, foi um crime. Podia ser um museu. Tem umas construções que demoliram que foi uma pena.

Maria Lília relata que na sua infância, o terreno ao lado do terreno da mãe dela, não tinha casa. O terreno era alto, tinha um barranco. A terra aqui na Vila Assunção é aquela terra vermelha. Fazíamos um caminho de carrinhos neste talude para brincarmos. Minha mãe tinha uma grande amiga que morava “do lado de lá” e a comunicação entre elas era através do berro. Uma gritava com a outra, era a comunicação entre elas. Eu ia para a casa dela para brincar com o filho dela. E o filho vinha aqui na nossa casa.

Dona Leda relata que lembra tudo, até da entrada da Vila Assunção, que tinha um armazém/cantina, mais ou menos onde é o Shopping Paseo. Ali era mais ou menos a estação do trem. Eu vivi muito aqui. Para morar eu vim em 1949.

Maria Lília relata que a partir do loteamento, das ruas calçadas, as pessoas começaram a comprar e a fazer casas. Havia poucas casas, uma que outra. As ruas estavam prontas, calçadas, urbanizadas. O meu Pai foi um dos pioneiros. Construiu a casa, levaram uns dois anos para concluir. “Eu tinha dois anos quando eles vieram morar aqui.” Isso foi em 1949. Tínhamos poucos vizinhos.

Na urbanização do loteamento, todos os nomes eram predominantemente indígenas. Depois foram mudando. A praça João Bergman (foi homenagem a um jornalista que morreu). Originalmente era praça Tupiniquim. Algumas foram mantidas. A Chavantes, a Caeté, a Chiriguano, a Guaraum, a Goitacaz, enfim. Perguntei se a escolha da nomenclatura – indígena, havia sido escolha da família. Dona Leda informa que foi escolha da sociedade.

Éramos completamente livres. Brincávamos nas ruas. Na descida da casa do vovô, tinha uma descida, onde íamos para o “banheiro da vovó”. Tomávamos banho no Guaíba. Tinha sabonete, tudo para o banho. Não tinha ninguém. Os vizinhos eram pescadores. Nessa volta, essa entrada da Vila Assunção é muito feia. Pela Vila dos Pescadores. Os pescadores viviam naquelas *maloquinhas*. Fizeram um requerimento pedindo a posse. A vila toda é irregular. Primeiro construíram casas de madeira, depois de alvenaria e agora tem prédios de dois e três pavimentos. É tudo irregular. É um terreno de praia.

Na época das balsas, o bairro tinha uma dinâmica diferente quando havia a travessia para Guaíba. A balsa saía as seis ou sete da manhã, não sei ao certo. A Pereira Passos ficava toda mobilizada. Um carro atrás do outro. Uma fila. Caminhão, muito caminhão. Muita gente que vinha trabalhar e voltava no final do dia, que vinha estudar aqui, esse movimento regular de transporte de passageiros e de transporte de mercadorias era muito intenso. Enchia toda a Pereira Passos. Quando víamos aquele “carreiro” de carros que saíam da Balsa e os que entravam, a gente já sabia que era hora da balsa. Não era de hora em hora. Era de manhã, ao meio dia e no final da tarde. Não interferia na nossa rotina de vida na Vila Assunção. Ficavam parados na Pereira Passos, saíam do carro, conversavam. Na Pereira Passos nunca teve comércio. Havia um armazém, o Tiradentes, do Alexandre, onde hoje é a Ferragem. E uma padaria na esquina da balsa, da Dona Marina do seu Romeu, que era irmão do Alexandre. Foi uma família de comerciantes. Dona Leda lembra que no início, o Tiradentes vendia muita coisa de qualidade, inclusive tecidos. Mas depois o lugar era muito longe e ficava difícil o abastecimento. Além do mais, na Tristeza já havia um comércio com estes produtos. Depois ficou desorganizado, informal. Era para utilidade, não era para concorrer com nenhuma loja, era suprimento. Não era para abastecer, era para suprir as necessidades que surgiam. Éramos abastecidos na porta de casa pelo verdureiro, que vinha de carroça, pelo padeiro e pelo leiteiro. No início vinham de tonel e passavam o leite para os baldes. Isso até os meus dez anos, aproximadamente 1957.

A gente brincava completamente soltos. Nós brincávamos na rua, completamente soltos, íamos na casa dos amigos, a mãe nos chamava pelo berro. Andávamos pelas ruas, pelos caminhos no mato. Era tudo aberto. Os terrenos não eram cercados. Nunca

teve grade. Aqui na casa da D^a Leda foi colocada há 15 anos. Até então, não havia grade. As praças nunca foram cuidadas. Não usavam as passagens para pedestres.

Dona Leda estudou no Treze de Maio e fez a prova para o Instituto de Educação. Mas já estava noiva e deixou de estudar para se casar, aos 19 anos, com Fernando Camargo Dias. Conta que, naquela época, quem não casava até os 20 anos, ficava para *Tia*, era considerada velha! Dona Leda teve quatro filhos.

Em relação às escolas, havia um grupo escolar na Tristeza, o Três de Outubro e aqui tinha um grupo escolar. O filho mais velho, o César, estudou um tempo no Três de Outubro e depois foi para o Colégio Anchieta, que era na Duque de Caxias. Maria Lília começou a estudar em 1954. Sempre estudou no Colégio Maria Imaculada, no bairro Menino Deus, um Colégio de freiras que ficava atrás da igreja do Menino Deus, que foi demolida. A sacristia tinha uma comunicação com o colégio. Por um tempo eu fui de carona, com os vizinhos. Quando fiz 9 anos e já tinha um pouco de independência, comecei a ir e voltar de ônibus. Tinha um ônibus com o trajeto que vinha pela praia, entrava na Chavantes e me deixava aqui. Era só eu! Eu era super conhecida. Com nove anos eu andava de ônibus sozinha!

Maria Lília não tinha muitas amigas na Vila Assunção. Os irmãos menores sim, eles tiveram grupo de amigos no bairro. Eles têm 6 e 8 anos de diferença de mim. Conta que ela foi estudar fora porque não havia escola particular na Vila Assunção. Os irmãos mais novos estudaram aqui no bairro.

Dona Leda relata que “o Vovô era um homem muito rico. Mas ele era da oposição a Júlio de Castilhos. Então ele vivia fugindo. Tanto que meu pai nasceu em Buenos Aires. Ele levava a família toda. Mas o importante é que o Vovô era muito bem relacionado. Tinha muitos amigos “de verdade”. Eles vinham para se hospedar aqui na Vila Assunção e faziam a “caça à raposa”, uma corrida de cavalos que existia antigamente. Eles praticavam muito essa corrida aqui na Vila Assunção, enquanto era campo. Isso era uma festa. Terminava em festa. Acho interessante saberem que eles praticavam muito essa corrida aqui. Praticavam muito aqui. Isso é uma das coisas que ouvi muito quando menina e mocinha.”

Dona Leda relata que quando casou, em 1942, com Fernando Camargo Dias, ela tinha 19 anos, foi morar por um ano em Caxias do Sul. Depois o marido veio transferido do IAPC (INSS), como chefe de gabinete, depois ele foi delegado, fez toda a trajetória no IAPC. Até 1949 morou no Menino Deus, em uma casa alugada, pequena, com o filho mais velho, César e com a filha Maria Lília, quatro anos mais nova. Em 1946 Maria Lília nasceu no Menino Deus. Os outros dois filhos nasceram na Vila Assunção. Entre 1942 e o início de 1949 eles moraram fora da Vila Assunção.

O filho mais velho, César, tinha seis anos quando se mudaram para a Vila Assunção, e Maria Lília com dois anos e pouco. Em 1947, escolheram o terreno e construíram a casa, e no início de 1949 se mudaram, onde vive até hoje.

Dona Leda morou na infância no Guarujá, onde era um sítio. A Vila Assunção era o local de veraneio. Tinham o mesmo tipo de animais, mas aqui na área da Vila Assunção tinha muita pedra. As pedras daqui da Vila Assunção foram as que lajearam o Cais do Porto.

O morro é pedra pura. Tem uma coluna da Catedral que também foi feita com pedras daqui da casa da Vovó. O trenzinho vinha para buscar as pedras.

Era mato e o rio. Para virmos da faixa até a casa da Vovó nós levávamos uma meia hora de charrete, porque não tinha estrada. Depois é que fizeram os trilhos que passavam carros.

Maria Lília comenta que na época, ela tinha poucas amigas. Nós tínhamos o convívio só aqui. Tinha pouca gente morando na Assunção naquela época. Ela ia para a escola e voltava para casa. Mas meus pais sempre foram pessoas muito agregadoras. Nos finais de semana a nossa casa era uma festa. Todas as pessoas que moravam no centro, vinham para cá no final de semana inteiro, um sim, outro também. Nós nunca fizemos veraneio na praia.

Dona Leda comenta, enquanto a filha faz o relato, que conheceu o mar depois de casada. Nossas férias eram aqui. Eu nasci em 1946 e até minha adolescência, 15-16 anos, 1960, nós tomávamos banho no Guaíba, era limpo e balneável. Meu pai, Sr. Fernando Camargo Dias, mandou construir uma cancha oficial de vôlei ao lado da nossa casa. Eu lembro, com 8-9 anos aqui na minha casa parecia um Clube. O time era oficial. Quando o SAVA Clube foi fundado, pediram para meu pai fechar a cancha, porque as pessoas vinham para cá. Tudo aberto, sem cerca. Comento que a cancha de vôlei não foi feita numa praça, mas sim, no terreno particular, muito semelhante com o espírito de balneário. Maria Lília comenta que nesta época, todos gostavam de vir para cá. Suas duas primas mais velhas vinham para a Vila Assunção, namoraram, casaram, gostavam muito de vir para cá. Todo mundo gostava de vir para cá neste período. Praia, diversão e vida livre. Meus pais sempre estimularam muito este convívio.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Maria Lília relata que conheceu o Dr. Ruy de Viveiros Leiria, casado com dona Maria (amiga da Tia Valmi), pais da Jussara, moradora da Copacabana nº 80. A casa que cortaram as três figueiras que estavam plantadas na frente. Ela tem um irmão, mas o irmão não mora mais aqui. O Dr. Ruy, o Dr. Leiria como eu conhecia, era morador da Chavantes. Moraram por muitos anos aqui. A mulher dele foi professora a vida toda. Quando a filha casou, compraram o terreno dos fundos, que dá frente para a Copacabana. Os terrenos tinham conexão.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Dona Leda teve quatro filhos.

Os dois filhos mais velhos estudaram fora da Vila Assunção. César, o mais velho, no Colégio Anchieta, na Duque de Caxias e Maria Lília, no Colégio Maria Imaculada. Os dois filhos mais novos, estudaram nas escolinhas particulares do bairro, desde o maternal. Dona Leda comenta que levava os filhos, mostrava o caminho e a partir daí eles iam a pé. Sempre fui uma mãe muito atucanada com crianças. O casal de filhos mais novos, estudaram em escolas privadas do Bairro Tristeza.

Maria Lília se lembra de ir para a escola e, se houvesse algum trabalho para fazer, ela iria para a casa de uma amiga para fazer. Não tinha como avisar em casa porque não tínhamos telefone. Minha mãe almoçava e deixava um prato para mim no forno. Se eu não voltasse, paciência, o prato ficava ali. Eu podia chegar em casa às cinco ou às seis, ela (D^a Leda) nunca se preocupou. Ônibus tinha de hora em hora. O ônibus passava na Praia de Belas. Eu saía da escola, e caminhava pela José de Alencar até a Praia de Belas. Do Menino Deus para cá, não tinha nada. Ele vinha costeando o rio até a Lomba do Asseio, subíamos e descíamos até a Icaraí. Da Lomba do Asseio até o Morro do Cristal, não tinha nada. No local do Estaleiro, era um beco de acesso ao Estaleiro. Não andávamos por ali. Vínhamos “por dentro”, pela Icaraí.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

Não utilizávamos as passagens para pedestres.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

Dona Leda afirma que as praças nunca foram cuidadas na Vila Assunção. “Impressionante o abandono das praças aqui na Vila Assunção.”

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Foi muito usada. Era uma praia perto do centro, vinha gente para pescar. Esse fluxo de pessoas nunca foi um incômodo. A Vovó só comia peixes pescados aqui pelos pescadores, que eram muito caprichosos.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

D^a Leda: Esporte náutico, só depois que fizeram o SAVA.

Maria Lília: O rio fazia parte da nossa rotina, de forma visual e para tomar banho, ficar um pouco e voltar para casa. Não fazíamos piquenique.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

Minha imagem mais presente é **da minha avó, Felisbina**. Da minha avó, nunca mais esqueci. E das minhas tias também. A Vovó, quando ficou viúva, morava com o Tio Chico, o filho mais velho, a Tia Patita, que tinha três filhas: a Zila, a “Zija” e a Diná. Então essa lembrança eu tenho que eu não esqueço nunca, porque esse meu tio, o Chico ele implicava muito com a Marina, minha irmã mais moça. Quando papai chegava, com um cesto de verduras de tudo. Ele plantava de tudo no terreno dele. E o casquinho da Marina, geralmente ia em cima da cesta. Ele pegava o casaco e dizia “isso não é verdura”, e jogava longe. E ela saía chorando. Aquela choradeira sempre que ele chegava lá, porque ele implicava com a Marina. “Isso eu não esqueço jamais”.

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Maria Lília afirma que não tem mais essa liberdade. Mudou a quantidade de pessoas, o distanciamento das pessoas, as condições no que diz respeito às pessoas terem se fechado, colocado grades nos terrenos, a gente não entra mais facilmente na casa das pessoas. Essa acessibilidade que tínhamos uns com os outros, a vida moderna vai te impedindo de ter. A mudança foi gradual.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

Maria Lília caminha diariamente pela Vila Assunção e diz que não tem medo. Caminho e tenho pontos de referência. Conheço os guardas e isso me dá mais segurança. Pergunto sobre as guaritas, se sempre houve, ela diz que não. Era uma coisa muito primitiva. Minha mãe nunca fechou a casa. Eu sentia a diferença em relação as minhas amigas “da cidade”. Nós não tínhamos restrição de sair, de pegar o ônibus. Também, se alguém morava no centro, não havia muita opção fora do centro da cidade. Nós daqui é que íamos para o centro em busca de cinema, banana Split (sorvete) nas Americanas.

A vida era mais fácil. Mudou muito. Não foi a Vila Assunção que mudou, as condições mudaram. Hoje tu andas com muito mais cuidado. Eu me sinto muito mais à vontade na Vila Assunção do que na Tristeza, onde eu moro. Meu filho, com 47 anos hoje, foi criado aqui e, ao trazer os três filhos, meus netos para visitar as praças ele fez o seguinte depoimento: “me lembro das pedras do chão, me lembro dos buracos e das raízes, de ter que desviar com a minha bicicleta. ” Meu filho ainda foi criado solto, tinha turma. Havia mais gente morando aqui. Fazíamos esquema de caronas. Nunca me senti a vontade de colocá-los na escola pública. Na época, tinham pessoas daqui que estudavam na escola pública, mas hoje caiu muito. Já meus netos, que moram do outro lado da cidade, quando veem para cá, ficam na casa da minha mãe ou no máximo vão até a praça, aqui em frente. Pergunto se vão a pé até o rio. Ela responde que a beira do rio ficou proibitiva. “Meus netos não fazem vida alguma aqui. De rua? Nada! Meu filho também não. Não tem mais esta liberdade”.

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

D^a Leda: Minha vizinha era a viúva do Deputado Rospide Neto. Era muito amiga minha. Ela era gremista e eu colorada! Mas nunca brigamos! A outra vizinha, a Heloísa, é uma boa vizinha, mas ela reclama demais. Se tem uma festa aqui em casa, ela quer saber que horas termina a festa... Um dia ela me disse “eu não sei como tu aguenta, aos domingos, esse bando de gente que vem na tua casa” e eu disse “pois é um prazer eu receber minha família. Esse *bando de gente* é tudo da família. A família se dissolve não aparece mais. Em frente é a Biquinha Couto e Silva. Do lado é minha sobrinha. Maria Lília relata que não tem mais aquele convívio de entrar e sair com uma certa intimidade, e familiaridade na casa dos vizinhos. “Eu tive, hoje não tem mais. ”

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Dona Leda foi a primeira presidente do Clube de Mães. Ela inaugurou o Clube. Partiu de um grupo de mães da Vila Assunção. Os filhos saíam para estudar e os maridos para trabalhar, e as mães ficavam no bairro. O grupo faz até hoje aulas de trabalhos manuais. Conta que começou no SAVA e depois, foram para a área interna do quarteirão 38. É um comodato da Prefeitura para a construção da sede. Isso deve ter sido por volta de 1965-1970. Dona Leda não lembra ao certo a data. Maria Lília é sócia do Jangadeiros.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Cada vez está mais deteriorado. Já participamos mais. Hoje assistimos o abandono e o descaso do poder público pelos espaços públicos.

Comentários/Observações:

Nós tínhamos um cachorro preto. Era nossa sombra. O Restaurante Ao Colonial, era exatamente onde hoje mora a Mercedes Rodrigues. Em frente à Praça Araguaia. Era de comida caseira. Muito frequentado por moradores daqui e pessoas de fora. Quando chegávamos no restaurante, o cachorro já estava lá nos esperando. O dono ficava doido.

A D^a Leda frequentou muito a Igreja da Vila Assunção. Íamos a pé, sempre pelas ruas, pelo interior do bairro. Dobrávamos na Caeté, entrávamos na Goitacaz e íamos até a igreja. Nunca íamos pelo rio. O caminho natural era pelo interior do bairro. A igreja era do bairro. Foi fundada por uma pessoa, o Sr. Fortes. O grande herói da igreja foi o Sr. Fortes. Ele tinha a chave da igreja. Ele era o guardião da igreja. Cuidava do jardim, do coral, buscava o Padre porque aqui não era uma paróquia. Ele morava na Chavantes, e tinha carro. Todos os dias, ele ia para o centro numa determinada hora. Quem quisesse podia ir de carona com ele. Ele ia até um determinado ponto no centro da cidade. Na metade do caminho ele passava uma canequinha. As pessoas davam a sua contribuição. Estes recursos mantiveram a igreja por muitos anos. Depois, quando criaram a Igreja protestante, o Sr. Schlages, que era protestante, fez a mesma coisa. Mas quem criou a “história da canequinha” foi o Sr. Fortes.

D^a Felisbina conheceu o Loteamento bem no início. Ela faleceu em 1940. O pai da Carmen Assumpção é primo irmão da D^a Leda. Dona Leda tem 11 netos e 15 bisnetos.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 13

NOME: JUSSARA LEIRIA LIGOCKI – filha do Engº Ruy de Viveiros Leiria, fez magistério e Ciências Sociais na PUC. É Professora aposentada.

Local da entrevista: Residência da Sra. Jussara

Data da entrevista: 09/05/2017, às 15h

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

De **1946 até 2006**. Na Rua Chavantes e na Rua Copacabana

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção? Em 1946, com 2 anos.

Meus pais casaram e moraram na Cel. Genuíno, na Cidade Baixa, na casa dos meus avós. Numa casa grande. Hoje é um prédio. Ele era professor e não devia ganhar muito bem, por isso moraram com meus avós por um tempo.

3- Quais o (s) motivo (s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

A Sra. Jussara é filha do engenheiro responsável pelo projeto da Vila Assunção, Ruy de Viveiros Leiria. Diz que ele era “encantado” pelo lugar. Talvez por ser um de seus primeiros projetos.

O primeiro projeto do Engenheiro Ruy foi, em 1936, o campo de futebol do Esporte Clube Cruzeiro. Jussara relata que ele foi o responsável pelos trabalhos topográficos e pelo projeto.

O Engº Ruy ganhou em troca do (trabalho) projeto, muitos terrenos na Vila Assunção. Seis destes terrenos, três localizados na Rua Chavantes e três na Rua Copacabana, todos lindeiros, ele escolheu para morar. Nos três terrenos voltados para a Chavantes, ele construiu uma casa, estilo californiano, localizada no centro destes terrenos. Era muito confortável, “esparramada” no terreno. Havia bancos construídos de pedra em formato de ferradura. Questionei se ela sabia a autoria do projeto da casa e Jussara acredita que o projeto tenha sido autoria do pai.

Os três terrenos de fundos, voltados para a Rua Copacabana, ele dividiu entre o meu irmão, Guaracy e eu. Quando casamos, cada um de nós ganhou os terrenos lindeiros ao fundo dos lotes da casa paterna, voltados para a Av. Copacabana, nº 58 (Jussara) e nº 80 (Guaracy). Ali construímos nossas casas, projeto e construção de responsabilidade do pai. Atualmente nenhum de nós mora mais nestas casas. Meu irmão se divorciou e minha ex-cunhada Maria Cristina foi quem ficou com a casa. Jussara também se separou e, por este motivo, venderam a casa para efetuar a partilha dos bens.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

O arruamento da Vila Assunção foi feito por um argentino, Luis Alberto, não recordo o sobrenome. Meus avós maternos, que moravam no centro, também tinham uma casa de veraneio na Tristeza, casa simples, perto do rio. Minha mãe comentou, que soube quando foi até a casa dos meus avós, que na fazenda das Assumpção iriam fazer um loteamento. Souberam que as filhas do Assumpção, iriam fazer o loteamento da área. Lembro de que elas eram conhecidas por serem muito independentes para a época, nadavam ali naquela parte onde são os Bombeiros, onde o rio é muito fundo.

Minha mãe e meu pai eram noivos naquela época. Ela comentou com meu pai, que já era engenheiro, e ele se apresentou para o Luis Alberto, a fim de oferecer seu trabalho. Ficaram muito amigos. O pagamento, ele tirava em terrenos.

Para meu pai foi muito bom ter feito o projeto ali da Vila Assunção. Ele ficou conhecido. Depois disso, ele montou a firma própria, com maquinário e com escritório na Otávio Rocha nº 77 e 75.

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Meu pai foi professor de matemática durante 14 anos, antes de se formar. Formou-se Engenheiro Civil na Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, em 1932.

Mudou-se para a Vila Assunção em 1946-1947 e lá viveu até sua morte, em 1997, aos 89 anos.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Quando fomos morar na Vila Assunção, eu tinha dois anos, em 1946-1947.

Lembro que havia pouquíssimas casas na Vila Assunção. A Tristeza também era bem pequena, não tinha muita coisa. Nas férias, um dos passeios que minha mãe gostava de fazer conosco era ir à Guaíba, de balsa. Houve uma época que havia filas imensas na Pereira Passos, no final da tarde. O fluxo da balsa não interferia na nossa vida na Rua Chavantes. Lembro que só havia uma linha de ônibus e eram demorados. Também haviam algumas camionetes. As pessoas estranhavam que nós morávamos assim, tão longe. Era bem diferente. O telefone tinha que ligar para uma central, pedir o número para a telefonista. Nosso telefone era 286. A telefônica, com a telefonista, era localizada onde hoje tem a escolinha Tartaruginha Verde, na Wenceslau Escobar esquina com a Rua José Ney Biffignandi.

Quando estávamos em casa, nossa vida era mais dentro do terreno. O terreno era bem grande. Ou, estávamos no centro. A vida era mais para o centro. Na Assunção tinha muito terreno baldio e cachorro abandonado. Eu, quando saía para passear com uma babá, que trabalhou conosco por vinte anos, sempre voltava com um ou dois cachorros.

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Não. Minha mãe, D^a Maria, era professora na escola Presidente Roosevelt, no Menino Deus. Eu e meu irmão fizemos o primário nesta escola. Íamos de carro. As aulas eram no período da tarde. Meu pai vinha almoçar em casa e nos levava às 13h. As ruas eram bem diferentes. Era tudo muito descampado.

Eu, depois fui estudar no Seigné. Meu irmão, no Júlio de Castilhos. Passávamos o dia fora da Assunção. Tudo era feito “na cidade”, a vida era mais no centro: cabelereiro, manicure,. .. Não tinha muita coisa na Tristeza. Pouca gente morava aqui.

Voltávamos para a Assunção no final do dia, às 18h30m-19h quando meu pai voltava para casa. Saíamos da escola e esperávamos por ele na casa dos meus avós, na Cel. Genuíno. Meus filhos estudaram no Mãe de Deus, no Menino Deus, e depois no Padre Réus, na Av. Otto Niemeyer. Na escola dentro da Vila Assunção, não. Não saberia dizer quem estudava na escola da Vila Assunção.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

No início, nós atravessávamos os quarteirões pelos terrenos. As passagens, quando pensamos em começar a usar começaram a ficar abandonadas. “Nunca foram bem cuidadas”. Isso era uma coisa que meu pai falava, que não havia um cuidado com estas passagens. Eu acho que não entenderam sua importância. Só quem é do meio mesmo é que entende. No projeto que o pai fez, essas passagens eram para facilitar o acesso à rua “de cima”. Ele comentava o quanto não gostava que muitas foram anexadas. Quando eram abertas, não tinham cuidado. Depois foram sendo anexadas aos terrenos lindeiros.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

A Praça Caraíbe, do Schoenshtadt foi feita mais tarde, e já foi muito bem cuidada.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

Na praça Araguaia, havia uma placa com o nome de todos os que fizeram parte da construção da Vila Assunção. Eu era muito orgulhosa daquilo. Roubaram. Tinha o nome de todos. Naquele local onde tem um pedestal de pedra. Era muito bonito ali em frente ao rio, com umas escadarias, locais para sentar, com telhadinho. Onde depois se instalou o bar do Timbuka, que só deu problema. Ali era o lugar que eu descia para tomar banho. Na Vila Assunção não houve o cuidado que se percebe em Ipanema.

O Timbuka trouxe um público muito barra pesada para o lugar. À noite, principalmente.

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Nós tomávamos muito banhos no rio. Apesar de ter pedregulhos. Ali na Assunção não tinha muito a cara de praia. Ipanema tinha mais cara de praia. No Clube dos Jangadeiros, nós tomávamos banho no rio. Havia um trapiche, que hoje uma parte dele é utilizado para acesso à ilha. Antes da ilha e das piscinas, o banho no clube era no rio, no final do trapiche.

O SAVA sempre foi pequeno. Não tomávamos banho de rio ali. Quanto tinha uns 13, 14, 15 anos, juntava um pessoal ali e haviam alguns bailinhos, principalmente no verão, ao livre. O lugar era muito bonito. Tinha um caramanchão, tipo coreto. A vista era muito bonita. Nós íamos caminhando até lá.

Meu pai era muito intelectual. Não gostava de ir até o banho no Guaíba. Ficava em casa lendo e estudando línguas. Inglês, Francês, Alemão, Tupi-Guarani, e, no final estava estudando árabe.

Nós íamos muito à praia. Até que o rio ficou poluído, lá por 1967. As pessoas deixaram de ir. Continuávamos frequentando, mas não podíamos mais entrar no rio. As pessoas ficavam doentes. Mas o movimento maior era em Ipanema. Havia mais casas de veraneio lá.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Nós não éramos sócios do Jangadeiros mas eu tinha uma amiga que era. Gostava muito de tomar banho de rio ali. Um ensinava ao outro a nadar. Ou no Sava. Não tinha essa coisa de natação, essa coisa de academia e de ter que fazer um esporte. Era uma exceção ter um atleta em casa. Tínhamos um amigo que morava aqui perto que o irmão fazia remo e ele nadava. Ganharam prêmios, inclusive. Ele nos ensinava a nadar.

Nós fomos acostumados, desde pequenos a ir para à praia aqui no rio. Aqui era o nosso local de veraneio. Tínhamos um apartamento em Capão da Canoa, mas preferíamos veraneiar aqui na Assunção. Meu pai não gostava de ir. Ele não fazia vida de praia. Quando ia, era só para constar, “para mostrar aos rapazes que tínhamos pai!”.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

O Guaíba, o pôr do sol e o verde. Aquelas casas também. (Jussara se refere à casas em estilo californiano)

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Atualmente não mora mais na Vila Assunção. Vai pouco lá. Tinha uma amiga na Rua Cariri mas, ela agora está morando num apartamento em frente ao Wingue.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Conhecíamos os vizinhos, a maioria, ficou 10 ou 15 anos morando lá. Meu pai é que ficaram morando a vida toda no bairro.

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Não, nossa família não. Só nos anos 80 meu pai participou do grupo de música, dos saraus do Clube de Mães.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Comentários/Observações:

Jussara Leiria nasceu em 1944. 18/12/1948 é a data da fotografia em que Jussara e o irmão estão em frente à lareira da casa.

Guaracy Leiria é de 1946.

O armazém do seu Alexandre, onde hoje é a Ferragem, era um secos e molhados, tinha de tudo. A padaria era do seu Romeu. Ele era parente do Alexandre.

Minha mãe era professora.

Nós usávamos muito o ônibus depois que meu pai teve problema de coluna e passou a não dirigir mais. O ônibus fazia toda a volta pela praia e subia a Pereira Passos. Ele passava pela Chavantes, contornava toda a praia, passava na Pereira Passos e ia para o centro, pela Wenceslau. Nós, quando perdíamos o horário e a possibilidade de pegá-lo na esquina de casa, saíamos, atravessávamos a Praça João Bergman para pegá-lo na Pereira Passos.

Normalmente eu fazia pic-nic lá em casa, com 12, 13, 14 anos, na década de 1960, no verão. Minhas amigas vinham da cidade e passavam o dia aqui. Nós íamos para o banho pela manhã e à tarde. Isso na época do ginásio. Depois não cuidaram mais, foi ficando cada vez pior as condições do rio. Além disso, acredito que em função dos aterros, o nível do rio subiu, e por fim, com o Timbuka, “acabou a história”.

Nos meus 14 anos, meu pai contratou um micro-ônibus para trazer e levar em casa meus amigos que moravam no centro. Naquela época, poucas pessoas tinham carro, não era essa facilidade. E dos meus amigos, nenhum dirigia, tinham 16-17 anos. E meu pai gostava muito de fazer os aniversários em casa. A casa era bonita, o jardim todo em volta. Era muito agradável. Com paralelepípedo e bancos em volta.

Meus 15 anos, a festa foi no centro, ali na sociedade dos militares, que queimou, na praça da Alfândega.



Foto da escrivaninha que pertencia ao Eng^o Ruy, utilizada em sua casa. Atualmente está no hall da casa de Jussara Leiria Ligocki.



Estante de livros e duas cadeiras utilizadas no escritório. Atualmente estão na casa de Jussara Leiria Ligocki.

Na Assunção tinha muita casa de veraneio. Tinha uma amiga, da Sapataria Scholl, eles vieram da Alemanha fugidos. Eles tinham uma casa de veraneio em frente à nossa casa, na Chavantes. De novembro à março eles passavam na Assunção, de veraneio.

Todo mundo que vinha nos visitar, achava estranhíssimo morar na Assunção. Depois aquela casa enorme, naquele terreno, com jardim, árvores frutíferas, tinha galinheiro. O cercamento da casa era com cêrca viva. Era muito bonito. Só depois é que foi feito o muro de pedras. Outra peculiaridade da casa é que haviam dois banheiros: um para os homens e outro para as mulheres. E tinha o banheiro de empregada nos fundos. Tinha um banheiro para uso da mãe e para mim e o outro para meu irmão e para meu pai. Para nós era normal. Ter dois banheiros na casa e banheiros com uso distinto. Quando eu casei, estranhei muito ter que dividir banheiro com marido. Mas quando fazíamos festas em casa, as pessoas estranhavam. Meu pai não gostava muito mas aceitava que eu fizesse as festinhas em casa. Inclusive a festa do meu casamento foi feita na casa. Essa ele fez questão de fazer em casa.



Fotografia da casa da família Leiria na Rua Chavantes, 1972. Acervo: Jussara Leiria Ligoki.

Quando eu casei, estranhei ter que dividir banheiro com meu marido. Em 1972 fui morar num apartamento em frente à Redenção, e estranhei muito. Eu só fiquei um ano. Não aguentei o barulho. Esse apartamento foi presente do meu pai. Eu e o Guaracy ganhamos um apartamento neste edifício, na João Pessoa, próximo ao Cinema Avenida. Edifício Porto do Sol. Era uma casa antiga e o último locatário foi de uma academia de halterofilismo. Arrebentaram com a casa. Ele comprou, fez o negócio, e ganhou seis apartamentos, dois de frente, dois do meio, e dois de fundos.

Só fiquei morando no centro no tempo para fazer a faculdade. Depois, procurei uma casa e fomos morar na Assunção. Meu pai fez questão de construir minha casa e a do meu irmão.

QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO

Trajetória do Engº Civil e Urbanista Ruy de Viveiros Leiria

Data e Local de nascimento: *1º de setembro de 1907, em São Leopoldo, RS.*

Filiação/Origem:

Mãe: *Lídia de Viveiros Leiria (origem portuguesa)- criou oito filhos e ensinou inglês, alemão, francês. Alfabetizou os filhos em Porto Alegre*

Pai: *Alcides Leiria – médico do exército.*

Formação escolar/profissional:

O Engº Ruy só foi para a escola com 11 anos. Foi alfabetizado em casa, pela mãe. Depois foi professor de matemática por 14-15 anos, na faculdade ou na escola, não sei bem. Era muito rígido com os alunos. Quando eu nasci ele deixou de dar aulas.

Fez um ano de medicina e viu que não gostava. Era uma pessoa muito séria. Brincávamos com ele dizendo que não foi médico porque tinha medo de sangue.

Ele trabalhava muito. Trabalhava por conta própria, nunca tirou férias. Eu nunca vi o pai de férias. Depois de setenta e poucos, ele participou de alguma coisa na construção da ponte de Florianópolis. Ele participou de alguma coisa lá. Além de desenho urbano ele fazia cálculo estrutural e topografia.

Ele se dava muito bem com um engenheiro muito conhecido, que era do Grêmio. Ele que fez os cálculos para minha casa e do meu irmão. Ele construiu a casa que eu morei na Copacabana e fez questão de acompanhar a obra. A estrutura do telhado de madeira, ele teve o cuidado de colocar “de molho” no anti cupinicida. A estrutura não tem um cupim.

Ele nunca saiu do Brasil.

Ele tocou violino, aprendeu. Ele pagou os estudos da faculdade, tocando violino no cinema mudo e nas missas. Depois ele passou 50 anos sem tocar violino. Um dia a irmã dele deu o violino para ele. Ele devia estar com 80 anos. Já tinha fechado o escritório, ficava mais em casa. Passou a estudar oito horas por dia. Pegou o jeito de novo. Ele se apresentava no Clube de Mães da Vila Assunção. Eram três ou quatro que tocavam instrumentos: violoncelo, piano, contratou um professor. Meu pai tocava muito bem. Não tenho nenhum registro dele se apresentando. Ele não queria ser gravado.

Atuação profissional:

Foi professor de matemática durante 13-14 anos. Formou-se Engenheiro Civil na Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, em 1932.

Conforme relato de Jussara Leiria, seu primeiro projeto foi o Estádio da Montanha, também conhecido como Colina Melancólica, que era campo e estádio de futebol do Esporte Clube Cruzeiro, localizado no Bairro Medianeira, atual local do Cemitério Ecumênico João XXIII. “Ao ser indagado para que time torcia se dizia Cruzeirista”.

Imagem retirada do site <http://blogsoberanoarruda.blogspot.com.br/2014/04/amistoso-esporte-clube-centrada.html> - referente ao convite para o jogo de inauguração do Estádium da Montanha, do Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre.

A foto do Engº Leiria realizando o levantamento topográfico do terreno data de 1936. O período da construção data de 1939 a 1941.

Teve escritório e construtora até 1987. Acredito que sempre fez projetos de urbanismo. Participava de muitas concorrências. Depois trabalhou para a Caixa, fazendo avaliações. Sempre trabalhou muito. Ele estava trabalhando em Canoas, numa empresa de construção civil. Ia de taxi até o Trensurb e de lá até Canoas. Fazia serviços de topografia.

Placa de metal esmaltado, retirado da fachada do prédio em que era a sede do escritório, sito à Praça Otávio Rocha, nºs 75 e 77, Centro de Porto Alegre.

Também projetou a Rua Leão XIII. Jardim Itu. Sétimo Céu. A Rua ali na Tristeza, do Dado Bier (Rua Pedro de Oliveira Bittencourt e Rua Antônio Pellin, no quarteirão entre as Ruas Sargento Nicolau Dias de Farias, Av. Wenceslau Escobar, Av. Otto Niemeyer e Rua Dr. Barcellos).

Estagiou com algum profissional?

Quais foram os assistentes que trabalharam com ele?

Sr. Walter era o assistente dele. Responsável pelo escritório, pagamento de funcionários, etc. Trabalhou muito com Luis Alberto, o argentino. Não lembro o sobrenome.

Ocupou algum quadro técnico em órgão público?

Não, sempre trabalhou por conta. Talvez, quando foi professor.

Realizou conferências, participou de congressos, seminários, publicações?

Não que Jussara saiba.

Realizou viagens ao exterior? Tinha contato com profissionais de outros países?

Não viajou ao exterior, mas sabia tudo. Ele vivia lendo.

Antes de mudar-se para a Vila Assunção, qual(ais) o(s) local(ais) que residiu?

Data em que foi morar na Vila Assunção: 1946-1947

Nome completo dos filhos e da mulher:

Maria de Viveiros Leiria, a esposa, faleceu aos 92 anos.

Guaracy Leiria e Jussara Leiria Ligocki, são os filhos.

Ano do casamento:

Ano do nascimento dos filhos: Jussara nasceu em 1944. Guaracy, em 1946.

Data e Local de falecimento: 21 de agosto de 1997, aos 89 anos, em Porto Alegre, RS.

Está sepultado no Cemitério Ecumênico João XXIII, junto com a esposa, no local onde foi seu primeiro projeto (a filha fez esse comentário).

Vocês, da família, tinham ideia da importância do projeto da Vila Assunção?

Nós sabíamos que ele tinha feito. Era uma coisa importante para nós. Ele gostava de comentar. Quando saíamos de carro, ele comentava e apontava o lugar onde deveria ter sido construído o centro comercial, mas que a prefeitura havia loteado. Concorde com um engenheiro, amigo nosso, quando diz que foi um projeto muito à frente para a época. No final não tinha área para um supermercado, para uma área comercial. “Aquilo ali ficou muito parado, sem área comercial.” Ficou muito residencial.

Ele comprou terrenos na Serraria e na Restinga. Com os di Primio Beck.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 14

NOME: MICHELE TONIOLO DE OLIVEIRA, arquiteta, 44 anos.

Local da entrevista: Questionário respondido, por escrito, pela entrevistada em 25/05/2017, e entregue em 04/06/2017.

Data da entrevista: 04/06/2017.

Rua da moradia do entrevistado: Rua Carajá, em frente à Praça Caraíbe.

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

2005 até hoje (2017)

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção?

2005

3- Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Por ser um bairro calmo, bonito, pelas praças, árvores e por ser “mais seguro”, na época.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

Tenho um conhecimento básico da história do bairro, do início do loteamento e dos acontecimentos posteriores.

Quais conhecimentos? Terias como descrevê-lo(s)?

Meu conhecimento é que quando o loteamento foi feito, no meio de cada quadra foi deixada uma praça central que fazia divisa com o pátio de cada casa, com o tempo, esta área foi ficando degradada, ninguém mais cuidava, então os moradores resolveram dividir essa praça e incorporar a área ao seus terrenos. O meu terreno ficou com um pedaço muito pequeno, mais ou menos 3 m².

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Tenho conhecimento de grande parte da história da nossa casa, do projeto até as mudanças ocorridas ao longo dos anos por várias famílias que passaram por ela. O arquiteto é morador do bairro até os dias de hoje.

Quem é o arquiteto? Poderias informar? Tens conhecimento se tem outros projetos no bairro?

O sobrenome do arquiteto é Schaan (Tonico). Não sei se fez outras casas na Assunção, mas acredito que sim. A única que tenho certeza é a dele mesmo na Caeté 555, ele ainda mora lá, sei disso porque é conhecido do meu tio.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

Antes de ser moradora, desde a infância, já frequentava o bairro. Depois, com os filhos pequenos, frequentávamos as praças. Só mais tarde é que viemos morar no bairro.

Tenho lembranças de infância: casas bonitas, novas e modernas. Também das praças e das brincadeiras na rua. Do Santuário, do Zaffari pequeno e da lojinha que vende, até hoje, objetos importados.

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Não.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

Sim, utilizamos durante as caminhadas de lazer em família. É uma pena que muitas das passagens hoje em dia não funcionem mais e que outras estejam em estado ruim de conservação.

Quando minha filha era pequena, as apelidamos de “passagens secretas”, e até hoje as chamamos assim. Ficávamos imaginando como elas seriam na época que eram mais novas. “Dá um charme especial nas caminhadas passar por elas.”

Terias como indicar o ano aproximado que tua filha “era pequena”?

Minha filha era pequena entre 2004 até 2013, esse foi o período que eu mais aproveitei as pracinhas da Assunção e as “Passagens secretas”.

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

Na praça em frente a nossa casa, a Praça Caraíbe, as pessoas se reuniam nos finais de semana para jogar vôlei. Há mais ou menos dois anos não vejo o grupo.

A Praça tem sido utilizada com atividades para as crianças que estão fazendo a catequese no Santuário de Schoenstatt e, como ponto de encontro de pessoas acompanhadas com cães.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

Durante os doze anos que vivemos aqui, as coisas não mudaram muito.

Acreditas que os espaços públicos (ruas, praças, passagens, orla do rio) não sofreram alterações significativas nestes últimos 12 anos?

Além dos fechamentos de algumas servidões, o que me chama atenção de mudanças significativas no bairro, é a substituição de casas antigas por condomínios horizontais e até verticais. Esse fato está ocorrendo com muita frequência nos últimos 4 anos. Onde havia uma casa com uma família de mais ou menos 4 pessoas e dois carros, dá lugar a mais ou menos 5 famílias e mais 10 carros...

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Não tenho esta lembrança.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Pratica ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Para minha família, somente visual.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

Natureza, paz e qualidade de vida.

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

Acredito que o que mudou nos últimos tempos foi o crescimento da violência nas ruas, motivo que faz com que tenhamos que mudar os hábitos de ocupação de praças e dos deslocamentos a pé.

Quando as pessoas deixam de ocupar os espaços, independente dos motivos, eles acabam ficando mais deteriorados. Um exemplo disso são as passagens de pedestres entre as ruas do bairro. Eu moro em frente a uma praça e, atualmente, frequento com meu cão. Já frequente com mais assiduidade quando minha filha era pequena. Deslocamento a pé, só para exercícios.

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

Acredito que a principal dificuldade seja a questão da segurança. No entanto, a falta de cuidado, como a falta de poda e manutenção, também inibe o uso e a ocupação.

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Sim, nos relacionamos com os vizinhos. De um lado, tenho uma vizinha que nos auxiliamos e cuidamos uma à outra. Do outro lado, somos lindeiros ao Santuário, e mantemos um relacionamento cordial com as freiras.

Muitas vezes, os cães são uma maneira de aproximar a vizinhança. Tanto que, desta maneira conhecemos vários vizinhos e seus cães pelos nomes. Além disso, muitas vezes trocamos frutas dos jardins, contatos de funcionários e informações diversas.

17-Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Participo, quando convocada, das reuniões da Associação dos Proprietários e Moradores do bairro para tratar sobre a segurança. Também faço parte do grupo da STM, empresa privada de segurança, que pretende atingir o maior número de contribuintes para “fazer” um bairro mais seguro.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Minha expectativa é que eles sejam cada vez mais ocupados e compartilhados, inclusive à noite. Poder andar tranquilamente pelas ruas é um sonho que um dia gostaria de realizar.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista nº: 15

NOME: IÁRA DE TOLEDO KRAEMER, professora primária. Assessora da direção do Clube de Mães, está com 86 anos.

Local da entrevista: Residência da Sra. Iara

Data da entrevista: 30/11/2017, às 14h

Rua da moradia do entrevistado: Av. Pereira Passos – Vila Assunção

1-Em que período/tempo que reside (ou residiu) na Vila Assunção?

1961 a 1970.

Retornou no início de **1973 - 2017**

2-Em que ano você se mudou para a Vila Assunção? 1961

3- Quais o(s) motivo(s) que o levaram a morar na Vila Assunção?

Inicialmente houveram vários fatores. Morávamos na Borges de Medeiros, no 20º andar, e quando assisti meu primeiro filho, com menos de um ano, se lançar contra uma janela, que por sorte estava fechada, senti a necessidade de morar numa casa. Casa representava um local tranquilo. Uma pessoa nos indicou a Vila Assunção que havia muitas casas que eram de veraneio e que estariam sendo alugadas com um preço muito bom. Naquela época, década de 1960, a casa foi alugada na Vila Assunção pelo mesmo valor que recebemos pelo aluguel do nosso apartamento na Borges, que era muito bom, no edifício General Osório. Para mim foi muito interessante pois alugamos uma casa na Rua Chavantes, com pátio, uma tela alta, seguro para criança. A experiência foi muito boa. A Vila Assunção foi um reduto muito amigável. Quando viemos morar, já não era mais chamado de balneário. Já era desaconselhável tomar banho no rio.

4- Tem conhecimento da história do Bairro?

5- Tem conhecimento sobre o engenheiro responsável pelo projeto e sobre sua família? Foram moradores do bairro?

Dª Iara foi vizinha da família do Dr. Leiria, morava quase em frente à residência na Rua Chavantes. Não sabia que o Dr. Ruy havia sido o responsável pelo projeto.

6- Que lembranças você tem do ambiente dos espaços públicos na Vila Assunção?

7- Você ou seus filhos utilizavam a escola do bairro? Como era realizado o percurso? De carro? A pé? De bicicleta? Quem frequentava a escola do bairro?

Nos primeiros anos sim. Meu filho mais velho, estudou aqui na Vila Assunção durante o jardim e a primeira série no Cândido Rondon. Depois o ensino começou a piorar. Por volta de 1966- 1968, as pessoas foram tirando os filhos da escola e as crianças se afastaram umas das outras.

8- Você ou alguém de sua família utilizava ou utilizam as passagens para pedestres?

9- Havia atividades nas praças? Atualmente como você percebe o seu uso?

Sim nós saíamos e nos encontrávamos. As mães com as crianças. A Praça Caraíbe, quando morávamos na Chavantes, era bastante utilizada. Tomávamos chimarrão. As praças que estavam em condições eram bem mais usadas do que são agora. A Praça João Bergmann sempre foi mais cuidada.

10- Qual a sua percepção dos espaços públicos hoje em relação ao tempo passado? (Localizar esse passado, com data e/ou vinculado a algum evento)

Houve épocas que os espaços já estiveram mais bem cuidados. O Clube de Mães teve uma atuação muito grande na época do departamento de meio ambiente no poder público. Havia uma cobrança do Clube de Mães para a realização dos serviços.

A Vila Assunção é um cartão postal da Zona Sul da Cidade.

Na época dos meus filhos pequenos, nós utilizávamos muito os clubes. Na época do meu neto, utilizamos muito a Praça João Bergmann, onde está localizada uma creche. As crianças usam muito aquele espaço. E a praça sempre foi mais cuidada. Até hoje. Hoje eu vejo muita gente nos finais de semana, tomando chimarrão, trazendo as crianças, mas a maioria de carro, sinal que não são moradores do bairro.

11- Qual a lembrança do uso da praia junto ao Guaíba?

Não usávamos a praia. Os médicos já diziam “Sra. Kraemer, a água já tem poluição, não deixa as crianças entrarem na água”. Mas meus filhos se criaram velejando.

12- Qual a relação com o Guaíba? Somente visual? Prática ou participa de alguma atividade náutica ou de pesca no Guaíba?

Os filhos da D^a Iára aprenderam a velejar no Guaíba e até hoje velejam, sempre através do Clube Jangadeiros e dos Veleiros. O neto, desde os 17 anos, é instrutor da Flotilha do Clube Jangadeiros.

13- Qual a imagem mais presente em sua lembrança que identifica o bairro Vila Assunção?

Eu acho que é a **cordialidade**. Eu acho que **aqui é uma grande família**. As pessoas se preocupam umas com as outras. É uma coisa que o mundo precisa. Eu sinto isso. Eu tenho 86 anos e acho que ainda consigo ter essa sensação aqui na Vila. Essa coisa

de querer o melhor. Essa cordialidade, tem a ver com essa coisa de querer o melhor também. **Todo mundo que mora aqui, ama o bairro.** Nós ali no Clube de Mães somos aproximadamente 80 pessoas. E todos adoram morar aqui e gostariam que as coisas estivessem em melhor estado.

14- Na sua percepção, o que mudou e qual a sua relação com os espaços públicos da Vila Assunção nos dias de hoje? É frequentador das praças? Da orla do Guaíba? Realiza algum percurso ou deslocamento a pé?

15- Quais as dificuldades que você encontra, nos dias de hoje, no que diz respeito ao uso dos espaços e equipamentos públicos (praças, passagens para pedestres, calçadas, paradas de ônibus, escola), e na realização dos percursos na Vila Assunção?

O descaso com os espaços públicos é enorme. As calçadas estão muito ruins. Cheias de raízes de árvores. A preocupação constante atualmente é a segurança.

16- Qual a sua relação com a vizinhança? Conhece? Existe alguma troca de informações ou de experiências entre os moradores?

Muito boa. Sempre me relacionei com os vizinhos. Até hoje. Já morei na Chavantes, na Pereira Passos e na Caeté. Sempre me relacionei com os vizinhos.

17- Participa de alguma associação, clube ou grupo do bairro?

Sim, em 1968 fui uma das fundadoras do Clube de Mães. Eu já frequentava o Lions desde 1963. Aqui a vida era mais serena.

O Lions, o Clube de Mães e a escola ajudavam a escola. O General Rondon era uma escola de madeira, no local que está o Santos Dumont.

O Clube de Mães se originou a partir de um convite de uma amiga, Marlene Garcés, do Conselho Geral de Mães. Lions, ao contrário do Clube de Mães, trabalha para a comunidade e o propósito do Clube de Mães, era a promoção humana. A nossa associada se realizava fazendo promoção humana. D^a Iára esclarece que a associada era a peça mais importante. “A coisa mais importante que tem no Clube de Mães é a associada”. Então, quando tu tens uma diretoria tu vais trabalhar para a associada. O nosso Clube foi um clube com características diferentes porque os Clubes de Mães eram clubes que faziam trabalho social e de orientação nas periferias. Nós queríamos nos juntar mais e fazer alguma coisa a mais. Por muito tempo o Clube de Mães participou ativamente ao atendimento à merenda escolar para a creche do Colégio Santos Dumont. Também se entende promoção humana como a questão de “abraçar assuntos como o do lixo limpo”, e de superação. Clube de Mães é promoção pessoal. Atualmente o apoio é dado à Creche comunitária da Vila dos Pescadores, localizada ao lado do antigo porto das barcas.

18- Qual a sua expectativa em relação aos espaços públicos existentes no bairro?

Em época de eleição, é acionado o cuidado das praças. Eu entendo que é para a sociedade. É para os nossos filhos e netos e para a gente poder usar os espaços. A nossa atual presidente, Mercedes Rodrigues, entende que devemos ter uma atuação mais efetiva. Entretanto, o nosso Clube tem comodato com a prefeitura. Então tem até

um certo questionamento se para eles é interessante a nossa presença naquele espaço. A autorização é por tempo indeterminado. O Clube de Mães recebeu o comodato antes de 1980. Em 1980, com a construção concluída, fomos para o local que está até hoje.

À época da construção dos prédios na pedreira, na Av. Guaíba, em frente à Vila dos Pescadores, o Clube de Mães se mobilizou para que a construção não ultrapassasse a altura da pedreira.

Atualmente o Clube de Mães tem 5 departamentos: Assistencial, Social, Comunitário, Cultural e o Masculino. Quando o departamento masculino foi fundado nada foi exigido além de um sarau por mês para as associadas. Fiquei encantada quando ouvi eles tocando. Moradores daqui tocando instrumentos. **O Dr. Ruy Leiria tocava junto com o Dr. Rubens Bordini nos saraus do Clube de Mães.** O Dr. Rubens foi comandante e presidente da Varig e estava aposentado. Tocava violoncelo. A regente era a Cecília Bordini, filha do Dr. Dionélio Machado, casada com o Rubens. Lembro que na minha família também havia saraus. Não tinha TV, e a distração da família era nos reunirmos para tocar. No Clube de Mães todas as quartas-feiras tem sarau masculino.

Comentários/Observações:

O ponto de encontro era na cabelereira Wanda. Ficava numa casa ao lado da capela do Shoenstatt. Era um local que nos encontrávamos.

Magda Renner realizou palestras no Clube de Mães que até hoje são lembradas.

Ana Clothilde Cachapuz foi muito atuante. Foi presidente na época que o Clube conseguiu o comodato da área que estamos até hoje.

Comércio, havia a padaria do seu Romeu e o Tiradentes, onde hoje é a ferragem, aqui na Pereira Passos.

Havia 5 casas da viúva Pizoli. Ela escolheu um modelo e mandou construir em 5 terrenos pela Vila Assunção: Lembro de uma na esquina da Rua Caeté com Copacabana, outra na Chavantes, onde hoje é o Iaiá Bistrô, havia outra na Praça Dante Barone, onde morava uma amiga, a Zazá. Chamávamos aquele lugar, a Praça Dante Barone, de o *redondinho da Zazá*!!

ANEXOS

ANEXO 1- Memorial Descritivo

ANEXO 1.1

Ante-Projeto de arruamento da Chácara Assumpção – 1936, SMURB/PMPA.

5 ①

MEMORIAL DESCRITIVO

De acordo com o plano, estimado pelo sistema americano... 111, 25000
 Área total original líquida... 111, 25000
 Área reservada entre a Av. 1 de Setembro e a
 Av. 2 de Setembro... 111, 25000
 Área de triângulo (incluindo terreno)... 41, 00000

Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000
 Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000
 Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000

(CONV. TMC A FIG. 2)

MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO DE ARRUAÇÃO

De acordo com o plano, estimado pelo sistema americano... 111, 25000
 Área total original líquida... 111, 25000
 Área reservada entre a Av. 1 de Setembro e a Av. 2 de Setembro... 111, 25000
 Área de triângulo (incluindo terreno)... 41, 00000

Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000
 Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000
 Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000

(CONV. TMC A FIG. 2)

MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO DE ARRUAÇÃO

De acordo com o plano, estimado pelo sistema americano... 111, 25000
 Área total original líquida... 111, 25000
 Área reservada entre a Av. 1 de Setembro e a Av. 2 de Setembro... 111, 25000
 Área de triângulo (incluindo terreno)... 41, 00000

Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000
 Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000
 Área total, incluindo a Av. 1 de Setembro, a Av. 2 de Setembro e a Av. 3 de Setembro... 111, 25000

(CONV. TMC A FIG. 2)



Attested, and signed by the undersigned, Secretary of the
Board, this 10th day of June, 1906.

Parish of St. John, St. John's, Nfld.

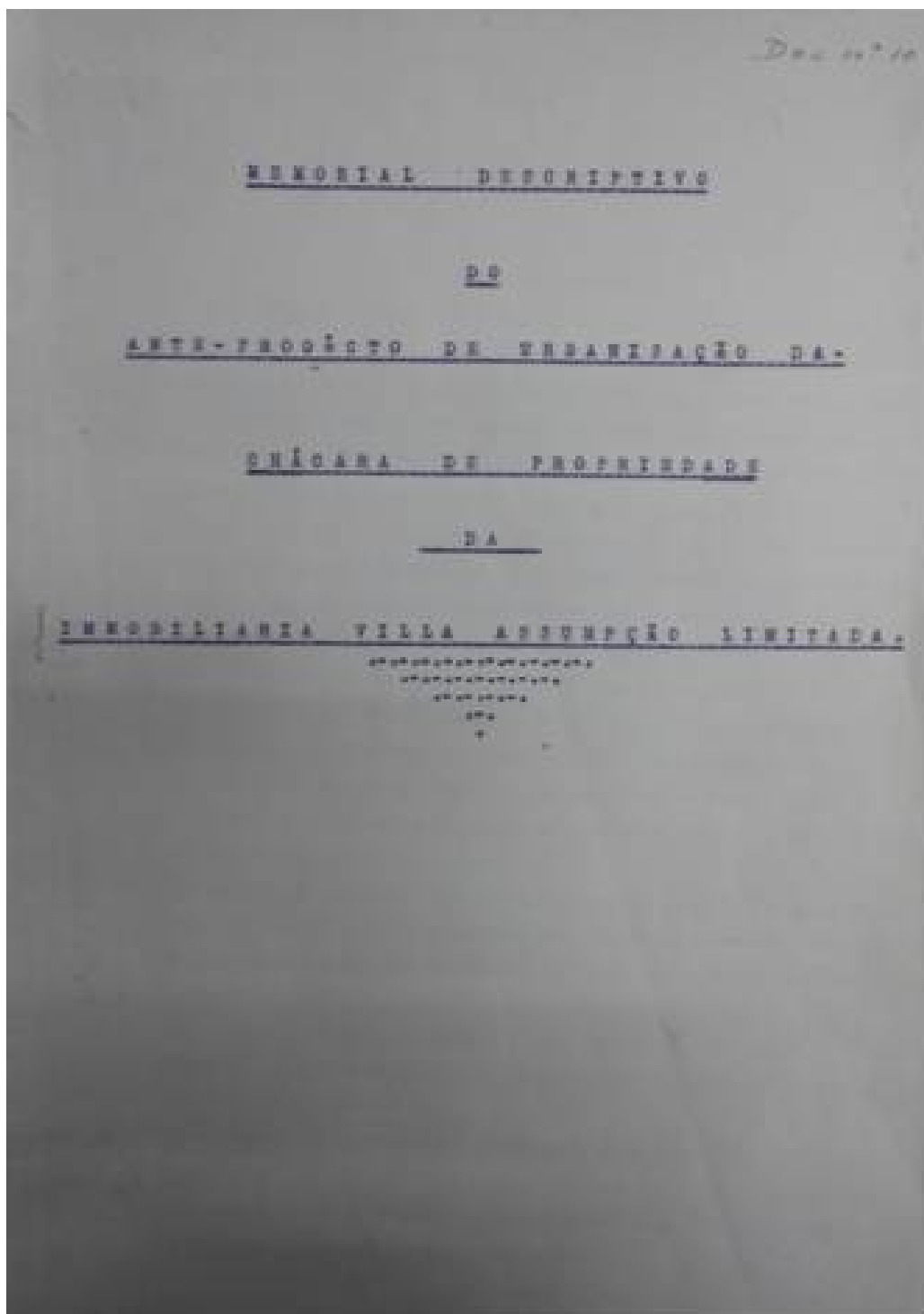
Luigi Viviani - *Luigi Viviani*

Water = 2 paces = 11300 bushels

$$d_1 = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{\infty} f(x) e^{-x^2} dx = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{\infty} f(x) e^{-x^2} dx = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{\infty} f(x) e^{-x^2} dx$$

Anexo 1.2.

Memorial Descritivo do Ante-Projeto para a Vila Assunção, 1937, SMOV/PMPA.



Ante-Projeto de Urbanização da

CHACARA ASSUNÇÃO

Memorial Descritivo

1 -) Situação e Morfologia Topográfica - Este ante-projeto foi estudado para o terreno sito no bairro da Tisteza (Chacara Assunção), 3º distrito de P. Alegre, local próximo ao Cristal e outrora ocupado pelas instalações de uma grande pedreira explorada pelo Estado. Nessas terras, hoje de propriedade da Imobiliária Villa Assumpção Ltda., erguer-se-á a futura VILA ASSUNÇÃO.

Possue essa gleba uma área de 120 hectares e está situada nas duas margens da faixa de concreto que liga P.Alegre a P.Redonda. Distante cerca de 10 Km. da Capital, estendendo-se até o rio Guáiba, onde se exprime num belíssimo litoral com 2600m de desenvolvimento.

Morfologicamente divide-se a gleba em duas regiões distintas, uma levemente ^{de}ondulada, ocupando cerca de 40 % da área e outra grandemente acidentada nas proximidades do Guaíba em cujas circunvizinhanças se levantam dois morros separados por uma garganta bem pronunciada.

O litoral é uma parte grandemente acidentado e rochoso e noutra é orlado por uma praia excelente praia.

É um local de belíssimo aspecto, donde se domina, não só o casario branco da cidade e as formosas curvas que o Guaíba descreve nas cercanias da metrópole, como todo o panorama que esse magnífico estuário nos oferece.

2 -) Dados técnicos em geral - O ante projeto que nos ocupa foi estudado em uma planta na escala 1:2000, com curvas de nível de metro em metro e por nós levantada.

Procuramos sempre, apesar de feição acidentadíssima do terreno, não ultrapassar a rampa máxima de 8% no traçado das vias de comunicação. Procuramos fazer as ligações de visibilidade e nas concordâncias dos meios fios utilizamos os raios mínimos de 5 a 7 metros.

Os perfis transversais das ruas foram estudados de acordo com a inclinação transversal do terreno. Tentamos introduzir um zoneamento quanto ao comércio, centralizando-o num dado lugar.

3 -) Crítério do Traçado - Em face da configuração irregularíssima do Terreno, procuramos tirar o maior partido possível das condições topográficas do mesmo, sendo nossa preocupação constante escoamento pluvial, a salubridade das habitações e o tráfego. A par da morfologia topográfica, estudamos cuidadosamente a sua situação paisagística bem como todos os acidentes dos quais pudemos tirar motivos ornamentaes.

Procuramos evitar os cortes e aterros condenáveis quer do ponto de vista econômico quer estético, instituindo perfis apropriados.

4 -) Orientação - Nenhuma via pública está projetada na direção Este-Oeste, o que garante aos prédios boa aeração e iluminação.

5 -) Distribuição das Areas.

Especificação	Area	Percentagem
Logradouros Públicos em ruas	22,20 ha.	18,5%
" " " jardins		
praças, "Play-lots", "foot		
Walks" e areas escolares	15,6920	13,07% 31,57%
Area Loteada	82,2026	69,43%
	120,0946 ha.	100,00%

Estas quotas estão de acordo com os mestres do Urbanismo que julgam que ser necessário se verificarem as percentagens de 25 a 45%, da area total, para o dominio público, e 55 a 75% para o dominio particular.

6 -) Arruamentos. a) Sistema de ruas - A penetração se faz por uma avenida de 24m. de largura ligando a faixa de concreto a uma avenida marginal ao Guaíba que se estende pelo Litoral.

Esta avenida Marginal tem 20m de largura.

A rua 23 de Agosto foi prolongada, mantendo a sua largura inicial que é de 20 metros.

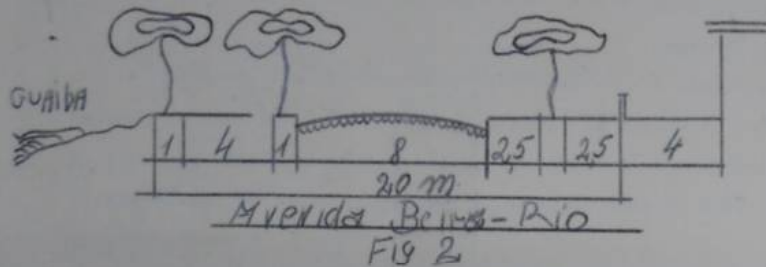
As ruas secundárias terão a largura mínima exigida pela Prefeitura Municipal.

O traçado das ruas, com já dissemos no nº3, está adstrito à conformação topográfica e as necessidades de escoamento, adaptando-se, na parte acidentada, às curvas de nível do terreno.

Alias, em terrenos como este, qualquer tentativa de Urbanização torna-se muito restricta, em virtude mesmo das dificuldades anherentes à região.

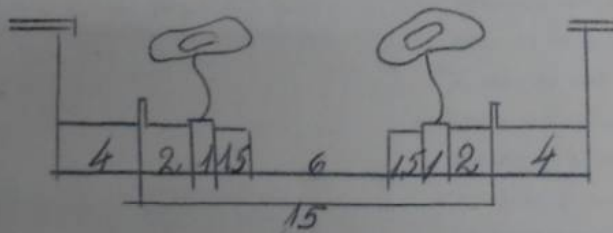
II) Avenida Guãíba - (Av. marginal)

Seu perfil será o da fig. 2 com os seguintes carateristicos: pista cal
de 8m;
çada de pedra irregular, sendo reservado 12m para os passeios

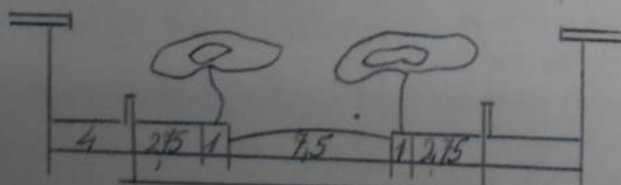


III) Ruas Residenciaes. Imaginamos

os perfis das figs. 4, 5 e 6. O 1º (Fig.4) é adaptado às ruas lançadas
em que a inclinação transversal fôr pequena. Este perfil será adotado
nas ruas meramente residenciaes sem tráfego de passagem.

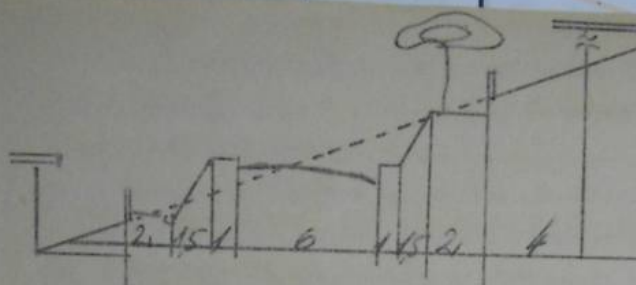


Se a rua com
portar tráfego de Passa-
gem será uti-



lizado o per-
fil da Fig.5
Quando a rua
residencial-
for lançada
à meia

Perfil das Ruas Residenciaes
Fig 3, 4 e 5



encosta e quando esta tiver uma inclinação transversal excessiva, será usado o perfil - da fig. 6.

Este último tem a vantagem de não só evitar o aterro excessivo de

um lado do eixo da via como evitar o corte em excesso do outro.

Do ponto de vista de tráfego são também grandes as vantagens, pois há-separação dos veículos e pedestres, e já os põem no nível das casas - que desmandam.

Os aterros e cortes serão consolidados por um tapete verde nos taludes.

IV) Foot-walks (áreas ou passagens)

- Terão os perfis transversais indicados nas figuras nº 7 e 8.

7) Loteamentos e Edificações -

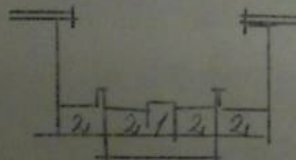
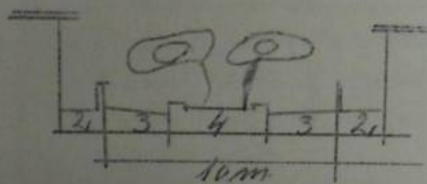
A testada mínima adotada é de -

12m. e a menor profundidade 30m.

Ao tomar a testada de 12m, quase sempre dêmos a profundidade de - 40m. de modo q. os lotes terão a área de 360 a 480m², salvo os casos em que as curvas de nível-diciidirem a forma do lote.

Uma casa normal assentada num lote relativamente pequeno deve ocupar, no máximo de 25 a 35% da área do lote e a garagem, 5%.

São obrigatórios os afastamentos lateral e frontal. Tendo estes - afastamentos origem numa questão tão higiênica como estética, -



Perfis de Foot-Walks
Fig 7 e 8

será conveniente adotar as seguintes normas:

a) reusar, obrigatoriamente, a construção de 4m. do alinhamento da rua.

Na parte menos acidentada e onde a configuração dos terrenos nos permitiu, projectamos uma série de quadras alongadas providas de "foot-walks" e algumas, de "play-lets".

Estes recantos no interior das quadras que estão destinadas a formar nos fundos dos lotes um ambiente socegado e umbroso para descanso, comunicam com as vias públicas por passagem ajardinadas de 5 metros.

Os "foot-walks" têm a função de encurtar o caminho dos pedestres nas quadras alongadas.

A praça existente no morro Grande (Morro do Cristal) e que domina o terreno, comunica, de um lado com a avenida do centro e doutro, com a praia por intermédio de duas alas com 20 metros de largura.

A ala do Sudoeste começa por um espaço para "belvedere", cuja vista sobre o rio é magnífica, e termina em frente à praça situada no cruzamento da rua 23 de Agosto com a Avenida do Centro.

Nessa praça será instalada a futura estação de tratamento do abastecimento d'água.

Na corôa do morro menor estende-se uma praça, de forma aproximadamente elíptica, no meio da qual poderá ser erguida a igreja do futuro bairro. Previu-se o máximo de área granada.

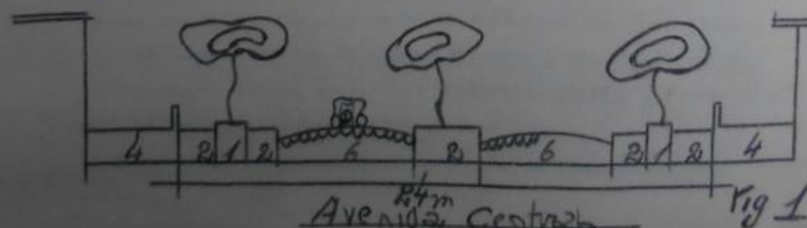
Os perfis transversais das ruas contêm, entre a pista e os passeios duas faixas.

As canalizações de água, luz, telefone ou esgoto ficarão enterradas sob o passeio, evitando-se assim a remoção onerosa do calçamento já feito - por ocasião das ligações.

b) Perfis Transversais - I) Avenida de penetração - O perfil transversal da Avenida de penetração é dado pela figura 1. Terá duas pistas de seis metros, passeios de dois metros de largura.

Nas ligações da avenida de penetração com a faixa de concreto da Av. 11 de Setembro e com a avenida marginal do Guaíba haverá, de ambos os lados pequenos espaços para jardins.

Haverá um recuo de 4 metros, no mínimo.

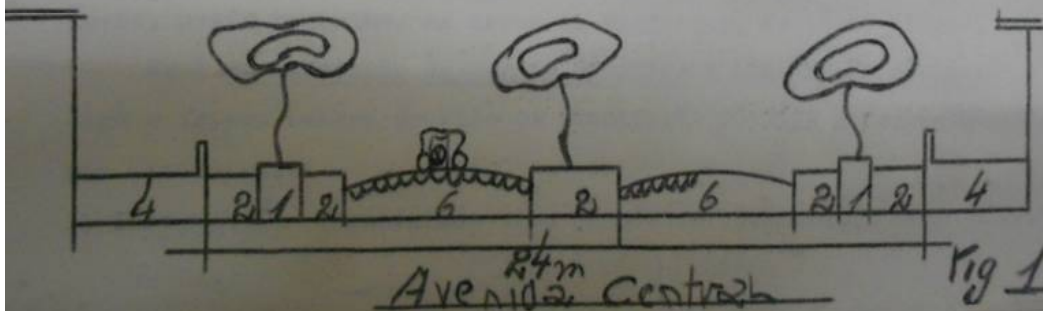


por ocasião das ligações.

b) Perfis Transversais - I) Avenida de penetração - O perfil transversal da Avenida de penetração é dado pela figura 1. Terá duas pistas de seis metros, passeios de dois metros de largura.

Nas ligações da avenida de penetração com a faixa de concreto da Av. 11 de Setembro e com a avenida marginal do Guaíba haverá, de ambos os lados pequenos espaços para jardins.

Haverá um recuo de 4 metros, no mínimo.



b) Das construções um afastamento lateral de 1,5m do mínimo e, quando possível, projetá-la no meio do lote.

c) ocupar no máximo, 35% da área do lote com a construção e 5% com a garagem.

d) conservar a arquitectura nitidamente residencial.

8) SISTEMA RECREATIVO - : É constituído pelos jardins, praças de esportes, play-lots e foot-walids.

Entre a avenida do litoral e a praia deixamos, em certos trechos, uma faixa verde muito larga que poderá ser utilizada futuramente para pequenos parques a beira rio.

10) Escolas : - Projetamos uma escola situada em meio de uma praça.

Nesta haverá para o futuro lugar para construção de campos de esportes - que lhe ficarão vizinhos.

A acessibilidade de tais escolas gira em torno de 700 metros que é o máximo percurso que deve fazer uma criança para chegar a escola.

11) SERVIÇOS PÚBLICOS

1) Abastecimento de água potável

O manancial disponível é o Guaíba -. Será construído uma estação de tratamento situada na praça central do morro de Cristal. Em virtude da grande área a estação de tratamento bem como a rede de distribuição serão construída por etapas.

Foram previstas dois reservatórios um alimentado a zona alta e outro a zona baixa.

Adotamos as normas da prefeitura de Porto Alegre, tomando a quota de - 150 litros "per Capita" e o diâmetro mínimo de 2".

II) Esgotos

Em se tratando de uma zona da capital ainda não saneada e sendo impossível por ora, a instalação de uma rede de esgotos cloacais, com a sua competente estação de tratamento, adotamos a solução das fossas biológicas.

III) Pavimentação

O Calçamento das pistas das ruas será feito em pedra irregular, seguindo-se, neste trabalho, as normas da Prefeitura de Porto Alegre.

IV) Fornecimento de energia eléctrica e iluminação pública

Será o futuro bairro provido de iluminação pública e fornecimento de energia eléctrica.

12) CONCLUSÃO - Concluindo este estudo de urbanização tenho a satisfação

ção de agradecer à digna diretoria da Cia. Predial e Agrícola, administradora da Imobiliária Villa Assumpção Ltda., em especial ao Dr. Ernesto di Primio Beck, pela confiança em nós depositada, no decurso de todos os trabalhos, bem como ao ilustrado colega Eng^o Clávis Pestana, - da diretoria, de obras da P. Municipal, pela largueza de vista e competência técnica com que sempre tratou os assuntos por nós submetidos ao seu julgamento.

Pôrto Alegre, - 1.937

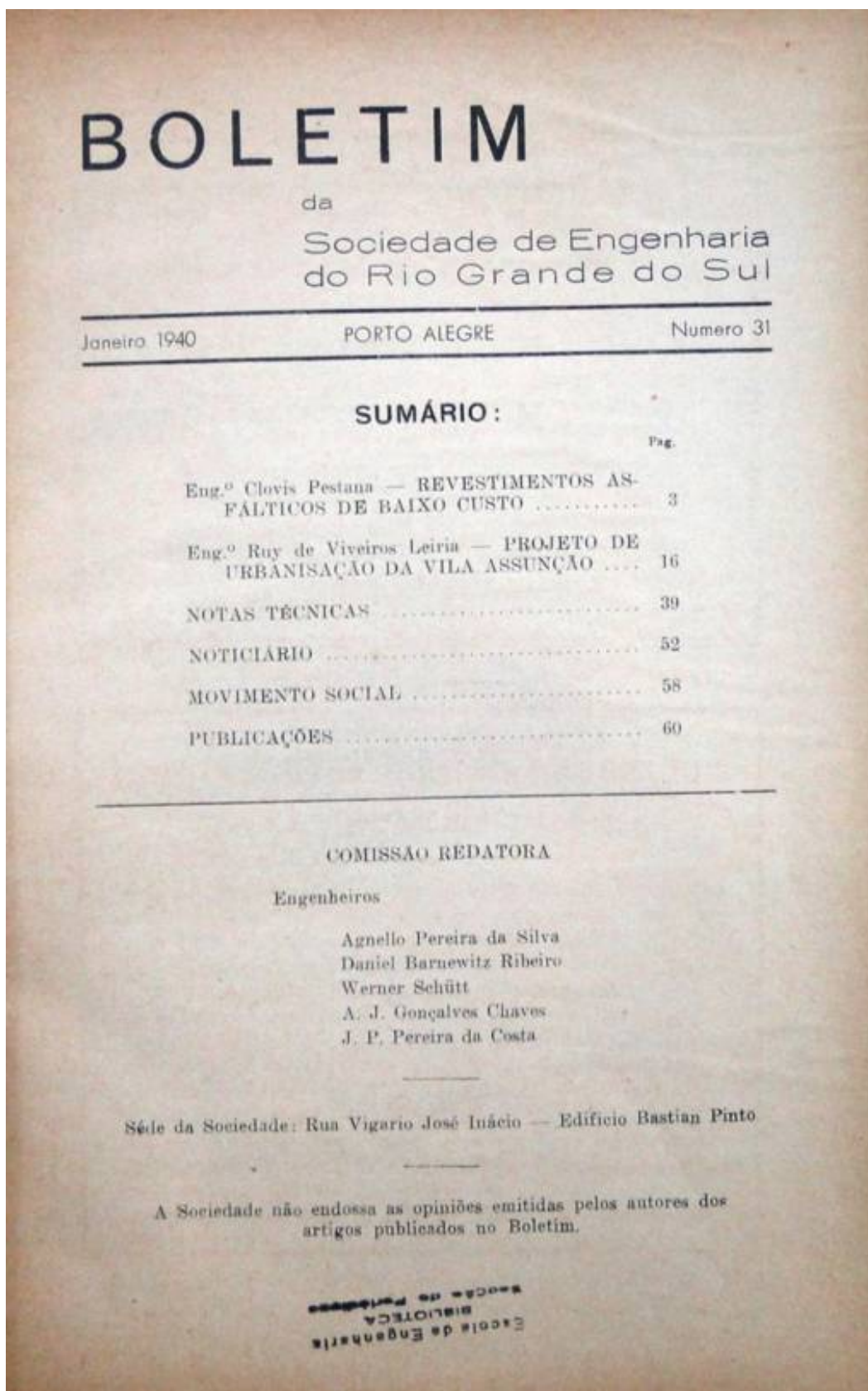
Ruy de Viveiros Leiria -

Eng^o Civil

Pôrto Alegre, 31 de Outubro de 1.938

Ernesto di Primio Beck

O memorial descritivo está selado com trinta e dois mil reis de selos
Estaduais.



Projeto de urbanização da Vila Assunção

Memorial descritivo

Pelo Eng.º Ray de Viveiros Leiria

INTRODUÇÃO — O presente projeto de urbanização que foi idealizado por nós em 1937 e cuja execução está ao nosso cargo, consta dos seguintes itens:

- 1.º) — Urbanização e loteamento, de cujo relatório damos o resumo abaixo;
- 2.º) — Abastecimento d'água potável;
- 3.º) — Canalizações de esgoto pluvial.

Da urbanização já se executou cerca de 30%, tendo 50.000 metros cúbicos de terra movimentada, 30.000 metros quadrados de calçamento prontos e um grande trecho de rede pluvial assentado.

Também grande parte das instalações da rede de abastecimento d'água potável já está em execução.

Do projeto, que prevê 46,6 l/s, se está executando uma etapa (3 l/s) e já estão prontos o decantador, a casa dos filtros para 3 l/s e cerca de 3 mil metros de canalizações de 5, 3 e 2 polegadas. Uma extensão apreciável da praia foi provida de um muro de arrimo com taludes enleivados, foi ajardinada uma praça e várias ruas receberam arborização, e existe já uma rede elétrica primária e secundária numa extensão de 1800 metros.

1) — SITUAÇÃO E MORFOLOGIA TOPOGRÁFICA. Este projeto foi estudado para o terreno sito no bairro da Tristeza (chácara Assunção), 6.º Distrito de Porto Alegre, local próximo ao Cristal e outrora ocupado pelas instalações de uma grande pedreira, explorada pelo Estado. Nessas terras, hoje de propriedade da IMOBILIÁRIA VILA ASSUNÇÃO LTDA., ergue-se a Vila Assunção.

Possúe esta gleba uma área de 120 Hectares e está situada nas duas margens da faixa de concreto que liga P. Alegre a Pedra Redonda. Distante cerca de 10 quilômetros da Capital, estende-se até o Rio Guaíba, onde se ergue a praia num belíssimo litoral com 2.600 metros de desenvolvimento.

Morfológicamente divide-se a gleba em 2 regiões distintas, uma leve

mente ondulada, ocupando cerca de 40% da área, e outra, grandemente acidentada, nas proximidades do Guaíba, em cujas circunvizinhanças se levantam dois morros separados por uma garganta bem pronunciada.

Uma parte do litoral é grandemente acidentada e rochosa; a outra é orlada por uma praia excelente e rasa. É um local de belíssimo aspêto, donde se domina, não só o casario branco da cidade e as formosas curvas que o Guaíba descreve nas cercanias da metrópole, como todo o panorama que esse magnífico estuário nos oferece.

2) — **DADOS TÉCNICOS EM GERAL.** O projeto que nos ocupa foi estudado em uma planta na escala 1:200, com curvas de nível de metro em metro e por nós levantada.

Procuramos sempre, apesar da feição acidentadíssima do terreno, não ultrapassar a rampa máxima de 8% no traçado das vias de comunicação.

Procuramos fazer as ligações das ruas sob o ângulo mínimo de 70°, atendendo sempre às condições de visibilidade e, nas concordâncias dos meio-fios, utilizamos os raios mínimos de 5 a 7 metros.

Os perfis transversais das ruas foram estudados de acôrdo com a inclinação transversal do terreno. Tentamos introduzir um zoneamento quanto ao comércio, neutralizando-o num dado logar.

3) — **CRITÉRIO DO TRAÇADO.** Em face da configuração irregularíssima do terreno, procuramos tirar o maior partido possível das condições topográficas do mesmo, sendo nossa preocupação constante o escoamento pluvial, a salubridade das habitações e o tráfego.

A par da morfologia topográfica, estudamos cuidadosamente a sua situação paisagística, bem como todos os acidentes, dos quais pudemos tirar motivos ornamentais.

Procuramos evitar os grandes côrtes e atêrros, condenáveis, quer do ponto de vista econômico, quer estético, instituindo perfis apropriados.

4) — **ORIENTAÇÃO.** As vias públicas foram projetadas, tendo em vista a direção dos ventos predominantes, de modo a garantir aos lotes e prédios boa aeração e iluminação.

5) — **DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS.**

<i>Especificação</i>	<i>Área</i>	<i>Porcentagem</i>
Ruas	22,20 Ha.	18,5%
Jardins, praças, play-lots, footwalks e áreas escolares	15,692	13,07% — 31,57%
Área loteada	82,2026	69,43%
Totais	120,0946 Ha.	100%

Estas cotas estão de acôrdo com os mestres de urbanismo, que julgam ser necessário se verificarem as percentagens de 25 a 45%, da área total, para o domínio público e 55 a 75% para o domínio particular.

6) — **ARRUAMENTOS.** a) *Sistema de ruas.* A penetração se faz por uma avenida de 24 metros de largura, ligando a faixa de concreto a uma avenida marginal ao Guaíba, que se estende pelo litoral.

Esta avenida marginal terá 30 metros de largura. A rua 23 de agosto foi prolongada, mantendo a sua largura inicial, que é de 20 metros.

As ruas secundárias terão a largura mínima exigida pela Prefeitura Municipal. O traçado das ruas, como já dissemos no n.º 3, está adstrito à conformação topográfica e às necessidades de escoamento, adaptando-se, na parte acidentada, às curvas de nível do terreno.

Aliás, em terrenos como este, qualquer tentativa de urbanização torna-se muito restrita, em virtude mesmo das dificuldades inerentes à região.

Na parte menos acidentada e onde a configuração do terreno nos permitiu, projetamos uma série de quadras alongadas providas de "foot-walks" e algumas, de "play-lots".



passeio, evitando-se assim a remoção onerosa do calçamento já feito, por ocasião das ligações.

b) *Perfis transversais.* 1) *Avenida de penetração.* O perfil transversal da avenida de penetração é dada pela figura 1. Terá duas pistas de 6 metros, passeios arborizados, sendo um metro para gramado e ao centro um abrigo gramado e arborizado de três metros de largura.

Nas ligações da avenida de penetração com a faixa de concreto e com a avenida marginal ao Guaíba, haverá, de ambos os lados, pequenos jardins.

Haverá um recuo de 4 metros, no mínimo.



Pontilhão de concreto armado à Av. Guaíba

II) *Avenida Guaíba.* (Avenida Marginal).

Seu perfil será, na parte plana do litoral, o da fig. 2 com os seguintes caracteres: pista calçada de pedra irregular, de 8 metros; passeios de 6 metros, incluindo faixas gramadas.

Na zona acidentada do litoral, onde o declive transversal é de cerca de 30%, será utilizado o perfil da fig. 3.

III) *Ruas residenciais.* Imaginamos os perfis das figs. 4, 5, e 6. O 1.º, fig. 4, é adaptado às ruas lançadas em lugar em que a inclinação transversal for pequena. Este perfil será adotado nas ruas meramente residenciais sem tráfego de passagem. Se a rua comportar tráfego de passagem, será utilizado o perfil da fig. 5.

Quando a rua residencial for lançada à meia encosta e quando esta tiver uma inclinação transversal excessiva, será usado o perfil da fig. 6.

Este último tem a vantagem de não só evitar o aterro excessivo de um lado do eixo da via como evitar o corte em excesso do outro.

Do ponto de vista do tráfego são também grandes as vantagens, pois há separação dos veículos e pedestres e já os põem no nível das casas que demandam.

Os terrenos e cortes serão consolidados por um tapete verde nos taludes.

Estes recantos no interior das quadras, que são destinados a formar nos fundos dos lotes um ambiente sossegado e umbroso para descanso, comunicam com as vias públicas por passagens ajardinadas.

Os "foot-walks" serão arborizados e ajardinados e têm a função de encurtar o caminho dos pedestres nas quadras alongadas.

A praça existente no morro grande (morro do Cristal) e que domina o terreno, comunica de um lado, com a avenida do centro e, doutro, com a praia, por intermédio de duas alas ajardinadas com 20 metros de largura.

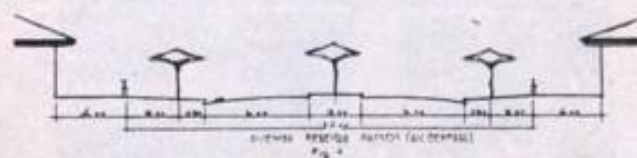
A ala de Sudoeste, começa por um "belvedere", cuja vista sobre o rio é magnífica, e termina em frente à praça situada no cruzamento da rua 23 de Agosto com a avenida do centro.

Nessa praça será instalada a estação de tratamento do abastecimento d'água.

Na corôa do morro menor estende-se uma praça, de forma aproximadamente elíptica, no meio da qual poderá ser erguida a Igreja do futuro bairro.

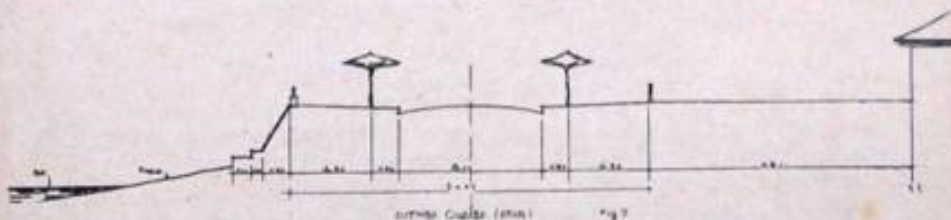
Previu-se o máximo de área gramada. Os perfis transversais das ruas contem, entre a pista e os passeios, duas faixas gramadas, onde deverão ser plantadas árvores de sombra.

As canalizações de água, luz, telefone e exgôtos ficarão enterradas sob o



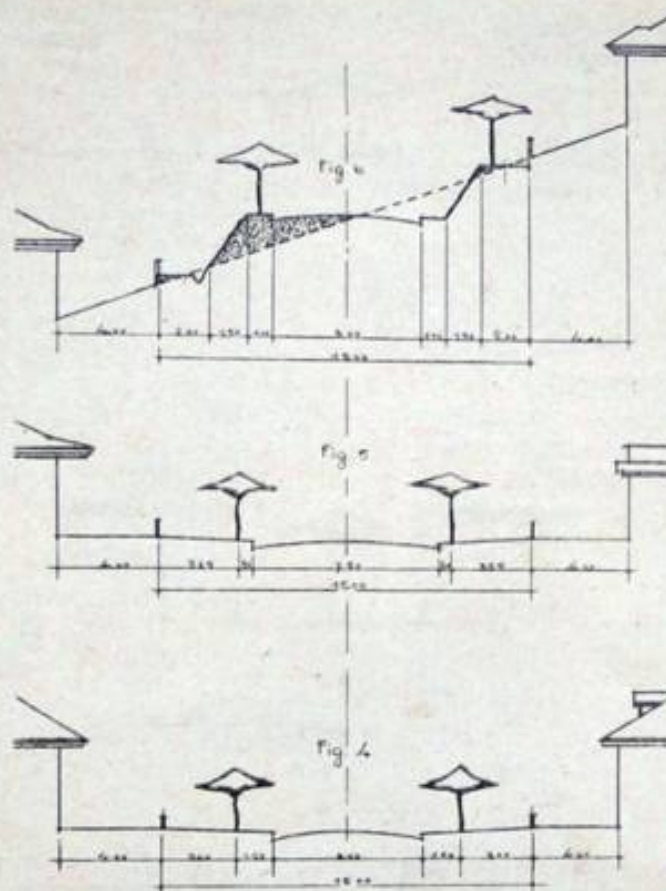
AVENIDA CENTRAL

Fig. 1



AVENIDA BEIRA-RIO

Figs. 2 — 3



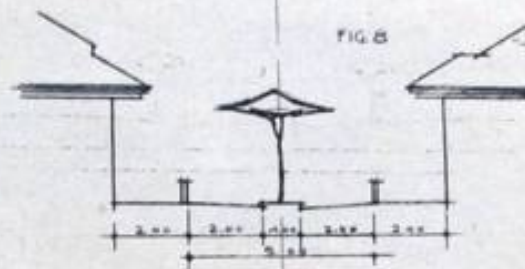
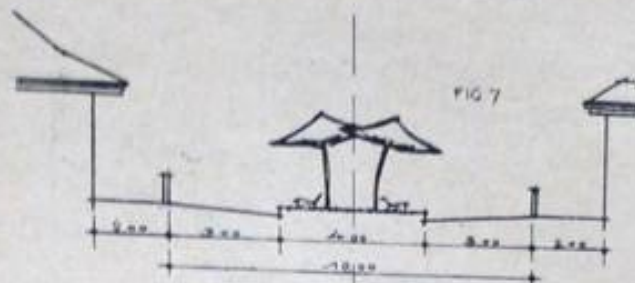
PERFIS DE DUAS RESERVAÇÕES. Fig. 4, 5, 6

IV) *Foot-walks (passagem para pedestres).*

Terão perfis transversais indicados nas figuras n.^{as} 7 e 8.

7) — **LOTEAMENTO E EDIFICAÇÕES.** A testada mínima adotada é de 12 metros e a menor profundidade 30 metros. Ao tomar a testada de 12 metros quasi sempre dêmos a profundidade de 40 metros, de modo que os lotes terão a área de 360 a 480 metros quadrados, excetuando os casos em que as curvas de nível decidirem a forma do lote.

Uma casa normal assentada num lote relativamente pequeno deve ocupar, no máximo, de 25 a 35% da área do lote e a garage, 5%.



PERFIS DE "FOOTWALKS"

FIG. 7 e 8

São obrigatórios os afastamentos lateral e frontal. Tendo este afastamento origem numa questão tanto higiênica como estética, será conveniente adotar as seguintes normas:

- a) recuar, obrigatoriamente, a construção de 4 metros do alinhamento da rua;
- b) dar à construção um afastamento lateral de 1,5 m, no mínimo e, quando possível, projetá-la no meio do lote;
- c) ocupar, no máximo, 35% da área do lote com a construção e 5% com a garagem;
- d) conservar a arquitetura nitidamente residencial.
- 8) — SISTEMA RECREATIVO. E' constituído pelos jardins, praças, praças de desporto, play-lots e footwalks ajardinados.

Entre a avenida do litoral e a praia deixamos em certos trechos, uma faixa verde muito larga, que poderá ser utilizada futuramente para pequenos parques a beira rio.

Para ocultar um corte feito no morro do Cristal (veja-se planta do loteamento), proveniente da exploração da pedreira ali existente e de aspecto desagradável, projetamos pelos fundos dos lotes, nas quadras n.ºs 11 e 12, uma cortina verde, constituída de uma faixa arborizada de 10 metros de largura.



Fig. 10 Vista do mar de próximo da praia

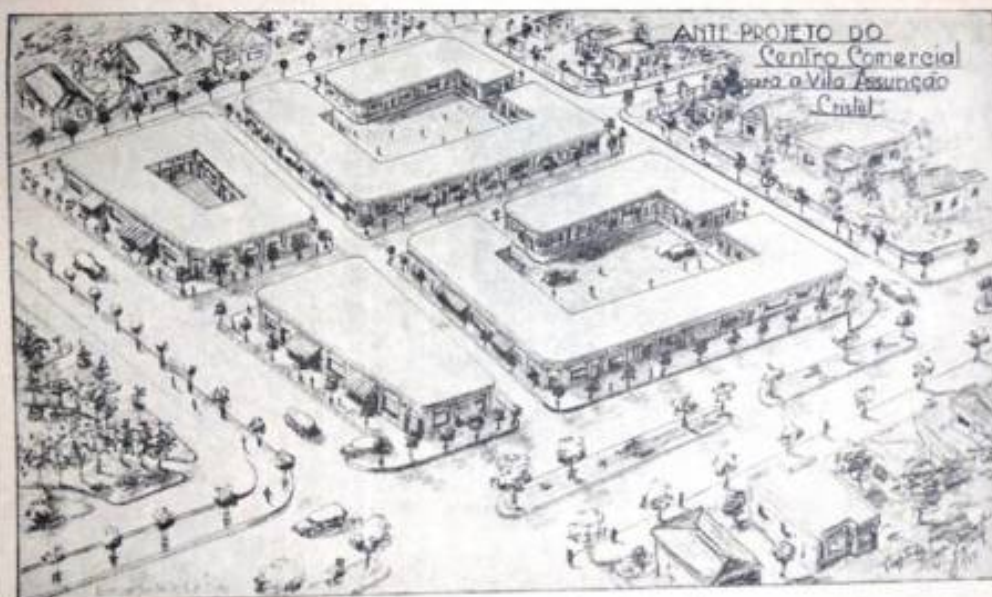


Fig. 11 Vila Assunção — Centro Comercial

Esta arborização é orientada mais ou menos na linha NO—NE.

Previu-se o máximo possível de faixas gramadas entre os passeios e as caixas das ruas.

Junto às escolas foram previstos "play-grounds". Previmos também "courts" para tennis.

Nos cruzamentos, sem prejuizo da visibilidade, quando possível, foram projetados pequenos jardins, constituídos de um tapete gramado e providos de arborização muito baixa.

Emfim, procuramos ligar do melhor modo possível estes diversos elementos do sistema recreativo.

9) — ARBORIZAÇÃO. A arborização deverá ser feita de tal modo que não venha dificultar a iluminação e a visibilidade nos cruzamentos e tampouco a vista das habitações.

As distâncias entre os eixos das árvores devem girar em torno de 10 a 15 metros.

Deve-se preferir árvores, cuja copa se desenvolva em sentido horizontal; recomendamos o jacaranda (*jacaranda mimosaeifolia*) e o cinamomo chapéu-de-sól (*melia azedarach*).

10) — ESCOLAS. Projetámos duas escolas, situadas em meio de praças. Nestas últimas haverá lugar para construção de campos de desporto, que lhe ficarão vizinhos.

A acessibilidade de tais escolas gira em torno de 700 metros, que é o máximo percurso que deve fazer uma criança para chegar à escola.

11) — SERVIÇOS PÚBLICOS. 1) *Abastecimento de água potável.* O manancial disponível é o Guaíba. Será construída uma estação de tratamento, situada na praça central do morro do Cristal. Em virtude da grande área, a estação de tratamento, bem como a rede de distribuição, serão construídas por etapas.

Foram previstos dois reservatórios: um alimentando a zona alta e outro a zona baixa.

Adotamos as normas da Prefeitura de Porto Alegre, tomando a cota de 150 litros "per capita" e o diâmetro mínimo de 2".



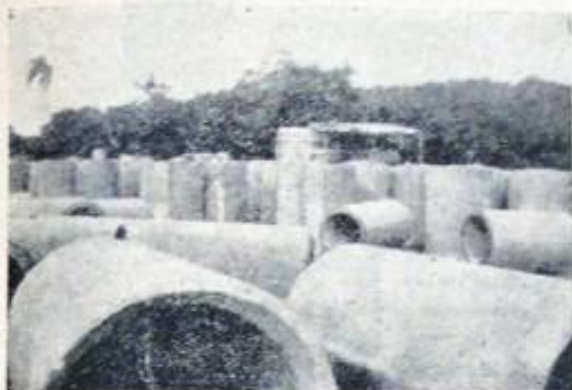
Fig. 9

Avenida Guaíba

Construção de uma galeria de esgotos pluviais

II) *Esgoto.* Em se tratando de uma zona da capital ainda não saneada e sendo impossível, por ora, a instalação de uma rede de esgotos e escaixas, com a sua competente estação de tratamento, adotamos a solução das fossas sanitárias.

Haverá canalizações para esgoto pluvial, cujo projeto seguirá as prescrições da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.



Fabricação de canos de cimento



Assentamento da rede pluvial

III) *Pavimentação.* O calçamento das pistas das ruas será feito em pedra irregular, seguindo-se, neste trabalho, as normas da Prefeitura de Porto Alegre.

IV) *Fornecimento de energia elétrica e iluminação pública.* Será o bairro provido de iluminação pública e fornecimento de energia elétrica.



Fig. 10

Avenida Pereira Passos
Entrada da Vila Assunção



Parte da rede de iluminação

12) — CENTRO COMERCIAL. *Zonamento.* O zoneamento é a lei que regula o uso, a intensidade de ocupação e a altura dos edifícios. Diz W. Azevedo: "deve-se limitar os usos de prédios em distritos da cidade. Até certo ponto existe nela um zoneamento natural. O comércio se concentra em um lugar, noutro se desenvolve a indústria e as residências se adaptam em outros bairros. Além desse zoneamento natural, é necessário que a Municipalidade determine de modo científico onde precisamente localizar as indústrias e o comércio."

Como se vê, esse assunto é da alçada dos poderes públicos. Porém, sem leis adequadas, nada se pôde fazer. O zoneamento científico só pôde ser bem feito quando a cidade possui plano. Entretanto, a fim de evitar o desconforto e o atentado aos preceitos do urbanismo, com a promiscuidade das casas de negócio com as habitações, imaginamos concentrar o comércio do bairro futuro em um lugar único.

Para o cálculo da frente comercial tomámos 5 centímetros por habitante. Sendo o número provável de habitantes 8.000, atinge a $8000 \times 5 = 400$ metros.

Previmos também lugar para um cine-teatro. Damos, adiante, uma planta e uma perspectiva da área do centro comercial.



Fig. 12
Vista do litoral

13) — CONCLUSÃO. Concluindo este estudo de urbanização temos a satisfação de agradecer à digna diretoria da Cia. Predial e Agrícola, administradora da IMOBILIARIA VILA ASSUNÇÃO LTDA., em especial ao Dr. Ernesto di Primio Beck, pela confiança em nós depositada, no decurso de todos os trabalhos, bem como ao ilustrado colega Eng.^o Clovis Pestana, da Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal, pela largueza de vistas e competência técnica com que sempre tratou os assuntos por nós submetidos ao seu julgamento.

Na parte executiva do nosso projeto, temos que salientar a contribuição valiosa do Sur. Luiz Alberto Coronel, Gerente de Imobiliária Vila Assunção Ltda., a cujo espírito culto e elevado sentimento estético muito devemos, na realização dos melhoramentos da praia e ajardinamentos de logradouros e cabanas rústicas, obras estas inspiradas nas mais belas praias uruguaias, tais como: POCITOS, MALVIN, CARRASCO, etc.


Os fotos que ilustram o texto, gentileza do Sur. Francisco Santos, podem dar uma idéia das obras já executadas

Porto Alegre, 1937.



ANEXO 2 - Certidões

Anexo 2.1 Certidão registro de Imóveis 2ª Zona



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
COMARCA DE PORTO ALEGRE
REGISTRO DE IMÓVEIS DA 2ª ZONA
Rua Siqueira Campos, 1163 - 3º andar - CEP 90.010-001 - Tel.(51) 3013-4660
www.risegundazonapoa.com
Bel. Regina de Fátima Marques Fernandes
Registradora

C E R T I D ã O


CERTIFICO que se acha inscrito nesta Serventia Registral Imobiliária, sob número 43, à folha 254 do livro "8", o loteamento denominado "Villa Assumpção Cristal", de propriedade de "Immobiliária Villa Assumpção Ltda.", originariamente objeto da transcrição nº 2.892, à folha 139 do livro 3-A, desta Serventia, cuja inscrição é do teor seguinte: "Loteamento Villa Assumpção Cristal; **Proprietário(a):** Immobiliária Villa Assumpção Ltda.; O imóvel loteado atualmente confronta-se pelo norte e oeste com o rio Guaíba; pelo sul com a rua Copacabana; e pelo leste com terras do Hospital da Brigada Militar, pertencentes ao Governo do Estado, e num pequeno trecho com diversos moradores. **Loteamento:** O imóvel foi dividido em 45 quadras, com 1.495 lotes. Ficou reservada uma área não loteada, destinada ao Centro Comercial da futura Villa; ficaram também reservados para logradouros públicos as ruas e praças, e espaços livres constantes da planta feita pelo Engenheiro Civil Ruy de Vineiro Leiria, inscrito no CREA sob nº 730, o qual também confeccionou o Memorial Descritivo junto aos autos, que contém o completo projeto de urbanização. A planta foi aprovada pela Prefeitura, e foram apresentadas todas as certidões negativas exigidas por Lei, e demais documentos presentes no Decreto-lei nº 58, de 10/12/1937. Até a data em que foi apresentado o memorial não havia lotes vendidos, nem contratados. Tendo transcorrido o prazo de 30 dias da última publicação do edital, sem ter havido impugnação, foi o memorial aqui inscrito, em termos. Em 14/12/1938." Nada mais consta.

CERTIFICO MAIS, que à margem desta inscrição, e por transportes em páginas seguintes, acham-se averbadas promessas de compra e venda, cessões de promessas de compra e venda, e efetivações de vendas de lotes, não sendo possível transcrever-las em virtude da forma de seus lançamentos, que as tornam imprecisas.

CERTIFICO AINDA, que encontram-se arquivados junto ao processo do referido loteamento, diversos requerimentos de solicitação de retificações dos lotes resultantes deste empreendimento.

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Porto Alegre, 24 de março de 2017.



Guilherme Fernandes Ely
Escritor Autorizado

Emolumentos: R\$ 8,30 Selo: 0470.01.1600008.14252 R\$ 1,40; 2017 - Busca R\$ 8,60 Selo: 0470.01.1600008.14253 R\$ 1,40; 2017 - Processamento eletrônico R\$ 4,50
Selo: 0470.01.1600008.14254 R\$ 1,40; Total: R\$ 25,60 14:24

Anexo 2.2 Certidão Registro de Imóveis 2ª Zona



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
COMARCA DE PORTO ALEGRE

REGISTRO DE IMÓVEIS DA 2ª ZONA

Rua Siqueira Campos, 1163 - 3º andar - CEP 90.010-001 - Tel.(51) 3013-4660

www.risegundazonapoa.com

Bel. Regina de Fátima Marques Fernandes
Registradora

C E R T I D ã O

CERTIFICO que, à folha 139 do livro "3- A" deste Serviço Registral Imobiliário, consta a transcrição do teor seguinte: "**Número:** 2.892. **Data:** 13 de abril de 1936. **Protocolo:** não consta. **Circunscrição:** (ilegível). **Denominação ou rua:** Lugar denominado 'Ponta do Dionísio'. **Imóvel/Características e Confrontações:** Uma fazenda com 1.289.000m², no lugar denominado "Ponta do Dionísio", subúrbios desta capital, dividindo-se por um lado com terras que foram da finada Francisca de Souza Pinto; por outro lado com ditas de herdeiros do finado Camillo José Mendes Ribeiro; por outro lado com a Estrada; e por outro lado com o rio Guahyba; existindo na mesma as seguintes benfeitorias uma casa velha com quatro janelas e uma porta de frente ao sudoeste; do lado do rio, uma porta e quatro janelas, onde tem nos fundos uma meia água com duas portas. Os alicerces de um edifício de pedras, tendo alguns tijolos com 3m00 mais ou menos de altura, construção sólida; um paredão de pedras muito estragado; uma pequena casa com frente para o rio, em mau estado; e uma olaria para a fábrica de tijolos. **Nome, Estado, Profissão, Domicílio e Residência do Adquirente:** Imobiliária Villa Assumpção Ltda., P. Alegre. **Nome, Estado, Profissão, Domicílio e Residência do Transmittente:** Herança de José Joaquim Assumpção, em virtude de execução de dívida hipotecária e arrematação em hasta pública. **Forma do título e data:** Carta de Arrematação assinada pelo Dr. Frederico de Barros Barreto, Juiz de Direito da 4ª Vara Cível do Distrito Federal, datada de 27/2/1936. **Título de Transmissão:** Arrematação. **Valor do contrato:** 61.000\$000. **Condições do contrato:** As da carta; **Procedência da transcrição:** Aquisição antes de 1892. **AVERBAÇÕES:** 1) Em petição de 29 do corrente mês, declarou a proprietária do imóvel que sobre o mesmo imóvel foram abertas as seguintes vias públicas: Praças: Tom(ilegível); José Assumpção; Caheté; Araí; Araguaia; Caraipe; (ilegível); Tupiniquim; e Tacauá; Avenidas: Guahyba e Pereira Passos; Ruas: Goytacaz; Potyguara; Guaicurú; Guaianá; Dr.

Possidonio da Cunha; Carajá; Chauat; Caheté; Paraguá; Buram; Guaté; Cariri; Coroados; Bozano; Chiriguam; Timbira; Maracá; Mauajá; Mauauí; (ilegível); Guaraum; Caiajó; Puri; Omagira; Perecí (entre a Praça José Assumpção e a quadra 31 - entre a Praça Tacauá e quadra 39 e 40 - entre a Praça Tacauá e quadra nº 43. P. Alegre, 14 de dezembro de 1940;

2) Imóvel loteado sob a denominação de "Vila Assumpção", conforme a inscrição número 43, à folha 254 do livro 8. Em 14/12/1938; **3)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Praça dos Jardineiros, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.107, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12114 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **4)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP01, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.137, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12115 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **5)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP02, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.138, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12116 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **6)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP09, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.139, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12117 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **7)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP10, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.140, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12118 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **8)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP011, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.141, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12119 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **9)** TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição,

referente à Passagem de Pedestres PP12, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.142, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12120 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **10) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP13, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.143, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12121 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **11) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP14, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.144, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12122 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **12) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP16, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.145, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12123 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **13) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP17, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.146, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12124 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **14) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP18, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.147, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12125 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **15) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP19, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.148, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12126 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010; **16) TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA:** Conforme Ofício nº 1457/2010, datado de 17/11/2010, foi parte do imóvel desta transcrição, referente à Passagem de Pedestres PP33, transferida para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 152.149, do Livro 2 - RG daquela Serventia. Protocolo nº 476.230. Emolumentos: R\$ 19,80. Selo: 0470.03.1000008.12127 (R\$ 0,40). Em 26/11/2010. **17)**

TRANSFERÊNCIA DE IMÓVEL PARA 3ª ZONA: Conforme Ofício nº 650/2015, datado de 09/06/2015, parte do imóvel desta Transcrição referente a uma área com 10.533,00m², com as seguintes confrontações: ao Nordeste mede 98,00m, limitando-se com o alinhamento da rua Omagua; ao Sudeste, mede 94,00m, em dois segmentos, o primeiro partindo da divisa Nordeste, mede 51,00m e o segundo mede 43,00, o primeiro segmento limita-se com o imóvel nº 68 da rua Omagua e o segundo limita-se com o imóvel nº 236 da rua Manaue; ao Sul, mede em curva 55,00m, limitando-se com a rua Manaue; ao Sudoeste, mede 67,00m, limitando-se com o imóvel nº 174 da rua Manaue e com o imóvel nº 265 da rua Chiriguano; e, ao Noroeste, mede 127,00m, limitando-se com o alinhamento da rua Chiriguano, foi transferido para o 3º Ofício Imobiliário sob nº 183.626, do Livro 2 - RG, daquela Serventia. Protocolo nº 534.955. Em 16/07/2015. Emolumentos: R\$ 27,30 - Selo: 0470.03.1500006.07357 (R\$ 0,55)". Nada mais costa. **Certifico mais**, que à margem desta transcrição constam, ainda, várias averbações de construções de casas, prédios, de aberturas de outras vias públicas, e à margem da citada inscrição do loteamento, averbações de promessas de compra e venda de terrenos, as quais, pela forma de seus lançamentos, tornam-se imprecisas para transcrição das mesmas. **Certifico ainda**, que por força de circunscrição, o imóvel desta transcrição pertence atualmente ao Álbum Imobiliário da Terceira Zona de Registro de Imóveis desta comarca, onde deverá ser solicitada a complementação desta certidão, a qual passará a fazer parte integrante e complementar da presente, para todos os fins e efeitos de direito.

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Porto Alegre, 24 de março de 2017.


Guilherme Fernandes Ely
Escrivente Autorizado

Emolumentos: R\$ 20,80 Selo: 0470.03.1600009.04432 R\$ 2,70; 2017 - Busca R\$ 8,60 Selo: 0470.01.1600008.14255 R\$ 1,40; 2017 - Processamento eletrônico R\$ 4,50 Selo: 0470.01.1600008.14256 R\$ 1,40; Total: R\$ 39,40 14:24

Anexo 2.3 Certidão Registro de Imóveis 1ª Zona



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
COMARCA DE PORTO ALEGRE
OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA 1ª ZONA
Travessa Francisco de Leonardo Truda nº 98 – 12º andar
Centro Histórico - Porto Alegre/RS - CEP: 90.010-050
<http://www.lamanapaiva.com.br> - tel./fax (51) 3221-8747
João Pedro Lamana Paiva - Registrador

Folha(s) 1/1

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada, que revendo os livros deste Ofício, deles verifiquei constar com data de **22 de dezembro de 1883**, no livro **4 folha 186 nº 819**, a transcrição de uma escritura pública de Doação em pagamento, pelo Tabelião Sobrosa Filho, tendo o imóvel, a seguinte descrição: **Uma chácara** no lugar denominado **Ponta do Dyonizio**, Nossa Senhora de Belém, compreendendo casa de moradia, graixeira, curro, mangueiras, casa de material para o capataz, casa para peões, um rancho de telha para o rondador, varas, excluindo o solo que já pertencia ao adquirente.- **ADQUIRENTE: LUIZ FRAEB**. Rio Grande.- **TRANSMITENTE: Manoel Jacyntho Lopes e João Jacyntho Lopes**. Porto Alegre.- **VALOR: Dezoito contos de réis**.- **PROCEDÊNCIA: Não consta**.-.....

CERTIFICO mais que, ressalvo a possibilidade de, o imóvel acima, ter sido alienado com características diversas, quando pelo sistema da legislação anterior, não havia livro de indicador real e pessoal.-.....

CERTIFICO mais que, o imóvel acima referido, a partir de **Janeiro de 1934**, passou a pertencer à circunscrição do **Registro de Imóveis da 2ª Zona**, onde atos posteriores, se houverem, deverão estar registrados. **NADA MAIS CONSTAVA. O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.** -

Porto Alegre, 25 de agosto de 2017, às 11:08:38.

Registrador/Substituto/Escrevente Autorizado(a)

RÉGIS BORGES RODRIGUES
Escrevente Autorizado

Emol: R\$25,60 - rbr

Certidão Transcrição 819 Livro 4 Folha 186 - 1 página: R\$8,30 (0469.00.1700001.88424 = R\$1,40)

Busca(s) em livros e arquivos: R\$8,60 (0469.00.1700001.88424 = R\$1,40)

Processamento eletrônico de dados: R\$4,50 (0469.00.1700001.88424 = R\$1,40)



Anexo 2.4 Certidão Registro de Imóveis 1ª Zona



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
COMARCA DE PORTO ALEGRE
OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA 1ª ZONA
Travessa Francisco de Leonardo Truda nº 98 – 12º andar
Centro Histórico - Porto Alegre/RS - CEP: 90.010-050
<http://www.lamanapaiva.com.br> - tel./fax (51) 3221-8747
João Pedro Lamana Paiva - Registrador

Folha(s) 1/1

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada, que revendo os livros deste Ofício, deles verifiquei constar com data de **22 de abril de 1891**, no livro **4-A, folha 323 sob nº 3.974**, a transcrição de uma escritura pública de Compra e Venda, lavrada em **20 de abril de 1891**, pelo tabelião Domiciano Joaquim Ribeiro, tendo o imóvel, a seguinte descrição: **Um milhão, duzentos e oitenta e nove mil metros quadrados**, no lugar denominado **Ponta do Dionísio**, divisas de Belém com esta cidade e Rio Guahyba, contendo uma casa de moradia com dependências e mobílias próprias e uma xarqueada montada com pertences para o trabalho, cujo terreno e mais propriedades o transmitente houve por compra feita a Jacintho Antonio Lopes e sua mulher.- **ADQUIRENTE: JOSÉ JOAQUIM DE ASSUMPÇÃO**. Rio de Janeiro.- **TRANSMITENTE: Luiz Fraeb**, Hamburgo, Alemanha. - **VALOR: 3:000\$000.-** em ouro brasileiro. **PROCEDÊNCIA: Nada consta.**-.....

CERTIFICO mais que, o imóvel acima referido, a partir de **Janeiro de 1934**, passou a pertencer à circunscrição do **Registro de Imóveis da 2ª Zona**, onde atos posteriores, se houverem, deverão estar registrados. **NADA MAIS CONSTAVA. O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.** -

Porto Alegre, 25 de agosto de 2017, às 11:12:16.

Registrador/Substituto/Escrevente Autorizado(a)

REGIS BORGES ROZARIO
Escrevente Autorizado

Emol:R\$25,60 - rbr

Certidão Transcrição 3.974 Livro 4A Folha 323 - 1 página: R\$8,30 (0469.00.1700001.88431 = R\$1,40)

Busca(s) em livros e arquivos: R\$8,60 (0469.00.1700001.88431 = R\$1,40)

Processamento eletrônico de dados: R\$4,50 (0469.00.1700001.88431 = R\$1,40)



Anexo 2.5 Certidão CREA/RS



CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL – CREA-RS
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL – ÓRGÃO DE FISCALIZAÇÃO DA ENGENHARIA E DA AGRONOMIA
Rua São Luís, 77 – Santana | Porto Alegre (RS) | CEP 90620-170 | Fone: 51 3320.2100
www.crea-rs.org.br

CERTIDÃO N. 206/2017-SART/NART

CERTIFICO, a pedido de ROSELI PANTALEÃO GESSINGER, CPF n. 474.216.060-68, conforme solicitação protocolada sob o n.º 2017047353, após verificar as informações existentes no Sistema Corporativo do Crea-RS, que constatamos o registro de quarenta e seis Anotações de Responsabilidade Técnica - ARTs em nome profissional Engenheiro Civil **Ruy de Viveiros Leiria**, carteira Crea-RS000229, no período compreendido entre 28/11/1935 a 21/08/1997 (período de seu registro junto ao Conselho). O anexo dessa certidão é composto por quatorze páginas contendo os dados das ARTs registradas junto ao Crea-RS. E por ser verdade, eu, Ana Paula Ribeiro Lopes, chefe de Setor de ART e Acervo Técnico, digitei e ao final desta assinarei a presente certidão, que, depois de lida, será visada pelo Engenheiro Eletricista Geraldo Oliveira Petkowicz, chefe do núcleo de ART e Acervo Técnico, em Porto Alegre, RS, aos vinte dias do mês de junho de dois mil e dezessete.

Ana Paula Ribeiro Lopes
Chefe de Setor de ART e Acervo Técnico - SART
Núcleo de ART e Acervo Técnico – NART/Crea-RS

Eng. Eletricista Geraldo Oliveira Petkowicz
Chefe do Núcleo de ART e Acervo Técnico/Crea-RS
RS121281-D

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 1

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

ART: 3472612-0

Situação: ENTREGUE,NECESSITA BAIXA

Contratante: IMOBILIARIA ROSA S.A

Endereço: RUA 18 LOTEAMENTO CIDADE NOVA

Cidade/UF: CANOAS - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: EXECUTOR - OBRA

Complemento: PAVIMENTACAO E CALCAMENTO COM PARALELEPIPEDOS DE BASALTO RUA 18 (TRECHO ENTRE AV. 1 E VINICIUS DE MORAES) LOTEAM.CIDADE NOVA.

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 14/02/1997

Dta. Baixa: / /

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

EXECUCAO

A05-9 TRANSPORTES - PAVIMENTACAO DE PARALELEPIPEDOS

ART: 3472611-0

Situação: ENTREGUE,NECESSITA BAIXA

Contratante: IMOBILIARIA ROSA S.A

Endereço: RUA 13 LOTEAMENTO CIDADE NOVA

Cidade/UF: CANOAS - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: EXECUTOR - OBRA

Complemento: PAVIMENTACAO E CALCAMENTO COM PARALELEPIPEDOS DE BASALTO RUA 13 (TRECHO ENTRE AV.1 E RUA 2) DO LOT. CIDADE NOVA.

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 21/10/1996

Dta. Baixa: / /

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

EXECUCAO

A05-9 TRANSPORTES - PAVIMENTACAO DE PARALELEPIPEDOS

ART: 2504208-3

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: IMOBILIARIA ROSA S.A

Endereço: AVENIDA INCONFIDENCIA

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: APROVAÇÃO DE PROJETO P/ FINS DE PAVIMENTAÇÃO - 13 FUROS

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 04/02/1991

Dta. Baixa: 06/03/1991

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

PROJETO

A05-6 TRANSPORTES - PAVIMENTACAO ASFALTICA

ART: 677104

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: IMOBILIARIA ROSA S.A.

Endereço: RUA SANTOS FERREIRA, 1530

Cidade/UF: CANOAS - RS

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 2

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: APROVAÇÃO DE BASE PARA FINS DE PAVIMENTAÇÃO - 9 FUROS

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 01/12/1989

Dta. Baixa: 31/12/1989

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
PROJETO

Especificação do Trabalho
A05-6 TRANSPORTES - PAVIMENTACAO ASFALTICA

ART: 942475

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: 7 VARA CIVEL COMARCA DE PORTO ALEGRE

Endereço: FORUM DE PORTO ALEGRE

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: ACAO REVISAO DE ALUGUEL

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 27/11/1987

Dta. Baixa: 27/12/1987

Entidade: INSTITUTO GAÚCHO DE ENGENHARIA LEGAL E DE AVALIAÇÕES

Atividade Técnica
PERICIA

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 942473

Situação: EXIGÊNCIA

Exigência - ASSINATURA ORIGINAL DO PROFISSIONAL

Contratante: 14ª VARA CIVEL - COMARCA DE PORTO ALEGRE

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO PERICIAL - ASSITENTE TECNICO DO AUTOR NO PROCESSO N. 01181280965 - NATUREZA: AÇÃO DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 30/10/1986

Dta. Baixa: 29/11/1986

Entidade: INSTITUTO GAÚCHO DE ENGENHARIA LEGAL E DE AVALIAÇÕES

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 942472

Situação: EXIGÊNCIA

Exigência - ASSINATURA ORIGINAL DO PROFISSIONAL

Contratante: 2ª VARA CIVEL - COMARCA DE PORTO ALEGRE

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO PERICIAL - ASSITENTE TECNICO DO AUTOR NO PROCESSO 01185238803 - NATUREZA: REVISÃO DE ALUGUEL

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 3

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 15/07/1986

Dta. Baixa: 14/08/1986

Entidade: SINDICATO DOS ENGENHEIROS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 942471

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: 10ª VARA CÍVEL - COMARCA DE PORTO ALEGRE

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento: LAUDO PERICIAL - ASSISTENTE TECNICO DO AUTOR NO PROCESSO 01185206057. NATUREZA: REVISÃO DE ALUGUEL.

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 02/06/1986

Dta. Baixa: 02/07/1986

Entidade: SINDICATO DOS ENGENHEIROS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 514646

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO- 1ª V. CÍVEL-COMARCA CANOAS

Endereço: FORUM DE CANOAS

Cidade/UF: CANOAS - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento: LAUDO TECNICO - PROCESSO N. 19.102/235-1ª VARA CÍVEL DE CANOAS/RS

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 18/04/1986

Dta. Baixa: 18/05/1986

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 514647

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DIREITO 3ª VARA FAZENDA PUBLICA

Endereço: FORUM DE PORTO ALEGRE

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento: LAUDO TECNICO PROCESSO N. 01184223830-3ª V. FAZ. PUBLICA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 18/04/1986

Dta. Baixa: 18/05/1986

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 4

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

ART: 514644 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: juízo de direito-4ª vara cível-comarca canoas
Endereço: FORUM DE CANOAS
Cidade/UF: CANOAS - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO
Complemento: LAUDO TÉCNICO - PROCESSO N. 5544/305 - 4ª V. CIVEL - CANOAS
Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 16/04/1986

Dta. Baixa: 16/05/1986

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 514645 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: 1ª VARA CIVEL - COMARCA DE GUAIBA
Endereço: FORUM DE GUAIBA
Cidade/UF: GUAIBA - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO
Complemento: LAUDO DE AVALIAÇÃO PROCESSO N. 10631/19 - 1ª VARA CIVEL DE GUAIBA.
Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 11/04/1986

Dta. Baixa: 11/05/1986

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 514643 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: LEONIDAS ISDRA E OUTROS
Endereço: 8ª VARA CIVEL
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR E EXECUTOR - OBRA E SERVICO
Complemento: ASSIST. DO REU NA AÇÃO 01182278679
Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 21/05/1984

Dta. Baixa: 20/06/1984

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 514642 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: 5ª VARA CIVEL
Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO
Complemento: LAUDO TECNICO NO PROCESSO N. 01181217249 - 5ª VARA CIVEL.

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 5

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 10/05/1983

Dta. Baixa: 09/06/1983

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 514641

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO COMARCA SAO JERONIMO-2ª VARA

Endereço: NAO CONSTA

Cidade/UF: SAO JERONIMO - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO P/ AUTOS DE AÇÃO N. 3754/339 - 2ª VARA CIVEL

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 04/03/1983

Dta. Baixa: 03/04/1983

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 304950

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO-2ª VARA CIVEL - COM POA

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO P/ AUTOS DA AÇÃO N. 056005 - 5ª VARA CIVEL

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 09/12/1982

Dta. Baixa: 08/01/1983

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 304949

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO-2ª VARA FAZENDA PUBLICA

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO NA AÇÃO ORDINARIA N. 01178398960 - 2ª VARA FAZ. PUBLICA MUNICIPAL

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 28/10/1982

Dta. Baixa: 27/11/1982

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 304948

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 6

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Contratante: JUIZO DE DIREITO-5ª VARA CÍVEL P. ALEGRE
Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO
Complemento: LAUDO PARA O PROCESSO 01178398416 - PROC. ORDINARIO (LAUDO COMPLEMENTAR)
Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 03/06/1982

Dta. Baixa: 03/07/1982

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVIÇOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICAÇÕES

ART: 304946

Situação: ENTREGUE, BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: 1ª VARA CÍVEL
Endereço: 1ª VARA CÍVEL
Cidade/UF: GRAVATAI - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO
Complemento: LAUDO TECNICO - LAUDO DE AVALIAÇÃO PROC. N. 7035/335 - 1ª VARA CÍVEL COMARCA DE GRAVATAI
Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 25/03/1982

Dta. Baixa: 24/04/1982

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVIÇOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICAÇÕES

ART: 304944

Situação: ENTREGUE, BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: BANCO ITAU S.A.
Endereço: RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 60
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO
Complemento: LAUDO TECNICO - ARBITRAMENTO ALUGUEL PROC. 01181140466 - 8ª VARA CÍVEL
Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 16/03/1982

Dta. Baixa: 15/04/1982

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVIÇOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICAÇÕES

ART: 304945

Situação: ENTREGUE, BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: MARIA BARTH FISCHER
Endereço: 3ª VARA CÍVEL
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO
Complemento: LAUDO TECNICO - ARBITRAMENTO DE ALUGUEL. PROC. 01180260968 - 3ª VARA CÍVEL

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 7

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 16/03/1982

Dta. Baixa: 15/04/1982

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 304942

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: PARAMOUNT LANSUL S/A

Endereço: AVENIDA LUIZ PASTEUR, 100

Cidade/UF: SAPUCAIA DO SUL - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO - DESAPROPRIAÇÃO - PROC. N. 5472/400 COMARCA SAPUCAIA DO SUL

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 07/05/1981

Dta. Baixa: 06/06/1981

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 304941

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: PEDRO CHIARELLI

Endereço: RUA CRISTOVAO COLOMBO, 1203

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO DE AVALIAÇÃO DO IMOVEL N. 1203 DA RUA CRISTOVAO COLOMBO (TERRENO E PREDIO).

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 13/10/1980

Dta. Baixa: 12/11/1980

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 172819

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO 1ª VARA CIVEL COMARCA POA

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044 - 4º

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO PARA ACORDO NOS AUTOS DA AÇÃO N. 43568/77 - JUSTIÇA ESTADUAL

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 21/02/1980

Dta. Baixa: 22/03/1980

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 172816

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 8

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Contratante: 13ª VARA CÍVEL

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento: LAUDO TÉCNICO PARA FINS DE JUSTIÇA - JUNTADO AOS AUTOS

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 17/12/1979

Dta. Baixa: 16/01/1980

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TÉCNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVIÇOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICAÇÕES

ART: 172818

Situação: ENTREGUE, BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: 5ª VARA CÍVEL

Endereço: RUA SIQUEIRA CAMPOS, 1044

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento: LAUDO TÉCNICO PARA FINS JUDICIAIS

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 17/12/1979

Dta. Baixa: 16/01/1980

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TÉCNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVIÇOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICAÇÕES

ART: 172813

Situação: ENTREGUE, BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: 1ª VARA COMARCA DE GRAVATAÍ

Endereço: FORUM DE GRAVATAÍ

Cidade/UF: GRAVATAÍ - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento:

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 18/06/1979

Dta. Baixa: 18/07/1979

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TÉCNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVIÇOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICAÇÕES

ART: 019897

Situação: ENTREGUE, BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: LANSUL - 2ª VARA CÍVEL JUST. FEDERAL

Endereço: RODOVIA BR 116 / AV. LUIS PASTEUR

Cidade/UF: SAPUCAIA DO SUL - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVIÇO

Complemento: ASSISTENTE TÉCNICO DA EMPROPRIADA NOS AUTOS DA AÇÃO DE DESAPROPRIAÇÃO PROC. N.15.059/78 -
REGISTRO GERAL N.30501 / 2ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RS

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 9

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 06/12/1978

Dta. Baixa: 05/01/1979

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 19895

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: FEITOS DA FAZENDA PUBLICA - 2ª VARA

Endereço: AVENIDA LUCIO BITTENCOURT

Cidade/UF: SAPUCAIA DO SUL - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: ASSISTENTE TECNICO DO EXPROPRIADO COMPROMISSADO NOS AUTOS DA ACAO ORDINARIA N.71930/77 PEL
O LUIZ DA 2ª VARA DOS FEITOS DA FAZENDA PUBLICA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 13/11/1978

Dta. Baixa: 13/12/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 19894

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: CLUBE REGIONAL DE P. ALEGRE

Endereço: .

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO DE AVALIACAO DE TERRENO

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 13/11/1978

Dta. Baixa: 13/12/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
AVALIACAO
LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho
A02-99 URBANISMO - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM URBANISMO
A02-99 URBANISMO - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM URBANISMO

ART: 19896

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: 2ª VARA CIVEL

Endereço: RUA DEMETRIO RIBEIRO, 1168

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento:

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 13/11/1978

Dta. Baixa: 13/12/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica
LAUDO TECNICO
VISTORIA

Especificação do Trabalho
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES
A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 10

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

ART: 77219 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: JUIZO DE DIREITO - 1ª VARA CIV. E COM. P.A.
Endereço: RUA FERNANDO MACHADO, 485
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO
Complemento: PERITO OFICIAL COMPROMISSADO NOS AUTOS DA AÇÃO PROC. N.42403/76 AUT. DE 26.11.76 - PELO JUIZ DA 1ª VARA CÍVEL E COMÉRCIO - COMARCA DE P. ALEGRE

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 13/11/1978

Dta. Baixa: 13/12/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica	Especificação do Trabalho
LAUDO TECNICO	A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77214 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: JUIZO DE DIREITO DA 13ª VARA CÍVEL P.ALEGRE
Endereço: RUA LUIZA S. WOLF X ENIO ADAO MOTTA
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO
Complemento: PERITO OFICIAL COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROC. N.1063/77 - AUTUACAO DE 26/07/77 - NUNCIACÃO DE OBRA NOVA E PRODUÇÃO ANTECIPADA DE PROVAS - NOMEAÇÃO: JUIZ DA 13ª VARA 26.07.77

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 13/07/1978

Dta. Baixa: 12/08/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica	Especificação do Trabalho
LAUDO TECNICO	A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77218 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: JUIZO DE DIREITO DA 13ª VARA CÍVEL
Endereço: .
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS
Empresa: NENHUMA EMPRESA
Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO
Complemento: PERITO OFICIAL COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROCESSO N.1003/77 PELO MM. JUIZ DA 13ª VARA CÍVEL JOSE SOARES MOREIRA X HENRIQUE NASCIMENTO

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 30/06/1978

Dta. Baixa: 30/07/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica	Especificação do Trabalho
LAUDO TECNICO	A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77216 **Situação:** ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO
Contratante: ELLEN HERRMANN E OUTROS X D.N.E.R.
Endereço: RODOVIA BR 290 ESTACAS 298 + 4,50 / 367 + 9,50M
Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 11

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: ASSISTENTE TECNICO COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROCESSO DE DESAPROPRIAÇÃO N.64291/77 E REGISTRO GERAL N.49.976 DA 5ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL - RS

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 02/06/1978

Dta. Baixa: 02/07/1978

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 19893

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: VARA DOS REGISTROS PUBLICOS

Endereço: .

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: PERITO COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROC. N.8593-102 PELO JUIZ DA VARA DE REGISTROS PUBLICOS - EM 02/05/78.

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 02/05/1978

Dta. Baixa: 01/06/1978

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77213

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO 16ª VARA CIVIL-COM. DE P.A.

Endereço: .

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: PERITO OFICIAL COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROC. N.433/433, AUTUAÇÃO DE 13.04.77, PELO JUIZ O DA 16ª VARA CÍVEL

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 01/02/1978

Dta. Baixa: 03/03/1978

Entidade: SEM INDICAÇÃO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77212

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO DA 16ª VARA CIVIL-COM.DE P.A

Endereço: .

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: PERITO OFICIAL COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROC. N.433/433 AUT. DE 13.04.77, PELO JUIZ DA 1

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 12

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

6ª VARA CÍVEL

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 01/02/1978

Dta. Baixa: 03/03/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77217

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: SIMPALA VEICULOS S/A

Endereço: AVENIDA IPIRANGA, 6500

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: LAUDO TECNICO SOLICITADO PELO DR. RENE ISOLDI AVILA, RUA ANDRADE NEVES, 14. VISTORIA NA SE
DE SOCIAL DA SIMPALA VEICULOS S/A - AV. IPIRANGA N.6500

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 31/12/1977

Dta. Baixa: 30/01/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 77215

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: JUIZO DE DIREITO 1ª VARA CIVEL-COM. P. ALEGRE

Endereço: .

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: PERITO OFICIAL - COMPROMISSADO NOS AUTOS DO PROC. N.42644/76.

Quantificação: 0,00 Indeterminado

Data Início: 14/12/1977

Dta. Baixa: 13/01/1978

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

LAUDO TECNICO

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 13541

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: ARMINDO BEUX

Endereço: RUA DR. LAURO OLIVEIRA, 92

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: PARECER TECNICO, SOBRE A EXISTENCIA DE COLETOR CLANDESTINO E SUAS CONSEQUENCIAS, NO LOCAL
DAS OBRAS, PARA ESCLARECER DEMANDA JUDICIAL

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 13

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 01/09/1977

Dta. Baixa: 01/10/1977

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

PARECER TECNICO

Especificação do Trabalho

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 0009138

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: QUIRINO A. HEXSEL (JOAO RENATO F. VARGAS)

Endereço: ESTRADA RS/19

Cidade/UF: SAPIRANGA - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento:

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 25/05/1976

Dta. Baixa: 24/06/1976

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

LAUDO TECNICO

Especificação do Trabalho

A01-99 EDIFICAÇÕES - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM EDIFICACOES

ART: 0001547

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: CIA. PREDIAL E AGRICOLA

Endereço: AVENIDA LUIS MOSCHETTI, S/N

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM E URBANIZAÇÃO DE TERRENOS PRÓPRIOS

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 13/02/1975

Dta. Baixa: 15/03/1975

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

PROJETO

Especificação do Trabalho

A02-99 URBANISMO - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM URBANISMO

ART: 1546

Situação: ENTREGUE,BAIXADA - CONCLUSÃO

Contratante: CIA. PREDIAL E AGRICOLA

Endereço: AVENIDA PLINIO BRASIL MILANO, S/N

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: AUTOR - SERVICO

Complemento: ADMINISTRACAO DE OBRAS EM TERRENOS PERTENCENTES AOS DRS. ERNESTO DI PRIMIO BECK E GERNOT K ROEFF WILTGEN

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 06/02/1975

Dta. Baixa: 08/03/1975

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

PROJETO

Especificação do Trabalho

A02-99 URBANISMO - SERVICOS AFINS E CORRELATOS EM URBANISMO

Relação de Acervo Profissional

15:09:10 20/06/17

Pág.: 14

RS000229 - RUY DE VIVEIROS LEIRIA

ART: 001112

Situação: ENTREGUE,NECESSITA BAIXA

Contratante: CIA PREDIAL E AGRICOLA

Endereço: AVENIDA LUIZ MOSCHETTI S/N

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: EXECUTOR - OBRA

Complemento: AREA SITUADA NO PROLONGAMENTO DA AV. LUIZ MOSCHETTI S/N - PORTO ALEGRE/RS. URBANIZACAO: (I
NSTALACAO DE REDE DE ESGOTO PLUVIAL, REDE DE ÁGUA, PAVIMENTACAO, ARRUAMENTO.

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 01/12/1973

Dta. Baixa: / /

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

EXECUCAO

A06-4 OBRAS EM TERRA E TERRAPLENAGEM - TERRAPLENAGEM

ART: 00001113

Situação: ENTREGUE,NECESSITA BAIXA

Contratante: CIA PREDIAL E AGRICOLA

Endereço: RUA ANITA GARIBALDI AO LADO DO N.1786

Cidade/UF: PORTO ALEGRE - RS

Empresa: NENHUMA EMPRESA

Tipo Contrato: EXECUTOR - OBRA

Complemento: URBANIZACAO: INSTALACAO DE REDE DE ESGOTO PLUVIAL, REDE DE ÁGUA, PAVIMENTACAO, ARRUAMENTO.

Quantificação: 0,00

Indeterminado

Data Início: 01/12/1973

Dta. Baixa: / /

Entidade: SEM INDICACAO DE ENTIDADE

Atividade Técnica

Especificação do Trabalho

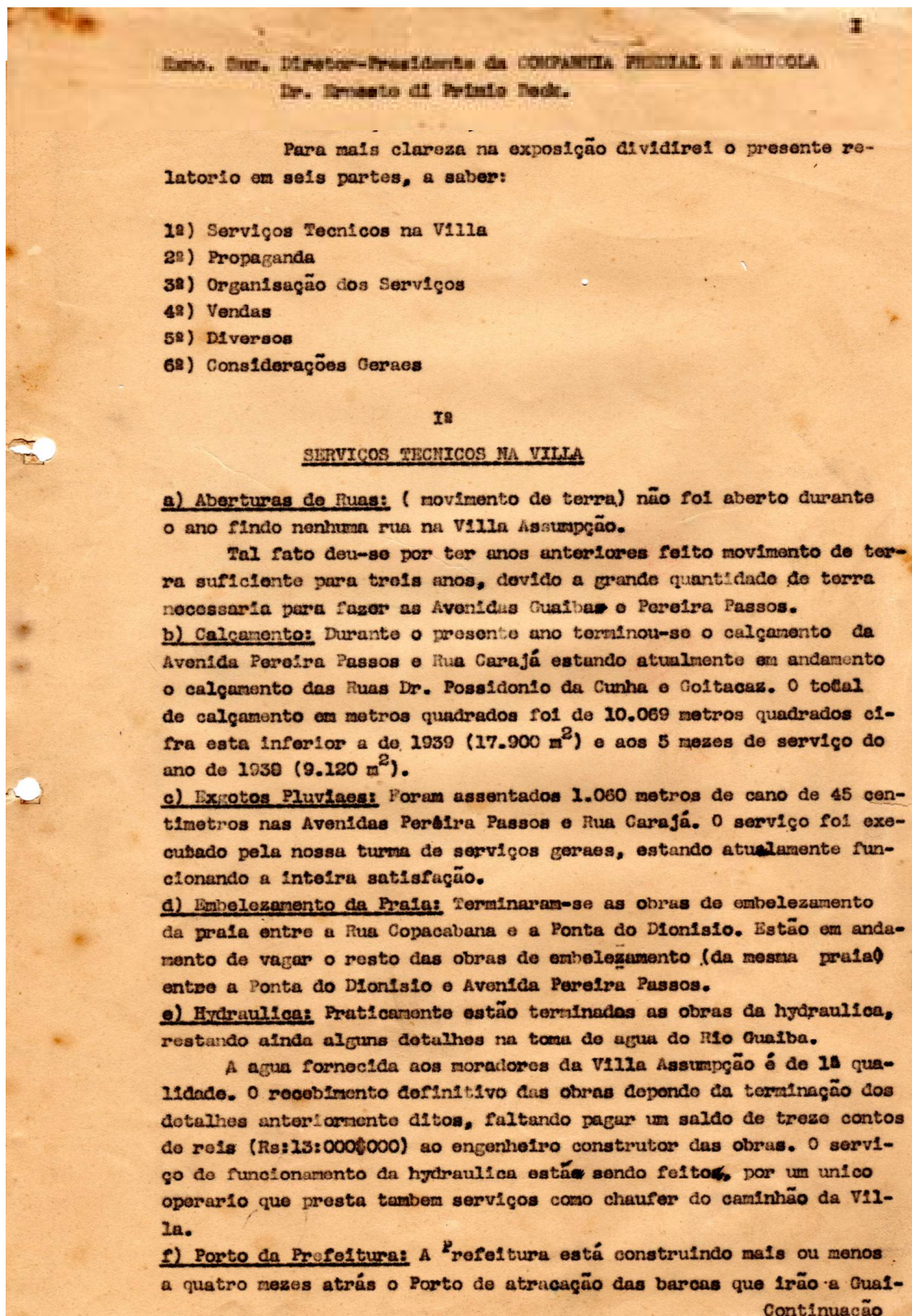
EXECUCAO

A06-4 OBRAS EM TERRA E TERRAPLENAGEM - TERRAPLENAGEM

Total de ARTs: 46

ANEXO 3

3.1 Relatório de Atividades da IMMOBILIÁRIA ASSUMPÇÃO 1940



II

ba sahindo da Villa Assumpção e vice-versa. Ditas obras incluirão: um caes mixto de pedra e cimento para atracação das barcas, o trecho da Avenida Guaíba compreendido entre a Avenida Pereira Passos e o caes, atualmente em execução: uma praça de tipo moderno sobre alguns terrenos da quadra nº19: um restaurante bar e bomba de gasolina sobre a dita praça.

O projeto destas obras foi exposto na exposição de obras da Prefeitura e do Estado, na Avenida Borges de Medeiros, chamando justamente a atenção das pessoas que o apreciaram.

II

PROPAGANDA

A propaganda deste ano foi feita nos moldes costumeiros das Empresas de terrenos, sendo porem restringido os anuncios em jornaes e revistas, dando-se preferencia a propaganda direta, já seja por meio de folhetos postaes e listas de compradores etc., enviados diretamente aos provaveis compradores.

Foi tirado pela Empresa Leopoldis Films, um film de propaganda que foi exhibido no Cinema Guarani desta Capital, propaganda esta completamente gratuita para a Sociedade. Temos uma placa de propaganda que é passada nos programas do Cinema Vera Cruz.

A propaganda mais eficiente de ano tem sido a assistencia numerosíssima de povo que todos os dias e principalmente aos sabados e domingos accodem á Villa Assumpção. Ainda se tem realizado na Villa diversos atos que serviram para o prestigio da Villa Assumpção a saber:

Almoço ao Interventor de S. Catharina, no bar "Ao Colonial" (4 Abril)
Visita dos turistas Uruguaios (7 de Maio)
Recepção aos remadores Sul Americanos (2 de Dezembro)
Almoço ao Interventor Amaral Peixoto e altas autoridades locais (9 de Dezembro)
Banquete dos doutorandos de medicina (20 de Dezembro)
Natal do pequeno jornaleiro)(22 de Dezembro).

III

ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

Atualmente o pessoal da Sociedade está assim constituido:

1 Gerente	<u>Na Villa</u>
1 Engenheiro	2 turmas de calçamento
1 Chefe de Escritorio	1 turma de serviços geraes
1 Guarda Livros	(4conservações)
2 Auxiliares	1 turma de Policiamento (3 homens)
4 Vendedores	

IV

VENDAS

O total de vendas de ano de 1940, attingiu a cifra de mil seiscientos e noventa e dois centos e seiscentos e sessenta e um mil reis (R\$ 1.692.661,000) -

Continuação

III

sendo á vista oitenta e um contos quinhentos e oitenta e um mil e duzentos reis (Rs: 81:581\$200) e em prestações mil seiscentos onze contos setenta e nove mil e oitocentos reis (Rs: 1.611:079\$800).

O aumento de vendas sobre o ano de 1939 é de novecentos e treze contos trezentos e sessenta e quatro mil e quinhentos reis (Rs: 913:364\$500) ou seja um 117 % a mais sobre o ano anterior.

Clasificación das Vendas:

1ª Heraclides Cezimbra Rs: 416:735\$000

2ª Luiz Alberto Coronel Rs: 374:641\$400

3ª Francisco de Paula Santos Rs: 313:395\$000

O numero de lotes vendidos até hoje atingiu a cifra de duzentos e quarenta e seis (246) ou seja 15 % do numero total de lotes da Villa. A media do preço do lote até hoje é de dez contos setecentos sessenta e seis mil reis (Rs: 10:766\$000).

V

DIVERSOS

Entramos aqui a descrever varias iniciativas tendentes todas a melhorar as condições geraes da Sociedade.

Casino: No decorrer do ano de 1939, se fizeram inumeras tentativas para instalar um hotel casino na Villa Assumpção. Receberam-se varias propostas para tal fim.

Interessados do Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e do nosso proprio Estado. A proposta mais importante foi de um grupo de capitalistas argentinos que protificaram-se a construir um casino na Villa Assumpção e um Hipodromo no Crystal.

Para tal fim viajei a Buenos Aires a principio de Junho trazendo para esta capital propostas concretas. Considero que a instalação de um casino na Villa Assumpção é só questão de tempo, podendo sahir a qualquer momento. O dia que tal iniciativa se tornar realidade, não só os terrenos valorizar-se-ão uma proporção nunca inferior a 20 % como tambem as vendas serão feitas na metade do tempo calculado primitivamente.

Yatch-Club: Foram feitas as negociações com a diretoria do Yatch - Club para a construção de uma sede na Villa Assumpção.

A Empreza prontificou-se a ceder os terrenos gratuitamente e financiar o edificio uma vez conseguido o capital necessario para 60 % da construção. Até hoje as demarches continuam. O local escolhido é na quadra nº 19 defronte ao Porto das Barcas.

Predios: Terminaram-se os treis predios que a Companhia construiu e financio para o Srs. Eduardo Henriques, Niro Olinto Lucchesi e para mim mesmo. O pagamento dos saldos estão sendo regularmente feitos com as prestações estabelecidas e juros de 10 % ao ano.

O primeiro morador da Villa Assumpção foi o Sr. Eduardo Henriques que para lá foi no dia 4 de Junho de 1939.

Financiamento da Predios: Com capital da Companhia Predial e Agricola a "Villa Assumpção", está fazendo um predio para o Dr. Julian Tirado Pares. Recebeu-se em garantia a hipotheca da Villa

do terreno e da casa. O valor do financiamento foi de quarenta e quatro contos de reis (Rs:44:000\$000).

Caminhão: Foi adquirido um caminhão para os serviços de movimento de terra, movimento de pedra e serviços geraes na Villa. Com essa iniciativa tornou-se possível desfazer o aluguel de treis carroças ou seja cincoenta e quatro mil reis (Rs:54\$000) economisados diariamente, perfazendo um conto e quinhentos mil reis (Rs:1:500\$000) mensaes.

Até agora ás despesas totaes do caminhão não atigem a um conto de reis (Rs:1:000\$000) por mez, sendo que faz o serviço de quatro (4) carroças folgadoamente. O caminhão foi comprado de 2ª mão, pelo preço de nove contos e quinhentos mil reis (Rs:9:500\$000).

Sava: No dia 31 de Dezembro do ano findo, foi fundado no bar "A Cabana" a Sociedade dos Amigos da Villa Assumpção, denominada "SAVA".

Está medida é de grande alcance para Empresa por tratar-se de uma iniciativa particular, feita puramente por simpatia á Villa Assumpção. A finalidade da "SAVA" é impulsionar o desenvolvimento geral da Villa Assumpção, notadamente as partes Religiosa, Social e Sportivas.

Policiaemento: Tornou-se necessario estabelecer um serviço de guardas proprios, visto a Chefatura não ter pessoal suficiente para policiar a Villa. Os guardas são os nossos proprios operarios devidamente fardados e com caderneta da Chefatura de Policia.

Está despesa, orçada mensalmente em seiscentos mil reis (Rs: 600\$000), foi absolutamente necessaria, visto que elementos indesejaveis, depredavam os nossos melhoramentos e utilizavam a praia a npite, para fins que afetam o prestigio do balneario.

Facilidades para Construções: Foram oferecidas no ano findo e com o fim de incentivar as construções, facilidades varias a saber: pedra e areia por preço de custo e tambem um abatimento de 15 % do valor do contrato, para todos aqueles que comesassem uma casa de moradia nos meses de Dezembro, Janeiro ou Fevereiro terminando-se ela para Outubro de 1941.

Sendo importantissimo o problema de predios na Villa Assumpção, não temos poupados meios para incentivar os nossos compradores á construir. Infelizmente, a uma grande apatia neste sentido, determinando talvez pela críse provocada pela guerra Européa, notadamente na Colonia Alemã.

Bar e Cabana: Neste ano teremos uma receita de seiscentos mil reis (Rs:600\$000) mensaes provenientes dos alugueis do bar "Ao Colonial" e do Bar "A Cabana".

O bar "A Cabana" foi inaugurado no dia 6 de Dezembro tendo constituido um grande sucesso de propaganda. A Imobiliaria Villa Assumpção, invertiu nela a soma de quinze contos de reis (Rs: 15:000\$000) e tem a conseqüência da Prefeitura pelo prazo de 10 anos. O nosso sub-concessionario é o Sr. Marcelino Casimiro. Os alugueis mensaes, sobre o lucro de 15 % ao ano sobre o capital empregado nos dois bars.

Movimento na Villa: Quero fazer notar o movimento que se observa no balneario, o qual é na actualidade sem duvida alguma o passeio predileto do Porto Alegrense.

VI

CONSIDERAÇÕES GERAES

No ano findo tivemos de lamentar profundamente o falecimento das nossas venerandas Socias D.D. Mathilde Py da Cunha e Felisbina Antunes de Assumpção.

A distribuição de suas quotas ainda estão em suspenso por não se ter recebido ainda a partilha judicial.

Empréstimos: Foi feito empréstimo de dez contos de reis (Rs:10:000\$) em 25 de Outubro do corrente ano, ao Socio Mario Archimedes Antunes de Assumpção segundo as condições estipuladas nos documentos correspondentes.

Dívida da Faixa de Cimento: Foram entregues a Prefeitura Municipal em 30 de Dezembro, vinte contos de reis (Rs:20:000\$000) por conta do pagamento da dívida da falecida D.Felisbina Antunes de Assumpção. Restam a pagar ainda duzentos contos de reis (Rs:200:000\$000) dos quaes cento e sessenta contos de reis (Rs:160:000\$000) serão em terrenos (33 lotes da quadra nº 18) e quarenta contos de reis (Rs: 40:000\$000) em dinheiro.

Estado Geral da Sociedade: Como se pode observar no balanço do ano findo a Sociedade está chegando ao ponto de equilíbrio, em que as despesas são igualadas pelas receitas. Isto é importante considerando que já temos feito as duas obras mais vultosas da Villa Assumpção: a Hydraulica e Avenida Pereira Passos, nas quaes se tem invertido trezentos e cincoenta contos de reis (Rs:350:000\$000).

Sem duvida alguma no ano de 1941, com as despesas mais regularizadas e não superiores a quatrocentos e cincoenta contos de reis (Rs: 450:000\$000), (duzentos e cincoenta contos de reis (Rs:250:000\$) de urbanisação, cem contos de juros (Rs:100:000\$000) da dívida, cincoenta contos de reis (Rs:50:000\$000) de ordenados e cincoenta contos de reis (Rs:50:000\$000) de despesas geraes e propaganda), teremos uma receita de mais de quinhentos contos de reis (Rs:500:000\$000) garantida por quatrocentos contos de reis (Rs:400:000\$000) de prestações e cem contos de reis (Rs:100:000\$000) no minimo de entradas iniciais. Considero difficil ultrapassar o movimento de vendas de 1940. A falta de vendedores continua sendo um problema a qual ainda não se tem dado a devida solução. Neste ano conseguimos um excelente vendedor o Snr. Heraclides Cezimbra.

De qualquer maneira a Sociedade vae galgando gradualmente todas as etapas previstas.

A urbanisação até hoje significa um 1/3 no total da Villa Assumpção e o vendido até hoje um 15 % do total da Villa. Se pretendemos terminar simultaneamente as vendas e a urbanisação deveriamos despendar uma media de, quatrocentos digo, quarenta e cincoenta contos de reis (Rs: 40:000\$000 a 50:000\$000) por casa.

As vendas para acompanhar a urbanização deveriam ser de cento e sessenta contos de reis (Rs:160:000\$000) mensaes ou seja mil e novecentos contos de reis (Rs: 1.900:000\$000) annuos, cifra que ainda não é atingida.

O mais prudente porém é continuar com uma media de urbanização entre vinte a vinte e cinco contos de reis (Rs:20:000\$000 a 25:000\$), assim não será necessario contrair novas dividas,

Caso se quizesse apresiar a urbanização, se aproveitaria depois uma vez que a receita atingisse o máximo, caso que se dará possivelmente em 1943 em que teremos maior numero de contratos em liquidação.

A receita atingirá possivelmente setenta contos de reis (Rs: 70:000\$000), decrescendo depois pelo grande numero de contratos que serão liquidados por pagamento totaes. As perspectivas para 1941 das vendas não são melhores do que o ano findo. Este fato prende-se principalmente as circunstancias de não termos terrenos na praia, arrumados para vender.

Creio que vamos vender muitos terrenos na Avenida Pereira Passos devido a importancia que a citada rua vai tomar com a inauguração da linha de barcas Villa Assumpção-Guaíba.

Para terminar quero referir a garantia que atualmente temos contra a divida da Sociedade de mil duzentos e setenta contos de reis (Rs:1.270:000\$000). Só em contratantes ou seja em dinheiro temos mais de mil setecentos contos de reis (Rs:1.700:000\$000) a receber. Em terrenos, por pouco que fosse o preço que se avaliasses os 1.200 lotes de terrenos, a preço de custo, que ainda estão, obteriamos no mínimo cinco mil contos de reis (Rs: 5.000:000\$000) e ainda temos a nosso favor um amplo credito como seja: caminhão, automovel, ferramentas, animaes cavallares, predios de contratantes, alojamentos para empregados, bars, hydraulica, e moveis de escritorio, tudo isso avaliado em trezentos e cinquenta contos de reis (Rs:350:000\$).

Temos a nosso favor um saldo mínimo de cinco mil e quinhentos contos de reis (Rs:5.500:000\$000) brutos, pelo qual a posição da Sociedade pode-se considerar firme e afastada de todo e qualquer fracasso. Resta considerar a questão da divida, a qual creio conveniente começar a amortizar logo em seguida de ultrapassar a receita de quarenta contos de reis (Rs:40:000\$000) mensaes. Não pode-se fazer planos definitivos de amortizações, porém creio que deve ser nossa preocupação principal abater estes cem contos de reis (Rs:100:000\$000) de juros, os quaes são subtraídos directamente dos lucros da Sociedade. Considero porém que o pagamento de mil e duzentos contos de reis (Rs: 1.200:000\$000) levará no mínimo de sete a oito annos ou seja aproximadamente o prazo de tempo do total de vendas na Villa Assumpção. São estes em linhas geraes os acontecimentos principais do anno de 1940.

Termino o presente relatório agradecendo uma vez mais ao Snr. Director-Presidente pelo apoio e confiança depositada em minha pessoa e no meu serviço.

Immobiliaria Villa Assumpção Ltda.

Luiz J. Gomes
GERENTE

Exmo. Snr. Diretor-Presidente da COMPANHIA PREDIAL E AGRICOLA
Dr. ERNESTO DI FRIMIO BECK.

Apresento á V.S. o relatório das atividades da "IMMOBILIÁRIA VILLA ASSUMPÇÃO LTDA." no ano de 1941.

Para melhor clareza na exposição dividirei o presente relatório em seis partes, a saber:

- 1ª - Serviços Técnicos na Villa
- 2ª - Propaganda
- 3ª - Organização dos Serviços
- 4ª - Vendas
- 5ª - Diversos
- 6ª - Considerações Gerais

-2-2-2-2-2-2-2-2-2-

SERVIÇOS TÉCNICOS NA VILLA

MOVIMENTO DE TERRA: Foram abertos ás ruas Potiguara, Guaianá e José Assumpção num total de 20.000 metros cubicos aproximadamente. A terra tirada destas ruas foi cobrir o grande barreiro existente na quadra nº 29.

CALÇAMENTO: Terminaram-se o calçamento da Rua Goitacaz e Dr. Possidonio da Cunha, num total de 5.000 metros quadrados aproximadamente.

HIDRAULICA: Infelizmente ainda não estão ultimados totalmente alguns detalhes da hydraulica, a qual ficará completamente pronta no mês de Fevereiro de 1942.

PORTO DA PREFEITURA: Foi terminado em principios de Novembro o Porto das Barcas VILLA ASSUMPÇÃO-GUAIBA, estando funcionando normalmente ha mais de dois meses.

28

PROPAGANDA

A propaganda este ano, não atingiu grandes proporções; no - carnaval foram efetuados alguns bailes no restaurant " A CABANA", - contribuindo a empresa com uma pequena importancia. Depois da enchente foi necessario para levantar o nivel dos negocios, fazer uma campanha na imprensa que deu bons resultados, como pode-se apreciar comparando a data dos anuncios com o grafico de vendas no ano.

ORGANISAÇÃO DOS SERVIÇOS

Não foi feita nenhuma alteração na organização dos serviços da empresa.

VENDAS

O total de vendas do ano de 1941 atingiu a cifra de Rs. - - - 1.062:450\$000. A diminuição de vendas com respeito ao ano anterior é de Rs. 630:211\$000.

Esta diminuição foi sem duvida em primeiro lugar devido a grande enchente, que paralizou os negocios durante os mez de Abril a Junho e - em parte tambem por contar no começo do ano com poucos terrenos de praia disponiveis, sendo que estes terrenos são, sem duvidas, os que mais merecem a preferencia do publico.

A classificação das vendas do ano de 1941, foi a seguinte:

- 12 - Heraclides Cezimbra
- 22 - Luiz A. Coronel
- 32 - Ignacio Menezes
- 42 - José Pacheco
- 52 - Niro O. Lucchesi
- 62 - Francisco Santos

O numero de lotes vendidos atingiu a cifra de 307 ou seja 21% dos lotes da VILLA ASSUMPÇÃO, a média do preço por lote até hoje, é de 11:608\$100.

DIVERSOS

Entramos a descrever diversas iniciativas tomadas pela empresa no intuito de melhorar, cada vez mais, as condições gerais da Sociedade: FINANCIAMENTO DE PREDIOS: Foram financiados para o Snr. Eugenio Franco di Primio e Hugo Medisteh num valor de Rs. 99:000\$000.

Foi tambem construida uma casa para venda, na dupla finalidade de fazer propaganda, e, aproveitar um terreno de difficil venda, visto as exigencias da Prefeitura sobre o recuo frontal dos predios a serem edificados na Avenida Gualiba. A referida casa encontra-se ainda em construção nos lotes nºs 11 e 12 da quadra nº 32.

LUZ DA PRAIA: Foram feitas as demarches para a instalação de um artistico sistema de iluminação, com postes de pedra azul. As demarches foram bem encaminhadas, protificando-se a Prefeitura Municipal a colaborar junto á empresa, arcando com as despesas de material elettrico e mão de obra, ficando para empresa o fornecimento de pedra necessario para os postes; porem o avançado da estação estival no momento de conseguir esta ajuda, fez adiar para o verão de 1942 a execução desta obra, que fará da VILLA ASSUMPCÃO uma das praias mais bonitas do continente.

SERVIÇOS DE OMNIBUS: O serviço das barcas VILLA ASSUMPCÃO-GUAIBA trouxe em consequencia immediata uma linha regular de omnibus, que entra na VILLA ASSUMPCÃO em hora certa.

Com fins de propaganda temos explorados este fato que favorece á compra de terrenos para as pessoas que não possuem condução propria. O inconveniente desta medida esta na enorme aglomeração de pessoas, que se verifica aos domingos, devendo se tomar, nestes dias, precauções extraordinarias, para o nivel moral da nossa empresa, continue sempre bem alto aos olhos do publico.

MUDANÇA DE LOCAL: Desde o dia primeiro de Outubro do corrente ano, a empresa instalou-se a Rua dos Andradas 1079, junto a Exprinter.

Os motivos desta mudança foram por mim fartamente explicados em todos os meus relatorios anteriores, em que solicitei ao digno Snr. Presidente a adopção desta medida. O resultado ainda não pode-se avaliar devido o breve espaço de tempo transcorrido desde a mudança até o fim do ano; porem sou otimista com respeito aos resultados futuros. Doravante as despesas de propaganda restringir-se-ão quasi que exclusivamente á confeção de vitrines no nosso atual local. O aluguel que pagamos é de Rs. 1:000\$000 inclusive a luz e a agua.

FAIXA DE CIMENTO: Está em dia o pagamento da segunda prestação da faixa de cimento da sucessão de D^a Felisbina Antunes de Assumpção.

ASSISTENCIA TECNICA PARA NOVAS CONSTRUÇÕES: No mez de Novembro começou a colaborar connosco o Snr. Juan Alberto Tarragó, o qual tem feito diversas plantas para nossos contratantes, que tem chamado justamente a atenção dos entendidos.

A colaboração do Snr. Tarragó é para nós completamente gratuita, encarregando-se ele de fazer suas cobranças diretamente aos freguezes.

IGREJA: Estão concluídos os preparativos para a construção de uma Igreja na VILLA ASSUMPÇÃO. A comissão encarregada desse cometido está constituída pelos Drs. Elyseu Paglioli, Dr. Alvorino Mercio Xavier e José P. Magnus.

62

CONSIDERAÇÕES GERAIS

BALANÇO GERAL DA SOCIEDADE: Pela primeira vez a SOCIEDADE encerrou um balanço favoravelmente; o lucro apesar de pequeno é promissor de dias mais tranquilos.

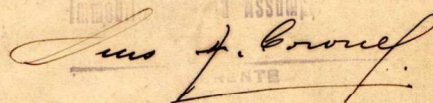
A interrupção da guerra entre os Estados Unidos e o Japão veio, - ultimamente, piorar as condições do nosso negocio, porém o nosso movimento de vendas continua numa marcha interessante.

A grande enchente prejudicou possivelmente em 300:000\$000 o movimento de vendas do ano,, além de causar-nos um prejuizo de 20:625\$100.

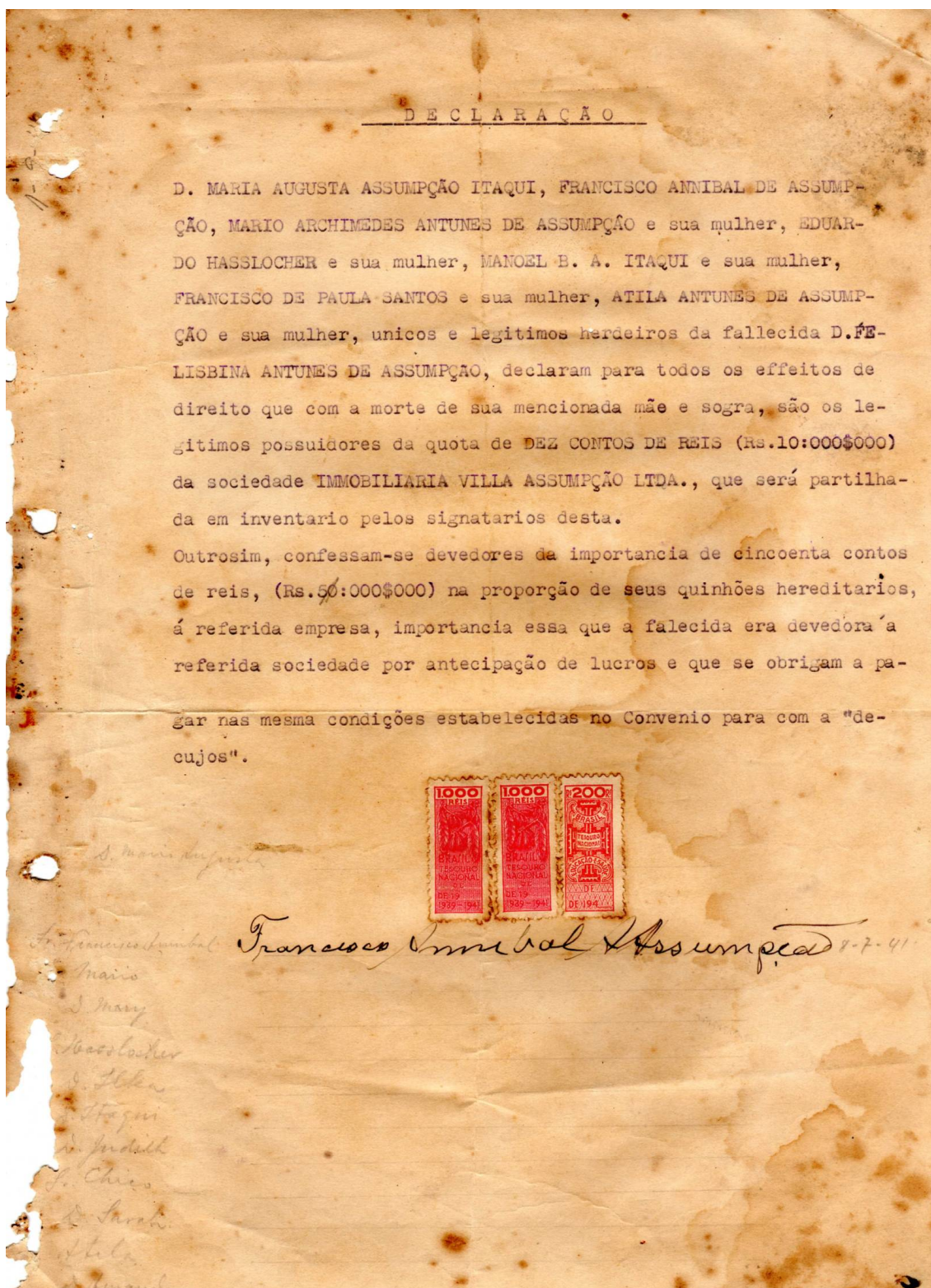
A reconstrução da A CABANA, grandemente atingida pelas aguas, foi feita pela Prefeitura Municipal.

Não tendo mais a fazer constar no presente relatorio, aproveitamos o ensejo para cumprimentar a V.S. com a mais alta estima e consideração.

De V. S.


JOSE P. MAGNUS

Anexo 4 – Declaração



Anexo 5 - Planta do Loteamento da Vila Assunção

